



Universidade de Évora - Instituto de Investigação e Formação Avançada

Programa de Doutoramento em Ciências da Educação

Tese de Doutoramento

**Serviços Educativos em instituições não-escolares na região
Alentejo: um estudo de caso**

Vol.2

Anita Goreti Estêvão Tinoco

Orientador(es) | Bravo Nico

Évora 2025



Universidade de Évora - Instituto de Investigação e Formação Avançada

Programa de Doutoramento em Ciências da Educação

Tese de Doutoramento

**Serviços Educativos em instituições não-escolares na região
Alentejo: um estudo de caso**

Vol.2

Anita Goretí Estêvão Tinoco

Orientador(es) | Bravo Nico

Évora 2025



A tese de doutoramento foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor do Instituto de Investigação e Formação Avançada:

Presidente | Luís Sebastião (Universidade de Évora)

Vogais | Bravo Nico (Universidade de Évora) (Orientador)
Carmen de Jesus Dores Cavaco (Universidade de Lisboa - Instituto de Educação)
Joaquim Luís Medeiros Alcoforado ()
João Carlos Pereira Caramelo (Universidade do Porto - Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação)
Marília Favinha (Universidade de Évora)

INDICE

Índice	I
APÊNDICE 1 - Grelha de análise documental	II
APÊNDICE 2 – Grelha de observação	III
APÊNDICE 3 - Guião de entrevista semiestruturada	IV
APÊNDICE 4 – Pedido de agendamento de reunião	V
APÊNDICE 5 – Pedido de participação no estudo	VI
APÊNDICE 6 – Consentimento informado	VII
APÊNDICE 7 – Entrevista da Suão	VIII
APÊNDICE 8 – Entrevista do Fluviário de Mora	IX
APÊNDICE 9 – Entrevista da Herdade Vale da Rosa	X
APÊNDICE 10 – Entrevista da Fundação Eugénio de Almeida	XI
APÊNDICE 11 – Entrevista do Museu de Arte Contemporânea de Elvas	XII
APÊNDICE 12 – Entrevista do Centro de Ciência do Café	XIII
APÊNDICE 13 – Entrevista do Centro de Artes de Sines	XIV
APÊNDICE 14 – Entrevista do Centro Ciência Viva do Lousal – Mina de Ciência	XV
APÊNDICE 15 – Categorias de análise de conteúdo	XVI
APÊNDICE 16 – Identificação de Serviços Educativos	XVII
APÊNDICE 17 – Categorização de Serviços Educativos	XIII
APÊNDICE 18 – Hierarquização de Serviços Educativos	XIX

APÊNDICE 1 – GRELHA DE ANÁLISE DOCUMENTAL

GRELHA DE ANÁLISE DOCUMENTAL

Tema: Serviços educativos em instituições não-escolares na região Alentejo

Objetivo geral: Conhecer e caracterizar o perfil pedagógico concretizado nos serviços educativos de instituições não-escolares da região Alentejo

Documentos analisados: Estatutos/Regulamento/Plano de atividades/relatório de atividades/orçamento/fichas de atividade/avaliação/mapas de pessoal/legislação

Dimensão da análise	Subdimensão da análise	Tópicos para recolha de informação	Registos	Observações/notas
1. Organizacional	1.1. Constituição do SE	Data da constituição e motivações a criação do SE		
	1.2. Missão e objetivos do SE	Missão do SE e finalidade da criação do SE		
	1.3. Organograma/dependência hierárquica	Posição que o SE ocupa no organograma da instituição		
	1.4. Enquadramento legal/contexto normativo e regulamentar	Normas e regulamentos sobre o funcionamento do SE		
	1.5. Estrutura organizacional	Organização interna do SE		
	1.6. Instrumentos de gestão	Plano e relatório de atividades, orçamento, etc.		

Dimensão da análise	Subdimensão da análise	Tópicos para recolha de informação	Registos	Observações/notas
----------------------------	-------------------------------	---	-----------------	--------------------------

2. Gestão de recursos (humanos e materiais)	2.1. Equipa educativa e suas funções	Constituição e caracterização da equipa educativa (formação académica e profissional, tipo de vínculo), funções desempenhadas		
	2.2. Gestão dos recursos humanos	Distribuição de serviço/tarefas Contratação de RH		
	2.3. Instalações	Caracterização dos espaços e edifício Estrutura do edifício – construído de raiz ou adaptado Regras de acessibilidade		
	2.4. Equipamentos	Tipo e número de equipamentos		
	2.5. Fontes de Financiamento/recursos	Verbas previstas em orçamento Mecenato/apoios comunitários		

Dimensão da análise	Subdimensão da análise	Tópicos para recolha de informação	Registos	Observações/notas
3. Educativa	3.1. Planificação das atividades	Critérios seguidos na planificação das atividades		
	3.2. Oferta educativa	Tipo e diversidade de atividades promovidas		
	3.3. Caracterização das atividades	Descrição das atividades promovidas		

	3.4. Produção de recursos educativos	Materiais didático-pedagógicos (dossiers pedagógicos, fichas de atividade, etc.)		
	3.5. Programação e divulgação das atividades	Calendarização, meios e canais de divulgação das atividades		
	3.6. Avaliação das atividades	Instrumentos de monitorização e avaliação das atividades		

Dimensão da análise	Subdimensão da análise	Tópicos para recolha de informação	Registos	Observações/notas
4. Comunitária	4.1. Parcerias/acordos de colaboração	Estabelecimento de parcerias/protocolos institucionais		
	4.2. Público-alvo	Escolas, famílias, crianças, idosos, etc.		
	4.3. Visitantes e participantes	Grupo/individual Proveniência geográfica Habilitações académicas Motivações para a participação nas atividades		
	4.4. Comunidade envolvente	Participação/adesão da comunidade envolvente nas atividades promovidas pelo SE		
	4.5. Abrangência territorial	Caracterizar o raio/campo de ação do SE		

APÊNDICE 2 – GRELHA DE OBSERVAÇÃO

GRELHA DE OBSERVAÇÃO

Tema: Serviços educativos em instituições não-escolares na região Alentejo

Objetivo geral: Conhecer e caracterizar o perfil pedagógico concretizado nos serviços educativos de instituições não-escolares da região Alentejo

Observação: observação das atividades, instalações, equipamentos e materiais didático-pedagógicos dos SE em instituição a designar

Dimensão da observação	Subdimensão da observação	Registo de observações	Notas
1. Edifício	1.1. Edifício construído de raiz ou adaptado		
	1.2. Acessos e acessibilidade		
	1.3. Localização		
	1.4. Luminosidade/temperatura		
	1.5. Edifício dedicado/exclusivo ou partilhado com outros serviços da instituição		
	1.6. Estado de conservação e limpeza do edifício		
2. Organização do espaço	2.1. Espaço público		
	2.2. Espaço de trabalho dos técnicos		
	2.3. Setores/departamentos/outros		

	2.4. Principais espaços (auditório, exposição, gabinetes técnicos, laboratórios, etc.)		
	2.5. Percursos		
	2.6. Adequação/inadequação dos espaços em termos de dimensão e número		
3. Equipamentos	3.1. Natureza dos equipamentos existentes		
	3.2. Adequação/inadequação dos equipamentos em quantidade e tipo		
	3.3. Condições de utilização dos equipamentos		
	3.4. Estado de conservação dos equipamentos		
	3.5. Condições tecnológicas/wireless		
	3.6. Mobiliário		
4. Atividades educativas	4.1. Tipo de atividades		
	4.2. Experimentação/exposição		
	4.3. Coletivo/individual		
	4.4. Articulação com currículo escolar		

	4.5. Aprendizagens realizadas		
	4.6. Avaliação das atividades		
5. Materiais didático-pedagógicos	5.1. Diversidade de materiais		
	5.2. Mediação ou utilização livre/autónoma		
	5.3. Adequação/inadequação às atividades promovidas		
	5.4. De suporte ou essenciais		
	5.5. Disponibilidade para consulta/visualização ou para levar		
	5.6. Carácter interativo/estático dos materiais		
	5.7. Apresentação dos materiais (apelativa/monótona, estado dos materiais)		

APÊNDICE 3 – GUIÃO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

GUIÃO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Tema: Serviços educativos em instituições não escolares na região Alentejo

Objetivo geral: Conhecer e caracterizar o perfil pedagógico concretizado nos serviços educativos de instituições não escolares da região Alentejo

Entrevistados: Responsáveis pelo serviço educativo em instituições não escolares na região Alentejo

Local: a definir

Data: a definir

Designação dos Blocos	Objetivos específicos	Formulário de questões	Observações/Tópicos
A – Legitimação da Entrevista	Informar o entrevistado acerca dos objetivos da entrevista Motivar o entrevistado Garantir que os dados recolhidos serão usados exclusivamente no âmbito da investigação Pedir permissão para gravar a entrevista		
B – Responsável pelo serviço educativo	Conhecer o perfil do responsável pelo serviço educativo	B – Formação académica	Que habilitações académicas possuiu e qual a área de formação?
		B – Cargo/categoria profissional do responsável	Cargo de dirigente? Técnico superior ou outro? Acumula com outras funções? Se sim, quais?

		B – Experiência profissional/percurso profissional	Desde quando exerce estas funções? Trabalhou anteriormente noutra área? Se sim, qual?
		B – Motivações para o desempenho das funções de responsável pelo SE	Quais os motivos que o levaram a exercer estas funções?
		B – Descrição das principais funções do responsável pelo SE	Em que consiste o trabalho de um responsável pelo serviço educativo?
C – Génese da criação/constituição do SE e seu funcionamento	Conhecer o modo de constituição e estruturação do SE	C – Data da criação do serviço/quando foi criado o SE	Quando foi criado este SE?
		C – Motivação para a criação do serviço	Porquê? (A criação do SE resultou de um objetivo de marketing? Por ter um acervo diferenciador? Aproveitamento do espaço? Outras?)
		C – Como decorreu o processo de criação do SE	Como foi criado o SE? Quem criou?
	Conhecer a missão e objetivos do SE	C – Missão do SE e suas funções	Qual a missão do SE? Quais as funções do SE?
		C – Definição formal da missão e objetivos do SE nos documentos normativos da entidade	A missão do SE encontra-se materializada em algum documento? Se sim, qual? Quais são os objetivos do SE?
		C – Definição de objetivos do SE	O SE define anualmente os objetivos gerais e específicos a atingir colocando metas? Na sua opinião os objetivos encontram-se ou não em sintonia com a missão do SE? Porquê?
	Enquadrar organicamente o SE na instituição	C – Existência/inexistência do SE no organograma da entidade	Que lugar ocupa o SE no organograma da instituição?

		C – Dependência orgânica/setor a que pertence	Qual o setor/departamento a que pertence o SE?
	Entender o funcionamento do SE	C – Documentos normativos (regulamento interno, manual de boas práticas)	O SE tem regulamento? Se sim, está disponível para consulta? O SE dispõe de manual de boas práticas? Que outros documentos orientadores possui o SE? Que importância atribui à existência destes documentos?
		C - Manual de procedimentos do SE	O SE tem manual de procedimentos instituído? Se sim, está acessível?
		C – Plano e relatório de atividades do SE	O SE elabora anualmente um plano e relatório de atividades? Se sim, estão acessíveis?
	Relação com outros serviços da entidade	C – Papel do SE na entidade e sua interação com outros serviços	Que relações se estabelecem entre o SE e os restantes serviços da instituição? Como descreveria o papel desempenhado pelo SE no desempenho global da entidade?
D – Caracterização e gestão dos meios humanos	Perceber quais os recursos humanos afetos ao SE – Caracterizar os meios humanos do SE	D – Como é constituída a equipa do SE? (n.º trabalhadores, perfil, funções, formação académica e profissional, tipo de vínculo)	N.º de recursos humanos afetos ao SE? Qual a sua formação académica? Tipo de vínculo? Exclusividade de funções? Tempo de serviço na área?
		D – Principais funções desempenhadas pelos técnicos do SE	Que funções competem aos técnicos do SE?
		D – Atualização/formação na área da educação	Como é feita a formação dos técnicos do SE?

			Os técnicos recebem formação específica para trabalhar no SE? Se sim, qual?
	Compreender como é efetuada a gestão dos recursos humanos	D – Distribuição dos trabalhadores pelo serviço educativo	São polivalentes? Trabalhadores específicos consoante a área do serviço educativo?
		D – Reforço da equipa do SE e parcerias	Os RH afetos ao SE são suficientes? Existem parcerias com outras entidades para o reforço da equipa do SE?
		D – Política de contratação de recursos humanos e serviços externos	Há necessidade de recorrer à contratação de recursos externos à instituição? Acontece com regularidade ou pontualmente? Está definido quando se pode recorrer à contratação de RH externos? Justificação/motivos que levam à contratação?
		D – Processo de seleção de recursos humanos externos	Que critérios são utilizados? Têm técnicos com quem trabalham regularmente? Se sim, em que áreas?
E – Caracterização dos meios materiais e financeiros	Caracterizar os meios materiais do SE	E – Condições físicas do SE (edifício e espaços)	Tem espaço dedicado ao SE? Que espaços comporta o SE? (sala de reuniões, auditório, gabinetes técnicos?) O edifício é recente ou antigo? O edifício foi construído de raiz ou adaptado? Tem as dimensões adequadas?

			Há necessidade de expansão ou renovação?
		E – Forma como se encontra organizado o SE em termos de estruturas e equipamentos	Salas, setores, depósitos? Tem área de acolhimento? Salas polivalentes ou espaços dedicados? Existem percursos predefinidos para o visitante? A área pública está separada dos gabinetes dos técnicos?
		E – Equipamentos materiais existentes e adequados às necessidades do SE	Como se encontra equipado em termos de materiais o SE? (N.º de equipamentos e diversidade) Considera que os equipamentos são em número suficiente e adequados ao tipo de atividades promovidas pelo SE?
		E – Caracterização dos espaços e equipamentos tendo em conta a utilidade para as atividades promovidas	Os equipamentos suportam as atividades promovidas? Os equipamentos existentes promovem a experimentação? Os equipamentos promovem a interação? É necessária a mediação para que o utilizador utilize os equipamentos?
	Conhecer as fontes de financiamento do SE	E – Orçamento do SE	O SE tem orçamento próprio ou as verbas previstas para as atividades do SE fazem parte do orçamento global da instituição?
		E – Fontes de financiamento	Mecenato? Patrocínios? Parcerias? Receitas próprias?
		E – Distribuição de recursos financeiros	Como é efetuada a afetação de verbas ao SE?

		E – Adequação/inadequação dos recursos financeiros	Os recursos são suficientes e adequados às necessidades do SE? Como são ultrapassados os constrangimentos financeiros, caso existam?
F – Caracterização das atividades educativas promovidas	Conhecer as práticas didático-pedagógicas do SE, através da identificação e caracterização das atividades promovidas	F – Principais atividades promovidas e sua diversidade	Tipo de atividades promovidas? Natureza das atividades? Principais características das atividades promovidas?
		F – Planificação e conceção das atividades educativas	Como decorre o processo de planificação e conceção das atividades educativas? As atividades educativas são planeadas e concebidas em parceria com outras entidades? Se sim, quais?
		F – Critérios para a realização de atividades/ elementos a ter em conta na preparação das atividades	Quais os critérios/elementos considerados na escolha/promoção de determinada atividade? Existe alguma relação/articulação entre as atividades promovidas pelo SE e os currículos escolares, assim como as necessidades de aprendizagens dos utilizadores?
		F – Intervenientes na conceção das atividades educativas	Quem concebe e prepara a atividade? É uma equipa ou um técnico isoladamente? A preparação de atividades conta com a participação de intervenientes externos à entidade, nomeadamente

			professores, artistas, investigadores, etc.?
		F – Existência/inexistência de parcerias com instituições escolares e não escolares	O SE estabelece parcerias com instituições escolares e não escolares? Se sim, com que entidades foram estabelecidas parcerias? Quais os motivos que estão na base do estabelecimento de parcerias? Suas vantagens e desvantagens?
		F – Atividades com maior procura	Das atividades promovidas qual ou quais que têm maior procura e por que motivo? Qual a razão para isso?
		F – Constrangimentos/incentivos na realização de atividades	Verifica-se a existência de constrangimentos ou incentivos na realização de determinada atividade educativa? Se sim, quais?
		F – Custo associado à participação dos utilizadores nas atividades educativas	A participação nas atividades promovidas pelo SE tem algum custo associado? Se sim, acha que isso tem influência na adesão do público às atividades?
	Compreender a oferta educativa	F – Estruturação da oferta educativa	Como se encontra estruturada a oferta educativa?
		F – Segmentação da oferta educativa	A oferta educativa obedece a algum tipo de segmentação, por exemplo por faixa etária, nível de escolaridade, etc.?
		F – Modelo pedagógico	A oferta educativa segue algum modelo pedagógico? Se sim, qual?

			Quais são as principais características do modelo pedagógico implementado no SE?
		F – Documentos normativos/entidades de referência	A oferta educativa encontra-se suportada por algum documento normativo ou entidade de referência na área da educação? Se sim, quais? Se não, por que motivo?
		F – Promoção de aprendizagens	De que forma as atividades promovidas pelo SE podem contribuir para a realização de aprendizagens? Quais as principais aprendizagens que o SE proporciona ao utilizador?
		F – Articulação com as necessidades educativas dos utilizadores	Considera que a oferta educativa vai ao encontro das necessidades educativas dos utilizadores? Se sim, de que forma? Em que medida as atividades promovidas pelo SE concorrem para a satisfação das necessidades educativas dos utilizadores?
Conhecer a forma como são implementadas as atividades educativas		F – Dinamização das atividades educativas	Como é efetuada a dinamização das atividades educativas?
		F – Principais recursos utilizados nas atividades educativas	Que materiais didáticos são necessários à implementação das atividades?
		F – Afetação dos recursos humanos às atividades educativas	Como é feita a afetação dos recursos humanos às atividades?

			Em função da sua experiência ou da sua formação profissional ou outra?
		F – Participação da comunidade onde o SE está inserido	As atividades realizadas contam com a participação de membros da comunidade onde a instituição está inserida? Quem? De que forma?
		F – Participação dos utilizadores do SE nas atividades educativas	Como caracteriza a participação dos utilizadores nas atividades educativas promovidas pelo SE?
		F – Produção/elaboração de material educativo/pedagógico	O SE disponibiliza algum tipo de material educativo/pedagógico? Se sim, qual? Como são elaborados os materiais didático-pedagógicos? Verifica-se a existência de dossiers pedagógicos?
		F – Registo das atividades educativas	Existe algum documento técnico que sistematize as atividades promovidas – ex: ficha técnica da atividade?
	Conhecer a forma como é efetuada a programação das atividades	F – Programação das atividades	Como é feita a programação das atividades? A programação é feita em parceria com outra entidade? Existe alguma limitação a ter em conta na programação?
		F – Regularidade das atividades	Existe alguma programação regular de atividades? Trimestral, semestral, anual? Como se materializa essa programação?

		F – Calendarização das atividades	Que critérios são seguidos para efetuar a programação das atividades e sua calendarização? Épocas e datas festivas, acontecimentos, necessidades manifestadas por outras entidades?
Conhecer como é feita a divulgação das atividades		F – Política de divulgação das atividades	Estão definidos procedimentos inerentes à divulgação das atividades? A divulgação é exclusiva das atividades do SE ou enquadrada no âmbito da divulgação de outros serviços da instituição?
		F – Formas de divulgação das atividades	Como é feita a divulgação das atividades? Quais os meios de divulgação que o SE utiliza? (Cartazes, <i>flayers</i> , email, redes sociais, convites, rede de contactos?)
		F – Responsável pela divulgação	Quem é o responsável pela divulgação das atividades? (É o SE que efetua a divulgação ou outro setor da instituição?)
		F – Adequação da política e formas de divulgação	Como avalia a forma como é efetuada a divulgação das atividades? Há necessidade de melhorar? Que outras formas podem ser implementadas e por que motivo? A divulgação atinge os objetivos propostos – chega ao público alvo e isso reflete-se na procura de atividades ou não?

G – Avaliação de desempenho do SE	Monitorização e avaliação do desempenho do SE	G – Registo das atividades desenvolvidas e sua avaliação	O SE procede ao registo sistematizado das atividades desenvolvidas, avaliando-as?
		G – Mecanismos e processo de avaliação das atividades e SE	Que mecanismos de recolha de dados para avaliação dispõem? Como se processa a avaliação das atividades e do SE?
		G – Tratamento dos dados recolhidos através da avaliação	Como são tratados dos dados recolhidos através da avaliação das atividades? Para que servem os resultados obtidos através da avaliação?
		G – Melhoria do desempenho do SE	Verificou-se alguma alteração na sequência da realização da avaliação das atividades. Se sim, em quê e como?
		G – Importância da avaliação do SE para a instituição	A avaliação do SE é tida em conta no desempenho global da instituição?
H – Caracterização do público-alvo do SE	Identificar e caracterizar o público-alvo do SE	H – Caracterização do público-alvo do SE	Faixa etária? Género? Formação académica? Situação profissional? Famílias, escolas, grupos?
		H – Perfil do utilizador do SE	Como caracteriza o perfil do utilizador do SE?
		H – Afluência do público às atividades promovidas pelo SE	Pontual? Regular? Grande ou pouco n.º?
		H – Atitude do público perante as atividades promovidas pelo SE	Como caracteriza a forma como o público acolhe e participa nas atividades educativas promovidas pelo SE?

I – Conclusão	Sugestões	Sugestões sobre aspetos abordados e que sejam pertinentes para o estudo	Gostaria de fazer sugestões sobre aspetos abordados e que sejam pertinentes para o estudo?
		Falar sobre a possibilidade de acrescentar algum aspeto que queira clarificar	Gostaria de acrescentar ou clarificar algum aspeto?
	Agradecer a colaboração		Assegurar a possibilidade de voltar a entrevistar

APÊNDICE 4 – PEDIDO DE AGENDAMENTO DE REUNIÃO

PEDIDO DE AGENDAMENTO DE REUNIÃO

Pedido de colaboração em projeto de tese de doutoramento | solicitação para agendamento de reunião

Exmo(a) Sr(a). _____

Eu, Anita Goreti Estêvão Tinoco, aluna do Programa de Doutoramento em Ciências da Educação da Universidade de Évora, encontro-me a desenvolver um projeto de tese que se intitula “*Serviços Educativos em instituições não-escolares na região Alentejo: um estudo de caso*”, sob a orientação do Professor Doutor José Carlos Bravo Nico.

Esta investigação tem como objetivo geral conhecer e caracterizar o perfil pedagógico concretizado nos serviços educativos de instituições não-escolares na região Alentejo, procurando conhecer em detalhe as atividades promovidas, recursos humanos e materiais afetos aos serviços educativos dessas instituições.

A/O _____ foi identificada/o como sendo um exemplo de uma boa prática no domínio da educação não-formal, uma vez que apresenta um serviço educativo que promove um conjunto de iniciativas e atividades com interesse para a área da educação que importa conhecer e caracterizar. A possibilidade de estudar esta instituição apresenta-se como uma oportunidade para a realização de aprendizagens relevantes no âmbito da presente investigação e, conseqüentemente, para a produção de conhecimento científico.

Deste modo, venho pelo presente solicitar o agendamento de uma reunião com V. Exa. tendo em vista a apresentação mais detalhada da investigação a realizar.

Agradeço desde já a atenção dada a esta solicitação, ficando a aguardar uma resposta.

Com os melhores cumprimentos,

A doutoranda,

Anita Tinoco

APÊNDICE 5 – PEDIDO DE PARTICIPAÇÃO NO ESTUDO

PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO PARA A PARTICIPAÇÃO NO ESTUDO
– solicitação para colaboração em investigação através da realização de entrevista e
observação não participante

Exmo(a). Sr(a). _____

Eu, Anita Goreti Estêvão Tinoco, aluna do Programa de Doutoramento em Ciências da Educação da Universidade de Évora, encontro-me a desenvolver um projeto de tese que se intitula “*Serviços Educativos em instituições não-escolares na região Alentejo: um estudo de caso*”, sob a orientação do Professor Doutor José Carlos Bravo Nico.

Esta investigação tem como objetivo geral conhecer e caracterizar o perfil pedagógico concretizado nos serviços educativos de instituições não-escolares na região Alentejo, procurando conhecer em detalhe as atividades promovidas, recursos humanos e materiais afetos aos serviços educativos dessas instituições.

A/O _____ foi identificada como sendo um exemplo de uma boa prática no domínio da educação não-formal, uma vez que apresenta um serviço educativo que promove um conjunto de iniciativas e atividades com interesse para a área da educação que importa conhecer e caracterizar.

Assim, venho pelo presente solicitar a V. Exa. autorização para estudar os serviços educativos da/o _____ pois isso representaria uma oportunidade para a realização de aprendizagens relevantes no âmbito da presente investigação e, conseqüentemente, para a produção de conhecimento científico na área em estudo.

Como tive oportunidade de referir na reunião de dia _____ com a/o _____, a participação nesta investigação consiste na análise de documentos relativos ao serviço educativo e na realização de uma entrevista semiestruturada ao responsável pelo serviço educativo e ainda na observação não participante dos espaços onde funciona o serviço educativo assim como das atividades promovidas,

Os dados recolhidos serão divulgados na tese de doutoramento. Acrescento a minha inteira disponibilidade para dar conta a V. Exa. dos resultados desta investigação.

Agradeço, desde já, a atenção dispensada a este assunto, ficando a aguardar, com expectativa, uma resposta à minha solicitação.

Com os melhores cumprimentos,

A doutoranda,
Anita Tinoco

APÊNDICE 6 – CONSENTIMENTO INFORMADO

PROTOCOLO DE CONSENTIMENTO INFORMADO
– ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Eu, _____, aceito participar de livre vontade no estudo da autoria de Anita Goreti Estêvão Tinoco (aluna do Programa de Doutoramento em Ciências da Educação da Universidade de Évora), orientado pelo Professor Doutor José Carlos Bravo Nico (Professor Associado com agregação do Departamento de Pedagogia e Educação da Universidade de Évora), no âmbito do projeto de tese de doutoramento em Ciências da Educação sobre serviços educativos em instituições não-escolares na região Alentejo.

Foram-me explicados e compreendo os objetivos principais deste estudo que pretende estudar e caracterizar o perfil pedagógico concretizado nos serviços educativos das instituições não-escolares na região Alentejo.

Entendi e aceito responder a uma entrevista que explora questões relativas ao perfil do responsável pelo serviço educativo, forma de constituição e funcionamento do serviço educativo, meios humanos e materiais afetos, principais atividades promovidas e público-alvo dos serviços educativos.

Autorizo que a entrevista seja gravada em áudio e que as minhas respostas possam ser utilizadas no âmbito deste estudo.

Compreendo que a minha participação neste estudo é voluntária, podendo desistir a qualquer momento, sem que essa decisão se reflita em qualquer prejuízo para mim.

Ao participar neste trabalho, estou a colaborar para o desenvolvimento da investigação na área da Ciência da Educação e que as minhas respostas vão contribuir para ampliar o conhecimento sobre as práticas educativas promovidas pelos serviços educativos das instituições não-escolares existentes na região Alentejo, não sendo, contudo, acordado qualquer benefício direto ou indireto pela minha colaboração.

Data: _____

Assinatura: _____

APÊNDICE 7 – ENTREVISTA DA SUÃO

Transcrição da entrevista n.º 1

Entrevistado	Lurdes Judite Dionísio Pratas Nico
Local da Entrevista	Suão – Associação de Desenvolvimento Comunitário
Data da Entrevista	10 de março de 2023
Validação da Entrevista	Entrevista validada através de email datado de 05 de maio de 2023

1 **E:** Professora Lurdes, ..., começava, se calhar, ..., por lhe... por querer conhecê-la um
2 bocadinho melhor; aliás, tenho que lhe explicar primeiro aqui a legitimação da entrevista.
3 Ah, como já tive a oportunidade de lhe referir, esta investigação destina-se à realização
4 de um estudo no âmbito do projeto de doutoramento que tem por objetivo estudar, então,
5 os serviços educativos na região Alentejo e nesse sentido agradeço, desde já, a sua
6 disponibilidade para participar neste estudo porque tenho a certeza que irá contribuir
7 para a recolha de dados e para o conhecimento, o aumento do conhecimento científico
8 nesta área. Garanto-lhe que todos os dados recolhidos no âmbito desta entrevista serão
9 tratados exclusivamente ou usados exclusivamente no âmbito desta investigação e
10 estarão ao seu dispor para poder rever e nesse sentido então vamos dar início à
11 entrevista. Não sei se quer colocar alguma questão?

12 **RSE1:** Não, não. Está tudo ok.

13 **E:** Ok. Então, como lhe estava a dizer, gostava de a conhecer um bocadinho melhor.
14 Nós estamos na Suão, que é uma associação de carácter comunitário, mas também com
15 outras valências, e que está, apesar de não ser um verdadeiro serviço educativo, está
16 estruturado como tal, funciona dessa forma. E eu gostava de conhecer um bocadinho o
17 seu perfil, nomeadamente, que habilitações académicas possui e qual a sua área de
18 formação?

19 **RSE1:** Então, agradecer também aqui a presença da Anita, aqui na Suão, que já
20 conhece, já conhece porque fez uma visita de estudo com o grupo, a turma, não é?, do
21 programa de doutoramento em Ciências de Educação. Mas através desta entrevista
22 poderá conhecer um pouco melhor, até mais do que, propriamente, até em termos
23 pessoais, mas sobretudo aquilo que é a escola, aqui a escola, as vivências na escola e
24 nos serviços educativos, que é o propósito do trabalho. Em termos de habilitações
25 académicas, respondendo à questão em concreto, eu tenho formação em Ciências da
26 Educação, tenho um doutoramento que fiz também na Universidade de Évora e,
27 portanto, a minha área de formação são as Ciências da Educação.

28 **E:** Ok. Ah, e deduzo que não seja um cargo aqui a tempo inteiro. Em concreto, em que
29 é que consiste a sua função aqui enquanto responsável pelo serviço educativo desta
30 instituição?

31 **RSE1:** Neste momento, eu estou como Presidente da Direção, da Suão. Temos então
32 os órgãos sociais, temos o Conselho Fiscal, temos a Assembleia Geral, e a Direção. Eu
33 estou como Presidente de Direção neste momento, mas é um cargo que já tem vindo a
34 ser desempenhado por outras pessoas ao longo destes 25 anos..., neste momento com
35 mandatos de 4 anos e eu já estou no segundo mandato, digamos, estou aqui desde
36 2016. Isto em termos de cargos, obviamente, sou voluntária, sempre fui, desde que

37 conheci a Suão. Eu costumo dizer que é o cargo que eu considero de maior relevância
38 que é o de ser voluntário porque o voluntário tem que estar sempre disponível, digamos,
39 para várias coisas que são necessárias e é aí que verdadeiramente temos a essência
40 daquilo que é a cidadania, a nossa disponibilidade, o tempo ao outro, darmos tempo,
41 não é, ao outro. Também referir que temos um Diretor Executivo na Suão, função
42 desempenhada pelo Prof. Bravo Nico.

43 **E:** Muito bem. E estava-me a dizer que este é já é o segundo mandato, portanto, de 4
44 em 4, pelo menos há 8 anos que fizeram estas funções.

45 **RSE1:** Há menos, porque... 16, 17, 18, 19, 20, sim, ainda não fez 8.

46 **E:** Mas trabalhou anteriormente nesta área ou...?

47 **RSE1:** Sim, não, já desempenhei foi outras cargos aqui na Suão, cá está, como estava
48 a dizer, no âmbito assim como voluntária e no Conselho Fiscal também, já fiz parte,
49 agora em termos de outras experiências destas de dirigente associativa, noutras
50 instituições não. A minha experiência como tal tem sido sempre na Suão.

51 **E:** E quais foram os motivos que a levaram mesmo a assumir essa missão, digamos
52 assim?

53 **RSE1:** Essa missão, quer dizer, é porque já estava na Suão já há muito tempo e num
54 dado momento considerou-se que, pronto, foi feito um desafio, digamos, de poder
55 assumir essas funções. Já vinha aqui trabalhando na Suão há vários anos e, portanto,
56 foi mais um desafio que assumi, com o acréscimo, diria eu, ainda de mais
57 responsabilidade que já tinha, juntamente com os meus colegas, que é um trabalho de
58 equipa, portanto, acedi facilmente a esse desafio.

59 **E:** E em concreto, como é que descreveria essas funções? Em termos..., o que é que
60 consiste, praticamente, as funções enquanto responsável?

61 **RSE1:** Sim, tem as funções de representar também a instituição, em atividades que nós
62 organizamos aqui interna e externamente, a representação da instituição. Tem, no
63 fundo, a responsabilidade também na elaboração, juntamente com outras pessoas,
64 porque a Direção tem outros elementos e os restantes órgãos, de poder garantir o
65 funcionamento diário da instituição. Obviamente, com todas as outras pessoas que,
66 como digo, na Suão está muito presente uma palavra que é equipa, de forma que
67 sempre que nós falamos em alguma função, seja o Presidente da Direção, o Presidente
68 da Assembleia Geral, nós necessariamente falamos em equipa, porque é de facto um
69 trabalho, mas, pronto, estatutariamente, não é, somos uma associação, temos órgãos
70 sociais e é assim que nos organizamos.

71 **E:** E em termos da organização deste serviço, há quanto tempo é que existe? Quando
72 é que foi criado? Foi há cerca de 25 anos?

73 **RSE1:** Há 25 anos, sim. A Suão foi criada em 1998, em março de 1998, faz agora,
74 precisamente este mês, os 25 anos.

75 **E:** 18 de março, se não me engano, não é?

76 **RSE1:** 18 de março, ou seja, hoje é dia 10, daqui a uma semana faz os 25 anos.

77 **E:** E a Suão surgiu por que motivo? Quais foram as necessidades sentidas ou o que é
78 que levou à criação deste serviço?

79 **RSE1:** A Suão, a Suão, no fundo, faz da educação a principal infraestrutura, digamos,
80 a principal resposta para o motor de desenvolvimento da comunidade. Partimos da
81 educação para poder melhorar e garantir melhores condições de vida para todos, mas
82 sempre através desta infraestrutura, [aparte - Olá, bom dia] ah, e, portanto, para nós a
83 questão da educação é fundamental e é a matriz principal que nós temos aqui na nossa
84 escola. E surgiu porque? O projeto em si, onde esta infraestrutura, a educação é a
85 principal infraestrutura, surgiu porque entendemos que tínhamos que fazer algo pela
86 nossa terra, pela nossa comunidade. Já aqui há 25 anos se observava aquilo que hoje
87 é ainda é mais acentuado, envelhecimento populacional, outros problemas de natureza
88 social, económica, garantir melhores condições de vida às pessoas, na altura seja ao
89 nível da habitação, ao nível, por exemplo, de coisas tão básicas como ter acesso a
90 cuidados de saúde que não tínhamos aqui há 25 anos, havia muito ainda essa carência.
91 A Suão também nasceu muito para valorizar e dar oportunidades aos da terra e
92 garantimos que também nós próprios contribuimos para essa melhoria que todos
93 desejamos que foi no fundo termos um papel mais ativo e interventivo na nossa
94 comunidade que é onde vivemos, onde estamos.

95 **E:** E esse processo de criação, resultou, surgiu de que forma? De forma natural? Quem
96 é que esteve na origem da criação?

97 **RSE1:** Olhe, surgiu, na altura, eu ainda não estava cá, eu vim, eu conheci a Suão,
98 quando estava na universidade, portanto, ela foi criada em 98 e aquilo que eu sempre
99 conheci e ouvi foi que nasceu aqui de um grupo de amigos que na altura, até é curioso,
100 tinham feito umas festas aqui e tinha sobrado algum dinheiro e com esse dinheiro eles
101 começaram a pensar "mas então o que é que nós vamos fazer com isso?" e em vez de
102 o gastarem noutras outras coisas entenderam poder começar a desenvolver algumas
103 atividades e processos que conduzissem, por exemplo, à criação ou de uma associação
104 ou..., mas não sabiam como, então, um dia juntaram a propósito do tal dinheiro e como
105 tinham e começaram a pensar, nós vamos ter que fazer algo pela nossa comunidade e
106 decidiram criar esta associação com pessoas todas aqui da terra, pronto. Alguns hoje já
107 cá não moram, porque a vida vai, uns já têm filhos, acabaram por constituir família, mas
108 na realidade eram todos muito jovens e pessoas, "filhos da terra" como se costuma a
109 dizer.

110 **E:** E assumiu como missão principal a educação?

111 **RSE1:** Assumi como missão principal o desenvolvimento da comunidade a partir desta
112 infraestrutura a que nós lhe chamamos que é educação, educação. Embora, através da
113 educação, ou seja, dos projetos educativos, procuramos depois tocar todas as outras
114 áreas como a solidariedade, como garantir que todos têm mais oportunidades, de serem
115 felizes, por exemplo, de poderem, digamos, participar no dia-a-dia aqui das atividades,
116 darem o seu contributo, os seus saberes.

117 **E:** Sentirem-se também valorizados.

118 **RSE1:** Sentirem úteis, sobretudo as pessoas mais velhas, não é? Muitas vezes estão
119 sozinhas, vivem sozinhas e como a Anita agora está a verificar, este corrupio é um
120 corrupio muito saudável, não é, porque é a rotina, mas uma rotina, digo, uma rotina boa,
121 não é, não é a rotina dos comprimidos, não é a rotina dos problemas, é a rotina dos
122 desafios, não é?

123 **E:** Sim, sim. Sem dúvida nenhuma, que também me parece que tem uma função,
124 precisamente, de agregar, de juntar as pessoas, de as valorizar.

125 **RSE1:** De as juntar, sim, sim, combater o isolamento e pronto, as pessoas sentirem que
126 de facto, são parte. Uma comunidade é exatamente sentir esse... [aparte – Bom dia!] ter
127 o sentimento de fazer parte de...

128 **E:** E essa missão e as funções do serviço estão formalizadas nalgum documento?

129 **RSE1:** Sim, sim. Sim, nós temos os estatutos da nossa associação, que até já foram
130 revistos porque para nos constituirmos em 1998 tivemos que ter a criação e ser
131 aprovados os estatutos, fomos ao notário e é este processo todo burocrático. Entretanto,
132 até já foram feitas alterações, mas nos estatutos está claramente a missão da Suão,
133 que é, este serviço, ah... nós até está muito associado à animação, à animação
134 sociocultural, educativa, isso faz parte dos estatutos da Suão, está consagrado nos
135 vários artigos deste documento que não sei se a Anita não...

136 **E:** Tenho, já partilhei, já tive a oportunidade de ver que também constavam os objetivos.

137 **RSE1:** Os objetivos, a missão, e ela é clara, exatamente dentro daquilo que foi
138 protocolado até com o Instituto de Segurança Social, que nós temos um acordo com o
139 Instituto de Segurança Social, e exatamente é esta resposta de animação, de apoio
140 social, cultural e educativo.

141 **E:** Hum... hum..., ah, e ... e esta entidade tem um organograma, está organizada....
142 como é que está organizada?

143 **RSE1:** Sim, tem um organograma. Em termos das várias pessoas que aqui trabalham,
144 das funções? É isso que a Anita?...

145 **E:** Também... a própria estrutura... do ... interna do, do funcionamento da instituição,
146 neste caso do funcionamento, vamos dizê-lo assim, do serviço educativo...

147 **RSE1:** Então nós temos o nosso projeto educativo, digamos assim, temos o projeto
148 educativo, ... e o nosso projeto educativo é um projeto desenhado para o ano. Embora
149 nós não sejamos uma escola formal de ensino formal, de educação formal, mas por uma
150 questão até de organização, porque trabalhamos também com alunos, jovens que têm
151 o seu ano letivo, por uma questão da organização até de algumas atividades que temos
152 com os mais velhos e os mais novos e às vezes entre todos, funcionamos um pouco por
153 o nosso projeto educativo/ano letivo. Ajuda-nos aqui na organização e esse projeto
154 educativo é feito por todos os que fazem parte aqui da associação. Ele é tratado em
155 reunião de Direção, a Direção analisa, propõe, de acordo com também aquilo que é o
156 sentido dia-a-dia das pessoas que aqui estão...

157 **E:** Das necessidades que vão sendo detetadas...

158 **RSE1:** As necessidades detetadas, as pessoas que estão aqui connosco, por exemplo,
159 estagiários que neste momento está aqui o Hugo, que ele é estudante, ele está a fazer
160 mestrado na área de educação social, de educação social..., e, pronto, muitas vezes
161 somos contactados e também o trabalho dele aqui connosco, se nós os vamos ajudar
162 também nesta etapa da vida deles, eles também nos dão um contributo interessante
163 que é o olhar deles, aquilo que propõe, aquilo que são iniciativas que nós poderemos
164 considerar e que consideramos muitas vezes, e, no fundo, esse projeto educativo que
165 eu falo, resulta muito destes contributos. Ele é tratado em reunião de Direção, depois
166 vai naturalmente à Assembleia Geral. Fazemos sempre duas Assembleias Gerais por
167 ano e estes documentos têm que ser aprovados. Quando eu falo em projeto educativo
168 é o nosso plano de atividades, onde está, naturalmente, esta dimensão educativa.

169 **E:** E está tudo regulamentado? Existe um regulamento, se calhar um manual de boas
170 práticas? Como é que....

171 **RSE1:** Sim, temos documentos como o nosso plano de atividades, depois temos os
172 documentos mais ligados à parte mais contabilística das contas, relatório de contas.
173 Temos que prestar também contas aos nossos sócios com o relatório de atividades, ou
174 seja, se há uma Assembleia em que aprovamos o que vamos fazer, depois há outra
175 Assembleia em que se prestam as contas daquilo que foi feito.

176 **E:** A *accountability*...[risos]

177 **RSE1:** Exatamente, e muitas vezes esses momentos em que nós ouvimos os sócios
178 também são significativos... [aparte – Olá! Bom dia! Tudo bem?], também são
179 importantes.

180 **E:** E, portanto, também acha que considera importante que isso esteja tudo
181 regulamentado? De forma transparente?

182 **RSE1:** Não, não, completamente. Nós fazemos questão de todos estes documentos,
183 até fazemos questão e está previsto legalmente no nosso funcionamento que isto
184 aconteça. Portanto, ou seja, nós realizamos todos estes momentos, por um lado, para
185 contar com os contributos e, por outro lado, para prestar contas aos associados porque
186 nós somos uma associação e temos sócios, não é, temos pessoas que se associaram
187 e que participam umas aqui com mais frequência, outras menos, portanto, é
188 fundamental e legalmente exigido e da nossa parte fazemos isso, com esse imperativo,
189 não é só um imperativo legal, mas também de consciência, de consciência...

190 **E:** E também de poderem provavelmente melhorar...

191 **RSE1:** De melhoria, de partilha e de abertura, pronto.

192 **E:** A professora Lurdes dizia há pouco que era uma espécie de, era uma equipa e,
193 portanto, há uma interação entre as várias componentes que constituem...

194 **RSE1:** Os órgãos... sim, sem dúvida. Eu falei há pouco, por exemplo, dos vários órgãos
195 sociais que nós temos aqui, mas gostaria também, e falar aqui da equipa que
196 diariamente, diariamente aqui, permite o funcionamento da Suão. Eu, há pouco não sei
197 se o referi, mas, dos órgãos sociais, quem faz parte dos órgãos sociais, somos todos,
198 estamos todos em funções *pro bono*, ou seja, nós temos as nossas atividades
199 profissionais e depois em regime de voluntariado, digamos assim, desempenhamos
200 estas funções. Quem temos aqui a tempo inteiro....

201 **E:** Em termos de equipa, como é que caracterizava? Em termos de recursos humanos?

202 **RSE1:** Em termos de recursos humanos que estão a tempo inteiro e é aqui o seu local
203 de trabalho e também integram os órgãos sociais, temos neste momento três pessoas.
204 A tempo inteiro, duas.

205 **E:** Com um vínculo?

206 **RSE1:** Com um vínculo, com um contrato, com contrato... e com tudo aquilo que está
207 associado a um contrato, não é, com direitos, tudo, férias, tudo isso. E felizmente já
208 conseguimos há algum tempo, no princípio não tínhamos essa possibilidade, são muitos
209 encargos e, portanto, logo que pudemos, estabelecemos contratos. Temos a Daniela
210 Lopes, que é assistente social, fez a sua formação em Beja e temos a Patrícia Ramalho,
211 que é psicóloga educacional e tem mestrado também nesta área. E a Patrícia e a

212 Daniela constituem as pessoas, pronto, aquilo que às vezes se diz que são as
213 colaboradoras, são as trabalhadoras, são as nossas colegas, são as trabalhadoras aqui.

214 **E:** E exercem essas funções de forma permanente, a tempo inteiro, de forma exclusiva?

215 **RSE1:** A tempo inteiro e de forma permanente e de forma exclusiva. Ah...e temos depois
216 a Maria Pencas, que está agora, ela já esteve cá enquanto estagiária, os estágios do
217 IEFP, mas neste momento ela está ligada a um projeto da Fidelidade Comunidade que
218 nós ganhámos a candidatura o ano passado, que se chama "Faça favor de entrar", e é
219 um projeto que nasceu na altura do COVID, em que o "Faça favor de entrar" era, no
220 fundo,... depois a necessidade que nós tínhamos de voltar a estarmos com as pessoas
221 e com, e então criámos esse projeto que consiste em ir ter com as pessoas, mas através
222 de uma infraestrutura e foi isso que foi a nossa candidatura, foi uma carrinha.

223 **E:** Que vi há pouca ali, estacionada no centro, no largo...

224 **RSE1:** Sim, aquela é a antiga. Nós conseguimos com esta candidatura ter dinheiro para
225 renovar.

226 **E:** Para renovar o parque...[risos]

227 **RSE1:** Exatamente, que é a tal carrinha que depois em regime de itinerância vai às
228 casas das pessoas, aos domicílios e convida, "Faça favor de entrar", é levar a Suão
229 quando as pessoas não poderiam vir à Suão. Com a pandemia sentiu-se muito isso,
230 mas pode não ser a pandemia, pode ser um motivo de saúde, naquele dia a pessoa
231 pode não se sentir tão bem, a Suão pode ir.

232 **E:** Aproxima... E esses técnicos têm uma função primordial? Em que é que consistem
233 essas funções? Se elas recebem previamente formação nesta área? Como é que se
234 processa?

235 **RSE1:** Recebem formação anual dentro daquilo que também está previsto na
236 legislação, em termos da formação. São pessoas que procuram também essa formação.
237 Nós próprios, até pela nossa área de formação, sempre que conhecemos algumas
238 ações que nos parecem importantes, partilhamos. E, em conjunto, cá está, nas nossas
239 reuniões, que eu não sei se foquei, nas nossas reuniões que temos semanais de
240 trabalho, semanais de trabalho, não são as de direção, são as semanais, às segundas-
241 feiras.

242 **E:** De organização do serviço.

243 **RSE1:** Exatamente, de organização do serviço educativo e não só, ah, decidimos o que
244 é melhor para todos, fazemos propostas e realizam formação. Depois, o que é que
245 posso dizer mais? De vez em quando também temos os estagiários, o caso que eu disse
246 há pouco do, do Hugo, que está aqui connosco agora, ah, e temos sempre tido, sempre,
247 noutros anos, muitos outros jovens que nos procuram por fazer os seus estágios.

248 **E:** E são também polivalentes?

249 **RSE1:** Sim, sim, sim.

250 **E:** Não estão só afetos a um determinado serviço?

251 **RSE1:** Não, não. A primeira coisa e focámos isso, por acaso o Hugo até está aqui, é
252 conhecerem aquilo que nós já fazemos. Às vezes podemos vir com uma ideia, duas ou

253 três, e isso é tudo bem vindo, mas primeiro temos que saber onde estamos, não é, o
254 contexto.

255 **E:** Conhecer...

256 **RSE1:** Conhecer o que é que se faz aqui e o que é que eu posso acrescentar, não é?
257 Nunca na lógica de substituição, no sentido, isto não, isto não... eventualmente isto não
258 faz muito sentido, não, é acrescentar. Vamos acrescentar aquilo que pode ser uma mais
259 valia através do quê, o meu conhecimento?

260 **E:** Uma visão diferente até...

261 **RSE1:** Uma visão diferente e por isso nós somos sempre abertos a estas iniciativas.

262 **E:** E considera que os recursos que têm afetos são suficientes? Há necessidade
263 também de recorrer a contratação externa? Como é que se processa?

264 **RSE1:** Nós, nesta questão dos recursos, nós procurámos sempre atender a um princípio
265 que é darmos oportunidade aos jovens da nossa terra. E temos tido sempre, felizmente
266 até agora, a possibilidade de garantir e dar, cumprir, por assim dizer, esse nosso
267 desígnio e princípio. A Suão também nasceu muito para valorizar e dar oportunidades
268 aos jovens e às pessoas da terra.

269 **E:** Para fixar também a população, criar oportunidades de crescerem aqui e não irem
270 embora.

271 **RSE1:** Para fixar, exatamente, o que não quero dizer e já tivemos aqui jovens,
272 nomeadamente enquanto estagiários que não eram daqui e tivemos inclusive uma
273 pessoa que é muitos anos no início, que era a Patrícia Maurício, era de Évora... ah...
274 mas, na realidade, são jovens que sempre tiveram, a maioria deles são daqui, vivem
275 aqui ou se já não vivem aqui, estão perto em Évora, mas têm uma ligação forte com São
276 Miguel e o projeto da Suão, para o projeto da Suão isso é essencial.

277 **E:** Um dos critérios, podemos dizer assim, que um dos critérios principais no reforço da
278 equipa tem a ver também com ... ah, ah... com o facto de estarem também aqui perto,
279 não é? De fazerem parte da, da...

280 **RSE1:** De valorizar...sim, sim..., de conhecerem o que é a comunidade, viverem muito
281 este espírito e jovens que nós apostamos também, além de serem jovens da nossa
282 comunidade, sempre que possível, jovens que apostaram na sua qualificação e que nós,
283 de alguma forma, também pudemos acompanhar esse percurso.

284 **E:** E em termos, agora passando um bocadinho..., porque não é só feito de pessoas
285 que são fundamentais, mas também os materiais que têm, os meios que têm.... Aqui eu
286 já vi que estamos num edifício que me parece uma casa típica alentejana, mas que foi
287 transformada para este fim. Podia-me falar um bocadinho sobre aqui o próprio edifício,
288 o espaço.

289 **RSE1:** Sim, este edifício era um edifício muito antigo, era uma casa antiga que se pode
290 observar ainda pelos tetos, que se manteve a traça. As paredes também são aquelas
291 paredes antigas muito grossas, largas. E isto era um quintal enorme que estava muito
292 abandonado, com muito lixo, mas isto foi recuperado com um esforço muito grande da
293 Direção da altura, porque foi feito um empréstimo na altura, foi feito um empréstimo para
294 se comprar esta casa e não foi fácil. Primeiro adquiriu-se a casa, que estava toda velha,
295 não é, com muitas, em ruínas. Ali à entrada era uma antiga barbearia, funcionou ali uma
296 antiga barbearia, não é já do meu tempo, eu já não me lembro disso, e, pronto, depois

297 organizou-se todo este espaço tendo em vista o espírito que se queria para a nossa
298 escola. **E:** Parece-me precisamente isso. O espaço aberto, porque nós temos ali um
299 espaço de acolhimento, mas depois toda...

300 **RSE1:** É aberto, *open space*...

301 **E:** E até traduzindo esse ar de comunidade, de familiaridade...

302 **RSE1:** Sim, de família, exatamente, ou seja, na altura, o arquiteto a quem se solicitou o
303 projeto, a ideia era, pronto, o normal, o típico: salas, portas fechadas, cada um na sua
304 sala e nós nunca quisemos isso. E dissemos sempre ao arquiteto que fez este projeto,
305 que de facto queríamos o *open space* em que as pessoas pudessem estar a observar-
306 se, independentemente, das atividades que estavam a fazer.

307 **E:** Este barulho de fundo que vamos ouvindo e as senhoras que vão passando, não é,
308 demonstra precisamente isso, mas de qualquer maneira, o serviço não deixa de estar
309 organizado?

310 **RSE1:** Não, não, está... em termos de serviços educativos temos... ah... não sei se
311 quer já falar propriamente do que acontece.

312 **E:** Se calhar ficávamo-nos mais na estruturação, ou seja, ...

313 **RSE1:** Em termos de estrutura são espaços polivalentes, mas que carecem de
314 organização para sabermos que eu posso estar com a Anita agora aqui. O Hugo está
315 ali. Nós não perturbamos o Hugo. O Hugo não nos perturba o nosso trabalho. E ali está
316 a decorrer uma aula. E lá em cima está agora o atendimento, o secretariado e tudo isso.

317 **E:** E dizia-me há pouco também que fizeram um esforço enorme para conseguir ter as
318 instalações que têm. E que fontes de financiamento, entretanto, conseguiram angariar?
319 Como é que é gerida esta questão do orçamento, a própria distribuição dos recursos
320 humanos? Como é que são afetadas as verbas, não é? Seguramente não vivem
321 também com muitos recursos.

322 **RSE1:** Não... E em termos, por exemplo, aqui dos custos daquilo que necessitamos
323 para fazer face às despesas diárias. Nós temos aqui um acordo com a Segurança Social
324 e este acordo com a Segurança Social é um acordo atípico que antigamente havia, e
325 nós ainda assinamos com a Segurança Social nesse sentido, para este tipo de atividade,
326 atividades mais de natureza de animação social e cultural. E esse acordo atípico prevê
327 que mensalmente nos façam a transferência de um valor financeiro que é importante
328 para nós, mas que de alguma forma ele é muito canalizado, depois também uma parte
329 dele para vencimentos.

330 **E:** Para assegurar os postos de trabalho criados....

331 **RSE1:** Exato, e as despesas que temos. Portanto, no próprio Acordo com a Segurança
332 Social estão previstas duas pessoas, que é o que temos agora neste momento, e,
333 portanto, algum desse dinheiro é canalizado para vencimentos. Depois temos a
334 cotização dos sócios e temos candidaturas.

335 **E:** Aquele prémio que falou há pouco, não é?

336 **RSE1:** Candidaturas várias que fazemos. Esse foi dos mais elevados em termos
337 financeiros e, portanto, para comprar a carrinha. Foi um prémio muito bom e que, de
338 facto..., agora, esses projetos são importantes, agora eles têm um fim específico, que é
339 o conteúdo da própria candidatura em si. Neste caso concreto, é a aquisição de uma

340 carrinha. No entanto, há uma mais-valia destes projetos, porque nos acrescentam
341 sempre, não só em termos educativos, mas como nos deixam também e permitem
342 apetrechar, não é, a escola com recursos materiais que não tínhamos, recursos
343 tecnológicos, e, portanto, não vai ser só utilizado para aquele fim em concreto, mas vai
344 ficar depois disponível.

345 **E:** Ao receberem esses prémios já não precisam também de canalizar outras verbas
346 que possam existir para aquela necessidade, não é, podem acrescentar noutras
347 valências. É uma forma de ultrapassar também alguns constrangimentos...

348 **RSE1:** Sim, de alguma forma. Agora, são projetos que depois nos obrigam e dão muito
349 trabalho estas candidaturas, nomeadamente depois os próprios... a prestação de
350 contas, os relatórios de execução.

351 **E:** Para justificar...

352 **RSE1:** A justificação das despesas é complexa, é um processo complexo e sobretudo
353 quando já estamos a falar de um determinado montante, não é, em causa e, portanto,
354 esses projetos são outra forma de financiamento da nossa instituição e é fundamental
355 para a sustentabilidade.

356 **E:** E em concreto, agora falando um bocadinho destas atividades, deste movimento que
357 se notou aqui, que tipo de atividades é que são promovidas e a diversidade, em que é
358 que consiste... já me falou há pouco nessa questão do "Posso entrar?",

359 **RSE1:** "Faça favor de entrar",

360 **E:** "Faça favor de entrar", as aulas de ginástica, que tipo de atividades é que são
361 promovidas?

362 **RSE1:** Sim, então, nós temos semanalmente aqui um conjunto de atividades que estão
363 expostas até ali na porta, na porta, ali da entrada, para as pessoas que passam também
364 terem acesso. Há uma calendarização semanal. Nós temos atividades todos os dias da
365 semana. Temos atividades como as artes, temos informática, dinâmicas de grupo,
366 temos a hidroginástica...

367 **E:** Em parceria, provavelmente?

368 **RSE1:** Sim, em parceria com a Câmara Municipal, assim como temos também, o que
369 está a acontecer hoje, a atividade física, também resultado da parceria com a Câmara,
370 que é o Seniores Ativos, acontece às sextas-feiras, ou seja, todos os dias, as pessoas
371 que frequentam estas atividades, que são da comunidade, têm disponível, na sua rotina
372 de vida...

373 **E:** Não a dos medicamentos, não a das preocupações...

374 **RSE1:** Exatamente, mas atividades de lazer e de aprendizagem e de promoção da
375 saúde, que é muito importante, seja a saúde física como seja a saúde mental.

376 **E:** E essa planificação, então, é feita semanalmente, em parceria também com outras
377 entidades?

378 **RSE1:** No início de... pronto, falando agora em início de anos letivos, vá, porque por
379 uma questão de organização seguimos um pouco com isso, normalmente começamos
380 a planificar em setembro, setembro ou outubro, planificamos um conjunto de atividades
381 que queremos desenvolver ao longo desse ano letivo, mas já sabemos que estas

382 atividades, elas ocorrem sempre, a tipologia da atividade, às segundas é uma atividade,
383 às terças, às quartas e assim sucessivamente. O conteúdo dessas atividades é que vai
384 sendo ajustado...

385 **E:** Alterado... adaptado...

386 **RSE1:** Exatamente, de acordo também com alguma efeméride que há, algum desafio
387 que vem do exterior... como nós irmos fazer alguma visita fora, como aconteceu agora
388 que foram a Estremoz, por exemplo, fazer uma visita de estudo e foi, eu não tive a
389 oportunidade de ir, mas são visitas que o curso, o curso de adultos...

390 **E:** Que é uma das atividades principais....

391 **RSE1:** Estas atividades que eu disse são atividades do curso de educação de adultos.

392 **E:** Enquadram-se, então nesse...

393 **RSE1:** Enquadram-se nessa. Depois, há outra dimensão, que é a atividade também
394 educativa com os jovens. E a atividade educativa com os jovens passa por a
395 participação deles em atividades que nós vamos fazendo aqui ao longo do ano, por
396 exemplo, visitas de estudo, palestras e depois temos também o apoio. O apoio educativo
397 que fazemos aos jovens através do “Gabinete do Desenrascanço Estudantil” que ocorre
398 também ao longo da semana, num determinado momento, que se combina com... que
399 nem sempre é o mesmo para nos podermos ajustar aos horários deles. Se têm, por
400 exemplo, um ano à tarde livre à quarta, é o tempo que eles têm mais disponível.

401 **E:** É aí que fazem, nesse momento, que fazem a atividade...

402 **RSE1:** Sim, sim. A atividade consiste no apoio gratuito, aqui em que os jovens se ajudam
403 entre eles, mas mediados por, pelas nossas colegas Daniela e também a Patrícia e,
404 portanto, recorremos aí a uma estratégia, digamos assim, uma abordagem pedagógica,
405 que é o mentorado e também, por outro lado, a tutoria. É gratuito, tiram fotocópias,
406 consultam...

407 **E:** Apoiam-se mutuamente...

408 **RSE1:** Apoiam-se mutuamente... Tudo gratuito, utilizam os computadores...

409 **E:** Partilham conhecimentos...

410 **RSE1:** Partilham conhecimentos, ajudam-se, trabalha-se o espírito da solidariedade. E
411 é engraçado que alguns destes jovens, que ao longo destes anos todos participaram no
412 Gabinete, hoje trabalham aqui, que é o caso, por exemplo, da Patrícia...

413 **E:** Fizeram o seu percurso na totalidade...

414 **RSE1:** Fizeram o percurso todo... E o caso da Maria, Maria Pencas, que está no tal
415 projeto “Faça favor de entrar”.

416 **E:** Então esse será um dos critérios também... ah... o facto de haver este público, que
417 é o sénior, os jovens, todas as atividades são pensadas em função desse público, das
418 suas necessidades?

419 **RSE1:** Sim, do público, das suas necessidades sejam elas as necessidades em termos
420 de o que é que é necessário, em que área é que nós podemos colaborar, ajudar ou de
421 que forma é que podemos criar um ambiente propício a que eles próprios trabalhem

422 essas competências, de se ajudarem, de serem solidários, de partilharem, que é o caso
423 do Gabinete, nós criamos um contexto, que é um contexto educativo

424 **E:** Certo. E, e, nesse caso aí em concreto, denota-se uma articulação entre os currículos
425 e a prática que é desenvolvida aqui?

426 **RSE1:** Sim, temos que saber, em primeiro lugar, organizamos também o tal apoio que
427 se presta no Gabinete, também temos que ter em atenção o ano de escolaridade em
428 que eles estão, os horários que eles têm da escola e também articulamos com a própria
429 escola e com as famílias.

430 **E:** Para poderem prestar um apoio efetivo?

431 **RSE1:** Sim, sim, sim, nomeadamente para os diretores de turma, ou seja, como já
432 conhecem o nosso trabalho há muitos anos e o projeto do Gabinete, acho que é uma
433 mais-valia que é um complemento, não substitui a escola, não substitui a família. É um
434 complemento de apoio ao seu percurso educativo, e, portanto, o Gabinete é também
435 um recurso, um serviço educativo que se presta.

436 **E:** E intervêm todos nesta, nesta..., os intervenientes nestas atividades não são
437 obrigatoriamente ou em exclusivo os que trabalham aqui. Há esse espírito de
438 voluntariado que se mantém também?

439 **RSE1:** Sim, sim, podem vir de fora. Houve anos que tinham pessoas que até vinham
440 numa área ou outra em que nós por vezes poderíamos também não estar tão
441 capacitados porque não é a nossa área de formação, dar um exemplo, geometria
442 descritiva: já tivemos aqui um ano no gabinete uma miúda que, entretanto, já tirou
443 arquitetura e teve aqui o apoio de uma voluntária, a Andreia, porquê?, porque ela era
444 arquiteta e é.

445 **E:** Então estabelece-se uma série de parcerias e de boas-vontades com o intuito de
446 proporcionar as aprendizagens.

447 **RSE1:** Sim, sim, juntaram-se. Exatamente, e hoje a Sofia que já é arquiteta até faz parte
448 também dos nossos órgãos sociais e a Andreia tem participado também aqui nas nossas
449 atividades como voluntária e, aliás, participava no Gabinete e foi aí que juntas, a Andreia
450 com a Sofia, se criou aquela... e a Andreia veio de facto de fora, uma pessoa que
451 conheceu a Suão e se disponibilizou e "olha, eu quero ser voluntária aí no Gabinete".

452 **E:** E também outras pessoas, nomeadamente investigadores, estava-me há pouco a
453 dizer que proporcionavam algumas palestras.

454 **RSE1:** Sim, sim, isso noutros tipos de atividades. Além do curso de educação de
455 adultos, do Gabinete, depois temos outras atividades como a gente chama-lhe o "Serão
456 do Sermão na Suão", que são palestras, como a Anita estava a dizer, em que falamos
457 de vários temas; podem ser temas mais académicos, mais científicos, mas podem ser
458 temas mais do dia-a-dia.

459 **E:** E apresentados por diferentes oradores com diferentes formações?

460 **RSE1:** E diferentes perfis, mais um saber do saber fazer, o saber que se constrói no
461 dia-a-dia, o saber experiencial que também é muito importante. Noutras, temos outras
462 dimensões, em que se valoriza também uma perspetiva de um conhecimento científico,
463 daquilo que é produzido, não é, e que se transmite. Convidamos muitas vezes, quando
464 é este conhecimento experiencial, olhamos para a nossa comunidade e temos aqui uma
465 riqueza enorme, mas também temos, naturalmente, também uma outra dimensão. Nós

466 convidamos quer pessoas da nossa comunidade, quer pessoas de fora que nos possam
467 acrescentar, quer uns quer outros, o seu saber.

468 **E:** E se tivesse que identificar qual a atividade ou as atividades com maior procura, qual
469 é que elegeria?

470 **RSE1:** Com maior procura?...

471 **E:** Se calhar em diferentes momentos houve várias, não é?

472 **RSE1:** Sim, nós fazemos depois atividades mais de natureza recreativa, cultural,
473 digamos assim, que são o teatro, o teatro amador, as pessoas gostam muito de teatro.
474 Mas aquele teatro com... que nós procuramos, porque temos sempre esta questão
475 educativa, um teatro com uma mensagem. Uma mensagem que queremos passar, uma
476 mensagem que adaptamos aos tempos em que estamos, seja uma problemática que
477 se está a viver, enfim, seja a pandemia, por exemplo, olhe, seja o comboio ou a linha
478 que está agora a ser construída e que as pessoas de alguma forma têm trazido alguns
479 transtornos, mas transformamos isso numa coisa boa, alegre, mas que também
480 transmitimos alguma coisa.

481 **E:** E ensinam...

482 **RSE1:** Exatamente, o que é que está a ser feito, qual vai ser a mais-valia...

483 **E:** Explicam, contextualizam...

484 **RSE1:** Exatamente. E no fundo, transmite-se através de uma caricatura, não é, essa
485 mensagem também e o propósito educativo. O teatro com o propósito educativo, ah...,
486 e isso as pessoas gostam muito dessa atividade. Também gostam muito das visitas de
487 estudo. E as visitas de estudo que nós fazemos são também visitas com um propósito
488 não só de lazer, mas de aprender, de ir conhecer. E as visitas de estudo têm uma
489 característica importante que é que elas são preparadas antecipadamente e sempre
490 que possível com o máximo de pessoas a participar no processo.

491 **E:** Lá está uma vez mais a questão da integração, da comunidade, do espírito
492 comunitário ...

493 **RSE1:** Onde vamos? Perguntamos às pessoas.

494 **E:** Eles é que decidem. Fazem parte do processo de decisão.

495 **RSE1:** Sim, fazem parte do processo. Onde é que gostariam de ir? E depois o processo
496 da organização, com os jovens, sempre que possível, não lhe retirando o seu tempo aos
497 estudos, naturalmente, mas quando estão em férias, quando têm mais tempo,
498 procuramos que eles se envolvam na organização, seja um folheto que se distribuí, seja
499 uma explicação que se faz na visita, não é?

500 **E:** A própria preparação, o itinerário, provavelmente, o que visitar...

501 **RSE1:** O que visitar, o itinerário, o tempo..., tudo isso que implica a organização de uma
502 visita.

503 **E:** E essas visitas, a participação nestas atividades, tem algum custo associado?

504 **RSE1:** Não, não, estas visitas não têm custo associado. Nós, por vezes, vamos a alguns
505 sítios, as pessoas não pagam por ir à visita, mas poderá haver um local ou outro que é

506 visitado, que possa ter um valor, pronto, associado, mas é sempre muito residual, mas
507 são gratuitas, as atividades são gratuitas.

508 **E:** Ah... e estava há pouco a dizer-me também que tinham aqueles diferentes públicos.
509 Portanto, como é que estrutura esta oferta educativa? Há segmentação da oferta por
510 níveis de escolaridade, por faixa etária.

511 **RSE1:** Nós temos atividades que de alguma forma durante a semana são frequentadas
512 mais por pessoas que têm tempo, não estão já a trabalhar, algumas estão, mas a maior
513 parte não estão, portanto, têm tempo para fazer essa, essa vinda aqui, não é,
514 participação durante a semana, e, portanto, temos pessoas também que frequentam
515 aqui diariamente essas atividades, mas têm essa disponibilidade, mas não
516 segmentamos por, digamos, mesmo dentro do curso de adultos, não, temos pessoas
517 mais novas, pessoas mais velhas. O que nos interessa é que as pessoas estejam
518 reunidas por um critério, que é o interesse em estarem ali.

519 **E:** E em aprender...

520 **RSE1:** E em aprender, ah, e participam quando podem.

521 **E:** É voluntária a participação?

522 **RSE1:** É, também não pagam por essa participação. Os jovens também não fazemos
523 essa distinção. Obviamente, que ao nível do apoio escolar que damos, por vezes temos
524 que ter em conta, naturalmente, os anos de escolaridade e tudo isso. Agora, mais novo,
525 mais velho, muito pelo contrário, o próprio Gabinete, nós estruturámos o Gabinete para
526 que os mais novos interajam com os mais velhos.

527 **E:** Um espírito intergeracional...

528 **RSE1:** Exatamente, sempre. E era aí que eu queria chegar e as visitas de estudo são
529 um bom exemplo. É que na visita de estudo podem participar, quer na organização, quer
530 no dia da visita, todas as gerações. Portanto, podemos ter algumas atividades que
531 sejam, olhe, ainda esta semana uma visita de estudo durante o horário de trabalho, aqui
532 com a Daniela e a Patrícia, que passaram o dia em Estremoz, foram pessoas com
533 disponibilidade, os jovens estão nas escolas. Agora, há outras atividades e a maioria
534 delas nós procuramos que seja intergeracional e que ocorram propositadamente num
535 horário.

536 **E:** Em momentos que seja possível a participação.

537 **RSE1:** Em momentos que possam participar todos, é isso mesmo. Ao fim-de-semana,
538 o caso das visitas de estudo, para irem todos, ao fim-de-semana.

539 **E:** E também em família? Não só individualmente, mas de forma...

540 **RSE1:** Sim, sim, ocorre muito, ocorre muito. Sim.

541 **E:** E por detrás deste funcionamento..., o modelo pedagógico que seguiram ou em que
542 é que se alicerçaram esses princípios que a Suão segue, como é que caracterizava o...

543 **RSE1:** Sim, a abordagem pedagógica que nós aqui utilizamos está muito relacionada
544 com aquilo que, por exemplo, o Welling fala, a tutoria, a tutoria e também o mentorado,
545 o mentorado, não é. Nós trabalhamos muito por tutoria e mentorado, mas também por
546 uma abordagem que valoriza a intergeracionalidade, por isso, nós somos uma escola
547 comunitária. Trabalhamos com todas as gerações e não temos, nem temos por matriz,

548 nem nunca pensámos em trabalhar de forma espartilhada, dividida, não é, procuramos
549 sempre o envolvimento antes e durante a atividade de todos aqueles que nós possamos
550 congregar nessas atividades. As visitas de estudo, as palestras que focámos, ainda não
551 falámos aqui..., o Gabinete, não falámos num projeto que acho que é o auge que
552 permite concretizar a intergeracionalidade que é o Circuito da Aldeia.

553 **E:** Sim, já ouvi também. É o saber fazer, o saber ser?

554 **RSE1:** É o saber fazer, é os vários saberes que no fundo são os fins de educação. Os
555 fins de educação têm a ver com os diferentes saberes. Saber fazer, saber estar, saber
556 conhecer, o saber escutar, estar com outro, e nós aqui trabalhamos isso e no Circuito
557 acho que é muito evidente. O Circuito só existe porque existem diferentes gerações a
558 participar nele. Nós temos os mais novos, têm o tal conhecimento científico, o que
559 tiveram oportunidade de ter cursos, qualificação, tiveram essa oportunidade que muitos
560 infelizmente das gerações mais velhas não tiveram, então, é fundamental que com esse
561 conhecimento se estruture e organizem. Mas, depois há outra parte, que é exatamente
562 aquilo que caracteriza o Circuito. As visitas pedagógicas em contexto rural, em que as
563 pessoas que lá estão a receber os grupos são as pessoas da comunidade que têm um
564 saber extraordinário.

565 **E:** A experiência...a prática...

566 **RSE1:** Os mais novos não têm a prática não têm a experiência. Mas se tivermos só uma
567 parte e não tivermos a outra também não funciona. Precisamos de divulgar o Circuito,
568 recorrer às tecnologias e aqui os mais jovens dominam claramente essa área. Portanto,
569 o Circuito só existe porque existe este encontro de gerações, esta partilha e esta
570 cooperação, por isso é que nós dizemos que o Circuito é também um projeto que
571 promove o envelhecimento, nós não dizemos ativo, chamamos-lhe positivo. O
572 envelhecimento positivo, que é aproveitar e valorizar, a palavra correta é valorizar todos
573 os conhecimentos, todos os saberes e todas as aprendizagens, independentemente do
574 contexto em que elas foram construídas. E muitas destas aprendizagens, também estes
575 projetos, é uma forma de as valorizar, de lhes dar continuidade e...

576 **E:** Haver um reconhecimento... do seu conhecimento.

577 **RSE1:** E transmissão, e transmitirmos aos jovens novos que não sabem muitas destas
578 coisas, na horta, com a criação dos animais, com instituições locais como a igreja,
579 tradições, costumes, enfim, tantas coisas que, ... com o vinho, que agora temos uma
580 parceria mais recente com a Casa Relvas, o Circuito que também passa pela a adega,
581 são tudo experiências que nós... e depois o que é que é diferente das quintas
582 pedagógicas que nós conhecemos um pouco por todo o país? É diferente porque o
583 contexto que eles vão conhecer, os grupos, sejam grupos de pessoas mais novas, de
584 crianças, jovens, ou até mais velhos, é preparado para aquele grupo.

585 **E:** É adequado, então?

586 **RSE1:** É adequado...

587 **E:** Àquela faixa... não é só à faixa inteira, às necessidades que demonstram, não é?

588 **RSE1:** Sim, às necessidades, porque um Circuito para um grupo, até mesmo falando,
589 vá, de crianças do 6.º ano, do 7.º ano ou do 9.º, ou até do secundário, como já tivemos,
590 é preparado de maneira diferente de um grupo do 1.º ano, de 1.ª classe. Se tivermos
591 adultos que estão, imagine, Anita, estão institucionalizados, mas estão ainda autónomos
592 e já os recebemos aqui, como é que nós vamos explorar o Circuito? para que seja uma
593 experiência...

594 **E:** Tem essa preocupação também de adequar?

595 **RSE1:** Não é produto pré-formatado. E as pessoas que estão lá a receber os grupos,
596 além de nós aqui da organização, e fazem parte também, quem são os professores?
597 São as pessoas da comunidade que têm o saber.

598 **E:** E, e toda essa, essa envolvimento mexe aqui com a aldeia?

599 **RSE1:** Sim, sim, sim.

600 **E:** E como é que se articula para a organização dessas atividades? Em que é que se
601 suportaram? Imaginaram fazer aquela atividade ou seguiram algum documento,
602 nomeadamente, estou-me a recordar, se da UNESCO há algum documento que tenham
603 seguido? Porque o Suão enquadra-se na modalidade da educação não formal e eu
604 queria perceber um bocadinho se seguem algumas orientações, alguns documentos
605 normativos neste âmbito?

606 **RSE1:** Neste âmbito nós regemo-nos muito aqui sobre aquilo que é o conceito de
607 educação não formal e educação popular, valorizando muito os saberes locais, muito
608 ligado às tradições, às questões e valorizar muito essa dimensão local e comunitária,
609 intergeracional. Nós temos alguns pilares teóricos, se assim podemos dizer, e alguns
610 desses pilares teóricos passam, por exemplo, por Paulo Freire.

611 **E:** A educação para adultos.

612 **RSE1:** Exatamente, que está muito ligada a essa dimensão da educação popular, a
613 educação de adultos, ah... que hoje são as competências básicas. O Paulo Freire foi
614 conhecido por desenvolver o método de alfabetização, que foi uma das primeiras
615 atividades da Suão.

616 **E:** O curso de alfabetização, precisamente.

617 **RSE1:** O curso de alfabetização, que hoje até nem faz parte das respostas do curso de
618 adultos, porque não temos essa... não surgiu agora neste momento essa... não quer
619 dizer que...

620 **E:** Provavelmente já não há essa necessidade.

621 **RSE1:** Ainda haverá pessoas...

622 **E:** É mais pontual.

623 **RSE1:** Sim, mas já não há essa necessidade como havia. E nós começámos por
624 desenvolver e um dos pilares teóricos foi exatamente, à nossa medida na altura e
625 adaptado o método das 28 palavras geradoras.

626 **E:** A panela, a famosa panela...eh eh eh...

627 **RSE1:** Sim, o método, eu ia dizer 28 palavras é o método global, o método das palavras
628 geradoras, assim é que eu queria dizer, que varia entre 18 e 23 palavras. Mas o método,
629 mas nós temos um em Portugal que é o das 28 palavras no primeiro ciclo, daí ele está
630 a dizer... Mas o método do Paulo Freire é o das palavras geradoras, que são palavras
631 que são extraídas do contexto da pessoa com quem nós estamos naquele processo
632 educativo, não é. E nós desenvolvemos aqui os primeiros processos de alfabetização,
633 portanto, o Paulo Freire é para nós uma referência, como... uma vez que ele define a
634 educação, e é aí que é a nossa influência, baseámo-nos nisso, educação como um

635 processo de transformação, de conscientização, que é, nós tomarmos consciência, seja
636 do que for, de uma determinada temática, circunstância, mas depois sermos capazes
637 de transformar essa consciência em ação, por isso é que é conscientização.

638 **E:** Não entram exatamente... não saem exatamente como entraram, não é?

639 **RSE1:** Exatamente. E refletir sobre aquilo que...

640 **E:** Empoderam-se, até?

641 **RSE1:** O empoderamento é, é um bocadinho isso.... Mais, o que é que eu podia dizer
642 de referências, além do Paulo Freire? Podia falar também do Vygotsky com a
643 aprendizagem social e cooperativa, que já foi aqui referido.

644 **E:** E tudo isso promove uma aprendizagem ao longo da vida, que permite também,
645 nomeadamente daquilo que li, a questão da... da valorização em termos dos direitos do
646 cidadão, o conhecer, exercer a cidadania de outra forma. E essa, essas aprendizagens
647 têm impacto provavelmente no dia a dia das pessoas. Como é que definiria isso?

648 **RSE1:** Nós aqui procuramos que as pessoas se..., se sintam felizes.

649 **E:** A educação pela felicidade era um dos princípios orientadores.

650 **RSE1:** É, é. A felicidade, a igualdade de oportunidades, a solidariedade, mas que as
651 pessoas possam encontrar aqui um espaço em que ao mesmo tempo que podem
652 aprender, elas podem ensinar. Ao mesmo tempo em que elas podem participar,
653 participar diretamente na atividade, podem também participar na sua organização. Ao
654 mesmo tempo em que, numa atividade, são alunos, entre outras, noutras a mesma
655 pessoa é um "professor", ou seja, há esta transformação, porquê?, porque todos temos
656 saberes e todos sabemos alguma coisa e todos ignoramos alguma coisa, isto são
657 palavras sábias do Paulo Freire. É nesta ligação de que eu posso estar a aprender, mas
658 também posso estar a ensinar, que se estrutura todo este nosso projeto educativo e os
659 próprios serviços educativos que temos aqui.

660 **E:** E isso permite a criação destas dinâmicas que nós observamos aqui. E que materiais
661 é que resultam? Como é que são produzidos? Essas atividades são suportadas
662 provavelmente em alguns materiais pedagógicos? O que é que podíamos falar um
663 pouco sobre isto?

664 **RSE1:** Sim, em termos do..., o que é que nós temos aqui, temos alguns livros que temos
665 já feitos, editados, por exemplo, resgatando algumas tradições, memórias, o património
666 oral, que foi um projeto que resultou do financiamento da Fundação Calouste
667 Gulbenkian, que isso é recurso educativo, não é, hoje, isso está escrito. E para não se
668 perder, escrevemos todas essas, que foi um projeto que se chamou "Palavrão", que
669 estou a ver algum cartaz. Foi um sistema comunitário de construção, transporte e leitura
670 de palavras, que são as histórias, as tradições e que nós temos isso em livro. Assim
671 como também temos dois livros, dois pequenos livrinhos, que são as Memórias
672 Micaelenses, exatamente também com experiências, com tradições, com as
673 associações, as vivências dessas associações e que procurámos retratar em Memórias
674 Micaelenses. Esses documentos, eles, hoje não os temos já escola primária, mas na
675 altura lembro-me que eles foram distribuídos pelos professores aqui e foram colocados
676 nas mochilas dos alunos, simultaneamente com os manuais mais tradicionais para
677 poder ser instrumento de leitura e material pedagógico.

678 **E:** E para explorarem também.

- 679 **RSE1:** Para explorarem, exatamente. Mais, ... temos o Jornal Comunitário.
- 680 **E:** O “Menino da Bica”.
- 681 **RSE1:** Temos o “Menino da Bica”, acho que também que é um...
- 682 **E:** De distribuição gratuita.
- 683 **RSE1:** Sim, de distribuição gratuita. Tivemos neste momento uma... uma edição por
684 ano, no início tinha duas edições. E o “Menino da Bica” é, é um elemento, digamos, de
685 partilharmos aquilo que vamos fazendo ao longo do ano, mas também das pessoas
686 poderem ter a oportunidade de escrever num jornal, partilhar as suas histórias, as suas
687 experiências.
- 688 **E:** E uma vez mais está sempre muito presente esta ideia de comunidade. Há um grande
689 envolvimento da comunidade. A adesão é voluntária, nota-se, ou há alguma resistência
690 ou...?
- 691 **RSE1:** Não. Ao “Menino da Bica”?
- 692 **E:** Não... a tudo, no global, no global.
- 693 **RSE1:** Não, aqui, as pessoas que participam aqui, são pessoas como digo, são pessoas
694 que procuram ter esta participação, já são pessoas que frequentam a Suão há muito
695 tempo. Agora, o que notamos é que efetivamente os mais novos, neste momento em
696 que nós estamos, torna-se mais difícil motivar os mais novos para estas atividades.
- 697 **E:** A aderir?
- 698 **RSE1:** A aderir, a aderir. E porquê? Porque de alguma forma procuramos compreender
699 porque é que isso acontece. Hoje os jovens têm outras coisas, não é, pelas quais se
700 sentem mais atraídos... por exemplo as tecnologias, a área do digital. Portanto, nós
701 próprios também temos que refletir e temos vindo a fazer isso, como é que, não é,
702 chamamos estes jovens hoje para vida associativa e somos uma associação juvenil,
703 além de associação de desenvolvimento comunitário, somos uma associação juvenil,
704 mas de facto por um lado é motivá-los a participar mais e outro problema que não é só
705 aqui em São Miguel é num país inteiro é a questão de cada vez, nestes locais, menos
706 jovens...
- 707 **E:** O envelhecimento... e ainda voltando um bocadinho atrás às atividades propriamente
708 ditas, como é que é feito o registo? Se existe alguma ficha de atividade? Como é que
709 se processa?
- 710 **RSE1:** Nós temos um plano de atividades e depois até fruto do acordo e do protocolo
711 de Segurança Social foi definido e existem algumas regras também nesse sentido e nós
712 próprios o procuramos também fazer que é, temos ficha de registo individual não só
713 porque a Segurança Social também em qualquer momento pode também consultar tudo
714 aquilo que nós fazemos, mas para além daquilo que está previsto nestes documentos,
715 para o facto, pelo facto de nós sermos Centro Comunitário nós sempre fizemos esse
716 trabalho de organização, por pessoa e temos lá tudo o que ela faz, onde é que ela
717 participa, o seu perfil, o seu perfil pessoal, mas também o seu perfil de quase, de...
718 aprendizagem no sentido dos interesses...
- 719 **E:** A sua evolução...

720 **RSE1:** E de evolução. E de facto temos ali tudo organizado e estruturado, pode ser
721 consultado a qualquer momento e a própria pessoa, se quiser, também pode ter ali a
722 sua própria informação organizada.

723 **E:** Muito bem. E em relação, já me foi falando um bocadinho sobre esta questão, já tem
724 uma prática regular, feita semanalmente e também agora avançando um bocadinho
725 mais na calendarização também já me falou em termos de... há o cuidado de adaptar
726 às efemérides que vão acontecendo, às próprias atividades desenvolvidas nas escolas,
727 isso tudo é pensado. E a sua divulgação como é que efetuam?

728 **RSE1:** Como é que fazemos a nossa divulgação?

729 **E:** Para além, ali da porta e de boca-a-boca, deduzo, não é?

730 **RSE1:** Era isso, a forma mais próxima e digamos mais básica, próxima e foi aí que nós
731 começámos e continuamos a fazê-lo é o “porta-a-porta”. É o “porta-a-porta” em que nós
732 fazemos *flyers*, pequenos folhetos e transmitimos, pode ser uma informação sobre algo
733 que pode ajudar a pessoa, por exemplo, a nível da sua pensão, pode ser um exemplo
734 de algum apoio que surgiu recentemente.

735 **E:** Ou uma lei que saiu e que ajuda a esclarecer ali qualquer aspeto.

736 **RSE1:** Como podem ser as nossas atividades diárias, “olhe, amanhã vai decorrer aqui”,
737 ou seja, aproveitamos essa forma de divulgar que é “o porta-a-porta”. Depois temos... o
738 Jornal Comunitário, que tem as duas edições anuais. O que é que nós temos mais?
739 Temos também as nossas redes sociais, naturalmente.

740 **E:** Sim, agora têm uma importância...

741 **RSE1:** Exatamente. Temos a nossa página de *Facebook*, temos agora recentemente,
742 se a Anita quiser ver, a página de *internet* recente.

743 **E:** Já andei por lá, eh eh eh...

744 **RSE1:** Já é mais moderna, foi agora há pouco tempo. Temos mais o Jornal que já disse,
745 o “porta-a-porta” e.... penso que é isso.

746 **E:** Ah, a rede de contactos, também são feitos provavelmente cartazes?

747 **RSE1:** Sim, naturalmente, temos, vamos divulgando cartazes porque também somos
748 um meio pequeno pelas lojas, cafés. Temos também um parceiro importante que por
749 vezes também divulgamos lá, que é o Diário do Sul. Tanto divulgamos o antes, que vai
750 acontecer, como por vezes o pós, não é?

751 **E:** A notícia daquilo que vai acontecendo.

752 **RSE1:** Sim e pronto... não sei se vamos falar ainda de parceiros, mas introduzir este
753 ponto de parcerias, o Diário do Sul é um deles, mas temos outros.

754 **E:** E há algum responsável pela divulgação? Está definido propriamente quem?

755 **RSE1:** Nós tivemos aqui, neste momento não temos por motivos de saúde, mas
756 resultado de um projeto, de um curso profissional, que se chama PAP, que é a Prova
757 de Profissional, aqui um colega nosso, o Flávio, o Flávio Lino, o Flávio, estava, fez um
758 curso de Vídeo e Multimédia numa escola profissional que é a ESAC em Évora e depois
759 veio até connosco que se podia fazer a tal PAP.

760 **E:** Inclusivamente aqui também tinha um Gabinete de Imagem e Comunicação, não sei
761 se é propriamente este?

762 **RSE1:** É isso, é isso, é isso mesmo, Anita. O projeto da PAP dele foi esse Gabinete de
763 Comunicação e Imagem. E mais do que isso, foi... aliás, nós criámos o Gabinete de
764 Comunicação e Imagem e o que ele construiu na PAP dele foi o telejornal da Suão e
765 um canal Meo também que ele criou.

766 **E:** Tv Suão?

767 **RSE1:** Sim, a Suão TV.

768 **E:** Ao contrário, eh eh eh...

769 **RSE1:** É isso. Agora está um pouco parado, é verdade, porque ele, por motivos de
770 saúde, está com um problema na vista, que é..., ele quase que não consegue estar ao
771 computador. Ultimamente, tenho sido eu própria que ao nível, por exemplo, das notícias,
772 tudo isso, tenho assegurado juntamente com a equipa, mas pronto, vamos...

773 **E:** Há o cuidado de ir dando nota do que se vai fazendo, estabelecendo os contactos?

774 **RSE1:** Sim, sim..., nas redes sociais a Daniela e a Patrícia vão também atualizando. Eu
775 vou articulando, por exemplo, quando é notícias para o exterior, o caso do Diário do Sul.
776 Enfim, vamos aqui fazendo essa partilha, também.

777 **E:** Agora passávamos um bocadinho para a questão da avaliação do desempenho do
778 próprio, da própria entidade? Como é que avaliam, se há um registo sistemático.... no
779 relatório de atividades, seguramente, que haverá essa preocupação de fazer, mas que
780 mecanismos é que têm ao dispor?

781 **RSE1:** Para registo sistemático daquilo que vem aqui acontecendo, como disse, nós
782 temos os processos, de todos os nossos alunos, utentes, digamos assim, nós temos
783 que estar a falar na vertente educativa, mas nós também fazemos apoio social e na
784 questão do apoio social, embora a educação está sempre presente....

785 **E:** É a base...

786 **RSE1:** Mas temos sempre o registo. Dar um exemplo, a pessoa deslocou-se aqui para
787 solicitar um apoio do ponto de vista da saúde: marcação de consultas, de exames,
788 daquilo que seja. Nós fazemos esse registo no seu processo, que se dirigiu aqui para
789 isso e depois, também é com a base nesses registos que nós conseguimos avaliar, não
790 é?

791 **E:** E adequar a necessidade.

792 **RSE1:** E adequar ... e adequar, sim e adequar. Depois fazemos avaliação também nas
793 nossas reuniões, que vamos fazendo de trabalho. Não só aquelas que estão
794 formalmente instituídas, que as Direção, não, aquelas reuniões semanais. São essas
795 reuniões que nos permitem estar a par do que, entre todos, vai acontecendo, o que é
796 que correu bem, o que não correu tão bem e vamos fazendo essa adaptação. E também
797 queria dizer que temos mesmo que fazer esta avaliação permanente e contínua porque
798 enviamos para a Segurança Social relatórios trimestrais e, portanto...

799 **E:** É uma exigência legal?

800 **RSE1:** É uma exigência legal, mas que nós até temos vindo a melhorar cada vez mais,
801 mesmo sem que nos seja solicitado isso, que se depois quiser podemos enviar um
802 exemplo de um relatório, com uma descrição exaustiva de, não só a atividade, mas
803 quando ocorreu, quantas pessoas participaram, o que é que se aprendeu.

804 **E:** Para justificar também os fundos que são atribuídos...

805 **RSE1:** Sim, exatamente.

806 **E:** E de melhoria...

807 **RSE1:** E de melhoria... quantas pessoas participaram, por exemplo, número de
808 participantes, para nós também é importante. Há atividades que aumentou o número,
809 outras reduziram, porquê? O que é que poderá estar associado a um aumento ou a uma
810 diminuição?

811 **E:** E os utilizadores fazem a avaliação? Há uma caixinha de, de sugestões, por exemplo,
812 estava-me a ocorrer agora?

813 **RSE1:** Algumas, nós por acaso temos ali um livro, que é um livro de sugestões, de
814 apreciação. Mas, por vezes solicitamos, não quer dizer que o façamos em todas, não o
815 fazemos em todas, mas por vezes solicitamos a opinião dos participantes. Naqueles
816 projetos que são financiados, por exemplo, pela Fidelidade Comunidade, pelo BPI,
817 Fundação "La Caixa" e outros, Fundação EDP, que já tivemos também, aí por vezes
818 aplicamos mesmo, é-nos exigido e nós aplicamos. Aqui nas nossas, de vez em quando
819 também o fazemos, só que, cá está, às vezes como existe uma proximidade tão grande,
820 é quase oralmente que nós fazemos...

821 **E:** Têm logo esse *feedback*, no momento.

822 **RSE1:** Porque não há uma distância entre a instituição e as pessoas, não é, e como
823 estamos próximos, muitas vezes...

824 **E:** Há uma informalidade...

825 **RSE1:** Exatamente..., mas não quer dizer que a formalidade, através do registo, não
826 seja importante. Por vezes fazemos e eventualmente até o poderemos fazer ainda mais
827 vezes.

828 **E:** Ah, e já percebi que há uma envolvimento, então, desta comunidade, com diferentes
829 faixas etárias. Como é que caracterizaria o perfil dos utilizadores da Suão?... Já me foi
830 falando um pouco sobre isso, mas em traços gerais como é que definiria este perfil?

831 **RSE1:** Hum..., grande parte dos utilizadores são pessoas já, que têm mais idade, mais
832 velhas, mas diria que é... em termos de idades?

833 **E:** De faixa etária, também da sua formação académica, de género? Ah... se são mais
834 famílias, escolas, grupos?

835 **RSE1:** Há aqui dois tipos de perfis. Há pessoas que nos procuram para algumas
836 situações pontuais. Precisam aqui de algum apoio ao nível do Gabinete. Como disse,
837 recebeu uma carta em casa....

838 **E:** Não sabe entender....

839 **RSE1:** Sim, sim, leu, mas o que é que é isto? Precisa de entrar numa plataforma
840 eletrónica com uma *password*. Tem que ter um *email*, mas o que é isso? Nós ajudamos
841 e porventura a pessoa só já voltará para uma outra situação. Temos outro perfil que é
842 pessoas que regularmente aqui estão semanalmente. Foi o caso destas pessoas e de
843 outras noutros dias. Portanto, para quem frequenta diariamente, semanalmente, a Suão,
844 diria que é uma faixa etária de pessoas mais velhas, porque a esta hora...

845 **E:** É quem está disponível...

846 **RSE1:** Aposentados ou reformados antecipadamente por alguma razão de saúde,
847 enfim. Depois temos o que eu estava a dizer, para outras situações pontuais, pessoas
848 de diferentes idades, aliás nós fazemos os registos de todos os atendimentos, ah, temos
849 essa informação e aí encontramos pessoas de diferentes idades, mais novas, mais
850 velhas, que nos procuram. Agora, para essa regularidade são pessoas mais velhas.
851 Para outros projetos que temos, que ocorrem também semanalmente, no caso do
852 Gabinete, claramente uma faixa etária jovem, não é?

853 **E:** Mais jovem....

854 **RSE1:** Mais jovem, são crianças e jovens a idade escolar.

855 **E:** E que se nota que há uma grande envolvência e vontade de participar.

856 **RSE1:** Sim, nós procuramos que eles participem, mas como estava a dizer, hoje em dia
857 é mais difícil... que eles, como é que hei-de dizer, que eles participem, muitas vezes...

858 **E:** É difícil competir com as novas tecnologias?

859 **RSE1:** Exatamente, é isso mesmo. Mas o Gabinete ainda assim, eles procuram também
860 porque necessitam ao nível da escola, desse apoio. E também eles acabam por ser uma
861 forma de encontro entre eles, encontro não é que eles não estejam juntos porque estão
862 na escola.

863 **E:** Fisicamente e noutra espaço que não seja a escola.

864 **RSE1:** Exatamente, noutra espaço que não seja a escola e que funciona com outro
865 modelo de funcionamento diferente da escola. E eles gostam, até porque a Patrícia e a
866 Daniela também têm uma boa relação com eles. Conhecem-se já há muitos anos, estão
867 à-vontade e eles, sim, eles participam. O que nós gostaríamos, e porque o objetivo do
868 Gabinete não é só aquelas sessões daquele dia, nós queremos através do Gabinete
869 trabalhar a disponibilidade, a solidariedade, a autonomia deles, depois terem vontade
870 por si de participar noutras atividades da Suão, ou seja, o pretexto é o Gabinete, entre
871 aspas....

872 **E:** Mas depois leva, nomeadamente para a organização das visitas, para a partilha com
873 as outras gerações.

874 **RSE1:** Exatamente, é isso, por que hoje em dia já não é tão fácil transportar depois,
875 porque já têm outras atividades...

876 **E:** Outros interesses...

877 **RSE1:** Mas pronto, continuamos... nessa luta.

878 **E:** Mas há uma certa, eu notei uma certa simpatia que as pessoas têm pela instituição,
879 porque vêm com alegria, notei que vinham motivadas.

880 **RSE1:** Têm, têm, vêm, vêm, isso sim.

881 **E:** Bom, professora Lurdes, já estamos a chegar ao fim, mas de qualquer das maneiras
882 gostava de lhe perguntar se tem alguma sugestão, se há algum aspeto que quer rever
883 ou esclarecer, que tenhamos falado.

884 **RSE1:** Não, não, está tudo ok.

885 **E:** E também... desde já, agradecer, obviamente, pela generosidade em partilhar a sua
886 experiência e, obviamente... também valorizar aquilo que foi feito aqui, o
887 reconhecimento pelo trabalho que têm feito e esperar que ainda possa voltar... [risos]...
888 para conhecer um bocadinho melhor, ah, e uma vez mais, muito obrigada. Bom, não
889 sei, então, se não quer acrescentar mais nada.

890 **RSE1:** Está tudo, Anita.

891 **E:** Vamos dar por terminada aqui, então, a nossa entrevista.

APÊNDICE 8 – ENTREVISTA DO FLUVIÁRIO DE MORA

Transcrição da entrevista n.º 2

Entrevistado	Ana Isabel Caramujo Ramos Marcelino Canas
Local da Entrevista	Fluviário de Mora
Data da Entrevista	23 de março de 2023
Validação da Entrevista	Entrevista validada através de email datado de 28 de maio de 2023

- 1 **E:** Bom dia, Ana!
- 2 **RSE2:** Bom dia, Anita, como está?
- 3 **E:** Tudo bem, obrigada. Desde já, muito obrigada por me receber aqui no Fluviário de
4 Mora. Neste dia, hoje dia 23 de março de 2023, dois dias depois da primeira vez há 16
5 anos.
- 6 **RSE2:** É verdade, [risos]...
- 7 **E:** Estão de parabéns duplamente.
- 8 **RSE2:** Muito obrigada.
- 9 **E:** Estamos hoje aqui para fazer a entrevista no âmbito do projeto de doutoramento em
10 Ciências da Educação da Universidade de Évora, que tem como objetivo geral conhecer
11 e caracterizar o perfil pedagógico concretizado nos serviços educativos das instituições
12 não escolares na região Alentejo e o Fluviário de Mora, que durante o percurso de
13 preparação deste projeto, foi identificado como um excelente exemplo de boas práticas
14 na área da educação não formal e que vamos ter todo o interesse em conhecer e que
15 certamente acrescentará conhecimento.
- 16 **RSE2:** Muito gosto em participar por parte do Fluviário. Em nome de toda a equipa,
17 agradeço este interesse e aprender também, no que for possível, chegar deste estudo.
18 É sempre importante aprender ao longo da vida, [risos]...
- 19 **E:** Seguramente. Eu aprenderei com certeza e espero que depois também do meu
20 trabalho resulte uma mais-valia para as duas partes.
- 21 **RSE2:** Muito obrigada. Muito obrigada.
- 22 **E:** Ana, eu começava por conhecê-la, porque a Ana é a responsável pelo serviço
23 educativo do Fluviário e, nesse contexto, eu gostava de conhecer também o seu perfil,
24 que formação académica é que tem, as habilitações, a área de formação.
- 25 **RSE2:** Anita, eu sou bióloga marinha. Estudei na Universidade do Algarve, em pré-
26 Bolonha, portanto, ainda com cinco anos de licenciatura. Não tenho mais formação
27 académica. Fui ainda bolseira de investigação científica, [risos], trabalhei no CRIP Sul,
28 em Olhão, e, entretanto, surgiu esta oportunidade chamada Fluviário de Mora, quando
29 eu estava lá a trabalhar, e na altura que concorri a essa bolsa, portanto, coloquei
30 também de imediato tudo em pratos limpos no meu local de trabalho, que se surgisse a
31 oportunidade de concorrer para aqui, concorreria e assim foi.
- 32 **E:** Há pelo menos 16 anos que já existe.

33 **RSE2:** Exatamente. Há 17, neste caso.

34 **E:** E a Ana já exerce este cargo..., em termos de categoria, a que cargo é que
35 corresponde à sua função aqui?

36 **RSE2:** Eu sou responsável pelo Programa Pedagógico do Fluviário de Mora. Eu sou
37 uma Coordenadora da Educação no Fluviário de Mora, desde 2010. Entretanto, quem
38 até 2010 foi a Coordenadora da Educação foi a professora Joana Duarte, que,
39 entretanto, saiu para continuar os seus estudos, na altura, ela ainda conseguiu quase
40 finalizar o seu mestrado aqui, já finalizou, espero eu o seu doutoramento também, e,
41 portanto, aqui estou..., agora desde 2010...

42 **E:** E essas funções são acumuladas para além de ter essa componente ligada ao
43 programa educativo, como é bióloga, acumula com outras funções?

44 **RSE2:** A professora Joana Duarte desde sempre estabeleceu uma relação de muita
45 proximidade com a biologia através da minha pessoa, porque também sentia este apoio,
46 não é, fazia sentido que a biologia, portanto, acompanhasse a parte educativa e não
47 formal do Fluviário de Mora. E, então, trabalhamos sempre em muita proximidade e eu
48 também, na altura, dava algum apoio também na sala, sempre que podia, ela falava
49 comigo também para sugerir atividades que ela pudesse incorporar, portanto, foi todo
50 um processo de construção, foi...

51 **E:** Foram aprendendo mutuamente...

52 **RSE2:** Uma com a outra, portanto, como interligar áreas tão técnicas, áreas educativas,
53 interligando para que resultasse no conjunto uma oferta de atividades que
54 proporcionasse o melhor dos dois mundos do Fluviário, porque o Fluviário tem muitos
55 mundos, tem uma missão abrangente, como sabe a Anita...

56 **E:** Este é um aquário, público, neste caso...

57 **RSE2:** Um aquário público com uma missão cultural, científica, pedagógica, etc. e,
58 portanto, que combinasse todas estas vertentes, que fosse transversal a todas estas
59 vertentes e daí resultasse o melhor para a oferta aos visitantes do Fluviário de Mora.

60 **E:** Ok. E quais foram as motivações? Eu sei que estava a trabalhar em Loulé?

61 **RSE2:** Olhão. Olhão...

62 **E:** Em Olhão, e quais foram as motivações que a levaram, se calhar de uma situação
63 já mais confortável, para um projeto novo, construído de raiz? Quais são as motivações
64 também que estão na base do desempenho destas funções, sobretudo ligadas ao
65 serviço educativo?

66 **RSE2:** A Anita, há pouco falava-me do seu filho de 5 anos, ah, ter um interesse
67 fantástico já por todos os animais, por natureza, por tudo o que é a ver com o espaço
68 natural, património biológico. Eu tenho registos em cadernos, também com essa idade,
69 com desenhos do fundo do mar.

70 **E:** Então tem uma paixão já antiga, não é?

71 **RSE2:** Antiga a paixão. E na altura, eu sempre percebi que quando quis seguir esta
72 parte da biologia marinha, ah, não havia já continuação dos estudos aqui em Mora.
73 Portanto, eu tinha para mim que nunca mais voltaria à minha terra. Mas eu adoro a
74 minha terra, eu adoro o Concelho e eu... quer seja pela parte familiar e até mesmo pela

75 pré-disposição pessoal, sempre tive muito contacto com a natureza e... quando surgiu
76 esta oportunidade de haver um Fluviário [risos]... na minha terra, não pensei duas vezes.

77 **E:** O regresso às origens naquilo que mais gostava, não é? E poder também transmitir
78 esses conhecimentos a terceiros.

79 **RSE2:** Exatamente...

80 **E:** E agora falando um bocadinho aqui do Fluviário propriamente dito e deste serviço
81 educativo. Eu percebi que da legislação, aliás, a legislação enquadra o Fluviário nos
82 zootécnicos, o Decreto-Lei 59, com as alterações mais tarde, e obriga ao cumprimento de uma
83 série de regras, não é?

84 **RSE2:** Exatamente...

85 **E:** Mas gostava que me falasse aqui, precisamente, da data da criação, dessas
86 motivações. Já vimos que foi dia 21 de março, já nos fomos adiantando.

87 **RSE2:** Mas a ideia surgiu muito antes.

88 **E:** Muito antes. Podia-me falar um bocadinho sobre esse processo?

89 **RSE2:** Aliás, a ideia já decorreu há 22 anos atrás. A ideia na altura..., o presidente da
90 Câmara Municipal de Mora, era José Manuel Manaia Sinogas. E este presidente queria
91 trazer para um concelho que estava em fase crescente, na visão dele, de desertificação
92 já então. Ele queria atrair pessoas para o concelho, eventualmente empresas,
93 investimentos, colocar o Concelho de Mora no mapa, criar emprego. E ele queria fazer
94 algo diferente, deixar uma obra com o melhor que o Concelho tinha. A ideia do Fluviário
95 surgiu da seguinte forma, reza a lenda, [risos]... se assim que quiser: aqui em Cabeção,
96 estamos a dois quilómetros mais ou menos de Cabeção, aliás já estamos em Cabeção.

97 **E:** E no Parque Ecológico do Gameiro.

98 **RSE2:** E surgiu num restaurante, em Cabeção, o restaurante "Palmeira", num almoço
99 de amigos, com o Sr. Presidente, que eu já referi o nome, o Engenheiro Neto, que já
100 faleceu, o arquiteto paisagista Nuno Lecoq, esposas também, e também a filha ainda
101 bebé do senhor arquiteto [risos]... E, então, nesse almoço, o Sr. Presidente realmente
102 pediu aos amigos ideias que pudessem corresponder a estes pressupostos a que ele
103 queria dar resposta, a este legado que ele queria deixar. E o Sr. Arquiteto, depois de
104 muitas sugestões avançadas, disse "Oh Homem, faça um Fluviário". E consta que, então
105 José Manuel Manaia Sinogas se virou para o seu amigo e disse "é isso mesmo que eu
106 vou fazer, mas agora tem que me explicar o que é um Fluviário" [risos], e ele explicou.
107 E, portanto, tudo isto surgiu no dia 11 de fevereiro de 2001 e foi aqui que nasceu o
108 Fluviário.

109 **E:** Depois fez todo o seu percurso, questões legais para reunir as condições...

110 **RSE2:** Exatamente, angariar, portanto, concorrer a todos os projetos para fundos
111 comunitários, para haver apoio, os muitos entraves, toda a época política, social e
112 económica muito conturbada, de muitas alterações, então, mas aqui está um Fluviário.
113 Este Fluviário, este edifício em si, tem uma arquitetura irrepreensível, gostos à parte....

114 **E:** Já falaremos, se me permite, mais à frente, sim?

115 **RSE2:** Portanto, essa era muito a ideia, criar, colocar o Fluviário de Mora, em Mora,
116 para colocar Mora no mapa. O Sr. Presidente de então até dizia que antigamente as

117 cartas que vinham para Mora eram encaminhadas para Moura mas agora já era ao
118 contrário, [risos]..., as que vinham para Mora...

119 **E:** Neste processo legal, não é, e que obriga a cumprimento de uma série de requisitos
120 um deles tinha a ver precisamente com a questão de serem obrigados a ter um
121 programa educativo e científico também.

122 **RSE2:** Também, porque a detenção de fauna selvagem, flora selvagem às vezes,
123 portanto, algumas das espécies muito ameaçadas, não se pode fazer de ânimo leve.
124 Tem que haver todo um cuidado, um compromisso de zelar pelo bem-estar animal e
125 que estas espécies sejam como embaixadoras, não é, no âmbito da conservação da
126 natureza. É muito esse trabalho que aqui se faz também.

127 **E:** E, e aí se calhar está um bocadinho a missão.

128 **RSE2:** É isso mesmo.

129 **E:** Que é a conservação, a sensibilização também, de todos.

130 **RSE2:** Sempre. A tomada da tal consciência que eventualmente levará à alteração de
131 atitudes para com...

132 **E:** Então essa seria a missão que atribuiria aqui ao Fluviário. E essa missão encontra-
133 se materializada nalgum documento ou de onde é que consta?

134 **RSE2:** No nosso programa pedagógico, não o inicial, porque nós arrancámos com um
135 programa pedagógico, quer dizer, o Fluviário foi todo formado por uma imensa equipa
136 técnica e teve muitos apoios de muita gente, felizmente, que, pessoas muito inteligentes,
137 também muito dedicadas e que conseguiram levar este Fluviário a bom porto para que
138 todo este projeto passasse do papel para a realidade. E também, portanto, neste aspeto,
139 o primeiro programa pedagógico não foi avançado por nós, porque o Fluviário foi um
140 projeto de chave na mão. Mas o programa pedagógico e científico que foi avançado de
141 início não correspondia à tal legislação, na sua totalidade. E também o Fluviário, quando
142 abriu, já foi ao abrigo desse Decreto-Lei. Muitos parques zoológicos, muitos aquários
143 abriram, foram inaugurados, sem este Decreto-Lei, antes, sem estar em vigência.

144 **E:** Porque esse é de 2003..

145 **RSE2:** Mas o nosso não, o Fluviário não. O Fluviário já abriu, portanto, de acordo com,
146 e, então, como continuava a haver estas alíneas todas, muitas alíneas levantadas, tanto
147 pela agora de DGAV, quanto pelo ICNF, fomos trabalhando o projeto pedagógico e o
148 científico para que de facto desse resposta.

149 **E:** Cumprisse a questão legal, as exigências...

150 **RSE2:** Exatamente.

151 **E:** E para além dessa missão também, deduzo, que nesses documentos do programa
152 científico e do programa educativo constem também os objetivos do serviço educativo.

153 **RSE2:** Exato.

154 **E:** E como é que descreveria esses objetivos, em termos gerais?

155 **RSE2:** Em termos gerais, como a Anita já disse, ganhar a sensibilização, portanto, de e
156 para com a natureza. E já mencionei isto, portanto, as espécies que temos são

157 embaixadores animais, nós não temos enormes quantidades de espécies, nós tentamos
158 sempre que elas se reproduzam, não induzimos reprodução.

159 **E:** É tudo da natureza, nos ciclos, respeitando sempre os ciclos, os ecossistemas...

160 **RSE2:** Na natureza, procurar sempre melhorar os habitats, a qualidade da água, a
161 alimentação. Se tudo, todas estas condições estiverem o mais reunidas possível, no seu
162 melhor para aquela espécie em questão, certamente a reprodução irá ocorrer.

163 **E:** E o serviço educativo tem aí esse papel também de explicar isso, ou não?

164 **RSE2:** Exatamente. Nós explicamos...

165 **E:** Como é que vê o papel do serviço educativo a esse nível...

166 **RSE2:** Não estou a perceber bem a pergunta, Anita.

167 **E:** Vou, vou tentar explicar-me de outra forma. Aliando essa necessidade de preservar
168 e de dar a conhecer, de que forma é que o serviço educativo pode contribuir para esse
169 fim, para esse objetivo?

170 **RSE2:** Nas nossas visitas, com as nossas atividades, seja a grupos de seniores, seja a
171 título familiar, com a explicação até do início do Fluviário, [risos]..., portanto, que nos
172 obriga a falar do Concelho... ah...

173 **E:** A proximidade ao rio...

174 **RSE2:** Por exemplo, da Ribeira da Raia, as relações de pesca e tradições de pesca que
175 temos no Concelho, as relações que temos com a natureza, seja, por exemplo, a nível
176 da agricultura, da silvicultura, pastorícia e não só, portanto, tudo isto, porque é assim,
177 no Alentejo creio eu, o sistema de montado....

178 **E:** Está tudo interligado, complementam-se, não é?

179 **RSE2:** É um sistema muito interessante, é um sistema que resulta de um grande
180 equilíbrio com o ser humano e com as atividades do ser humano.

181 **E:** O respeito.

182 **RSE2:** Exatamente. O montado tradicional, a exploração do montado tradicional, do
183 olival tradicional, tudo isto resulta de uma questão de respeito e de equilíbrio. Eu
184 costumo dizer que os alentejanos são muito de viver e deixar viver [risos]... É o espírito
185 Alentejano, [risos]..., que é o ideal, é o ideal. Agora, transmitir isto a pessoas diferentes,
186 com uma cultura diferente, é trazê-los um bocadinho para a cultura do Alentejo, [risos]...

187 **E:** Não tinha pensado nisso, mas agrada-me a ideia [risos]... Ana, avançando um pouco,
188 estava-me a dizer que esta ideia do Fluviário tinha nascido no âmbito de um executivo
189 camarário, uma ideia de um presidente que queria fazer algo diferente aqui pela sua
190 terra. O Fluviário já foi uma empresa municipal. Neste momento, como é que está
191 posicionada em termos de organograma, pertence à Câmara Municipal de Mora?

192 **RSE2:** Exatamente, a atividade foi internalizada, não quero ocorrer em erro, mas, salvo
193 erro, foi em 2015, foi internalizada a atividade do Fluviário de Mora na Câmara Municipal
194 de Mora. Até então tinha funcionado como empresa municipalizada, ou municipal, se
195 quiser.

196 **E:** E em termos orgânicos, de que setor é que depende?

197 **RSE2:** Na área dos museus, neste momento, [risos]..., na área dos museus, [risos]...,
198 portanto, o Sr. Vereador João Marques, neste momento, tem o pelouro dos museus. Há
199 uma coordenadora técnica dos museus, a Cristina Nunes, que já a conheceu também,
200 e a Cristina Nunes, portanto, depois tem aqui o apoio da Luísa Sousa, do Rui Oliveira.

201 **E:** Já são específicos, trabalhadores aqui do Fluviário.

202 **RSE2:** Exatamente, a primeira coordenadora técnica da Biologia, o Rui Oliveira é
203 responsável por toda a área de manutenção do espaço e do edifício em si.

204 **E:** E a Ana surge também aí...

205 **RSE2:** Eu surjo aqui na educação, [risos]...

206 **E:** Na educação, mas na dependência de algum desse setor?

207 **RSE2:** Sempre! [risos]..., porque eu acabo por dar resposta na mesma às atividades da
208 Biologia, mas também às da parte educativa.

209 **E:** Muito bem, e, ah, em termos do funcionamento do próprio serviço educativo, se existe
210 algum regulamento, se existe, se está disponível para consulta ou não? Eu percebi que
211 têm as visitas, os circuitos todos pré-definidos, mas há algum regulamento sobre o
212 serviço educativo propriamente dito?

213 **RSE2:** Só em termos de organograma. Portanto, também o nosso serviço educativo é
214 muito pequeno, como a Anita já pôde constatar.

215 **E:** Mas tem uma riqueza imensa, seguramente, nas atividades que vi, fiquei admirada.

216 **RSE2:** Obrigada. A oferta tenta abranger o máximo possível do público-alvo, por assim
217 dizer, dos interesses variados que possam existir. Mas nem sempre se consegue chegar
218 também a tudo, não é, sim, mas nós de facto temos essa oferta.

219 **E:** E, e... não existindo, então, um regulamento propriamente para a utilização do
220 serviço educativo, isso, podemos interpretar que existindo o programa educativo e o
221 científico, se calhar já não há necessidade de dar...

222 **RSE2:** Exatamente, era isso que eu ia dizer, Anita, era mesmo isso que eu ia dizer.
223 Portanto, o serviço educativo, o regulamento do serviço educativo é aquele programa
224 pedagógico e é o programa científico.

225 **E:** Está lá tudo explicado.

226 **RSE2:** Está lá tudo e, portanto, a interação de equipa, por vezes participam nas
227 atividades de serviço educativo elementos da biologia também, quer seja nas visitas
228 guiadas, quer seja em atividades como aquarista por uma hora.

229 **E:** Já tive oportunidade de ver...

230 **RSE2:** Ou visita aos bastidores, quem melhor do que alguém da área de biologia para
231 mostrar os bastidores ou fazer um aquarista por uma hora, não é?

232 **E:** E Ana, só agora aqui ainda nesta questão mais burocrática, a questão do plano de
233 atividades, relatório de atividades, como é que isso se materializa, se existe, se
234 contribuem, porque fazem parte de uma orgânica, não é, como é que se estrutura?

235 **RSE2:** Já contribuímos, desde que a atividade foi alargada, portanto, foi internalizada
236 na Câmara Municipal de Mora, que participamos do relatório de atividades municipais,
237 portanto, a atividade do Fluviário, desde sempre, é transmitida, para ser englobada
238 neste relatório de atividade municipal.

239 **E:** E deduzo que haja então uma grande interação entre esses vários serviços e setores
240 que compõem tanto a Câmara como o próprio Fluviário.

241 **RSE2:** Exatamente. Sim e não é só o serviço educativo, a parte, cá está, científica,
242 depois também a atividade educativa é inserida na atividade municipal.

243 **E:** E, agora, voltando à questão dos recursos humanos, que já me foi falando também.
244 Eu tinha interesse em conhecer a equipa. Diz-me que ela é reduzida, mas eu queria
245 conhecê-la em termos de quantidade, as formações, o tipo de vínculo que têm?

246 **RSE2:** Sim, sim. Ah, todas as pessoas que trabalham no serviço educativo já têm um
247 vínculo com o Fluviário, não são pessoas que se vão buscar para fazer, por exemplo,
248 uma prestação de serviços.

249 **E:** Têm um contrato de trabalho em funções públicas, provavelmente?

250 **RSE2:** Exatamente, em funções públicas. Têm a sua formação inicial, mas devo já
251 alertar, Anita, que aqui a formação é, de facto, muito desejada, [risos]...

252 **E:** E necessária...

253 **RSE2:** E necessária. Aqui somos todos um bocadinho autodidatas. Muita da formação
254 que aqui ocorre é por interesse, porque a pessoa sente que tem que estudar e muitas
255 vezes esse estudo ocorre por ela própria. Claro que pode haver uma orientação, quer
256 tenha sido por parte da Joana Duarte, quer tenha sido por parte de uma orientação
257 minha, o apoio dos elementos da biologia, esta interação entre as equipas ocorre
258 frequentemente, [risos]...

259 **E:** Está tudo interligado, uma coisa não existe sem a outra.

260 **RSE2:** Exatamente. Claro que se for um dos biólogos a explicar como é que é, é de uma
261 forma muito mais técnica, mas se for alguém do serviço educativo, já será de uma forma
262 mais amigável [risos]...

263 **E:** Adequando a linguagem ao público?

264 **RSE2:** Exatamente, por vezes tem de ser bastante mais simplificada, mas sem perder
265 o conteúdo importante.

266 **E:** É, é, ... como é que eu hei de explicar isto? Ah, o facto de, se calhar essa diferença
267 entre os técnicos de uma área e os técnicos do serviço educativo porque têm que ter a
268 capacidade nas suas funções de processar a informação de forma a que seja, possa
269 ser interiorizada pelo visitante, pelo público.

270 **RSE2:** Exatamente, eu quando lhe falo disto estou a falar de mim própria porque eu só
271 tenho licenciatura em Biologia Marinha e Pescas. Só. E quando cheguei aqui tive de ler
272 muito. Até filosofia... [risos]... Sim, sim, sim, bem-estar animal, por exemplo e fui ler
273 Cristina Beckert, que infelizmente já faleceu, fui ler o utilitarismo, fui ler Peter Singer, por
274 exemplo. Acho a Filosofia a mãe de todas as ciências, [risos]..., para começar, mas isso
275 sou eu..., talvez a Anita não estivesse à espera de eu ter ido ler Filosofia, mas sim...

276 **E:** Mas sim, faz sentido...

277 **RSE2:** Fui ler obviamente os conteúdos de outros aquários públicos, com certeza, tive
278 que me documentar também.

279 **E:** Para poder exercer as funções de forma adequada?

280 **RSE2:** Exatamente. E não só de Portugal, do mundo inteiro.

281 **E:** E para além da Ana, também os outros técnicos sentem essa necessidade?

282 **RSE2:** Sim, sim, sim.

283 **E:** De fazer atualizações?

284 **RSE2:** Sim, sim.

285 **E:** Há alguma exigência legal que vos obriga a fazer determinadas formações em
286 determinadas áreas?

287 **RSE2:** Não, mas eu faço-as, vou fazendo..

288 **E:** Mas sente essa necessidade, não é?

289 **RSE2:** Eu vou fazendo formações, por exemplo, educação ambiental, quando são
290 promovidas por outros aquários, falando com outros educadores também de outros
291 aquários e até de parques zoológicos. É muito importante esta troca de experiências e
292 de conhecimentos.

293 **E:** Ana, e ainda voltando à equipa, propriamente dita, em número quantos são?
294 Apresentou-me a Rosa e a Vera, são três elementos, é isso? E as formações desses
295 elementos são de que área? Também da biologia?

296 **RSE2:** Não, não.

297 **E:** São esses três elementos que são afetos ao serviço educativo?

298 **RSE2:** Sim, estão afetos para realizarem atividades, portanto, para dar apoio, por
299 exemplo, na atividade da visita guiada ou para dar apoio nas atividades do programa
300 pedagógico, mas atividades como oficinas ambientais e, portanto, a formação é muito
301 diversa, por exemplo, a Dra. Vera é formada em turismo, a Rosa não tem formação
302 universitária.

303 **E:** Tem a experiência?

304 **RSE2:** Tem a experiência aqui. Tem o gosto, a Rosa adorava seguir biologia, portanto,
305 tem este gosto muito grande por esta parte toda também da natureza. É desejável sim,
306 senhor, esta formação na área da educação ambiental.

307 **E:** E ainda em relação às funções que desempenham, sendo uma equipa de três
308 elementos, como é que se organizam?

309 **RSE2:** Em termos de?

310 **E:** Em termos das atividades, se são polyvalentes ou se são afetos a uma área
311 específica, uma só faz visitas, outra só faz oficinas, como é que funciona? Como é que
312 se estão organizados a esse nível?

313 **RSE2:** Consoante a experiência e também já a longevidade na casa... [risos]... , também
314 se vai adquirindo experiência à medida que passamos mais tempo na casa e à medida
315 que vamos desempenhando certas funções, assim será distribuído. Portanto, ah, eu,
316 neste momento o elemento mais novo é a Rosa.

317 **E:** Já estão há muitos anos cá ou quando diz mais novo é quanto tempo de
318 permanência? Um mês, dois meses, um ano?

319 **RSE2:** [risos]... Um ano, vamos dizer que a Rosa está de serviço educativo há um ano,
320 vamos dizer assim, nem tanto, mas já vem um bocadinho a acompanhar estas
321 atividades desde que aqui trabalha, porque a Rosa nem sempre esteve afeta a este
322 serviço. A Rosa neste momento está afeta à bilheteira e à parte educativa de realizar
323 visitas guiadas e eu também gosto que a Rosa vá assistindo às atividades, às oficinas
324 ambientais para também começar...

325 **E:** Uma formação em contexto de trabalho.

326 **RSE2:** É, é.... [risos]... mas tem sido muita vez assim. A Vera tem agora uma função
327 um bocadinho mais exigente e, portanto, não pode prestar tanto apoio nas visitas
328 guiadas, mas sempre que é necessário, também está. A equipa de Biologia, em tempos,
329 já prestou muito apoio às visitas guiadas. A Cristina Nunes fez imensas visitas guiadas,
330 a Luísa fez algumas visitas guiadas, mas não queremos neste momento que isso
331 suceda. Queremos separar aqui um bocadinho as águas. Educação, na educação,
332 biologia, na biologia, interagindo, como é evidente, mas não precisar constantemente,
333 não ser o primeiro recurso. Haver, de facto uma equipa da educação que seja ela a
334 primeira a dar resposta à parte educativa e não ir buscar elementos a outras áreas do
335 Fluviário.

336 **E:** Mas, sente que há necessidade de haver um reforço dessa equipa? E como... , se
337 sim, como é que vê que se então as parcerias/questão das parcerias podem ser uma
338 forma de reforçar a equipa? Porque através do projeto científico têm uma parceria com
339 uma entidade que é a Universidade de Évora que também vos acrescenta muito nesta
340 área, não é?

341 **RSE2:** Seria muito interessante, mas eu vou-lhe ser aqui completamente sincera no
342 fator da formação, [risos]..., em contexto de trabalho é trabalhoso formar quem quer que
343 seja, não é, leva tempo, e ver essas pessoas a irem-se embora, oh oh...

344 **E:** Porque há um investimento muito grande e é muito, altamente especializado este
345 serviço?

346 **RSE2:** Exatamente e a Anita sabe perfeitamente do que é que eu estou a falar de
347 certeza e portanto, investir, todo o investimento aqui também é pessoal nós passamos
348 aqui a maior parte do nosso dia. Estamos a trabalhar, portanto o investimento é em
349 contexto de trabalho, mas é pessoal também. Investir e depois ver as pessoas a não
350 ficar... é muito complicado.

351 **E:** Mas, tirando isso que é sem dúvida importante, mas sente que havia necessidade
352 então do reforço da equipa?

353 **RSE2:** Sim, sim, e essa necessidade já foi transmitida à coordenadora técnica dos
354 museus, Cristina Nunes, e ao senhor vereador que então tinha o pelouro dos museus
355 neste momento, é então o senhor vereador João Marques, mas como já tinha falado
356 com a Cristina, certamente ela já lhe passou essa informação. Neste momento estão a
357 decorrer concursos, já estão em fase final, finalmente, [risos]...., e aguardamos todos
358 ansiosamente pela chegada de novos elementos.

359 **E:** E há algum critério de seleção desses recursos?

360 **RSE2:** Sim, sim. Há critérios, com certeza, vários critérios, desde entrevistas à avaliação
361 de conhecimentos.

362 **E:** Mas tem preferência por alguém que já tenha experiência nesta área, que tenha
363 determinada formação?

364 **RSE2:** Esses requisitos todos estão no aviso, estão, estão. Está tudo no aviso, nos
365 avisos colocados pela Câmara Municipal, por este executivo está tudo lá, tudo o que é
366 pretendido para cada posição de cada posto de trabalho. E, certamente, também a
367 disponibilidade para realizar visitas guiadas, consoante o concurso...

368 **E:** Assim se exige um determinado perfil?

369 **RSE2:** Exatamente.

370 **E:** E agora pegando um bocadinho...

371 **RSE2:** Só um bocadinho, Anita.

372 **E:** Sim, sim, desculpe interrompê-la,...

373 **RSE2:** Pela minha parte e penso que é o desejável em todas as áreas, em todos os
374 trabalhos, é consolidar uma equipa. Com certeza que é muito desejável virem elementos
375 de fora, com certeza, por exemplo, realizar um estágio ou um voluntariado, se assim
376 fosse, mas consolidar uma equipa é fundamental.

377 **E:** Pois, como a Ana dizia, é a questão do investimento que é feito na formação daquela
378 pessoa, na qualificação, e depois não se, não traz valor ou não pode ficar.

379 **RSE2:** Não pode ficar.

380 **E:** Sim, compreendo...., ah, e como estava a dizer também, agora, falando um pouco
381 do edifício, porque de facto tem aqui uma arquitetura diferente.

382 **RSE2:** Fantástica!

383 **E:** E parece-me que foi criado propositadamente para este efeito, até pela conversa que
384 já tivemos. Como é que ele está organizado? A visão do arquiteto, como é que foi
385 pensado, se me puder falar um bocadinho disto?

386 **RSE2:** Eu conheci o senhor arquiteto que concebeu este projeto, o senhor arquiteto
387 Pedro Appleton e a ideia dele era criar uma infraestrutura, portanto, despojada, que não
388 chocasse, portanto, com toda esta harmonia da paisagem natural, aqui do Parque
389 Ecológico do Gameiro que invocasse um celeiro do Alentejo.

390 **E:** Que giro, por isso é que tem aquelas barras.

391 **RSE2:** Exatamente, aqueles pórticos fabulosos que dão todo um contexto diferente e
392 visualmente muito interessante, mas também faz lembrar aquelas sombras entre-
393 cortadas, quer seja das árvores, quer seja de... o edifício é todo branco exatamente para
394 evocar as casas pintadas com cal, o branco da cal, o branco da cal, sim, do Alentejo, o
395 Alentejo todo é assim. Internamente o edifício está equipado como a Anita já teve a
396 oportunidade de visitar, uma área expositiva, ou seja, para o visitante e uma área de
397 bastidores, a área técnica, onde ocorre todo o trabalho da biologia e de suporte à área
398 expositiva. Também temos um café, que está praticamente a ser reinaugurado, por

399 assim dizer, quando houver a nova gerência... [risos]... e o restaurante também irá ter
400 uma esplanada que foi construída há pouquíssimo tempo. Temos também o Parque
401 Ecológico do Gameiro que tem algumas valências.

402 **E:** Não é só o edifício, propriamente dito...

403 **RSE2:** Não...

404 **E:** Está inserido aqui nesta área...

405 **RSE2:** Nesta área, toda a área envolvente é muito importante, estamos em Cabeção no
406 Parque Ecológico do Gameiro, em plena rede Natura 2000. Nesta área, ocorre mais de
407 60% de uma espécie da nossa flora global, a nível global, [risos]...

408 **E:** 60% é um número elevado?

409 **RSE2:** É muito elevado, [risos]...Temos aqui o passadiço de madeira ao longo da
410 Ribeira da Raia.

411 **E:** E o rio também...está aqui...

412 **RSE2:** Temos uma zona de lazer, temos aqui, [risos]... já tivemos em tempos, um centro
413 de interpretação ambiental. Neste momento está um bocadinho fechado, vai sendo
414 utilizado eventualmente e ocasionalmente pelos amigos da Natureza de Cabeção.
415 Penso que há projetos...

416 **E:** Para reativar?

417 **RSE2:** Para reativar, mesmo que sejam em moldes diferentes aquele espaço para se
418 promover esta continuidade entre o Fluviário, o Parque Ecológico do Gameiro e o
419 próprio Concelho, portanto, para que o Fluviário funcione como o tal polo.

420 **E:** Gerador, mobilizador de todo o concelho?

421 **RSE2:** Exatamente.

422 **E:** Ana, e, retomando para dentro do edifício, como é que ele está estruturado? Eu
423 percebi que tem percursos expositivos, não é?

424 **RSE2:** Nós temos um percurso só. Há de facto parques zoológicos e aquários que têm
425 vários percursos dentro do percurso, mas o nosso percurso é unidirecional, portanto,
426 nunca se volta atrás, o percurso é único, sempre.

427 **E:** E nesse percurso também já percebi que têm exposições temáticas em determinadas
428 áreas. Fale-me, um bocadinho, por favor, dessa forma de organização do espaço.

429 **RSE2:** O Fluviário é completamente diferente, logo à entrada, porque nós entramos,
430 sem ser numa entrada, nós entramos numa loja e numa bilheteira, [risos]..., e
431 geralmente esses espaços não são coexistentes noutras instituições nem noutros
432 edifícios. Existe uma bilheteira que é bilheteira e depois existe uma loja.

433 **E:** No final do percurso está a loja.

434 **RSE2:** Exatamente, o nosso não. E temos a entrada e a saída no mesmo espaço.

435 **E:** Por portas diferentes.

436 **RSE2:** Por portas diferentes. Portanto, o percurso começa exatamente aí, entramos
437 numa sala que dá as boas-vindas a todos os visitantes e seguimos para o percurso de
438 um rio. É a exposição fulcral do Fluviário, porque ela é toda dedicada ao paradigma de
439 um rio ibérico, da nascente até à foz, chegando ao oceano. E realmente, se olharmos
440 para essa exposição, parece que começamos no norte de Portugal, [risos]..., com
441 aqueles macios graníticos a invocar o norte, uma região montanhosa do norte, e
442 terminamos, parece que estamos nas arribas de Portimão, [risos]...

443 **E:** Todo o país.

444 **RSE2:** Todo o país, de norte a sul. Com algumas espécies, com certeza, as nossas
445 espécies dos nossos rios e, cada vez mais, temos espécies exóticas invasoras nos
446 nossos rios, é um problema, mas elas fazem parte dos nossos rios e algumas já são
447 invasoras e exóticas, exóticas, já não são invasoras, exóticas desde o século XVII.

448 **E:** Já estão consolidadas, já fazem parte.

449 **RSE2:** Já são exóticas residentes, pelo amor de Deus, já deviam ter o visto, [risos]...,
450 desde que não constituam uma ameaça às nossas espécies, portanto...

451 **E:** Sim, desde o século XVII já tiveram tempo para...

452 **RSE2:** Sim, sim...

453 **E:** Muito bem, e, Ana, esses espaços, também para além desse percurso, também vi
454 uma sala de aula. Há auditório?

455 **RSE2:** Sim, portanto, há auditório. Esse é o primeiro percurso, é o percurso do rio. Findo
456 esse percurso, temos uma exposição estática sobre um projeto, neste momento que é
457 o Life Águeda, do qual somos parceiros. De seguida, temos os monstros do rio, partimos
458 para o lago e vimos os lontrários também. Passamos o passadiço sobre o lago, que,
459 inicialmente era um espelho de água, entramos na sala Saramugo, depois, em tempos
460 a sala Saramugo, foi uma área de exposições temporárias, aquelas que a Anita teve a
461 oportunidade de ver cá em baixo.

462 **E:** Nos bastidores em que só vai, só vão os técnicos, mas também alguns visitantes.

463 **RSE2:** Alguns visitantes, alguns visitantes. E depois, então, temos a sala de aula que
464 nem sempre esteve aberta ao público. A sala de aula sofreu uma grande transformação!
465 Quando abrimos ao público a sala de aula, era sala de aula/laboratório e tinha uma
466 bancada cheia de lupas e microscópios.

467 **E:** Ainda vi lá um, pelo menos um, [risos]...

468 **RSE2:** Está lá, muito bem, [risos]..., paredes brancas, armários todos brancos, algumas
469 mesas e cadeiras e dada a afluência inicial de visitantes do Fluviário, era impraticável
470 conseguirmos ter aquele espaço aberto. Mas a ideia daquele espaço era ele servir
471 quase como uma sala de aula externa a alunos universitários e ainda assim serviu para
472 alguns. Um professor de [impercetível] ou patologia da Universidade de Évora ainda
473 veio cá com os seus alunos dar uma aula.

474 **E:** Então aquele espaço, inicialmente, foi pensado para um público mais...para o ensino?

475 **RSE2:** Exatamente, para o ensino, para o ensino mais tradicional.

476 **E:** Mas agora não é nada assim.

477 **RSE2:** No dia da criança de 2008, 1 de junho de 2008, a sala de aula levou assim uma
478 enorme volta, [risos]...[risos]..., e ficou, desde então, para sempre aberta ao público e
479 esperemos que assim continue. Um espaço para todos os visitantes, por vezes está
480 reservado para que possam ocorrer e decorrer as atividades, programadas e também
481 pedidas e, por isso, nunca mais fechou. Mas, como é que a sala abriu? Aqui vou falar
482 da Joanelha, [risos]..., abriu com plasticina, abriu com cartolinas pretas e giz dentro de
483 um alguidarinho de barro para escreverem a opinião nas cartolinas, abriu com a pintura
484 livre, abriu com colagens, abriu com materiais da natureza para explorar numa lupa,
485 abriu com o ciclo de vida da truta conservados em frasquinhos com formol, uns ovos,
486 depois o passo seguinte do desenvolvimento, a Anita vai poder ver tudo isto.

487 **E:** Obrigada.

488 **RSE2:** [risos]..., até que chegam a juvenil e nunca mais fechou ao público aquela sala
489 e espero que continue sempre aberta, porque é de facto ali que pode ocorrer a
490 consolidação da visita. É uma sala de estar para os visitantes. Devo acrescentar que
491 também é feita pelos visitantes e pelas crianças que nos visitam, dos zeros ao 100,
492 [risos]..., é feita pelas pessoas e para aquelas pessoas.

493 **E:** E não é um espaço só formal, é um espaço que pode ser de uma conversa, de uma
494 atividade, de uma oficina.

495 **RSE2:** Sim, sim, muitas vezes os nossos visitantes, por exemplo, enquanto aguardam
496 a alimentação das lontras, por exemplo, podem estar naquele espaço com a família a
497 conversar, enquanto ali se realiza uma atividade, podem folhear um dos livros que temos
498 na sala, jogar um jogo que temos na sala, porque não? [risos]...

499 **E:** E, e estava-me a falar desses materiais, ah, que têm disponíveis esses materiais,...
500 podia-me falar um bocadinho mais sobre eles, explorar um bocadinho essa área e que
501 materiais é que existem, os equipamentos que têm, se eles são adequados ou não às
502 atividades que promovem?

503 **RSE2:** Nós procuramos sempre muito os materiais que temos imediatamente à nossa
504 disposição no espaço envolvente, também para proporcionar o contacto do lá dentro
505 com o cá fora, [risos]..., porque acho que é importante servirmos também como zona
506 de transição neste aspeto.

507 **E:** Porque depois as pessoas também vão aplicar aquilo que conheceram no exterior,
508 na sua vida.

509 **RSE2:** Exatamente. É essa a nossa vontade, é essa a nossa mensagem, não é? E,
510 portanto, promover um bocadinho até esta continuidade de..., entre materiais dos
511 diferentes espaços, não deixar que seja algo completamente diferente, portanto,
512 aproximar as zonas entre si e levarem-nas também um bocadinho consigo, porque
513 certamente que na sua terra também vão encontrar e começar a dar atenção ao que
514 está à sua volta, na sua natureza, no seu local, a dar atenção, outra atenção. Quantas
515 pessoas não chegam, por exemplo, ao espaço do Fluviário e apanham um pezinho de
516 alecrim ou rosmaninho... com certeza, e é muito agradável, [risos]..., portanto, nós
517 temos sempre esses materiais. Em tempos, houve um microscópio na sala de aula e
518 nós optámos pela lupa. Nesse microscópio, chegou a existir preparações definitivas em
519 lamelas, de, por exemplo, fígado de um peixe, de um parasita...

520 **E:** É muito também pela experimentação, não é só estarem a absorver os conteúdos.

521 **RSE2:** O que acontece? Muitas vezes a sala funciona por si, muitas vezes, não está lá
522 uma pessoa sempre a orientar.

- 523 **E:** A visita pode ser guiada ou livre?
- 524 **RSE2:** As atividades têm que ser autosuficientes e muitas vezes a exploração é feita do
525 visitante, pelo visitante, para o visitante, nós não estamos a orientar, simplesmente
526 estamos a disponibilizar o ambiente, é um bocadinho como a natureza funciona.
- 527 **E:** Não estão a invadir.
- 528 **RSE2:** Exatamente, não estamos a invadir.
- 529 **E:** Estão a proporcionar.
- 530 **RSE2:** Estamos a proporcionar, estamos a dar e não estamos a exigir de volta, mas
531 esperemos que realmente ao dar que levem.
- 532 **E:** Passem a mensagem?
- 533 **RSE2:** Exatamente, [risos]..., o microscópio só não funcionou muito bem e achámos
534 que a certo ponto se podia tornar perigoso, porque por vezes partiam a lamela e vidro
535 partido não é um elemento desejável naquele espaço, nem estalado nem nada, então,
536 optámos pela lupa.
- 537 **E:** E os próprios, como um investigador, não é?
- 538 **RSE2:** Exatamente, como investigadores. A lupa binocular. E então proporcionámos
539 algumas caixinhas de Petri, com por exemplo, um pedaço da muda de pele da
540 anaconda, [risos]... , a muda de uma escama da carapaça de um cágado, noutra um
541 bocadinho de areia do rio, porque não, uma escama de peixe, uma borboleta morta... e
542 daqui deixar, portanto, toda esta área sensorial trabalhar também em prol da descoberta
543 e da proximidade, [risos]...
- 544 **E:** Ana, isto tudo tem um custo muito elevado, porque só os aquários têm uma dimensão
545 e exigem uma manutenção muito grande.
- 546 **RSE2:** Ainda bem que é só áudio, [risos]...[risos]...
- 547 **E:** Agora, para mim, seria interessante também perceber que fontes de financiamento é
548 que têm, o orçamento, porque fazem parte, uma vez mais refiro, do município, as verbas
549 não devem ser, ah..., mas que fontes de financiamento têm? Como é que é feita essa
550 afetação das verbas? O que é que me pode dizer sobre isso? É uma questão sensível,
551 [risos]...
- 552 **RSE2:** É muito sensível esta questão, Anita, mas vou-lhe dizer que, felizmente, a
553 participação em projetos é sempre uma mais-valia, não só em termos de
554 reconhecimento, de dar resposta também a esta vertente do Fluviário, que é a vertente
555 científica, estamos cá para isso, sem dúvida alguma, criámos o Núcleo de Investigação
556 Científica do Fluviário de Mora para isso mesmo e, também devo salientar, na parte
557 educativa, que eu tento ser o mais sovina [risos]... e unha de fome possível,
558 [risos]...[risos]...sofro de sovinice crónica, [risos]...
- 559 **E:** [risos] Mas quando tudo à sua volta pode ser explorado...
- 560 **RSE2:** E, portanto, o financiamento... eu tento que os materiais também sejam o mais
561 simples possível, porquê? Se eu vou pôr materiais muito fantásticos e depois, e muito
562 únicos, muito exclusivos, muito só próprios daquela sala, daquele espaço, o visitante
563 quando sair não vai encontrar nada disso à sua disposição. Vai-se ligar com o quê?

564 [risos]... Se eu colocar um material corriqueiro, que possa ser um pouco trabalhado, já
565 é diferente! Corriqueiro, quero eu dizer...

566 **E:** Que está comum, de fácil acesso.

567 **RSE2:** Exatamente, já é diferente. É claro que eu tenho de ter algum recurso a materiais
568 como tintas, como...

569 **E:** E no orçamento é possível? Essa gestão está... até no plano de atividades também,
570 já está, as verbas que são necessárias.

571 **RSE2:** Exatamente. É sempre pedida autorização, com certeza, para a aquisição
572 desses materiais. Eu não faço uma requisição, por exemplo, anual, faço à medida que
573 surge a necessidade. Os materiais têm de ser esses, eu, por vezes, trago alguns
574 materiais meus diferentes, até levo, por exemplo, quando vou aqui às escolas, levo
575 alguns materiais meus diferentes para também terem contacto com materiais diferentes,
576 mas eles não são de todo a base da atividade.

577 **E:** O que interessa é mesmo ir buscar as pessoas para aprenderem e depois levarem?

578 **RSE2:** E depois levarem.

579 **E:** Para aplicarem depois no seu dia a dia e, aí, não têm de facto, lá o microscópio ou....

580 **RSE2:** Não, não têm.

581 **E:** Têm é a natureza e os cuidados que têm de ter.

582 **RSE2:** Temos a lupa binocular, qualquer lupa consegue, um recipiente de vidro com
583 água também pode servir de lupa, não é por aí... [risos]...

584 **E:** É puxar pela imaginação. Mas voltando ainda aqui à questão dos financiamentos
585 através de... de bolsas de investigação ou de projetos comunitários.

586 **RSE2:** Sim, por exemplo neste aniversário tivemos o apadrinhamento das lontras-
587 europeias e há muita vontade deste executivo de alargar esta iniciativa a muito mais
588 áreas e a muito mais espécies do Fluviário de Mora. As lontras europeias foram
589 apadrinhadas neste aniversário pela Mercearia Alentejana, uma empresa do Concelho,
590 mas não tem de ficar pelo Concelho, nós temos muito gosto, ficámos felicíssimos por
591 ter sido a Mercearia a ter apadrinhado as lontras europeias, com certeza, mas, a
592 vontade é alargar este tipo de iniciativa a todo o Fluviário.

593 **E:** E ao país, não é?

594 **RSE2:** Exatamente.

595 **E:** E ao estrangeiro que possam querer em termos de mecenato, de parcerias que
596 podem ser criadas.

597 **RSE2:** Era muito bom. Está previsto desde o primeiro dia do Fluviário haver mecenato,
598 com certeza, para haver este apoio, porque, obviamente nós não temos... a ideia do
599 Fluviário não passa pelo lucro, sim, passa por dar resposta à sua missão.

600 **E:** Muito bem e, ah... a sua missão, voltando também, fazendo aqui um paralelo ou uma
601 continuação, ah... sendo a missão do Fluviário a promoção do conhecimento e
602 salvaguarda dos ecossistemas, o trabalho que têm vindo a desenvolver no serviço

603 educativo, ah, nomeadamente consolidado ou previsto no programa educativo "Falas
604 do Rio" que decorreu entre 2009 e 2011 e agora o "Gota a Gota"...

605 **RSE2:** Exatamente, 2009 e 2011... entre esses houve muitos mais... [risos]...

606 **E:** Eu consegui ter acesso a esses e percebi. E gostava agora, se fosse possível, que a
607 Ana me falasse sobre esses projetos, as atividades educativas.

608 **RSE2:** As atividades educativas propriamente desenvolvidas pelo programa?

609 **E:** No geral, no Fluviário, não só nesses programas, eu vi que tinham algumas, mas que
610 tipo de atividades é que são promovidas, ah, as suas características, falar-me um
611 bocadinho, ah, sobre o vosso trabalho em concreto.

612 **RSE2:** Ele evolui, ele flui. O nosso trabalho flui, temos de olhar para o Fluviário como
613 uma janela de tempo e contextualizada no, na nossa época e pelas várias épocas
614 porque passou também e à medida que também essas épocas iam surgindo, assim ia
615 flutuando a equipa do serviço educativo, assim ia flutuando a disponibilidade para
616 conseguir realizar certas atividades e dar resposta a outras e até mesmo com as
617 valências disponíveis então, portanto, as atividades muitas vezes também são
618 organizadas em função das valências imediatamente disponíveis e adjacentes ao
619 Fluviário, mesmo no Concelho, não só no Parque Ecológico do Gameiro, portanto,
620 quando houve CIAmb, também foram criadas...

621 **E:** CIAmb, é o quê?

622 **RSE2:** Centro de Interpretação Ambiental, foram criadas atividades que conseguissem
623 estabelecer o paralelo entre o Fluviário, o CIAmb e o exterior e o Concelho.

624 **E:** E em concreto, que tipo de atividades? Por exemplo, eu percebi que têm "Se eu fosse
625 um peixinho", as "Pedras no rio". Fale-me um bocadinho sobre isso, [risos]...

626 **RSE2:** Posso falar?

627 **E:** Claro, deve! [risos]...

628 **RSE2:** Destas em particular? [risos]...

629 **E:** Estas são do programa deste ano.

630 **RSE2:** Exatamente.

631 **E:** Mas, era um bocadinho conhecer em detalhe estas atividades e como é que elas são
632 planeadas, planificadas, não é, se são feitas em parceria com a escola ou não?

633 **RSE2:** Nós pedimos sempre que, por favor, marquem com antecedência as atividades,
634 qualquer atividade, seja ela uma visita guiada, um aquarista por uma hora, uma oficina
635 ambiental, que são as nossas atividades para escolas, especialmente pensadas para
636 escolas. Eu não me esgotei muito nas atividades, a planear as atividades para as
637 escolas, mas é uma planificação morosa, leva muito tempo e consome muito tempo a
638 pensar.

639 **E:** Mas é a Ana que faz sozinha, vai buscar, vai buscar ajuda também ao exterior, com
640 professores, há uma parceria?

641 **RSE2:** Falo, felizmente, com muitos professores, têm sido valiosíssimos, e com
642 educadoras e educadores, são valiosíssimos para mim, para que eu depois consiga
643 realmente construir estas pequenas atividades com conteúdo, com conteúdo.

644 **E:** Sim, senão não faz sentido.

645 **RSE2:** Não, não faz. E implementá-las. Devo dizer que tem sido desde 2020 a 2022
646 foram uns anos difíceis para o Fluviário devido à questão da pandemia e toda a gestão
647 da equipa. Foram anos muito, muito complicados, em que realmente houve uma quebra
648 da nossa oferta de atividades muito grande, todavia, fizemos programa pedagógico,
649 simplesmente alargámo-lo, mas esse programa pedagógico foi terrível, porque
650 praticamente não foi colocado em prática.

651 **E:** As escolas estiveram fechadas ou era tudo remoto, aqui é muito pela experiência do
652 espaço.

653 **RSE2:** É, tem que haver experiência do espaço. Para nós não fazia muito sentido haver
654 o *online* na altura. Eu falei disto com a minha colega Luísa, falámos disto várias vezes
655 com a Vera, com o Rui Oliveira e não nos fez sentido, porque as crianças já tinham uma
656 carga horária *online* terrível e estar a dar resposta a algo que é para ser experienciado
657 mais uma vez de forma *online*.

658 **E:** Sem um sentido.

659 **RSE2:** Sim, sabe a pouco, não é?

660 **E:** Não fazia muito sentido.

661 **RSE2:** Acho que era Lichtenberg, [risos]..., ele tem umas frases fabulosas, o que é que
662 ele dizia? "De nada serve ler receitas quando se está faminto", [risos]...

663 **E:** Não mata a fome.

664 **RSE2:** Sim, não mata a fome. E, na altura, depois de muito discutirmos este aspeto
665 também, "ah, devias fazer qualquer coisa, bem, certo, ok, vou tentar isto, ah, mas não
666 funciona, vou tentar de outra maneira", chegámos à conclusão que realmente a fome
667 continuava lá, não é verdade? E não era a ler receitas ou dar receitas a ler que se ia
668 matar a fome [risos]...

669 **E:** Certo Ana, e...

670 **RSE2:** Vou continuar só com mais uma coisa... Eu e a Joaquina costumávamos dizer
671 que as pessoas tinham fome de natureza. Agarrando aqui um bocadinho neste dia... é
672 fome de natureza. Como eu dizia à Anita há bocado e tenho dito a vários colegas de
673 outros parques zoológicos, a natureza é o melhor professor. E quando pela primeira vez
674 eu falei com a Joaquina, nesta interação biologia e educação, fui buscar Takashi Amano,
675 estamos a falar em 2006, Takashi Amano com a sua filosofia um bocadinho oriental,
676 com a filosofia, com a parte estética do wabi-sabi que no seu processo para implementar
677 num aquário é um bocadinho artificial, mas o resultado é tão harmonioso quando se
678 consegue finalmente atingir o ponto de equilíbrio dos aquários que ele conseguia, era
679 tão harmonioso e este senhor, para mim, o que ele transmitia através da fotografia dos
680 aquários da natureza, como ele explicava, não tem nada de natural, [risos]... tenho que
681 dizer, porque ele mistura uma série de espécies, é muito à força de fertilizantes, as
682 plantas também utilizadas são de várias partes do mundo, nenhuma é autóctone, mas
683 para nós isso representava um problema, mas o que ele dizia era fantástico, que era
684 um aquário pode ser um grande professor, [risos]...

685 **E:** E é! O que é que se pode aprender?

686 **RSE2:** Porquê? Porque a natureza é o grande professor, portanto, ele dizia isto o
687 aquário é um grande professor e na realidade é. Quem tem aquários em casa sabe que
688 é preciso saber um bocadinho de química, um bocadinho de biologia, um bocadinho de
689 zoologia, talvez um bocadinho de botânica, também um bocadinho de geologia. Há uma
690 série de áreas de conhecimento dentro de um aquário e isto é muito interessante. Eu
691 não aconselho ninguém, obviamente, a ter num aquário um peixe como primeiro animal
692 de estimação para cuidar, porque é preciso...

693 **RSE2:** Pela exigência?

694 **E:** Exatamente, pela exigência toda. E conseguir que determinadas espécies se
695 reproduzam, então, valha-nos Deus, pior ainda. A parte da alimentação, tudo, tudo, tudo.
696 O controle dos parâmetros, porquê? Porque os peixes são animais completamente
697 diferentes de um mamífero. E até nós percebermos essa sensibilidade de um animal
698 tão adaptado a um meio completamente diferente do nosso, que é o aquário, leva
699 tempo. E, portanto, nós obviamente não..., mas tivemos muitas atividades, por exemplo,
700 aquário à minha medida, muitas, muitas crianças vieram fazer e alguns adultos também,
701 que explicavam um bocadinho todos estes passinhos e áreas de conhecimento...

702 **E:** Que é preciso congregar para ter um aquário.

703 **RSE2:** Exatamente, desde cálculo de volumes, [risos]..., desde conseguir idealizar o
704 habitat para aquela espécie. Obviamente não vamos ter uma espécie de água quente
705 em água fria, nem de água doce em água salgada. Quantos peixinhos palhaço, [risos]...,
706 não terão morrido por causa daquele filme terrível? [risos]... Pois, coitadinho, não vale
707 a pena, é necessário realmente haver esta transmissão de conhecimentos e de
708 experiências.

709 **E:** E nessas diversas atividades, não é?

710 **RSE2:** Nessas diversas atividades, estão lá...

711 **E:** Com um grau maior de estruturação, com outro menor...

712 **RSE2:** Sim, mais lúdicas ou mais pedagógicas. Mas tem que haver um bocadinho o
713 fundamental. Eu costumava dizer, a uma colega que passou pela educação também,
714 pelo nosso serviço educativo, que a mensagem era sempre a mesma, a nossa
715 mensagem era sempre a mesma: ama-te a ti mesmo e respeita-te a ti mesmo, respeita
716 a natureza, ama a natureza.

717 **E:** Ao respeitarmo-nos também estamos a respeitar o meio ambiente, o nosso contexto.

718 **RSE2:** A nossa mensagem em todas as atividades é sempre igual, é esta.

719 **E:** Para depois levarem, uma vez mais, para o exterior e aplicar.

720 **RSE2:** Com certeza que uma vez estamos a falar da importância da água doce, outra
721 vez estamos a falar da biodiversidade e o porquê da biodiversidade? O que é isto da
722 biodiversidade? Porquê é que estamos a falar da importância daqueles peixinhos que
723 nós temos que são tão feiinhos, coitadinhos, e tão pequeninos? As bogas, as pardelhas.
724 Quem é que quer saber de uma pardelha? Até o nome parece assim uma coisa
725 qualquer, mas não, não, eles são importantes e passa muito por valorizar, precisamente,
726 a nossa terra.

727 **E:** Uma vez mais a ligação aqui, com a comunidade.

728 **RSE2:** Com a comunidade, com o que eles, o que temos de oferta em termos de
729 património natural e biológico, com certeza, e valorizar o Alentejo, por favor, e esta
730 cultura muito do "vivo e deixa viver".

731 **E:** Ana, e ainda voltando, retomando a questão da planificação. Falava-me há pouco
732 que se apoia em alguns, até informalmente, deduzo, ah, mas existe o cuidado, por
733 exemplo, de articular estas, ou planear e também os conteúdos das atividades serem
734 feitos em articulação com o currículo escolar?

735 **RSE2:** Nós vamos ler todos os documentos das metas curriculares.

736 **E:** Para conseguirem planear e conceber as atividades?

737 **RSE2:** Mas nós não nos ficamos pelas ciências, só, nós vamos ler mesmo tudo. Claro
738 que nos vamos basear numa ciência do meio ou numa biologia, mas vamos ler um
739 bocadinho de tudo. Mas, para nós, serviço educativo, nós vamos de encontro à..., mas
740 não quer dizer que tenhamos de ser..., nós não somos ensino formal, peço desculpa! O
741 ensino formal está muito bem como está, é pelos professores, pela educação formal, as
742 escolas a fazer o que sabem fazer melhor. Nós não somos uma escola de todo, portanto,
743 e, como já dissemos aqui, se um aquário é um grande professor em filosofia,
744 matemática, botânica, biologia, zoologia, está lá tudo. Portanto, eventualmente, com
745 certeza, vai sempre passar por aí, vai sempre passar por aí, vai sempre roçar o
746 programa curricular das escolas, mas nós não somos a escola, nós não ensinamos,
747 sensibilizamos para... e pedimos, por favor, que... [risos]...

748 **E:** Sim, educar para..., mas é inegável que o tema da água consta e está presente nos
749 currículos, em várias...

750 **RSE2:** Está sempre, em várias.... Sim, nos vários ciclos de ensino, sempre, coitadinhos
751 deles, "Quanto tempo é o ciclo da água?" Quantas vezes não se fala no ciclo da água?

752 **E:** E vocês aqui também aproveitam o Fluviário para falar nessas componentes?

753 **RSE2:** Sim, sim.

754 **E:** E aí, quando vos procuram, as escolas ou uma família, nas visitas que são orientadas,
755 que são guiadas, há uma preparação prévia?

756 **RSE2:** Já houve, já houve. No momento não há.

757 **E:** Alguém que manifeste "olhe, eu gostava mais de explorar isto".

758 **RSE2:** Mas há professores que fazem às vezes até questão de nos visitar primeiro e
759 conversar connosco primeiro antes de virem. Há professores que antes da visita
760 preparam os alunos mesmo sem nos visitarem, vão ao nosso *site*, por exemplo,
761 consultam o nosso programa pedagógico, as nossas atividades e preparam a visita com
762 os seus alunos. Alguns trazem folhas, já com algumas perguntas, com um sumáriozinho
763 e um resumo do dia da visita e depois com questões e/ou perguntas para darem
764 resposta ao longo da visita. Isto é muito interessante. Há professores, por exemplo, que
765 planeiam connosco: "Ah, o que é que acha em termos de atividade que eles poderiam
766 fazer pós visita neste dia ou neste espaço?", por exemplo. Claro que eu acabo por falar
767 neste espaço aqui exatamente onde estamos. Por vezes nós construímos uma ficha, já
768 tem acontecido, construímos nós a ficha para o pós visita, para que possam consolidar
769 a visita. Isto é gratuito, Anita, porque nós temos as oficinas ambientais que não são

770 gratuitas e o nosso desejo é que haja esta participação. Criámos outra estratégia de
771 oferta para diversificar também a oferta da visita só guiada ou só da oficina ambiental
772 ou só das atividades da aventura ambiental para quê? Criámos outra estratégia
773 interessante. Ah, é inegável e todos os professores e educadores com quem eu falo
774 acabam maioritariamente por ir de encontro a esta questão que é da diminuição do
775 tempo de concentração nas crianças, muito devido a toda esta questão do imediatismo
776 *online: tablets, iphones*, o que seja. E nós criámos, eu e a Cristina, a Vera, falámos com
777 o Rui e criámos uma forma de visita, uma estratégia de visita que talvez vá um
778 bocadinho de encontro a isto que é o educador ambiental na sala de aula durante meia
779 hora.

780 **E:** Concentrado. Que é para ser eficiente, não é?

781 **RSE2:** Sim. E ninguém ouve durante meia hora, ouvem 15 minutos. E depois temos
782 aquele espaço tão colorido, tão atraente, com atividades, vamos fazer atividades, com
783 certeza, então temos atividades diferentes mensais, portanto, uma escola que nos visite
784 em fevereiro e vá à sala de aula não vai encontrar as mesmas atividades, por exemplo,
785 de uma escola que nos visitar em março, ou abril ou maio. Ah, eu penso que esta parte
786 também é importante, porque começa a haver tantas coisas para fazer e este espaço é
787 tão agradável, nós também não deixamos roubar tempo do pouco tempo que trazem.

788 **E:** Senão é contraproducente?

789 **RSE2:** Claro, tempo, do pouco tempo que trazem e os horários tão restritos de chegada
790 e de partida para também usufruírem deste espaço maravilhoso e até se quiserem irem,
791 por exemplo, conhecer outras valências do nosso concelho, por exemplo, imagine que
792 queriam ir ver o Museu do Megalitismo, que é tão giro.

793 **E:** Porque ali à entrada dá para comprar o bilhete dois em um.

794 **RSE2:** Tal e qual, por exemplo, com certeza, que se chegam às dez e meia ou onze
795 horas, têm visita guiada, fazem uma oficina ambiental, já ficam muito curtinhos de tempo
796 para ainda irem usufruir de outras valências e não há necessidade, não há necessidade.
797 Assim podem também ter mais disponibilidade para...

798 **E:** E aí uma vez mais é questão das parcerias, não é? De procurar parceiros para
799 devolver atividades, desenvolver o Concelho.

800 **RSE2:** Já tem havido, por exemplo, universidades de seniores que vão à Olaria das
801 Brotas quando vêm visitar o Flúviário, [risos]..., que é interessante também.

802 **E:** Eu desconhecia essas questões, mas acho que sem dúvida que são muito
803 interessantes. E Ana, agora ainda retomando as atividades, se tivesse que eleger, das
804 atividades promovidas, qual seria aquela que acha que motiva mais ou que é a mais
805 procurada?

806 **RSE2:** Tivemos uma em tempos, a culpa foi de um Sr. Ministro, [risos]..., tivemos uma
807 atividade em tempos que era a “matemática nos rios”, [risos]...

808 **E:** Já percebi que é sensível esta questão...

809 **RSE2:** Não, não, não, foi ótimo, foi ótimo, foi ótimo! Matemática nos rios surgiu no
810 contexto de desmistificar a matemática. Nós tínhamos aquela atividade ali para ser uma
811 atividade como todas as outras. Só que calhou numa altura em que o Ministro da
812 Educação, de então, deu muita relevância à matemática. E apontou uma série de metas
813 para as escolas relacionadas com a matemática. E a nossa matemática nos rios era um

814 bocadinho diferente! A nossa matemática nos rios não passava pela parte formal,
815 passava pela aplicação à parte não formal e totalmente informal da matemática, e nós
816 começávamos a atividade, a atividade: “Vocês sabiam que um aquário está cheio de
817 matemática? Não! Vocês sabiam que a natureza está cheia de matemática?
818 Impossível!”, [risos]...

819 **E:** Também foi para desmistificar um bocadinho...

820 **RSE2:** Claro! Deixarmos de ter medo da matemática, quem não tem medo da
821 matemática? Quem é? Raras são as crianças, coitadas, às vezes porque a matemática
822 é trabalhada de uma forma tão abstrata, quando na realidade ela está apenas em tudo.
823 No nosso mundo físico, ela está presente de uma ponta a outra e essa atividade foi
824 muito, muito pedida, mas mesmo muito pedida de todas as outras que tínhamos
825 disponíveis, então, essa atividade foi super...

826 **E:** A que teve maior procura...

827 **RSE2:** Outra das atividades mais antigas que o Fluviário tem é “Se eu fosse um
828 peixinho” – Joaquina Duarte em ação, [risos]...

829 **E:** Já tem uns aninhos então.

830 **RSE2:** Já tem muitos aninhos, “Se eu fosse um peixinho”, portanto, trabalhar com o pré-
831 escolar [risos]...: o que é um peixe? O seu revestimento? Se tem..., como é que respira?
832 Respira? Vê? Ouve? Tem medo? Sente alegria? Será possível? Trabalhar um
833 bocadinho esta parte. Começar a criar a identidade de um animal como um ser vivo e
834 não uma coisa, também, passa muito por aí e explorar toda a parte lúdica de que um
835 peixe é, porque há peixes muito coloridos, uns têm as bolinhas, outros têm risquinhas,
836 outros são muito brilhantes, outros escondem-se, outros são.... [risos]...

837 **E:** São mais irrequietos... Certo, Ana, e esses são aspetos positivos..., e pensando um
838 bocadinho mais nos constrangimentos que sentem na organização destas atividades,
839 ou até também vendo o lado positivo, que incentivos, não é, esse era um dos incentivos,
840 perceber, ah..., ver que valia a pena as reações. Mas, falava-me aqui se existem alguns
841 constrangimentos ou incentivos para a realização de determinada atividade. O que é
842 que sentem a esse respeito? Qual é a sua perceção?

843 **RSE2:** Não percebo muito bem a pergunta, Anita.

844 **E:** Vou reformular, a ideia é perceber se sente algum constrangimento...

845 **RSE2:** Em realizar alguma atividade?

846 **E:** Sim, pode ser um constrangimento financeiro ou pode não haver interesse...

847 **RSE2:** Nós temos sempre atividades que não são muito requisitadas por um motivo ou
848 outro, em dada altura. Geralmente, o que nós fazemos é uma atividade que não tenha
849 sido pedida é porque não teve interesse nem impacto e é posta de lado. Nós não
850 alimentamos atividades que não sejam pedidas.

851 **E:** Então um dos critérios também para o desenvolvimento das atividades também tem
852 a ver com a procura? Com o interesse manifestado?

853 **RSE2:** Claro, porque aquela atividade, se, tenha sido no seu conteúdo, na sua
854 planificação, na sua divulgação, não funcionou, portanto, se não funciona, é como na
855 natureza, o que não funciona...

856 **E:** Elimina-se...

857 **RSE2:** E na natureza isto é feito de forma draconiana. É mesmo, o que não funciona de
858 todo é para sair, [risos]...

859 **E:** A lei da sobrevivência. E há algum constrangimento financeiro? Porque a Ana
860 também me dizia que muitas das visitas ou muitas das atividades propostas, há algum
861 custo associado, ah, têm a bilheteira...

862 **RSE2:** Exatamente, exatamente, temos a bilheteira, ponto.

863 **E:** Então, têm um custo associado essas atividades?

864 **RSE2:** Tem, exceto as da sala de aula, quer dizer, há custo associado, mas também há
865 retorno.

866 **E:** Mas a própria escola tem que se organizar em termos de... bilheteira, não é para
867 poder frequentar...

868 **RSE2:** Exatamente. Sim, nós temos uma série de planos que são um bocadinho mais
869 em conta, pedidos em conjunto, do que pedir cada uma das atividades, isoladamente e
870 esses planos já são com preço...

871 **E:** É um programa leva... quase leve 3 pague 1...

872 **RSE2:** É quase..., olhe, se pedir uma visita livre com uma sala de aula com o educador
873 ambiental durante meia hora é X, se pedir uma visita guiada com uma oficina ambiental,
874 é Y.

875 **E:** E acha, Ana, que de alguma maneira, ah, o facto de ter um custo associado influencia
876 a adesão do público a estas atividades, ou não?

877 **RSE2:** Sim, sim, sem dúvida alguma e acho que vai continuar a influenciar. Mas o
878 público português, aquilo que me foi transmitido depois de eu conversar com outras
879 pessoas também, com outros colegas, é que não vê com bons olhos a gratuidade,
880 pensa que é algo sem valor.

881 **E:** É grátis, portanto não presta.

882 **RSE2:** É grátis, logo não presta. Isto é uma coisa um bocadinho estranha. Lá por ser
883 grátis, penso eu, mas isso sou e, o sol é grátis, por enquanto, a chuva é grátis, por
884 enquanto, as coisas boas da vida, este ar magnífico aqui do Parque Ecológico do
885 Gameiro, também é grátis e é belíssimo. Mas quando é um serviço, realmente penso
886 que há esta..., um serviço humano, se não houver um custozinho nem que seja
887 simbólico associado é porque não presta. E é uma pena, porque na nossa sala de aula
888 eu creio que temos algumas atividades com valor, vale a pena estar e conhecer aquele
889 espaço, é gratuito o que lá está disponível para todos os visitantes.

890 **E:** Porque já faz parte do pacote da entrada?

891 **RSE2:** E só não está lá, exatamente, só não vai lá quem não quer, ainda bem que muita
892 gente vai lá.

893 **E:** Muito bem, Ana. E agora passando para a compreensão da oferta educativa
894 propriamente dita. Como é que é organizada essa oferta? Se é feita, suponho, em

895 função dos objetivos do serviço, mas também das necessidades do utilizador? Também
896 já me foi falando um bocadinho com isto, das datas comemorativas ou não?

897 **RSE2:** É um bocadinho de tudo. Exatamente, é jogando com todos estes fatores, com
898 toda a equipa do Fluviário, com os recursos humanos do Fluviário também, com as
899 valências que temos no Concelho e especificamente aqui no Parque Ecológico do
900 Gameiro, claro, temos que valorizar tudo isto que está aqui e é maravilhoso e sempre
901 indo buscar um bocadinho a riqueza do Concelho, a riqueza natural do Concelho, que
902 é o que de melhor o Concelho tem para oferecer, a meu ver.

903 **E:** E é um público diversificado?

904 **RSE2:** Muito diversificado.

905 **E:** E com as atividades pensadas?

906 **RSE2:** Culturalmente, Portugal é tão pequenino, mas de norte a sul, somos tão diversos,
907 acho eu...

908 **E:** Ah..., mas Ana, ainda retomando aqui a questão da forma como está organizada e a
909 quem é que se destina..., mas a questão do público já falaremos mais à frente, mas foi-
910 me dizendo que tinham atividades para o primeiro ciclo, para o segundo ciclo, terceiro
911 ciclo...

912 **RSE2:** Para o secundário, até ao ensino secundário.

913 **E:** A oferta não é igual para todos? Podia-me falar um bocadinho sobre o vosso
914 pensamento em relação a isso?

915 **RSE2:** Não, mas poderia ser, Anita, eu poderia ter, “Se eu fosse um peixinho”, ou “Se
916 eu fosse um peixe”, para o pré-escolar, para o primeiro ciclo, para o segundo, para o
917 terceiro, para o secundário, e não falar para nenhum dos ciclos de ensino da mesma
918 coisa. À medida que íamos fluindo pelos ciclos de ensino, iríamos aprofundando de
919 forma diferente e mais adequada já à faixa etária, claro, a tudo, aos conhecimentos, a
920 toda a perceção que o ser humano vai ganhando à medida que vai estando neste mundo
921 e vai evoluindo na sua aquisição de conhecimentos, iríamos aprofundando a atividade
922 de forma diferente, porque já tivemos, por exemplo, os “Tanganhos Animados”, é uma
923 atividade com uma forte componente lúdica, e ela já foi feita até com elementos do
924 ensino secundário e correu muito bem, [risos]...

925 **E:** Mas há esse cuidado então de adequar...

926 **RSE2:** Ir trabalhando os materiais, a transmissão da mensagem também, um
927 bocadinho, consoante a faixa etária, consoante a experiência já de vida...

928 **E:** O nível de escolaridade?

929 **RSE2:** Convém, convém muito...

930 **E:** Para conseguirem tirar partido, não é?

931 **RSE2:** Se bem que... e ainda bem que a Anita falou neste aspeto, se bem que nós
932 muitas vezes nas visitas não nos condicionamos muito pela idade escolar. Se uma
933 criança nos faz uma pergunta já um bocadinho diferente daquela que seria expectável
934 para a sua idade escolar, essa pergunta tem que ter resposta. Mesmo que a criança

935 não perceba algum termo técnico, essa criança tem que ter uma resposta, nem que seja
936 só essa criança.

937 **E:** A vossa missão ali é precisamente esclarecer.

938 **RSE2:** Exatamente, exatamente.

939 **E:** E partilhar o conhecimento, por isso faz sentido que não deixem...

940 **RSE2:** Dentro de uma linguagem, talvez ainda, entre o apropriado para a faixa etária,
941 mas com um bocadinho já mais de termos técnicos, essa criança tem que ter uma
942 resposta e nós não negamos essa resposta. "Ai, mas eles ainda não sabem isso".

943 **E:** Mas vão...

944 **RSE2:** Mas podem ter agora o primeiro conceito, não há problema, porque muitas vezes
945 há professores que dizem "Ai, mas eles ainda não deram isso", "não faz mal", peço
946 desculpa, peço desculpa de dizer que não faz mal. Eu muitas vezes fiz perguntas que
947 tive resposta que só percebi melhor a resposta muito mais tarde, [risos]...

948 **E:** Mas pelo menos teve o conforto de ter uma resposta.

949 **RSE2:** Exatamente.

950 **E:** Ana, podemos avançar, Ana?

951 **RSE2:** Pode!

952 **E:** E também, toda essa forma de organização das atividades tem um pensamento por
953 trás. Tem um modelo pedagógico que suporta isso? Como é que caracterizava o modelo
954 pedagógico que vocês desenvolvem aqui ao que seguem? Ou seja...

955 **RSE2:** É um modelo ..., não é um modelo do professor tradicional, não é! É mais do
956 educador, é o modelo mais do educador, sem dúvida, do educador, nós não somos o
957 professor, não queremos ser o professor!

958 **E:** É a natureza é que é o professor, vocês são os mediadores para isso?

959 **RSE2:** Exatamente! Ai, Anita, muito bem posto, pois nós somos os mediadores, tanto
960 que Joaquina cunhou esse termo de educador ambiental, também a Joaquina tinha
961 formação em educação, ela era educadora de infância, primeiro, mas realmente o que
962 faz sentido é ser o educador, porque o professor é a natureza ou a professora.

963 **E:** Não têm aquela questão de o professor ensina os de baixos, ou seja, aquele modelo
964 hierárquico?

965 **RSE2:** Não.

966 **E:** Valorizam também os conhecimentos daqueles que estão a participar nas atividades?

967 **RSE2:** Em filosofia *zen*, salvo erro, houve um monge, acho que foi Takuan Soho, que...
968 não, não, ..., foi um espadachim chamado Yagyū Munenori que teve precisamente um
969 monge budista, Takuan Soho, a escrever para ele, trocavam cartas entre eles, era isso
970 mesmo, e entre as quais está uma citação, isto tudo salvo erro, Anita, [risos]..., ah, que
971 nós não devemos só ver, olhar da montanha para o vale e nem do vale para a montanha.
972 Para conhecermos tanto o vale como a montanha temos de subir a montanha e olhar
973 para o vale e para conhecermos o vale não nos chega só a visão vista de cima da

- 974 montanha, temos de ir ao vale e olhar então para a montanha. Neste processo todo,
975 não há só o topo, nem a base...
- 976 **E:** Há todo um caminho ali pelo meio, que há que explorar?
- 977 **RSE2:** Há todo um caminho, exatamente, e esse caminho é muito interessante. Esse
978 caminho tem várias etapas, temos de ir parando para descansar de certeza absoluta,
979 especialmente quando estamos a subir e, por vezes, também, quando estamos a descer
980 temos de ir parando, senão escorregamos muito depressa e ainda caímos. Portanto, há
981 todo este processo, nós estamos no meio, nós estamos mesmo no meio.
- 982 **E:** E têm uma componente muito prática, muito de experiência, não tanto de exposição?
- 983 **RSE2:** Muito prática, muito lúdica, também, tentamos que seja lúdica, muito sensorial.
984 Nós, inclusivamente, temos sempre esses materiais um bocadinho aqui da natureza
985 também para isso, “Ai, que chatice! Está seco, está molhado, é áspero, ai que nojo”, são
986 tudo reações... é esta falta de familiaridade ainda, [risos]..., com esta parte!
- 987 **E:** Não estão habituados a explorar.
- 988 **RSE2:** Claro, claro que sim, mas nós temos que promover esta parte, promovemos esta
989 parte, muitas vezes com a experimentação não científica.
- 990 **E:** Porque isso fica mais para a parte da escola, é isso?
- 991 **RSE2:** Sim, sim, sim. Eu sei que agora, muitas vezes, leva-se os meninos à beira-mar
992 ou à beira-rio, com os camaroeiros, com os tabuleiros e umas chaves dicotómicas de
993 identificação de espécies, para quê?, se eles estão ao rubro, só de verem um bicho a
994 mexer-se? [risos]...! Isto, ninguém vai ouvir, eles não os vão ouvir, não vão estar a
995 identificar coisa nenhuma, de certeza, penso eu, querem é explorar. E não podem
996 perder essa parte de exploração, primeiro vem a exploração, depois vem, então o resto,
997 digo eu. Eu já os tenho trazido aqui à beira-rio, ao pé da Ribeira, simplesmente apanha-
998 se uma mãozada de água da ribeira, que tem uma série de animais a mexerem-se e
999 plantas flutuantes, o delírio, o delírio total! Mas, ... sim, têm que experimentar, mas
1000 quando eu falo, quando eu falo de experimentar, se calhar não estou a usar a palavra
1001 certa, têm que experienciar, têm que experienciar primeiro. Eu experienciei muita coisa
1002 com os meus avós, com os meus pais, nesta parte da natureza aqui do Concelho e acho
1003 que neste momento, um bocadinho por força também das circunstâncias, muitos pais e
1004 muitos avós não têm esta possibilidade de proporcionar esta experiência aos mais
1005 novos.
- 1006 **E:** Uma passagem de conhecimentos, de saber.
- 1007 **RSE2:** E que é fundamental, penso eu, para o nosso desenvolvimento!
- 1008 **E:** Ana, e em relação a esta oferta educativa, ela está suportada nalgum documento de
1009 referência? Em que é que se apoiam para elaborar, nomeadamente, o projeto educativo,
1010 o programa científico? Eu vi, por exemplo, no 2009/2011, mencionavam a iniciativa da
1011 UNESCO sobre a “Década da educação para desenvolvimento sustentável”. Podia-me
1012 falar um pouco sobre o que está por detrás da organização deste pensamento? Que
1013 entidades é que tem como referência e que documentos na área da educação,
1014 sobretudo?
- 1015 **RSE2:** Ai, Anita, tantos! [risos]...
- 1016 **E:** Só alguns, só alguns! E se acha que são importantes ou não?

1017 **RSE2:** Anita, nós na educação vamos procurar documentos com valor, com valor
1018 reconhecido, de preferência, claro, e muitas vezes também aprofundo a exploração a
1019 autores específicos, como já lhe mencionei e até autores que nada têm a ver com a
1020 educação ambiental nem com organizações, mas que podem proporcionar uma boa
1021 mensagem, por vezes até um conto. Até um conto pode ser uma boa, um bom
1022 instrumento de educação ambiental. Nós começamos por aprender com histórias,
1023 a Joaquina era contadora de histórias, é uma contadora de histórias fabulosa, as nossas
1024 primeiras lições são os contos, certo?

1025 **E:** Estava a pensar precisamente nisso!

1026 **RSE2:** E então muitas vezes no Fluvial nós também temos de contar uma história,
1027 não só a do Fluvial. Quando nós estamos a começar aquela viagem pelo percurso do
1028 rio, nós estamos a contar uma história. A Joaquina tinha uma autora, Andreia Cavaleiro,
1029 salvo erro, que dizia que a barragem, identificava a barragem e o rio com a fase da
1030 adolescência, são aquelas águas todas ali contidas e de repente bum... temos a
1031 descarga. E através dessa analogia nós aplicámos uma analogia também a todo o
1032 percurso do rio, também com aquela citação que está logo na placa de boas-vindas que
1033 a Anita se calhar ainda não viu, mas vai ver, e que "O rio é como um ser vivo" e nós
1034 aplicamos um bocadinho essa analogia. O rio também nasce, brinca nas quedas de
1035 água da nascente e das montanhas enquanto é uma criança, não é, faz o seu caminho,
1036 há-de, eventualmente, vou abreviar a analogia, até chegar ao mar, portanto, e aí tem a
1037 sua plenitude. Ah, vou abreviar esta analogia, mas é para explicar que nós contamos
1038 esta história..., quando chegamos à parte marinha, em termos de Fluvial, quebra-se
1039 um bocadinho, há qualquer coisa que chega ao fim, parece que chegámos ao fim da
1040 história, mas não, porque de seguida a história é renovada e continuamos a contar a
1041 história, através do quê, a nossa viagem que continua pela água doce e continuamos a
1042 contar uma história. Quando chegamos à sala Saramago, há novamente uma quebra
1043 quando passamos para os habitats exóticos, mas renova-se só outra vez, porque a água
1044 doce não existe só aqui, não é, é transversal a tudo, portanto, é um conto que tem que
1045 morrer e renascer muitas vezes, [risos]..., e portanto, também nos programas
1046 pedagógicos, muitas vezes temos de eliminar algo para dar lugar a algo novo e isto
1047 acontece sucessivamente todos os anos. E quando vamos ler algo já escrito pelas
1048 organizações, muitas vezes também temos de ver que... que a época também é muito
1049 importante, que mudou, entretanto, em relação àquele documento e, portanto nunca
1050 há...

1051 **E:** Há outra procura, há outra necessidade.

1052 **RSE2:** Nunca há uma transcrição, nós baseámo-nos em, fomos consultar como é que
1053 era então e como é que é agora e o que é que podemos trazer do então para o agora,
1054 para que haja um seguimento, mas também sem esquecer esta parte da renovação.
1055 Não sei se consegui dar resposta.

1056 **E:** Sim, mas também ia buscar um aspeto que referiu já mais atrás.

1057 **RSE2:** Sim, sim.

1058 **E:** Que era o cuidado que tinham com as aprendizagens que eram necessárias. Não
1059 me lembro propriamente do termo que utilizou, mas tinha a ver com essa ideia.

1060 **RSE2:** As metas?

1061 **E:** As metas.

1062 **RSE2:** As metas. Nós consultamos, é o site de referência da DGESTE, peço desculpa,
1063 mas tem que ser, e onde está essa documentação, felizmente *online*, e nós vamos
1064 consultar esta documentação quando temos dúvidas, temos de falar com quem direito,
1065 quem melhor se não os professores, para nos tirarem algumas dúvidas.

1066 **E:** Funciona como um farol, como um guia, pode ser dito, assim?

1067 **RSE2:** São, são. Sem dúvida, até nas visitas, Anita, os professores e educadores são
1068 sempre uma mais valia. Muitas das coisas que aplico, às vezes, ou que vou buscar ou
1069 que utilizo, muitas vezes são motivadas por sugestões ou indicações de professores e
1070 educadores.

1071 **E:** Incorporam isso tudo.

1072 **RSE2:** Sim, sim.

1073 **E:** E sente, que tipo de aprendizagem é que vocês proporcionam? Falando um
1074 bocadinho nessas metas ... sei que a escola é uma coisa, vocês são outro contexto
1075 totalmente diferente.

1076 **RSE2:** Sim, sim, por favor, não formal!

1077 **E:** Mas também já me foi falando na consolidação de algumas aprendizagens.

1078 **RSE2:** Sim da consolidação da visita.

1079 **E:** E em que áreas é que, por exemplo, é claramente, na área da educação ambiental,
1080 mas não só! Contribuem para a realização de que tipo de aprendizagens?

1081 **RSE2:** Não sei, Anita, eu não sei quantificar aprendizagens.

1082 **E:** Sim, também não é isso que se pretende, mas em grandes áreas, o que é que, qual
1083 é a sua percepção sobre essa questão? Se acha que contribui ou não?

1084 **RSE2:** Como é que eu lhe posso dar esta resposta de uma forma muito prática? Para
1085 mim, quando eu digo que há consolidação é por base, tendo por base, os trabalhos que
1086 muitas vezes são deixados na sala de aula, porque ao longo dos anos, todos do
1087 Fluviário, por vezes tivemos de gerir o espaço e as pessoas que nos visitavam em tal
1088 quantidade também e por vezes ainda o fazem, não podemos fazer todos a mesma
1089 coisa ao mesmo tempo. E, por vezes, acontece que temos que dividir os grupos e
1090 enquanto o grupo faz uma atividade na sala, uma oficina ambiental, o outro grupo está
1091 a fazer a visita e eu lhe garanto, Anita, que os trabalhos depois de uma visita e os
1092 trabalhos antes de uma visita são completamente diferentes, o detalhe dos trabalhos
1093 após uma visita...

1094 **E:** Mas isso já é demonstrativo do vosso trabalho, do retorno, [risos]...

1095 **RSE2:** [risos]... É muito diferente! E também temos visitas livres, que é para não estar
1096 a dizer que é do nosso trabalho, também temos visitas livres com a oficina ambiental e
1097 se a visita livre for realizada antes da oficina ambiental, é de uma maneira, mas se a
1098 visita livre for realizada depois da oficina ambiental, os trabalhos serão diferentes,
1099 [risos]...

1100 **E:** Isto até vem aqui ao encontro daquilo que eu queria perguntar que tem a ver com
1101 esses materiais que produzem, materiais didáticos, ah, como é que isso se processa

- 1102 tudo? O público, daquilo que me está a dizer, também é um elemento participativo na
1103 construção desses materiais?
- 1104 **RSE2:** Sim, sem dúvida, nós modelamos os materiais, nós somos um agente.
- 1105 **E:** Mas tem alguns materiais básicos que partem dali para desenvolver as atividades?
1106 Podia-me falar sobre este aspeto?
- 1107 **RSE2:** Uma das atividades mais simples e mais difícil de concretizar é exatamente a
1108 atividade dos “Tanganhos animados”, foi das primeiras também, é tão simples a
1109 atividade, mas é tão difícil.
- 1110 **E:** Só o nome gera curiosidade “tanganho”.
- 1111 **RSE2:** Regionalismo! É um pau seco, pronto, é um tanganho. Um galhinho da árvore,
1112 que caiu da árvore, é um pau seco e os tanganhos animados, dar-lhes nova vida. O que
1113 é um tanganho? De onde é que ele veio?
- 1114 **E:** Exploram ao máximo todas vertentes, todas as possibilidades que aquele pau
1115 apresenta em termos de conhecimento.
- 1116 **RSE2:** É um pau, é um pau! Mas eu tenho mesmo, quando alguém nos diz, mas eu
1117 tenho mesmo de usar o pau? Não, estamos a passar a mensagem.
- 1118 **E:** Por isso é importante aí ter os recursos humanos adequados, com a formação
1119 adequada?
- 1120 **RSE2:** Exatamente.
- 1121 **E:** Que são escolhidos... a equipa não é muito grande...
- 1122 **RSE2:** Não!
- 1123 **E:** Mas faz sentido esta questão que lhe estou a referir ou não?
- 1124 **RSE2:** Agora..., se eu contar a história do tanganho...
- 1125 **E:** Já está, já envolve...
- 1126 **RSE2:** Cada cabecinha está já a imaginar a história do tanganho que eu estou a contar
1127 à sua maneira, quase de certeza, é isso que eu faço também, é o que acontece comigo,
1128 [risos]... Se eu contar a história do tanganho, como é que ele chegou até ali, já ter se
1129 calhar um ninho de pássaros, que eu o apanhei dentro da ribeira e que lá vinha
1130 agarrados ainda às folhas secas caracóis e que vinha um peixinho a mordiscar um
1131 caracol... [risos]...
- 1132 **E:** Já é todo outro universo, é outra atenção. E sente que há adesão assim voluntária
1133 ou há uma resistência, como é que percebe a participação?
- 1134 **RSE2:** A participação? Geralmente nós, as crianças que nos visitam são muito
1135 participativas! Não, sei se é primeiro pelo espaço, pelo dia diferente, pela atividade, pelo
1136 espaço todo envolvente da sala também, são muito participativas. Algumas vêm muito
1137 entusiasmadas e eu compreendo, especialmente agora, depois daquela coisa toda que
1138 nós já falámos, finalmente podem sair em visita de estudo e vir novamente visitar outros
1139 sítios, conhecer outras pessoas e outros locais e fazer coisas diferentes, do que estar
1140 simplesmente em casa. Eu percebo muito bem esse entusiasmo, porque nem toda a
1141 gente tem a sorte, teve a sorte, de ter um quintal, um espaço natural que pudesse visitar

1142 nas imediações da sua casa, não é, portanto, a tal fome de natureza, ainda mais
1143 acentuada. E eu percebo isso, portanto, para nós também é muito bom sentir que há
1144 interesse, que há vontade de participar, que são colocadas questões, que eles contam
1145 uma história de algo que lhes aconteceu.

1146 **E:** Querem partilhar também, fazer parte dessa história.

1147 **RSE2:** Também, sim, [risos]...,

1148 **E:** E Ana, ah... para prepararem essas atividades, vocês constituem alguns *dossiers*
1149 pedagógicos, têm fichas de atividade, como é que isso é tudo feito?

1150 **RSE2:** A poção mágica, Anita, é transmitida da boca de um druida para o ouvido de
1151 outro druida... [risos]..., [risos]...

1152 **E:** [risos]..., é, quer explicar melhor?

1153 **RSE2:** Há uma resenha que nem com boa vontade servirá de guião alguma vez a quem
1154 queira seguir aquilo, não vai conseguir fazer qualquer atividade, isso é tudo um pró-
1155 forma é impossível! Não dá! A pessoa tem que assistir, tem que começar a participar
1156 também, a ajudar, como nós dizemos.

1157 **E:** Mas os técnicos têm já na sua cabeça a estrutura?

1158 **RSE2:** Exatamente, a estrutura, os materiais que são necessários para fazer aquela
1159 atividade, para quantas pessoas é que eu vou ter que preparar materiais, porque,
1160 obviamente, não vai conseguir naquele espaço limitado de tempo, não temos
1161 oportunidade de fazer tudo.

1162 **E:** Tem que estar estruturada? Planeada?

1163 **RSE2:** Planeada com antecedência, daí também pedimos também para marcar com
1164 antecedência, por favor. Mas, sim, Anita, [risos]..., ninguém conseguiria fazer uma
1165 oficina ambiental.

1166 **E:** Tem um guião?

1167 **RSE2:** Com um guião..., mas a pessoa... um guião com tópicos orientadores e para as
1168 visitas guiadas igual.

1169 **E:** E funciona?

1170 **RSE2:** Funciona!

1171 **E:** É o que se pretende, não é?

1172 **RSE2:** A pessoa tem que estudar, lamento, não basta ler o guião.

1173 **E:** E adequar, se calhar, também ao público, que aparece, porque pode ser num dia de
1174 uma maneira, no outro dia de outra.

1175 **RSE2:** Também, sim, sim...

1176 **E:** E fomos falando neste conjunto de atividades que decorrem ao longo de um ano. É
1177 feita uma programação anual?

1178 **RSE2:** É anual, anual. Anual base, mas posso dizer que muitas vezes as atividades são
1179 preparadas num mês para o mês seguinte, por exemplo, ou, por exemplo, como são as
1180 das férias.

1181 **E:** Tinham lá agora, por exemplo, férias de *ateliers* ou até ATL's.

1182 **RSE2:** Mas era no megalitismo, as que lá estão são do megalitismo, as nossas ainda
1183 não saíram.

1184 **E:** Mas vão planeando mensalmente as atividades? Há um programa a nível anual?

1185 **RSE2:** O programa está..., exatamente, aquilo é o plano geral anual, mas depois a
1186 especificidade para cada atividade é então mensal. Conjuntamente planeamos também
1187 a divulgação nas redes sociais.

1188 **E:** Era isso que lhe ia falar precisamente. Como é que estão, se há algum procedimento
1189 definido, como é que se processa a divulgação? E que meios é que utilizam? Hoje em
1190 dia se calhar as tecnologias...

1191 **RSE2:** Enviamos as fotografias, temos uma equipa..., sim, as redes sociais têm sido o
1192 maior veículo de divulgação.

1193 **E:** E são vocês que fazem mesmo daqui ou há um outro setor específico?

1194 **RSE2:** É a equipa de comunicação da Câmara. Durante alguns anos fui eu também que
1195 fiz, Anita., eu fazia também essa parte.

1196 **E:** Mas a conceção também dos materiais de divulgação são vocês ou...?

1197 **RSE2:** Como assim... agora não percebi...

1198 **E:** Os *flyers* ...

1199 **RSE2:** Não, isso é tudo Comunicação, abençoados! [risos]...! Abençoados!

1200 **E:** E são eles que têm a responsabilidade de divulgar?

1201 **RSE2:** Porque nós no serviço educativo já fizemos isso também..., mas abençoada
1202 equipa da comunicação!

1203 **E:** E como avalia a forma como fazem a divulgação, que é, então, sobretudo, pelas
1204 redes sociais. Mas têm outras formas de divulgação? O *site*?...

1205 **RSE2:** O *site*, sim..., por vezes temos também na comunicação social, nos media,
1206 outros media, jornais também fazem divulgação, não é tão frequente, mas sim, também
1207 o fazem. Eu não sei, às vezes, neste mar todo de informação, se mais é melhor...

1208 **E:** Se têm que direcionar, se calhar...

1209 **RSE2:** Exatamente.

1210 **E:** Sim..., e acha que dá resposta ou não, a forma de divulgação? Sente da maneira
1211 como promovem as vossas atividades se conseguem atrair mais público?

1212 **RSE2:** Mais visitantes?

1213 **E:** Sim. Se é adequada ou não? Se acha que deve mudar alguma coisa nessa forma de
1214 divulgação?

1215 **RSE2:** Como é que eu lhe posso responder, Anita..., então, ... , eu acho que o Fluviário
1216 é um atrativo num todo, não é por uma coisa. E não é uma atividade que se faz em sala
1217 de aula, peço desculpa por dizer isto, parece que eu estou contra mim mesma, não
1218 estou, nós somos o complemento à..., não somos o fulcro, portanto, as atividades têm
1219 um limite, [risos]..., por mais divulgação que se faça. O que é que nós estamos a
1220 demonstrar quando fazemos a divulgação de uma atividade do serviço educativo, na
1221 minha opinião e apenas, estamos a demonstrar que estamos aqui para complementar
1222 e estamos a acompanhar, nós unificamos, nós somos a ponte nada mais!

1223 **E:** Muito bem... e, Ana, agora falando sobre a avaliação do próprio desempenho do
1224 serviço educativo. Já me foi falando e logo à entrada eu vi que tinha lá um espaço, um
1225 folheto de avaliação. Fale-me um bocadinho sobre estes aspetos. Como é que recolhem
1226 os dados? Se são avaliados ou não?

1227 **RSE2:** Sim... Nós, desde sempre, desde o primeiro dia que nós recolhemos o máximo
1228 de informação possível sobre o Fluviário e os espaços do Fluviário, e, inclusivamente,
1229 não só das áreas expositivas, mas também da parte educativa. E, desde logo, nós
1230 tivemos à disposição as tais cartolinas com a opinião, é livre e espontânea: “gostei disto,
1231 gostei daquilo, adorei as lontras, as minhas preferidas, amei os peixinhos, gostei desta
1232 sala, gostei dos exóticos, gostei da anaconda, etc.”, isto é importante! Foi criada a ficha
1233 opinião na forma do “Peixe Opinião”.

1234 **E:** Eu li que era o Livro Peixe, será isso?

1235 **RSE2:** É, é, ele tem um peixe... Nós de momento não estamos a implementar, não
1236 estou, assumo aqui tudo, com certeza a responsabilidade, [risos]..., não estou a
1237 implementar o “Peixe Opinião”. O “Peixe Opinião” tinha uma ficha muito própria para
1238 preencher, com estrelinhas para pintar, qual foi o animal favorito, o que é que gostou
1239 mais e o que é que gostou menos. Neste momento, tenho quadradinhos de papel
1240 colorido, caneta à disposição, e quem quiser deixa a sua avaliação, sugestão, opinião,
1241 se quiser. Não há a formalidade inerente a uma ficha. E foi um bocadinho por aí que ela
1242 foi tirada de lá. Nós temos todas as fichas de opinião guardadas, mas foi por aí que ela
1243 foi removida, porque começámos a notar a resistência ao preenchimento de um
1244 formulário...

1245 **E:** Não servia os vossos propósitos?

1246 **RSE2:** E como começámos a notar resistência ao preenchimento de um formulário,
1247 lembrei-me, novamente, de tal cartolina, simplesmente com um o giz...

1248 **E:** Quem quer deixa a sua opinião.

1249 **RSE2:** Este não é um formulário, obrigada pela vossa amizade, é um bocadinho isto.

1250 **E:** E Ana, o que é que fazem? Posso saber o que é que depois fazem com esse..., para
1251 que fim é que usam...

1252 **RSE2:** Guardamos tudo, nós guardamos tudo, [risos]!... Fotografamos, já temos
1253 publicado nas redes sociais também, com um obrigado, um obrigado, transmitimos
1254 alguma opinião importante. Em termos de oficinas ambientais, durante anos e anos, eu
1255 achei que o trabalho tinha que ser..., o meu desempenho tinha que ser avaliado, e,
1256 portanto, dei o corpinho às balas, como se diz, [risos]... e sujeitei, portanto, o meu

1257 desempenho nas oficinas ambientais à avaliação de quem as solicitava, desde, por
1258 exemplo, a interação com os participantes. Havia uma escala...

1259 **E:** Eram os tópicos de avaliação, os indicadores...

1260 **RSE2:** Por exemplo, ah... se já tinham participado em alguma atividade do género, se
1261 já tinham participado em ações de sensibilização e educação ambiental e sugestões, a
1262 parte mais livre. E sujeitei-me a isto durante muitos anos, até que também cheguei à
1263 altura em que achei que não; ou vou reformular a avaliação da oficina ambiental e não
1264 do meu desempenho na oficina ambiental. Não podia ser!

1265 **E:** Podia ser a Ana, podia ser outra pessoa. Não era isso que estava em causa, era o
1266 serviço.

1267 **RSE2:** Exatamente, e porquê? Porque não quero sujeitar alguém que vai entrar de novo
1268 agora ou que acabou de entrar muito recentemente, ao escrutínio. Para mim isso está
1269 fora de... quando a pessoa estiver confortável para isso e se assim o desejar para o
1270 seu crescimento profissional e pessoal é uma coisa, agora, implementar algo assim,
1271 acho que não faz sentido neste momento e até seria, mais uma vez contraproducente.

1272 **E:** Ana, e agora só para finalizar, vinha, temos vindo falando sobre este aspeto do
1273 público. Temos falado sobretudo das escolas, mas como é que caracterizava o público,
1274 em termos de faixa etária, de género, de formação académica? Quem é que vos procura
1275 mais e quem é o vosso público-alvo, porque pode não ser exatamente a mesma coisa.

1276 **RSE2:** Para mim, Anita, no serviço educativo, o público-alvo são as pessoas do mundo,
1277 [risos]!... Não tem um público-alvo específico. Pessoas do mundo que gostem deste
1278 mundo ou que queiram gostar deste mundo venham ao Fluviário de Mora, por favor, e
1279 esperemos que gostem também do Fluviário de Mora.

1280 **E:** Mas da sua experiência, quem é que vos procura mais? Qual é o perfil também do
1281 utilizador?

1282 **RSE2:** Já houve um bocadinho de tudo, por exemplo, em termos de área geográfica,
1283 chegámos a ter visitas de escolas de Espanha, mas também é muito da área da zona
1284 da Grande Lisboa, quando eu falo de Grande Lisboa, não é só a cidade de Lisboa, mas
1285 todas as terras e áreas envolventes, é menos frequente termos visitas do norte do país.

1286 **E:** Mas quando fala de visitas são sobretudo escolas, é isso?

1287 **RSE2:** Escolas e grupos também, de todas as idades. As escolas, as escolas é um...
1288 procuram-nos, há escolas que nos procuram, que eu sei que têm o seu plano muito bem
1289 definido em termos de visitas, onde é que vão e onde e ele é rotativo, por exemplo, é
1290 um plano que é realizado ou renovado quatro em quatro anos, portanto, a mesma
1291 escola, se calhar, volta-nos a visitar, não no ano seguinte, mas daqui a quatro anos.
1292 Outras escolas...

1293 **E:** Não vêm só uma vez.

1294 **RSE2:** Não vêm só uma vez.

1295 **E:** A ideia é que depois voltem mais tarde?

1296 **RSE2:** Renovam a visita, mas uns anos mais tarde. Isto tem sido frequente. É claro que
1297 quando o Fluviário abriu...

- 1298 **E:** Concentrou a atenção, sim..., vieram conhecer.
- 1299 **RSE2:** Exatamente, vieram conhecer, vieram em maior número. E agora esse número
1300 já não é tão concentrado, é mais espaçado e compassado. E eu sei que as escolas
1301 fazem muito isto, as escolas que nos visitam fazem isto, portanto, de X em X anos, vêm-
1302 nos visitar, renovam a sua visita ao nosso espaço. Isso é muito bom!
- 1303 **E:** E acontece..., é só uma curiosidade que me surgiu, acontece já gerações, ou seja,
1304 veio o filho na escola e depois veio a família, [risos]..., não sei, é uma curiosidade que
1305 me surgiu aqui.
- 1306 **RSE2:** Sim, sim, Anita, ah..., uma das biólogas que está aqui no Fluviário teve uma
1307 visita feita por mim, [risos]...
- 1308 **E:** E agora está aqui a trabalhar, evangelizou-a, [risos]...
- 1309 **RSE2:** Não, não creio, não creio, não creio, [risos]..., não acredito, não acredito, mas
1310 sim, já aconteceu, Anita.
- 1311 **E:** E esse público, como já fomos falando também, não é só daqui. É de todo o país e
1312 do estrangeiro, como também já falou.
- 1313 **RSE2:** Sim, também do estrangeiro, mas gostávamos de atrair mais visitas, sem ser só
1314 de Portugal, também, sem ser só do nosso país e sem ser só daqui da vizinha a Espanha
1315 também, começar a atrair visitantes do mundo.
- 1316 **E:** Mas a comunidade local também está envolvida? Também adere ou não às
1317 atividades?
- 1318 **RSE2:** A comunidade local...
- 1319 **E:** Já são 16 anos, também é normal que a curiosidade já tenha desaparecido, em parte,
1320 em parte, não?
- 1321 **RSE2:** Não, as educadoras do Concelho recusam-se, [risos], a deixar a curiosidade
1322 morrer, muito obrigada, muito obrigada, e muitas professoras do nosso Concelho
1323 também se recusam a deixar a curiosidade morrer.
- 1324 **E:** Porque depois também é todo o Concelho que ganha, não é?
- 1325 **RSE2:** Eu penso que sim e acho que há que continuar a estreitar as relações e a
1326 proximidade com as escolas do nosso Concelho, com o agrupamento de escolas do
1327 nosso Concelho. Neste momento, o Fluviário também contribui um bocadinho
1328 assegurando uma AEC, com oficinas ambientais, portanto, do primeiro ciclo, primeiro
1329 ano, segundo ano, terceiro ano e quarto ano.
- 1330 **E:** Que está ligado também com a Universidade de Évora, não é, esse MARÉ, não é
1331 esse, não? Então percebi mal...
- 1332 **RSE2:** AEC! Ai as AEC!
- 1333 **E:** AEC, sim, AEC, sim...
- 1334 **RSE2:** Portanto, nós...
- 1335 **E:** Também vão às escolas, é?

- 1336 **RSE2:** Também vamos às escolas. A minha colega Luísa também vai às escolas de
1337 Águeda no âmbito do projeto Life Águeda e leva umas coisinhas que o serviço educativo
1338 prepara, [risos], para os meninos das escolas de Águeda.
- 1339 **E:** Águeda que não é assim tão perto daqui!
- 1340 **RSE2:** Não, não, é um bom esticção. E, portanto, vai falar um bocadinho sobre esse
1341 projeto, da participação do Fluviário, o que é o Fluviário. Tem sido muito interessante no
1342 Concelho, esta participação, esta colaboração, nas AEC de oficinas ambientais,
1343 [risos]... Não é propriamente uma oficina ambiental tal como se faz aqui no Fluviário,
1344 mas é um bocadinho parecido.
- 1345 **E:** É para depois atraírem para cá mais tarde. Mas também vêm famílias ou os grupos
1346 que falava, Universidades Seniores? Vêm famílias?
- 1347 **RSE2:** Vêm famílias, vêm muitas universidades seniores também, vinham grupos de
1348 reformados. Antes de se começar sequer a falar em universidade sénior, vinham grupos
1349 de reformados também visitar o Fluviário, continuam a vir. Simplesmente pessoas que
1350 vêm fazer uma visita em programas como grupos de agências de viagens também,
1351 passam por aqui, muito obrigada por passarem por aqui, famílias em férias, quer seja
1352 na ida, quer seja no regresso, acabam por passar por aqui também. A ideia é que
1353 também não seja só passar por aqui. Neste momento, o Fluviário, esta zona e o
1354 Concelho acho que merecem já pelo menos um fim de semana aqui, [risos]..., para
1355 explorar tudo, quem sabe também ir a Évora. Há duas semanas tivemos um casal
1356 jovem, namorados, a fazer aqui um aquarista por uma hora e daqui foram para Évora.
- 1357 **E:** Um bom programa, [risos]!
- 1358 **RSE2:** Sim, parece-me que sim!
- 1359 **E:** Ana, eu já não tenho mais questões, fiquei esclarecida.
- 1360 **RSE2:** Ainda bem, Anita.
- 1361 **E:** Mas queria saber da sua parte se tem alguma sugestão ou algum aspeto que queira
1362 também esclarecer que não tenhamos abordado aqui, Ana?
- 1363 **RSE2:** Se calhar não não aprofundei muito a questão dos documentos e referências
1364 para o programa educativo do Fluviário para a área de educação do Fluviário. Mas como
1365 já dei a entender, Anita, eu vou beber a todas as fontes de referência, desde documentos
1366 mais técnicos, mesmo publicados pelo ICNF ou pela DGAV, até autores que
1367 participam em trabalhos e estudos promovidos pelas organizações das Nações Unidas,
1368 por exemplo, ou outras organizações. Houve um programa pedagógico, houve um
1369 programa pedagógico que era a “Água que nos une”, foi um bocadinho baseado também
1370 no Relatório Bruntland, foi transmitido também à Organização das Nações Unidas, mas
1371 também lhe posso dizer que muitas vezes a referência foi Carl Sagan, [risos]..., Charles
1372 Darwin, ...
- 1373 **E:** Evolução das espécies...
- 1374 **RSE2:** Sempre, e Russel Wallace, que muitas vezes também foram filósofos, alguns
1375 deles um bocadinho, talvez difíceis também para mim de perceber ou talvez um
1376 bocadinho polémicos. Alguns deles eu não sei pronunciar o nome. Algumas vezes são
1377 apenas citações. Alguns deles põem-nos simplesmente a pensar, como por exemplo,
1378 Peter Sloterdijk, não sei se é assim que se pronuncia ou não. Como é que eu digo? Eu
1379 digo que a educação do homem tinha falhado, a religião tinha falhado, a domesticação

1380 do homem tinha falhado. A domesticação, não era a educação. A domesticação do
1381 homem tinha falhado porque a religião tinha falhado, a educação tinha falhado e ele
1382 realmente deu-me que pensar, mas porquê é que a educação está a falhar? E procurei
1383 alguns documentos dele, nomeadamente a Elmauer Rede, regras para o zoo humano,
1384 também, [risos].... e... há que ler um bocadinho de tudo, mas nem tudo serve para esta
1385 missão do Fluviário e acho que é importantíssimo nós percebermos também e
1386 conservarmos um bocadinho do que é a inocência destas origens e às vezes não deixar
1387 também, não nos deixarmos contaminar por assim dizer, contagiar em demasia e trazer
1388 então um bocadinho de tudo, mas com peso, conta e medida.

1389 **E:** Para haver equilíbrio.

1390 **RSE2:** Lynn Margulis também. Em termos dos modelos pedagógicos, também li muito
1391 sobre o método Montessori, mas também já li que o método Montessori só funcionava
1392 com Montessori, [risos].... também, com certeza, a escola como modelo de natureza, o
1393 método Waldorf, salvo erro, ah, é tudo com materiais naturais, com certeza, mas
1394 também não pode ser só isso.

1395 **E:** É um misto, ir beber um bocadinho a todos esses modelos e adequar.

1396 **RSE2:** Tem que ir beber um bocadinho de tudo. Sim, e daí, Anita, também não é lhe ter
1397 dito "Ai, nós seguimos este método ou este modelo".

1398 **E:** Sim, também não é isso que se pretende, é só percebermos também quais são as
1399 vossas referências.

1400 **RSE2:** Aqui não, estou muito atenta, muito atenta às escolas de natureza, mas tenho
1401 visto mais ou menos com algum detalhe alguns modelos escandinavos das escolas de
1402 natureza que eles promovem e realmente, cá está, aquilo que me pareceu a título muito
1403 pessoal foi que aquelas escolas estão a tentar dar um bocadinho do que os pais e os
1404 avós davam.

1405 **E:** O andar na rua, o mexer na terra.

1406 **RSE2:** O fazer a fogueira para se aquecer ou ir à pesca, [risos]....

1407 **E:** O voltar às origens.

1408 **RSE2:** É, é, um bocadinho, um bocadinho. Aquele viver um bocadinho sem ser sempre
1409 de carro de um lado para o outro, mas ao nosso passo, se calhar com alguma lentidão,
1410 [risos]....

1411 **E:** Ainda para mais no Alentejo, faz todo o sentido!

1412 **RSE2:** Sim, sim! Muito obrigada, Anita!

1413 **E:** Obrigada, Ana! Desde já e uma vez mais, agradecer imenso a sua disponibilidade.

1414 **RSE2:** Ora essa, nós é que agradecemos! Qualquer outra questão que surja,
1415 eventualmente, está perfeitamente confortável e à vontade, disponha!

1416 **E:** Obrigada uma vez mais, obrigada! Eu vou dar então por terminada a nossa entrevista.
1417 E agradecer à Ana em particular, mas também ao Fluviário de Mora por nos acolher, a
1418 esta ideia e esperar estar à altura, de....

1419 **RSE2:** Ora essa, eu também espero que fique à altura do Fluviário e da equipa, valha-
1420 me Deus!

1421 **E:** Obrigada!

1422 **RSE2:** Obrigada!

1423

APÊNDICE 9 – ENTREVISTA DA HERDADE VALE DA ROSA

Transcrição da entrevista n.º 3

Entrevistado	Liliana Faria
Local da Entrevista	Herdade Vale da Rosa
Data da Entrevista	24 de março de 2023
Validação da Entrevista	Entrevista validada através de email datado de 08 de maio de 2023

1 **E:** Olá, Liliana, obrigada por ter aceite participar nesta entrevista, que é realizada no âmbito do
2 projeto de doutoramento em Ciências da Educação da Universidade de Évora, que tem como
3 objetivo geral conhecer e caracterizar o perfil pedagógico dos serviços educativos na região
4 Alentejo. E estamos hoje, no dia 24 de março de 2023, na Herdade Vale da Rosa. Ah, eu
5 começava..., durante o processo de elaboração do projeto de tese, o Vale da Rosa foi
6 identificado como uma entidade, uma instituição, com um serviço educativo com uma atividade
7 importante no âmbito da educação não formal. E a Liliana foi-me apresentada como sendo a
8 responsável pelo serviço educativo e eu, nesse sentido, gostava de a conhecer, sobre o seu
9 perfil, qual a sua formação académica e qual a área de formação. Não sei se antes quer
10 colocar alguma questão?

11 **RSE3:** Não, não, não. Olá, eu sou Liliana Faria. Eu sou técnica de turismo. Tirei o curso de
12 licenciatura no Norte, na Universidade em Viana do Castelo e sempre trabalhei na área
13 turística, felizmente! E estou no Vale de Rosa há cinco anos, exclusivamente dedicada à parte
14 turística e a esta área comercial também que é uma valência associada e um promotor também
15 da comunicação e marketing, nomeadamente as visitas, claro, que é a minha principal função
16 aqui.

17 **E:** E, em que é que consiste..., aliás, disse-me que já tinha trabalhado noutras instituições.

18 **RSE3:** Sim, sim!

19 **E:** O seu percurso sempre foi ligado a esta área?

20 **RSE3:** Sim, eu sempre trabalhei na área da animação turística e a fazer visitas para grupos.
21 Trabalhava na zona de Castelo Branco, Fundão, na promoção das visitas à Cereja de Fundão
22 e os comboios turísticos. Também trabalhei nas Aldeias de Xisto, em visitas às Aldeias do Xisto
23 e Geoparque Naturtejo, portanto, toda aquela zona de Castelo Branco e distrito de Castelo
24 Branco.

25 **E:** Com um pendor ligado à educação, lá?

26 **RSE3:** Sempre, sempre. Porque as escolas... Sempre fiz visitas com escolas, universidades,
27 visitas de estudo e depois também as visitas normais de lazer ao público em geral. Sempre
28 tivemos, sempre trabalhei, nunca fiz outra coisa.

29 **E:** Quais foram os motivos que a levaram a exercer estas funções? Algum gosto em particular?
30 Proporcionou-se?

31 **RSE3:** Eu, eu gosto de falar, [risos]..., e sabia que não podia trabalhar numa secretária e
32 fechada num gabinete, então, tinha que fazer uma coisa que interagisse com pessoas e, na
33 altura, era a animação social ou a área turística ou então trabalhar com crianças e..., mas
34 depois surgiu a questão da área turística e, pronto, e aí foi.

35 **E:** Certo. E em que é que consiste propriamente, sendo responsável do designado serviço
36 educativo, em que é que consistem essas funções?

37 **RSE3:** Hum, hum, bom, o que é que passa por mim? Qualquer marcação ou pedido de uma
38 escola, de uma universidade sénior, de uma universidade em geral, de uma escola profissional,
39 essas marcações são concentradas em mim, porque depois sou eu que faço o agendamento
40 delas, estruturo a visita no sentido de disponibilidade ou não, qual é o interesse ou motivação
41 da escola, se há ou não, nalguma área pedagógica ou então numa disciplina em específico. E
42 depois eu vou fazer um alinhamento disso, se for, se não houver nada muito, muito específico
43 com as universidades da agronomia ou biologia ou ciências ou fitofármacos, por exemplo, eu
44 não faço requisição de nenhum técnico de apoio porque já tenho conhecimentos para fazer
45 esse tipo de aulas ou esse tipo de visitas de estudo. Quando há, assim, uns requisitos
46 específicos, normalmente associados a universidades, por exemplo, se vier cá um grupo de
47 uma universidade que esteja a fazer um doutoramento ou um mestrado numa área específica
48 da agronomia ou biologia ou fitofármacos, por exemplo, aí eu tenho que requisitar porque já
49 não tenho, obviamente, conhecimento para isso específico, agora se for na generalidade, aí
50 sim, então, se for com escolas e os pequenitos, primeiro ciclo, segundo ciclo, terceiro ciclo,
51 também faço.

52 **E:** E estava-me também a dizer que está aqui há cerca de cinco anos e já existia o serviço
53 educativo aqui na empresa? É uma empresa?

54 **RSE3:** Sim, isto é uma empresa, não.

55 **E:** Em que data é que foi criado este serviço?

56 **RSE3:** Eu preciso contextualizar. Eu trabalhava noutra zona e a empresa aqui, o Vale da Rosa,
57 não tinha sequer uma área de receção para visitas, seja para escolas, ou seja, para o público
58 em geral, mas percebeu que havia uma necessidade, até porque as visitas às herdades, todas
59 que nós conhecemos fazem visitas porque têm necessidade de ter mais uma ferramenta de
60 promoção da marca do produto que produzem. E a parte do enoturismo, as visitas de lazer ou
61 outras, ou alojamento, ou restaurante de uma herdade, é tudo uma forma de ferramenta de
62 promoção para comunicação, *marketing*, vendas. E esta não era diferente das outras e
63 percebeu que tinha essa necessidade. Só que depois foi procurar pessoas que já trabalhavam
64 nessa área e que tinham criado alguma coisa também que tinha corrido bem. E eu trabalhava
65 na zona do Fundão com a Cereja do Fundão, que é, que há uns anos atrás ninguém conhecia
66 e que eu e o Nuno desenvolvemos um projeto de raiz em parceria com os Comboios de
67 Portugal, que foi as rotas da amêndoa, as rotas da cereja do Fundão e fazíamos visitas de
68 estudo com escolas também para lá e não só. E, na altura, há uns seis anos, neste caso, aqui
69 o Vale da Rosa, eles trabalham com empresas externas que fazem assessoria no recrutamento
70 de pessoas para determinadas funções, e, na altura, a empresa com que estavam a trabalhar
71 foi encarregada de procurar uma equipa para vir criar de raiz um projeto semelhante aqui,
72 chegaram a nós.

73 **E:** E como é que decorreu? Aliás, há quanto tempo é que o serviço foi criado?

74 **RSE3:** Foi criado connosco. Fomos nós que iniciámos o projeto.

75 **E:** Tem quantos anos?

76 **RSE3:** Tem cinco anos. E criámos um espaço para receber as pessoas.

77 **E:** Era precisamente isso que lhe ia perguntar. Como é que decorreu o processo de criação do
78 serviço?

79 **RSE3:** É assim, nós primeiro tivemos que identificar o que é que faltava, e aqui faltava tudo.
80 Não havia infraestrutura nenhuma, seja para receber as pessoas, para ah... ah... dar apoio de
81 serviços, de espaços de loja, receção, reunião, ah... ah... desde as coisas simples como as
82 casas de banho, uma zona de estar. Não havia nada! Nós tivemos que apresentar um projeto,
83 ah, e começar de raiz, procurar investimentos, apoios, criar uma empresa de animação, ou
84 seja, para... o Vale da Rosa teve que criar uma empresa dentro da própria empresa, como todas as
85 outras têm, atenção, não é..., é porque, mas para desenvolver a atividade de animação
86 turística é preciso ter um CAE também para isso e nós obviamente que também temos, foi
87 preciso fazer, e, portanto, tivemos que criar de raiz tudo, há cinco anos não havia nada e hoje
88 temos aqui este espaço para visitas, para receber as pessoas.

89 **E:** E então, e também ainda retomando um bocadinho, ficou notório que tem a ver sobretudo a
90 criação deste serviço com questões relacionadas com *marketing, marketing*?

91 **RSE3:** *Marketing*, comunicação, e sobretudo para também dar a conhecer e a desmistificar um
92 pouco da uva, da uva sem grainha que normalmente as pessoas associam que é um produto
93 transgénico e não é. Portanto, é uma ferramenta de apoio à parte da comunicação e do
94 *marketing*. E o que é que nós queremos no fundo? É notoriedade, credibilidade, comunicação,
95 chegar a mais pessoas, que a marca chegue a mais pessoas e o nosso produto. Ah, e depois
96 nós tivemos, como é que nós chegámos às pessoas, à casa das pessoas? É através das
97 crianças, é através, ah, das pessoas que gostam, que têm tempo e disponibilidade para
98 passear e para sair que são os mais velhos. E depois por isso é que nós no início, no primeiro
99 ano, focámos muito nas escolas, porque sabemos que a parte educativa, as crianças que são,
100 ainda por cima agora com os cuidados que há com a alimentação saudável e comer mais fruta
101 como *snacks*, nós tivemos, nós sabíamos que não podíamos trabalhar para toda a gente,
102 tivemos que segmentar o primeiro ano de trabalho e começámos pelas escolas e pelos mais
103 velhos.

104 **E:** Certo. E relativamente à missão e objetivos deste serviço, já está formalizada? Tem uma
105 missão definida?

106 **RSE3:** Ah, não, não podemos dizer que está formalizada... Quando se cria um projeto e
107 sobretudo de apoio à área turística e do território e promoção do território, obviamente, que nós
108 tivemos que formalizar as nossas ideias na cabeça, juntamente com o Comendador António
109 Silvestre. É claro que nós temos sempre que ir de acordo também com a vontade dele e com
110 as motivações dele, mas o que nós, ah, sabemos é que queremos que ao receber as pessoas
111 aqui, ao serem bem recebidas, ao explicar-lhes o que é que nós fazemos aqui, como é que
112 fazemos, ah, a nossa função principal é que eles aprendam e que gostem e que cheguem a
113 casa e que saibam dizer "olha", e vão ao supermercado neste caso ou que estejam em
114 qualquer sítio ou vejam uma publicidade e associam "Eu já fui ao Vale de da Rosa, eu já estive
115 no Vale de da Rosa, eu sei que eles, eu sei a qualidade do produto deles, eu sei que ..., o

116 porquê de”, obviamente, o nosso produto também ser mais valorizado que os outros, tudo tem
117 uma justificação, porque eu já lá estive.

118 **E:** Então pode-se dizer que esse é o grande objetivo e a missão deste serviço?

119 **RSE3:** É, é, é...

120 **E:** E tratando de uma empresa, em termos orgânicos, como é que, qual é o posicionamento
121 que este serviço das visitas, da promoção ocupa na estrutura?

122 **RSE3:** Está..., obviamente, que isto tem uma área financeira, tem uma área de produção, tem
123 uma área de manutenção, recursos humanos, depois tem a parte comercial e na parte
124 comercial depois temos o *marketing*, temos a comunicação, as vendas e o mercado. Nós
125 estamos ao mesmo nível que a área do *marketing*, portanto, dentro da área comercial podemos
126 dizer que está na mesma hierarquia porque, mesmo sendo empresas, digamos, mesmo sendo
127 outra empresa com um CAE diferente, mas está integrada e equiparada à área comercial,
128 porque nós não deixamos de estar a vender o nome Vale da Rosa, a imagem Vale da Rosa, a
129 parte do *marketing* também.

130 **E:** E em termos de organização do próprio funcionamento, existe algum regulamento de
131 funcionamento deste serviço? Algum manual de boas práticas?

132 **RSE3:** É assim, ..., isso nós ..., isso temos que ter, não é, e temos um organograma da
133 hierarquia, ah... ah... e, obviamente, depois as pessoas que cá estão, nós sabemos qual é a
134 função também de cada uma e qual é a responsabilidade de cada uma.

135 **E:** Sim. E fazem, produzem algum documento onde sistematizam a informação, as atividades
136 que vão fazendo? Um plano de atividades, por exemplo, um relatório?

137 **RSE3:** Nós, nós, nós... não podemos dizer que é o relatório, mas nós temos, obviamente, um
138 ficheiro que esquematiza o tipo de visitas que nós fazemos. Até porque depois também é mais
139 fácil para quem cá chega, se nós tivermos que dizer o que é que temos, o que é que fazemos,
140 o que é que podem fazer, ou então, e até mesmo quando recebemos estagiários também é
141 mais fácil para eles, se já tiverem essa informação, e depois, e principalmente com essa
142 informação que nós já temos que depois fazemos os reportes de informação para a promoção.

143 **E:** E estava-me há pouco também a dizer que na estrutura da empresa há outros setores. Qual
144 é, existe alguma ligação entre a vossa atividade e os restantes? Como é que funciona essa
145 ligação?

146 **RSE3:** Sim, nós, em termos de... a que temos uma ligação mais direta, podemos dizer que é
147 com a área da produção, produção e... sim, com a área da produção, porquê? Porque nós...
148 ah, e talvez o *marketing* porque em termos de comunicação temos de passar sempre pelo
149 departamento de *marketing* para haver coerência na comunicação e mantermos a linha de
150 pensamento. Depois, a produção. Eu julgo que no dia a dia mesmo é produção porque nós
151 quando fazemos, recebemos pessoas aqui, as nossas visitas passam sempre e sempre pela
152 visita ao campo. E, portanto, nós muitas vezes os procedimentos no dia a dia no campo não
153 são sempre os mesmos e as equipas também não estão sempre a trabalhar no mesmo sítio. E
154 depois, às vezes, há alterações, ah, que nós também temos..., queremos ver ou que temos
155 necessidade também de mostrar às pessoas que visitam. Até porque, muitas vezes as pessoas
156 que cá vêm, têm, vêm com motivações específicas, nomeadamente os cursos profissionais,

157 turmas de, por exemplo, Geografia, Ciências, Biologia, que às vezes querem ver determinado
158 tipo de procedimentos e aí nós temos que alinhar com a produção para saber se estão a fazer
159 ou não, onde é que estão a fazer e saber se podemos lá ir. E, sim, talvez seja a produção
160 aquela com quem temos mais interação no dia a dia.

161 **E:** E relativamente à constituição da equipa, falou-me já no Nuno, além da Liliana. Gostava de
162 saber o número de recursos humanos afetos, a formação académica também, o vínculo, o tipo
163 de vínculo que têm? São quantos elementos?

164 **RSE3:** Sim, ah, sim. É assim, nós aqui a tempo inteiro estamos três. A hierarquia superior é o
165 Nuno, que é o responsável pelo departamento, acima dele está o Dr. António, obviamente, é o
166 proprietário, não é? Na falta de Nuno temos outra pessoa que também nos dá apoio, mas é só
167 caso... ou quando o Dr. António também não está e haja alguma coisa, essa pessoa também é
168 que dá apoio, mas lá está esporadicamente. Depois estou eu e depois está a colega. Eu sou
169 colaboradora o tempo inteiro, digamos assim, com a Vale da Rosa, o Nuno é consultor e o...

170 **E:** Então é externo?

171 **RSE3:** Externo, sim. A colega também é colaboradora da Vale da Rosa. Ela está há menos
172 tempo. Eu e o Nuno estamos há cinco anos, ela está há um ano, um ano e meio, mais ou
173 menos. E, sim, somos três, quatro, com o doutor António ou com a outra colega que faz a
174 substituição.

175 **E:** E executam, exercem estas funções em regime de exclusividade? O Nuno sendo de
176 consultor externo?

177 **RSE3:** Não tem, não tem regime de exclusividade, mas este tipo de funções só faz aqui.

178 **E:** Então, podemos considerar?

179 **RSE3:** Pode considerar exclusividade, sim.

180 **E:** E que funções é que competem aos técnicos? Há alguma diferença, por exemplo, das suas
181 funções para a da outra colega?

182 **RSE3:** Há, neste caso eu sou superior, ela reporta a mim, porque ela não faz as visitas em si.
183 Se você quiser chegar cá e fazer uma visita, não é ela que vai fazer. Ela dá todo o apoio
184 logístico, digamos assim, às visitas e à preparação da visita. E depois eu é que faço, que
185 realizo a visita. Ela também não faz orçamentos para, por exemplo, operadores turísticos, para
186 juntas de freguesia, câmaras municipais, ah..., eventos com algumas empresas, o Nuno é que
187 faz isso, essencialmente, na falta de Nuno, faço eu.

188 **E:** Em termos de formação, para ser trabalhador deste serviço, recebem alguma formação?
189 Como é que se faz? Como é que se atualizam?

190 **RSE3:** Nós, nós, não... Felizmente, esta empresa, ah..., obviamente, que a formação é
191 importante, até porque o conhecimento, o saber do, os cuidados que é preciso ter no diálogo,
192 na comunicação, mas, mais que tudo, felizmente o Dr. António [aparte – Olá!], felizmente o Dr.
193 António também acredita muito no potencial da pessoa e às vezes nós podemos ser, e como
194 ele diz, nós podemos ser boas pessoas, ser muito conhecedoras, ter muito, mas não ser bons
195 profissionais e para ele é mais importante o ter gosto no que se está a fazer e nas motivações

196 dele. Então não há necessidade, ele não tem, não exige que a pessoa seja formada, tenha o
197 grau académico XPTO para.

198 **E:** Mas para além do grau académico, formações, por exemplo, em contexto de trabalho ou
199 atualizações?

200 **RSE3:** Isso aí, obviamente, que nós se tivermos a oportunidade de fazer, por exemplo, um
201 *workshop*, um seminário, um congresso, uma pós-graduação, se tivermos a oportunidade de
202 fazer, ele valoriza, mas o que nós às vezes fazemos é, por exemplo, tirar, fazer um dia para ir
203 conhecer outros espaços idênticos ao nosso para ver como é que eles fazem, o que é que nós
204 podemos fazer também para, para melhorar ou então se... até às vezes nem é tanto para
205 melhorar, é mais para nós abrirmos os nossos horizontes e ver o que é que os outros também
206 estão a fazer, mas isso sim.

207 **E:** E também já há pouco disse-me que a outra colega não fazia as visitas, dava um apoio
208 sobretudo na preparação.

209 **RSE3:** Não, sim, sim, sim...

210 **E:** Mas também podem ser considerados polivalentes?

211 **RSE3:** Nós somos polivalentes, sim, sim, sim.

212 **E:** E acha que é necessário um reforço da equipa ou os recursos que estão afetados são
213 suficientes?

214 **RSE3:** É, nós, nós, nós no dia a dia, e nós temos que ver que isto do turismo há muita
215 sazonalidade e nós próprios, a produção da empresa, a atividade principal da empresa é
216 sazonal e nós, então, também, ah..., o que fizemos foi, temos uma equipa que somos a tempo
217 inteiro e depois quando temos necessidade por causa de picos de marcações de visitas ou
218 agendamentos ou eventos recrutamos pessoal de apoio aos recursos humanos, e, aí, seja para
219 a questão da logística, seja para a questão do atendimento e receção de pessoas, seja para
220 dar apoio no campo, nas viaturas de passeio, aí sim recrutamos e aí vai-se vendo caso a caso
221 as necessidades.

222 **E:** É pontual?

223 **RSE3:** Sim, sim, sim, pontual. De maio para a frente até setembro, chega a ser diário e o dia
224 todo.

225 **E:** E em termos de parcerias, existe alguma parceria para, por exemplo, para reforçar essas
226 equipas, até para preparar alguma atividade?

227 **RSE3:** Sim, depende, por exemplo, ...

228 **E:** E também já agora os critérios que são utilizados na escolha das pessoas.

229 **RSE3:** Das pessoas, é nós... aí depende muitas vezes da disponibilidade de quem cá está
230 nesse dia, porque nós temos muitos trabalhadores que também são sazonais e muitas equipas
231 que são sazonais. O que normalmente nós tentamos fazer é ir buscar por questões de
232 facilidade, obviamente, não temos que estar outra vez a explicar como é que vai decorrer a

233 visita, o que é que nós pretendemos, aí tentamos buscar as pessoas que já costumam
234 habitualmente dar-nos apoio e aí os recursos humanos é que já têm sinalizadas um grupo de
235 pessoas que quando nós precisamos são essas pessoas que vêm.

236 **E:** Porque já tiveram experiência, já conhecem?

237 **RSE3:** Já tiveram experiência ou então, apesar de não estar a trabalhar aqui, já trabalharam
238 noutra sítio, nessa área também, apesar de agora na empresa não estar a desempenhar essas
239 funções. Ah, mas sim, porque já passaram, já fizeram e sinalizámos essas pessoas e elas é
240 que vêm fazer. Depois, quando aí temos, por exemplo, ah..., uma dimensão de grupo ou uma
241 motivação específica, imagine, nós já há uns dois meses tivemos cá uma empresa da área de
242 produção de fitofármacos. E quiseram cá passar o dia, fizeram uma reunião, apresentação da,
243 do balanço, aliás, neste caso, do novo ano, quais são os objetivos, o que é que é preciso,
244 apresentação de membros novos, de equipa, ah, e quiseram cá passar o dia, mas depois
245 também quiseram fazer uma visita ao campo e ver, ah, os produtos que a empresa produz
246 serem aplicados aqui no campo. Nesse caso, nós tivemos que também ir buscar os técnicos de
247 campo que estão relacionados com essa atividade, porque também são eles que fazem o
248 pedido de compras. Portanto, nós aí, consoante os tipos específicos que fazemos na quarta-
249 feira, por exemplo, tivemos cá duas escolas, Serpa e Beringel, a fazer uma atividade em
250 conjunto, a misturar duas turmas de escolas completamente diferentes e, aí, obviamente, que
251 eram quarenta e... quarenta e cinco miúdos, aliás, miúdos, eram do, do secundário e nós
252 tivemos que, obviamente, recrutar também pessoas para nos dar apoio e, neste caso, como
253 era uma atividade específica em que tínhamos cinco áreas da empresa que estavam em
254 atividade, ou seja, imagine, essas escolas juntaram-se, criaram-se, aliás, sete grupos de
255 trabalho e eles entraram em sete departamentos da empresa e tiveram que criar, digamos, nós
256 apresentámos um problema a cada um dos grupos e eles tiveram que apresentar uma solução
257 ou um projeto e, portanto, aí nós, obviamente, tivemos que ir buscar um membro de cada
258 departamento para acompanhar essas equipas. Pronto, é esse tipo de coisas que nós...

259 **E:** Que vão realizando.

260 **RSE3:** É isso mesmo.

261 **E:** E agora relativamente à caracterização dos meios materiais e financeiros. Nós estamos
262 numa herdade que tem essa especificidade, não é? Mas também eu queria falar um bocadinho
263 sobre o edifício, sobre a própria organização deste espaço.

264 **RSE3:** Hum, hum... Bom, nós quisemos duas, duas, três coisas aqui. Foi um espaço para
265 receber as pessoas e que tivesse e que fizéssemos comunicação da loja, também de vender
266 os nossos produtos.

267 **E:** Isto foi tudo criado de raiz?

268 **RSE3:** De raiz, não havia nada! Isto era um estacionamento. Nós quisemos ter um sítio para
269 receber as pessoas, que tivesse também, obviamente, os serviços de casas de banho, zona
270 para fazer degustações, apresentações de produto e venda, que é o sítio onde nós estamos. E
271 depois quisemos dois espaços que servisse para as pessoas que quisessem almoçar, fazer
272 piquenique, aqui, temos uma esplanada com mesas e um espaço multifunções fechado que
273 serve para receber ah, as visitas, seja as escolas, as empresas, mas que também serve para
274 fazer conferências, reuniões ou almoços, se for o caso, que é aquele espaço que está ali,
275 envidraçado. Todos esses espaços quisemos sempre que estivessem todos virados para a

276 vinha, em que deixassem a natureza entrar ou que fosse só o que nós víssemos, por isso é
277 que são todos em vidro, podem ser todos abertos para estarmos quase em comunhão com o
278 espaço. Mas, essencialmente, foi isso. Nós, por exemplo, ah, no Alentejo não chove muito, mas
279 chove e nós quando recebemos escolas, como foi o caso de quarta-feira, são recebidos numa
280 sala em que nós fazemos lá a apresentação, o nosso enquadramento da empresa, da visita, o
281 que é que vão fazer depois, como é que vai decorrer a visita, se estiver a chover e há
282 procedimentos que nós não podemos ver, no campo, temos um vídeo, que tenho que lhe
283 passar por acaso, mas está no *YouTube*, pode ir lá buscar, mas eu passo-lho, que tem mais ou
284 menos o enquadramento todo do processo da nossa produção, que é mais um suporte digital
285 para dar apoio à visita e para eles poderem ver. E depois, se houver possibilidade, vamos ao
286 campo, caso não esteja a chover. Por norma, vamos sempre, mas normalmente aquele espaço
287 é o espaço de multifunções.

288 **E:** E esse é o espaço público.

289 **RSE3:** Sim.

290 **E:** Os visitantes podem aceder a todas as áreas?

291 **RSE3:** Sim, sim, sim... agora, o nosso espaço. Nós temos um escritório, é onde nós
292 trabalhamos. Temos também uma parte de cozinha para dar apoio quando fazemos
293 degustações ou apresentações de produtos ou então para quem vem cá fazer os *caterings* ou
294 mesmo para quem quiser e precisar de usar. Porque nós também, para além da parte das
295 visitas, também alugamos os espaços para festas de aniversário e outros eventos, e, então, a
296 cozinha serve de apoio, sim.

297 **E:** Ok. E os percursos, existem alguns percursos pré-definidos?

298 **RSE3:** Nós temos, nós temos um percurso principal definido, ah... e, ah... em que mais ou
299 menos todos nós, eu sei de cor, o Nuno sabe de cor, quem costuma fazer já sabe. Às vezes
300 pode haver alterações se houver algum trabalho que esteja a fazer-se naquela zona e que ele
301 esteja cortado, mas o percurso está sempre delineado e passa, obviamente, pelos pontos de
302 interesse que para nós são importantes de passar. Ah, depois pode ser reduzido em função do
303 tempo que as pessoas têm para visita, porque às vezes não tem tanto tempo quanto aquele
304 que nós gostaríamos ou, então, pode ser alterado se as motivações das pessoas que vêm cá
305 forem específicas e pedirem, “olhem nós gostávamos de ir, mas” ...

306 **E:** São direcionadas.

307 **RSE3:** Direcionados e nós somos da escola do curso tal, da empresa tal ou temos uma
308 motivação, e aí nós passamos, ou da instituição, não sei das quantas e aí nós temos que
309 alterar o percurso porque temos que passar em determinados pontos que habitualmente não
310 passamos.

311 **E:** E para fazer essas visitas utilizam algum equipamento?

312 **RSE3:** Nós temos duas viaturas, que é um trator que foi convertido, tem o trator e o reboque,
313 que tem bancos para as pessoas sentarem. É aberto, tem só um toldo para, obviamente,
314 proteger do sol e/ou da chuva e depois temos um carrinho elétrico.

315 **E:** Mas, por exemplo, utilizam *placards*, ah... durante o percurso?

316 **RSE3:** É assim, durante o percurso as vinhas estão identificadas, mas, o percurso não está
317 identificado. Nós não deixamos que as pessoas andem isoladamente sozinhas no meio da
318 vinha, nem podem fazê-lo! Isto é o campo! E lembrem-se que os percursos não são
319 alcatroados, são em terra batida, quando chove, muitas vezes é difícil passar, só de trator e
320 mesmo assim as vinhas estão todas identificadas e têm setores, estão repartidas, mas eu sei
321 reconhecer, mas quem vem de fora não sabe reconhecer aquela sinalética, porque foi criada
322 propositadamente para nós.

323 **E:** Mas têm, por exemplo, a explicação?

324 **RSE3:** Estão identificadas as variedades, o que é que está lá plantado, há quanto tempo é que
325 foi, qual é o compasso, o tipo de condução, isso sim, mas, por exemplo, o que é para si o
326 compasso? Ou o que é a condução para si, não é? Qual é a variedade? Quer dizer..., elas
327 estão por códigos, e..., mas... não adianta de nada, porque até podiam estar por extenso. Só
328 que quando as pessoas vão ao supermercado, ou à mercearia, ou à frutaria não compram a
329 uva, ao contrário da maçã, da pera por variedade. Compram uva, porque é branca, porque é
330 preta, porque é rosada. E, então, nós temos, mas é assim, ah... para lhes dizer a verdade, é
331 como se fosse chinês, porque, não, você compra pera, pera rocha, do oeste, maçã, maçã de
332 Alcobaça, não é, pronto, e você sabe identificar a maçã reineta, a maçã...

333 **E:** A fuji...

334 **RSE3:** A fuji, a *pink lady*, pronto. A uva é uva, é uva branca, preta e rosada, pronto.

335 **E:** Ou sem grainha, [risos]

336 **RSE3:** Ou sem grainha, mas é branca, preta e rosada, não é, pronto. E não compra por
337 variedade. E faz toda a diferença comprar por variedade.

338 **E:** E uma vez que a matéria prima são as uvas e a vinha, os visitantes podem interagir? Como
339 é que funciona?

340 **RSE3:** Sim, sim, sim... Nós, a nossa visita... é assim, nós temos, na verdade, dois tipos de
341 visita que fazemos. Uma que fazemos o ano todo, que é a que nós consideramos visita
342 *standard* e a visita experiência, digamos assim, que só fazemos quando temos uva. A visita
343 *standard* tem a duração de cerca de uma hora e meia, as pessoas são recebidas aqui no
344 espaço onde nós estamos, fazemos a apresentação, o enquadramento. A apresentação é o
345 enquadramento do Vale da Rosa, o que é que era, como chegou até aí, quantos anos é que
346 trabalha, qual é, o que é que o Dr. António, o Comendador, pretende, qual é o sonho dele,
347 essas coisas todas e, e tentamos desmistificar, que é o nosso maior problema, o que é uva
348 sem grainha. Ah...que é esse o nosso principal objetivo é fazer chegar às pessoas que isto não
349 é, que nós não fazemos nada à uva para ela dizer-se que não tem grainha, que na verdade
350 tem.

351 **E:** Já existe desde a Mesopotâmia.

352 **RSE3:** Já existe da antiga Pérsia, da Mesopotâmia, sim. Ah... esse é o nosso... depois
353 fazemos um *tour* no campo que leva cerca de 45 minutos, em que temos várias paragens em
354 pontos de interesse. Aí nós depois vamos vendo quais são as vinhas que têm mais interesse
355 porque estão a desenvolver alguma coisa ou que estão em plantações novas, ou marcações,
356 ou são variedades *premium*. Passamos no campo experimental, ou no berçário, por assim

357 dizer, passamos no minhocário, ah, portanto, fazemos assim... passamos em alguns pontos
358 que para nós é importante que as pessoas saibam que nós temos cuidado com a plantação,
359 com uma agricultura mais sustentável, mais amiga do ambiente e fazemos essas... isso tudo
360 leva 45 minutos, mais a visita aqui, hora e meia. Entretanto, as pessoas podem provar, provam
361 sempre, sempre, sempre os nossos..., quando chegam aqui, tem sempre o balcão ou as
362 mesas com todos os nossos produtos, à data, que temos para degustação. Não temos uva o
363 ano todo, quando temos uva, também temos uva. A outra visita que só fazemos quando temos
364 uva e normalmente só dá para fazer entre julho e setembro, às vezes, a primeira semana de
365 outubro, é no final da atividade, da visita, as pessoas preparam a sua própria caixinha de uvas
366 para levar para casa. Ah... no campo, as pessoas podem entrar na vinha, provar as uvas, ah,
367 tirar fotografias, porque as pessoas têm curiosidade porque as uvas que nós temos aqui nem
368 todas chegam ao supermercado porque os supermercados só compram aquilo que querem e
369 não o que vocês querem. Então, e depois temos muitas variedades que só vão para
370 exportação, então, e, por exemplo, no campo experimental que é onde nós temos, sei lá
371 quantas variedades... temos imensas, nós temos mais de 50 variedades na vinha aqui.

372 **E:** Se for possível, podemos falar mais à frente, retomamos, isso é importantíssimo, mas para
373 não perder também a lógica eu agora pedia que me falasse também em relação ao orçamento.
374 Que verbas que têm? Quais são os principais pontos de financiamento?

375 **RSE3:** Sim, nós, obviamente, nós, ... a empresa tem que ter sempre um orçamento e há
376 sempre um orçamento afeto para este setor. Depois obviamente...

377 **E:** E esses recursos são suficientes? As verbas que estão afetadas?

378 **RSE3:** Nunca são. Os orçamentos nunca são suficientes, [risos] ... os orçamentos nunca são
379 suficientes porque nós queremos sempre mais e queremos fazer mais, só que também temos
380 que ver que há uma sazonalidade inerente e que nem sempre aquilo que às vezes há
381 necessidade tem o retorno imediato do investimento que se queira fazer. Nós recorremos a
382 financiamentos públicos ou projetos e todos os anos vamos vendo que linhas é que há de
383 apoio para nós podermos candidatar-nos e fazermos mais coisas, ah, seja na parte de tentar
384 fazer um jogo digital com aqueles óculos para as pessoas fazerem visitas virtuais, que é uma
385 coisa que nós já andamos aqui a tentar há algum tempo, ah, criar um restaurante de apoio ao
386 alojamento, que também é outra coisa que nós ainda estamos atrás. Portanto, há aqui coisas
387 que nós queremos fazer e, ah, mas também... isto tem uma loja, isto, as visitas são pagas,
388 portanto, cria, gera também dinheiro, não é?

389 **E:** Conseguem ir aí também buscar algum retorno.

390 **RSE3:** Conseguimos ir aí buscar retorno, sim.

391 **E:** E agora concretamente em relação às atividades. A Liliana já me foi falando nas visitas, do
392 tipo de visitas que existe. Agora gostava mesmo de me conhecer em profundidade, desde a
393 diversidade das atividades.

394 **RSE3:** Sim, sim, nós, é assim, nós temos dois tipos de visita como lhe disse, que é a visita
395 *standard* que já falei, a visita que nós podemos considerar experiência e que as pessoas
396 preparam a própria caixinha de uvas para levar para casa. Isto é o padrão. Agora, às vezes,
397 dependendo do grupo e normalmente nos adultos não é possível fazer isso, porque nós quer
398 queiramos, quer não, os adultos não são tão ordeiros. E, na verdade, nós também temos mais

399 prazer e mais motivação em receber as escolas e os miúdos, as crianças e as famílias e
400 quando são grupos mais pequenos, mais privados, nomeadamente, casais com filhos...

401 **E:** As famílias?

402 **RSE3:** As famílias e as escolas com os mais pequeninos dá para fazer mais brincadeiras na
403 vinha, nomeadamente de os pôr a fazer, a retirar as folhas, a fazer as podas, a apanhar os
404 cachinhos, a provar, a ir vermos, a mexer nas minhocas, a cheirar o húmus da minhoca, a
405 mexer na terra, a ir vermos os morcegos, a casinha dos morcegos. Nós temos essas valências
406 que normalmente só fazemos com as escolas ou com as famílias porque há motivações da
407 parte dos pais e da parte das escolas também para essa questão ambiental e mais pedagógica
408 que, no fundo, é o que eles querem, sobretudo quem vem da cidade, nós notamos isso
409 também. Nos adultos já não fazemos tanto isso. Nos adultos depois também temos uns
410 complementos às duas visitas padrão que nós temos que é fazer almoços, aqui na...

411 **E:** Degustações também?

412 **RSE3:** Degustações. Fazemos, mas sobretudo..., as degustações fazemos com muita
413 frequência, sobretudo para grupos, operadores turísticos também e onde combinarmos os
414 produtos, os nossos produtos com tapas, para ver quais, porque o nosso intuito depois é
415 vender, não é, então fazemos essas combinações, mas depois temos os almoços que fazemos
416 aqui, seja aqui nas esplanadas ou seja debaixo das vinhas. Debaixo das vinhas também é
417 sazonal, porque, obviamente, agora não tenho interesse nenhum ir lá e, portanto, a partir de
418 maio já começa, aliás, sim, primeiro fim de semana de maio já temos 150 pessoas só num dia
419 e que vêm para almoçar e almoçam debaixo das vinhas.

420 **E:** E associado a esse almoço há alguma apresentação sobre os conceitos?

421 **RSE3:** Nós fazemos..., ah, as pessoas que cá vêm, primeiramente têm de fazer sempre a
422 visita.

423 **E:** A visita pode ser dita a principal atividade educativa que têm?

424 **RSE3:** Sim, sim, isso. E a par disso temos é complementos, seja piqueniques, seja as
425 degustações, seja os almoços ou às vezes pedem-nos cante alentejano para ter debaixo de
426 vinha. Mas isso é tudo complementos. O nosso mote é visita ao Vale da Rosa, conhecer a terra
427 da uva sem grainha. É esse o nosso, o nosso mote.

428 **E:** E em termos de planificação, de conceção da própria atividade, da própria visita, como é
429 que surgiu, como é que decorreu o processo? É a Liliana que pensa o que é que vai dizer?

430 **RSE3:** Pois, foi eu e o Nuno que tivemos que pensar muito bem nisso, porque isso foi
431 delineado com o Dr. António, porque ele, nós quando viemos para cá assim também não
432 conhecíamos e também tivemos que passar imenso tempo a estudar, a andar com o Dr.
433 António, com os técnicos de campo, a conhecer a vinha, os processos todos da vinha, até a
434 conhecer o campo para não nos perdermos também, porque não é fácil, é natural que se
435 percam e nós tivemos que alinhar com ele o que é que ele pretendia, que mensagem é que ele
436 queria, que nós passássemos. E através da mensagem que ele queria que nós passássemos,
437 nós delineámos todo o discurso, e, obviamente, que nós também já tínhamos experiências do
438 que é que se fazia noutros espaços, também fomos ver o que é que se fazia na Pacheca, no
439 Esporão, na Bacalhôa. Portanto, tudo isso também que nós já tínhamos experiência, também

440 sabíamos como é que se fazia, mas é principalmente, foi entre nós, eu, o Nuno, o Dr. António,
441 a mensagem que ele pretende e depois criar aqui uma linha de pensamento.

442

443 **E:** Certo. E existe alguma articulação entre as atividades promovidas e os currículos escolares,
444 uma vez que muitas das visitas são direcionadas para as escolas?

445 **RSE3:** Nós aí, normalmente, ah..., nós recebemos muitas marcações de escolas e eles ligam
446 "nós vamos fazer visita", tudo bem, sim senhor, temos disponibilidade e tal. Eles dizem quais
447 são os anos e nós quando já sabemos os anos já sabemos, pelo menos nós já nos preparamos
448 naquele dia o nosso discurso é um ligeiramente mais técnico ou mais formal ou menos formal.
449 E depois, a maior parte das professoras ou dos professores que ligam já dizem "olhe, nós
450 somos das turmas de..." e se puder falar mais sobre a fertilização ou sobre preocupações com
451 o ambiente ou sobre sistemas de condução, sistemas de podas ou quando são só estudo do
452 meio, que são os mais pequenos, nós já sabemos que é para eles mexerem na terra e nas
453 folhas e nós aí temos que, sabemos que nós próprios já temos que nos adequar e preparar
454 para isso. Mas também há quem não, quando faz a chamada, não diz nada, nós já pela faixa
455 etária já sabemos mais ou menos quais são e chegam cá e nós ou eles nos dizem e nós
456 perguntamos "olhe, tem algum conteúdo pedagógico que queira que seja abordado ou que nós
457 falemos mais ou menos?" Nós como já estamos nisto há muito tempo, nós mais ou menos o
458 nosso discurso de visita já é transversal a tudo e depois aí às vezes as pessoas dizem "olhem,
459 já agora pode falar sobre este assunto" ou, pronto...

460 **E:** Tem em mente algum tema, algum assunto?

461 **RSE3:** Há a questão, por exemplo, o que é que nós fazemos em relação à fertilização do solo,
462 se nós usamos adubos ou se não usamos adubos, em relação ao controle de pragas e
463 doenças, que tipo de técnicas é que nós usamos, se nós produzimos... ah, que tipo de
464 agricultura é que nós praticamos, se é biológica ou se não é ou então se nós podemos falar
465 que tipo de, por exemplo, a questão do minhocário. Nós não tínhamos minhocário até há dois
466 anos atrás.

467 **E:** Podia-me explicar mais em concreto o que é o minhocário?

468 **RSE3:** O minhocário, na verdade, é vermicompostagem. É uma forma de, que nós já
469 conhecemos muitos, muita gente faz vermicompostagem em casa, só que vermicompostagem
470 é usar a minhoca, uma espécie de minhoca que processa muito rapidamente os detritos e que
471 produz um adubo, um super adubo, que é biológico e que promove a produção muito
472 rapidamente e é uma das formas alternativas a evitar usar fertilizantes ou adubos e usar um
473 produto que é natural e que é 100% orgânico. Na questão, como hoje em dia no estudo do
474 meio e nas ciências já se fala muito dessa questão, temos, sobretudo nessa área pessoas, que
475 nos pedem, aliás, em fevereiro, dia 14, acho eu, há um mês, tivemos uma visita aqui, só
476 especificamente, só para falar sobre isso.

477 **E:** Eram alunos de...

478 **RSE3:** Eram alunos da Universidade de Évora. Mas atenção, este foi um exemplo há imensos.

479 **E:** Ok. E relativamente, também, fiquei curiosa, com os morcegos.

480 **RSE3:** Pois, os morcegos já têm mais tempo. Esse também é engraçado. E nós falámos
481 também das técnicas de controle da natalidade dos bichos, que é a questão... Há uns anos
482 atrás, resumidamente, há uns anos atrás houve uma parceria entre a Universidade da Évora, o
483 Instituto de Conservação da Natureza, o Vale da Rosa e outra instituição, para tentar arranjar
484 uma solução para o controle de natalidade, de pragas e doenças. E os morcegos são, nessa
485 área, assim como as andorinhas e outros, são espetaculares. Então, o que nós fizemos foi criar
486 nichos de habitação, digamos assim, para fixar os morcegos aqui, a pernoitar aqui e
487 procurarem depois alimento aqui na zona. Neste caso, na propriedade. Então o que nós
488 fizemos foi criar vários postos, abrigos para morcegos e eles ficam a pernoitar aqui, que é
489 durante o dia e à noite comem aqui. E assim é uma forma de nós controlar, ... a comunidade,
490 depois já há um controlo, a comunidade aumenta de ano para ano, portanto, é sinal que... e a
491 verdade é que nós temos doenças que não temos, que são transmitidas por mosquitos, pelas
492 melgas, por outras, outras bicharadas e que nós não temos necessidade de...

493 **E:** E essas questões são abordadas durante a visita?

494 **RSE3:** São, sim, sim.

495 **E:** E agora também me estava a falar que em relação, que em parcerias com a Universidade...

496 **RSE3:** Sim, sim, sim. Sim, nós temos por acaso...

497 **E:** Com as escolas aqui à volta, há alguma?

498 **RSE3:** Sim, nós, temos por acaso... sim, nós, ah, por exemplo, com o Instituto Politécnico de
499 Beja, a Escola Santarém, a de Évora.

500 **E:** E em que áreas concretamente?

501 **RSE3:** Por acaso depende, mas a maior parte é tudo na área de agronomia, só que depois tem
502 algumas valências da área de agronomia, é muito generalizado, mas depois tem algumas que
503 é na parte de fitofármacos, não é, os tratamentos, alternativas, fertilizantes, porque hoje,...,
504 hoje aquilo que se usa hoje não era o que se usava há 50 anos atrás, não é, e para as pessoas
505 terem uma ideia, nós aquilo que nós podemos usar na vinha não é aquilo que nós podemos
506 usar em casa, até porque nós temos contratos ou parceiros de negócio, supermercados, em
507 que se nós usarmos determinado tipo de produtos químicos, eles não compram. Porque hoje
508 há uma preocupação maior e bem, de controlo e cuidado com os produtos que se usam na
509 fruta e nos legumes. E nós, portanto, temos também parcerias com universidades que têm
510 essa investigação de arranjar soluções e alternativas mais ecológicas e amigas do ambiente.
511 Seja nos fitofármacos, seja no controlo de pragas e doenças, seja na parte de técnicas de
512 produção, seja das podas, sei lá... estou assim, por exemplo, em Lisboa temos duas escolas,
513 Évora, Santarém, Beja, também com Elvas..., são algumas, pronto. Depois, não quer dizer que
514 todos os anos tenhamos projetos com eles. Por exemplo, nós também temos um campo
515 experimental e que nós temos lá, também é um ponto de passagem, sobretudo os miúdos
516 acham uma imensa graça, porque aquilo, na verdade, não deixa de ser um berçário, não é, em
517 que temos cada fila é uma variedade diferente. A visita passa por lá. Os adultos gostam de ir lá
518 também, mas por motivos diferentes. É porque lá podem experimentar variedades que
519 provavelmente nunca chegarão aos supermercados e que nunca veriam de outra forma. Mas
520 os miúdos é porque acham graça as cores das uvas, os sabores das uvas, porque cada fila é
521 uma variedade diferente e eles, não deixa de ser um berçário. E nós, por exemplo, nessa parte
522 de investigação das variedades para nós sabermos se elas vão se adaptar ao nosso clima, ao

523 nosso solo, essas coisas todas..., o consumo de água também é outra forma, outras parcerias
524 que nós temos para ajudar a reduzir os consumos de água na vinha. Estes assuntos são todos
525 abordados consoante as motivações das visitas ou os protocolos que nós temos também.

526 **E:** E considera que há vantagens? Ou são sobretudo vantagens ou desvantagens da existência
527 destas parcerias?

528 **RSE3:** Não! O conhecimento, o conhecimento é sempre vantagem. Ajuda para ambos os
529 lados. Nem que seja a melhorar técnicas ou a alterar técnicas porque descobrimos que estão
530 mal feitas. Mas é sempre bom.

531 **E:** E a preparação, essas parcerias, esses parceiros eles interferem na preparação das
532 atividades?

533 **RSE3:** Não, nós aí, por exemplo, às vezes eles vêm cá..., a Universidade da Évora teve cá há
534 pouco tempo. Tem uma ou outra que já teve uma envolvida num projeto qualquer aqui por
535 causa de uma tese de mestrado, doutoramento ou uma pós-graduação. Acaba por depois
536 perceber, foi aplicado, não foi aplicado, resultou ou não resultou. Depois não passa disso, no
537 que diz respeito a nós diretamente em relação às visitas. Quando são casos como os
538 morcegos ou como, por exemplo, algumas variedades que conseguiu-se descobrir ou criar uma
539 forma de cuidar dela, que ela conseguiu-se adaptar ao nosso solo, o nosso clima e
540 conseguimos passar para a produção, aí sim, porque são casos que depois resultam e são
541 aplicáveis.

542 **E:** Muito bem. E retomando ainda aqui aquela questão das atividades, já me foi dito, já me
543 disse que era, sem dúvida nenhuma, as visitas. Mas a visita *standard* ou a visita
544 personalizada?

545 **RSE3:** Nós temos sempre, ... a visita *standard* é aquela que nós fazemos sempre. Qualquer
546 pessoa que marque visita, que venha cá, é essa que nós fazemos. O que é que nós podemos,
547 em que é que nós podemos... ou a visita experiência, que é a preparação no final da caixinha
548 de uvas. O que é que nós podemos personalizar à posterior? É quando temos escolas ou
549 crianças. Aí sim nós adaptamos ou podemos dar mais liberdade a eles de brincarem na vinha e
550 experimentarem. Nós nunca vamos, por exemplo, pegar no grupo de 50 pessoas a um
551 operador turístico, uma agência de viagens, seja..., e largar 50 pessoas na vinha sem controlo.
552 Nem pensava fazer uma coisa dessas, mas porque destruiriam a vinha completamente, mas
553 por exemplo, ...

554 **E:** Esse será um dos constrangimentos da organização?

555 **RSE3:** É um dos constrangimentos, sim, sim..., por isso é que as visitas são sempre
556 acompanhadas. E se forem grupos com 50 pessoas temos que ir os dois. Se forem grupos de
557 até 30 pessoas, vai só um de nós e faz a visita. Com 50 já vamos os dois, porque..., nós
558 temos, e mesmo assim nós comunicamos às pessoas a atenção que, ..., não toquem, não
559 mexam, não danifiquem, porque, primeiramente, mas aí, pronto, eu posso explicar, mas a uva
560 não é como uma laranja que tem uma casca protetora, não é, e aquilo que você colhe ali é o
561 que vai para a sua casa. Portanto, se não tiver bonito, nós já não podemos colher, já estamos a
562 ter prejuízo, e esse é o negócio da empresa. Agora, quando nós, ..., nós, obviamente,
563 sabemos quando é que podemos dar essa liberdade às pessoas, e aí, também dizemos. Nas
564 crianças, como, ah..., o impacto é muito menor, temos mais liberdade com elas para fazer isso,

565 e também é mais engraçado para elas porque estão a aprender, estão a descobrir, estão a
566 explorar, não é?

567 **E:** E também já me disse que as visitas tinham um custo associado.

568 **RSE3:** Tem, tem.

569 **E:** Esse custo é sempre igual?

570 **RSE3:** Não, não. Nós temos valores ao balcão, para quem chega aqui sem marcação. Depois
571 temos um valor para quem nos liga a marcar e para grupos. E depois temos a divisão por a
572 escolas, até aos três anos não pagam, dos 3 aos 10 pagam 3 euros e dos 10 para a frente já
573 pagam como adulto. As escolas, quem vem marcado como escola, a escola até à obrigatória,
574 as universidades já pagam como grupos, mas também é os 3 euros.

575 **E:** E acha que o facto de ter um custo associado tem alguma influência na adesão por parte do
576 público?

577 **RSE3:** Não, não, não. Nada, nada. Nós, foi uma das coisas que nós, no primeiro ano, no
578 primeiro ano foi só um valor simbólico porque estávamos a promover também. Mas não,
579 porque a uva de mesa também, sem grainha, é uma novidade, não é, e depois as nossas
580 vinhas são diferentes das outras e isso faz com que haja muito interesse em conhecer e
581 perceber. E depois nós também fazemos muita comunicação na autoestrada e isso faz,
582 desperta a curiosidade, as pessoas acabam sempre por vir.

583 **E:** E no, e no que respeita à forma como organizam a vossa oferta educativa? Ou seja, como é
584 que pensam as atividades? É pensada em função de quê?

585 **RSE3:** É assim, nós, ah...quando nós recebemos, quando é a grupos no geral, pessoas,
586 público em geral, não temos de pensar em nada, porque é a visita *standard* e pronto, já está
587 definido.

588 **E:** Mas tem um roteiro, um guião?

589 **RSE3:** Nós temos uma folha, uma linha de pensamento que o discurso começa assim e
590 termina assado. E temos de passar por aqueles pontos todos, mas já está na nossa cabeça e
591 já está, já temos esse alinhamento se for eu a fazer a visita ou for o Nuno, o alinhamento da
592 linha de pensamento é sempre a mesma, porque, de acordo com o Dr. António, já sabemos
593 quais são as motivações dele e o que é que temos que discursar. Ah, e qualquer pessoa que
594 venha cá é essa a visita que se faz. Já sabemos que temos que falar em determinados pontos
595 por causa da questão do ambiente, de cuidados da agricultura e assim, mas, agora, quando é
596 preparar o que você está a dizer, só o fazemos com as escolas. Escola, estamos a falar
597 escolas ou pré-primárias.

598 **E:** Os vários ciclos de ensino?

599 **RSE3:** Os vários ciclos, desde os mais pequeninos, dos três anos até aos mais velhos ou com
600 famílias também, quando têm crianças mais pequeninas, nós aí também temos que, que...
601 olhe, eu vou-lhe contar uma situação muito engraçada. Nós também falamos na visita da
602 nossa..., dependendo também lá está, dependendo da motivação da visita da escola. A parte
603 das embalagens para nós e da marca, nós abordamos algum tema, mas não aperfeiçoamos,

604 ou melhor, não aprofundamos. Mas nós também recebemos pessoas da área da comunicação,
605 da logística, *marketing*, *design*, e aí temos que falar das embalagens, como é que evoluiu,
606 aliás, já tivemos aulas sobre isso. E, ah, nós uma vez estávamos com uma escola de Lisboa e
607 estávamos a falar sobre a questão das embalagens. Que embalagens é que temos? Onde é
608 que estavam presentes as gamas, porque nós, em termos da nossa produção, X produção é
609 para o mercado nacional, X produção é para o mercado externo. A do mercado nacional, o que
610 é que vai para o mercado tradicional, o que é que vai para o mercado para a distribuição
611 moderna. Quais são as gamas que nós temos? Temos quarta gama, se não temos. A quarta
612 gama é aquela fruta pronta a comer e como é que nós explicamos... viu, você também, quarta
613 gama o que é?

614 **E:** Não sabia.

615 **RSE3:** Pronto, então a quarta gama é a fruta pronta a comer. Ora, os adultos associam logo,
616 mas as crianças, como é que você associa isso? Então nós, o McDonald's compra para nós a
617 quarta gama para as embalagens do *Happy Meal*. E, obviamente, quando nós estamos a
618 explicar o que é a quarta gama, "Ai, o que é?" E quando, ora..., então estão a ver, por
619 exemplo, no *Happy Meal*, os saquinhos da cenoura, da maçã laminada e não sei o quê, pronto,
620 ah, ... uma vez falámos sobre isso e a professora da escola mandou parar a visita e disse,
621 "mas porquê vocês foram falar disso e não sei o quê, não tinha nada a falar do *Mc Donald's* e
622 etc., agora não se pode falar sobre essas coisas porque isso não é alimentação saudável". E,
623 isso já foi para aí há três anos ou quatro. E nós dissemos, nós não abordamos o *Mc Donald's*,
624 nós falamos quarta gama e exemplos do que é que são as quarta gama. E a senhora depois lá
625 compreendeu, mas está a ver? Nós depois temos que, que, pronto, que ter cuidado nestes
626 discursos.

627 **E:** Então, depreendo daquilo que me está a dizer, que o discurso tem que ser adaptado ou
628 não?

629 **RSE3:** Tem que ser adaptado em função de quem está à nossa frente, sim.

630 **E:** Mas nomeadamente em função de quê, concretamente?

631 **RSE3:** Da faixa etária, por exemplo, e aí, em relação aos miúdos, às crianças, às escolas, é de
632 ano para ano, porque..., e, portanto, o miúdo de 3 anos não compreende a mesma coisa que o
633 miúdo de 4, muito menos, não é, e aí nós temos que mudar completamente, drasticamente.
634 Muda nesse sentido das idades e muda nas motivações de quem liga para cá em relação a
635 crianças, a escolas, a ATL's, a OTL's, a ocupação, ah, pronto..., têm as motivações e que nos
636 pedem especificamente para, e nós aí mudamos e adequamos o discurso, sempre. Porventura,
637 quando são universidades também, se forem de áreas de formação específicas, também
638 mudamos o discurso. E, esporadicamente, acontece quando nós recebemos grupos de
639 seniores, sobretudo porque nós também recebemos muitos lares, centros de dia para saídas
640 de... de lazer deles, aí nós também temos que ter mais cuidado, mas aí não é tanto do pedido
641 deles, aí somos nós que percebemos, normalmente são pessoas mais debilitadas e que temos
642 que falar mais devagar, não usar uma linguagem, sobretudo, tão elaborada, porque também
643 não vão compreender. No caso dos mais pequeninos, os pequeninos, é quase a mesma coisa.
644 Mas quando já estão em ano escolar, não. É precisamente porque também temos esse pedido
645 para adaptar o discurso.

646 **E:** Então, quem vier..., o tipo de atividades é sempre o mesmo. O que muda?

647 **RSE3:** É. É o discurso ou algumas experiências que têm na vinha de exploração que é
648 adaptada em função da idade.

649 **E:** Então há aí uma ligeira *nuance*.

650 **RSE3:** Há, mas só com as crianças.

651 **E:** Mas a base é comum?

652 **RSE3:** A base é comum, a exploração da vinha e no campo é que muda em função do grupo
653 etário em que estamos a trabalhar.

654 **E:** E o que transmitem é igual?

655 **RSE3:** A mensagem é sempre a mesma, não muda, muda é a linguagem que nós usamos, não
656 é? Por exemplo, nós nos adultos dizemos "de onde é que vem a uva sem grainha? Na
657 verdade, ela tem a grainha, acontece uma alteração orgânica na uva durante o crescimento
658 que o embrião que se iria transformar em grainha, aborta, fica atrofiada, como o bago está
659 formado, já não tem para onde sair. Fica mole e quando nós comemos dizemos que não tem
660 grainha porque não a sentimos. Nas crianças não dizemos isto. Então, falamos a brincar,
661 explicamos a verdade, mas eles não compreendem logo à primeira e depois o Nuno ou eu
662 dizemos "olhem, estão a ver, imaginem que temos aqui uma fadinha que faz com que a
663 semente da uva não cresça. Mas como o bago já está formado bonitinho, como vocês estão a
664 ver, pronto para comer, não vamos estragar o bago para sair a semente. Então ele fica lá, mas
665 fica mole". E está a perceber? Entre fadas e princesas e duendes, nós... [risos] ... vamos
666 passando a mensagem. Nas pessoas, nesses grupos mais debilitados dos lares, que também
667 nos aparecem de vez em quando, é uma mistura das duas, porque alguns já trabalharam na
668 agricultura e sabem. A questão é que, como já, às vezes, a memória deles já não é a mesma e
669 assim, também, para eles é mais..., fazemos, até é mais uma exploração do que o discurso em
670 si, porque alguns deles já não têm paciência. Então, às vezes, se não falamos com eles,
671 perguntamos como é que está a família, como é que nos está, não conhecemos, mas, pronto,
672 eles têm essa necessidade de falar. E vamos dar um passeio à vinha, deixamo-los ver, tocar
673 nos troncos, nas uvas, ah, pronto, esses casos específicos é que nós temos mais ...

674 **E:** E agora, no que respeita a um modelo pedagógico. Têm por trás algum modelo pedagógico?
675 Em que é que se suportam?

676 **RSE3:** É assim, nós, eu vou-lhe ser muito franca, nós, eu e o Nuno, nós trabalhamos muito
677 com os Centros de Ciência Viva na zona onde nós já viemos. E como já organizávamos muitas
678 visitas de estudo e muitos programas desse género, nós já tínhamos muita informação de
679 como é que nós deveríamos fazer essa comunicação e o que é que é importante depois para
680 as escolas, para os miúdos, porque há temas que não vale a pena, os miúdos querem lá saber
681 de quantos metros cúbicos é que a vinha usa. Já há adultos que querem. E eles não querem
682 saber disso para nada, eles querem saber outras coisas. E nós aí, essa parte pedagógica da
683 experiência, do explorar, o facto de nós já termos trabalhado, obviamente, com outras áreas,
684 com os Centro de Ciência Viva, deu-nos um, um... essa, um *know how*, sim.

685 **E:** Tem então um carácter mais prático ou expositivo? Como é que se acha, como é que
686 posiciona? Qual será a principal característica desse vosso modelo?

687 **RSE3:** Por acaso, por acaso... eu acho que é uma mistura dos dois e você vai ter
688 oportunidade..., quer dizer, os que vêm, não sei que idade é que eles têm, acho que são mais
689 velhos, acho que são do secundário. É assim um bocadinho..., mas, é... ah... eu acho que é
690 uma mistura dos dois. É assim, quando são mais velhos, é mais de exposição, quando são
691 mais pequeninos, mais explorativos de experiência, porque é o toque que eles aprendem, não
692 é? Até a pegar na folha e meter à boca, a casca da videira e a meter à boca, pronto, ou ir ao
693 minhocário e meter a mão na folha. Os mais adultos nem sequer querem tocar na terra e nas
694 minhocas. As crianças não, querem experimentar isso, não é, portanto, eu acho que é uma
695 mistura dos dois, até mesmo em função de qual é o público que estamos a receber.

696 **E:** E por trás, para a elaboração destas atividades, seguem alguns documentos de referência
697 nesta área da educação?

698 **RSE3:** É assim, nós tivemos, nós tivemos... é assim, todos nós temos filhos ou já alguns já
699 tiveram, e que, ou sobrinhos e já andámos na escola, nós mais ou menos sabemos quais são
700 os planos educativos das escolas, ou, é assim... quando..., temos também esse cuidado de
701 perceber "Olha, eles neste ano abordam estes temas". E nós, mais ou menos, quando
702 sabemos que é o intuito, é mesmo visita de estudo, já sabemos que "Olha, vamos ter cuidado
703 só para falar nestes aspetos". Ah, depois as professoras até acabam por puxar por nós, para
704 fazer perguntas, já que os alunos não fazem, e por aí. Por exemplo, na quarta-feira, estava aí
705 uma turma de... eu estava com um grupo que tinha para aí 10 elementos, só duas é que faziam
706 questões. E as professoras picavam, picavam, picavam e nada, pronto. E o que é que ela
707 queria que eu falasse? Ela queria que eu falasse a parte que, nós não falamos aqui nas visitas,
708 porque era um tema específico, agroindústria, e nós abordamos isso nas visitas *standard*, nas
709 nossas duas visitas, na parte do reaproveitamento dos nossos excedentes, o que é que nós
710 fazemos ao desperdício, ao excedente não deitamos nada fora, não é, ou há uva de segunda
711 categoria e assim, falamos sobre isso. Mas depois, quando vem esse tema mesmo, isso tem a
712 ver com a agroindústria, depois falamos outras coisas e, portanto, é..., lá está, está a ver... só
713 duas e nós aí... é assim, eu falo com eles, não adianta eu estar a falar no tema que a
714 professora diz que quer que eu fale, se eles não estão para aí virados. Agora, nós temos esse
715 cuidado, sabemos quais mais ao menos, por ano, qual é o plano pedagógico que têm, qual é
716 dos meninos, o que é que eles estão agora a dar, se é reciclagem, se não é. As professoras
717 também nos dizem.

718 **E:** Documentam-se em função disso?

719 **RSE3:** Sim, é. Depois nós próprios é que fazemos a nossa investigação. Vamos procurar
720 *online* o que é que há, quais são as tendências agora, o que é que o campo está a fazer. Nós,
721 obviamente, que também já temos bagagem e que nós próprios também pesquisamos e lemos
722 e vamos ver livros da área e do jardim e dos morcegos. Por exemplo, o Nuno, faz uma aula só
723 a falar de morcegos ou do minhocário, por exemplo, mas eu sou muito franca, eu não sei, mas
724 eu li para aí dois ou três artigos sobre isso, ou... e depois fui pesquisar, pesquisei, li, fui ver e
725 não sei quê..., mais o que li do campo só para eu ir vendo o que é que entretanto mudou... ele
726 não, ele farta-se de documentar, documentar e documentar, está a ver, nós depois vamos
727 aquelas coisas que nós temos mais gosto que outras e mais necessidade também.

728 **E:** E a Liliana considera que estas atividades promovidas pelo Vale da Rosa geram algum tipo
729 de aprendizagem nos visitantes?

730 **RSE3:** Ah! Isso é uma resposta que nós temos muitas vezes. Isso é uma coisa que temos
731 muitas vezes. Mas muitas, muitas, muitas, muitas. É muito giro. A satisfação, primeiro, o que eu

732 gosto mais de ver é a satisfação das crianças, eles..., e depois nós perguntamos... Nós temos
733 um colega que também tem muito jeito, que é o marido daquela, muito jeito... e depois nós
734 perguntamos, então ele diz assim "Então, quantos ovinhos cada ovo da minhoca pode ter?"
735 Eles dizem isto e aquilo e não sei quê... está a ver, nós depois também puxamos por eles.
736 Agora, os adultos sim, tem alguns "Não fazia ideia" ou "já aprendi hoje", isso é muito frequente.

737 **E:** Se tivesse que colocar por áreas de aprendizagem ou de saber, o que... já me foi dizendo
738 na área da botânica, também.

739 **RSE3:** Sim, sim.

740 **E:** Aprendizagens sobretudo em que áreas? Na educação ambiental?

741 **RSE3:** Eu acho que mais, para eles, creio eu, onde nós achamos que temos mais impacto é na
742 questão da educação ambiental. Porque depois..., ah, engraçado, por acaso..., é, é, tanto é que
743 também em termos de preocupações que o Dr. António tem, também passa muito por aí, que é
744 a questão de..., sabe, pronto, isto é um aparte, há aqui um estigma muito grande com as
745 culturas superintensivas da amêndoa, do olival. E isto é sazonal, nós não temos, não é
746 mecanizado como o amendoal, como o olival ou como a vinha, normal de vinho, mas não deixa
747 de ser uma produção intensiva. É claro que não estamos nem... ainda bem que não estamos
748 nos níveis dos outros, não é? Mas não deixa de o ser e, portanto, há também uma
749 preocupação da parte dele que as pessoas percebiam que nós damos trabalho, não
750 mecanizamos nada, que temos preocupações com reaproveitamento, fazer uma economia
751 circular, uma agricultura sustentável. E como é que fazemos isso? Com estas coisinhas todas
752 que nós vamos falando. Mesmo em relação ao reaproveitamento das águas, redução do
753 consumo de águas nas regas. Por exemplo, as pessoas fazem um passeio aqui na vinha e vão
754 acompanhando um ribeiro e que vai ter uma barragem que nós temos, própria, que
755 armazenamos e as pessoas vão ver que nós temos plantações por ali fora, para ajudar a quê?,
756 a oxigenar a água, para ajudar a atrair plantas ou animais que depois, por sua vez, comem os
757 insetos que nos fazem mal à vinha. Temos os cágados, estes, ali, por ali, temos, e temos
758 cuidado para os manter e aumentar a colónia. Portanto, há aqui, é claro que não é esse o
759 nosso objetivo principal, não é, mas, se queremos ter qualidade, um produto o mais natural
760 possível, porque o nosso produto não é biológico, temos esses cuidados todos. E na área das
761 visitas e da formação pedagógica, eu penso que o que fica, na maior parte das pessoas, é essa
762 preocupação ambiental. Nas pessoas mais velhas, eu acho, é assim..., aquela parte de nós
763 explicarmos que a uva tem a grainha afinal e que...

764 **E:** Desmistificar todo o processo.

765 **RSE3:** Sabe porquê? Porque nós explicamos logo uma coisa que é quando temos uva pedimos
766 logo para abrir e está lá. Mas quando não temos, temos que mostrar e perguntamos assim
767 "olhe, quem é que tem laranja em casa? Quem é que tem clementina em casa?" E todas a
768 gente levanta o braço. "Então e ela tem caroços ou não tem caroços?" "Não, a minha não tem,
769 eu só como é que não tem caroços." "E não acha estranho que não tem caroços?" "O que é
770 que acha que acontece?" "Também foi, você fez alguma coisa para ela ficar sem caroços?" "É
771 transgênico?" "Não, não, é exatamente como a uva."

772 **E:** É uma boa analogia.

773 **RSE3:** É pronto, está a ver.

774 **E:** E considera que tanto os mais crescidos como os mais pequenos têm, vão daqui com as
775 suas necessidades de conhecimento satisfeitas?

776 **RSE3:** Ah, eles vão, sim. Sim, isso é, sim, essa é a parte mais... por isso é que eu gosto de
777 fazer isto, [risos] ... É por isso que eu gosto de fazer isto, porque é muito giro. Às vezes, nós
778 temos pessoas que são frustrantes, mas, mas, mas... são exigentes, não é? E aí, às vezes,
779 uma visita que é para levar uma hora e meia, vai com duas horas, duas horas e meia e por aí.
780 Mas isso, é que é essa parte que eu gosto mais.

781 **E:** Mas vão esclarecidas?

782 **RSE3:** Vão esclarecidas. Isso é que parte que eu gosto mais. E se por acaso eu não souber
783 esclarecer em algum... mas esses têm que ser muito chatos, esses aparecem poucos, poucos,
784 para aí e cinco ou seis num ano, mas se não for o caso, eu fico com o *email* da pessoa e vou-
785 me informar melhor e pronto, mas aí, nada, esses são tipo agulhas em palheiros. Mas não, o
786 mais giro é essa parte. Elas só irem e dizerem assim "eu vou cá voltar com os meus netos, com
787 os meus..." e efetivamente voltam.

788 **E:** Temos vindo a falar da parte da preparação e agora, se fosse possível, focávamo-nos na
789 dinamização, embora ao longo da entrevista já tenhamos falado pontualmente destas
790 questões. Essa dinamização implica então a utilização de materiais? Neste caso, alguns
791 equipamentos que me estava a falar, dos tratores, mas que outro tipo de materiais?

792 **RSE3:** Sim. Nós, essencialmente, nós, quer eu, quer o Nuno, que somos os que fazemos as
793 visitas somos, ...e o Dr. António também é assim. Ele diz que não há melhor forma de passar a
794 mensagem que queremos a não ser por nós próprios e a nossa comunicação direta, a nossa
795 palavra. E, então, é claro, que podemos ter complementos digitais e assim. É uma coisa que
796 nós gostávamos também de ter, mas...

797 **E:** Falava-me há pouco da visita virtual...

798 **RSE3:** Sim, sim, mas isso pronto...

799 **E:** A longo prazo.

800 **RSE3:** A longo prazo, porque nós também queremos é que eles venham aqui porque é
801 completamente diferente fazer uma visita num dia que chova e num dia que a pessoa possa
802 andar no campo. Até para nós é muito mais motivante ir com eles à vinha, ao campo e vê-los
803 depois ali a mexer, a perguntar e pronto, é diferente. Não, mas nós o que é que nós temos?
804 Primeiro que tudo as pessoas chegam aqui e nós preparamos os balcões ou as nossas
805 esplanadas com umas tábuas com amêndoas, passas, vinagre, compotas, frutos secos, uvas,
806 tudo aquilo que nós temos da nossa gama de produtos derivados de uva. Portanto, logo aí já
807 estamos a preparar um produto nosso e a despende, digamos, obviamente, os recursos para
808 preparar não é e para as pessoas experimentarem e ficarem satisfeitas e conhecerem. Depois,
809 na visita em si, sou eu ou o Nuno, que somos o porta-voz ou o que representa a casa e o meio
810 de transporte, a viatura que neste caso nós temos dois e que depois, obviamente, se houver
811 necessidade, recrutamos mais.

812 **E:** E dessa visita, os utilizadores podem levar alguma coisa, algum material, alguma
813 informação?

814 **RSE3:** Folhetos, folhetos de informação, nós temos *flyers* e temos revistas, que, obviamente,
815 podem levar à vontade e que aí também têm a informação. A informação que eles precisam de
816 conhecer e saber está toda nesses folhetos. Não está depois é a explicação de tudo aquilo
817 que, se calhar, não está toda a informação que nós comunicamos, mas está a necessidade
818 básica, informativa, está lá.

819 **E:** E registam, essa informação da atividade propriamente dita em algum documento?

820 **RSE3:** Sim, nós temos um mapa. Eu tenho um mapa em que eu registo lá quem é, quantos
821 vieram, o que é que fizeram.

822 **E:** Os conteúdos abordados?

823 **RSE3:** Sim, isso fazemos. Que tipo de visita é, isso nós fazemos, sim, até porque nós depois,
824 no final do ano, queremos saber quantas pessoas passaram por aqui. Quais as escolas, os
825 contactos..., isso nós ficamos, sim.

826 **E:** E tem por trás também alguma documentação que deu origem à preparação daquela visita?

827 **RSE3:** Isso já foi feito, esse trabalho já foi feito, ou melhor, documentação de informação, de
828 comunicação, da mensagem que se passa, esse trabalho já foi feito e vai sendo aperfeiçoado
829 de tempo a tempo. Como somos os dois a fazer já temos esse *know how*. Agora como é que as
830 pessoas chegam aqui, como é que a visita começa, como é que essa pessoa vem cá ter?
831 Quando são juntas freguesia, câmaras municipais, operadores turísticos, esse é o trabalho do
832 Nuno, que é ir atrás, promover e fazer com que eles venham cá. Ah, eu atendo, eu
833 normalmente também faço, mas essa parte de ir tentar atrair câmaras municipais, juntas de
834 freguesias, escolas, operadores, nós temos que fazer promoção, temos que ir fazer contactos e
835 esse trabalho o Nuno faz. Eu depois aqui compilo, recolho e depois separamos se é preciso
836 enviar orçamentos, ele trata, se ele não estiver, obviamente faço eu, depois nas escolas já trato
837 mais eu. Essa parte, é a parte que, é o trabalho que não se vê, por exemplo, nós estivemos na
838 BTL no início deste mês, precisamente para promover junto das câmaras, das juntas, das
839 escolas. Aliás, o nosso folheto, nós temos dois folhetos que são direcionados para a parte das
840 escolas e das crianças, porque sabemos que também é aqueles que também nos dão mais...,
841 dão-nos mais prazer também no geral.

842 **E:** E registam isso tudo numa ficha, fazem esse controlo?

843 **RSE3:** Sim, toda a comunicação que nós fazemos, aliás, essa comunicação até é registada
844 pelo *marketing*. Nós, depois, é que dizemos "olha, nós queremos esta informação, esta, esta e
845 esta" e fica ali. Em termos de contactos, promover, o "ir atrás", o Nuno tem isso compilado.
846 Depois eu tenho isso tudo no ficheiro, é um plano de reservas, depois tem lá os contacto-zinhos,
847 quase como se fosse uma ficha informativa ou uma fotografia daquilo, e, em que eu, por
848 exemplo, registo qual é o contacto, o número de pessoas, o dia da visita, quem é, o que é
849 que..., por exemplo, entre os que marcaram e quantos é que vieram, qual foi a diferença de
850 número, porque depois, no final do ano, tu queres saber quantas pessoas passaram por aqui.
851 Eu posso ir ali ao POS e saber, só que nós também temos, nós também recebemos muitas
852 visitas e se calhar metade das nossas visitas tem um cariz solidário, em alguns casos, e essas
853 não há registo de tesouraria.

854 **E:** Certo. Mas eu queria focar-me concretamente na atividade, na própria da atividade, o
855 planeamento da atividade.

856 **RSE3:** Sim, temos, sim, sim, sim...

857 **E:** Como é que..., se há algum registo dos conteúdos que vão abordar durante as visitas?

858 **RSE3:** No início fizemos.

859 **E:** Isso está sistematizado?

860 **RSE3:** Sim, isso foi, aliás, quem terá isso é o Nuno até. No início tivemos que o fazer, porque
861 nenhum de nós tinha conhecimento suficiente para fazer. Então nós também sabíamos que
862 tínhamos que falar disto, disto e disto... teve que ser, até porque quando chegava a cá, eu, por
863 exemplo, estou-me a lembrar, eu quando comecei a fazer minhas visitas, antes de fazer a visita
864 pegava nas folhinhas, via quais eram os temas que tinha que abordar, quais eram os
865 interesses do Dr. António, qual era aquilo que era importante para a área comercial falar, a
866 parte da produção e pronto. E depois as motivações, mas depois fomos esquematizando e
867 adaptando e depois quando chegam cá, eu por acaso nem sei se ainda tenho o esquema
868 original, nós depois tínhamos uma capa que tinha o folheto original da empresa com esses
869 pontinhos todos abordados, é..., pois é isso que nós damos a quem vem cá estagiar e que
870 depois também tem que fazer os relatórios de estágio e também precisa dessa informação
871 compilada. E eles depois é que nos ajudam até, porque eles têm aquilo tão bonitinho que para
872 nós é mais importante, é verdade! É que depois nós não fazemos atualização, aquela
873 informação fica obsoleta e eles depois é que fazem a atualização daquilo e nós é que
874 aproveitamos.

875 **E:** Agora passando para... já fomos também abordando esta questão da promoção.

876 **RSE3:** Sim.

877 **E:** Que..., queria saber como é que... promoção e primeiro a programação.

878 **RSE3:** Sim.

879 **E:** Como é que é feita essa programação? Já me disse que era sazonal...

880 **RSE3:** Sim. É, é assim, nós fazemos visitas o ano todo. Temos uma sazonalidade que está
881 inerente ao turismo e que está inerente à atividade da empresa. Ah... não nos aborrece
882 nenhuma delas, porque nós felizmente temos visitas o ano todo. Porquê? Nós como fazemos
883 muitas visitas com escolas e há escolas, sobretudo os mais crescidos, as universidades, que
884 para eles é muito importante esta parte, esta fase da produção das podas, fertilizações,
885 tratamentos de solos, manutenções da vinha, irrigações e, portanto, é agora nesta altura que
886 isso está a acontecer, como sistemas de condução, plantação, que para eles é importante falar
887 e ver a ser feito, e, portanto, temos também essas visitas. Agora, é claro que o nosso foco
888 maior é abril, mas sobretudo maio, até primeira, segunda semana de outubro. Aí é durante a
889 semana, fins de semana, feriados, não há férias! Fica bem claro, não há férias porque não é
890 possível tirar porque as motivações das pessoas também, é quando as pessoas estão
891 disponíveis, é quando está bom tempo, é quando nós temos uva. E nós depois já sabemos que
892 temos de programar visitas para sábados, para domingos, para feriados.

893 **E:** A calendarização atende a essas necessidades dos organizadores e datas festivas?

894 **RSE3:** Sim, sim. Só quando, obviamente, nós também temos necessidades e às vezes não
895 podemos e tentamos conjugar essa agenda. Mas sim, se as pessoas nos ligarem e pedir para
896 marcar um domingo, um feriado, assim, sim.

897 **E:** E quanto à divulgação das atividades? Na BTL? Folhetos?

898 **RSE3:** Sim, nós fazemos *online*, também temos na nossa página do *Facebook*, *Instagram*, na
899 nossa página *online*, BTL, e nós próprios, através de *emails*, promoção, contactos, contactos já
900 que já temos, retomar contactos, tentarmos reunir com departamentos de algumas instituições,
901 escolas.

902 **E:** É o serviço educativo que faz essa função ou tem outro departamento dentro da empresa?

903 **RSE3:** Não, sou eu, não, o Nuno.

904 **E:** E parece-lhe adequada a forma como estão a avaliar, a divulgar? Ou há algum aspeto a
905 melhorar?

906 **RSE3:** Para a capacidade, para a capacidade, é assim, para a capacidade que nós temos
907 agora é suficiente, é suficiente.

908 **E:** Nota que há retorno do vosso trabalho?

909 **RSE3:** Sim, sim, sim, sim. E, às vezes sim, vou dar um exemplo concreto, aliás, até temos mais
910 do que um, por exemplo, em janeiro, fevereiro, nós sabemos que temos ..., há aqui fases, nós
911 sabemos que há épocas no ano que as escolas estão a tentar agendar as marcações das
912 visitas de estudo. E nós sabemos qual é o período em que eles fazem isso, e é nessa fase que
913 nós temos de promover para as escolas. Depois nós sabemos que em relação às câmaras e às
914 juntas de freguesia há outro período, e aí temos que aproveitar essa janela para promover
915 nessa fase. Esse é o trabalho do Nuno. E, por exemplo, as escolas acabam já por não ser
916 necessário, porque o passa a palavra, vai funcionando e depois já há muitas que vêm todos os
917 anos com outras turmas, com outros alunos e assim. E depois tem, nas câmaras e nas juntas
918 já é diferente, os operadores já temos, já exige mais tempo. A BTL para isso é importante para
919 os operadores turísticos, porque o contacto direto, conhecer e assim. Agora, por exemplo, nós
920 tivemos um contacto que o Nuno que fez com a Câmara Municipal de Constância e vêm cá
921 durante dez dias, 100 pessoas por dia. Mas atenção, já aconteceu isso com Torres Vedras, já
922 aconteceu, já aconteceu... nós este ano temos seis câmaras nisso. Se você pensar que só
923 temos uva entre junho e outubro, já temos muitos meses que, que, que... isto agora é
924 engraçado, nós agora que estamos a falar sobre isto, o mês de agosto para nós é o mais
925 calmo.

926 **E:** Muito calor, [risos] ...

927 **RSE3:** É o mais calmo porquê? Mas é o mais calmo..., mas vamos lá ver, é o mais calmo em
928 termos da dimensão de grupos. Eu acho que é mais difícil fazer... é porque não há escolas, os
929 grupos seniores e as câmaras, as juntas não saem. Os operadores também não saem porque
930 é férias. Mas o que é que nós fazemos nesse tempo? São as famílias, os amigos, os casais,
931 pronto. Aí é...., mas aí é muito mais difícil coordenar o trabalho, a programação da visita e
932 mesmo o calendário em agosto, porque são pessoas que são pessoas, são visitas
933 espontâneas e que muitas vezes chegam aqui...

934 **E:** Mas a visita é sempre acompanhada?

935 **RSE3:** Nós não fazemos visitas sem ser acompanhadas, não. Mas, por exemplo, em agosto é
936 mais difícil porque as pessoas estão de passagem, param e às vezes já estou numa visita, o
937 Nuno está noutra, está aqui a colega a dar apoio no atendimento e já não temos pessoas
938 disponíveis. Há frustração da parte deles, há frustração da nossa parte, por isso é que nós
939 também na comunicação que fazemos, mesmo *online*, consideramos sempre a marcação,
940 porque..., e depois o que é que fazemos? Se nós já sabemos que temos, imagine, um grupo
941 de 10, 12, 15 pessoas num horário, nós sabemos que a visita vai durar hora e meia, nós
942 sabemos que naquela hora e meia temos que gerir, gerir o tempo, mas primeiro que tudo,
943 primeiro que tudo nós temos é que gerir as pessoas que estão connosco. Ora, a visita pode
944 não durar hora e meia, pode durar mais. Então, nós quando recebemos reservas, temos de
945 dizer "olhe, nós temos visitas agendadas para esta hora, para esta hora e para esta hora",
946 temos disponibilidade nestes três horários, e, portanto, depois, mediante a disponibilidade da
947 pessoa, faz-se a visita assim. Porque aí..., são essas quantas vezes nós saímos, estamos a
948 sair, aparece pessoas..., o mês de agosto é o mais difícil nessa parte.

949 **E:** E em termos de avaliação do vosso desempenho do serviço educativo, se há algum registo
950 sistematizado dessas...

951 **RSE3:** Não, não, nós às vezes, não fazemos porque...

952 **E:** O utilizador quando vem nem pede preenche nenhum inquérito de satisfação?

953 **RSE3:** Não, não, não. Nós às vezes perguntamos, isso perguntamos sempre.

954 **E:** Como é que é recolhida esta informação?

955 **RSE3:** Nós isso perguntamos sempre e essa informação, isso nós perguntamos sempre,
956 sempre, sempre. Agora, não fica um papel assinado para... Mas, às vezes, recebemos..., mas,
957 atenção, se for à página do *Facebook* ou vê lá nos comentários, adorámos a visita, gostámos
958 muito da pessoa A, B, C, ou D. Às vezes recebemos *emails* sobre esse *feedback*, portanto, ...
959 institucionalmente não, mas temos, sabemos onde, mas se vocês disserem quantas, vou aos
960 *links* do *Facebook*, procurar *emails* que tenho para trás, sei lá, e apareço.

961 **E:** E o que é que fazem com essa informação que vos passam?

962 **RSE3:** É assim, quando nos respondem, eu, por exemplo, ...

963 **E:** Seja positiva ou negativa.

964 **RSE3:** Ah, sim, por acaso negativa, felizmente nunca aconteceu, [risos] ... nunca aconteceu! Às
965 vezes acontece, não, porque as pessoas sabem que isto é tudo a mesma empresa e às vezes,
966 obviamente, as pessoas não sabem, mas quando compram um produto no supermercado não
967 era para nós que deviam reclamar, era para o supermercado, são eles fazem uma gestão do
968 *stock* deles. É claro que depois a reclamação vem para nós e às vezes vem para nós aqui e
969 não para...

970 **E:** Sim, mas, Liliana, sobretudo das vossas visitas, desse vosso trabalho aqui.

971 **RSE3:** Não, nunca tivemos nada, felizmente nunca tivemos nada.

972 **E:** Mas nunca aconteceu incorporarem uma sugestão, por exemplo? Pode não ser uma
973 apreciação negativa?

974 **RSE3:** Ah, não, sim, sim, isso já... aliás, nós, o nosso discurso da visita ao alinhamento, aquilo
975 que vamos acrescentando, o Minhocário surgiu por uma necessidade desse género, por
976 exemplo, está a ver? E que nós tivemos necessidade de parar, falar, a parte do campo
977 experimental também. Na visita, nas primeiras visitas, nas visitas que nós fazíamos
978 inicialmente não constavam, nós depois é que fomos, lá está, isso sim.

979 **E:** E em termos do vosso desempenho, considera que o vosso desempenho enquanto serviço
980 educativo, vocacionado para as visitas, para a divulgação, reflete-se na instituição? Na imagem
981 que as pessoas têm da instituição?

982 **RSE3:** Eu acho que sim. As pessoas ficam... sim, sim.

983 **E:** E a instituição vê isso com bons olhos ou não?

984 **RSE3:** Ah, sim, sim, sim, senão não estávamos aqui passados cinco anos, não é? Só para
985 você ter uma ideia, no primeiro ano que nós fizemos visitas, nós recebemos oito mil pessoas,
986 nove mil pessoas, eu já não sei, tinha que ir agora lá atrás buscar... 8 mil ou 9 mil, assim uma
987 coisa. No segundo ano passámos das 15 mil.

988 **E:** E pelo menos tivemos a pandemia.

989 **RSE3:** Ah, não, isso foi antes da pandemia. No ano da pandemia, nós íamos passar das 21
990 reservas já feitas. Durante a pandemia, depois, olhe, está a ver a questão do ir crescendo... e
991 aí temos escolas, algumas são, vêm todos os anos, porque, obviamente, faz parte, não é? E
992 operadores turísticos também, que depois acabam por... nós temos operadores turísticos que
993 já trabalhamos desde o primeiro ano, por exemplo.

994 **E:** Liliana, não tendo nada agora a ver, mas ocorreu-me que no início falou-me num vídeo
995 promocional. Esse também é um dos recursos que vocês utilizam?

996 **RSE3:** Ah, sim! É, é! Nós temos um, nós temos um... O vídeo é institucional, serve para
997 promoção, comunicação da imagem da empresa, da atividade, o que é que, só que nós
998 usamos esse vídeo, serve para muita coisa, serve para comunicar todo o processo da atividade
999 da empresa, desde o campo até a embalagem sair para o cliente e fala de todos os
1000 procedimentos que são feitos na vinha. E, e, ah... nós temos esse vídeo que até está no
1001 *YouTube* já disponível e aproveitamos esse vídeo quando está... quando, quando nos pedem
1002 para informação neste caso a semelhança quem está a fazer relatórios de estágio, também
1003 usa, mas sobretudo quando o tempo não está bom e não é possível ir à vinha ver essas fases
1004 de produção ou essas fases, esses procedimentos e as pessoas acabam por ver a vinha no
1005 vídeo quando tem uva ou as técnicas.

1006 **E:** É um complemento.

1007 **RSE3:** É um complemento, só um complemento, sim.

1008 **E:** Ok. E agora gostava que falássemos sobre o público-alvo, que já me foi falando,
1009 genericamente, mas gostava que fosse detalhado, qual o perfil do utilizador, do vosso visitante.

1010 **RSE3:** O nosso, essencialmente, o nosso público-alvo são as crianças e as famílias, ah... e
1011 quando falamos crianças, não só os mais pequenos, mas os mais velhos, ah... isso é a
1012 principal, é ah... da empresa do geral. É claro que nós, quando trabalhamos na área da
1013 animação turística, nós não podemos, temos que ser um bocadinho mais elásticos nisso.
1014 Então, ah, quando falamos em crianças, falamos em escolas, falamos em os mais velhos, as
1015 universidades, tudo o que tem a ver com a parte do ensino. E então nós aí, ao fazermos mais
1016 elásticos, estamos a falar de todo, desde os miúdos que andam na creche não, mas na pré-
1017 primária até ao ensino académico, ao ensino superior. Agora, onde é que nós dedicamos mais
1018 tempo, em termos de atrair, cativar?

1019 **E:** A faixa etária também?

1020 **RSE3:** Há de ser entre os 3 e os 18 anos.

1021 **E:** O vosso público, qual seria? Sobretudo o escolar?

1022 **RSE3:** Sobretudo escolar, sobretudo escolar, porque já estamos a abranger não só os mais
1023 pequeninos como mais adultos, como também através dos mais pequenos chegamos às
1024 famílias.

1025 **E:** E em termos de..., mas sobretudo, também me disse que havia famílias.

1026 **RSE3:** Sim, sim.

1027 **E:** Também havia grupos?

1028 **RSE3:** Sim. É porque nós para ah..., para...

1029 **E:** São mais procurados por quem?

1030 **RSE3:** Sim, nós somos mais... ora bem, boa pergunta, lá está, nós temos mais preocupação
1031 com as crianças e os mais novos e com as famílias porque também são eles que trazem mais
1032 valor acrescentado à nossa marca, ao nosso produto e àquilo que fazemos aqui. E depois são
1033 eles que futuramente vão crescer e vão passar a mensagem, chegam a casa e dizem "olha,
1034 mãe, eu estive ali!" e isto e aquilo, pronto. Agora, nós obviamente que na área da animação
1035 também não podemos ter só esses, não é? Porque por mais prazer que nos dê, que dá-nos
1036 mais prazer a essas, isto é um negócio, não é? E nós também temos que ir buscar outras
1037 faixas etárias, porque também são elas que compram e que têm disponibilidade para sair e
1038 para passear, e, portanto, temos que ir por aí.

1039 **E:** Um nicho de mercado, também?

1040 **RSE3:** É, sim, sim. Temos que ir por esses segmentos e... os que chegam mais aqui são os
1041 seniores. A questão dos seniores hoje em dia já não tem a mesma conotação que tinha há 20
1042 anos atrás, não é? Estamos a falar de câmaras municipais, juntas de freguesia, universidades
1043 seniores, instituições, associações, grupos de amigos, que também, que não fazia ideia que
1044 havia assim essas organizações tão... áreas, por exemplo, que esses vêm todos os anos,
1045 caminheiros de percursos pedestres, pessoas que vêm só para fazer observação, que gostam
1046 de fazer *birdwatching*, está a ver? Depois há estes assim que faz tudo parte desse grupo, ah,
1047 que nós vamos buscar e esses acho que, mesmo em relação aos operadores turísticos,
1048 conseguem ser superiores.

- 1049 **E:** E essas visitas, ou esses visitantes, só vêm uma vez? Vêm mais vezes?
- 1050 **RSE3:** Ah..., depende. As escolas, ah...
- 1051 **E:** Como é que caracteriza a afluência?
- 1052 **RSE3:** As escolas, as escolas vêm como instituição, não é? E depois todos os anos voltam. Os
1053 operadores turísticos vêm também como instituição, como se quiser dizer, só que vão mudando
1054 é os grupos. Esses grupos, os seniores, já... se uma junta de freguesia vem cá, se esses
1055 grupos de amigos vêm cá, se essas instituições vêm cá, já não voltam porque aquelas pessoas
1056 já vieram cá. Ah... porque a minha freguesia, a sua freguesia ou bairro, são sempre aquelas
1057 pessoas, não é, não mudam. As turmas é que mudam, não é. Nos operadores turísticos, os
1058 grupos é que vão mudando porque os clientes também vão aparecendo ou vão surgindo e,
1059 portanto, esses é diferente, não é. Nós, por exemplo, o ano passado tivemos, por exemplo, nós
1060 tivemos o ano passado a Câmara Municipal de Chamusca ou Torres Vedras. Eles este ano não
1061 vêm, já vieram todos o ano passado, não é? Isso nós temos noção, por isso é que temos que ir
1062 buscar outros.
- 1063 **E:** É pontual, mas também...
- 1064 **RSE3:** Sim, temos que ir buscar, vamos renovando. Vamos renovando, vamos é com outras.
- 1065 **E:** E, para finalizar, também já abordámos esta questão da atitude do público perante as
1066 atividades. Há algum entusiasmo? Como é que caracteriza? É bem acolhida a vossa atividade?
1067 Ou pelo contrário?
- 1068 **RSE3:** Sim, é o engraçado. Quando vêm cá... não, não isso é engraçado essa parte de quando
1069 eles chegam cá... ah... engraçada essa questão porque nós já..., quando vêm cá os mais
1070 novos e até o pessoal das universidades, eles sabem o que é que vêm ver: Vale da Rosa, já
1071 sabem o que é uva de mesa, uva sem... sobretudo os mais novos sabem, uva sem grainha. Os
1072 mais velhos, os seniores, eles pensam que vêm para uma produtora de vinho. Chegam cá e
1073 "Então, não há vinho" [risos] ... e nós ficamos "Ah, mas se eu para ir ver uvas assim, tenho lá
1074 em minha casa uma parreira no quintal" e nós "Olhe que é diferente!", e há pessoas que, de
1075 vez, esporádica... ui, pra aí, no ano passado aconteceu três vezes, nem sequer quiseram fazer
1076 o passeio, fizeram aqui na esplanada, aqui sentados. Mas isso acontece, muito, que é eles vêm
1077 a pensar que vêm para, a sério, ... e assim "Então, não há uva, então eu venho é para beber
1078 um copo de vinho" e, [risos] ...
- 1079 **E:** Mas essa é a atitude comum?
- 1080 **RSE3:** É, por acaso é!
- 1081 **E:** [risos] ...
- 1082 **RSE3:** Estava-se a rir, mas é verdade! Acontece tanto, tanto, tanto. Olhe, então veja lá, ainda
1083 agora você estava... [risos] ...
- 1084 **E:** Mas há outro público que também adere, não?
- 1085 **RSE3:** Sim, sim, não, sim.

1086 **E:** Já percebi que também acontece, acontece.

1087 **RSE3:** Sim, sim, sim. Mas quando são pessoas que vêm no âmbito, quando são grupos,
1088 porque nós depois temos que separar estes seniores, estes grupos, estas excursões, quando
1089 são associados no âmbito de junta freguesia, organizados pelas câmaras municipais, eles
1090 pensam que vêm para ver uma propriedade de vinho, vêm para provar vinho e azeite e por aí.
1091 Quando vêm em grupos, excursões que são promotores, angariadores, que depois, como o
1092 caso, por exemplo, de amanhã, a pessoa já faz o quê?, faz uma..., a nós marca-nos só visita,
1093 mas eles fazem um cartaz, um folheto de promoção e dizem "Vale da Rosa", aparece lá o
1094 cacho das uvas e esses vêm informados. Os operadores turísticos vêm informados e informam
1095 o cliente. Na parte dos, das câmaras, esses mais grupos de seniores mais direcionados para
1096 as câmaras e juntas de freguesia, ai minha nossa, nem queira saber.

1097 **E:** Curioso.

1098 **RSE3:** É, é.

1099 **E:** Olhe, Liliana, da minha parte já estamos a chegar ao fim, mas antes queria lhe perguntar se
1100 queres lembrar alguma..., retomar algum aspeto que queira esclarecer ou acrescentar?

1101 **RSE3:** Na minha parte, eu não sei... ah... Na questão pedagógica ou a preocupação em nós
1102 também interagirmos mais... nós..., ah, como nós já dissemos, nosso objetivo principal não é
1103 fazer visitas aqui, não é efetivamente o ensino, passa por aí porque sabemos que é importante
1104 e também dá-nos mais prazer. Mas não é esse o modo principal. É as pessoas que
1105 conhecerem a terra da uva sem grainha e saberem de onde é que vem a uva sem grainha. Mas
1106 como temos essa preocupação, nós também temos..., tentamos sempre arranjar parcerias ou
1107 eventos que depois consigamos complementar. E foi o que eu lhe falei de quarta-feira passada
1108 que tivemos, essa, esse intercâmbio de escolas aqui a desenvolver, que também tinha a parte
1109 ambiental associada e a agronomia e passar pelos departamentos da empresa e foi aula
1110 completamente, ah..., também temos, por exemplo, com a Biblioteca Municipal aqui de
1111 Ferreira, por exemplo, no Dia Mundial do Livro, no Dia Mundial da Árvore, também
1112 pontualmente vamos fazendo outros eventos que eles queiram conjugar a leitura com a vinha,
1113 ou com o espaço envolvente com a natureza ou com o campo. Ah..., estava agora a pensar
1114 também nas ocupações dos tempos livres, dos mais pequeninos ou que estão nas férias de
1115 verão. Também estamos associados com Ferreira do Alentejo, Beringel, Aljustrel, ver se não
1116 me esqueço de nenhum..., Beja, os externatos, para eles fazerem as saídas deles com os
1117 miúdos, porque agora é difícil para eles também haver atividades, sobretudo no verão, que
1118 também está muita coisa fechada, os pais também estão mais ocupados e nós depois temos,
1119 mostramos essa disponibilidade, aí também num cariz mais social, foi o que eu já tinha dito,
1120 depois temos muito uma componente social em relação a estas instituições, quando é estes
1121 intercâmbios, estas parcerias, obviamente, que isto é proveitoso para eles, é proveitoso para
1122 nós também, que também traz notoriedade e que nós também não nos importamos nada de
1123 colaborar..., mas... eu não sei... estava a ver se me lembrava... mas eu acho que não, mas é
1124 uma questão de você ver e ... o que é que precisa mais, até que me escapou, é que às vezes
1125 pode escapar alguma coisa e depois se nos lembrarmos mais tarde... sem problema nenhum.

1126 **E:** Há sempre oportunidade de rever e de acrescentar.

1127 **RSE3:** Sim, sim, sim...

1128 **E:** E já agora aproveito para lhe colocar também uma última questão, ah..., ou melhor, se tem
1129 alguma sugestão de alguma questão que eu não tenha colocado que acha que seja pertinente
1130 ou alguma forma de abordar, também para melhorar aqui o estudo.

1131 **RSE3:** Eu, eu, não sei, quanto aos outros. Eu, no meu casou eu ter-me-ia perdido se não fosse
1132 você a alertar, fale isto, fale aquilo e portanto, o facto de fazer o alinhamento do discurso, isso
1133 já é muito bom. Mas eu acho que não, sim, porque lá está, isto aqui é um caso específico, não
1134 é, nós não temos, não temos..., eu achei importante que tivesse falado na questão de... da...
1135 como é que nós complementávamos as visitas, as atividades, como é que, essa parte, porque
1136 para nós isso já está tão entranhado, nós não temos alinhamento, aliás, o que temos já está
1137 completamente obsoleto, não é?, mas..., e essa parte que também falou, o que é que nós
1138 melhoramos ou o que é que nós aproveitamos às vezes do *feedback*; foi o que eu lhe disse, o
1139 Minhocário e o campo experimental não faziam parte das visitas inicialmente e agora já faz,
1140 porque nós...

1141 **E:** Incorporaram esse contributo do visitante.

1142 **RSE3:** Sim, porque havia necessidade e, e..., não, e as pessoas pediam-nos, portanto, sim,
1143 mas eu acho que não.

1144 **E:** Resta-me, então agradecer, uma vez mais à Liliana em representação aqui da Herdade Vale
1145 da Rosa por terem, pela disponibilidade e acolhimento dado este projeto.

1146 **RSE3:** Nada, nada, nada..., ora essa, quando quiser.

1147 **E:** Muito obrigada! Vamos então terminar.

APÊNDICE 10 – ENTREVISTA DA FUNDAÇÃO EUGÉNIO DE ALMEIDA

Transcrição da entrevista n.º 4

Entrevistado	Marisa Guimarães
Local da Entrevista	Fundação Eugénio de Almeida – Centro de Arte e Cultura
Data da Entrevista	3 de abril de 2023
Validação da Entrevista	Entrevista validada através de email datado de 08 de maio de 2023

1 **E:** Bom dia, Marisa. Estamos no Centro de Arte e Cultura da Fundação Eugénio de
2 Almeida para realizar a entrevista no âmbito do projeto de doutoramento em Ciências
3 da Educação da Universidade de Évora, que tem como objetivo conhecer e caracterizar
4 o perfil pedagógico concretizado nos serviços educativos das instituições não escolares
5 na região Alentejo. E queria, desde já, agradecer-lhe a si e também à Fundação Eugénio
6 de Almeida por ter participado neste estudo. Antes de começar, não sei se quer fazer
7 alguma questão?

8 **RSE4:** Agradeço e estou totalmente disponível para o que for necessário.

9 **E:** Ok, então começava por conhecê-la em concreto, que habilitações é que possui. A
10 Marisa foi-me indicada como sendo a responsável pelo serviço educativo daqui do
11 Centro de Arte, genericamente, da Fundação Eugénia de Almeida. Eu gostava de a
12 conhecer em termos de perfil, de formação, área de formação.

13 **RSE4:** Eu chamo-me Marisa Guimarães, sou natural de Guimarães, mudei-me para o
14 Alentejo onde fiz uma licenciatura em Filosofia. Quando terminei, descobri que que a
15 área que mais me interessava era a questão da arte contemporânea. Fui para
16 Barcelona, fiz um mestrado em Arte Contemporânea, fiz uma pós-graduação em Crítica
17 da Arte, concluí depois o mestrado em Estética e Teoria da Arte Contemporânea, cujo
18 o tema era pensar a arte hoje. Quando terminei a parte letiva, vim para Lisboa, onde vivi
19 um ano e fiz a minha dissertação, que se chamava “Autorrepresentação e serialidade
20 na obra de Jorge Molder”, um fotógrafo. A minha área de interesse era o cruzamento
21 das práticas artísticas com as práticas filosóficas, ou seja, como é que a minha formação
22 filosófica podia contribuir para uma leitura mais eficaz ou, pelo menos, de outra natureza
23 ou mais profunda das obras de arte contemporânea. Após esse período em Lisboa, tive
24 a possibilidade de vir estagiar para a Fundação Eugénio de Almeida, que já a conhecia
25 do período de licenciatura. Iniciei o estágio em 2009, e cá estou, em 2023.

26 **E:** E a Marisa sempre esteve como responsável neste serviço?

27 **RSE4:** Não.

28 **E:** E em que corresponde, na prática, hoje, este cargo de dirigente? É um técnico
29 superior?

30 **RSE4:** É um técnico superior, ou seja, eu comecei como técnica de serviço educativo,
31 fazia visitas, atividades. Toda a minha experiência, ou a maior parte da minha
32 experiência, na instituição é de mediação de conteúdos e mediação dos públicos.
33 Portanto, trabalhei no Serviço Educativo sempre, desde o período de estágio. Depois, o
34 Serviço Educativo, a partir de 2013, começou a ter outro alcance. O Serviço Educativo
35 sempre existiu na Fundação Eugénio de Almeida, com maior ou menor formalidade e

36 visibilidade, mas sempre tivemos público, sempre fizemos a mediação, sobretudo das
37 exposições de arte moderna, até 2013, que era o que tínhamos à época, e, em 2013, o
38 Serviço Educativo é pensado de uma forma mais estruturada, mais abrangente,
39 sobretudo porque corresponde à mudança para este edifício no qual nos encontramos,
40 o Centro de Arte e Cultura da Fundação. Portanto, se tínhamos um espaço muito mais
41 pequenino e que trabalhava essencialmente arte moderna, a mudança para este espaço
42 corresponde a um trabalho focado na arte contemporânea. Aí, o Serviço Educativo
43 ganha uma estrutura e, progressivamente, também necessita de uma coordenação.
44 Apesar do Serviço Educativo estar integrado na Área Artística e Cultural, serve também
45 a Área de Património e Investigação. E eu sou a Coordenadora do Serviço Educativo,
46 uma vez que sou a Coordenadora do Centro de Arte, herdo o Serviço Educativo, se bem
47 que toda a minha formação é de serviço educativo.

48 **E:** E então acumula essas funções com outras funções, é isso?

49 **RSE4:** Sim, ou seja, faço a coordenação do Serviço Educativo e a coordenação do
50 Centro de Arte e Cultura.

51 **E:** E desde 2013, que exerce essas funções?

52 **RSE4:** Não, desde 2022, que sou Coordenadora do Centro de Arte e Cultura e
53 Coordenadora do Serviço Educativo. O Serviço Educativo está sempre integrado numa
54 área, não é um objeto autónomo dentro da instituição, está integrado na Área Artística
55 e Cultural.

56 **E:** E quais foram os motivos que a levaram a exercer estas funções? Foi uma
57 oportunidade que surgiu ou já gostava? As funções que exercia anteriormente já
58 estavam ligadas a esta área? Como é que foi? Como é que aconteceu?

59 **RSE4:** Sempre estive tudo muito conectado, o gosto e o entusiasmo pelas práticas
60 artísticas contemporâneas, e é isso que fazemos aqui no Centro de Arte e Cultura. E,
61 portanto, acho que foi um conjunto de afinidades e de possibilidades, numa instituição
62 que também acolhe o pensamento e esta vontade de fazermos coisas e que também
63 nos desafia. Neste sentido, acho que foi uma continuidade, mas também um desafio da
64 instituição para que eu me aproximasse destas áreas.

65 **E:** E, em concreto, em que é que consiste o trabalho de um responsável pelo Serviço
66 Educativo?

67 **RSE4:** O Serviço Educativo organiza-se em vários eixos. Um dos primeiros eixos tem
68 que ver com o pensamento: primeiro olhar para o que temos e, a partir do que temos,
69 no caso se temos uma coleção, se temos uma exposição, se temos um núcleo
70 patrimonial, desenvolver um conjunto de..., e ter vontade de querer ativá-los junto dos
71 públicos. Depois, estudar exaustivamente tudo aquilo que temos à nossa volta,
72 conhecer muito bem o que temos à nossa volta, seja uma exposição, uma coleção, um
73 núcleo patrimonial. Depois, conseguir retirar daí eixos de trabalho fortes para trabalhar
74 a questão da mediação. Importa também conhecer os públicos, os currículos escolares,
75 importa conhecer e ter alguma experiência com públicos de naturezas diferentes para
76 melhor adaptar o conteúdo. Uma vez bem estruturados os conteúdos, convém ser feito
77 um pensamento da sua articulação com questões mais práticas. No nosso Serviço
78 Educativo, não acreditamos só num conhecimento teórico. A teoria, normalmente, tem
79 que vir associada a experiências práticas, as experiências de relação, as experiências
80 muito informais e, portanto, o levantamento dessas possibilidades também é feito. E é
81 feito numa estrutura aberta: não sou eu que proponho à equipa o que a equipa deve
82 fazer, somos nós todos juntos que olhamos, pensamos, debatemos e acrescentamos

83 sentidos. Findo este processo de reflexão, os documentos são estabilizados, são
84 criadas fichas de projeto e é feita a formação da equipa externa de mediação.

85 **E:** E, também há pouco me disse que, desde 2013 existe formalmente o Serviço
86 Educativo, é isso?

87 **RSE4:** É, até, anterior. Na atual conjuntura que conhecemos, a arte contemporânea, ele
88 começa em 2013, porque é a abertura deste espaço que marca nesse sentido. No
89 entanto, na Fundação pode-se falar de práticas educativas desde 2004, e que sempre
90 foram feitas no âmbito das exposições. Simplesmente, o próprio discurso que se faz dos
91 serviços educativos é um discurso que surge muito mais na última década. Não era essa
92 a atenção, não existiam no panorama nacional dos grandes museus. A Fundação
93 Calouste de Gulbenkian, até fazia e tinha, desde sempre, um Serviço Educativo, mas
94 esta atenção da comunidade às práticas de serviço educativo começa a surgir, surgiu,
95 digo eu, mais ou menos na última década.

96 **E:** E quais foram os principais motivos que levaram à criação deste Serviço? Foi alguma
97 necessidade ou porque tinham uma coleção já muito grande que quiseram partilhar? Ou
98 questões até de *marketing*?

99 **RSE4:** A Fundação não tem uma coleção de arte, trabalha com exposições temporárias.
100 Aquilo que se assemelha mais a uma coleção é o núcleo patrimonial que, curiosamente,
101 foi o último a ser ativado do ponto de vista das práticas do Educativo. O Serviço
102 Educativo não nasce de uma questão de *marketing*, nasce de uma vontade de, se temos
103 uma exposição, se temos comunidade, por que não acolher e envolver essa
104 comunidade, podendo ir um bocadinho mais além daquilo que é o primeiro
105 conhecimento das obras e dos artistas que tínhamos expostos? E sempre funcionou. É
106 até muito pouco visível, do ponto de vista do *marketing*, mas muito visível do ponto de
107 vista dos nossos públicos e da nossa comunidade e, portanto, temos relações
108 duradouras com muitas instituições de ensino da cidade.

109 **E:** E como é que ocorreu, concretamente, o processo de criação do Serviço? Quem é
110 que o criou? Houve um responsável?

111 **RSE4:** Tipo a criação do mundo?! [risos] Não, não foi isso. O Serviço Educativo não
112 teve uma reunião, uma ata e uma criação, não foi isso que aconteceu. O Serviço
113 Educativo foi acontecendo dentro de uma instituição que era, e é, muito preocupada
114 com as questões da educação não formal e as questões da mediação, pelo que ele foi
115 acontecendo. Nos últimos dois anos, no âmbito de processos de certificação e da nossa
116 vontade de estruturar, estruturámos os procedimentos, mas eles sempre existiram, de
117 alguma forma. Quando nós chegámos a este ponto, percebemos que sempre
118 trabalhámos assim, sempre usámos tabelas, calendarizámos, fizemos *checklists*,
119 sempre trabalhámos com fichas de projeto, mas nos últimos dois anos, uniformizar estes
120 processos no curso dos processos de toda a instituição foi uma vontade, e assim foi
121 implementado.

122 **E:** E também essa questão da preocupação do registo, também aconteceu com a
123 missão? Essa missão que é atribuída ao Serviço Educativo está registrada? Qual é que
124 é? Como se faz?

125 **RSE4:** No caso, como somos uma Fundação, os valores e a missão da Fundação é a
126 missão do Serviço Educativo. Isso para nós é muito claro. Ou seja, só porque a
127 instituição tem um conjunto de práticas é que existe serviço educativo. Se não
128 tivéssemos exposições, se não tivéssemos núcleos patrimoniais, não faria sentido
129 nenhum ter um serviço educativo porque não teríamos nada para ativar. Os valores que

130 mapeiam a missão da instituição são os valores que mapeiam a ação do Serviço
131 Educativo. É uma missão que tem que ver com o desenvolvimento regional, o
132 desenvolvimento social, cultural, educativo e espiritual da região do Alentejo. Portanto,
133 para nós, essa missão está delineada à cabeça e não deriva do concreto do que
134 fazemos no Educativo.

135 **E:** E em termos de objetivos concretos do Serviço Educativo, eles estão definidos
136 também em algum documento? São feitos anualmente?

137 **RSE4:** Nos últimos dois anos, nesse esforço de sistematização, sim. Começamos no
138 ano passado, quando definimos um conjunto de objetivos para alcançar no ano
139 seguinte, que pode ter a ver com alcançar um novo público ou um crescimento de outro
140 público. Isso é definido e é avaliado semestralmente, e depois é avaliado anualmente.

141 **E:** E relativamente ao enquadramento orgânico do Serviço Educativo? A Marisa também
142 já me foi dizendo que depende da área da, dos museus. Como é que..., que lugar é que
143 ocupa o Serviço Educativo em termos de organograma de toda a instituição?

144 **RSE4:** Ok. O Serviço Educativo não é uma área formal dentro da instituição. É uma
145 estrutura que integra duas áreas: há a Área Artística e Cultural e a Área de Património
146 e Investigação. Sendo que a área estratégica, onde estamos alojados, é a primeira, mas
147 articulamos com as duas. As coordenações dessas áreas, de alguma forma, são o apoio
148 formal do Serviço Educativo, que serve, neste momento, ambas.

149 **E:** Essas duas áreas então, é a parte...

150 **RSE4:** Da Área Artística e Cultural e da Área de Património e Investigação.

151 **E:** E concretamente, em termos de funcionamento. O funcionamento está
152 regulamentado? Existe esse regulamento no Serviço Educativo? Eu posso consultá-lo?
153 Como é que está?

154 **RSE4:** Mas como é o funcionamento? Como operamos internamente?

155 **E:** Sim, se está regulamentado o funcionamento do Serviço Educativo em específico?

156 **RSE4:** Temos um procedimento formal. Não sei se foi nos documentos que eu partilhei,
157 mas poderei partilhar...

158 **E:** Sim, partilhou.

159 **RSE4:** E que define o que é que nós fazemos do ponto zero ao ponto 10 no âmbito de
160 uma marcação, de uma visita, de uma oficina, etc. Isso está regulamentado. Esse
161 documento diz também quais são as áreas de responsabilidade do que está em curso,
162 é o documento que orienta a nossa ação.

163 **E:** Sim, e em termos de plano de atividades, é feito algum relatório?

164 **RSE4:** É feito o plano de atividades e são feitos relatórios mensais, semestrais e anuais.

165 **E:** Onde constam todas as atividades que vão fazendo, os envolvidos, os meios, é isso?

166 **RSE4:** Exato. E, no Plano de Atividades, também está aquilo a que nos propomos.
167 Respondemos semestral e anualmente àquilo que está em curso.

168 **E:** E também me referiu que ao estar inserido nessas duas áreas que há uma certa
169 interação entre a restante entidade, os outros serviços ou conseguem trabalhar
170 isoladamente? Como é que fazem?

171 **RSE4:** O Serviço Educativo não trabalha isoladamente, é um serviço de contaminação.
172 E é isso que é fundamental e vital para a prática de um serviço educativo. Nós
173 trabalhamos numa estrutura dinâmica, informal, porque é isso que é muito vital no nosso
174 Serviço Educativo. Ou seja, somos uma estrutura de educação não formal ou informal,
175 não somos uma escola. Nem queremos nem ambicionamos ser uma escola,
176 ambicionamos ser um espaço de outra natureza e com propostas de outra natureza,
177 mas isso era responder já a última parte da entrevista. [risos]

178 **E:** [risos]... e então, considera que, do seu ponto de vista, qual a importância que é
179 atribuída ao serviço educativo ou de que forma é, ah, que o resto da instituição, os outros
180 setores veem o serviço educativo? Qual é a perceção que têm da vossa importância na
181 organização?

182 **RSE4:** Eu penso que o Serviço Educativo é uma área muito acarinhada dentro da
183 Fundação Eugénio de Almeida, e que somos uma das áreas de concretização da missão
184 criada segundo as orientações de Vasco Maria Eugénio de Almeida. Todas as áreas
185 veem a importância do Serviço Educativo a vários níveis, designadamente no
186 desenvolvimento cultural e educativo, mas também na criação de novos públicos para
187 a Fundação. Portanto, este é um tema em que estamos confortáveis, porque todas as
188 áreas acolhem o Serviço Educativo e reconhecem a sua importância, e são públicos do
189 Serviço Educativo.

190 **E:** Relativamente à equipa do Serviço Educativo, como é que ela é constituída em
191 termos de número, quantos técnicos tem, a sua área de formação, o tipo de vínculo
192 também, se puder falar sobre isso.

193 **RSE4:** Ok, sim. Neste momento, tirando eu que estava no Educativo e que agora estou
194 mais noutra área, temos três técnicos superiores, um mais afeto à questão da
195 comunicação, portanto não é um recurso humano mesmo puro de serviço educativo,
196 mais dois a *full time* inequivocamente em serviço educativo, um na área da arte e
197 museologia e o outro na área de desenho.

198 **E:** Tem, então, formação nessa área.

199 **RSE4:** Têm formação nessa área. Temos três a *full time* que trabalham os temas do
200 Serviço Educativo.

201 **E:** E o tipo de vínculo que têm?

202 **RSE4:** São efetivos, são contratados.

203 **E:** E há alguma diferença em termos de funções entre eles? Como é que se caracteriza
204 as funções que desempenham?

205 **RSE4:** Nós somos todos muito versáteis e a ideia da equipa é exatamente essa, ou seja,
206 conseguirmos todos substituímos colegas. Falou da formação e, para mim, é claro: a
207 formação não define o trabalho nas práticas artísticas contemporâneas porque, por
208 exemplo, podemos ter alguém que vem de uma área absolutamente científica e que traz
209 um contributo precioso na questão das abordagens artísticas. Portanto, é uma
210 preocupação nossa também ter equipas multidisciplinares, não termos pessoas que têm
211 todas a mesma formação. Os dois colegas que estão mais a *full time* no Serviço

212 Educativo... Não, eu não faria divisão de funções porque um e outro conseguem
213 assumi-las.

214 **E:** Mas em concreto, desde o planeamento das atividades à realização?

215 **RSE4:** Sim.

216 **E:** Ok. E em termos, recebem alguma formação específica para integrar a equipa ou
217 não?

218 **RSE4:** Bem, normalmente...

219 **E:** Já me falou... para clarificar um bocadinho sobre isso...

220 **RSE4:** Há equipas externas e há equipas internas. Nas equipas internas, a nossa
221 preocupação sempre - e é uma preocupação da Fundação -, é manter a equipa
222 atualizada nos conteúdos, pelo que todas as ações de formação são integradas; neste
223 momento, uma das colegas está em Lisboa a terminar uma ação de formação sobre
224 mediação cultural, porque achamos que era importante (foi a última pessoa a chegar à
225 equipa) ela contactar com outros colegas de outros serviços educativos, perceber o que
226 é que se anda a fazer noutras instituições. Uma das questões abordadas foi a de saber
227 como é que se trabalha a questão dos arquivos, quais são os desafios dos públicos, e
228 isso é fundamental para nós. Convidámos então a colega, que tinha já essa vontade, a
229 fazer a formação, por várias semanas. Isso é importante porque abre horizontes, ou
230 seja, ninguém faz um serviço educativo fechado sobre a sua instituição, de olhos
231 vendados para aquilo que se passa, pelo menos no país. Eu até diria que, neste
232 momento, é importante olhar para as práticas noutros países e o que é que se está a
233 fazer.

234 **E:** Sim, mas essa, e essa formação, nesse caso específico, por uma questão de
235 interesse, mas é obrigatória, entre aspas, receberem uma formação antes de entrarem
236 na equipa?

237 **RSE4:** Não, não. Até porque nas entradas na equipa, como em todas as equipas, não
238 há uma causa e um efeito. São pessoas que, normalmente, já estão connosco na equipa
239 externa de mediação e que, havendo a possibilidade, como agora existiu, da
240 necessidade de aumentarmos a equipa com mais um elemento, foi através de uma das
241 pessoas com quem já trabalhávamos de forma menos vinculada, e que integrou a
242 equipa de forma mais estável.

243 **E:** No que respeita à distribuição dos trabalhadores, então, pelo serviço, também já me
244 foi falando que eram polivalentes e que não havia uma segregação de funções, que
245 todos faziam um pouco de tudo e que também havia a contratação de serviços externos,
246 de equipas externas, como é que isso se processa?

247 **RSE4:** Tentamos que as equipas externas não estejam também sempre a mudar,
248 porque é complexo. São pessoas que trabalham connosco para a realização de visitas,
249 oficinas, etc., não têm nenhum vínculo à Fundação. Há uma tabela de honorários que
250 pagamos por atividade realizada. Normalmente, nós contactamos, desafiamos,
251 procuramos saber se a pessoa quer fazer uma oficina de férias ou se quer fazer uma
252 visita, com o máximo da antecedência. Por exemplo, idealmente, ao longo de um mês
253 eu olho para o calendário, vejo o que tenho para o mês seguinte e tento fazer a
254 distribuição na equipa externa. São pessoas que vêm, fazem a visita e vão-se embora,
255 e isso é feito, agora, idealmente, uma vez por mês. Uma vez por mês, garantidamente,
256 é feito o mapeamento do que está previsto, faz-se a distribuição e, também

257 mensalmente, vemos quem fez, quem não fez. Mas há meses, como agosto, por
258 exemplo, em que duvido que algum dos externos esteja a trabalhar. São trabalhadores
259 independentes, portanto podem ou não podem. Podem-me ligar hoje e dizer "olha,
260 agora até ao fim do mês não vou", tudo bem, encontraremos outra forma.

261 **E:** E há algum critério na seleção desses recursos, tanto os internos como os externos?
262 O que é que pesa na decisão de contratar ou de selecionar um determinado recurso?

263 **RSE4:** O mínimo e elementar é ter a licenciatura, uma licenciatura não necessariamente
264 numa área artística, mas que seja, pelo menos, numa área de afinidade. Também temos
265 colegas de Biologia, por exemplo, mas também trabalhamos esses temas no Serviço
266 Educativo. O que é que pesa? Pesa que tenham algumas experiências em práticas de
267 mediação, mas a capacidade de gerar empatia pesa muito. Portanto, é necessário de
268 ser capaz de estar com públicos, de falar em público, por exemplo, que é outra das
269 coisas que normalmente é difícil de conseguir.

270 **E:** Para criar empatia, não é?

271 **RSE4:** Exatamente.

272 **E:** E no que respeita... nós estamos aqui num edifício onde funciona o Centro de Arte e
273 Cultura. Este edifício é dedicado aos serviços educativos. Como é que ele está
274 estruturado?

275 **RSE4:** O Centro de Arte e Cultura é um centro de arte contemporânea. Este edifício é
276 o Antigo Palácio da Inquisição, existe desde o século XVII e teve várias ocupações ao
277 longo do tempo. Vasco Maria Eugénio de Almeida comprou-o no final dos anos 50 do
278 século XX, e aqui instalou o ISESE, Instituto Superior Económico e Social de Évora. Foi
279 cedido à Universidade de Évora e, em 2011, entrou em obras de requalificação. Em
280 2013, abriu como centro de arte contemporânea. Quando foi adaptado foram criadas
281 infraestruturas, por exemplo, o elevador, as rampas, ... Não podemos alterar o edifício
282 do Tribunal de Inquisição, pelo que os tetos foram mantidos, a traça do edifício no
283 essencial foi mantida, mas sofreu ligeiras adaptações, tendo em conta as questões da
284 acessibilidade.

285 **E:** Foi um edifício adaptado e na sua ótica isso é positivo? Acha que há algum
286 constrangimento em termos, por exemplo, das dimensões ou da estrutura, da definição
287 dos espaços ou não?

288 **RSE4:** O edifício serve um centro de arte contemporânea, mas é um espaço histórico
289 e, como aconteceu também com o Paço São Miguel, o Arquivo e Biblioteca, a Coleção
290 de Carruagens, nada do que já estava no edifício e era histórico foi retirado.
291 Naturalmente, todos os edifícios históricos têm constrangimentos, seja porque a rampa
292 podia ser mais larga, porque devia ser de outra maneira... No entanto, o Centro de Arte
293 e Cultura é completamente funcional. Temos um espaço dedicado ao Serviço Educativo,
294 embora o Serviço Educativo atue em qualquer espaço da Fundação, não temos
295 nenhuma limitação. Nós podemos usar o espaço expositivo, podemos usar este espaço
296 onde nos encontramos, podemos ir aos jardins, onde agora decorre uma atividade, mas
297 temos um espaço de apoio, que é uma sala, onde temos normalmente os materiais e
298 onde podem decorrer atividades de oficina ou atelier que envolvam alguma logística.

299 **E:** Sim, mas também não funciona só, então, só aqui no serviço educativo, não funciona
300 só aqui no Centro de Arte. Falavam-me na Coleção de Carruagens...

301 **RSE4:** Aqui no Centro de Arte e Cultura, por exemplo, neste momento temos três
302 exposições. O Serviço Educativo faz mediação das três exposições. Aqui ao lado, temos
303 o Jardim das Casas Pintadas. O Serviço Educativo tem programas nas Casas Pintadas.
304 Temos também atividades na Coleção de Carruagens, no Paço de São Miguel, no
305 Arquivo e Biblioteca Eugénio de Almeida, e temos projetos que não estão vinculados
306 aos lugares, mas estão vinculados às temáticas. Portanto, deste ano, temos o Museu
307 Portátil, em que estamos a trabalhar com 60 turmas em contexto escolar. Temos o
308 #FundaçãoContigo, que são oficinas gratuitas para jovens durante todas as tardes.
309 Temos programas para famílias, temos sessões de cinema mensais. Estas sessões são
310 no auditório, que ainda é outro espaço. Portanto, o Serviço Educativo está em todo o
311 lado, qualquer pessoa encontra materiais do Serviço Educativo por todo lado, está
312 disperso.

313 **E:** Sim, é transversal. Mas em concreto, aqui, este edifício está organizado em setores,
314 departamentos?

315 **RSE4:** Este é o edifício da Área Artística e Cultural e do Serviço Educativo, ou seja, é
316 onde residem as equipas, são aqui os nossos escritórios.

317

318 **E:** Sim. E em termos de materiais, que materiais é que utilizam e que equipamentos é
319 que utilizam na realização das atividades?

320 **RSE4:** Vários, dependendo da exposição, isso é muito diverso. Na verdade, podemos
321 não usar materiais e ser conversa, debate, ou podemos usar imensos materiais.
322 Depende da atividade, aí é uma questão mesmo completamente abrangente.

323 **E:** E como é que caracterizaria os espaços e os equipamentos tendo a utilidade para a
324 realização dessas atividades?

325 **RSE4:** Os materiais somos nós que os identificamos. Quando é feita uma ficha de
326 programa em projeto educativo, quando é definida a atividade, nós adquirimos os
327 materiais que vamos precisar para a desenvolver. São sempre adequados e em
328 quantidade suficiente porque isso é gestão nossa, temos bastante flexibilidade. Se
329 acharmos, por exemplo, que era melhor trabalhar com um material diferente daqueles
330 que, por exemplo, as crianças trabalham na escola, está tudo bem, podemos utilizá-lo,
331 e isso é gestão nossa.

332 **E:** Sim, e esses equipamentos e materiais são de suporte à atividade ou são essenciais
333 para a realização da atividade?

334 **RSE4:** Depende, alguns são de suporte, outros são essenciais. Tudo depende mesmo
335 da atividade. Um exemplo concreto: a que está a decorrer agora, nas Casas Pintadas,
336 precisa de pranchetas, folhas e riscadores. Mas, por exemplo, se mudarmos de espaço,
337 pode ser uma coisa completamente diferente, depende mesmo da atividade. Outro
338 exemplo: hoje, à tarde, vai decorrer uma atividade. Eu, de memória, não tenho a menor
339 ideia que materiais são necessários, mas consigo consultar a planificação e estão lá
340 identificados, e a colega responsável adquire-os, deixa-os preparados e deixa-os na
341 sala.

342 **E:** E relativamente à utilização desses materiais, eles visam mais a exploração ou é
343 mais a exposição que é feita?

344 **RSE4:** Depende. É que aí é mesmo difícil porque nós temos tantas atividades em curso.
345 Em algumas podemos usar recursos pedagógicos, como um livro ou um objeto
346 mediador, mas noutros, são mesmo atividades práticas, em que vamos desenhar,
347 recortar...

348 **E:** E quanto ao orçamento do serviço educativo, existe algum orçamento ou ele está
349 integrado no orçamento geral da instituição?

350 **RSE4:** Existe um orçamento que está integrado no orçamento global da instituição.

351 **E:** Sim e existem outras fontes de financiamento? Quais são as vossas fontes, principais
352 fontes de financiamento?

353 **RSE4:** As principais fontes de financiamento são as da instituição. Portanto, a instituição
354 tem uma área produtiva que assegura economicamente o cumprimento da missão da
355 Fundação que é o desenvolvimento cultural, educativo, social e assistencial da região.
356 Pontualmente, há financiamentos.

357 **E:** Conseguem em termos de fundos comunitários ou parcerias?

358 **RSE4:** No Serviço Educativo, não. No Serviço Educativo só houve um financiamento,
359 assim que eu esteja a ver, e que foi ano passado. E não foi um financiamento, foi uma
360 prestação de serviços à CIMAC, com um projeto que desenvolvemos em várias escolas.
361 O Serviço Educativo não tem um histórico de financiamento, no sentido de termos
362 concorrido a financiamentos comunitários para o desenvolvimento das nossas ações.

363 **E:** E o mecenato também não? Para incentivar?

364 **RSE4:** Mecenato nunca aconteceu.

365 **E:** Então, a afetação desses recursos, existe, está normalizada? Como é que vocês
366 gerem o orçamento dentro do serviço educativo?

367 **RSE4:** Gerimos o orçamento, normalmente. Uma fatia são recursos humanos e a outra
368 fatia são recursos materiais, e depois ainda depende dos projetos. Por exemplo, se
369 temos um projeto com uma grande expressão, esse projeto pode ter um orçamento
370 próprio. E depois vamos fazendo a gestão anual daquilo que conseguimos prever, uma
371 média de visitas, de atividades que vão sendo realizadas e é feito com alguma liberdade
372 esse acompanhamento durante o ano, sim.

373 **E:** E acha que esses recursos são suficientes ou existe algum constrangimento, alguma
374 limitação?

375 **RSE4:** Neste momento, são. Não quer dizer que sempre tenham sido ou não quer dizer
376 que vão ser, mas neste momento são suficientes.

377 **E:** E centremo-nos agora propriamente nas atividades promovidas pelo serviço
378 educativo. Que tipo de atividades é que são promovidas aqui? Já me foi falando em
379 muito trabalho com as escolas, mas em concreto, que tipo de atividades é que são
380 promovidas?

381 **RSE4:** Temos visitas-jogo, visitas com atividade nas exposições - e quando digo
382 exposições, digo Jardim, Coleção de Carruagens, Arquivo e Paço de São Miguel. Para
383 escolas ainda temos um programa que é o Museu Portátil 60 anos, 60 turmas, porque
384 a Fundação faz 60 anos e o desafio deste ano foi trabalharmos com 60 turmas.
385 Mensalmente, as escolas recebem um conjunto de atividades e um mediador nosso,

386 que as vai realizar. Normalmente são atividades ancoradas naquilo que são os nossos
387 conceitos de trabalho aqui na Fundação, mas também simultaneamente atividades que
388 promovam o debate, o pensamento crítico e a reflexão. Temos ainda sessões de cinema
389 mensais para crianças e jovens, temos o #FundaçãoContigo, que é um programa de
390 oficinas de cultura e cidadania para jovens que decorre todos os dias à tarde, temos os
391 Sábados Criativos, que são atividades para famílias, temos sessões de cinema para
392 famílias, e depois temos tudo o resto, que é possível ver, marcar, ou atividades
393 comemorativas, como no Dia da Criança, em temos sempre um conjunto de atividades,
394 etc., mas sim, a nossa base são estas que disse.

395 **E:** Exposições, não é, oficinas e visitas, podemos categorizá-las assim?

396 **RSE4:** Não, porque, não, as exposições, as exposições...

397 **E:** É muito limitativo aquilo que estou a fazer?

398 **RSE4:** As visitas são um ponto, fazemos visitas a tudo o que temos, fazemos visitas
399 com oficina a tudo o que temos, e tudo o que temos é que são as exposições, os jardins,
400 o Paço de São Miguel, a Coleção de Carruagens, ... e sim, atividades para famílias,
401 portanto, se calhar podíamos dividir como escolas, famílias e projetos.

402 **E:** Certo, e em relação à planificação também já me foi dizendo que não era isolada não
403 era só uma pessoa, mas podia-me descrever agora em concreto esse processo de
404 planificação e conceção das atividades? E se elas são feitas em parceria ou não com
405 outras instituições, entidades?

406 **RSE4:** Pontualmente, como lhe falei, por exemplo, no ano passado tivemos um projeto
407 que foi desenvolvido com a CIMAC e que foi um projeto que não foi desenvolvido em
408 conjunto, mas foi desenvolvido em resposta a uma intenção que eles tinham. Mas nós
409 não desenvolvemos as nossas atividades em conjunto com outras instituições, com
410 exceção de instituições de ensino. Ou seja, temos agora um projeto, por exemplo, que
411 é o "Megafone", que é integrado na Bienal da Arte e Educação do Plano Nacional das
412 Artes, e que foi um projeto que desenhado em conjunto com duas escolas secundárias.
413 E, atualmente, culminou numa exposição. Não culminou porque ele ainda não está
414 fechado, ainda vai fazer muitas coisas. Mas sim, nas nossas parcerias, muito do
415 desenho dos projetos passa por sentarmo-nos com os parceiros e percebermos o que
416 é que podemos fazer em conjunto.

417 **E:** E internamente? Podia-me descrever um bocadinho melhor o processo de
418 preparação das atividades?

419 **RSE4:** As exposições é o mais fácil, porque é o que acontece pelo menos de seis em
420 seis meses, estamos outra vez a voltar à estaca zero, pois mudam as exposições. Só
421 um exemplo prático: neste momento, vai entrar uma exposição no dia 29 de abril. Neste
422 momento, está em velocidade de cruzeiro de produção. Nós temos as listas de obras,
423 os textos dos curadores, e esse material vai sendo partilhado com a equipa do Serviço
424 Educativo. No período da montagem da exposição temos cá artistas, curadores,
425 diretores, e a equipa do Serviço Educativo, normalmente, vai estando presente, mas é
426 sempre marcada uma conversa entre o curador, o diretor e a equipa para conhecermos,
427 em primeira mão, o que é que a exposição trata, as fragilidades, as possibilidades, e é
428 a partir disso que tudo acontece, como quando começamos a ver o que é que fica na
429 parede, como começam a surgir ideias, e cada um vai tendo o seu processo individual
430 ou, às vezes, até coletivo do que é que gostaríamos de fazer. E há um momento em
431 que nos sentamos à mesa, todos já sabemos do que é que se trata, todos já
432 conhecemos a exposição, gravamos o que o curador e o diretor disse, todos já

433 transcrevemos, todos já lemos imensas coisas, e é então que definimos o que é que
434 vamos fazer para cada público naquela exposição, com a abertura de que pode, às
435 vezes, correr mal, e se correr mal, não faz mal nenhum, correr mal também é muito bom.
436 Portanto, é voltar atrás e dizer «Esta atividade para aqui não corre bem, vamos lá
437 reformular», e isso é redigido numa ficha de projeto. Depois chamamos a equipa
438 externa, fazemos um encontro, debatemos, fazemos uma visita. Isso é mais recente,
439 antes fazíamos uma formação teórica, agora achamos que tem que ser uma formação
440 prática, fazemos uma visita formativa real.

441 **E:** Existe algum critério na, na escolha da atividade que vão realizar ou não? Como é
442 que, o que é que interfere na escolha, na preparação das atividades?

443 **RSE4:** É sempre um conjunto de critérios. Por exemplo, se temos uma exposição como
444 a que temos no primeiro andar, no caso da pintura de Jorge Martins em que,
445 essencialmente, é uma exposição que tem um nível de abstração grande, é pensar
446 naquilo que são as capacidades. Por exemplo, um grupo pré-escolar não consegue
447 apreender um determinado número de conceitos teóricos, mas consegue apreender a
448 questão das formas, conseguimos trabalhar a questão da imaginação, conseguimos
449 aproximar o universo da pintura, trabalhar as emoções. É uma questão de adaptar a
450 cada grupo etário aquilo que são conteúdos em aquisição naquele grupo etário e
451 fomentar um bocadinho. Mas a ideia é sempre fomentar, acima de tudo, o debate e o
452 pensamento crítico, e não fechar o processo.

453 **E:** E isso então é feito em articulação com as escolas, com o currículo? Há essa
454 preocupação?

455 **RSE4:** Há uma preocupação em conhecer, apesar de nós sermos uma estrutura de
456 educação não formal. Por exemplo, se um professor de História vem cá, muitas das
457 vezes pode dizer «Eu gostava» (isso acontece imenso no Palácio), «Eu gostava que
458 abordassem mais aquela questão do Renascimento». Tudo bem, ou seja, é feito esse
459 “negócio” um bocadinho à cabeça.

460 **E:** Sim, e a equipa, já falámos aqui dos intervenientes na conceção das atividades, é a
461 equipa constituída pelos três elementos que não é feita isoladamente, certo?

462 **RSE4:** A conceção das atividades é feita de forma partilhada.

463 **E:** Nomeadamente com os investigadores, com os professores, como estava a dizer.

464 **RSE4:** Não, isso não.

465 **E:** Não?

466 **RSE4:** Não, não, não. A conceção das atividades de uma exposição é nossa. De uma
467 atividade, por exemplo, de um projeto que estamos a fazer com as escolas, fazemos
468 diretamente com os professores. De uma atividade nossa, é feita connosco, ou seja, os
469 professores ou os educadores não são envolvidos, neste processo. Naturalmente, é
470 feito anualmente, por exemplo, um encontro com professores e com educadores, em
471 que debatemos um conjunto de práticas e somos atentos àquilo que a comunidade
472 educativa nos diz, mas os programas educativos da Fundação são preparados pela
473 Fundação e devolvidos à comunidade.

474 **E:** À comunidade. E, também ainda retomando a questão das parcerias, é sobretudo
475 com as escolas? Não sendo se calhar uma parceria formalizada, mas com as escolas e
476 também me falou com a CIMAC.

477 **RSE4:** Sim, foi no ano passado e foi um projeto financiado. Mas temos parcerias, no
478 âmbito, por exemplo, do Plano Nacional das Artes, em que estamos a trabalhar com
479 várias escolas, integramos o Conselho Geral de Agrupamentos de Escolas, estamos
480 representados em dois Conselhos Gerais de Agrupamentos de Escolas da cidade, três
481 (penso que a Área Social está num outro, esse não posso precisar), eu estou em dois.
482 Portanto, há uma parceria muito viva com a cidade, com a Universidade, naturalmente,
483 é sempre um sítio em que somos muito próximos. E aí são parcerias mais formais, não
484 é possível trabalhar sem estas parcerias.

485 **E:** E vê mais vantagens ou desvantagens no estabelecimento de parcerias?

486 **RSE4:** Muito, muito mais vantagens. É um trabalho muito mais rico, muito mais
487 integrado e, acima de tudo, aquilo que se devolve à comunidade é algo muito mais
488 efetivo, ou seja, não estamos cada um a fazer para si aquilo que acha que é uma coisa
489 muito boa. Estamos, todos juntos, a tentar pensar o que será melhor para os diferentes
490 públicos. Por exemplo, os conselhos gerais do agrupamento - estarmos nesses órgãos
491 é muito bom para a aproximação da instituição cultural à escola, para nós percebermos
492 também quais são os problemas da escola, mas também para as escolas perceberem
493 que nós estamos aqui exatamente para apoiar e para trabalhar em conjunto, e tem sido
494 um caminho que vejo como muito positivo.

495 **E:** Sim. E se tivesse que eleger a atividade mais procurada, qual seria? E por quê?

496 **RSE4:** São as visitas com atividade nas exposições.

497 **E:** E qual será o motivo?

498 **RSE4:** O motivo? Primeiro, é uma atividade que está em menu constantemente, e
499 depois, e sobretudo, aqui nas práticas artísticas, eu gosto muito de pensar, e às vezes
500 partilhamos entre colegas, quem experimenta uma visita com atividade numa
501 exposição, há uma abertura total, há um pensamento, há um acolhimento ao outro,
502 acima de tudo, que é feito numa exposição. E as exposições dão-nos ferramentas para
503 trabalharmos infinitos temas, mas também nos dão ferramentas para escutarmos o que
504 é que os jovens ou os públicos nos querem dizer. E, normalmente, é sempre uma
505 experiência muito gratificante para os dois lados. Para o mediador, que aprende - nós
506 quando transmitimos, aprendemos, portanto, um mediador que aprende imenso e
507 desenvolve-se do ponto de vista humano - e também para o grupo, que vê um conjunto
508 de obras de artistas e conversa e explora. Sim, vejo-a quase como um programa que, a
509 acontecer bem, é muito positivo.

510 **E:** E constrangimentos? Acha que há algum constrangimento na realização dessas
511 atividades? E como é que os ultrapassam, se há?

512 **RSE4:** Há sempre aqueles constrangimentos muito elementares. Por exemplo, quando
513 o professor vem e não foi ele que marcou e aquilo acabou por acontecer, isso é um
514 constrangimento. Ou quando os alunos também não se entregam à ação, sobretudo
515 com os mais velhos, e começam a dispersar um bocadinho mais... Mas acho que o
516 maior constrangimento será a mesma falta de vontade.

517 **E:** E há algum custo associado à participação nas vossas atividades?

518 **RSE4:** Sim, os nossos programas escolares têm o custo de 1 euro por criança, e é
519 gratuito para alunos subsidiados, escalão A ou B. Os professores e educadores também
520 não pagam.

521 **E:** Sim. E acha que o facto de isso ter um custo associado tem interferência na, na
522 afluência do público a estas atividades?

523 **RSE4:** Acho que não. Primeiro porque os alunos subsidiados não pagam, à partida. E
524 depois, se as pessoas não puderem pagar, podem-nos escrever um email a dizer. Isso
525 acontece frequentemente, ou seja, o professor diz que não tem alunos subsidiados, mas
526 que é, efetivamente, um grupo complicado, e esses pedidos são todos aprovados, 100%
527 das vezes. Não é por falta de dinheiro que deixam de ver uma exposição ou que deixam
528 de participar de um programa de serviço educativo.

529 **E:** E..., esse, o custo é sempre o mesmo? Sejam famílias, grupos?

530 **RSE4:** Não, famílias, escolas é 1€, o cinema é também 1€, gratuito para alunos
531 subsidiados. As famílias, 2€, 2,5€ por criança, depende do programa.

532 **E:** E os grupos também? Ou seja, uma associação que decida fazer uma visita...

533 **RSE4:** Se for uma IPSS não paga, é gratuito para instituições de solidariedade social.
534 Se for um grupo de adultos, paga 3 euros por pessoa, com descontos para maiores de
535 65. E isto aqui no Centro, estou-lhe a dar os valores do Centro. O Paço, o núcleo
536 patrimonial, são 6 euros por pessoa ou por adulto. O preço de escolas é igual em todos
537 os nossos equipamentos.

538 **E:** E é consoante o equipamento? É isso?

539 **RSE4:** Não, para escolas é sempre igual, para adultos muda.

540 **E:** Mas quem vem fazer aqui..., por exemplo, hoje eu vinha fazer aqui ao Centro de Arte
541 e Cultura uma oficina e, entretanto, ia também a outro espaço. Eram preços, pagava
542 dois bilhetes. É isso?

543 **RSE4:** Sim, sim, sim.

544 **E:** E relativamente à oferta educativa, como é que ela, como é que está estruturada?
545 Como é que vocês pensam a oferta educativa?

546 **RSE4:** Por públicos, na verdade. Ou seja, nós não trabalhamos a primeira infância,
547 portanto, do 1 aos 3 anos não temos nenhum programa, nem nunca tivemos, pelo
548 menos desde que eu estou cá. Depois temos programas pré-escolares, escolares,
549 temos projetos, e é nos projetos que depois nós direcionamos um bocadinho mais. Por
550 exemplo, este "Megafone" foi só com o secundário e só com três grupos de secundário.
551 E as famílias. Portanto: escolas, adultos e famílias. No essencial, está segmentada por
552 públicos.

553 **E:** E também, então, têm atenção à faixa etária, o nível de escolaridade?

554 **RSE4:** Sim. No caso, por exemplo, de um programa educativo na exposição ou no Paço,
555 nós temos uma atividade para pré-escolar, outra para primeiro ciclo e por aí fora. Aqui
556 no Centro não temos feito isso, temos tentado pensar numa ou em duas atividades que
557 sejam muito transversais, mas elas são adaptadas, o discurso é completamente
558 adaptado, portanto, tudo é desenhado de acordo com aquele público.

559 **E:** Os materiais também?

560 **RSE4:** Os materiais, exatamente.

561 **E:** E, ah, e em termos de modelo educativo, modelo pedagógico, seguem algum
562 modelo?

563 **RSE4:** Há vários modelos pedagógicos, mas de facto, recuperando aquela conversa de
564 há pouco, o facto não sermos uma escola, nós também não estamos vinculados a
565 nenhum modelo pedagógico. O nosso modelo, essencialmente, é não formal, ou seja,
566 nós fazemos mediação de conteúdos, mediação de obras de arte, sempre numa
567 estrutura não formal e numa estrutura de diálogo, de pensamento crítico e de reflexão
568 e de criatividade. São assim aqueles conceitos que mapeiam aquilo que, pelo menos,
569 sonhamos e queremos fazer, mas não um modelo formal.

570 **E:** E suportam a vossa prática em alguns documentos de referência na área da
571 educação? Ou outros?

572 **RSE4:** Temos vários. Para alguém, quando integra a equipa, há vários documentos que,
573 para nós, mapeiam muito aquilo que fazemos, mas não há documentos normativos que
574 utilizamos nem entidades de referência, pese embora, sim, haver uma vontade de andar
575 sempre à procura do que é que se está a fazer noutros sítios, e também uma vontade
576 de um conjunto de literatura, que nos é muito querida do ponto de vista das práticas
577 artísticas, de perpetuar aqui um bocadinho na equipa e tentarmos indo sempre
578 aprender, mas não existe um documento normativo de entidades de referência do ponto
579 de vista formal, não.

580 **E:** Mas pode-me dar alguns exemplos de, desses autores que seguem?

581 **RSE4:** Há vários, normalmente coisas de artistas. Há um manifesto de um artista que é
582 o Nicolás Paris, que fala do museu como sala de aula. E esse é um dos documentos
583 que nós integramos sempre nas nossas formações. Mas muito mais pelo lado
584 provocatório, muito mais do que pelo lado do conhecimento. Quando ele fala de uma
585 sala de aula para andar para trás ou sala de aula para o erro, é exatamente para
586 provocar e dizer «o museu pode ser isto», andar para trás muitas vezes é andar para a
587 frente, e essa dialética da aprendizagem pode ser invertida ou subvertida e as práticas
588 artísticas são riquíssimas desse ponto de vista.

589 **E:** E também já me foi referindo a preocupação no desenvolvimento do pensamento
590 crítico. E acha que das vossas atividades promovidas pelo serviço educativo, resulta
591 algum tipo de aprendizagem?

592 **RSE4:** Eu gostava de acreditar que sim. Nós temos questionários de avaliação, e eles
593 têm um excelente nível de satisfação. Mas isso não quer dizer nada, ou seja, também
594 tenho que ser honesta e perceber que quem preenche são adultos, que gostam da
595 experiência, da forma como são acolhidos, etc., e, portanto, do ponto de vista formal, eu
596 não tenho uma *não conformidade* desse ponto de vista dos questionários de satisfação.
597 Mas claro, aquilo que mais me interessa, mais do que os questionários de satisfação, é
598 perceber se nós temos um impacto positivo junto do público com que atuamos, e isso é
599 difícil de saber ou de medir. Os públicos que estamos a formar hoje são públicos que só
600 vamos perceber se conseguimos fazer alguma diferença naquele processo daqui a 20
601 ou 30 anos, porque os jovens desaparecem das instituições culturais e os nossos
602 estudos indicam exatamente isso. Portanto, eu acho que estamos a trabalhar para o
603 futuro. Tudo o que fazemos é a pensar no futuro. Temos exemplos muito bonitos, sim,
604 conheço jovens que fizeram oficinas connosco desde o pré-escolar e que, atualmente,
605 estão na universidade e continuam 'jovens da casa', que vêm, participam. Conheço-os,
606 acabo por conhecer as famílias, porque esta é a vantagem de viver numa cidade
607 pequena, é que conseguimos conhecer as pessoas, educadores e famílias, mas isso é

608 um indicador que não conseguimos dominar porque os jovens não avaliam diretamente
609 as ações.

610 **E:** Mas se tivesse que categorizar o tipo de aprendizagens que podem promover aqui
611 como é que as categorizava? Por exemplo, há pouco falou-me.., se calhar, a
612 sensibilização à arte, o pensamento crítico.

613 **RSE4:** Sim, e também uma certa liberdade do conhecimento, que é um eixo forte do
614 que queremos passar - o diálogo a partir de uma obra de arte, a liberdade de leituras
615 que uma obra de arte pode potenciar, o conseguir debater harmoniosamente sobre isso
616 é uma das coisas que nos importa passar aos nossos públicos. Importa-nos passar
617 também alguma sensibilidade artística, naturalmente. Somos um centro de arte
618 contemporânea e queremos criar públicos para tudo, mas, essencialmente, queremos
619 criar públicos de cultura e de arte. Acima de tudo, queremos desconstruir uma ideia de
620 que os museus são sítios para alguns, de que a arte é para alguns, e isso é um caminho
621 que é longo de fazer, porque muitas famílias não se sentem acolhidas dentro das
622 instituições culturais, não porque as instituições não acolham, mas porque há um certo
623 estigma, e ou que «Eu tenho que ter conhecimentos», ou que «Eu tenho que saber
624 fazer», e temos que tentar desmontar isso. Todos são bem-vindos dentro das
625 instituições culturais, e todos trazem olhares valiosos para dentro das instituições
626 culturais.

627 **E:** E considera que a oferta educativa vai ao encontro das necessidades dos
628 utilizadores?

629 **RSE4:** Sim, um dos programas que temos nasceu, exatamente, no pós-pandemia, para
630 responder a uma necessidade. Nós tínhamos oficinas de férias, mas não tínhamos
631 oficinas todas as tardes, e agora temos oficinas gratuitas todas as tardes, porque
632 identificámos a necessidade. Os pais não sabiam o que fazer aos miúdos durante a
633 tarde, quando eles não estão na escola, e sobretudo para miúdos a partir dos 10 anos,
634 que já são crescidos, mas, ao mesmo tempo, não vão ficar o dia todo sozinhos em casa.
635 Então, criámos estas oficinas de cultura e cidadania que se mantêm até hoje.

636 **E:** E como é que é feita a dinamização das atividades? Eu sei do que já fomos falando,
637 mas agora queria que me falasse concretamente dos materiais didáticos que existem?

638 **RSE4:** Cada exposição tem o seu *kit*. Há exposições em que temos uma mala com
639 coisas, por exemplo. Estou-me a lembrar desta exposição em que usamos um *kit*, mas
640 com os mais velhos, são só *post its*, que nós entregamos e eles distribuem pela sala
641 [*com uma determinada finalidade e um contexto*]. Na exposição anterior, usávamos uma
642 mala em que tínhamos pedaços de madeira para eles sentirem, texturas de tecido, já
643 que não se pode tocar na obra de arte. Também a ideia é poder ter alguns materiais,
644 pelo que tínhamos carvão para eles pintarem. Depende da exposição, o *kit* é feito
645 mesmo à medida daquela exposição.

646 **E:** E eles têm, depois ficam com esses materiais? Como é que funciona?

647 **RSE4:** Tudo o que eles fazem em contexto de atividade é para eles, podem levar. Às
648 vezes, são grandes demais e nós entregamos na escola, ou depois os professores vêm
649 buscar. No âmbito desta exposição fazem pinturas em grande formato com fita-cola e,
650 a seguir, grandes manchas de pinceladas. E, pela subtração da fita-cola, cria-se, então,
651 a forma. Depois é tudo muito grande, e muita tinta e seca, e nós levamos ou os
652 professores vêm buscar.

653 **E:** Sim. E concretamente também em termos da afetação dos recursos humanos,
654 também é em função da sua experiência?

655 **RSE4:** Há mediadores que não gostam de uns públicos, e outros que adoram outros. E
656 isso é respeitado. Por exemplo, se tivermos um mediador que diz «para pré-escolar,
657 não tenho a menor capacidade», tudo bem. Em todo o caso, eu acho sempre que se
658 deve experimentar. Eu acho sempre que devem assistir. Um mediador também nunca
659 faz uma visita sem assistir a várias, ou sem, pelo menos, passar por uma visita-teste
660 conosco. Mas devem sempre experimentar porque, diz-me a experiência, mesmo
661 quem não gosta e diz «ah, detesto trabalhar com crianças», normalmente depois
662 descobre que, neste contexto em que estamos sentados no chão, a conversar, a ver
663 uma obra de arte e a desmontar, que depois também se descobrem eles próprios
664 enquanto mediadores. Mas sim, respeito aquilo que é, tenho mediadores que trabalham
665 com o público adulto, como é o caso uma pessoa que só trabalha com o público adulto
666 e só trabalha património. Temos outros mediadores que trabalham só com o público
667 infantil, outros mediadores que só fazem oficinas, por exemplo, o #FundaçãoContigo. É
668 respeitar um bocadinho os ritmos.

669 **E:** E a comunidade, há participação da comunidade, dos membros da comunidade?

670 **RSE4:** Há, há, felizmente, sim. Felizmente, tem sido um caminho que é lento,
671 naturalmente, mas feliz, sobretudo agora no pós-pandemia. Acho que é harmoniosa a
672 relação que mantemos com a comunidade, e o Serviço Educativo é sempre a relação
673 mais fácil porque nós trabalhamos com as crianças e, portanto, os pais mobilizam-se
674 muito mais a virem, e também conseguimos relações muito mais informais com as
675 pessoas, ou seja, as pessoas vêm e deixam-nos os seus filhos para uma atividade, ou
676 em contexto escolar, isso é uma relação muito bonita que se tem construído nos últimos
677 anos.

678 **E:** Mas eles participam também, ou seja, também são elementos...

679 **RSE4:** Os pais?

680 **E:** Sim, dos pais, de outros membros até...

681 **RSE4:** Os pais voltam ao fim de semana. Normalmente, quando os meninos vêm com
682 a escola, os pais voltam, é sempre. A maior parte dos adultos conhece porque os filhos
683 dizem que têm que vir cá. Já me aconteceu, já tive situações incríveis de estar cá ao
684 sábado e uma mãe vir ter comigo «Olhe, desculpe, a minha filha disse que tinha que vir
685 ter consigo» e eu disse «Perfeito» [risos]. Nessa relação, sobretudo quando começamos
686 com o pré-escolar, os pais vêm e envolvem-se. Eu acho que essa é a nossa obrigação,
687 é olhar para a comunidade e acolhê-la do ponto de vista muito informal, porque às vezes
688 os pais não vêm porque não se sentem confortáveis, e isso é um caminho que é difícil
689 de desconstruir, mas que é vital, porque se as crianças vêm com a escola, mas depois
690 se os pais não se sentem confortáveis nos sítios que são os lugares de aprendizagem
691 dos seus filhos, estamos a fazer tudo mal, portanto, há que ser muito atento aos pais,
692 convidá-los, envolvê-los, etc.

693 **E:** E essa participação nas atividades, como é que a caracterizaria?

694 **RSE4:** Como assim?

695 **E:** Em termos de..., se nota que as pessoas estão motivadas? Se pelo contrário não
696 estão, não demonstram muito interesse? Como é que é essa afluência também?

697 **RSE4:** Dos nossos questionários de satisfação, o que aferimos é que em 2022, 98% do
698 público estava completamente satisfeito (de *nada satisfeito a completamente satisfeito*,
699 estava *completamente satisfeito*). Dou sempre a margem de que isso é um questionário
700 que é aplicado e pode ser de outra forma, mas parece que, do ponto de vista geral, as
701 pessoas saem contentes e satisfeitas das atividades que fazem.

702 **E:** Envolvem-se na atividade?

703 **RSE4:** Envolvem-se, sim. Há assim situações mais sensíveis como, por exemplo, uma
704 atividade de dança. Se propusermos uma atividade de dança, naturalmente os pais
705 ficam muito mais inibidos. Mas como é normal, porque às vezes estamos mesmo em
706 áreas de desconforto. Há pais, por exemplo, que em atividades de desenho ficam
707 mesmo desconfortáveis porque acham «Agora vou ter que desenhar e eu não sei
708 desenhar», mas o mediador que faz a oficina também pode desconstruir isso, ou nas
709 atividades de dança. Eu peço sempre à equipa, para quem fizer, que dançam também.
710 Nós somos todos péssimos a dançar, e assim qualquer pessoa vê logo que pode estar
711 muito à vontade, a dançar [risos].

712 **E:** E ainda retomando a questão dos materiais educativos que produzem, vocês
713 produzem alguns *dossiers* pedagógicos, no fim da visita leva, ou antes, na preparação,
714 cedem alguns conteúdos às escolas, ou, ou..? Como é que se processa tudo isso?

715 **RSE4:** Não temos um dossier pedagógico, não. Já pensamos muito sobre ele, estamos
716 a tentar trabalhar num *kit* pedagógico, na verdade, mas o que temos são atividades
717 digitais, ou seja, no âmbito das exposições, é feita uma atividade digital que está alojada
718 no nosso *site*, que não é um *dossier* pedagógico, é uma proposta para conhecer a
719 exposição em contexto familiar. Mas essa é uma das coisas que está na nossa agenda,
720 pensar a questão dos *kits* pedagógicos.

721 **E:** E através desses vídeos que disponibilizam na vossa página, portanto, qualquer
722 utilizador pode ver e perceber...

723 **RSE4:** Chama se "Atividário". Temos vídeos, e temos mesmo propostas, um PDF que
724 descarrega e vamos experimentar fazer uma atividade tal. Temos do Paço, das Casas
725 Pintadas, temos de algumas exposições, temos da Coleção de Carruagens e isso está
726 no nosso site e é possível descarregar.

727 **E:** Contextualiza a atividade.

728 **RSE4:** Contextualiza o lugar e explica a atividade.

729 **E:** E como é que é feito o registo dessas atividades? Vocês, ah, a Marisa já me foi
730 falando na questão das fichas técnicas, e aliás nos procedimentos e instruções que têm.
731 Podia-me falar em concreto sobre essa questão?

732 **RSE4:** Esta é uma atividade digital que está no site, é feita e, portanto, nós perdemos-
733 lhe o curso, ou seja, quem quer, usa, quem não quer, não usa, mas está ali.

734 **E:** Sim, mas genericamente das atividades que promovem, existem fichas?

735 **RSE4:** Sim, a ficha de projeto faz uma descrição geral do projeto, tem um cabeçalho em
736 que diz descrição, tipologia, público-alvo, duração, equipa afeta, horário, preços,
737 divulgação, e depois, no corpo do documento, que explicamos o que é feito.

738 **E:** Os conteúdos abordados?

739 **RSE4:** Os conteúdos, se temos necessidades de materiais, é um documento que
740 formaliza que aquela atividade tem aquele procedimento, até porque, para quem vier
741 daqui a 20 anos, tem que saber o que é que nós andamos a fazer agora... [risos]

742 **E:** A preocupação também com a memória, não é? E agora passando um bocadinho
743 para a programação. Essa programação é feita em parceria com as entidades externas
744 ou simplesmente, ah, ah, convosco internamente?

745 **RSE4:** No caso das atividades externas, não se aplica. Há um único único exemplo que
746 é o “Megafone”, que é um programa que fizemos, que está em curso, que foi feito em
747 conjunto, que é da Bienal de Arte e Educação, com duas escolas de ensino secundário.
748 O restante é feito internamente, a programação não é feita em parceria com outra
749 entidade, é sempre feita dentro, no caso, nós mudamos de exposições X em X tempo.
750 Há uma programação anual.

751 **E:** Era essa a questão que lhe ia colocar precisamente. A regularidade dessa
752 programação, se é anual, trimestral?

753 **RSE4:** Anual. Há um plano de atividades em que apresentamos a programação para o
754 ano seguinte e, claro, a programação é genérica o suficiente para termos margem de
755 respiração. Eu não digo que naquela atividade vamos fazer, por exemplo, só compor
756 figuras, não digo isso. Mas digo que, no âmbito daquela exposição, vai-se realizar
757 aquele conjunto de atividades. E o plano é da instituição toda e prevê essas coisas.
758 Portanto, para 2023, sabíamos, no final de 2022 - e já o apresentámos internamente a
759 toda a Fundação, todas as áreas o fazem -, que vamos trabalhar os programas
760 educativos das exposições, que vamos trabalhar os programas educativos do
761 património, sessões de cinema para escolas e famílias, o “Museu Portátil” e o
762 “Megafone”, que são os projetos do ano, oficinas de férias e o “#FundaçãoContigo”. Ora,
763 o que é que vamos fazer na oficina de férias de verão? Não está definido em 2022, só
764 se define em 2023.

765 **E:** Vão fazendo...

766 **RSE4:** Vamos fazendo. Primeiro, agora vamos conversando, vamos começando a
767 perceber possibilidades e amadurecemos.

768 **E:** E essa calendarização segue alguns critérios como aquela questão que me falava
769 das datas festivas?

770 **RSE4:** Sim. Por exemplo, nós sabemos sempre que vamos comemorar o Dia da
771 Criança, que é importante para nós. Normalmente, fazemos sempre alguma coisa no
772 Dia dos Monumentos e Sítios ou no Dia dos Museus, ou seja, no plano de atividades
773 mencionamos, à cabeça, um conjunto de coisas que depois mapeiam a nossa ação.
774 Claro que começamos com um esqueleto de programação e, à medida que o ano vai
775 entrando, depois alguém, numa escola, liga a dizer que vai pedir uma cedência de um
776 espaço, por exemplo, para uma oficina. As coisas vão entrando aos poucos.

777 **E:** E agora a parte relativa à divulgação, à promoção. Existe algum procedimento, ah,
778 como é que está regulamentado ou pensada a divulgação?

779 **RSE4:** A divulgação é feita através dos *emails* das escolas, dos agrupamentos de
780 escolas, das redes sociais, e, no caso de projetos mais pontuais, é feita através da
781 imprensa. Com a proteção de dados, perdemos imensos contactos que tinha uma base
782 de dados incrível de professores e educadores e esses contactos não puderam mais

783 ser utilizados. Vamos construindo de novo a nossa base de dados, mas através das
784 escolas e através das redes sociais.

785 **E:** E é o próprio serviço educativo que faz ou é outro setor da Fundação?

786 **RSE4:** Temos uma sorte incrível. Nós temos uma colega de comunicação, uma colega
787 que faz parte da equipa do Serviço Educativo, mas também faz comunicação. Estamos
788 todos na mesma sala a trabalhar e é muito fácil dizer «Olhe, pode...?»

789 **E:** Faz o cartaz?

790 **RSE4:** O cartaz ainda é outro colega. Usamos poucos cartazes no Serviço Educativo.

791 **E:** Sim. E então, principais meios de divulgação?

792 **RSE4:** É *email* e redes sociais.

793 **E:** Ok. E o responsável pela divulgação, já percebi que não existe formalmente. É todo
794 o serviço, não é?

795 **RSE4:** Sim, há sempre uma colega que é quem vai fazer. Mas há *emails* que eu faço
796 pessoalmente. Por exemplo, uma vez que vou às reuniões de conselho geral, aquelas
797 pessoas eu faço questão de convidar ou divulgar, e também tentamos atuar nessas
798 linhas de proximidade. Mas sim, todos fazemos divulgação junto dos nossos canais.

799 **E:** E como é que avalia a vossa forma de divulgação? Ela é efetiva?

800 **RSE4:** Ainda não é. Se eu tivesse que assumir alguma coisa em que ainda temos
801 caminho a fazer é na questão dos *kits* pedagógicos ou dos *dossiers* pedagógicos de
802 uma maior continuidade para além da visita ou para além do projeto, e na questão da
803 comunicação.

804 **E:** OK. Mas pensa que mesmo tendo essas falhas, não é, esses constrangimentos ela
805 consegue chegar ao vosso público?

806 **RSE4:** Ela chega ao nosso público.

807 **E:** Em número suficiente?

808 **RSE4:** Sim, ou seja, nós temos escolas, por exemplo, de fora, não sei bem como é que
809 elas descobriram, mas vêm. Mas eu acho que a divulgação está intimamente
810 relacionada com aquela questão dos *kits* pedagógicos, ou do para além da visita, em
811 criar mais rasto, e isso não está feito, neste momento, e seria uma das coisas que
812 gostaríamos para o próximo ano.

813 **E:** E relativamente à avaliação das atividades, também já me disse que no final de cada
814 atividade...

815 **RSE4:** É preenchido um questionário de satisfação.

816 **E:** Sim. E esse registo, então, é sistematizado, das atividades? É para todas as nossas
817 atividades?

818 **RSE4:** Sim, idealmente, sim. Pode acontecer de alguma escapar, ou seja, virem cinco
819 professores e só um preencher, mas em todas as nossas atividades é preenchido um

820 registo, um questionário de satisfação que é avaliado semestralmente, parcial, não todo,
821 mas anualmente todo.

822 **E:** E o tratamento que é dado a esses dados? Já me falou que o grau de satisfação
823 atingia os noventa e tal por cento de satisfação....

824 **RSE4:** Sistematizamos anualmente os dados dos questionários. Mas se houver algum
825 professor ou algum educador, ou alguma família que tenha registado alguma coisa
826 menos agradável no questionário, tratamos no imediato. Portanto, não fica no molho
827 para depois se tratar no final do ano. Já aconteceu uma vez, desde que cá estou, o
828 professor, de 1 a 5 deu 2. Portanto, alguma coisa correu mal, muito mal. Eu conhecia o
829 professor, então liguei-lhe e tentei resolver, tentei perceber primeiro o que é que tinha
830 acontecido, e percebi que não era grave e fizemos uma ação corretiva. Mas fazemos a
831 avaliação. E a avaliação é feita também ao desempenho da equipa, aos conteúdos
832 abordados. Posso passar-lhe também o questionário da avaliação para verem os
833 parâmetros que avaliamos.

834 **E:** Sim. E já alguma vez, para além dessa que me falou em concreto dessa situação,
835 ah, na sequência da análise do inquérito de satisfação, houve alguma alteração nos
836 procedimentos ou...?

837 **RSE4:** Vários. Quando nós perguntamos observações, ou sugestões, às vezes as
838 pessoas deixam sugestões de coisas que gostassem de fazer e nós tentamos integrar
839 essas sugestões em atividades futuras, por exemplo, nas oficinas de fotografia ou os
840 fantoches. Depois, às vezes ficamos um bocadinho frustrados porque vamos ler, vimos
841 que está lá, fazemos, e depois não é um sucesso. Mas sim, tentamos acolher ou tentar
842 solucionar aquilo que está ao nosso alcance, naturalmente.

843 **E:** E a avaliação do vosso desempenho no serviço educativo tem reflexo na avaliação
844 global da Fundação?

845 **RSE4:** Apesar de não ser uma unidade autónoma, o Serviço Educativo trabalha os seus
846 dados de forma autónoma, porque temos variáveis que são completamente diferentes
847 de variáveis de outras áreas, mas a avaliação do Serviço Educativo contribui para a
848 avaliação global da instituição, naturalmente.

849 **E:** Certo, e agora centremo-nos, concretamente, no público-alvo. Como é que
850 descreveria o vosso público-alvo? Em termos de faixa etária, género, formação
851 académica? Se são sobretudo famílias, escolas, grupos?

852 **RSE4:** Escolas e famílias, essencialmente, escolas e famílias são os nossos grandes
853 públicos.

854 **E:** As escolas são de nível de escolaridade?

855 **RSE4:** Pré-escolas e escolas, até ao ensino secundário.

856 **E:** Até o ensino secundário, certo. Seria então, o público-alvo, são escolas e famílias,
857 sendo que as escolas, então, é o secundário, sim.

858 **RSE4:** Temos também a universidade, que participa, mas mais residualmente.

859 **E:** Sim, e o perfil? Como é que caracterizaria o perfil do utilizador?

860 **RSE4:** Para responder assim, a verdade é que teria que eu própria de redigir e fazer, e
861 dedicar-me a esta pesquisa. Nós não temos o perfil do utilizador do educativo.

862 **E:** Mas são curiosos que aparecem, são pessoas que têm alguma necessidade de
863 aprendizagem em específico?

864 **RSE4:** Um bocadinho de tudo. Notamos que, por exemplo, nas nossas oficinas, muitas
865 famílias que não são da região e que se mudam para cá, participam frequentemente
866 nas nossas atividades. E temos um grupo de pessoas fidelizadas na cidade, um grupo
867 de 60 famílias que participam regularmente nas atividades. E essas famílias também
868 são efeito de divulgação para outras famílias.

869 **E:** Isso vai precisamente ao encontro daquilo que lhe ia perguntar, a questão da
870 afluência, se ela é pontual, se é regular?

871 **RSE4:** É regular. Os nossos públicos, as escolas com quem trabalhamos, mais as
872 famílias, há uma regularidade.

873 **E:** Hum... hum. Voltando ainda também atrás à questão da atitude perante a atividade,
874 a afluência, ah, as escolas e tanto as famílias acolhem com, de forma positiva as
875 atividades?

876 **RSE4:** Sim, sim, sim.

877 **E:** E agora, eu já não tenho mais questões para lhe colocar, e, portanto, chegámos ao
878 fim, nem me apercebi. Não sei se, ah, quer colocar alguma questão que ainda possa,
879 ou que tenha ficado por esclarecer ou que acha que é importante também referir no
880 âmbito deste estudo e que eu não tenha abordado.

881 **RSE4:** É imenso! [risos]

882 **E:** É, não é? [risos]...

883 **RSE4:** Quero só dizer que estou à disposição. Há documentos que poderei partilhar,
884 como os questionários de satisfação, ou mesmo a análise que fizemos agora para os
885 relatórios 2022. Os serviços educativos são um caminho em constante atualização e é
886 isso que é muito mágico na mediação. Primeiro, é mágico porque podemos estar com
887 pessoas, e isso é transformador. Toda a minha vida profissional fui mediadora, e é
888 mesmo transformador estar com pessoas, poder conversar. Aquilo que nós aprendemos
889 nessa relação e, sobretudo, com o pré-escolar, quem quiser começar ali com o pré-
890 escolar, é que os públicos são muito generosos, muito generosos. Portanto, eu diria que
891 o pré-escolar e o primeiro ciclo têm uma generosidade imensa. A partir daí ficam mais
892 caladinhos, é outra natureza de público. Agora, mais recentemente, trabalhamos com o
893 secundário, e falava isto com os professores: «É incrível, não é, com as experiências
894 que tivemos, podemos chorar juntos, podemos rir juntos, podemos errar juntos?».
895 Porque a questão do erro também é importante, porque nós não somos uma escola, e
896 não queremos mesmo ser uma escola. Nós não avaliamos, a nossa ideia é outra e
897 temos outro posicionamento. E também as coisas correm bem, nós nunca tivemos
898 assim más experiências de alguma coisa ter corrido muito mal porque nós pomos menos
899 limites ou porque somos menos austeros, isso nunca aconteceu.

900 **E:** Bom, Marisa, resta-me a mim agradecer-lhe pela generosidade de participar no
901 estudo e obviamente que isto não é uma conversa que fica aqui, se for necessário
902 esclarecer está à vontade.

903 **RSE4:** Obrigada. Qualquer coisa é só escrever um *email* e eu reformulo, ou se algumas
904 perguntas não ficaram respondidas da forma ponderada que dão jeito para um
905 processo, [risos] é só enviar-me e eu redijo a resposta e envio.

906 **E:** Obrigadíssima. Vamos então dar por terminada aqui a nossa entrevista.

**APÊNDICE 11 – ENTREVISTA DO MUSEU DE ARTE
CONTEMPORÂNEA DE ELVAS**

Transcrição da entrevista n.º 5

Entrevistado	Patrícia Machado (com colaboração de Patrícia Rondão)
Local da Entrevista	Museu de Arte Contemporânea de Elvas
Data da Entrevista	04 de abril de 2023
Validação da Entrevista	Entrevista validada através de email datado de 12 de junho de 2023

1 **E:** Bom dia, Patrícias! [risos] Obrigada por me receberem. Estamos no Museu de Arte
2 Contemporânea de Elvas para realizar a entrevista no âmbito do projeto de
3 doutoramento em Ciências da Educação da Universidade de Évora que tem por objetivo
4 geral conhecer e caracterizar o perfil pedagógico concretizado nos serviços educativos
5 de instituições não escolares da região Alentejo. O Museu de Arte Contemporânea foi
6 identificado como um exemplo de boas práticas na área da educação não formal e,
7 neste sentido contactei-vos para vos ficar a conhecer melhor, as vossas práticas e
8 agradecer, claro, desde já, a vossa disponibilidade. Antes de começar, não sei se quer
9 colocar alguma questão?

10 **RSE5:** Não, pode fazer as perguntas que entender.

11 **E:** Vamos então dar início. Para começar, eu gostaria de conhecer o seu perfil. A Patrícia
12 foi-me indicada como sendo a responsável do serviço educativo e eu gostava de
13 conhecer as habilitações académicas é que tem, formação, área de formação?

14 **RSE5:** Então é assim, a minha formação é Antropologia. Vim para o museu quando o
15 museu abriu, em 2007, mais para a função de gestão da coleção e tudo mais, mas
16 depois fiz uma pós-graduação em Museus e Educação e já por natureza sempre tive
17 uma aptidão e uma vontade de..., relacionada com as atividades dos serviços
18 educativos. Nunca fiquei muito contente nem satisfeita com o papel secundário que o
19 serviço educativo tinha na maior parte das instituições, porque, para mim, o serviço
20 educativo é fundamental, porque é ele que está com os públicos, é ele que consegue
21 mediar a relação com os públicos. E por isso mesmo sempre tentei aprofundar e não
22 separar a equipa técnica do serviço educativo. Aqui não há o serviço educativo e, e a
23 direção, existe um todo que todos trabalhamos para ajudar.

24 **E:** Sim e não sendo direção é um cargo de...

25 **RSE5:** Sou técnica superior da Câmara Municipal de Elvas, mas infelizmente não tenho
26 ainda o título de diretor porque, pronto, também nos municípios não é assim tão comum
27 ter esses cargos.

28 **E:** Ok e acumula estas funções do responsável do serviço educativo com outras
29 funções? Ou fica a ser exclusiva a esta atividade?

30 **RSE5:** Não, não, a minha função principal nem é essa, é ser responsável pela coleção
31 e pelo Museu, pronto, a função seria a função de diretora que aqui eu diria melhor,
32 responsável técnica.

33 **E:** E disse-me desde 2007?

34 **RSE5:** Sim, desde 2007. Eu estive logo no arranque do projeto, mas havia um diretor
35 artístico, que era o João Pinheiranda e, nessa altura, portanto, eu só assessorava o

36 diretor artístico. Com a saída do diretor artístico, o município colocou apenas um técnico
37 da, da...da sua... do seu quadro, digamos assim, e de 2010 para cá é que tenho essas
38 funções.

39 **E:** E anteriormente trabalhava também nesta área ou já tinha trabalhado? Em termos
40 de percurso profissional...

41 **RSE5:** Não, porque eu quando saio da faculdade venho fazer um estágio para o
42 município e fiquei logo no arranque deste projeto, pronto, portanto, antes não tinha tido
43 outras experiências, não.

44 **E:** Ok. E já me foi falando também, mas, as motivações que a levaram a trabalhar nesta
45 área. Pode-me explicar mais?

46 **RSE5:** Sim, as motivações... Eu sempre gostei de trabalhar com públicos. Não só com
47 o público escolar, mas também, até porque da antropologia vem-me muito a vontade de
48 trabalhar e entender como é que as pessoas pensam, como é que agem, como se
49 comportam e sempre tentei pôr em prática um pouco daquilo que se aprende, que é
50 muito diferente, porque nas faculdades o que se aprende depois não tem nada a ver
51 com a prática.

52 **E:** E se tivesse que descrever as funções que executa diariamente, como é que as
53 descreveria?

54 **RSE5:** Pronto, as funções, pronto, eu sou, eu tenho que fazer tudo o que são
55 procedimentos administrativos no que diz respeito a concursos e, tudo e... e aquisições
56 de materiais, serviços fora e tudo o mais, pronto, a responsabilidade é minha, a gestão
57 da coleções, o inventário e as atualizações, a questão da produção das exposições, o
58 contacto com os artistas, não é, não o faço sozinha, tenho mais duas colegas que estão
59 na produção, depois tenho a Patrícia no serviço educativo e tenho as outras pessoas do
60 Museu, mas que só têm funções de vigilância e receção.

61 **E:** Hum... hum, certo. E agora em detalhe mesmo, vamos conhecer um bocadinho mais
62 a constituição e a organização do serviço educativo. Em que data, existe alguma data
63 em que possa indicar da criação do serviço educativo?

64 **RSE5:** O serviço educativo nasce logo com o Museu, em 2007, mas não com o mesmo
65 protagonismo, pronto, sempre com... porque também não teve sempre pessoas do
66 quadro. Tinha pessoas que iam sendo contratadas, pronto, só mais recentemente é que
67 temos uma equipa mais fixa, mais recentemente estou a falar de 2000... Patrícia? 2019,
68 pronto. Começámos a ter um quadro pessoal que não ia mudar e a partir daí também é
69 mais fácil começar a ter um outro tipo política, porque podemos programar a mais, a
70 longo prazo, porque uma pessoa que só está por um ano ou seis meses, estamos a
71 fazer um trabalho assim, mas se a pessoa for embora, é interrompido.

72 **E:** Quais foram as razões que levaram à criação do serviço educativo? Uma vez que
73 era um museu?

74 **RSE5:** Não, o Museu tinha, o Museu nasce já com um programa, pronto, que na altura
75 foi candidatado a fundos públicos e, portanto, que exigia uma série de critérios. Também
76 entrámos para a Rede Portuguesa de Museus em 2015 e integrar a Rede implica
77 também cumprir uma série de objetivos, entre eles ter serviço educativo... e já me
78 perdi... não sei o que é que ia dizer mais...

79 **E:** Tinha a ver sobretudo com as motivações da criação do serviço educativo.

80 **RSE5:** Pronto, tínhamos que, até para estar referenciados e tudo mais, dentro da função
81 do Museu estava inerente haver serviço educativo, pronto. E como disse, nem sempre
82 foi o prioritário em termos de programação, porque era sempre o diretor artístico que
83 fazia as exposições e tudo mais e depois vinham tipo os animadores, entre aspas, que
84 exploravam as atividades, não é, mas eu não concordo com essa visão. Para mim o
85 serviço educativo deveria estar sempre, mesmo quando o curador ou alguém decide
86 que tipo de exposição vai fazer, para mim alguém do serviço educativo já tem que
87 acompanhar essa parte para poder ver os conceitos...

88 **E:** Para depois os poder passar para...

89 **RSE5:** Para poder mediar e para poder pensar nas atividades, ou seja, não é depois
90 quando já tiver tudo pronto é que vamos chamar a intervenção do serviço educativo. Eu
91 isso eu não concordo.

92 **E:** Esse processo foi fácil de..., decorreu de forma fácil?

93 **RSE5:** Não foi fácil, foi indo, progredindo. Acho que à medida que há atividades que
94 depois correm bem, desperta-se o interesse e a confiança também de quem, de quem
95 tem o poder de mandar, pronto, acho que é aí que fomos... À medida que íamos fazendo
96 alguma coisa que diziam "ah, afinal aquilo resultou muito bem e teve um *feedback*
97 positivo da parte do público, então a próxima se calhar já vamos apoiar de outra forma".

98 **E:** Certo. E há alguém, um nome que possa indicar que seja o responsável pela criação
99 do serviço? Ou foi uma equipa? Foi...

100 **RSE5:** Pronto, o meu nome esteve sempre ligado à criação do serviço educativo, não
101 é, depois, fomos tendo outras, outras..., na altura do executivo havia uma pessoa muito
102 importante que era a vereadora Elsa Grilo, que já faleceu, infelizmente, mas que era
103 uma pessoa também muito ligada a estas áreas da cultura e que era muito de promover
104 e incentivar a parte criativa. Ela, ela puxava muito por esse lado também, portanto,
105 também, os anos em que ela esteve e ainda foram muitos na Câmara Municipal também
106 incentivou bastante.

107 **E:** Ok. E relativamente à missão? Se tivesse que definir a missão e os objetivos do
108 serviço educativo, o que é que diria?

109 **RSE5:** O serviço educativo deste Museu de Arte Contemporânea tem um papel
110 fundamental porque a arte contemporânea no sítio onde, no local onde o museu está
111 instalado é uma coisa que causa desconfiança e que não é logo aceite pela comunidade
112 local porque é umas obra que as pessoas dizem, que há muitos comentários do "isso
113 também o fazia" ou "aquilo tem algum valor" ou porque são materiais muito do
114 quotidiano que eles não veem nos saberes fazer tradicionais, e, então, o serviço
115 educativo tinha como missão, logo desde o início, aproximar a comunidade local à
116 coleção, pronto. Ainda não está o caminho percorrido nestes anos todos, são 15 anos,
117 portanto, ainda, ainda há um longo caminho a fazer, mas, pronto, já evoluímos mais,
118 mais do que no início.

119 **E:** E especificamente, diria que há alguns objetivos que vocês querem atingir?

120 **RSE5:** Sim, queremos trabalhar, queremos ajudar na parte da comunidade escolar,
121 trabalhamos muitas questões da cidadania. Aliás, temos feito alguns projetos que os
122 professores dessas áreas gostam muito porque depois conseguem trabalhar na prática
123 aquilo que se calhar às vezes estão só a dizer nos manuais e em aula.

124 **E:** Em contexto sala de aula...

125 **RSE5:** Em contexto de sala de aula, temos muito, trabalhar essas questões da cidadania
126 misturado com a arte e com as diferentes técnicas, isso temos sempre.

127 **E:** E a missão, ainda voltando à questão da missão, a missão encontra-se sistematizada
128 ou presente em algum documento?

129 **RSE5:** Sim, sim, está. Está no regulamento do Museu, está definida, tem os objetivos,
130 tem os públicos, tem as parcerias, tudo.

131 **E:** E em termos de enquadramento orgânico, o Museu sendo da Câmara Municipal,
132 pertence a que setor? Qual é o sector, qual é, o Museu e mais concretamente o serviço
133 educativo?

134 **RSE5:** Portanto, o Museu pertence, o serviço educativo está dentro do Museu, não é
135 indissociável e pertence ao setor de museus e património que tem uma Divisão de
136 Cultura e Turismo, depois museus e património.

137 **E:** Tem as duas componentes, é isso?

138 **RSE5:** Tem, tem a maior que é Cultura e Turismo e depois dentro da Cultura e Turismo
139 há uma que é Museus e Património.

140 **E:** E abaixo? E dentro dos museus?

141 **RSE5:** E dentro dos Museus e Património, então, está o Museu da Arte Contemporânea.

142 **E:** E o Serviço Educativo?

143 **RSE5:** E o Serviço Educativo.

144 **E:** Do museu?

145 **RSE5:** Do museu.

146 **E:** Ok. E em termos desse regulamento, está disponível ao público?

147 **RSE5:** Não está disponível ao público, mas foi publicado no Diário da República e
148 sempre que alguém solicita é facultado, não é de acesso restrito.

149 **E:** E têm algum manual de procedimentos?

150 **RSE5:** Temos normas de conservação preventiva, temos um manual e temos no próprio
151 regulamento temos a política de aquisição, a política expositiva, está tudo detalhado,
152 porque, nós temos uma coleção em depósito e essa coleção é exclusivamente no
153 âmbito de toda a programação é exclusivo dessa coleção porque foi assim que o Museu
154 foi logo criado.

155 **E:** E fazem plano de atividades e relatório?

156 **RSE5:** Fazemos, fazemos relatório anual das atividades, com o que correu bem, com o
157 que correu menos bem para nós e fazemos também com o número de participantes,
158 pronto, que deve, que tentamos sempre superar o ano anterior ...[risos]...

159 **E:** Certo. E sendo um organismo, uma parte que integra a Câmara, qual é a relação que
160 se estabelece com os outros serviços, os outros setores? Ou não existe?

161 **RSE5:** Existe, porque a Câmara tem mais serviços educativos. Tem a Biblioteca
162 Municipal, tem os Fortes de Santa Luzia e da Graça e tem também o Museu de
163 Arqueologia e Etnografia e o Castelo e todos têm técnicos que trabalham com o serviço
164 educativo e há alguns, algumas atividades municipais em que os serviços educativos
165 se unem, como por exemplo, a Feira Escolar que decorre no Jardim é sempre no Dia
166 da Criança, coincide sempre por aí. Este ano houve, o ano passado houve a Feira de
167 Natal na Cidade, não, era Elvas Cidade Natal, que os serviços educativos também se
168 uniram para fazer atividades para aí, só que cada um trabalha um pouco a missão do
169 seu espaço, pronto.

170 **E:** E como é que descreveria o papel desempenhado pelo serviço educativo no
171 desempenho global da entidade?

172 **RSE5:** Eu acho que é, que é muito importante porque se nós formos ver toda, todo o
173 dinamismo, toda a oferta cultural provém sempre de algum serviço educativo.

174 **E:** E concretamente, agora passando para a questão dos recursos humanos e dos
175 meios, da sua gestão, a equipa do serviço educativo é constituído por quantos
176 elementos?

177 **RSE5:** Pronto, o serviço educativo, neste momento, tem a Patrícia fixa, só que como eu
178 disse, nós não dividimos, não dividimos a equipa, portanto, as minhas duas colegas que
179 são da sua produção que também são do serviço educativo e eu própria, que sou da
180 direção, também sou do serviço educativo. Tal como a Patrícia também não é só do
181 serviço educativo e também quando tem que estar nas montagens e nessas coisas
182 também está. Nós não...

183 **E:** E serão quatro, à volta de quatro?

184 **RSE5:** Sim.

185 **E:** E tem alguma formação específica nesta área? Qual é a sua área de formação, da
186 equipa? Já me foi dizendo de outras áreas, não é?

187 **RSE5:** A Paula é de Comunicação e Publicidade, a Florinda era técnica de biblioteca e
188 a Patrícia está neste momento a tentar tirar Pedagogia...

189 **RSE5a:** Estou a fazer um R.V.C.C. de Técnica e da Ação Educativa e posteriormente
190 vou-me inscrever para tirar Educação na Universidade Aberta.

191 **RSE5:** Mas tem todo o lado prático daquilo que já foi apreendendo, digamos assim, para
192 além dela ser muito, ter o lado artístico, porque ela os saber fazer, pronto, isso ela não
193 precisa de curso porque é um talento natural.

194 **E:** Sim, e o tipo de vínculo?

195 **RSE5:** Somos todas do quadro, somos todas do quadro.

196 **E:** A questão da importância da estabilidade, não é?

197 **RSE5:** Sim, sim...

198 **E:** E exercem, já percebi que não é em exclusividade de funções, fazem um bocadinho
199 de todo, de tudo o que é necessário.

200 **RSE5:** Sim, tem que ser, porque em equipas assim pequenas, se não fosse assim,
201 alguma coisa ia falhar, apoiamo-nos mutuamente nos diferentes projetos, pronto.

202 **E:** E, em média, qual é o tempo de serviço? Estão há pouco tempo?

203 **RSE5:** Nós estamos todas a... a mais nova é a Patrícia, que está desde 2019. Eu já
204 estou...

205 **E:** Desde o início...

206 **RSE5:** Desde o início, e a Florinda, a Paula veio da Câmara de Sintra, estava, veio em
207 mobilidade e ficou. E a Florinda também já tinha muitos anos de Câmara, estava era
208 noutros serviços.

209 **E:** E se tivesse de descrever as funções que competem a estes técnicos? São muito
210 diferentes das suas? Como é que as descreveria?

211 **RSE5:** Não, trabalhamos muito, por exemplo, a Paula trata muito das questões ligadas
212 à produção das exposições, diretamente com a logística toda que é necessária tratar
213 com os artistas para a instalação das obras, para a comunicação das exposições, todo
214 esse lado, como a atualização no *site* da coleção das obras que entram novas. A
215 Florinda está muito ligada às questões da conservação da coleção nas reservas e à
216 arrumação e ao estado de conservação das mesmas, tudo isso. A Patrícia, pronto, é as
217 visitas guiadas e o serviço educativo na maior parte do tempo. E eu, pronto, vou estando
218 um bocadinho em tudo.

219 **E:** Sim. E esta questão da formação que eu também já fui falando. É necessário receber
220 previamente, antes de integrar a equipa, é necessária haver alguma formação?

221 **RSE5:** Não, porque isso, o Museu não tem qualquer poder nos recursos humanos, ou
222 seja, quem vem é a autarquia, o Município que decide ou quem for o vereador que
223 decide quem são as pessoas que ficam ou não na área, nós não temos...

224 **E:** Depois de estarem aqui, como é que vão apreendendo, eu deduzo que seja pela
225 questão da experiência.

226 **RSE5:** E vemos, não, vemos também o que se faz em outros museus de, da mesma
227 natureza, vemos o que é que se está a fazer no outro lado e uma das coisas que eu já
228 insisti na Rede Portuguesa de Museus é que acho que devíamos ter mais formações
229 não só na área de educação, mas também na conservação, ou seja, já que somos todos
230 da Rede poderia haver essa partilha de conhecimentos mais ativa, mas durante um
231 período de tempo a Rede teve um pouco adormecida, estão agora a querer retomar.

232 **E:** Ok. E agora em termos de polivalência, já também me foi explicando...

233 **RSE5:** Polivalência somos todos, desde a limpeza ao que for.

234 **E:** Desempenham todo, todo o...

235 **RSE5:** Todo, se não for assim não se consegue.

236 **E:** Hum, hum..., e há necessidade de reforço da equipa do serviço educativo?

237 **RSE5:** É assim, seria sempre bem-vindo mais uma, uma pessoa, uma pessoa mais que
238 ajudasse, não é, pronto, porque nós que acabamos por estar sempre muito
239 sobrecarregadas, até porque nós como somos pessoas muito ativas, queremos sempre

240 evoluir e fazer outro tipo de projetos, e, então, quanto mais projetos tivermos, mais seria
241 necessário ter uma outra pessoa, não é, mas já nos contentamos com o que temos.

242 **E:** Já são suficientes?

243 **RSE5:** Sim, por enquanto conseguimos dar...

244 **E:** E existe algum tipo de parceria, por exemplo, com artistas que venham cá?

245 **RSE5:** Sim, às vezes tentamos, sim, com artistas da coleção, sim.

246 **E:** Para fazerem também esse trabalho educativo?

247 **RSE5:** Temos e este ano estamos num ciclo de *workshops* para artistas locais. É um
248 por mês, dedicados a diferentes áreas e as pessoas inscrevem-se e trabalham
249 diretamente com eles, não é Patrícia? Isso podes tu explicar melhor.

250 **RSE5a:** Os “Sábados com arte” são artistas locais que vêm demonstrar as suas práticas
251 artísticas. Enquanto é elvenses, é enriquecedor para o público local estar em contacto
252 com eles porque a maior parte das pessoas acha que os artistas e que tudo vem de
253 fora, tudo vem de Lisboa, tudo vem dos grandes centros e esquecem-se que nos
254 próprios locais também existem artistas, também existem pessoas com capacidades,
255 então o contacto deles com o público local, principalmente com os jovens, mostra que
256 é possível ser artista e que é possível conseguir grandes feitos mesmo estando em
257 centros pequenos.

258 **E:** Hum, hum, ok. E há necessidade de contratar recursos externos à instituição? Aí é
259 uma questão de parcerias, não é? Mas contratação recorrem?

260 **RSE5:** Às vezes recorremos quando é alguma atividade que gostamos muito ou que
261 queremos muito fazer e se tivermos verba, porque nem sempre temos o mesmo
262 montante disponível. Mas quando temos, sim, recorremos também, normalmente é mais
263 nós a produzir porque também não temos muito dinheiro.

264 **E:** Ok. E que critérios é que são utilizados na seleção, na eventualidade de, de
265 contratarem, quais, existe algum critério para selecionar esses recursos?

266 **RSE5:** O critério tem a ver com a pertinência da ação, se se enquadra naquilo que a
267 gente está, por exemplo, se tem a ver com a temática da exposição patente que temos,
268 se o público-alvo a que se destina cabe nesta realidade, porque se não couber nesta
269 realidade será, ninguém se inscreve, portanto, temos que ter sempre essas noções
270 antes de decidir.

271 **E:** E em termos de meios financeiros, nós estamos num edifício, com uma traça
272 antiga....

273 **RSE5:** Sim.

274 **E:** Este edifício é dedicado...

275 **RSE5:** Ao Museu.

276 **E:** Ao Museu e ao serviço educativo, mas como é que ele está estruturado?

277 **RSE5:** Portanto, ele tem mesmo um espaço de serviço educativo que foi logo criado
278 com, com, com um sítio até para lavarem os pincéis e ter armários para guardar os
279 materiais. Depois nós estendemos as atividades também ao espaço da cafetaria que

280 tem um terraço e que às vezes, quando é mais gente, conseguimos fazer lá melhor. E,
281 às vezes, até estendemos às galerias quando achamos que isso é pertinente e já temos
282 colocado, por exemplo, um papel de cenário no chão numa galeria inteira e por os
283 miúdos no chão a pintar e tudo mais, porque também é aquele contacto ali direto com
284 as obras também faz diferença, pronto, utilizamos o espaço do Museu em função do
285 tema.

286 **E:** Sim, mas o Museu tem gabinetes? Nós estamos numa zona mais privada, não é?
287 Como é que ele está estruturado a esse nível? Auditório também?

288 **RSE5:** Sim, tem. Tem auditório, tem reserva, tem o cais de chegada, tem as salas
289 expositivas, o espaço da cafetaria com terraço e espaço de serviço educativo.

290 **E:** Hum, hum... e este não foi um edifício que foi criado de raiz.

291 **RSE5:** Não, este era um antigo hospital da cidade e, portanto, foi, as obras foram para
292 transformar num museu, pronto.

293 **E:** Hum, hum... considera que, apesar de ter sido adaptado cumpre as funções? Está
294 adequado? Tem as dimensões adequadas?

295 **RSE5:** Cumpre, cumpre todas. Tem.

296 **E:** Sentem necessidade de expansão?

297 **RSE5:** Não, nesse aspeto, não, só nas reservas, porque a coleção vai crescendo.

298 **E:** Certo.

299 **RSE5:** E é adaptado até porque a nossa colega tem mobilidade reduzida e, portanto, se
300 não fosse adaptada ela ainda poderia trabalhar.

301 **E:** Isso é para o público também, não é? E tem elevador também, estão equipados com
302 elevador.

303 **RSE5:** Sim, tudo. Isso cumprimos as normas todas.

304 **E:** E como é que descreveria a estrutura do edifício? Tem uma área de acolhimento, há
305 espaços expositivos? Ainda não tive oportunidade de ver, mas...

306 **RSE5:** Tem, sim. Tem receção, tem a zona da receção e tem bengaleiro para deixar as
307 coisas, tem loja e depois tem a área da receção, tem umas salas de entrada onde
308 normalmente acolhemos a visita. Depois o percurso é pela forma como o edifício está
309 construído é sempre o mesmo porque é labiríntico, portanto, tem que ser...

310 **E:** É unidirecional?

311 **RSE5:** É unidirecional, portanto, vai para uns lados, mas tem sempre opções de saída.
312 Mas não inventamos outro tipo de circuito porque é o mais viável, pronto, e nós não
313 temos exposição permanente, só temos temporárias precisamente por isso, porque não
314 há um espaço suficientemente grande que permitisse ter sempre a mesma exposição.

315 **E:** Sim, sim. E o público pode circular livremente por todo o edifício?

316 **RSE5:** Pode, não tem acesso aos gabinetes das reservas, que tem código, nem aos
317 serviços administrativos, onde estamos agora.

318 **E:** Ok. E em termos de equipamentos, como é que se encontra equipado o serviço
319 educativo? Já me foi falando em algumas tintas, em alguns materiais...

320 **RSE5:** Sim, tem, tem, os móveis e tem uma série de materiais que são logo comprados
321 no início do ano, tem as mesas e os bancos apropriados, tem uma casa de banho no
322 próprio serviço educativo, de apoio, e tem uma área para poderem lavar pincéis e as
323 mãos e tudo mais.

324 **E:** Mas utilizam sobretudo tintas? Estava, falou-me, antes de começarmos a gravar, na
325 questão as oficinas que iam fazer agora, as flores...

326 **RSE5:** Este ano, estas oficinas da Páscoa, a Patrícia explica melhor.

327 **RSE5a:** Não vamos ter tintas! Na primeira...

328 **E:** Se me permite, na questão das..., falamos mais à frente. Especificamente das
329 atividades. Peço imensa desculpa.

330 **RSE5:** Não faz mal.

331 **E:** É só para não perdermos aqui a sequência da entrevista.

332 **RSE5:** Utilizamos muito, a base do nosso serviço educativo é o que na pedagogia eles
333 chamam a experiência entre a mente, as mãos e o coração, pronto. É o que nós
334 tentamos sempre nas nossas atividades fazer, portanto, entre a mente, o coração e as
335 mãos.

336 **E:** E promovem sobretudo, então, também a questão da experimentação?

337 **RSE5:** Sim.

338 **E:** Não é só a parte...

339 **RSE5:** As mãos estão sempre.

340 **E:** Sim.

341 **RSE5:** Porque isso é o que nos distingue da educação formal.

342 **E:** E em termos de financiamento, também já me foi dito que existem sempre limitações.

343 **RSE5:** Sim.

344 **E:** Mas tem um orçamento próprio ou vem do orçamento? Como é que está?

345 **RSE5:** Vem do orçamento municipal. Nós temos um mecenas no Museu que é utilizado
346 na programação e dentro dessa programação nós tiramos sempre alguma coisa para
347 fazer as atividades. Mas não é assim tanto porque também a própria produção das
348 exposições é muito cara. Porque nós estamos fora dos grandes centros, tudo o que é
349 para aqui é caro. Em relação a transportes de obras, em relação a montagem. E, então,
350 não é sempre fácil, apostamos muito naquilo que nós conseguimos fazer.

351 **E:** Com os meios que têm?

352 **RSE5:** Com os meios que temos.

353 **E:** Sim. E estava-me a falar em mecenato, tem algum mecenas, também patrocínios,
354 fontes de financiamento comunitário?

355 **RSE5:** Sim, temos, temos.

356 **E:** Receitas próprias, não sei?

357 **RSE5:** Receitas próprias é só a loja. Que não é própria, quer dizer, é própria, mas entra
358 no município, nós não temos nada aqui, não temos a parte financeira no museu, porque
359 o museu não tem entidade fiscal. A entidade fiscal é o número da autarquia.

360 **E:** Mas em termos de mecenato....

361 **RSE5:** Nós temos, temos a Fundação “La Caixa” com Banco BPI, desde sempre. Nós
362 temos o Santander, o Banco Santander, e temos a Fidelidade, os seguros, a
363 Companhia.

364 **E:** E considera importantes essas parcerias?

365 **RSE5:** Se não tivéssemos não conseguíamos fazer nada.

366 **E:** [risos]...

367 **RSE5:** Não era possível...

368 **E:** Sim, e havendo poucos recursos, como é que ultrapassam esses constrangimentos?

369 **RSE5:** Com muito boa vontade, [risos]...

370 **E:** Criatividade, também?

371 **RSE5:** Mais do que isso, às vezes depende das equipas. Eu tenho a sorte de trabalhar
372 com pessoas que são muito motivadas e que muitas vezes até improvisamos com
373 coisas nossas, de casa e tudo mais, porque, pronto, somos mesmo assim muito
374 apaixonadas por aquilo que fazemos e, então, não é assim tão difícil improvisar para
375 nós.

376 **E:** E agora em detalhe à questão das atividades. Qual é o tipo de atividades que são
377 promovidas? Quais são as principais?

378 **RSE5a:** As principais atividades promovidas são as visitas guiadas. Temos visitas
379 guiadas adaptadas aos diferentes tipos de público, uma delas vai de encontro à
380 cidadania, outra delas vai de encontro às técnicas de cada exposição, ou seja, é relativa
381 a cada exposição. Neste momento temos fotografia, então temos uma visita só com
382 técnicas de fotografia. E, consoante, vai mudando a exposição, vão mudando os tipos
383 de visitas guiadas que fazemos. Depois temos os programas das interrupções
384 escolares, que em todas as interrupções escolares há atividades também de encontro
385 às exposições que estão patentes. Neste momento, como é a fotografia, que eu já disse,
386 vamos fazer fotografias híbridas e ao contrário de nas escolas e na formação mais
387 convencional, nós vamos não usar tintas, nós vamos não usar pincéis normais, nós
388 vamos usar tudo aquilo que as crianças tenham mais dificuldade em ter contacto. Numa
389 primeira oficina, vamos usar flores e vamos descobrir que na natureza também há
390 pigmentos, também há cores a serem exploradas pelas crianças. Numa segunda oficina,
391 vamos pintar com café e mostrar que não precisamos, lá está, das tintas para conseguir
392 dar cor a uma imagem. E numa terceira abordagem, vamos dar imensas fotografias às

393 crianças e elas vão compor a sua própria fotografia, em vez de ser uma composição
394 escrita com palavras é uma composição feita através de imagens.

395 **E:** Muito interessante, mas se tivéssemos que tipificar as principais atividades que
396 realizam serão as visitas guiadas e as oficinas?

397 **RSE5a:** Sim, que depois vão mudando consoante as exposições e o público-alvo.

398 **E:** E como é que decorre o processo de planificação e conceção dessas atividades?

399 **RSE5:** O processo corre como eu estava a dizer, sempre que nós temos o curador
400 definido de quem vai fazer a próxima exposição e o tema, a pessoa do serviço educativo,
401 neste caso a Patrícia, acompanha desde o início. Então, a seleção das oficinas...

402 **E:** Mas sozinha ou há a participação de todos os elementos?

403 **RSE5:** Com todos, com todos, portanto, quando se vê a seleção das obras e o que é
404 que vamos ter, a pessoa do serviço educativo tem logo acesso às listagens para poder
405 começar a pensar que tipo de conteúdos e que tipo de atividades e para quem, pronto,
406 porque podemos estar a pegar numa exposição que até às vezes até vamos ver os
407 currículos escolares, porque se tiverem a dar determinada matéria em determinada
408 disciplina, nós contactamos diretamente aqueles professores, não é, e fazemos uma
409 coisa mais direcionada, pronto, mas é sempre, ... nunca é uma programação anual
410 porque as nossas exposições também não são anuais, no máximo são seis meses.

411 **E:** E podia-me dar um exemplo, por exemplo, dessa articulação com o currículo?

412 **RSE5:** Sim, nós verificamos quais são os objetivos e depois contactamos diretamente
413 os agrupamentos escolares, pronto. Se quisermos ir para a geografia, imaginando que
414 estamos aí com fotografias que só têm a ver com paisagens e com não sei o quê,
415 podemos falar com os professores de Geografia ou a Biologia, depende muito do tipo
416 de... e outras vezes com os professores de Artes, pronto, mesmo, claro.

417 **E:** E esse pode ser um dos critérios que têm na, na elaboração das atividades?

418 **RSE5:** Sim, é sempre. A nossa preocupação é sempre acrescentar algo mais, que não
419 seja uma atividade de entretenimento, não queremos, tentamos sempre que não seja
420 só isso, porque isso as pessoas têm nos ATL's. Tentamos ter um conceito ou ter alguma
421 coisa que acrescente um pouco mais a quem venha a ter essa experiência.

422 **E:** E havendo sempre essa preocupação em articular com os currículos?

423 **RSE5:** Porque se não for assim, as escolas também, as escolas já têm pouco tempo
424 para sair e então os mais velhos, por causa dos exames, ainda têm menos tempo onde
425 os professores disponibilizam. Então, se não houver nada que os cative, ainda menos
426 que cá virão. Assim, sempre têm um pretexto para...

427 **E:** Para vir... E os intervenientes? Já percebi que é a equipa toda participa, não é? E
428 também entidades externas? Já me foi falando também, se puder detalhar mais...

429 **RSE5:** Entidades externas?

430 **E:** Por exemplo, os artistas, o curador que tinha falado.

431 **RSE5:** Sim, pronto, os artistas... aí quando fazemos alguma coisa, por exemplo, isso
432 dos "Sábados com Arte", fomos nós que fizemos o convite aos artistas, não é, que

433 aceitaram e fizemos uma planificação para o ano todo, pronto, e aí complementa a
434 nossa oferta educativa. Para além daquilo que a gente faz, ainda temos mais isso. Os
435 curadores às vezes também nos dão sugestões ou indicações de alguma coisa. Às
436 vezes até de, também se oferecem para serem eles a fazer a visita guiada e é outro tipo
437 de oferta, não é, porque fazer a visita pelo curador tem sempre um lado diferente da do
438 guia, não é, pronto, mais ou menos é isso.

439 **E:** E existem parcerias formalmente estabelecidas com, com as escolas ou não?

440 **RSE5:** Sim, vamos ganhando depois é o passa palavra, ou seja, à medida que vamos
441 apresentando os projetos e vamos estabelecendo ligações, todos os anos isso muda
442 um pouco, porque os professores também, infelizmente para eles, não é, não são os
443 mesmos e muitas vezes também, ou seja, não podemos fazer isto a um longo prazo,
444 porque em setembro já serão outros, portanto, temos que ir tentando sempre...

445 **E:** Mas há essa preocupação em, em estabelecer parceria de proximidade com as
446 escolas.

447 **RSE5:** Sim, sim, com as escolas e tentamos também com os lares, que é outro tipo de
448 público difícil, muito difícil, mas que ainda para nós ainda não está a ganhar, mas é um
449 desafio que temos. Temos agora até um projeto que é para as freguesias rurais e que
450 se chama “Arte Fora de Portas” e que estamos a começar. Tivemos ontem a primeira
451 sessão numa freguesia rural em que somos nós que vamos à comunidade e estamos a
452 desafiá-los a criar uma escultura de alguma coisa que seja importante para a freguesia,
453 mas a utilizar materiais contemporâneos, portanto, e ajudá-los a desconstruir...

454 **E:** E aí também entram os lares, é isso?

455 **RSE5:** Aí, alguns, sim, porque lá está os centros de dia e não sei quê os utentes podem
456 participar.

457 **E:** Ok. E se tivesse que identificar a atividade que mais procura tem, qual é que seria?

458 **RSE5:** São sempre as oficinas das interrupções letivas, mas as visitas guiadas também.

459 **RSE5a:** Neste momento todas têm muita procura.

460 **E:** Quando diz muita procura, em termos de números, consegue-me quantificar?

461 **RSE5a:** Neste momento temos quase 40 crianças inscritas para cada oficina, em que
462 vou fazer duas sessões, uma dos 4 aos 9 anos e outra dos 10 para cima.

463 **E:** E acha que o facto desse número ser tão elevado é algum, gera algum
464 constrangimento?

465 **RSE5a:** É um pouco mais difícil de trabalhar porque quando temos duas crianças ou
466 três crianças conseguimos prestar mais atenção às necessidades das crianças e
467 ajudamos a desenvolver melhor as capacidades que estão mais limitadas. No entanto,
468 é uma experiência diferente para as crianças porque conhecem pessoas novas,
469 conhecem formas de pensar novas e acabam por complementar as oficinas.

470 **E:** E para participar está associado algum custo?

471 **RSE5a:** Não, as oficinas são totalmente gratuitas, é só necessária inscrição prévia por
472 causa do número limite de inscrições.

473 **E:** E como é que se encontra estruturada essa oferta educativa? Já percebi que pensam
474 no global, não é, mas agora gostava de conhecer em detalha com é que estruturam
475 essa oferta.

476 **RSE5:** Nós estruturamos a oferta, depois criamos, temos que ter a parte da divulgação
477 e da promoção, portanto, criamos depois...

478 **E:** Desculpe interromper, se for possível falamos um bocadinho mais à frente sobre esse
479 aspeto. Neste momento eu gostava de me centrar sobretudo como é que pensam as
480 atividades? Em função de um público, de um tema?

481 **RSE5:** Sim, em função do tema da exposição, sempre. Se é escultura, se é pintura se,
482 e o que é que as obras dizem, porque cada obra também tem os conceitos que estão
483 por trás das obras e depois a ligação que umas têm com as outras. Está sempre em
484 função do texto do curador.

485 **E:** E há segmentação da oferta? Ou seja, ...

486 **RSE5:** Há, portanto, o que funciona do público abaixo dos 10 anos não funciona de 10
487 para cima e para o público adulto também não, portanto, há sempre segmentação, sim.

488 **E:** Em termos de faixa etária, então, nível de escolaridade também?

489 **RSE5:** Também.

490 **E:** E que modelo pedagógico é que seguem em termos de, daqui do serviço educativo?

491 **RSE5:** Pronto, em termos de modelo pedagógico, é o que lhe digo, na arte
492 contemporânea, nós seguimos muito essa indicação dessa trilogia, que é a mente, mão
493 e coração, os termos são em inglês, o que aparece normalmente, mas a tradução é isso,
494 em que essas três coisas não podem estar desligadas da experiência que o público vai
495 ter na atividade porque senão... ninguém perde muito tempo só a ouvir, nem ninguém
496 pode estar só a fazer, nem ninguém pode sair sem sentir emoções, portanto, no fundo
497 nós tentamos trabalhar estas três coisas de maneira a que a experiência que a pessoa
498 leva daqui seja realmente boa.

499 **E:** E apoiam-se para a realização, para definição desse modelo nalgum documento
500 normativo, algum documento de referência?

501 **RSE5:** Só como lhe digo, apoiamo-nos nessa fase, na, na..., em materiais pedagógicos
502 que, que eu tive até na formação de museus de educação de alguma bibliografia que li
503 e que fui vendo.

504 **E:** Alguns autores que destacasse? [impercetível]

505 **RSE5:** Agora assim de cabeça eu não me consigo lembrar, mas sei que também me
506 inspirei muito no que se fazia na Gulbenkian e na Culturgeste, principalmente a
507 Gulbenkian e na Culturgeste já trabalhavam muito, muito estes conceitos. Há uma
508 professora e acho que também fazia atividades que é a Susana Mendes Silva, que
509 trabalhava muito bem este tipo de conceitos ligados à arte contemporânea, porque
510 também, os museus, se fosse o Museu de Arqueologia e Etnografia teria outro contexto,
511 aqui, com a arte contemporânea, temos mesmo que tentar ir muito para estas
512 experiências.

513 **E:** E considera que do vosso trabalho resulta algum tipo de aprendizagem?

514 **RSE5:** Ah, sim! Aliás, nós fomentamos a aprendizagem ao longo da vida, pronto. E,
515 portanto, a aprendizagem para nós enquanto pessoas que oferecemos a atividade e
516 para eles enquanto..., por isso é que eu estou a dizer que se... nunca conseguimos que
517 do grupo saiam todos assim, mas se voltar um já é muito bom, pronto, essa atividade...
518 o que nós tentamos com as atividades é que realmente essa experiência traga algum
519 tipo de aprendizagem, que não seja um debitar de informação, porque debitar de
520 informação, quando saírem à porta do Museu, já ninguém se lembra. É uma coisa que
521 também no curso se chamava um prolongador de memória, que, que é aquilo que,
522 que... que me faz daqui a um tempo lembrar-me de que eu estive naquele sítio. O que
523 é que me fez prolongar? Pode ser um lápis, que leva aqui o símbolo do Museu, e eu o
524 levei e guardei com muito carinho ou pode ser uma experiência de cheiro, toque ou
525 comida que eu tive, que vou sempre associar àquele lugar.

526 **E:** E em que áreas de aprendizagens ou que tipo de aprendizagens é que acham que
527 resulta do vosso trabalho? Em que áreas? Por exemplo, na área, deduzo que seja na
528 área, sobretudo, da cultura, mas na ótica estética, do sentido estético.

529 **RSE5:** Não só, é no sentido de educar um pouco o olhar, ou seja, de o olhar não ser
530 cristalizado, de perceber que há várias formas de olhar para a mesma coisa. Muitas
531 obras de arte contemporânea não têm título, são sem título, precisamente para isso,
532 para permitirem várias leituras e interpretações. Também pretendemos que a pessoa
533 não, coloque os pré-conceitos um pouco de lado e se permita ver de outra forma, porque
534 os pré-conceitos muitas vezes não nos permitem olhar para mais nada, já estamos ali
535 com uma visão que não queremos ultrapassar.

536 **E:** E, e esta questão toda está ligada, voltando ainda, à questão dos currículos, há uma
537 ligação em termos de aprendizagem? Acha que se complementam?

538 **RSE5:** Eu acho que sim, porque se calhar podem ver algumas coisas que pensam que
539 não vão servir nada na vida, não é, que há coisas que..., muitas vezes os jovens podem
540 pensar "porquê é que eu preciso de saber isto?" e depois se calhar aqui percebem que
541 aquilo que estão a dizer lá na escola até faz sentido para outras áreas da vida.

542 **E:** E em que medida é que estas atividades promovidas pelo serviço educativo
543 concorrem para as necessidades, a satisfação das necessidades dos vossos visitantes?

544 **RSE5:** Pois, isso é o que nós tentamos, nunca temos a certeza, não é, pronto, disso,
545 mas o que tentamos é ir a esse encontro, ou pelo menos no nosso caso é muito o
546 desconstruir ideias, o aprender a olhar para as coisas de outras perspetivas, o sentir
547 outras coisas e o permitir-se ver para além do óbvio, porque a arte contemporânea é
548 muito ver para além do óbvio.

549 **E:** E complementa-se essa questão..., estava-me a falar naquela questão da geografia,
550 é uma maneira diferente também de abordar conteúdos?

551 **RSE5:** Sim, é uma maneira diferente, porque a História, pode ser a História, quando
552 temos obras que são instalações que foram feitas com base em acontecimentos do
553 mundo, não é, portanto estamos a ir a datas, às vezes até a guerras que aconteceram,
554 outras coisas, o que é que motivou, um barco que se afundou, a questão da imigração,
555 coisas, até temas muito atuais e outros mais antigos, mas que eles também dão na
556 História, não é, a questão das ditaduras, a questão, pronto, porque temos obras que
557 abordam todas essas questões e que também vão ao encontro dos currículos, não é,
558 ou até podemos ter a questão de matemática também, depende daquilo que estamos a
559 ver, não é?

560 **E:** Podia concretizar, agora fiquei curiosa com essa questão da matemática.

561 RSE5: Sim, porque a matemática são fazer contas e descobrir formas e números, não
562 é? Eu posso ter, por exemplo, obras que são só geometria, não é, geometria diferente
563 e então posso trabalhar a questão das formas geométricas e como é que elas se
564 encaixam umas nas outras, algumas até parecem planos cinematográficos que são
565 cortados e fragmentados e depois sobrepostos e podemos desconstruir também...,
566 portanto, dá..., na arte contemporânea, a diversidade de obras dá para trabalhar muita
567 coisa, assim, dependendo do que nós temos, das obras que temos expostas, umas
568 mais, outras menos, claro.

569 E: E isso é tudo explorado durante o percurso da visita e oficinas?

570 RSE5: Sim, é isso que tentamos.

571 E: E agora em termos de dinamização, como é que é feita essa dinamização? É algum
572 material em específico que seja o mesmo obrigatório ou partem do nada e
573 desconstroem?

574 RSE5: Partimos do nada, [risos]...

575 E: Pronto, também já percebi que a afetação dos recursos humanos à dinamização...

576 RSE5: É, é, não separamos. Quando é preciso irmos todos ajudar e fazer cortes, vamos
577 todos. Quando é preciso irmos todos pintar alguma coisa, vamos todos pintar e pronto.
578 Claro que depois temos a fase em que cada um está mais centrado nas suas coisas,
579 obviamente, mas nos momentos em que temos que ter mais trabalho, todos ajudamos.

580 E: Voltando ainda à questão da comunidade, aí também na dinamização participa a
581 comunidade?

582 RSE5: Sim, quando conseguimos, não é, que eles participem, isso nem sempre é... isso
583 é ainda é um caminho.

584 E: E agora do outro lado, como é que os utilizadores recebem? Como é que caracteriza
585 a participação dos utilizadores?

586 RSE5: Temos estado desde o ano passado, porque não podemos esquecer que tivemos
587 dois anos com a pandemia que foi quase voltar a um zero, pronto, que as pessoas nem
588 circulavam, não é, nem nós estávamos abertos. Mas desde o ano passado para cá,
589 temos vindo a desenvolver uma, uma série de atividades que percebemos logo o que é
590 que, o que é que funciona melhor e o que não funciona. O que é que nós temos como,
591 no nosso plano? Os nossos planos nunca são fechados, nem nunca estão concluídos.
592 O nosso plano educativo está aberto e nós vamos, se a atividade não correu tão bem,
593 nós vamos ao plano e vamos ver, olha, vamos trocar e vamos fazer isto mais para aqui
594 e mais para ali e vamos mudar isto porque isto não está a correr como a gente queria,
595 portanto, vamos reorganizando.

596 E: Sim. Mas é uma participação ativa do público?

597 RSE5: Sim.

598 E: A adesão também é significativa?

599 RSE5: É.

600 **E:** Sim, e das vossas atividades, existe algum material ou resulta à produção de algum
601 material pedagógico... que as pessoas possam levar ou que possa ser utilizado, por
602 exemplo, em contexto de sala de aula?

603 **RSE5:** Fizemos agora...

604 **E:** Ou para levarem mesmo para casa? Não é necessariamente para a escola, não é?

605 **RSE5:** Sim, às vezes sim, nem sempre. Nem sempre resulta.... Podes falar disso dos
606 superpoderes?

607 **RSE5a:** Depende muito dos professores e depende muito das escolas e dos alunos.
608 Nós agora, da parte da pedagogia, da cidadania, temos os superpoderes. Os
609 superpoderes é um baralho de cartas, que eu agora não sei o nome da editora, mas é
610 um baralho de cartas que tem superpoderes e esses superpoderes são superpoderes
611 que nós usamos no dia-a-dia, como a empatia, o amor ao próximo, a resiliência. E em
612 cada visita eu entrego uma carta a cada criança, no final da visita, nós tentamos que a
613 criança dê uma imagem a esse superpoder, ou seja, a criança fala-nos de um momento
614 que poderia fotografar para nos dizer qual é o seu superpoder, sem nos estar a dizer
615 qual é o seu superpoder. Há escolas que recebem isso de uma forma boa, levam para
616 a escola ou praticam na escola esses superpoderes e desenvolvem mais a teoria de
617 cada superpoder e há escolas que fazem mesmo atividades baseadas na visita e nos
618 superpoderes que foram atribuídos a cada criança. Houve uma escola que tirou
619 fotografias dos superpoderes sem dizer qual era o superpoder e criou um jogo com
620 esses superpoderes. Então enviou-nos as fotografias que as crianças tiraram com os
621 superpoderes, enviou-nos os nomes dos superpoderes e nós é que tivemos que
622 responder qual era o superpoder de cada fotografia, ou seja, depende muito do
623 professor que recebe a atividade e como é que o professor mete em prática depois na
624 escola, no dia-a-dia com as crianças.

625 **E:** E se for eu a fazer a visita, por exemplo, eu posso, resulta algum..., eu posso levar
626 algum documento?

627 **RSE5:** Não, não temos muito esse hábito, por acaso.

628 **RSE5a:** Nos infantários, como são crianças mais pequeninas que ainda não sabem ler
629 e ainda não percebem muito bem os superpoderes, eles pintam um desenho com os
630 superpoderes para depois, na escola poderem abordar melhor a situação com os
631 professores. Os mais velhinhos, neste momento não, é só mesmo a palavra e a
632 experiência que levam daqui.

633 **RSE5:** O que estamos a agora neste projeto do “Arte Fora de Portas” é que vai resultar
634 a escultura que vai ficar para a Junta de Freguesia, porque vamos trabalhar temas que
635 são emblemáticos para eles. Por exemplo, em Vila Boim nós vamos trabalhar, eles têm
636 uma tradição na Páscoa que são fazer uns tapetes de flores, pronto, que são os passos
637 do caminho da Via Sacra. Então o que é que nós vamos fazer? Vamos recriar os
638 desenhos dos tapetes, mas numa estrutura tipo um cubo, um paralelepípedo, onde
639 vamos usar sacos de plástico, lãs, tampas de garrafa para fazer os desenhos, pronto, e
640 aí..., vamos ver como é que fica, mas eles estão entusiasmados.

641 **E:** É o sentir, não é, o explorar, o sentimento também.

642 **RSE5:** É o sentimento e a cabeça, utilizar a ideia para criar, não é?

643 **E:** E vocês produzem algum *dossier* pedagógico? Há o registo formal dos conteúdos
644 que?

645 **RSE5:** Não, nesse, é assim, nós verdadeiramente... isso seria um caminho a seguir, ter
646 essa criação dos conteúdos pedagógicos e até ter ..., só que nós temos pouco tempo,
647 porque como somos tão poucos e temos tantas funções, já na execução das mesmas
648 sobra-nos aí, não nos sobra muito tempo para ter esse lado, mas gostaríamos de chegar
649 lá.

650 **E:** Sim, mas não há um guião, por exemplo, de uma, de uma entrevista, de uma oficina,
651 por exemplo?

652 **RSE5:** Não, isso temos, isso nós temos os guiões que fazemos, não é? Mas depois não
653 trabalhamos assim organizadamente, sistematizado para ter os conteúdos que
654 trabalhámos, pedagógicos e tudo mais, isso não temos, assim organizado, não.

655 **E:** Mas em termos de preparação e planeamento?

656 **RSE5:** Ah isso temos, isso temos, isso usamos só que depois quando acaba a atividade
657 esquecemos daquilo e já estamos a pensar na próxima, mas existem.

658 **E:** Mas existem, então, as fichas de atividade, é isso?

659 **RSE5:** Sim, as fichas de atividade existem. Não estão sistematizadas, nem
660 organizadas... nem por pedagogicamente o que é que queremos trabalhar, estás a ver,
661 isso não.

662 **E:** Podia-me explicar um bocadinho mais, então, como é que essas fichas estão
663 organizadas?

664 **RSE5:** Estão no computador e é por, são por... são, por exemplo, oficinas da Páscoa,
665 pronto, temos lá os temas e estão lá dentro a descrição do que é que, o que cada
666 atividade implica e o que é que é necessário.

667 **E:** Em termos de materiais?

668 **RSE5:** Em termos de materiais, exatamente, em termos de materiais, de execução e do
669 tipo de público que vamos trabalhar, pronto, mas depois ficam lá nessa pastinha e
670 passamos a outra a seguir e outra a seguir e pronto. Por anos, não é, estamos a ser
671 organizados, mas por anos.

672 **E:** Sim, e essa programação toda que vocês fazem, já me disse que não era anual, mas
673 podia-me concretizar...

674 **RSE5:** Não é anual porque muda em função da exposição, por exemplo, nós agora esta
675 exposição inaugurou em fevereiro e só vai até junho, depois em junho vamos mudar.
676 Portanto, a nossa programação neste momento só está até junho, porque depois vamos
677 mudar a programação toda em função da nova exposição.

678 **E:** E há alguma limitação a ter em conta para além dessa questão aí da...da vigência
679 da exposição? Ou há outros fatores que interferem na programação?

680 **RSE5:** Não, para nós é esse mesmo que..., porque muda completamente o tema,
681 depois não podemos trabalhar as mesmas coisas.

682 **E:** Sim, e a vossa prática das atividades, como é que a característica, ela é regular?

683 **RSE5:** É, é muito.

684 **E:** Mas semestral, anual? Há muita procura?

685 **RSE5:** Não, nós é diário, não é, porque diariamente temos visitas e essas coisas todas,
686 portanto, nós é sempre muito..., depois ainda temos os dias comemorativos e essas...
687 Este ano, no Dia Internacional dos Museus, nós vamos fazer..., os escuteiros vão passar
688 cá uma noite, pronto, também vão..., já estamos a preparar, porque temos que ter uma
689 série de jogos para eles.

690 **E:** Então, na calendarização das atividades também é tida em conta as datas festivas?

691 **RSE5:** Sim, sim, sim, é.

692 **E:** E há alguma necessidade também manifestada por alguém externo?

693 **RSE5:** Sim, não, isso sim, isso é solicitado pela Câmara logo.

694 **E:** E agora vamos à questão da divulgação. São vocês também que fazem? Há algum
695 setor?

696 **RSE5:** A Câmara tem um, um, um Gabinete de Informação, que normalmente eles é
697 que distribuem a informação pelas rádios e pela página do município. Mas nós também
698 fazemos nos nossos Facebook's pessoais e do Museu, o Museu também tem um
699 *Facebook*, e nos nossos contactos e também através da *mailing list* que nós vamos
700 criando.

701 **E:** Mas há uma equipa na Câmara dedicada à comunicação, mas todos os conteúdos...

702 **RSE5:** Sim, sim..., passam por lá, mas nós é que os fornecemos, sim, o que queremos
703 e como queremos e com as imagens. É tudo criado aqui, isso é a outra colega Florinda
704 que faz, porque ela sabe trabalhar nos programas de imagem.

705 **E:** E então *flyers* também, não?

706 **RSE5:** Fazemos tudo nós. Mas ultimamente somos sinceros, não temos tanto, ..., o que
707 funciona melhor são as redes sociais e então não precisamos estar a gastar dinheiro
708 em impressões, basta fazer a imagem digital e depois partilhamos até pelo *WhatsApp* e
709 pelas outras coisas que é mais direto, funciona melhor e gasta-se menos.

710 **E:** E a Florinda pode ser considerada a responsável pela divulgação?

711 **RSE5:** Sim, pode.

712 **E:** Na vossa maneira de ver, a forma como divulgam é adequada? Sentem que há
713 retorno?

714 **RSE5:** Sim.

715 **E:** Chega à mensagem?

716 **RSE5:** Sim.

717 **E:** E agora relativamente à avaliação do desempenho das atividades. Vocês têm algum
718 procedimento de avaliação das vossas atividades?

719 **RSE5:** Não, não temos, mas era o que eu lhe dizia, temos o senso comum, que é
720 perceber logo se aquilo está a ter os efeitos que nós pretendíamos ou se não está a ter
721 os efeitos, e... e aí é o que eu dizia, portanto, os nossos planos não são fechados, se
722 aquela atividade que era pensada para crianças, mas a gente percebeu que são
723 pequenas demais e não pode ser assim, então temos que reformular, pronto.

- 724 **E:** Porque o discurso não é o mesmo?
- 725 **RSE5:** Não, não é o discurso e às vezes aquilo que a gente imagina na teoria não tem
726 nada a ver com a prática, porque quando implementados no terreno, a reação das
727 pessoas pode não ser esperada ou então podemos estar a fazer alguma coisa que
728 perdemos demasiado tempo a explicar ou então já não tínhamos tempo para fazer a
729 atividade, pronto, e é preciso aí ir limando, pronto, adequando.
- 730 **E:** Adequando... o público também...
- 731 **RSE5:** Adequando até porque os públicos mesmo das visitas guiadas são..., a gente
732 pode ter um guião, mas o guião não resulta. Em 5 visitas, o guião não resulta com as 5
733 visitas. Nós temos que ter a perceção e só com a experiência que lá vai e mesmo assim
734 sabe Deus, que é quando olhamos para aquele grupo de pessoas perceber que estas
735 pessoas são mais entendidas, querem uma coisa mais técnica ou não ou se são
736 pessoas que nem sequer conseguem ouvir muito e já não querem, querem é seguir e
737 andar e então temos que ter perceção que temos que reduzir o tempo de visita, portanto,
738 os públicos são muito diferentes.
- 739 **E:** Mas há essa sensibilidade...
- 740 **RSE5a:** Sim, e não tem mesmo a ver só com faixas etárias, porque dentro da mesma
741 faixa etária podemos ter dois grupos completamente diferentes. Há dias em que tenho
742 duas visitas, por exemplo, para as mesmas faixas etárias, para turmas diferentes e a
743 visita corre completamente diferente e tenho que fazer uma abordagem diferente
744 consoante a atenção das crianças, porque há crianças que estão muito recetivas à
745 informação e muito interessadas e curiosas e há outras que estão completamente só
746 por estar e nem sequer estão muito atentas àquilo que eu estou a dizer. Então, eu tenho
747 que fazer outra abordagem de forma a conseguir envolve-las na visita, ou seja, não tem
748 só a ver com faixas etárias, mas também com a recetividade de cada grupo.
- 749 **E:** A experiência também?
- 750 **RSE5:** Sim, então na visita de público, mesmo sem ser o escolar, público comum, muitas
751 vezes nos acontece. A gente bate o olho e percebe, pronto, e já nos aconteceu ter
752 grupos de visitas, de excursões que vêm às compras, pronto, e que por acaso alguém
753 os meteu aqui, então...
- 754 **RSE5a:** Em que começamos uma visita com 50 pessoas e acabamos a visita com 20
755 porque as outras 30 já abalaram a ir fazer compras a outro sítio.
- 756 **RSE5:** Exatamente, eles não queriam real, querem ver o edifício, mas não estão muito
757 interessadas na exposição...
- 758 **E:** Na explicação...
- 759 **RSE5:** Isso nem sempre se consegue, sim, sim.
- 760 **E:** Mas ainda voltando à questão dos mecanismos de avaliação, neste momento, não
761 está instituído, nem o inquérito de satisfação?
- 762 **RSE5:** Não, já tivemos, em tempos, para as escolas tínhamos um..., o que se chama
763 estudos de público, não é. Tínhamos uns questionários no final em que os meninos
764 colocavam uma cara alegre ou uma cara infeliz em função da experiência que tinham
765 tido e tudo mais. Mas depois não tínhamos quem analisasse esses dados e ia ficando
766 um amontoado de questionários que depois também não tinham o efeito que se

767 pretendia, então deixámos mais, mas tem a ver com isso, com equipas pequenas e
768 muita coisa para fazer.

769 **E:** Sim, mas por exemplo, se alguém der uma sugestão, não tem que ser
770 necessariamente uma avaliação formal. Se alguém der uma sugestão...

771 **RSE5:** Ah, isso temos uma caixa lá em baixo na receção, uma caixa de sugestões que
772 as pessoas podem deixar.

773 **E:** E de alguma dessas sugestões já foi incorporada ou serviu para vocês fazerem uma
774 leitura diferente?

775 **RSE5:** Serviu para percebermos, nomeadamente, no percurso da visita o que é que
776 poderia funcionar ou não ou o que é que podia ser maçador ou se temos obras muito
777 altas que incomodam, mas isso também tem muito a ver com a exposição. Houve uma
778 exposição que tínhamos uma obra logo à entrada que era de voz, mas que a obra
779 estava, durante o percurso todo sempre a funcionar e havia pessoas que aquilo as
780 incomodava, ou seja, retirava-lhes a atenção de tudo o resto, se bem que a obra era
781 mesmo para incomodar, porque aquilo tinha a ver com o racismo, mas ainda assim, as
782 pessoas que escreviam a dizer que não era agradável estar a ver todas as obras com
783 aquela coisa sempre a repetir nos ouvidos.

784 **E:** E alguma sugestão positiva? Nesse caso aí é muito específico, mas outro tipo de
785 sugestões? De sugestões que também possam fazer?

786 **RSE5:** Normalmente, são mais críticas assim desse género.

787 **E:** Mais do percurso, não é?

788 **RSE5:** Do percurso ou de alguma experiência que tiveram, pronto...

789 **E:** Hum, hum, e agora, falando concretamente no público, se tivesse que definir o
790 público alvo do serviço educativo do Museu, qual é que seria? Em termos de faixa
791 etária? Género?

792 **RSE5:** É o público, a comunidade escolar toda e a comunidade local.

793 **E:** Quando diz público escolar...

794 **RSE5:** Todas as faixas etárias.

795 **E:** Desde o pré-escolar?

796 **RSE5:** Desde o pré-escolar à universidade.

797 **E:** Famílias, não?

798 **RSE5:** As famílias é um conceito aqui, tem a ver mais com a comunidade local e as
799 famílias é um conceito que aqui ainda não está, não estamos a conseguir ter resultados
800 porque as pessoas encaram sempre o programa para famílias como deixar os meninos.
801 As próprias famílias não vêm com o espírito de família, vêm deixar as crianças.

802 **E:** Mas então o público-alvo seria mesmo o público escolar e a comunidade local.

803 **RSE5:** A comunidade local, porque isso é uma luta que temos que é aproximar mais.

804 **E:** Sim. E em termos de perfil, aqueles que vos visitam, como é que vocês definiriam o
805 perfil dessas pessoas?

806 **RSE5:** São pessoas, são pessoas que são apaixonadas por arte, que fazem o percurso
807 todo a nível nacional e Espanha, e também nós estamos aqui num caminho em que é
808 fácil parar aqui antes de ir para a Espanha. Temos o MEAC, mesmo aqui ao lado, que
809 é da arte contemporânea também, e temos a Helga de Alvear que é em Cáceres, a
810 Fundação, e, portanto, estamos aqui num percurso que muitas vezes beneficiamos
811 também de quem vem. Mas é um visitante que está habituado a ver arte contemporânea
812 e que vai de propósito ver arte contemporânea. É um público mais elitista, com um poder
813 de compra maior, portanto, são aquelas pessoas que compram catálogos e tudo mais.

814 **E:** Vocês produzem esses catálogos das exposições? Podem ser considerados um
815 material pedagógico?

816 **RSE5:** Sim, isso produzimos, sim. Não sei se considero pedagógico porque ele não tem
817 essa vertente...

818 **E:** Tem só a explicação da obra? Identificação?

819 **RSE5:** Sim. Tem o curador, mas o curador não tem, pronto..., é uma forma de mediar
820 ao público, mas não é escrito com a intenção de mediar, então, eu não sei se
821 consideraria.

822 **E:** E relativamente à afluência do público a essas atividades? Acha que vêm só uma
823 vez? Voltam com regularidade?

824 **RSE5:** Não, voltam, voltam, sim, isso voltam. Voltam com regularidade. Cada vez
825 notamos mais que conseguimos captar mais a atenção.

826 **E:** E mais público?

827 **RSE5:** Sim.

828 **E:** Em maior número?

829 **RSE5:** Sim.

830 **E:** E como é que caracteriza, caracteriza a forma como o público acolhe e participa
831 nestas atividades? É muito díspar?

832 **RSE5:** Sim, é muito díspar, é muito díspar, temos um pouco de tudo.

833 **E:** Estamos mesmo a terminar. Eu não sei, se, entretanto, querem colocar mais alguma
834 questão, ou rever alguma, algum aspeto que queiram clarificar.

835 **RSE5:** Não, acho que falámos sobre tudo.

836 **E:** Então vamos dar por terminada a entrevista. Desde já, agradecer uma vez mais a
837 vossa disponibilidade e à Câmara Municipal de Elvas por participar no estudo e
838 eventualmente, se for necessário também poderemos entrar em contacto.

839 **RSE5:** Sim, esclarecer alguma coisa que queira mais ou não tenha ficado tão bem, tão
840 bem explícito, estamos sempre disponíveis. Agora podemos é fazer a visita ao Museu.

841 **E:** Para ver..., sim, sim. Obrigadíssima!

842 **RSE5:** Nada.

843 **E:** Vamos dar então por terminada.

APÊNDICE 12 – ENTREVISTA DO CENTRO DE CIÊNCIA DO CAFÉ

Transcrição da entrevista n.º 6

Entrevistado	Ana Cristina Braguês Gameiro Caldeira
Local da Entrevista	Centro de Ciência do Café
Data da Entrevista	04 de abril de 2023
Validação da Entrevista	Entrevista validada através de email datado de 26 de abril de 2023

- 1 **E:** Olá, Cristina. Boa tarde!
- 2 **RSE6:** Boa tarde!
- 3 **E:** Estamos no Centro de Ciência do Café para realizar a entrevista no âmbito do projeto
4 de Doutoramento em Ciências da Educação da Universidade de Évora que tem em
5 vista, conhecer e caracterizar o perfil pedagógico concretizado nos serviços educativos
6 em instituições não escolares na região Alentejo. E, não sei se quer colocar já alguma
7 questão?
- 8 **RSE6:** Não, não.
- 9 **E:** Desde já agradeço pelo acolhimento que deram ao nosso projeto e pela
10 disponibilidade em participar no estudo. Começava, então, por lhe perguntar, por
11 conhecê-la, qual o seu perfil académico, que aplicações tem, área de formação?
- 12 **RSE6:** Sim, então, sou licenciada em História e tenho também uma pós-graduação em
13 Museologia.
- 14 **E:** E está como responsável ou afeta à área do serviço educativo desde quando?
15 Sempre exerceu estas funções?
- 16 **RSE6:** Desde sempre, [risos] ..., eu já venho do Museu do Café, portanto, o Museu do
17 Café foi um espaço, foi o primeiro espaço, em termos de cultura que a empresa criou
18 em 1994.
- 19 **E:** Já desde essa data que estou ligada a esta questão...
- 20 **RSE6:** Já desde essa data que estou ligada a esta questão da museologia e também
21 toda a parte do serviço educativo.
- 22 **E:** E em termos de cargo, há um cargo específico para o responsável?
- 23 **RSE6:** Digamos que eu sou a museóloga do Centro.
- 24 **E:** Ok. E tinha trabalhado já noutras áreas?
- 25 **RSE6:** Sim, fui professora quando acabei a licenciatura. Depois comecei a pôr a dar
26 aulas cá em Campo Maior, na escola secundária, dei poucos anos. Depois logo a seguir,
27 entretanto, concluí a pós-graduação e depois entrei, entrei aqui para o antigo Museu do
28 Café.

29 **E:** E quais foram os principais motivos que o levaram a abraçar este desafio? De estar
30 ligada a esta área?

31 **RSE6:** Para já porque eu sempre fui uma apaixonada por museus. Os museus desde
32 criança eu sempre, sempre me fascinaram bastante. E depois, desde sempre que, que
33 gostava, pensava cá para comigo “eu gostava mesmo era de trabalhar num museu,
34 deve ser giríssimo trabalhar num museu”, [risos], e pronto, e olhe, [risos]...

35 **E:** E como é que descreveria as funções ligadas ao serviço educativo? Quais são as
36 suas principais funções nesse âmbito?

37 **RSE6:** Ora bem, isso as funções são um bocadinho vagas porque a nossa principal
38 função é transmitir aos nossos, aos alunos que nos visitam, estudantes, a todos os
39 grupos, independentemente das idades, toda esta lógica, todo este conhecimento
40 científico que existe associado à cultura do café.

41 **E:** E isso remete-nos precisamente para a ideia, a motivação também, que esteve na
42 origem da criação deste espaço que nós temos aqui.

43 **RSE6:** Certo, portanto, na origem deste espaço onde nós atualmente estamos esteve
44 antes o antigo Museu do Café, que foi um espaço museológico que surgiu fruto de uma
45 ideia do Sr. Comendador Nabeiro. O Sr. Comendador Nabeiro desde há muito que na
46 sua vida idealizou, já que trabalhava com o tema café e já que tinha tantos objetos e
47 depois ainda adquiriu mais, e ainda lhe ofereceram alguns, ele sempre achou que não
48 se podia limitar só a comercializar café, tinha que..., esta vertente cultural também era
49 muito importante ser mais uma valência para a sociedade, e, então este, o Museu de
50 Café surgiu fruto dessa sua vontade. Depois, cerca de 18 anos, salvo erro, de existência,
51 houve necessidade de se requalificar, portanto, houve, teve que se modernizar...

52 **E:** Em termos de período cronológico, em que ano é que...

53 **RSE6:** 2014, e em 2014, até no dia dos seus anos, ou seja, fez nove anos há dias, o
54 Centro de Ciência do Café surgiu, integrando o antigo museu, o espaço ainda lá está, e
55 aumentando, passámos de um espaço com cerca de 800 m² para um novo espaço com
56 3000 e aproximadamente 500 m², [risos] ...

57 **E:** Bem maior.

58 **RSE6:** Bem maior, bem maior e também com uma dinâmica muito diferente, com muito
59 mais gente, de acordo também com o espaço, porque depois nós não recebemos só
60 visitantes. Este é um espaço que para já acolhe todo tipo de público, sejam estudantes,
61 sejam estrangeiros, sejam particulares, sejam grupos de N, de N temas, porque existem
62 N temas, tudo é um grupo, as pessoas juntam-se porque são os amigos dos carros
63 antigos, outros porque são os da pesca, os das corridas, os das motos, etc., tudo é
64 pretexto para constituir uma associação, um grupo e depois a parte cultural é sempre
65 muito importante, porque eles tornam a parte lúdica associada também à parte cultural,
66 portanto, há sempre ali uma ligação entre o que se pratica e o que depois se pode visitar
67 e...

68 **E:** Era só para... depois falávamos um bocadinho mais à frente sobre os públicos, mas
69 agora gostava que se centrasse sobretudo nesta questão também da missão e se o
70 processo da criação, do, deste espaço foi..., como é que se processou? Se tem memória
71 disso? Foi fácil também?

72 **RSE6:** Foi fácil, portanto, quando surgiu o Museu, houve, surgiu o Museu, foi constituído
73 por um, na altura, até um professor meu, e uma arquiteta, eles, a parte museográfica
74 com a parte depois da arquitetura em si, eles, surgiu o Museu de Café. O Museu surgiu,
75 existiu em tempos, mas, entretanto, depois já era um espaço que no seu tempo já estava
76 a precisar de uma nova, de uma nova roupagem, portanto, ele já precisava de melhorar,
77 de crescer e depois foi aí que, também com o apoio de, de arquitetos e também de uma
78 empresa de, de museografia espanhola, que surgiu, mas sempre com a base científica
79 paralela, não é, associada, nós fizemos um trabalho, neste tempo de obra, estivemos
80 também envolvidos num trabalho científico, na criação dos conteúdos, sim, que
81 apresentamos no Centro.

82 **E:** E em termos de missão, como é que definiria a missão deste serviço?

83 **RSE6:** A missão continua a ser a missão de sempre, que é de divulgar a cultura do café
84 ao mundo. Já existiu no antigo, primeiro no Museu do Café em si e atualmente mantém-
85 se, portanto, há que divulgar toda esta cultura que existe associada ao tema café.

86 **E:** Quando diz divulgar, através de quê? Como é que...

87 **RSE6:** Do nosso espaço.

88 **E:** Sim, mas...

89 **RSE6:** Repare, as pessoas entram no Centro com uma ideia em termos de café, visitam
90 o Centro de Ciência do Café, terminam na cafeteria com os nossos baristas e quando
91 saem de cá, têm uma ideia totalmente diferente daquilo que tinham antes de...

92 **E:** Porque passam por diversos percursos?

93 **RSE6:** Passam por todos os percursos, desde a origem até à parte final, que é o café
94 no fim.

95 **E:** Certo, e em termos de orgânica, ou seja, estamos numa empresa.

96 **RSE6:** Estamos numa empresa.

97 **E:** E tem uma orgânica.

98 **RSE6:** Certo.

99 **E:** Este Centro depende, de, hierarquicamente de que setor ou departamento? Só para
100 contextualizarmos também...

101 **RSE6:** Pronto, portanto, o Centro de Ciência do Café pertence a uma associação sem
102 fins lucrativos que é a Delta Ciência e Desenvolvimento. E é, pertencemos a essa
103 empresa, os, digamos, os patrões em si é o Grupo, portanto, era o senhor Nabeiro e a
104 família. A responsável, a administradora responsável pelo Centro, é esta senhora, a
105 dona Helena Nabeiro, que conheceu há pouco..., e depois estou eu mais responsável
106 dentro da área das visitas, receção. Depois temos, noutra área, que é a área dos
107 eventos, ou seja, a área dos técnicos da multimédia, temos também outro colega
108 responsável por esses vários colegas, que vai sempre coordenando o trabalho deles. E
109 depois também temos ainda a área dos baristas, aliás, nós até estamos na Academia
110 Barista, estamos aqui sentadas na mesa onde habitualmente eles dão as aulas teóricas
111 e também dentro dos baristas, também existe um responsável por todos eles.

112 **E:** Mas todos estão na dependência desse...

113 **RSE6:** Todos dependem, todos dependentes da mesma administradora e todos
114 pertencentes à mesma associação, portanto, à Delta Ciência e Desenvolvimento.

115 **E:** Certo. E há pouco estávamos a falar sobre a missão. Há formalmente definida essa
116 missão nalgum documento?...

117 **RSE6:** Possivelmente sim, nos estatutos, é possível que esteja nos estatutos, pois, mas
118 olhe não tenho...

119 **E:** Não tem aqui presente.

120 **RSE6:** Não.

121 **E:** E o funcionamento deste serviço tem algum regulamento? Está instituído algum
122 manual de boas práticas? Como é que se organizam a esse nível de, de funcionamento?

123 **RSE6:** Olhe, normalmente, nós temos um guião, portanto, quem entra começa logo e
124 aconteceu com todos, todas as pessoas que começam a trabalhar aqui recebem o guião
125 e depois estudam um bocadinho o guião, especialmente os que se vão dedicar às
126 visitas. As pessoas têm que saber o que é que vão tratar, como é que vão lidar e então
127 aí há uma formação. Tal como, por exemplo, também costumamos receber estagiários
128 quer ali do Politécnico de Portalegre, quer até aqui da Escola Secundária de Campo
129 Maior e outros ligados ao turismo e também temos que dar sempre formação.

130 **E:** Sim, mas esse procedimento de, por exemplo, de acompanhamento das visitas está
131 tudo definido nalgum documento?

132 **RSE6:** Quer dizer, no guião explicamos como, em termos de como devem..., acolher
133 as pessoas e esse tipo de formação. Já tivemos formação externa, já vieram cá pessoas
134 dar formação para toda a equipa, para as pessoas saberem como agir, como se devem
135 tratar as outras pessoas, etc. Quando entra alguém, internamente damos formação, por
136 exemplo, agora dentro de uns tempos virá aí um miúdo fazer um estágio de 300 horas,
137 claro que ele vai ter que receber o guião para estudar e depois vai ter que ser
138 acompanhado por mim ou por um outro colega e ser acompanhado em termos de como
139 fazer, acompanhar, ...

140 **E:** O dia-a-dia...

141 **RSE6:** Sim, como acompanhar os visitantes, o que mais importante que deverá de
142 referir e depois ele vai tendo experiência até que começa as suas visitas e corre bem,
143 as pessoas normalmente é um tema que gostam e depois isto é muito simples, o Centro
144 também é um espaço muito interativo que é fácil.

145 **E:** E agora, ainda continuando nesta temática dos normativos, que é para percebermos
146 também como é que está estruturado o serviço, fazem algum plano de atividades,
147 relatórios, o que é que se propõe anualmente, como é que são pensadas, toda a
148 organização?

149 **RSE6:** Sim, portanto, fazemos assim em termos gerais, também temos um espaço que
150 em cima acolhe exposições temporárias, viu aquela exposição que ainda nem está
151 concluída, que tem muito a ver com, com as insígnias do Comendador Nabeiro... [aparte
152 - Boa tarde. Sim, com certeza. Para subirem, têm que ser aquelas escadas. Está bem,
153 são as únicas. Andam perdidos..., e sem querer fizeram-me perder o raciocínio.]

154 **E:** Estava a falar do plano de atividades e do relatório.

155 **RSE6:** Sim, pronto, então nós fazemos, fazemos, tentamos... obter objetivos, portanto,
156 por exemplo, no próximo ano termos várias exposições para dinamizar o espaço, termos
157 vários eventos que são acolhidos no auditório, também com um calendário próprio e é
158 mais ou menos...

159 **E:** Quando diz eventos, refere-se a quê concretamente?

160 **RSE6:** Olhe congressos, concertos... temos às vezes empresas, ainda na semana
161 passada tivemos, esteve aqui um grupo da Toyota, a Toyota decidiu efetuar aqui no
162 Centro de Ciência do Café um *workshop*, ou seja, eles passaram um dia com os
163 melhores clientes aqui no auditório, em que houve ali uma animação, tiveram ali uma
164 formação, tiveram ali muita coisa porque nós não assistimos, só eles é que lá estavam
165 dentro e depois no fim os melhores receberam os presentes, portanto, eles
166 selecionaram um grupo dos melhores concessionários do país, convidaram a vir passar
167 o dia ao Campo Maior, aqui, entraram no auditório, almoçaram depois, na Herdade
168 temos um restaurante, almoçaram na Herdade, visitaram o Centro, fizeram também um
169 *workshop* aqui na academia com eles. Foi um dia que as pessoas ficaram felizes, acaba
170 por ser sempre um dia muito diferente quando isto acontece, porque saem de fora do
171 normal, não é, acontece muito, neste caso foi na semana passada com a Toyota, mas
172 acontece com muitas empresas.

173 **E:** E eles também participam nessa visita? Também nessas...

174 **RSE6:** E depois quando querem, sim, sim. Houve um colega que foi acompanhar a
175 visita, porque eles ainda eram umas 15 pessoas para ir, acompanharam a visita,
176 portanto, houve visita guiada e houve *workshop* aqui, barista.

177 **E:** E como é que acha que é visto o vosso papel aqui em relação ao restante Grupo?
178 Ou seja, o que eu gostava de saber, primeiro era se estabelecem relações entre...

179 **RSE6:** Sim, temos boa relação, temos boa relação, até porque muita gente do Grupo
180 também nos visita, trazem a família, os amigos, temos boa relação.

181 **E:** E acha que, qual é o papel que desempenha? Como é que descreveria o papel
182 desempenhado aqui pelo Centro na totalidade da empresa?

183 **RSE6:** Sim, o papel do Centro acaba por ser muito o *marketing* desta casa porque é
184 uma porta aberta que recebe todo o tipo de público e a nossa função também é que,
185 além das pessoas aprenderem o tema café, saiam de cá felizes e contentes e bem-
186 dispostos.

187 **E:** E que reconheçam a marca?

188 **RSE6:** E que reconheçam a marca, claro, e que no dia da compra que nem sequer
189 hesitem entre "vou comprar um café desta marca" ou "vou comprar Delta", claro que
190 vou comprar Delta, porque tenho aqui uma relação que já estive com a Delta e com os
191 outros não.

192 **E:** E agora, falando um pouco sobre a equipa e a gestão dos meios, dos recursos
193 humanos que tem aqui. Não existe formalmente uma equipa de serviço educativo, mas
194 aqui trabalham uma série de recursos.

195 **RSE6:** Sim, sim, sim.

196 **E:** Podia-me falar um bocadinho sobre estes recursos que estão afetos a este serviço?

197 **RSE6:** Sim, temos que, ao recebermos tantas escolas e até os pequeninos, desde os
198 infantários, eles vêm logo ali desde quase a creche até aos mais velhos, temos que nos
199 adaptar sempre muito a este tipo de público, de modo que, consoante o grupo, assim
200 também é depois o nosso discurso. Muitas vezes eles até vêm com imensas perguntas,
201 porque há muitas visitas de estudo, que são visitas de estudo, não é passeios, vamos
202 visitar o Centro, não, eles depois vêm integrados na turma em que estão a lecionar ou
203 nas disciplinas de História ou de Geografia ou até noutras áreas que tenham a ver
204 também com a parte da fábrica, a parte da produção e depois também passamos um
205 filme, muito mais completo do que aquele filme que aparece ali, em que os alunos no
206 auditório depois acabam por ver a fábrica..., a fábrica um pouco mais a fundo do que
207 aquele curto filme que vê ali fora, no exterior. De modo que adaptamo-nos muito ao tipo
208 de público que recebemos. Se são crianças pequeninas, tentamos efetuar visitas mais
209 ligeiras, ir às zonas que elas gostam mais. Se forem visitas já de miúdos mais crescidos
210 e, e consoante a área, assim nos focamos mais no que eles pretendem.

211 **E:** Mas, concretamente, consegue-me dizer o número de pessoas que trabalha aqui?
212 Qual a sua área de formação?

213 **RSE6:** Olhe, é assim: temos colaboradores, devem ser aí uns 17, 18 mais ou menos.
214 Temos licenciadas, temos com bacharelato, penso também, e depois temos com o
215 décimo segundo. E depois temos, e eu que tenho, além da licenciatura, a pós-
216 graduação.

217 **E:** Mas trabalham em permanência, em exclusivo aqui ou também noutros setores?

218 **RSE6:** Sim, só aqui. E depois daqui ainda estamos ligados a outros colegas que também
219 trabalham connosco, em *part time*, por exemplo, temos a loja. Temos a loja que vende
220 os seus produtos, depois temos uma colega que também está nas visitas, que ela
221 também é de turismo, que ela depois recebe a visita, acompanha sempre que faz falta,
222 muitas vezes nem acompanha, ela até está grávida, e, mas depois é da parte da loja
223 interna, ou seja, dos *stock's*, do que chegou, o que não chegou, o que contou, o que
224 tem que encomendar, o que tem que dizer à contabilidade para fazer isto, apurar aquilo,
225 ver o outro, ela acaba por também estar sempre ali no computador, chegou mais isto,
226 saiu mais aquilo, e compensa-se deste lado, do outro, portanto, isto acaba por meter
227 mais gente e trabalha com outros colegas de outros setores, tanto trabalham connosco
228 como trabalham com as outras empresas que constituem o Grupo.

229 **E:** Mas aqui afetos ao Centro, são cerca, então, de 17.

230 **RSE6:** Sim, 17.

231 **E:** Com uma formação muito diversa?

232 **RSE6:** Sim, sim, sim. Eu até posso dizer o número exato é até questão de ver aqui a
233 escala e já lhe digo, se precisar de saber mesmo, não é necessário, não é?

234 **E:** E em termos de funções, o que é que compete genericamente a esses
235 trabalhadores?

236 **RSE6:** Sim, cada um acaba por ter um pouco a sua área, por exemplo, nós aqui, quando
237 falo "nós", refiro-me a mim, receção e visitas.

238 **E:** Podemos dizer, definir como núcleo duro?

239 **RSE6:** É o núcleo duro do Centro: receção e visitas. Dentro do mundo da receção e
240 visitas, apenas uma colega é só exclusiva a receção e loja, porque ela não acompanha
241 visitas por motivo de saúde, foi operada, e, pronto, e não pode esforçar muito. De resto,
242 os restantes colegas, que são vários, acompanham, tanto podem dar entrada ou fazer
243 o *check in* na receção, como acompanhar o visitante, como ajudar a vender, como, na
244 loja vender produtos, como colaborar, por exemplo, na biblioteca, geralmente isso é
245 mais comigo, mas às vezes peço ajuda ao António. Nas exposições temporárias
246 também colaboram quando há necessidade, há algumas exposições que não são
247 necessárias, não é necessária ajuda, mas estou-me a lembrar na coleção de presépios
248 da Dona Alice Nabeiro, que às vezes costumamos tê-los no Natal e que acho que de
249 todos é importantíssima quando não há visitantes, tudo para os presépios porque [risos]
250 ... são centenas deles e dá um trabalho.

251 **E:** Então as funções também são muito diversas?

252 **RSE6:** Sim, são diversas.

253 **E:** Mas se nos direcionarmos para esta componente das visitas e da receção, o que é
254 que destacaria, assim, em termos de funções, concretamente?

255 **RSE6:** Sim, é mais as visitas, que é o que nos absorve mais, porque, repare,
256 começamos uma visita em grupo, hoje, há bocado, viu ali aqueles velhotes, não é,
257 aquela visita dos senhores de idade é uma pseudo visita porque as técnicas pediram
258 logo só uma voltinha no rés-do-chão nem sequer fomos à parte de cima, foi uma coisa
259 mesmo muito ligeira porque eles eram pessoas muito limitadas, porque normalmente
260 uma visita guiada ao Centro no mínimo é uma hora e meia, então, ficar uma hora e meia
261 com um grupo em que está quase sempre a falar com o grupo, é mais o que fala do que
262 o que lhe pergunta, estar sempre uma hora e meia a motivar e a passar, e a [risos] ...,
263 não é fácil!

264 **E:** E eles recebem, já me falou também, já me falou neste aspeto, mas têm uma
265 formação específica, antes de iniciar?

266 **RSE6:** Sim, sim, sim. É assim, isso depois depende muito do grupo e depende também
267 muito da pessoa em si. Eu, pelo menos, quando recebo um grupo, eu tento, o grupo tem
268 que ir ao auditório, porque no auditório as pessoas acabam por estar bem instaladas e
269 verem os três filmes que acontecem no percurso, bem instalados e o da fábrica até é
270 um filme mais absorvente. Quando termina, eu nunca inicio logo a visita, porque não
271 gosto, tenho que falar sempre ali um bocadinho com eles, até porque depois vamos
272 começar pela estufa e na estufa há ruído porque as máquinas estão a funcionar, há
273 ruído e então também não é agradável, as pessoas entram e depois há muito ruído e
274 depois não me conseguem ouvir bem, portanto, eu começo logo a falar, a interagir, com
275 eles, faço uma breve explicação do que é que vamos ver, falo sobre a estufa, sobre o
276 café, falo muito sobre o que vai acontecer, até porque depois quando chegarmos lá,
277 eles já "olha aqui é isto", "ai, aqui já sei o que vou fazer aquilo", já não estão ali assim
278 sem perceber nada onde é que estamos. Porque quando acompanhamos um grupo,
279 nem todos estão ali em cima de mim, há outros assim um bocado mais afastado. Tento
280 sempre ter esta proximidade e esta explicação porque eu acho que é importante para
281 que a visita em si resulte.

282 **E:** E em termos, já me falou também neste aspeto, da contratação, de recorrerem a
283 outros setores da empresa. E externamente? Há necessidade? Têm parcerias com
284 entidades que vêm cá colaborar convosco na organização deste espaço e na
285 dinamização de atividades?

286 **RSE6:** Não, não, não. Às vezes pedimos a empresas que nos forneçam determinados,
287 por exemplo, agora a última coisa que incorporámos foi ali o *Coffee Kids*, para os mais
288 pequeninos, mas de resto, não. Quando precisamos de alguma coisa, também há, ...,
289 mais ou menos na altura do Natal, aqui na parte de cima, quando subimos as escadas,
290 aquelas chávenas que ali estão, também pedimos a uma empresa externa que o viesse
291 a colocar e eles depois colocaram de modo que, ... foi uma coleção de chávenas que
292 nos facultaram e...

293 **E:** Mas nas visitas, na dinamização das atividades que promovem?

294 **RSE6:** Não, não, somos nós.

295 **E:** E em termos de condições físicas, nós estamos então neste edifício que já era um
296 antigo Museu, mas parece-me que foi todo requalificado.

297 **RSE6:** Mas aqui, este espaço não era antigo Museu, o antigo Museu era apenas a parte
298 do primeiro piso e mesmo o que está por baixo do primeiro piso.

299 **E:** Pois, porque de 500 metros para 3500...

300 **RSE6:** Dali cresceu, isto aqui é tudo novo. Bem, mas todo o espaço, como podemos
301 ver, é um espaço excelente em termos de tudo. Tudo o que precisamos nós, adquire-
302 se com facilidade.

303 **E:** Tem uma estrutura que foi pensada também para este fim?

304 **RSE6:** É.

305 **E:** E ele está organizado de forma? Como é que me pode falar de..., entramos, temos a
306 zona?

307 **RSE6:** Temos a receção. Temos ali aquele espaço receção e loja ao lado e cafeteria
308 também, assim, um bocadinho, porque às vezes as pessoas entram..., não acontece
309 muito, mas por vezes acontece, as pessoas entram, hoje até não vou visitar o Centro
310 porque é um espaço grande, mas vou só tomar um café e por vezes as pessoas entram
311 só mais para ficar com uma ideia. Será que vale a pena ir visitar? Não vale? Hoje vou
312 tomar café, depois, outro dia, venho para visitar, às vezes isto acontece.

313 **E:** É fora da cidade, não é?

314 **RSE6:** Às vezes acontece, sim, mas acontece, não é pela vila, Campo Maior é uma vila,
315 não é pelos da vila, porque os da vila já vêm, já vêm. Esses sabem que isto é um espaço
316 agradável, é mais pelas pessoas de fora. Às vezes, há pessoas que estão tipo de fim
317 de semana em Elvas ou Campo Maior e depois vêm visitar o Centro, outras vezes estão
318 aqui na Herdade dos Adões instalados, "Olhe, hoje vamos só tomar café, mas amanhã
319 vimos visitar, depois vamos para outros sítios" e, então, para ser fácil, temos a receção
320 com a loja, porque há alguns que vêm fazer compras e que já conhecem e continuam a
321 vir cá comprar, por exemplo, o nosso café que é exclusivo e que só existe mesmo aqui.
322 E depois temos aqueles também que vêm tomar o café, portanto, aqui neste espaço é
323 a entrada que é abrangente, tanto dá para ir à loja como dá para ir à cafeteria e que não
324 precisa de tirar os bilhetes para entrar lá para dentro. Depois tem todo um circuito lógico.
325 O trajeto museológico digamos que começa pela origem porque não há nada como a
326 pessoa ver a planta e saber onde é que ela existe e porque é que existe nesses sítios e
327 que tipo de planta é que o café é e ver a flor quando existe, o fruto, ter ideia do cafeeiro
328 em si, logo a seguir os insetos porque sem eles também nada disto existia, não é?

- 329 **E:** A polinização...
- 330 **RSE6:** A polinização e até mesmo os maus insetos, repare, naquela zona dos insetos
331 também estão ali aqueles horríveis, que também têm uma função importantíssima,
332 portanto, explicamos, até porque as pessoas veem os insetos e logo os primeiros "Ah,
333 que horror!", explicamos, e os miúdos, para os miúdos perceberem que eles são todos
334 muito importantes. Logo a seguir a isso, a lenda de Kaldi, a origem do café.
- 335 **E:** Tem lá, a mim parece-me um miniauditório.
- 336 **RSE6:** É um miniauditório, é um auditório pequenino, com aquela corta metragem que
337 também é interessante. E depois vamos para a parte da história.
- 338 **E:** Já no primeiro andar.
- 339 **RSE6:** Já no primeiro andar. E aí é importante percebermos, porque há muita gente que
340 pergunta, às vezes perguntam-nos "Então, mas o que está aí fora é café?" [risos] ..., já
341 nos têm perguntado "Isto aí fora é café?" "Não, não, não é café." "Não, vai ver que não"
342 e depois lá explicamos a estufa quando entram e depois percebem que, afinal, pois,
343 café, nós não temos clima para produzir café. E então depois falamos o porque é que
344 Portugal tem esta tradição de café, que a maior parte das pessoas desconhece, não é?
345 Como é que nós, somos tão exigentes no café, temos esta cultura de café, se nem
346 produzimos um único pé de café? A não ser ali um bocadinho nos Açores, em São Jorge
347 e muito pouco. Então, a parte da história, eu acho que, para já é a parte que eu gosto,
348 não é? E aí, além de aprenderem um pouco da história do café em si, o nosso caso em
349 particular, como é que nós entramos neste mundo dos cafés. A seguir a isso, temos
350 também uma área que eu acho interessante, que é dos cafés antigos e Portugal tem
351 vários, temos vários cafés antigos e mostramos.
- 352 **E:** Cafés, estabelecimentos?
- 353 **RSE6:** Cafés, estabelecimentos, onde podem tirar as fotografias, enviar por email, se
354 alguém quer até pode comprar a fotografia em papel fotográfico e também perceberem
355 que ao longo dos tempos os cafés foram muito mais que simples locais para se tomar
356 café, o tal ponto de encontro dos políticos, artistas, etc., e, por isso, é que eles ainda
357 hoje em dia existem, apesar de hoje muito virados para o turismo, mas eles existem
358 porque tiveram um peso importante na nossa sociedade. Depois falamos do
359 contrabando.
- 360 **E:** Também... esse núcleo estava muito interessante com muitos jogos, também, que
361 eu vi.
- 362 **RSE6:** Também com jogos, porque depois está aí essa parte dos contrabandistas a
363 fugirem das, das guardas e aí podem estar dois contrabandistas a fugirem. Foi também
364 um colega nosso que fez, até, só para ter ideia, aquele filme do Francisco de Melo
365 Palheta, logo no cimo das escadas, depois está ali dois ecrãs depois ativa o cartão e
366 explica o D. João V, Francisco Palheta mesmo em frente foi realizado por um colega
367 nosso aqui, que é o Daniel Clérigo e esse jogo dos contrabandistas também foi o Daniel
368 que realizou, que fez esses filmes, esses jogos. E então aí explicamos também a
369 importância do contrabando e fruto disso estamos aqui hoje, porque se não fosse o
370 contrabando de café com certeza que nós estaríamos cá, nesta zona onde estão os
371 testemunhos e explicamos a importância do contrabando, como viviam as pessoas na
372 altura. Logo depois, entramos no espaço dedicado à fábrica, porque nós estamos
373 mesmo ao lado da fábrica, digamos que somos um espaço museológico que pertence
374 a um Grupo cuja principal atividade é a torrefação de café, então apresentamos o filme,

375 mostramos como o café chega, as sacas, o café verde, até os objetos estranhos que
376 por vezes vêm dentro das sacas do café. Temos a mesa dos aromas, também
377 interessante, mas mais para os cafés especiais, aquelas notas, de, porque há cafés, tal
378 como nos vinhos, os enólogos por vezes falam e ouvimo-los muito na televisão
379 mencionarem que há determinadas castas com notas de carvalho francês, frutos
380 silvestres, etc. e os especialistas no café também dizem que há imensas notas que
381 aqueles melhores cafés apresentam: o limão, a canela, o jasmim, a avelã...

382 **E:** Nós nem imaginamos que estão lá...

383 **RSE6:** Nós nem imaginamos que estão lá e, aliás, e até temos dificuldade em, se não
384 conhecermos mais, se não entrarmos mais neste mundo e começarmos a degustar e a
385 provar, acabamos por nem as sentir. Depois, temos uma área também que eu acho que
386 é interessante. Além das pessoas poderem ver a diferença entre os vários grãos, o
387 arábica, robusta e o mocca, em verde, depois podem ver também o café torrado,
388 convidamos as pessoas a tornarem-se esses grãozinhos de café e entrarem naquela
389 bola de torra.

390 **E:** Sim, eu, eu partilhei dessa experiência, sim, [risos] ... senti-me um grão de café,
391 [risos] ...

392 **RSE6:** [risos] ..., também um grão de café, lá dentro..., também é giro. E logo em frente,
393 não sei se depois se programou o seu torrador virtual.

394 **E:** Não.

395 **RSE6:** Não, porque em frente da bola...

396 **E:** Tinha que escolher duas opções, sim, acho eu.

397 **RSE6:** Sim, porque podes escolher torrar o café arábica ou o café robusta, porque,
398 repare, eles ao serem cafés distintos, a torrefação também acaba por ser sempre feita
399 separadamente.

400 **E:** Existe cuidados diferentes, é isso?

401 **RSE6:** Claro, porque o arábico é um café muito fraquinho, tem um baixo teor de cafeína,
402 o robusta como o próprio nome indica, é robusto, é forte, tem muita cafeína, portanto,
403 logo aí temos temperaturas e tempos diferentes e são separadamente torrados. De
404 modo que convidamos os visitantes a programarem o torrador virtual e depois aparece
405 lá se está apto, se conseguiu, se não conseguiu. É muito difícil porque os valores estão
406 muito relacionados uns com os outros e é muito difícil programar a temperatura, o tempo
407 e até as rotações que sofre no tambor, no torrador. Depois, desvendamos um mistério,
408 porque eu acho que é mais um mistério, porque falamos muito em descafeinado e as
409 pessoas não percebem nada de descafeinado e numa daquelas chávenas
410 apresentamos os três métodos que existem no mundo para a descafeinação do café
411 e, e depois as pessoas podem, podem ver os três que existem. Num acompanhamento
412 de uma visita guiada explicamos depois qual o método utilizado pela empresa e o
413 porquê desse método.

414 **E:** E nesse percurso todo, o visitante pode andar sozinho, tem acesso a todos os
415 espaços?

416 **RSE6:** O visitante pode andar sempre sozinho e ter acesso a todos os espaços. Mas
417 um grupo é mais... para o visitante é mais enriquecedor andar connosco, com um guia,

418 do que andar sozinho, porque se andar comigo, ele nem sequer precisa de cartão,
419 porque eu vou ativando e vou explicando e vamos seguindo, se andar sozinho, sim, ele
420 precisa de cartão, precisa de ler a informação, precisa de, de tempo.

421 **E:** Mas está separada a área pública da área dos técnicos? Ou aqui não existem
422 gabinete dos técnicos? É noutro, noutro espaço, não é?

423 **RSE6:** Existe, sim. Sim, mas, eles, a área dos técnicos está em cima.

424 **E:** Está à parte?

425 **RSE6:** Está à parte, mas sempre que faz falta, descem e vêm cá abaixo.

426 **E:** E como é que se encontra equipado, em termos de materiais, todo este serviço? Já
427 fomos falando também sobre isso porque...

428 **RSE6:** Tem inúmeros computadores. É um espaço muito informatizado, porque é muito
429 interativo e, então, para ser interativo, precisa muito de computador, precisa muito do
430 projetor. Tem filmes, por exemplo, na bola de torra, aquilo é um filme que passa, não é?

431 **E:** Sim, tem é uma estrutura diferente.

432 **RSE6:** Tem uma estrutura diferente, que passa e projeta naquela bola. Portanto, tem
433 tudo o que é necessário, por exemplo, os projetores no Kaldi, os projetores no Café e
434 Cultura, na literatura, no cinema, são projetores..., o visitante passa com o dedo e como
435 é interativo, aquilo assim que desliza é uma maravilha, é uma maravilha. É muito
436 agradável viver, trabalhar num espaço em que privilegiamos o melhor para os nossos
437 visitantes.

438 **E:** E eles aqui podem experimentar? Experimentar, também?

439 **RSE6:** E aqui podem experimentar, sem dúvida, e aqui podem experimentar. E antes da
440 Covid, temos ali junto à mesa dos, dos aromas, não sei se reparou, há ali assim uma
441 bancada onde estão aqueles três globos com os grãos verdes há ali umas torneirinhas
442 e tudo, umas bacias que nós até costumávamos fazer, depois, entretanto com a Covid,
443 deixou de se fazer e ainda não retomámos. Mas, para grupos fazíamos muito, muito em
444 que os nossos baristas vinham fazer ali uma análise sensorial. Traziam um café arábica
445 e um café robusta, em verde e depois torrado, e depois davam a fazer a tal análise em
446 que eles apanhavam, era café acabado de deitar, não era café expresso, nada disso,
447 era o pó e depois deitavam a água quente, misturavam o pó, depois baixou um
448 bocado e eles punham na boca para sentirem as notas na boca e logo a seguir tinham
449 que deitar fora ali para a bacia. Isto é uma análise sensorial, para ver a diferença entre
450 o arábica e o robusta.

451 **E:** Nesse caso aí, concretamente eles experimentavam mesmo.

452 **RSE6:** Aí eles faziam mesmo, aí eles faziam mesmo essas análises sensoriais.

453 **E:** Mas todo o percurso, todo o Centro está pensado de uma forma muito interativa,
454 como isso...

455 **RSE6:** Muito interativa, muito interativa. É muito interativo se a visita for acompanhada,
456 porque é muito interativo eles continuam a fazer muita coisa, por exemplo, no galeão,
457 ali a comandar a roda de leme, os miúdos divertem-se, e os graúdos, eles divertem
458 todos imenso. Os mais velhos também acho que se divertem tanto como os mais novos,
459 porque depois estão a comandar a roda, depois vão com muita força, depois encalham,

460 depois voltam ao princípio, depois uns metem-se com os outros. Há sempre ali muita
461 energia positiva, eles interagem muito e gostam. E, pronto, e depois mesmo
462 acompanhados eles acabam por muitas vezes também passam o dedo, também
463 carregam nas coisas.

464 **E:** Vão à descoberta.

465 **RSE6:** Vão à descoberta.

466 **E:** E para além dessa componente interativa, também estão suportados, estão fixos
467 alguns conteúdos, eu percebi.

468 **RSE6:** Sim, sim. E depois também estão fixos, por exemplo, olhe, no caso do
469 descafeinado, do café solúvel e toda a informação que logo desde a estufa, que a estufa
470 apresenta até ao fim, porque se estiver a visitar, não acompanhou nenhuma visita, pois
471 não?

472 **E:** Não, só ouvi aquela parte final.

473 **RSE6:** Pronto, mas se está sozinha a visitar o Centro precisa do cartão e precisa de ir
474 lendo a informação, senão depois também não percebe.

475 **E:** Mas para além dessa parte interativa, eu vi também *placards* a contextualizar e em
476 diferentes idiomas.

477 **RSE6:** Sim, a contextualizar e em diferentes idiomas. Nós temos aqui os três idiomas.
478 O português, porque é a nossa língua, não é? O espanhol, porque é a língua do lado.
479 Estamos na Península Ibérica, português, castelhano, têm que estar. E depois o inglês
480 como a língua universal. Ainda temos uma colega que também fala muito bem francês
481 e então ela acompanha as visitas em francês. Temos uma que nasceu na Inglaterra que
482 acompanha as visitas em inglês, apesar de outras pessoas também falarem inglês, mas
483 normalmente privilegiamos quando é em inglês, chamamos a Ana Paula, porque ela
484 estudou e formou-se na Inglaterra, mas depois o amor trouxe-a para cá, [risos] ..., e
485 depois espanhol todos falam, espanhol fala-se, e depois também temos colegas
486 espanhóis, [risos] ...

487 **E:** Sim, eu percebi, percebi. Mas ainda retomando a questão dos conteúdos, da forma
488 de apresentação dos conteúdos. O que eu senti foi que fiz um percurso ao fazer esta
489 visita, fiz um percurso, de facto, sobre a temática toda do café.

490 **RSE6:** Toda. É que é desde o início até à parte final em que termina a degustar um café.
491 Está a pensar em tudo, até os benefícios. Depois a parte do café e cultura, que, porque
492 está patente, no café e cultura está patente em muitas áreas e nós nem sequer
493 reparamos que há livros que, antigos que já falavam sobre o café, o tomar café, o
494 encontro no café, o ir comprar café e depois todo o acervo relacionado com este tema.

495 **E:** Que é aquela biblioteca que têm lá em cima?

496 **RSE6:** Não, não, o acervo. Eu digo os objetos, os objetos, os objetos museológicos
497 também são inúmeros e temos mais, não temos é já espaço para tanto. E é essa
498 pequenina biblioteca especializada que por acaso está a crescer, ela vai crescendo.
499 Não há assim tanta obra sobre café, mas por acaso até temos lá em cima uma caixa
500 com uns livros que chegaram, agora, devem ter chegado ontem, ontem eu não estive
501 cá, devem ter chegado ontem com meia dúzia de livros também porque depois também
502 temos que introduzir.

- 503 **E:** Contextualizar.
- 504 **RSE6:** E não, e a catalogação dos livros. Chega, por exemplo, este moinho, eu tenho
505 que inserir num programa museológico, tenho que classificar o moinho, catalogá-lo.
- 506 **E:** Tem também essas funções?
- 507 **RSE6:** Também tenho essas funções.
- 508 **E:** E agora passando um bocadinho para a questão mais sensível, que, também
509 relacionada com o financiamento, fontes de financiamento e orçamento? Quais são os
510 recursos que tem algum orçamento próprio para esta...?
- 511 **RSE6:** Olhe eu aí não lhe sei responder bem, sinceramente não sei, mas penso que
512 sim, penso que sim, que existe um orçamento e às vezes quando já não existe dinheiro
513 recebemos umas doações do Grupo. O Grupo vai fazendo doações quando..., porque
514 repare, houve o café, houve o *Coffee Kids* gastou-se muito dinheiro aí e então...
- 515 **E:** O *Coffee Kids* é um espaço dedicado aos pequeninos...
- 516 **RSE6:** Aos pequeninos, aos pequeninos e, pronto, por exemplo, houve essa situação
517 gastou-se muito dinheiro, o dinheiro que tínhamos não chegou, houve necessidade de
518 as empresas financiarem, fazem doações.
- 519 **E:** Como fazem também para o exterior.
- 520 **RSE6:** Claro, fazem doações, fazem doações. Quando precisamos de alguma coisa,
521 fazem doação.
- 522 **E:** E há parcerias com outras instituições a nível financeiro ou também de investigação?
- 523 **RSE6:** Não, não... de investigação, sim, existe com, com..., existe, mas também não
524 lhe sei dizer agora o nome, mas sei que existe com universidades, sei que existe com
525 universidades, mas não sei quais.
- 526 **E:** Mas retomando ainda esta questão das fontes de financiamento e dos meios que têm
527 ao dispor. Considera que os meios que lhe dão para trabalhar são suficientes? Se há
528 algum constrangimento?
- 529 **RSE6:** Não, são excelentes, aliás, nós se precisamos de qualquer coisa, faz-nos falta,
530 mais os nossos colegas técnicos, os nossos colegas técnicos para poderem fazer os
531 filmes, os jogos, etc., eles precisam de ter material à altura, não é, precisam de investir
532 aqui, câmaras XPTO e apresentam, precisamos, para fazer este trabalho precisamos
533 deste tipo de máquina e depois as pessoas, os administradores, a administradora vê se
534 é mesmo importante, então, temos de comprar, temos que comprar e investe-se.
- 535 **E:** É um investimento, ..., não veem como despesa, mas sim como um investimento.
- 536 **RSE6:** Como um investimento, porque vai valorizar o espaço, vamos melhorar o nosso
537 trabalho, sim.
- 538 **E:** E agora, centrando-nos concretamente nas atividades educativas promovidas. Já
539 fomos, mas agora gostava que me detalhasse assim mais em pormenor o tipo de
540 atividades que são promovidas aqui, neste serviço. São sobretudo as visitas?

541 **RSE6:** Sobretudo as visitas. Olhe, já tivemos..., lembro-me que na altura do *Halloween*,
542 já tivemos aqui, por exemplo, miúdos, miúdos vestidos, mascarados...

543 **E:** A circular pelo espaço...

544 **RSE6:** A circular e depois vieram um dia ao final da tarde eles fizeram visitas a outros
545 miúdos, mas sempre naquela vertente de estarem mascarados e visitaram o Centro,
546 aliás, as professoras tinham colocado até alguns adereços relacionados com a
547 *Halloween* em algumas zonas do CCC e eles acabaram por fazer e fazer as visitas a
548 outros colegas dentro dessa, dessa perspetiva. E que para eles também foi um sucesso,
549 assim aquele lusco fusco de final do dia já com as luzes até mais baixas, depois as luzes
550 reduziram a intensidade e deu outro ambiente. Também uma vez tivemos, também nos
551 mascarámos todos, entre aspas, por causa do Dia Internacional do Café, então com a
552 colaboração de vários, várias, de vários países, foi de embaixadas de países de
553 produtores de café, mandaram-nos alguns trajes, trajes, por exemplo, típico do Panamá,
554 do Brasil, do México, trajes típicos e, então, nesse dia, como era o Dia Internacional do
555 Café, todos nós que viemos trabalhar, tínhamos um traje típico desse, desse país
556 produtor, e que também foi giro. Tentamos, tentamos, sempre que possível, tenta-se
557 adaptar ao evento, ou à festividade que vem, ou qualquer coisa.

558 **E:** E as visitas, ainda em relação às visitas, as visitas são individuais, ou seja, eu posso
559 percorrer sozinha ou então a acompanhada, a visita acompanhada?

560 **RSE6:** Sim, sim, pode ser individual ou acompanhada, normalmente acompanhamos
561 grupos ou pequeninos grupos quando são clientes. Normalmente, acompanhamos os
562 visitantes aí a partir de 15 a 20 pessoas passamos a acompanhar, mas não existe assim
563 um número fixo, por exemplo, imagine que está aqui num fim-de-semana em que
564 aparecem aí tipo 14 pessoas, mas já com alguma idade em que para elas o interativo...,
565 as pessoas com, de idade não são assim muito para coisas interativas, acompanhamos,
566 porque sabemos que se eles forem com o cartão eles depressa dão volta ao Centro e
567 não visitam nada e não interagem com os aparelhos porque não sabem onde é que põe
568 o cartão e depois não sabem como é que têm que pôr o dedo e não fazem quase nada.
569 E, então aí temos o cuidado de acompanhar esses grupos, mas também pode receber
570 o cartão e depois faz a sua visita, e aí até pode passar o dia todo cá. Pode visitar, pode
571 ler tudo e mais alguma coisa, pode ver isto hoje vou-me dedicar a esta área, depois
572 outros dias visita a outra. Temos todo o tipo de público.

573 **E:** Ok. E no processo de conceção e planificação das atividades, como é que ele se
574 processa? Quem é que são os intervenientes? Se há alguém que diz "acho que deviam
575 falar sobre isto" ou sobre outra coisa. Como é que se lembram de...?

576 **RSE6:** Isso acontece muito, por exemplo, nos nossos *briefings*. De manhã temos muito
577 o hábito de fazer assim um *briefing* e falamos todos, porque depois há várias áreas. E
578 nestas várias áreas estamos muito em separado, então, de manhã quando chegamos,
579 tomamos um café ali todos juntos, sentamo-nos ali nos sofás e depois temos *briefing*,
580 temos *briefing* ou não temos *briefing*, às vezes temos logo tanta coisa cedo que não dá
581 para reunir nada. Mas fazemos sempre ali um *briefing*, "olhem, hoje vamos ter isto
582 assim, assim, há que destacar esta situação, vem aí não sei o que mais". Explicamos
583 sempre, vai haver uma reunião com não sei quem, vem cá a administração fazer tal,
584 pronto, alguma situação especial, senão, olhem, hoje temos um grupo que vem de
585 Lisboa, temos os idosos que não sei o quê, temos, há sempre motivo para diálogo.

586 **E:** E com as escolas? Elas também vos procuram?

587 **RSE6:** Com as escolas às vezes sim, às vezes, nem sempre, é muito raro, mas já tem
588 acontecido: os professores vêm preparar a sua visita de estudo. É raro, mas já...

589 **E:** Antes de virem com os alunos pela primeira vez?

590 **RSE6:** Já, é raro, mas acontece, já aconteceu algumas vezes. Os professores vêm,
591 fazem eles a visita, porque isto é na base dos conteúdos programáticos deles. Então,
592 os professores, depois nas aulas, já vão preparar os seus alunos para a visita de estudo
593 ao Centro. E estes alunos, claro que são alunos sempre muito motivados, que chegam
594 aqui com N perguntas, querem saber tudo e mais alguma coisa, que é totalmente
595 diferente daqueles professores que não preparam nada, "olhem, meninos, vamos para
596 a Campo Maior, vamos à Centro de Ciência do Café, vamos embora!" e eles estão-se
597 nas tintas, que às vezes são piores que os alunos, [risos] ..., às vezes é, às vezes
598 achamos que os professores também descarregam aqui os alunos "olhem, agora, [risos]
599 ..., resolvam-se com eles.

600 **E:** Mas já houve algum professor, não só professores, ou grupos particulares que vos
601 tenham pedido em específico para explorar determinada temática?

602 **RSE6:** Sim, às vezes pedem, e às vezes até pedimos, quando são muito relacionados
603 com a parte da produção e da logística e pedimos ajuda a colegas, a colegas de outras
604 áreas que vão falar com eles para o auditório e vão fazer apresentações e vão responder
605 a questões que a nós passam-nos um bocadinho...

606 **E:** Que são técnicas?

607 **RSE6:** São muito técnicas e nós não estamos preparados para isso.

608 **E:** Então, considera que há uma articulação também?

609 **RSE6:** Há, há, sempre que necessário, sempre que nos solicitam determinada área em
610 que nós não estamos capacitados para responder pedimos nós ajuda aos nossos
611 colegas.

612 **E:** E estava-me também a falar há pouco da conceção dos materiais, do vídeo que tinha
613 sido um colega.

614 **RSE6:** Sim.

615 **E:** É comum ser, ser assim? Ou...

616 **RSE6:** Sim. É comum. Em lugar de mandarmos produzir fora, se temos cá colegas
617 qualificados para isso, ainda hoje de manhã, houve, tinham estado a fazer, tinham feito
618 umas filmagens aí de uns eventos que houve e depois, na semana passada, houve um
619 colega, temos um colega de cinema, que também esteve a ver, esteve a fazer o filme
620 de toda aquela gravação que eles fizeram. De modo que hoje de manhã o nosso *briefing*
621 foi assim foi tomar um café depressa todos para o auditório e fomos ver a obra [risos]
622 ..., ontem combinámos logo, temos um grupo, combinámos logo "então e que tal no
623 *briefing* irmos ver os filmes que o João Nuno fez?", "excelente, vamos embora!", então
624 assim foi, fomos para o auditório fomos ver o trabalho que o colega esteve a fazer
625 porque depois eles fizeram as filmagens e ele depois dessas filmagens vai fazer, elabora
626 as partes interessantes e de tudo e elabora o filme e foi o que vimos e é bom, [risos]...

627 **E:** Acredito. Mas têm sempre como objetivo de comunicar aqui o tema, não é?

628 **RSE6:** Sim, sim. Tentamos sempre comunicar tudo, tentamos comunicar para que toda
629 a gente esteja ao corrente da situação.

630 **E:** E ainda voltando, particularizando esta questão da produção dos, dos recursos que
631 têm aqui. São sobretudo vídeos ou outro tipo de materiais, materiais didáticos também?

632 **RSE6:** Pois, então... além dos vídeos, são os computadores, os vídeos, a parte de som,
633 os áudios... e não sei se temos mais alguma coisa.

634 **E:** São muitos vídeos, com muita preparação também nos conteúdos, com muitas
635 leituras.

636 **RSE6:** São muitos vídeos, com muitas leituras.

637 **E:** Há algum responsável?

638 **RSE6:** E depois, quando um varia, temos logo ali técnicos, se avariou isto, técnicos. Às
639 vezes acontece, porque depois, ao ser tudo muito interativo, como também há muitas
640 visitas livres, às vezes andam ali uns... por exemplo, no café e cultura acontece imenso,
641 começam todos a mexer ao mesmo tempo e aquilo depois..., há ali... e depois quando
642 chego ali o cinema já bloqueou, já não passa, tenho que estar a chamar, pôr no grupo,
643 chamar o técnico e ele vai depressa, estabelece e fica tudo bem. Eles estão preparados
644 para solucionar todos os problemas que existem aqui com os nossos aparelhos.

645 **E:** Sim. Mas fazem algum tipo de pesquisa para produzir esses conteúdos?

646 **RSE6:** Sim.

647 **E:** Por exemplo, a Catarina tem algum tipo de preparação para fazer as visitas? Como
648 é que se prepara? É esse guião que me falou logo no início? Já há muitos anos de
649 experiência...

650 **RSE6:** Cristina.

651 **E:** Cristina, peço desculpa.

652 **RSE6:** Sim, mas é que eu como já trabalhei no outro espaço, repare, no outro espaço
653 eu tive que aprender o tema café que eu entrei para ali sem perceber nada, não é, e eu
654 acabei por, quando entrei para o Centro de Ciência, quando continuei no Centro os
655 meus conhecimentos de café já estavam, acabei por, sem querer, me adaptar ao sítio,
656 não é. Houve colegas que entraram, que não percebiam nada do tema, que nunca
657 tinham trabalhado nesta área, que tiveram que ter uma aprendizagem.

658 **E:** Pesquisar e estudar.

659 **RSE6:** Sim pesquisar e estudar.

660 **E:** E agora ainda em relação à participação...

661 **RSE6:** Estamos a aprender sempre, não é?

662 **E:** Claro, claro. E estávamos há pouco a destacar a questão das escolas e das visitas.
663 E tem alguma parceria formalmente estabelecida com alguma instituição de ensino? Já
664 me falou na universidade, mas a outro determinado nível, até o secundário?

665 **RSE6:** Não, parceria não, mas costumamos receber todos os anos alunos que vêm
666 estagiar cá. E temos sempre aqui formandos que estão em, que vêm estagiar.

667 **E:** E como vê essas parcerias, ainda que informais, como, de que forma?

668 **RSE6:** São importantes, olhe, uma das nossas colegas, aliás, temos aqui dois colegas
669 que estagiaram e ficaram cá. Um ali do Politécnico de Portalegre, que tirou Turismo e
670 outra de um curso destes mais profissionais, de 12º ano, que também da área de turismo
671 que depois também ficou cá.

672 **E:** E agora, em termos..., a visita de estudo seria a atividade com maior procura? A visita
673 de estudo ou a visita....

674 **RSE6:** A visita acompanhada, a visita guiada.

675 **E:** A visita acompanhada. E há algum constrangimento que detete na realização destas
676 atividades que resulte de... ou até do comportamento dos próprios visitantes ou...?

677 **RSE6:** Não, não, as pessoas normalmente..., os miúdos são muito irreverentes, não é,
678 às vezes não se portam logo todos bem e são crianças, são jovens e gostam de dar nas
679 vistas, gostam de chamar a atenção e gostam sempre de sair um bocadinho fora das
680 regras, mas no geral...

681 **E:** E no que respeita ao custo associado à visita, porque têm a bilheteira, digamos assim,
682 e há um custo associado. Acha que o facto de ter um custo, isso influencia o número de
683 visitantes?

684 **RSE6:** Não.

685 **E:** A procura do serviço?

686 **RSE6:** Acho que não, as pessoas..., nós sabemos que vamos visitar qualquer sítio,
687 paga-se, e acho que não.

688 **E:** E agora, centrando-nos mesmo na oferta educativa, como é que vocês estruturaram
689 todo o serviço? Em função..., acho que aqui, sendo uma empresa, é mais difícil... ou
690 aliás, têm um propósito que é comunicar a vossa marca, não é? Aquilo que fazem...

691 **RSE6:** É, comunicamos sem falarmos, repare, nós tentamos comunicar, passar o
692 conhecimento, passar... sem se falar diretamente em Delta, porque não precisamos,
693 não é?

694 **E:** Sim, é curioso, não aparece em sítio nenhum.

695 **RSE6:** Não, não precisamos de falar, falar Delta e vemos ali a chave na Delta à primeira,
696 vemos a lata também, mas está juntamente com outras, com..., não há necessidade de
697 ser, não é o Centro de Ciência da Delta, é o Centro de Ciência, porque pretendemos
698 que seja muito mais que Delta, do mundo, que seja um espaço de conhecimento, mas
699 do mundo.

700 **E:** E quem vem fazer a visita, independentemente da faixa de etária ou do meio onde
701 pertence, a visita é sempre igual?

702 **RSE6:** Não, temos de nos adaptar. É sempre diferente, é sempre diferente. Até podem
703 ser miúdos do mesmo ano, aliás, até pode ser o mesmo grupo dividido em dois, porque
704 depois quando vem um autocarro nunca podemos receber logo 50 numa visita guiada,

705 porque era demais, temos de dividir. São sempre visitas diferentes, porque as pessoas
706 também são diferentes.

707 **E:** Mas há o cuidado de adaptar?

708 **RSE6:** Sim, há o cuidado de adaptar a cada grupo. E depois uns porque querem saber
709 tudo, outros porque não querem saber nada, que ainda mal começámos já nos estão a
710 dizer que temos que sair daqui dentro de meia hora porque não temos tempo para nada
711 e temos que seleccionar o que é que neste curto período de tempo o mais importante
712 para eles conhecerem, temos de nos adaptar sempre.

713 **E:** Mas têm o cuidado, sobretudo na faixa etária?

714 **RSE6:** Na faixa etária.

715 **E:** No nível de escolaridade também?

716 **RSE6:** No nível de escolaridade.

717 **E:** Seria a vossa oferta...

718 **RSE6:** É consoante, se são os pequeninos, se já são os que estão no doutoramento,
719 consoante o grupo, assim também temos que estar nós preparados para a explicação
720 que vamos dar.

721 **E:** O nível de conhecimento?

722 **RSE6:** O nível de conhecimento, o interesse, claro, sem dúvida.

723 **E:** Ok. Agora aqui uma questão, mais em particular sobre o modelo pedagógico.

724 **RSE6:** Sim.

725 **E:** Se seguem algum modelo pedagógico, ou seja, em que é que se baseiam para
726 desenvolver toda esta oferta educativa?

727 **RSE6:** Não, não, baseamo-nos nos nossos conhecimentos. Eu acho que, como dei
728 aulas ainda uns anos, que isso também me ajuda, ajudou-me em termos de contacto
729 com os miúdos, com..., e também dei aulas a adultos também à noite, mas era mais
730 para complemento de horários. Mas, ajuda e a mim ajudou-me e ajuda-me e sem querer
731 também os colegas, porque sem querer também comigo também aprenderam muita
732 coisa, porque antes de começarem a fazer visitas acompanharam muitas das minhas
733 visitas, dei-lhes formação no início, portanto ajudei-os a crescer e a melhorar e eles
734 também me ajudam a crescer e a melhorar a mim, portanto acaba por ser..., não
735 seguimos propriamente ali um...

736 **E:** Mas as vossas visitas têm um modelo tradicional de professor/aluno, por exemplo,
737 ou é mais baseado na experiência?

738 **RSE6:** Não, é mais na experiência, até porque eles têm que interagir, não, é..., não, não
739 é bem o professor/aluno.

740 **E:** Não é esse modelo tradicional?

741 **RSE6:** Não.

742 **E:** É mais da prática?

743 **RSE6:** Não, é mais da prática, "Olhe, eu sou a Cristina e...", não.

744 **E:** Até pelo nome do próprio Centro, voltado para a ciência.

745 **RSE6:** Não..., claro, nem podia ser de outra forma, senão era tão moderno, nem tantas
746 coisas, e depois tão antigo de outras, [risos] ... [aparte – mais uma...]

747 **E:** [aparte – Obrigada] E agora, eu agora perguntava-lhe também se seguem algum
748 documento normativo na área, ou seja, se têm algum documento na área da educação
749 onde se apoiem para fazer tudo isto?

750 **RSE6:** Nada, nada, não temos nada.

751 **E:** Ok. E relativamente às aprendizagens, acha que as pessoas que vêm aqui levam
752 algum tipo de aprendizagem, resulta da vossa atividade algum tipo de aprendizagem?

753 **RSE6:** Olhe eu acho que sim, pelo menos tentamos. Eu penso que sim, pelo menos
754 dentro desta matéria, tema café, penso que sim. Esforçamo-nos bastante para isso, até
755 para encararem o café diferente do conceito de café que tinham antes de chegar cá.

756 **E:** Mas não aprendem só do café...? Também, acha que permitem, possibilitam a
757 realização de outro tipo de aprendizagens, não só com a história do café?

758 **RSE6:** Sim, não só com a história do café, mas..., eu penso que sim, acho que desde o
759 momento em que, até em termos do espaço museológico que estão a conhecer, sem
760 querer acabam por ser sempre uma fonte de conhecimento.

761 **E:** E no final das visitas, sente que as pessoas viram as suas necessidades satisfeitas,
762 em termos de conhecimento?

763 **RSE6:** Sim, sim, eu isso sinto.

764 **E:** E agora relativamente também à dinamização, nós já fomos falando, se calhar vamos
765 assim de forma resumida, passar por este aspeto que tem a ver com a dinamização das
766 atividades. Utilizam, voltando ainda à questão dos materiais, há outro tipo de materiais
767 que utilizam na dinamização das visitas? Para além de todo aquele...

768 **RSE6:** Não. O que às vezes usamos, mas pronto, faz parte do circuito, são grãos e
769 depois é tudo o que está à vista.

770 **E:** Que é muito.

771 **RSE6:** Que é muito, [risos] ... é bastante...[risos] ...

772 **E:** E a participação da comunidade, ela também vem participar com regularidade? É
773 chamada a participar?

774 **RSE6:** Às vezes convidamos, às vezes, se, já temos feito, tipo no auditório, já tivemos
775 ali sessões musicais e tudo, convidámos a banda, a banda, o rancho folclórico, já
776 tivemos ali teatro representado no auditório, pedimos à Companhia de Teatro de Campo
777 Maior que venha colaborar, já temos pedido, temos colaborado, pedido a colaboração
778 de alguns.

- 779 **E:** Como é que sente a participação de todos aqueles que vêm ao Centro, como é que
780 sente a participação?
- 781 **RSE6:** As pessoas vêm sempre porque querem, sempre por gosto. Nunca sentimos que
782 vêm obrigados a... não, as pessoas vêm por lançamento de livros e tudo, vêm porque
783 têm interesse em vir, gostam de vir, gostam de participar.
- 784 **E:** E produzem..., acho que já coloquei esta questão, se produzem algum tipo de
785 material que possam levar...
- 786 **RSE6:** Às vezes, por exemplo, se vem um folheto, uma coisa qualquer, quando vem
787 alguma exposição, por vezes mandamos fazer folhetos alusivos à exposição, levam um
788 folheto e pouco mais.
- 789 **E:** E ainda só para terminar esta questão aqui, não sei se, falou-me só nos guiões de...
- 790 **RSE6:** Do Centro.
- 791 **E:** Do Centro, fichas de atividade propriamente ditas não existem?
- 792 **RSE6:** Não, não existem.
- 793 **E:** E agora, em termos de programação das atividades, o Centro está aberto todo ano?
- 794 **RSE6:** Todo ano. Só encerra, encerra nos feriados e no 24 e 31 de dezembro e, pronto,
795 nos feriados, sempre que há um feriado, está encerrado, de resto está sempre aberto.
- 796 **E:** Então... mas todas as vossas, ..., têm exposições, agora centrando-nos na questão
797 das exposições, essas exposições são temporárias, permanentes?
- 798 **RSE6:** Muitas vezes são temporárias, a maior parte das vezes são temporárias.
- 799 **E:** E resultam de quê?
- 800 **RSE6:** De contactos, contactamos, convidamos a expor, outras vezes contactam-nos a
801 nós, mas normalmente somos nós que contactamos... para exporem aqui..., para que
802 o Centro fique também mais..., que atraia aquelas pessoas que já nos visitaram podem
803 continuar a vir à mesma vez visitar o Centro porque tem mais uma exposição temporária.
804 Nós no Antigo Museu também tínhamos um espaço que acolhia exposições temporárias
805 e era uma das coisas que tentávamos era dinamizar o local das exposições para que
806 os visitantes continuassem a vir mesmo já conhecendo o espaço, continuam a vir para
807 visitar a exposição.
- 808 **E:** E há alguma calendarização dessas, dessas atividades, dessas exposições em
809 concreto? Como é que são programadas?
- 810 **RSE6:** Às vezes há, às vezes há. Agora desta vez, quer dizer há e não há, porque agora
811 com isto do falecimento do Sr. Nabeiro, não sei se vamos alterar a nossa calendarização
812 e dedicar o espaço mais à sua memória, não é, e então não sei como é que a
813 administração depois quer fazer..., porque eu acho que por mim ficava..., existe tanta
814 coisa da parte dele que era interessante de se expor que podia ficar..., porque as
815 pessoas gostam muito de, vêm muito por ele, as pessoas vêm muito... por...
- 816 **E:** E ainda retomando aqui a questão..., também já me falou assim logo no início da
817 adequação das atividades às épocas festivas.

818 **RSE6:** É.

819 **E:** Também é um dos critérios a atender na calendarização?

820 **RSE6:** Sim, sim, claro, por exemplo, no Natal Presépios, Carnaval Máscaras, faz parte.

821 **E:** Para atrair...

822 **RSE6:** Para atrair visitantes na altura.

823 **E:** E em termos de política de divulgação destas atividades? O Centro é conhecido em
824 todo o lado, mas qual é a vossa política de divulgação?

825 **RSE6:** Olhe é muito o passa palavra. Visitou, gostou e passa palavra e diz aos amigos
826 e à família e..., acontece muito isso. Depois também temos, temos, estamos nas redes
827 sociais, Facebook, Instagram, temos uma colega dedicada...

828 **E:** Têm página mesmo do Centro?

829 **RSE6:** Temos página, temos uma colega que se dedica a isso, que trabalha não só,
830 trabalha aqui connosco, mas não está 100% no Centro, tem outras empresas para as
831 quais também trabalha, mas..., e que faz esse, essa publicidade.

832 **E:** Utilizam então sobretudo os meios digitais?

833 **RSE6:** Os digitais e depois aparecemos em algumas revistas.

834 **E:** E sente que essa política acresce valor, conseguem buscar mais clientes?

835 **RSE6:** Sim.

836 **E:** Resulta?

837 **RSE6:** Resulta, sim.

838 **E:** Ok. E também o responsável, disse-me que era de fora da equipa do serviço
839 educativo, mas tinha ligação aqui, agora fiquei...

840 **RSE6:** Quem?

841 **E:** Quem faz a divulgação? São vocês mesmos?

842 **RSE6:** Ah..., quem faz a divulgação em termos de redes sociais?!

843 **E:** Sim, de tudo, das vossas atividades no Centro?

844 **RSE6:** Sim, quem faz a divulgação, normalmente é através das redes sociais e, por
845 vezes...

846 **E:** Mas só, é alguém que trabalha aqui, não?

847 **RSE6:** Não, das redes sociais, trabalha aqui, trabalha aqui, mas depois tem várias
848 empresas para as quais trabalha.

849 **E:** Para o Grupo todo?

850 **RSE6:** Para o Grupo, não para o Grupo todo, para algumas empresas do Grupo.

851 **E:** E relativamente à avaliação das vossas atividades. Têm algum mecanismo em que
852 consigam recolher a opinião, as sugestões ou mesmo a avaliação da vossa visita, das
853 atividades que proporcionam?

854 **RSE6:** Olhe, temos ali o livro do elogio, [risos] ... há muitas pessoas que depois deixam
855 ali os comentários no livro do elogio, outras vezes por *email*, também recebemos com
856 muita frequência por *email*. Nas redes sociais, a nossa colega, que é a Mafalda, às
857 vezes no *briefing*, também nos informa, olhem, tivemos esta nota, este apontamento
858 destes senhores não sei quê, depois do outro também mencionou qualquer coisa. As
859 pessoas, por vezes, nas redes sociais também mencionam que estive no Centro no dia
860 passado e gostei muito disto, daquilo, do outro. O acolhimento é uma das coisas que
861 eles gostam muito e então...

862 **E:** E também ali na entrada têm lá um *guichet* para deixar a sua opinião...

863 **RSE6:** E ali também, sim, sim..., ali também podem deixar...

864 **E:** E de que maneira é que esses dados que recolhem essas opiniões ou sugestões são
865 tratadas? Se lhe dão algum tipo de tratamento? Se acham que é importante ou não?

866 **RSE6:** É importante, é, dão tratamento. Mais para os nossos colegas da parte da
867 multimédia, são eles que tratam depois disso, mas é importante sabermos como é que
868 estamos a evoluir.

869 **E:** E já aconteceu incorporarem algum dos contributos que deram?

870 **RSE6:** Sim, sim, às vezes quando há algo, qualquer situação que valha a pena,
871 aproveitamos sempre.

872 **E:** Mas tem em memória alguma?

873 **RSE6:** Não, mas sei que já aconteceu. Já aconteceu chamarem a atenção por qualquer
874 coisa e de melhorarmos.

875 **E:** E em termos de público-alvo, como é que caracterizaria esse público-alvo em termos
876 de faixa etária, género, formação, são sobretudo famílias, escolas, grupos?

877 **RSE6:** O nosso público?

878 **E:** Sim. A quem é que se direcionam?

879 **RSE6:** A todos, a todos. Mas depois é assim, é que nós recebemos, consoante a época
880 do ano, assim o Centro é invadido. Se estamos na época letiva, é mais pelos alunos, se
881 estamos numa época de férias, é mais pelos pais e os filhos, pelas famílias. Portanto, é
882 por isso que eu digo, a todos, porque eles todos cá vêm, venham em grupo ou venham
883 em família ou com o grupo de amigos, eles passam todos, vêm, o que é ótimo e é o
884 importante é que continuem a vir.

885 **E:** E eles voltam mais do que uma vez?

886 **RSE6:** E voltam, e voltam.

887 **E:** Ou é só pontual?

888 **RSE6:** Não, não e voltam. Às vezes é assim, às vezes vêm os filhos, o casal, depois
889 passado uns tempos vêm os filhos, mas já trazem os pais, depois, outras vezes, vêm
890 os pais, não com os pais, mas vêm com os primos ou vêm com os amigos, vêm. E nós
891 até gostamos de ter esse cuidado quando as pessoas nos dizem "olhe, estive cá no mês
892 passado, vim com não sei que mais, estivemos ou estive no outro mês", até temos o
893 cuidado de a essas pessoas que já cá estiveram, já nem cobramos, "então como já
894 estive, agora desta vez já não paga, desta vez não paga." A entrada é grátis, pagam
895 os outros senhores e os senhores não pagam. Temos esse cuidado.

896 **E:** Porque também trazem novos clientes...

897 **RSE6:** Porque trazem..., porque acontece muito, acontece muito. Às vezes não vêm só
898 uma vez com outros, vêm várias vezes, acontece muito.

899 **E:** E a afluência é em grande número ou não? Há picos também se calhar, como me foi
900 dizendo, não é?

901 **RSE6:** Sim, e há picos. O verão, os meses de verão, nós às vezes até pensamos, há
902 tanto calor no Alentejo, não temos praia aqui.

903 **E:** Está agradável, [risos] ...

904 **RSE6:** Mas em agosto, julho e agosto não é este tempo.

905 **E:** Não, mas aqui dentro está agradável, [risos] ...

906 **RSE6:** Aqui está, aqui está sempre agradável, mas pensamos, mas as pessoas em
907 pleno mês de agosto, com o calor de rachar vêm para o Alentejo passear? Porque
908 temos, notamos muitas famílias, porque nota-se muito, que as pessoas já não fazem só
909 as férias praia, fazem muitas férias praia, mas também fazem muitas férias para os
910 miúdos conhecerem além da areia e além do mar. Portanto, para também visitarem o
911 nosso país. Isso acontece muito, está a aumentar consideravelmente as famílias virem
912 com os filhos visitar assim o interior e conhecer, porque nós recebemos muita gente.
913 Claro que depois chegamos ao final do dia e não é assim, não tivemos cento e tal de
914 pessoas como às vezes temos num dia, não é, não é o caso porque não vieram em
915 autocarro, agora são três, daqui a pouco são cinco, depois são mais dois, depois é mais
916 um, depois é mais dez, depois é..., isto no final do dia, depois são em um 50 ou 60,
917 mas...

918 **E:** É espaçado.

919 **RSE6:** Espaçado, mas, mas, mas vêm de muitos sítios.

920 **E:** E como é que eles encaram a visita normalmente?

921 **RSE6:** Encaram, gostam, geralmente sempre gostam, porque quando precisam de algo,
922 quando não gostam de qualquer coisa porque ou não sabem como é que funcionam,
923 nós explicamos. Mas há pessoas que têm mais dificuldade e quando têm dúvidas,
924 quando são assim visitas, quando não há grupos e são mais os visitantes a circular nós
925 também vamos mais, passamos mais pelos sítios está tudo a correr bem, alguma dúvida
926 depende das pessoas, porque nota-se logo se querem...

927 **E:** Se querem também ser acompanhados?

928 **RSE6:** Logo de início percebe-se se precisam de ajuda ou se não precisam de ajuda.
929 Portanto, é muito giro trabalhar num sítio destes, [risos] ...

- 930 **E:** Acredito sim, e esta é uma excelente maneira de concluirmos, porque já estamos a
931 chegar ao fim, mas não queria terminar sem antes lhe perguntar se há algum aspeto
932 que queira esclarecer ou que não tenha referido.
- 933 **RSE6:** Não, não, acho que está focado, tocámos em todos os pontos.
- 934 **E:** Então, uma vez mais muito obrigada pela disponibilidade, pelo acolhimento.
- 935 **RSE6:** Obrigada também e um excelente trabalho, [risos] ...
- 936 **E:** Vamos ver se eu consigo.
- 937 **RSE6:** Esperemos que sim.
- 938 **E:** Vamos então dar por terminada a nossa entrevista. Obrigada!
- 939 **RSE6:** Obrigada também.

**APÊNDICE 13 – ENTREVISTA DO CENTRO DE ARTES DE
SINES**

Transcrição da entrevista n.º 7

Entrevistado	Liliana Rodrigues (com a participação de Cristina Fernandes)
Local da Entrevista	Centro de Artes de Sines
Data da Entrevista	25 de maio de 2023
Validação da Entrevista	Entrevista validada através de email datado de 14 de junho de 2023

1 **E:** Bom dia! Estamos no Centro de Artes de Sines para gravar a entrevista no âmbito do
2 projeto de Doutoramento em Ciências da Educação da Universidade de Évora, que tem
3 como objetivo geral conhecer e caracterizar o perfil pedagógico concretizado nos
4 serviços educativos de instituições não escolares na região Alentejo. E hoje estamos
5 com a Liliana, que me foi apresentada como sendo a responsável pelo serviço educativo
6 desta instituição. Já falámos há bocadinho sobre o que é que se pretende com este
7 projeto e agora começava, não sei se me quero colocar alguma questão?

8 **RSE7:** Não, não.

9 **E:** Então começava por conhecê-la melhor, nomeadamente o seu perfil. Que
10 habilitações académicas é que possui? Qual a sua área de formação?

11 **RSE7:** Já tínhamos falado um bocadinho, informalmente. Eu sou professora do primeiro
12 ciclo. A minha formação é professora do primeiro ciclo, nunca exerci porque nunca me
13 identifiquei com o sistema de ensino. E, então, no segundo ano do curso comecei logo
14 a direcionar-me para outra, para outra via, essencialmente educação pela arte e terminei
15 o curso e depois comecei a investir na formação a nível de serviços educativos na
16 cultura, na mediação cultural, na formação de públicos, na análise dos públicos da
17 cultura e acabei mesmo por fazer o mestrado em Ciências da Cultura, variante Cultura
18 Artística. Estou cá há 17 anos, a mesma idade de constituição do serviço educativo.

19 **E:** E em termos de categoria ou de carreira a que corresponde a sua função aqui na
20 instituição?

21 **RSE7:** Sou técnica superior da Câmara Municipal num estatuto muito baixinho [risos].

22 **E:** Sim.

23 **RSE7:** Sou técnica superior do serviço de cultura e património.

24 **E:** Ok e estava-me a dizer que já trabalhou, já trabalha aqui há 17 anos, mas teve
25 alguma experiência profissional noutra área?

26 **RSE7:** Estive na alfabetização de adultos e na formação, mas sempre a pensar nestes
27 caminhos, tanto que o Centro de Artes abriu em 2006 e em 2005 eu fiz o projeto para,
28 mesmo para os Serviços Educativos na Cultura e para o Centro de Artes, ou seja, o
29 projeto foi feito por mim e não foi bem recebido.

30 **E:** Quais foram os motivos que a levaram a exercer estas funções? Já me falou um
31 bocadinho, mas se puder detalhar...

32 **RSE7:** Em primeiro lugar, porque não me adequava, não me reconhecia com o contexto
33 escolar e as práticas que na altura estavam no sistema de ensino. E depois porque
34 achava que a educação dos nossos, dos nossos alunos e das nossas crianças era muito
35 mais rica se for, se fosse complementada pela arte. E foi isso que fizemos. Chamo a
36 Cristina também, porque a Cristina tem exatamente o percurso, também é parecido, a
37 Cristina também, primeiro...

38 **E:** Sim, e em termos de criação do serviço, há 17 anos que já existe?

39 **RSE7:** Sim.

40 **E:** Foi pacífica a criação? Como é que decorreu este processo de criação?

41 **RSE7:** Não, não foi.

42 **E:** Quais os motivos que levaram à criação deste serviço?

43 **RSE7:** Inicialmente, o Centro de Artes abriu com a exposição da Graça Morais e a
44 recetividade do público foi muito boa. Depois tivemos uma exposição da Marinha que
45 também foi muito boa. Só que depois o público deixou de vir com tanta frequência ao
46 Centro de Artes. Mas antes da abertura do Centro já tinha feito a apresentação do
47 projeto do Serviço Educativo e então o anterior executivo chamou-me para vir, a título
48 de estagiária, implementar algumas dinâmicas que, na altura, nem era constituído como
49 serviço nem era designado ainda como serviço educativo, era fazer algumas atividades
50 de mediação, nem era, nem era chamado de mediação, eram as escolas e famílias. Era
51 um programa Escolas e Famílias, era um conjunto de atividades que nos dedicaram
52 para dinamizarmos e para tentarmos que o público retomasse ao Centro de Artes,
53 porque a afluência foi muito grande, mas depois acabou por não haver continuidade. O
54 edifício em si, também colocou algumas, aqui alguns entraves, porque surge no centro
55 histórico, numa ligação entre a parte mais urbana e a parte histórica, então houve aqui
56 também algum atrito e alguma relutância em relação ao edifício. Nós costumamos dizer
57 que partimos pedra estes anos, literalmente, andamos a partir pedra estes anos,
58 conseguimos até ao 15.º ano já tínhamos ali um público fidelizado, já tínhamos uma boa
59 dinâmica, veio uma pandemia e tudo continuamos a partir pedra, foi um retrocesso
60 muito grande para nós.

61 **E:** E esse processo, então, há uma data da criação do serviço, está associado, do
62 serviço educativo propriamente dito?

63 **RSE7:** 2006 foi o ano seguinte, digamos assim, em junho de 2006, mais ou menos, sim.

64 **E:** E em termos de missão e das funções do serviço educativo? Em que é que consiste
65 essa missão?

66 **RSE7:** Nós existimos essencialmente para fazer a ligação entre as quatro valências do
67 Centro de Artes, o Centro tem o Auditório, o Arquivo Municipal, o Centro de Exposições
68 e a Biblioteca. E nós somos o serviço de mediação entre a instituição e a nossa
69 comunidade. Quando falamos em comunidade, não é só a comunidade escolar, são
70 todos. Nós já tínhamos falado informalmente que vamos desde os dos bebés até aos
71 100 anos, já tivemos 102, exatamente... [risos] por isso, a nossa missão aqui é mesmo,

72 para além de dar a conhecer a instituição, é também trazer a comunidade até à
73 instituição e fazer a ligação entre as diferentes áreas artísticas que nós congregamos.
74 Nós temos desde música, teatro, a dança, cinema, temos tudo a acontecer aqui. Não
75 temos uma programação estanque, nem temos uma exposição permanente, por isso
76 damos todo um dinamismo e todo um potencial para, para a formação de públicos e
77 públicos para a cultura e da cultura. E outra questão, nós queremos essencialmente e
78 ao longo deste processo, para além de usuários, utilizadores da cultura, nós queremos
79 cada vez mais ter co-produtores, ou seja, queremos que a nossa, a nossa comunidade
80 produza e apresente também as suas produções artísticas, ou seja, já temos esse
81 acrescentozinho, que queremos dar a oportunidade também de recebermos os
82 contributos, o retorno, digamos assim.

83 **E:** E essa missão está sistematizada nalgum documento, nalgum regulamento?

84 **RSE7:** Nós não temos regulamento, nós temos um, chamemos-lhe um... umas normas,
85 um normativo que tem os nossos objetivos, as nossas missões, tudo muito bem definido.

86 **E:** E esses objetivos passam muito por essa questão da criação dos públicos?

87 **RSE7:** Claro, exatamente, sim.

88 **E:** E eles são definidos anualmente, os objetivos, como é que se processa?

89 **RSE7:** Nós vamos adaptando, nós temos uma relação muito, muito aberta com a
90 comunidade, principalmente com a comunidade escolar, que já nos encara como uns
91 parceiros ativos e credíveis neste momento e vamos adaptando de acordo com as
92 necessidades dos nossos públicos, por isso, de dois em dois anos nós vamos sempre
93 adaptando. Temos reuniões anuais, nós temos os nossos, eu gosto de lhes chamar
94 conselheiros, sim, os nossos conselheiros, junto das escolas e junto das instituições.
95 Reunimos com eles regularmente, por exemplo, nas escolas os professores
96 bibliotecários são os nossos aliados, nas instituições, e os coordenadores de
97 departamentos também, mas, por exemplo, nas instituições nós temos sempre na
98 Universidade Sénior temos sempre duas ou três pessoas que são os nossos elos de
99 ligação, ou o presidente ou o delegado, mas eles são sempre os nossos, os nossos
100 parceiros e nós acabamos sempre por adaptar e adequar às necessidades dos nossos,
101 os nossos públicos. O objetivo é dar essencialmente a possibilidade de sermos
102 profícuos, de sermos uns elementos... não é só nós termos a nossa programação e eles
103 terem que encaixar na vida escolar ou na vida quotidiana de..., não, nada disso, nós
104 queremos articular, conviver aqui de forma harmoniosa.

105 **RSE7a:** Trabalhar em conjunto.

106 **E:** E relativamente ao enquadramento orgânico do Serviço Educativo, pertence a uma
107 Câmara Municipal, o que é que me pode falar sobre isso?

108 **RSE7:** Nós estamos inteiramente dependentes do senhor presidente, que é o vereador
109 também da cultura. Depois temos uma chefe de divisão e depois dentro da instituição,
110 neste momento não temos um diretor da instituição, reportamos tudo à senhora chefe
111 de divisão e eu sou a responsável pelo Serviço Educativo e articulo com todos, acabo
112 por articular com todos.

113 **E:** E voltando ainda um bocadinho atrás, à questão do manual ou normas e
114 procedimentos, esse manual está acessível, eu consigo consultá-lo?

115 **RSE7:** Nós vamos disponibilizar, eu coloquei numa *pen* toda a informação que nós
116 consideramos importante para este estudo, desde esse normativo à Carta Educativa
117 que nós redigimos com a comunidade escolar, a Carta dos Direitos da Criança e do
118 Jovem, que acho que é muito importante e acho que é um marco também da nossa
119 existência. Em 2010, criámos, construímos com todos a Carta dos Direitos da Criança
120 e do Jovem, dos direitos artísticos da Criança e do Jovem, foi revista em 2016 e 2018,
121 vamos proceder também à revisão da mesma agora. Coloquei também essas
122 normativas, coloquei as formas de comunicação, como é que, como é que podem, como
123 falar connosco, muitas vezes dizem “Ah, não consigo, não consigo falar com a
124 instituição”, nós temos de..., não são regras, nós temos instituído um número de
125 contacto, temos o *email*, sabem como sempre falar connosco, temos um dia da semana
126 em que falamos connosco, um grupo.

127 **E:** Relativamente ainda para fecharmos esta questão mais burocrática, em termos de
128 relatórios, planos, sem existem, como é que?

129 **RSE7:** Existem. Existe uma programação anual que é que assumida por toda, é redigida
130 por toda a equipa do Centro de Artes. Nós reunimos as várias valências e todos
131 colocamos naquele documento as nossas intenções, os nossos projetos, os nossos
132 sonhos para aquele ano. Depois também temos as diretrizes que vêm superiormente e
133 depois, mensalmente, temos os relatórios que nos quais colocamos os dados e todo o
134 produto final das nossas atividades e da nossa ação e que vai para aprovação em
135 sessão de câmara, apresentação e aprovação em sessão de câmara.

136 **E:** E como é que acha que o papel do serviço educativo é visto em relação à restante
137 instituição? Que relações é que estabelecem? Falou-me que têm aqui quatro valências,
138 não é? Existe alguma relação, como é que vê esta questão?

139 **RSE7:** Eu, há pouco, informalmente, dizia que nós somos os intrusos e é verdade. Nós
140 estamos um bocadinho em tudo. Nós estamos, nós somos um polvo, estamos aqui com
141 vários tentáculos, não só dentro da instituição. Temos quatro, quatro tentáculos,
142 digamos assim, que são os tentáculos mãe que é o Arquivo, a Biblioteca, o Auditório do
143 Centro de Exposições. Também temos a componente do património, porque
144 trabalhamos também com a Casa Museu Vasco da Gama e com a Casa de Memória,
145 um projeto que desenvolvemos, estamos a desenvolver. E depois trabalhamos também
146 com os outros serviços da autarquia, com o Serviço de Ambiente, Desporto. Agora, este
147 ano vamos pela primeira vez fazer, formalizar uma relação que já existe com o desporto,
148 porque às vezes acham que cultura e desporto não coabitam bem, não conseguem e
149 nós vamos mostrar que, pelo contrário, que conseguimos fazer um plano de iniciativas
150 para o mês de agosto e que diz mesmo que o concelho é muito mais do que o desporto,
151 o concelho de Sines para além do desporto. E temos trabalhado muito com o desporto.
152 Temos, por exemplo, uma colaboração que nos agrada bastante, que é a colaboração
153 da biblioteca com o “Diabetes em Movimento”, Ambiente...

154 **E:** Mas a relação que existe entre vocês, o serviço educativo, e o resto da entidade, qual
155 é a perceção que têm?

156 **RSE7:** Não vamos ser modestas, achamos que é fantástica, incrível e maravilhosa.
157 [risos] Não, não, é boa, nunca tivemos problemas.

158 **RSE7a:** Eles próprios nos chamam, se nos chamam é porque é bom.

159 **RSE7:** Exatamente, exatamente. Aqui internamente sabemos que somos uns bons
160 parceiros e que contam connosco. A restante entidade, acho que sim, acho que
161 também.

162 **RSE7a:** Se vão continuando a chamar é porque sim.

163 **RSE7:** Exatamente.

164 **E:** E para fazer tudo o que vocês fazem é necessária uma equipa.

165 **RSE7:** Vastíssima.

166 **E:** Eu agora gostava que me falasse como é que é constituída esta equipa, o número
167 de trabalhadores, a área de formação.

168 **RSE7:** Ah pois, sou eu, a Cristina, não, eu neste momento faço a coordenação do
169 serviço e também faço as atividades relacionadas com as artes plásticas e visuais, as
170 visitas... ah, uma particularidade que eu gostava muito de frisar nesta entrevista e que
171 nos diferencia das outras instituições, nós não fazemos visitas guiadas, fazemos visita
172 atelier, ou seja, visita atelier, ou seja, quem vem fazer uma visita, desde que seja a visita
173 do “Centro p’ra Dentro”, que é a visita que nós temos sempre e que acontece desde
174 2006, foi a primeira atividade que colocámos em prática. Essa iniciativa do “Centro p’ra
175 Dentro” nós pegamos, por exemplo, num livro e fazemos a ligação entre esse livro, a
176 biblioteca, as restantes valências e convidamos todos a fazer o percurso que eu fiz
177 consigo, a conhecer o edifício a partir de uma obra, através de, tanto uma obra literária,
178 como pode ser uma obra, uma pintura, uma música e fazemos este percurso. Depois
179 as restantes visitas que nós fazemos no âmbito do Centro de Exposições e das coleções
180 que recebemos, são visitas atelier, ou seja, nós dedicamos sempre um espaço para que
181 o visitante possa experienciar, nem que seja a utilização de um material diferente, um
182 tipo de papel, não sai daqui sem fazer, sem produzir alguma coisa, que era sempre um,
183 alguma coisa, um objeto artístico. Era o que eu estava a dizer é que nós queremos cada
184 vez mais potenciar a pessoa a criar, a experimentar, exatamente, nós temos os dias de
185 criação e experimentação, também foi uma das primeiras iniciativas que colocámos em
186 prática que o objetivo era isso mesmo, era, nós somos um Centro de Arte, a arte vive
187 aqui dentro e ainda existe aquela relutância em relação à arte, “a arte não é para mim,
188 eu não sou artista, eu não sei desenhar”, por exemplo, nós temos uma frase que é “toda
189 a gente sabe desenhar a seu jeito, mas sabe, toda a gente sabe desenhar”, aqui não
190 existe quem nos diga “ah, eu não sei desenhar ou eu não sei contar histórias”, sabemos
191 um bocadinho mais rápido, mas sabemos [risos], todos nós sabemos, acabamos é por,
192 ou seja, ...[risos]

193 **RSE7a:** Demorar mais ou menos tempo... [risos]

194 **RSE7:** É isso mesmo. E a questão aqui é mesmo a experimentação, o dar a
195 oportunidade de arriscar, de arriscar, por isso, nas nossas visitas, queiram ou não, são
196 convidados a arriscar, independentemente da idade. E muitas vezes a atividade que
197 fazemos, por exemplo, com o público escolar, é a mesma que fazemos com os seniores,
198 porque eles nunca fizeram aquilo, porque não conheciam, porque na altura deles não
199 existia, porque não estavam predispostos para tal e acabamos sempre por...

200 **E:** Mas se pudermos voltar ainda à questão da equipa, a situação da equipa na área de
201 formação?

202 **RSE7:** Sim, fala tu, Cristina.

203 **RSE7a:** Eu falo por mim. Eu integro a equipa em 2009, mesmo em dezembro de 2009
204 e continuo sempre. Sou professora do primeiro ciclo também como formação base.
205 Exerci em escola e exerci durante alguns anos em escola, em sala de estudo, mas
206 também como fazia teatro amador desde os 17 anos sempre direcionei a minha prática
207 toda para a educação pela arte e era muito estudiosa dessa área, sempre em auto-
208 estudo. Entretanto, quando acabei a licenciatura em primeiro ciclo, em professora,
209 pensei que não estou preparada para tudo, embora tenha feito sempre as duas
210 formações, vá, em teatro e em educação, teatro mais à base da formação e dos
211 *workshops* e formações e fui estudar mais as necessidades educativas especiais,
212 porque o meu foco inicial era trabalhar teatro no ensino especial. Em Portugal, não havia
213 esse mestrado nem nada, então optei por fazer o meu caminho e quando em 2002
214 ainda, eu não sou de cá, sou de Alverca, ainda estava a trabalhar lá, ainda não me tinha
215 mudado para Sines, comecei no mundo das histórias, quando ainda só grupos de teatro
216 é que iam às bibliotecas, foi quando começaram a ser contratados para as bibliotecas e
217 nós começámos, um grupo de amigos do teatro, mas com formação na área, uma na
218 área da literatura e eu como professora, começámos a contar histórias fora do nosso
219 serviço e a ganhar bom dinheiro com as histórias que hoje em dia não, eu ganhava o
220 mesmo que depois vim ganhar aqui como, por cada sessão, que depois vim ganhar aqui
221 como trabalhadora mesmo da coisa, o que me fez querer estudar mais formalmente a
222 área que eu estava a desenvolver. Trabalhei também como mediadora de leitura e na
223 parte de animação de bibliotecas escolares, lá também, na biblioteca da escola do
224 primeiro ciclo do Forte da Casa que tinha uma biblioteca assim, já com ligação à *internet*
225 e foi o meu primeiro trabalho, mesmo depois de tirar a licenciatura e depois vim para
226 Sines e quando cheguei a Sines tentei ser professora e foi aí que comecei, porque era
227 a minha formação, não é, é um sítio mais pequeno, o Centro de Artes estava, ainda não
228 estava construído, foi nesse ano.

229 **E:** Mas a Cristina já está aqui nestas funções desde quando?

230 **RSE7a:** Desde 2009, desde 2009. Comecei por trabalhar com a Liliana nessa primeira
231 parte do Serviço Educativo, porque quando saí da sala de estudo comecei a dar AEC's
232 na área da expressão dramática como professora, então eu vinha como professora,
233 vinha com os meus alunos, tenho um Centro de Artes, bora lá. Vinha com os meus
234 alunos fazer as atividades com a Liliana e a Albina que na altura também fazia parte da
235 equipa na área da dança, já não trabalha connosco, e, em 2009, estava já a fazer o
236 Mestrado em Arte e Educação surgiu a oportunidade de vir para aqui substituir a pessoa
237 que estava a contar histórias. E foi essa rapariga, a Aldina, que disse "tenho a
238 pessoa indicada para vir para aqui com o currículo perfeito para vir para aqui, que está
239 a tirar o mestrado comigo" e, então, foi aí que integrei e comecei a trabalhar aqui a
240 recibos verdes até há cinco anos atrás e depois entrei nos precários do Estado, porque
241 foi sempre uma grande luta e acho que estive um ano a contar histórias e no ano a
242 seguir integrei logo e não sei se no mesmo ano, [risos] porque nós as três
243 conversávamos muito, íamos tomar café, e tínhamos as três a mesma visão das coisas
244 e então comecei a trabalhar com a Liliana e com a Albina e agora estou só com a Liliana,
245 não é, cada uma na sua valência, eu sempre na valência do teatro e da contação e ...

246 **E:** E essa era precisamente a questão que eu ia colocar. Que funções é que competem
247 à equipa do Serviço Educativo, se há diferença?

248 **RSE7:** Nós temos uma assistente técnica connosco, temos a Ana Dias, sim, e temos
249 também neste momento o diretor técnico que também se junta a nós porque tem a

250 componente da música. Eles são os dois músicos, então acabámos também por chamar
251 aqui os colegas para se juntar a nós, ou seja, somos uma equipa pequenina, mas que
252 se complementa, porque interage.

253 **E:** E polivalente?

254 **RSE7a:** Polivalente, muito polivalente.

255 **RSE7:** E depois temos todos os restantes colegas da instituição que se juntam a nós e
256 que dão os seus contributos, sempre que é preciso. E depois conseguimos, como todos
257 temos áreas de interesse e de formação diferentes, eu tenho a parte da componente
258 das artes visuais, a Cristina o teatro, tínhamos a Albina e a Ana Pontes na dança, depois
259 temos o Pedro e a Ana na música, depois temos sempre os colegas da Biblioteca, temos
260 os colegas do Arquivo, temos os colegas do Museu, ou seja, temos os colegas da
261 comunicação e imagem da Câmara Municipal com quem trabalhamos imenso, com o
262 Diogo e a Sofia a nível de imagem e do vídeo e fotografia, ou seja, internamente nós
263 conseguimos...

264 **RSE7a:** Às vezes ter uma vasta equipa.

265 **E:** Então, se me tivesse de sistematizar em termos de equipa, em termos de número?

266 **RSE7:** Não, isso somos só três, eu, a Cristina e a Ana Dias que é assistente técnica.

267 **E:** A Cristina, a Liliana e a Ana Dias, mas depois vão buscar a outros lados, ok. E
268 avançando aqui um bocadinho, íamos falando mesmo nesta questão da polivalência, a
269 escolha dos trabalhadores, digamos assim, para determinada atividade, é feita em
270 função de que critérios?

271 **RSE7:** De quem se adequa, nós, imagine, hoje temos uma iniciativa relacionada com
272 as comemorações do Dia de África. Fomos, para além de irmos aos parceiros mais
273 válidos, a Associação Cabo-verdiana, temos também o colega do vídeo que fez todo o
274 processo de contratação e contactos com a produtora para que pudéssemos ter o
275 documentário cá hoje e até uma mensagem da própria realizadora e tudo mais, ou seja,
276 nós, de acordo com a iniciativa, vimos internamente, a nível da Câmara Municipal, quem
277 é que nos pode ajudar.

278 **E:** E do vosso ponto de vista, os membros que integram a equipa são suficientes? Há
279 necessidade de mais?

280 **RSE7:** Há. Somos muito bons. [risos] E às vezes conseguimos coisas que nós próprios
281 achávamos que conseguíamos. [risos], mas... que falta de modéstia! [risos]

282 **RSE7a:** Não, não é uma questão de falta de modéstia. Não estou a dizer que a coisa
283 feita e é a melhor de todas, mas às vezes são tantas atividades umas atrás das outras,
284 como é que nós conseguimos ter a cabeça e sorrisos? Porque estamos sempre em
285 contacto com o público e um público não pode ser culpado ou levar com a minha, com
286 o meu cansaço ou com a minha má disposição ou o que for e eu tenho que estar igual
287 para todos e como é que às vezes, no meio de tantas atividades, nós conseguimos a
288 mudança de registo.

289 **RSE7:** Não, não. Nós precisamos muito, muito de mais do reforço da equipa. Mas
290 também temos a possibilidade de contratar.

291 **E:** Era precisamente aí que eu estava, há necessidade de recorrer à contratação
292 externa? Também a questão das parcerias de que maneira funcionam?

293 **RSE7:** Sim, há e é isso é uma mais valia para nós. Para além de, neste momento, já
294 conseguirmos ter alguma credibilidade, já nos é atribuído uma verba um bocadinho
295 maior, mas mesmo assim recorremos muitas vezes aos nossos parceiros na
296 comunidade e à contratação de serviços em coisas externas, a prestadores de serviços.

297 **E:** E aí pesa algum critério na escolha desses prestadores de serviços? Alguém com
298 quem já tenham trabalhado?

299 **RSE7:** Por vezes, às vezes. A maior parte das vezes sim. Mas, por exemplo, as
300 companhias de teatro, os contadores de histórias, até mesmo um mediador, um
301 dinamizador num *workshop*, acabamos sempre por, de acordo com as propostas.

302 **RSE7a:** De acordo com os objetivos da atividade que queremos proporcionar.

303 **E:** Sim, e agora isso leva-nos precisamente à questão financeira, não é? Que meios têm
304 aqui? Vamos começar primeiro pelo edifício, não é, que é um espaço dedicado ou são
305 o tal polvo que se vai espalhando, não é? Mas que é como é que me descreveria este
306 espaço e onde é que decorrem as atividades que vocês realizam?

307 **RSE7:** Somos um pouco os ocupas [risos], os ocupas, porque acabamos por estar em
308 todo o edifício, pode-nos encontrar desde a porta de entrada até no palco do auditório,
309 no camarim, na garagem também já fizemos N iniciativas nos espaços mais
310 improváveis. Mas nós temos uma sala de ateliers, que são as salas de criação e
311 experimentação, temos a *Black Box*, que também é uma sala polivalente, até porque
312 tem um espelho, é insonorizada, é a única sala insonorizada que temos, [impercetível],
313 ou seja, para atividades performativas é a melhor sala. Depois temos o Pátio das Artes,
314 que é para atividades no exterior, para famílias, para final de tarde, são sempre, sempre
315 os espaços que nós utilizamos. Temos o espaço da hora do conto, um espaço de
316 mediação de leitura, que fica inserido na Biblioteca, inserido na parte infantil, temos a
317 bebeteca.

318 **E:** Todos esses espaços são utilizados para a realização das atividades?

319 **RSE7a:** Sim, o Centro de Exposições também.

320 **RSE7:** Temos um pequeno átrio do Arquivo Municipal que também utilizamos.

321 **E:** E existe algum percurso predefinido nas vossas atividades? Como é que funciona?

322 **RSE7:** Não, nós, como eu estava a dizer, até mesmo na primeira visita do “Centro p’ra
323 Dentro”, nós pegamos, imagine que temos uma peça muito significativa no átrio do
324 Centro de Artes, nós partimos dessa peça para fazer a visita. Imagine, como agora que
325 temos o projeto do Aquilino Ribeiro, pegamos no livro do Aquilino para fazer o percurso,
326 ou existe o documento do mês do Arquivo Municipal e o público adequa-se, é um público
327 sénior, é um documento da época deles, pegamos nesse documento e fazemos a visita.
328 Não existe uma visita estruturada.

329 **E:** É sempre aquela questão da visita atelier em que partem de um objeto ou do que
330 que quer que seja e depois exploram.

331 **RSE7a:** Mesmo quando é só uma visita até articulamos entre as duas e se os miúdos
332 têm necessidade de lanchar ou não, onde é que vamos parar? Mas é uma coisa
333 articulada entre as duas, tipo meia hora antes ou no dia anterior.

334 **E:** E em termos de materiais, que materiais é que vocês têm para trabalhar nas vossas
335 atividades?

336 **RSE7a:** Eu estou numa biblioteca e tenho todo o material do mundo e quando não há
337 aqui, peço e compra-se. [risos] Portanto, eu tenho sempre material, na parte da
338 contação de histórias, na mediação de leitura.

339 **RSE7:** Na questão das artes visuais, nós também adequamos sempre à exposição que
340 vamos receber, por exemplo, agora temos uma exposição de desenho, conseguimos
341 adquirir algum material relativo, relacionado com a componente de desenho, quando é
342 escultura também, ou seja, já temos algum espólio, digamos assim, de material, mas
343 também temos uma pequena verba para aquisição de materiais, pequena verba.

344 **E:** Mas existe!

345 **RSE7:** Existe, existe.

346 **E:** E esses materiais e esses equipamentos que vocês têm são fundamentais ou são de
347 suporte às atividades?

348 **RSE7:** São de suporte, são de suporte, porque, por exemplo, a exposição só por si, a
349 visita à exposição seria válida na mesma, claro que com os materiais e com a
350 possibilidade da experimentação fica mais rica, mas seria válida na mesma. Da mesma
351 forma que a Cristina, os livros que temos aqui, embora ela gostasse de uma novidade
352 é que essa novidade nós pudéssemos adquirir, mas se lhe pedíssemos uma hora do
353 conto ela tem aqui material para...

354 **RSE7a:** Às vezes nem é preciso ir pelas novidades porque é aquilo que me interessa
355 ou porque é um tema que eu quero abordar ou porque a escola me pediu, nessas
356 reuniões anuais, a escola às vezes pede para fazermos a hora do conto consoante o
357 tema do ano deles e, então, aí também posso adequar.

358 **RSE7:** Nós recebemos em julho, recebemos toda a programação, toda a planificação
359 das escolas e das instituições e a partir daí para nós, é muito mais fácil conseguir
360 adequar.

361 **RSE7a:** Às vezes, por exemplo, conto as histórias consoante as temáticas, outras vezes
362 não.

363 **E:** Sim, e também já me falaram disto, mas eu queria explorar um bocadinho mais esta
364 questão. Veem-se mais como meros apresentadores de um tema ou a questão da
365 experimentação, da exploração, o que me podem dizer?

366 **RSE7a:** A experimentação, sempre, nisso pensamos as duas, nem precisamos olhar
367 uma para a outra, porque a base do nosso trabalho será sempre a experimentação, por
368 isso é que eu nem sempre concordo com as temáticas, concordo em fazer, não tenho
369 que concordar ou não, concordo em fazer histórias ou horas de conto, porque eu faço
370 uma hora do conto por período, ou seja, as escolas vão entrar três vezes por ano letivo,
371 todas as turmas de IPSS's, privados e públicos, pré e primeiro ciclo. Vamos também às
372 escolas no "Conta-me histórias daquilo que eu li", vai do quinto ao 12.º ano, mas aí já

373 vou com a equipa dos músicos e já é outro tipo de histórias, mais lendas e contos do
374 mundo e contos tradicionais também, que é, ou às vezes, coisas que os professores
375 nos pedem, os excertos de algum autor, às vezes aí é a mesmo com a professora
376 bibliotecária que nos faz uma ementa e nos pede, este ano quero isto e isto e aquilo.
377 Em relação mesmo à sala da hora do conto, também vai muito pela experimentação,
378 porque, por exemplo, eu não mostro as ilustrações a contar histórias, só no fim e aí
379 podem ser eles a contar a história que interpretaram, sim.

380 **RSE7:** Outra questão, nós temos para além de, já frisei, temos os “Percurso Culturais”
381 que são para os seniores e para os jovens que estão associados a projetos de apoio,
382 temos dois projetos que é o “Pré-CAS” em que os miúdos do pré-escolar vêm três vezes
383 por ano ao Centro de Artes para perceber, a introdução ao mundo das artes, desde os
384 três anos que vêm com a escola à aventura do autocarro. E nós esperamos sempre que
385 seja mais significativa a visita do que propriamente o percurso de autocarro [risos] é
386 difícil, é muito difícil às vezes concorrer com o autocarro, é muito difícil. [risos]. Quando
387 eles chegam a casa e contam que “vi esta exposição no Centro de Artes”, como a outra
388 menina que disse que tinha visto uma Joana Vasconcelos no Centro de Exposições e
389 esqueceu-se da parte do autocarro, já foi muito bom [risos], tinha três anos, por isso foi
390 muito significativo. Temos outra atividade que é o projeto “Deslocar”, em que os
391 professores nos contactam e dizem “Olha, tenho este conteúdo para trabalhar, mas, por
392 exemplo, geometria,... tenho este conteúdo para trabalhar, mas não quero trabalhá-lo
393 em sala de aula, então planificamos uma atividade e a atividade decorre dentro do
394 Centro de Artes, a maior parte das vezes no centro de exposições.

395 **RSE7a:** Já me aconteceu também com as histórias, mas a maior parte é no Centro de
396 Exposição, e com as histórias o público é mais novo.

397 **E:** Aqui, para fecharmos mesmo esta questão do orçamento. Têm algum orçamento
398 próprio? Como é que essa questão funciona?

399 **RSE7:** Temos, já temos. Fazemos parte de uma rubrica, já fazemos parte de um centro
400 de custos e já fazemos parte de uma rubrica da Câmara Municipal, desvinculada do
401 Centro de Artes, já temos uma própria.

402 **E:** E em termos de fontes de financiamento, para além dessa receita que vem do
403 orçamento da Câmara, existe algum mecenato? Receitas próprias? As atividades são
404 de utilização gratuita?

405 **RSE7:** A maior parte, sim, 99% são.

406 **E:** E acham que esses recursos que vos são afetos são suficientes ou há necessidade
407 de reforço?

408 **RSE7:** Há muita necessidade, há sempre necessidade.

409 **RSE7a:** Sim, há sempre, nós queremos sempre fazer mais. Nós só fazemos, por isso é
410 que às vezes dizemos que fazemos omeletes sem ovos, nós só fazemos o que fazemos
411 porque monetariamente não conseguimos mais, porque se calhar se tivéssemos mais
412 dinheiro ainda fazíamos mais, não sei como é que iríamos acabar. [risos]

413 **RSE7:** Não, nós também conseguimos ver, nós não temos o apoio monetário, mas, por
414 exemplo, temos o apoio das associações que acabam por também a nível de pessoal,
415 a questão da comunidade aqui na questão as sala da hora do conto em que a

416 comunidade se juntou e foi um pai que nos auxiliou, mas foi um episódio muito feliz mas
417 esporádico, excepcional, mas não, conseguimos junto das associações também que nos
418 apoiam como por exemplo a “Arte Velha”, a Associação Cabo-verdiana...

419 **E:** Não houve mecenato propriamente dito, mas já um apoio outro de outra natureza.

420 **RSE7:** Exatamente. Mas a nível monetário precisávamos, precisávamos, logicamente,
421 sim.

422 **E:** Agora, centrávamo-nos mesmo nas atividades, sei que já fomos falando, mas agora
423 em detalhe mesmo, a natureza e o tipo de atividades que são aqui promovidas. Já
424 falámos na questão da visita atelier.

425 **RSE7:** A visita atelier, temos os “Percurso Culturais”, temos de o “Pré-CAS”, temos a
426 experiência “Deslocar”. Estas são sempre as regulares, as base, temos o projeto de
427 cinema com o Plano Nacional de Cinema. Temos a mediação de leitura, onde temos a
428 hora do conto, para pré-escolar e primeiro ciclo, temos o “Conta-me histórias” até ao
429 12.º ano e temos o CRIA. O projeto CRIA que é para famílias e que já vem de outro
430 projeto que nós não tínhamos. Nós fazemos parte da Rede de Bibliotecas da UNESCO
431 e a partir de 2010-12, que criámos os “Encontros de Arte e Educação”. Era um encontro
432 que nós fazíamos de dois em dois meses e já tínhamos um público bastante fiel e
433 bastante conhecedores já da área, mas era público, população ativa e essencialmente
434 agentes da comunidade educativa, faltava-nos a componente das famílias e então
435 criámos o “Bebés e famílias às artes”.

436 **RSE7a:** Antes, a Semana de Educação Artística.

437 **RSE7:** A Semana de Educação Artística e depois criámos o “Bebés e Famílias”, que
438 durou durante muitos anos, não consigo contabilizar, porque era mesmo para colmatar
439 esta falha, esta lacuna que tínhamos aqui de um público mais jovem. Depois, com
440 “Bebés e Famílias” conseguimos a nossa integração também junto da equipa de saúde
441 materna do Centro de Saúde e começámos a trabalhar mesmo com mães grávidas,
442 bebés acabados de nascer, com as famílias com bebés e depois veio a pandemia e
443 tivemos que reformular a nossa comunicação.

444 **RSE7a:** E abranger já para a segunda infância, porque o “Bebés e Famílias às artes”
445 era direcionado mesmo à primeira infância, era quase uma extensão, vá, mais elaborada
446 deste projeto no Centro de Saúde, nós trabalhávamos com bebés a partir de um mês
447 de idade.

448 **E:** E que tipo de atividades concretamente é que fazem nestes casos, por exemplo?

449 **RSE7a:** Todas. [risos] De contação de histórias, visitas atelier também, mais reduzidas,
450 mas também, atividades de experimentação, muitos espetáculos também, teatro para a
451 infância, dança para a infância, música e vocalizes para bebés. Na altura, também
452 fazíamos nós mesmo, íamos mesmo às creches, nós íamos às creches duas vezes por
453 semana fazer música e vocalizes para bebés e a Liliana também ia fazer os ateliers de
454 arte contemporânea para bebés, era isso, ou seja, nós antes de irmos para o Centro
455 passávamos sempre pelas creches e só aqui às dez da manhã é que nos
456 encontrávamos para começar a contar histórias ou a fazer visitas e depois saíamos e
457 íamos aos espaços seniores contar histórias aos seniores e depois íamos à escola
458 secundária, ou seja, passávamos por uma vida inteira a nível de gerações.

459 **RSE7:** Tínhamos uma dinâmica de 1.200 utilizadores por mês, mas sim, agora mudou
460 um bocadinho. Mas estava a dizer, a questão da pandemia mudou tudo, mudou tudo.
461 Fez-nos deixar de 15 anos de existência, para além da nossa equipa ter também perdido
462 um elemento e a componente da dança ficou um bocadinho de parte, embora nós
463 tentemos sempre colmatar com serviços que contratamos para que não haja essa
464 lacuna tão significativa, mas houve aqui um retrocesso enorme. Nós voltámos a ter que
465 ir buscar públicos. Neste momento, o que nós estamos a fazer é mesmo a pura e dura
466 formação de públicos, a captação e formação de públicos, ou seja, foi um grande
467 retrocesso para nós. Já não temos a mesma energia, mas chegaremos. Mas, é verdade,
468 foi um enorme percalço no nosso percurso, porque tínhamos a casa toda organizada e
469 de repente caiu-nos tudo. Agora o CRIA, foi do querer, eu “cria, cria muito”, não, estamos
470 a brincar, não, vem do conceito de criar, da criatividade, da criança e de tudo mais, mas
471 está a ser um bom programa, porque é constituído por seis sessões que decorrem de
472 novembro até abril, cinco sessões que decorrem de novembro até abril e em maio temos
473 a sexta sessão que é mesmo um programa intensivo de atividades para a família e para
474 as escolas em que juntamos todos aqui, todos os agentes aqui e tem vindo a funcionar
475 muito bem estes dois anos, tem vindo a funcionar muito bem, conseguimos aqui uma
476 boa, uma boa cadência junto das famílias. Vamos ver lá ver daqui para a frente que...

477 **E:** E como é que corre todo o processo de planificação e conceção das atividades, como
478 é que chegaram a essas questões?

479 **RSE7a:** Começa tudo em julho com essa reunião. Nós temos os nossos sonhos
480 individuais e os nossos projetos, uns que não queremos largar, outros que queremos
481 modificar e outros que queremos implementar e, em julho, quando recebemos a tal
482 ementa das escolas que vai do pré-escolar até ao secundário, tentamos realizar sonhos
483 das escolas [risos], coadunados com os nossos e é por aí que vamos tentando fazer,
484 “olha, se neste mês é isto” ... e às vezes mesmo, como nós costumamos dizer, em partir
485 pedra com os professores e com os professores bibliotecários também nascem coisas.

486 **RSE7:** Porque também não pode ser muito, eu costumo dizer que nós temos uma
487 programação em que damos com uma mão e tiramos com a outra [risos], e muitas vezes
488 nós sabemos que o percurso ou que o caminho não é por ali, mas sabemos que se
489 formos por ali vão connosco, então, temos que dar aquela atividade, fazer aquela visita,
490 fazer aquela exposição, receber cá que é para depois, mais à frente, dizer, “mas também
491 existe esta opção”.

492 **RSE7a:** Nós fomos convosco aí, venham lá connosco aqui.

493 **RSE7:** Exatamente, do género, às vezes até nos podem dizer, mas vocês tiveram aí
494 uma exposição que não tem nada a ver com a linha que têm vindo a trabalhar, mas foi
495 necessária. Foi necessário, porque aquela exposição, aquele momento em que
496 expusemos o trabalho daquele elemento da comunidade, por exemplo, o ano passado
497 recebemos uma exposição de desenho de um aluno da escola. Essa exposição trouxe-
498 nos N elementos da escola, porque vinham ver o trabalho do Henrique. Este ano tenho
499 cá uma exposição de desenhos, já disse “venham lá ver”, é um bocadinho, vamos
500 experimentar, vamo-nos desafiar um bocadinho mais, ou seja, é balancear. Em julho e
501 agosto é quando nós paramos para planificar.

502 **E:** Mas é uma planificação individual, em equipa, conta com a participação de terceiros.

503 **RSE7:** Em equipa, conta com a participação de terceiros.

504 **RSE7a:** Sim, sim. E é nessa altura que vamos falar com os terceiros a dizer agora vamos
505 ter isso, vocês não querem colaborar connosco?

506 **E:** Mas concretamente quem? As escolas?

507 **RSE7:** Às vezes associações, às vezes associações. Mas as escolas sim, estamos a
508 trabalhar sempre em conjunto, mas às vezes mesmo associações. Nós temos, por
509 exemplo, os Skalabá Tuka, que é percussão, um grupo de percussão, é uma associação
510 que também dá formação e tudo mais, que trabalham muito connosco ou a fazer
511 *workshops* ou a ...

512 **E:** Eles também ajudam na conceção dessas atividades, na planificação?

513 **RSE7a:** Sim, sim. Nós temos isto e queremos a vossa ajuda, querem? E do outro lado,
514 nós estamos sempre abertas a ouvir queremos, mas também temos coisas que não
515 queremos, porque isto é melhor assim, porque eles percebem melhor do que nós, às
516 vezes de certas... façam isto antes assim ou assado.

517 **RSE7:** E depois, para além dessa nossa planificação, temos a planificação, este ano
518 fizemos em janeiro com a equipa e tentamos sempre ir ajustando.

519 **E:** Há ou não articulação entre as atividades promovidas e os currículos escolares?

520 **RSE7a:** Algumas sim, outras não.

521 **RSE7:** E outras tentamos mesmo que não tenham.

522 **E:** Mas podiam-me explicar um bocadinho melhor o porquê?

523 **RSE7:** Lá está, há esta questão, como a Cristina estava a falar dos discos pedidos em
524 que nos pedem mesmo, a escola "temos os Maias", não conseguem trazer a peça ou
525 temos, vamos trabalhar este autor ou vamos trabalhar esta técnica ou este músico e
526 nós tentamos adequar.

527 **RSE7a:** Ou os temas do primeiro ciclo que é o mar, não, eu já trabalhei o mar há dois
528 anos, não vou trabalhar o mar.

529 **RSE7:** Exatamente, mas por exemplo, nós este ano não trabalhámos o mar, mas
530 fizemos, tivemos uma presença muito ativa na semana do mar, da escola, até
531 conseguimos adequar o nosso programa do CRIA a essa solicitação, que era mesmo
532 da programação da escola.

533 **RSE7a:** Não fizemos em tudo, mas fizemos naquele ponto, ou, por exemplo, queremos
534 muito "Os Maias" e nós nunca trouxemos cá "Os Maias" vamos lá trazer os Maias.

535 **E:** Mas consideram que há uma articulação ou não? Se calhar a ideia também é
536 desconstruir um bocado, não é?

537 **RSE7:** Nós tentamos que não haja, porque os currículos estão tão espartilhados, estão
538 tão quadrinhos que nós tentamos é sair daí, tentamos ir um bocadinho mais além, por
539 isso tentamos, mas é como eu digo...

540 **RSE7a:** É a tal coisa, trazemos “Os Maias”, mas a seguir vem um espetáculo de dança
541 completamente fora. Está bem, então, umas turmas vão, as escolas já arriscam
542 connosco.

543 **E:** Mas consideram que trazem algum tipo de aprendizagem?

544 **RES7:** Isso sim.

545 **RSE7a:** Tentamos sempre, por exemplo, quando são espetáculos para escolas que haja
546 a conversa final. Eles assistem ao espetáculo, mas nós falamos sempre com os grupos
547 que vêm de dança... quando foi de “Os Maias”, também, que haja uma conversa no final
548 para debaterem o que viram ou para, lá está, para tentar construir ali algum pensamento
549 crítico, principalmente do pensamento crítico que está pior do que nas horas da morte.
550 Eu acho que neste momento está muito complicado os miúdos opinarem e
551 fundamentarem, por isso é que eu não mostro as ilustrações. E quando ali dentro digo,
552 dentro da sala da hora do conto, aqui não há certo nem errado, até se sente a energia
553 a baixar e as bocas a abrirem-se. Eu, por exemplo, neste momento, a história que estou
554 a trabalhar neste momento começa com a leitura de imagem, por exemplo, junto, que é
555 para ver se começa logo do início.

556 **RSE7:** A questão dos currículos e dos programas, os próprios miúdos estão
557 completamente pressionados com isso e com as provas de aferição com tudo isso. Mas,
558 por exemplo, agora, nós temos uma exposição, temos várias iniciativas, mas os próprios
559 professores e os próprios miúdos dizem que não podemos ir porque....

560 **RSE7a:** Houve a greve e depois vai haver a prova e depois perdemos muito tempo.

561 **RSE7:** Exatamente, ou seja, já vivem espartilhados com este programa e com os
562 conteúdos, o que é que vamos dar seguir.

563 **RSE7a:** Eles não saem dali.

564 **E:** E vocês querem ser essa saída.

565 **RSE7:** Exatamente, queremos que se sinta, queremos que se sinta, que sinta.

566 **RSE7a:** Até para os próprios professores perceberem, “está bem, mas estás a dar essa
567 matéria, mas podes dar através disto, daquilo”, porque nós também não falamos nisso,
568 nós também demos formação a professores nas nossas áreas pelo programa de
569 Educação Estética e Artística. Eu dava na área do teatro, a Liliana nas artes plásticas e
570 a tal Albina que cá estava na área da dança e a música tínhamos que ir contratar fora à
571 Escola de Artes. Mas aí nós demos formação, estivemos a procrastinar a dar a formação
572 a Sines, eles foram os últimos, foram os professores de Sines que era quem trabalhava
573 connosco sempre e aí foi mesmo aquilo que nós estamos sempre a dizer-vos, vamos
574 aprender agora a desconstruir, que podem dar as matérias, seguir o programa todo,
575 mas através da ação e da arte, porque é mais profícuo, porque eles neste momento
576 sabem é brincar, portanto, bora lá brincar com coisas sérias e mostrar que é suposto e
577 são capazes, tanto que às vezes estou a trabalhar uma história qualquer e tenho
578 uma professora “Oh, demos mesmo isso ontem”, perfeito e aí acho que é uma mais valia
579 ter sido professora de primeiro ciclo, porque como conheço minimamente os programas
580 consigo, acabamos sempre por perceber também os professores, ter sido professora e
581 termos dado a formação a professores.

582 **RSE7:** Nós fomos formadoras em Grândola, Odemira e por fim em Sines. Foi muito
583 interessante ver outras professoras que estavam a fazer este percurso connosco, a
584 confiarem em nós, a aceitarem os desafios e colocá-los em prática, a virem cá e por
585 exemplo, este projeto do “Deslocar” é também essa oportunidade de elas e eles
586 conseguirem reprogramar as próprias aulas, do género, “eu não tenho uma aula de
587 geometria para dar”, mas quero dar, ontem o professor Pedro e a Margarida vieram com
588 uma aula de história, juntaram História e Educação Visual e vieram ver a exposição e
589 depois estavam a dizer “olha, Liliana, de que forma é que nós podemos agora
590 trabalhar?”, então o Pedro vai trabalhar a parte técnica do desenho e a professora
591 Margarida, que é de História, vai trabalhar o papel do curador e o processo, a evolução
592 da arte ao longo dos tempos até chegarmos à arte contemporânea, à importância do
593 desenho. Saíram já daqui com o trabalho e tudo estruturado.

594 **RSE7a:** Eles próprios já nos pedem e, às vezes, uma matéria, vêm à hora do conto,
595 “Cristina, olha, tenho que dar uma aula assim, mas queria fazer de uma maneira
596 diferente. Podes-me aconselhar?”, o que é muito bom.

597 **E:** E todas as atividades que promovem, qual é que seria aquela que que acham que
598 tem maior procura, maior aceitação e porquê?

599 **RSE7a:** No meu caso é a hora do conto, no meu caso, a hora do conto para o pré-
600 escolar e para o primeiro ciclo, eu acho que já e mesmo nas planificações já vem lá, eu
601 acho que eles já consideram aquilo é como lavar os dentes. [risos]

602 **RSE7:** Tu tens a hora do conto, eu o “Pré-CAS” que não me consigo desvincular. Por
603 muito que eu queira dar outra roupagem ao projeto “não, não, não, não, porque os
604 meninos do pré-escolar têm que ir naqueles formatos, em que tem que ser assim”, ou
605 seja, porque já está instituído, não, tem que ser, são já quase, já está lá, quando vem a
606 planificação da escola já está lá.

607 **RES7a:** E não há um único educador ou um único professor que não marque. Eu mando
608 para as escolas o livro deste período é este e o período para vocês é este. Eu coordeno
609 com as professoras bibliotecárias ou com as coordenadoras da escola e não há uma
610 turma que não venha, podia haver, não é, uma pessoa que não quisesse vir, porque
611 neste momento até temos muitos professores novos cá em Sines e educadores
612 também, mas não, tanto no “Pré-CAS” como na hora do conto, estão cá todos.

613 **RSE7:** Por exemplo, em relação à renovação do corpo docente noto é que são os
614 próprios professores a quererem vir fazer as visitas e os miúdos já dizem “ah, mas eu já
615 fiz, eu já sei” e ainda nesta semana aconteceu-me, na segunda-feira eu fiz uma visita
616 para um grupo de miúdos, jovens, já estavam no curso profissional e já tinham feito a
617 visita do “Centro p’ra Dentro” N vezes, eles já conheciam aquilo, já conheciam o edifício
618 todo, mas o professor é novo e não conhecia e veio, exatamente, por isso veio. Foi
619 curioso porque eles, ai, todos convictos que a sala era assim, era assado, entretanto,
620 nós já mudámos e eles “olha”.

621 **E:** É bom para verem as diferenças.

622 **RSE7:** Exatamente, é giro, é muito giro.

623 **E:** E o custo associado?

624 **RSE7:** Nenhum.

- 625 **E:** É gratuito.
- 626 **RSE7:** É gratuito, serviço público.
- 627 **RSE7a:** Mesmo quando é para famílias.
- 628 **RSE7:** Só cobramos entrada quando contratamos o serviço e não conseguimos suportar, digamos assim.
- 629
- 630 **RSE7a:** Que é muito raro, mas uma ou duas vezes por ano acontece.
- 631 **RSE7:** No máximo cinco euros.
- 632 **E:** Sim, e acham que o facto de ser gratuito ou não ser influencia a afluência, a adesão
- 633 do público?
- 634 **RSE7:** Cada vez mais, cada vez mais. Nós temos uma abertura muito boa com o
- 635 agrupamento de escolas e tivemos um projeto o ano passado, tivemos e temos ainda o
- 636 cinema, o Festival de Cinema de Animação “A Monstrinha” em que nas outras
- 637 instituições e nas outras salas de espetáculos onde sessões são dinamizadas, cada
- 638 criança que vai paga 1 euro e o agrupamento pediu-nos mesmo para sermos nós a
- 639 suportar, porque neste momento é muito difícil para o agrupamento pedir que cada
- 640 menino leve 1 euro, fomos nós e somos nós que suportamos essa verba.
- 641 **RSE7a:** Preferimos tirar do nosso orçamento para eles puderem vir, claro está, sai da
- 642 caixa, o que é bom e os miúdos gostam muito mesmo. No primeiro ano, estávamos,
- 643 tipo, como é que eles vão reagir.
- 644 **E:** Só o nome é apelativo.
- 645 **RSE7:** “A Monstrinha” do Festival de Cinema a Mostra, “A Monstrinha” permite uma
- 646 viagem pelo mundo, porque são convidados vários projetos de diferentes partes do
- 647 mundo. E tendo em conta que nós também temos a ligação ao Festival Músicas do
- 648 Mundo, e que somos também nós que fazemos as atividades, planificamos,
- 649 dinamizamos as atividades, as iniciativas paralelas de Festival Músicas do Mundo em
- 650 que esses miúdos estão de férias, mas que estão em instituições ou que mesmo com
- 651 as famílias vêm cá e usufruem do Festival, por isso fizemos aqui durante o ano, em
- 652 março, fazemos novamente um convite a uma viagem através do cinema, depois em
- 653 julho têm através da música.
- 654 **E:** E essa oferta educativa está estruturada nalguma..., como é que está feita ou como
- 655 é que é feita, se existe ou não segmentação da oferta, como é que pensam a oferta
- 656 educativa?
- 657 **RES7:** Nós tentamos, de acordo com a verba que temos, tentamos que todos os alunos
- 658 tenham acesso a pelo menos um espetáculo por ano, tenham acesso ou um *workshop*,
- 659 que tenham acesso a uma sessão de contos. Tentamos fazer a divisão por cada ciclo e
- 660 às vezes por ano de forma a que todos tenham acesso ao mesmo número de iniciativas.
- 661 Depois, para as famílias, tentamos também diversificar, mas de forma...
- 662 **RSE7a:** Sim, é mais no ciclo “CRIA”, se o ciclo “CRIA” do mês de novembro foi histórias,
- 663 cinema e artes plásticas, o do mês de dezembro já não vai ter nada disso, vai ter a
- 664 dança, já vai haver teatro.

665 **RSE7:** Tentamos aqui diversificar a oferta, mas ao mesmo tempo proporcionar o mesmo
666 número a cada ciclo.

667 **E:** E aquela questão da faixa etária para vocês não têm interferência, disseram logo no
668 início, que a faixa etária não teria relação com o tipo de atividade. A mesma atividade
669 ser feita para...

670 **RSE7a:** Nalgumas sim. Eu já trabalhei a mesma história desde bebês até ao espaço
671 sénior, passando pela escola secundária e até pelo pré-escolar e pelo primeiro ciclo e
672 tudo mais. A mesma história, passou a ser transversal e todos choraram, era “O Beijo
673 da Palavrinha”.

674 **E:** Mas porque acham que assim funciona?

675 **RSE7a:** Eu quis fazer uma experiência porque achava, eu não gosto muito do termo
676 história para crianças, porque cada vez mais se faz, se fazem histórias que dão para
677 todos e quis, andava em experiências. Esta aqui dá para todos, então foi os bebês com
678 as famílias, bebês não era de meses, mas pronto, era o fim da primeira infância, foi o
679 pré-escolar, foi o primeiro ciclo, foi o secundário e foram os idosos, então fiz as faixas
680 etárias todas.

681 **RSE7:** Nós fazemos a nossa programação por ano letivo, por ciclo, por tudo, mas
682 tentamos cada vez mais diluir, por exemplo, não há teatro para famílias, há teatro para
683 todos, música nós podemos adequar, tentar canalizar, mas nós não sabemos o que é
684 que eles ouvem em casa, não sabemos qual é o acompanhamento.

685 **RSE7a:** No outro dia aconteceu uma coisa espetacular, o filho da Liliana, que tem quatro
686 anos acabados de fazer, assistiu ao meu lado aos “Maias” a peça inteira de boca aberta.

687 **E:** Isso tem a ver também com a criação de públicos que vocês querem, com os hábitos
688 de leitura, também.

689 **RSE7a:** Claro que a atividade, mesmo que seja a mesma atividade que eu levo a um
690 pré-escolar e a um espaço sénior, não a vou dinamizar da mesma maneira, a
691 abordagem é sempre diferente. Essa história teve essas abordagens todas, não a contei
692 sempre da mesma maneira.

693 **RSE7:** No meu caso podemos achar “ah, uns lápis de pastel seco não vão despoletar
694 interesse nenhum” ... eu já coloquei estes meninos aqui do Centro de Artes, todos, a
695 desenhar em cima do palco, como se fossem crianças, de barriga para baixo para
696 experimentar uns lápis de papel seco, ou seja, às vezes tem a ver com a forma como
697 apresentamos o material, com uma técnica, lá está, tentamos que seja para todos.

698 **E:** Aqui a questão não é a atividade em si, é a forma como ela é dinamizada?

699 **RSE7:** Exatamente, é isso mesmo. E aqui, acima de tudo, nós queremos criar, isto é
700 quase como se nós, não vou dizer grafitar porque já nos grafitaram os vidros, mas se
701 nós pudéssemos, eu acho que nós queremos pessoas criativas e críticas.

702 **RSE7a:** Pensamento crítico, por isso a experimentação. Por isso é que nós acreditamos
703 tanto na experimentação, porque eu posso dizer...

704 **RSE7:** O “CRIA” vem muito disso, do criativo, do crítico, do fazer alguma coisa para a
705 nossa, do ser ativo culturalmente. Esta ideia de que eu vou assistir a um espetáculo,

706 mas depois dali não levo mais nada, a mim dá me um bocadinho de comichão, é muito
707 redutor. Então nós tentamos sempre, por exemplo, o Tiago estava aqui, o Tiago, um
708 miúdo, fez parte da primeira fornada do de serviço educativo, neste momento, tem 20 e
709 tal anos, 28, já fez o seu percurso também na área das artes, tem uma banda, ou seja,
710 é tão bom. O caso do Tiago, como de outros que se dedicaram à escrita, à música, à
711 dança, ao teatro...

712 **RSE7a:** Ontem, por exemplo, eu sei que também te aconteceu, ontem, por exemplo, eu
713 recebi uma mensagem de uma menina que fez dança aqui connosco desde os três anos
714 que já colaborou connosco num projeto que nos armámos em produtoras/realizadoras
715 e fomos chamar pessoal nosso que está a acabar o curso e resolveu mandar uma fita
716 para cada uma de nós, tanto que eu disse “Olha, vou partilhar a minha fita com a Liliana”,
717 “não precisas que eu já falei com ela, também vai receber uma, vai pelo correio”.

718 **RSE7:** Mas é muito giro e é muito bom. Há um grupo deles que criaram uma revista
719 sobre quê? Arte! E é muito giro. Eu não quero ser pretensiosa nem, mas quero pensar
720 que deixámos lá qualquer coisa.

721 **E:** E agora ainda voltando à questão da oferta educativa, se ela segue algum modelo
722 pedagógico, se está suportada nalgum documento teórico? Como é que funciona?

723 **RSE7a:** Não, mesmo por isso. Se calhar segue algumas, por causa disto do
724 pensamento crítico e da experimentação, se calhar, segue algumas notas da educação
725 artística, mas não só também, porque nisso também estamos sempre em unísono,
726 também não acreditamos numa coisa pura e dura, nem em métodos educativos, nem
727 em educações.

728 **RSE7:** Não temos que ser Montessori, não temos que ser...

729 **RSE7a:** Não temos que ser só educação artística, porque, às vezes, as coisas
730 tradicionais também têm coisas muito boas.

731 **RSE7:** O Waldorf, nós já tivemos aqui apresentações de vários projetos e dissemos
732 assim “nós não conseguimos viver só com aquilo”...

733 **RSE7a:** E mesmo como professoras, nunca, por isso é que não somos professoras,
734 [risos] por isso é que não estamos a lecionar, nós não conseguiríamos só...

735 **RSE7:** Nós preferimos sempre ir... e lá está, nós somos formadoras do Plano de
736 Educação Estética e Artística do Ministério, ou seja, porque também já considerámos
737 que foi um projeto um bocadinho mais além e também o integramos por isso mesmo,
738 por vermos que era uma visão diferente.

739 **RSE7a:** Aliás, fomos convidadas, há que salientar que nós fomos convidadas, nós não
740 integramos porque quisemos, fomos convidadas.

741 **RSE7:** Mas podíamos não concordar, mas concordámos porque vimos que era uma
742 alternativa.

743 **RSE7a:** Aliás, e antes de concordarmos até fomos a algumas reuniões para tentar
744 perceber muito bem se concordávamos ou não e realmente tinha tudo a ver connosco,
745 e tínhamos liberdade. Mas, nós temos esses dois alicerces: experimentação e
746 pensamento crítico e a partir daí tudo é bem aceite, desde que, e aí temos que estar as

747 duas em uníssono, porque tanto eu como a Liliana acho que temos já instintivamente
748 “olha, estou a pensar fazer isso, o que é que achas?”

749 **RSE7:** Fazemos isto, queremos isto, os nossos objetivos são estes, mas não tentamos
750 espartilhar nem categorizar.

751 **E:** E em termos de referências teóricas?

752 **RSE7:** Não, não, lemos muito, lemos tudo, estamos atentas, mas não temos nenhum
753 guru, nem temos de dizer “ai não, eu vou seguir este”, não, nós acompanhamos,
754 estamos atentas, mas não temos nem vamos, por mim não vou identificar ninguém, ai
755 não, é este.

756 **RSE7a:** Eu também não. Eu tenho quem me despoletou e conheci pessoalmente e tive
757 conversas e despoletou-me mais curiosidade ainda, uma pessoa, que é mesmo o pai
758 do ensino, pela arte em Portugal, doutor Arquimedes da Silva Santos. Consegui debater
759 com ele, consegui conversar sobre algumas coisas e acho que, lá está, por isso é que
760 eu às vezes falo do tradicional a educação pela arte se calhar até tem mais pontos fora
761 da caixa do que agora a educação artística porque eles queriam fazer diferente e que é
762 o objetivo deles, era mesmo que as pudessem falar, ter liberdade de pensamento.

763 **E:** Não serem meros recetores.

764 **RSE7a:** Não, não era mesmo ter pensamento crítico.

765 **RSE7:** Nós, até mesmo na questão dos Encontros de Arte e Educação que fazíamos,
766 nós tentávamos chamar as referências. Nessa altura ainda estávamos muito
767 preocupadas com as referências, trouxemos a Madalena Vitorino, trouxemos todos e
768 mais alguns, mas não, não vale a pena, porque lá está.

769 **RSE7a:** Mas é bom para irmos beber, mas não é para seguirmos, lá está, não temos
770 gurus.

771 **E:** Sim, sim. E consideram que, de alguma forma, as aprendizagens que, as atividades
772 promovem contribuem para a realização de aprendizagens?

773 **RSE7:** Acredito que sim. Levanto-me todos os dias a pensar nisso.

774 **E:** Mas têm algum *feedback*?

775 **RSE7:** Para além do percurso, lá está, o percurso académico dos alunos...

776 **RSE7a:** Tenho aqui algumas mensagens, sim, de mães...

777 **RSE7:** Temos muito o retorno, não só do contexto educativo, mas até mesmo dos mais
778 velhos, o dizerem “você são tão importantes para nós porque nos fazem ver as coisas
779 de outra forma” e, por exemplo, quando nós lançamos um desafio, a semana passada,
780 fizemos uma recriação do Banho 29, que é em agosto, fizemos em maio, eles juntaram-
781 se a nós, porque o importante aqui era porque nós os chamámos porque os
782 considerávamos importantes e válidos como elementos transmissores da tradição e eles
783 foram todos.

784 **RSE7a:** E eles até já queriam mais, eles até já queriam ir às escolas este ano letivo e
785 nós “não, não, este ano não dá”.

786 **RSE7:** Ou seja, sentem-se valorizados, confiam em nós e nós acrescentamos sempre,
787 que dão-nos esse retorno, do acrescentarmos sempre algo.

788 **RSE7a:** E acrescentar alguma coisa a uma pessoa de 70 e tal anos ou de 80 e tal anos,
789 é muito bom.

790 **RSE7:** O facto de nós irmos na rua e os miúdos nos reconhecerem também é fantástico.
791 A nível de aprendizagens, eu acredito que sim.

792 **RSE7a:** Mesmo que seja não formal, tenho a certeza que sim.

793 **RSE7:** Olha, pelo menos o utilizar um espaço a saber que existe um espaço de cultura.

794 **RSE7a:** Trazerem cá os pais, trazerem cá os pais é muito importante.

795 **RSE7:** No início, os nossos parceiros foram os miúdos porque trouxeram os pais e os
796 avós. A introdução das aulas de dança, aqui, no Centro de Artes, fizeram com que os
797 avós viessem porque “ah, vou levar a miúda à dança e vou aproveitar para ver o que é
798 que você têm cá hoje”, era um bocadinho como a peixaria e a mercearia, o que é que
799 tem cá hoje... e acabavam por ficar connosco e agora temos pessoas que vêm todos
800 os dias nos dizer “Bom dia”.

801 **E:** Já criaram a rotina de vir.

802 **RSE7a:** Sim, passam por aqui “ó meninas!”

803 **RSE7:** E acabam por vir.

804 **RSE7a:** Tenho mensagens de mães a dizer “o que é que aconteceu? Eu sei que ela
805 hoje foi a hora do conto e ela só me diz que quer ser como tu quando for grande e agora
806 não larga os livros.” ótimo, é esse o objetivo.

807 **RSE7:** E, por exemplo, ao fim de semana ou ao final da tarde eles trazerem e fazerem
808 as visitas aos pais, muitas vezes ouço lá em baixo.

809 **RSE7a:** Ah sim, vamos subir, porque já me aconteceu estar a sair do trabalho e ter um
810 pai a ser arrastado “porque eu hoje vim aqui e tenho que te mostrar e não sei quê, foi
811 aquela, foi aquela senhora” e eu fui aquela senhora o quê? Uma pessoa sai do trabalho
812 de secretária e foi aquela senhora, o quê? “ela disse que veio à hora do conto”, “ah foi,
813 foi, então vai lá mostrar”...

814 **RSE7:** Acredito que sim.

815 **RSE7a:** Eu tenho a certeza que sim.

816 **E:** Mas aprendizagens em que áreas? Sobretudo na área artística?

817 **RSE7a:** Às vezes até civil, às vezes até civil “olha pai, quando entramos nesta sala
818 temos que estar calados”, comportamental...

819 **RSE7:** Os hábitos, o existir uma biblioteca, o poder usufruir, o existir um espaço, o
820 trazerem os pais ao auditório ou saberem dizer este é para adultos aquele não é. Eu
821 acho e penso que sim, que estamos a construir devagarinho.

822 **RSE7a:** Claro que se calhar não batemos a todas as portas, não entramos em todos,
823 mas é o que eu costumo dizer, já que se entre num, para mim já é ótimo.

824 **RSE7:** Mas, há três anos atrás tínhamos um conforto e tínhamos uma certeza muito
825 maior do que hoje.

826 **RSE7a:** Mas também, mas também não sei se seria bom a 100%, porque já, se calhar
827 coisas que fazíamos ao ralenti e não questionávamos tanto.

828 **E:** Agora são obrigados a pensar também nas vossas práticas, não é? A questioná-las?

829 **RSE7a:** Sim, também já se está a virar para nós o pensamento crítico e experimentação
830 [risos] o que não é mau. É assim, dá trabalho, é às vezes é cansativo, mas não é mau.

831 **RSE7:** Eu coloquei nos documentos que vou partilhar com a Anita, coloquei mesmo as
832 nossas estratégias que utilizámos durante o confinamento para conseguirmos manter a
833 ligação com os nossos públicos. E, então, fizemos desafios para os mais crescidos e
834 para os mais pequeninos, a Cristina contou histórias *online*, ou seja, para que não
835 perdêssemos a ligação.

836 **RSE7a:** Sim, fizemos sempre coisas, não todos os dias, não é, porque lá está.

837 **E:** Aqui, se pudermos avançar um bocadinho, nós já fomos falando sobre esta questão
838 da dinamização, mas a dinamização das atividades é feita pela equipa, não é, com o
839 reforço...

840 **RESE7:** Pela equipa, com o reforço de vários elementos, mas, imagine, tenho uma
841 atividade na biblioteca ou se estou a fazer uma visita, logicamente peço o contributo
842 também das colegas que está em cada um dos sítios.

843 **RSE7a:** Sim, claro, ou da receção, qual é que é o teu trabalho, eles conseguem falar
844 com as pessoas que estão nos diversos espaços, ou seja, as pessoas, os
845 colaboradores, os trabalhadores da Câmara, que estão nos diversos espaços, também
846 contribuem para a visita.

847 **RSE7:** E eu no meu caso, também tenho sempre, é quase instituído, que o artista e o
848 curador que expõem cá também têm que dinamizar algumas atividades connosco, nem
849 que seja uma breve conversa com os nossos públicos, mas têm sempre esse
850 compromisso.

851 **E:** E a comunidade adere, participa? Como é que faz? É parte, componente ativa?

852 **RSE7a:** Sim, é, temos quase sempre casa cheia, seja que atividade for e lista de espera.

853 **E:** Mas contam com a participação deles na dinamização das atividades ou só como
854 público?

855 **RSE7a:** Geralmente como público, mas tenho a certeza se pedíssemos como
856 dinamizadores, acho que sim.

857 **RSE7:** Até mesmo dentro da comunidade conseguimos elementos muito válidos, já
858 pedimos ao longo destes anos.

859 **RSE7a:** Sim, já pedimos e tivemos, não temos problema com isso.

860 **E:** E do vosso trabalho, das atividades que realizam resulta algum material educativo ou
861 pedagógico? Eu vi lá em baixo, ainda hoje de manhã quando cheguei, vi as crianças
862 que levavam trabalhos feitos.

863 **RSE7:** Sim, sim, mas isso foi um *workshop*. Eles levam sim, é sempre entregue, sempre
864 que possível, as produções vão com os artistas, mas nós já tivemos vários projetos que
865 depois ficaram até para outras turmas. Tivemos a produção do livro em cadeia em que
866 temos lá..., mas também têm, também receberam...

867 **RSE7a:** Ah, sim, eles sempre que fazem alguma coisa, levam.

868 **RSE7:** A nível de brochuras ou de material pedagógico, temos algumas atividades com
869 o museu e como arquivo. Mas a nível de atividades com o arquivo temos várias
870 atividades que resultou depois um material, mas não temos as brochuras, não temos os
871 livros pedagógicos, não temos essas coisas.

872 **RSE7a:** E não temos, acho que por opção. Uma vez falámos sobre isso, mas não,
873 porque, lá está, o público é sempre o mesmo, nós é que temos de estar sempre a mudar,
874 mas o nosso público é sempre o mesmo.

875 **E:** É há algum registo das atividades, por exemplo, se fazem uma ficha técnica? Como
876 é que é? Antes de fazer a atividade, como é que fazem?

877 **RSE7a:** Uma planificação? Ai não! Fazer uma planificação assim escrita, não. Pode
878 haver alguns apontamentos num caderno, mas não.

879 **RSE7:** Mas temos algumas atividades, das base temos a planificação da atividade, as
880 mais antigas. Agora não, agora vamos sempre adequando, até porque, lá está,
881 depende, adequamos ao grupo, à especificidade do grupo. Há sempre um cuidado e
882 um contacto prévio com o grupo para tentarmos perceber de que forma é que podemos
883 contar, com quem podemos contar, mas de resto...

884 **RSE7a:** Mas por exemplo, vai de acordo com o que eu estava a dizer com o público,
885 como o público é sempre o mesmo, nós já os conhecemos tão bem, porque, por
886 exemplo, uma criança que esteja no quarto ano, nós trabalhamos com elas no máximo
887 a partir dos três anos. Mas é assim desde antes, ou seja, nós já os conhecemos também.
888 Eu conto a mesma história para todas as turmas e nunca é igual, porque adapto ao
889 público que tenho e as visitas da Liliana também nunca são iguais.

890 **E:** Mas, por exemplo, ao fazerem, ao pensarem nessa atividade não estruturam nada?
891 Os tópicos que têm que falar, mas não existe formalmente?

892 **RSE7a:** Formalmente não.

893 **RSE7:** Não lhe posso passar esses documentos, mas nós temos os nossos documentos
894 de trabalho.

895 **RSE7a:** Isso sim, é o que eu digo, um rascunho num caderno há, agora, formalmente
896 não há.

897 **E:** E em relação à regularidade das atividades, fazem como? A programação já falámos
898 que é anual.

- 899 **RSE7:** Sim, sim, em julho e em janeiro fazemos a programação geral e depois a nossa
900 programação, é uma programação bimensal, ou seja, de dois em dois meses.
- 901 **RSE7a:** Aparece numa agenda cultural, a agenda aqui do Centro, do Centro não, de
902 Sines.
- 903 **E:** Têm uma prática regular das atividades?
- 904 **RSE7:** Exatamente, sim, de dois em dois meses.
- 905 **E:** Todos os meses, toadas as semanas está a acontecer qualquer coisa.
- 906 **RSE7:** Todos os dias acontece qualquer coisa, teatro, cinema.
- 907 **RSE7a:** Todos os dias acontece qualquer coisa, se não sou eu é ela ou as duas. Há
908 alturas em que as atividades são tantas, vá, que estão duas turmas a subir para a hora
909 do conto, outra turma a descer para a Liliana, outra a chegar para o teatro, pode
910 acontecer isso no mesmo dia e há alturas do ano que isto é regular, sim.
- 911 **E:** Ah, e por falar em alturas do ano, isso tem alguma influência na calendarização das
912 atividades? Épocas festivas?
- 913 **RSE7a:** Ah, nós não gostamos muito de celebrar o dia da árvore, o dia da mãe, o dia do
914 pai, porque isto não concordamos. [risos] Às vezes somos convidados/obrigados a fazê-
915 lo [risos], por exemplo, hoje, estou a dizer isto, mas hoje, por exemplo, vamos celebrar
916 o Dia de África e até fomos nós...
- 917 **E:** Mas não é o típico?
- 918 **RSE7a:** Não, não é o típico. Temos alturas com mais afluência.
- 919 **RSE7:** A nossa programação interrompe um bocadinho em julho e agosto, porque nos
920 dedicamos a outros projetos, como as iniciativas paralelas ao Festival, mas e é esta
921 questão do “Agosto na praia”, mas, ou seja, é tudo para a comunidade na mesma, ou
922 melhor, como nós não trabalhamos só com escolas e como os miúdos não estão só na
923 escola, existem também nas famílias e as famílias vivem cá e são nossos e têm avós.
- 924 **RSE7a:** São sempre os mesmos, são sempre os mesmos.
- 925 **E:** Em termos de divulgação, são vocês que fazem a divulgação?
- 926 **RSE7:** Temos uma Alexandra fantástica lá em cima, que articula com o serviço de
927 comunicação da Câmara Municipal, de quem nós estamos dependentes.
- 928 **RSE7a:** Nós fazemos as duas a nossa planificação, a nossa lista de alinhamento, o
929 nosso alinhamento, sim, é mais correto alinhamento do que planificação, o nosso
930 alinhamento do que vamos ter nesses dois meses, passamos à Xana ou ao gabinete de
931 informação e eles divulgam e nós partilhamos as divulgações.
- 932 **E:** É quais são os principais e as principais formas de divulgação?
- 933 **RSE7a:** É através da Agenda, do *Facebook* do Centro de Artes e depois a impressa.

934 **RSE7:** Temos também um momento na rádio local, acho que é à terça-feira, temos um
935 momento em que é o mesmo momento, o espaço da Câmara Municipal na Rádio Sines,
936 em que é divulgada a nossa programação também.

937 **RSE7a:** Que é a mesma que vem na agenda, às vezes a Liliana é chamada para falar.

938 **E:** E consideram que esta forma de divulgação traz retorno? Chega ao público que
939 pretendem?

940 **RSE7a:** Achamos que é muito pouco, não, não chega, até porque é uma “batalha” que
941 está em ação.

942 **RSE7:** Até porque a comunicação está em mutação, as formas de comunicação.

943 **RSE7a:** Está em mutação, por exemplo, o simples facto dos nossos pais, os pais das
944 crianças que nós abrangemos, por exemplo, para o CRIA, já não têm *Facebook*, há
945 malta que foi buscar a velha conta do *Facebook* para ter acesso às fotografias e a tudo
946 mais, porque a Câmara, o Centro de Artes não tem um *Instagram*, por exemplo, ou um
947 Tik Toc ou o que for, ou seja, não está a ser suficiente, nem pensar.

948 **RSE7:** E mesmo o que é impresso, não sei onde colocar, já não sei mesmo.

949 **E:** Se vão ali ao café...

950 **RSE7:** Exatamente. Não sei, não consigo dizer “ah, leem mais aqui ou veem mais ali ou
951 coloco na peixaria ou na pastelaria”, já não sei.

952 **RSE7a:** Dantes conseguíamos fazer isso e neste momento, por acaso, ontem pensei
953 em ti...

954 **RSE7:** Ontem fui aos hotéis...

955 **RSE7a:** Ah, pronto, é mais isso que nós...

956 **E:** É para diversificar?

957 **RSE7:** Exatamente, sim, ontem fui aos hotéis todos...

958 **RSE7a:** É que neste momento é tudo tão aqui, tão digital que nós já não sabemos onde
959 é que havemos de entregar, pronto, que é mesmo assim, não sei dizer de outra maneira.

960 **RSE7:** Por outro lado, também sabemos que funciona muito bem a comunicação boca
961 a boca e que existem elementos chave dentro de certos bairros ou de certas instituições
962 ou de espaços, que....

963 **RSE7a:** Ou de certos grupos de pais, também, acontece-nos muito, “diz lá a esta ou diz
964 lá aquela, tu dizes a esta que eu digo aquela”.

965 **RSE7:** Exatamente, o passa a palavra funciona muito bem, aqui funciona muito bem,
966 porque, lá está, nós somos um meio pequeno, estamos aqui neste meio, somos aqui a
967 fronteira entre a parte mais histórica e a parte mais urbana e acabamos por encontrar
968 toda a gente aqui.

- 969 **RSE7a:** Sim, isto já é quase um local de passagem, este corredor é um local de
970 passagem.
- 971 **RSE7:** É um local de passagem “ah sabe, hoje à noite vamos ter cá o documentário”,
972 “ah, a sério?”, eles chegam ao jardim, comentam com o outro e acaba por funcionar.
- 973 **RSE7a:** As próprias pessoas se nos veem, passam para cima, nós estamos ali na rua
974 a fazer alguma coisa, passam para baixo, “o que é que vai acontecer aqui hoje?”, logo,
975 automático.
- 976 **E:** Então é mais o passa a palavra, a questão das redes, mas esse contacto próximo
977 traz muita gente.
- 978 **RSE7a:** Traz, traz.
- 979 **E:** E no que respeita à avaliação das atividades? Primeiro, se fazem um registo
980 sistematizado destas atividades?
- 981 **RSE7:** Registo fazemos. O registo fazemos, tanto em relatório como estatístico.
- 982 **RSE7a:** Porque tudo tem marcação que é para nós termos noção, “ah, vieram as
983 escolas todas, está bem, mas isso em números”, por exemplo, o executivo sabe lá, as
984 escolas todas, não é, então temos...
- 985 **RSE7:** O que é que vieram fazer em cada atividade, não isso nós fazemos, mas não
986 temos..., a avaliação posterior é feita juntamente com, por exemplo, na questão das
987 escolas, é feita no final do ano, com o agrupamento de escolas, nessa reunião em que
988 cada coordenador de departamento faz um apanhado geral e depois é-nos remetido.
989 Ao longo do tempo também temos aplicado vários questionários para termos o retorno,
990 ou seja, mas temos os registos que fomos pedindo e inicialmente pedíamos a todos os
991 professores, mas depois passámos a pedir só aos coordenadores de escola, agora
992 passámos a pedir ao agrupamento e o agrupamento juntamente com os diretores de
993 departamento é que nos fazem chegar, “correu bem? Não correu bem? Isto resultou, no
994 estiveram bem aqui, esta visita tem que ser reformulada, esta peça não resultou”, mas
995 é feita anualmente.
- 996 **E:** E em termos de tratamento desses dados que recolhem, servem para quê? Se olham
997 para eles, como é que os tratam?
- 998 **RSE7:** Nós olhamos.
- 999 **RSE7a:** Nós, nós as duas olhamos e serve para reformular o nosso trabalho, continuar
1000 ou reformular, pronto, serve para avaliar o nosso trabalho e saber porque caminhos é
1001 que havemos de seguir, para nós sim.
- 1002 **RSE7:** E se surtiu efeito ou não, sim, exatamente, serve sempre para uma reavaliação
1003 também da nossa intervenção.
- 1004 **E:** E já houve algum tipo de alteração provocada pelo facto de avaliarem?
- 1005 **RSE7:** Já, por exemplo, a duração das atividades, porque depois era difícil coordenar
1006 com os transportes, o horário, muitas vezes o horário, ainda agora tivemos que fazer
1007 uma adaptação do horário de uma peça de teatro, porque os horários dos próprios
1008 miúdos nas escolas também alteraram, ou seja, com base nos dados que nos foram

- 1009 chegando, nós vimos “não, aqui não dá, temos de alterar esta para as 13h45 em vez de
1010 para as 14”.
- 1011 **RSE7a:** Sim, eu também cheguei a mudar horários de marcações das horas das
1012 sessões.
- 1013 **RSE7:** Mas sim, até mesmo, por exemplo, há uma peça de teatro ou uma companhia,
1014 “olha, não gostámos da forma como foram apresentados os conteúdos”.
- 1015 **RSE7a:** Já sabemos que aqueles não voltam cá [risos] ou nós próprias, às vezes
1016 também somos enganadas, não é, esta peça num *trailer* parecia espetacular, bora
1017 comprar, e depois quando vimos a peça, seja de dança, teatro, do que for, não era, não
1018 era nada disto que estava na mesa, isto não é para nós.
- 1019 **E:** E só para concluir esta questão da avaliação, a avaliação do serviço educativo, do
1020 trabalho que desenvolvem aqui, de alguma maneira é tida em conta no desempenho
1021 global da instituição?
- 1022 **RSE7:** Sim, acho que sim e pelo menos pelo retorno que temos do executivo, sim, e
1023 somos bem vistos, bem aceites na instituição e perante o executivo, sim. E essa
1024 avaliação e este retorno que damos, nós notamos muito, porque infelizmente estamos
1025 muito ligados à questão monetária e se o nosso desempenho for bom e for bem visto,
1026 então, tomem mais um dinheirinho, ou seja, gradualmente temos notado isso, é porque
1027 estamos bem cotadas. É como eu costumo dizer, não é muito, mas vem sempre mais
1028 um bocadinho, mais uns 500€ que é fantástico.
- 1029 **RSE7a:** Já dá para mais um espetáculo, já dá para mais um atelier, dá para convidar
1030 alguém, porque também gostamos muito de não ser só nós, convidar também outras
1031 pessoas para os miúdos, miúdos e graúdos, beberem também de outras fontes.
- 1032 **RSE7:** E é interessante porque nós, embora estejamos muito ligados, inicialmente a
1033 nossa casa mãe é esta e poderíamos não ser chamados a participar noutras iniciativas,
1034 mas o Executivo chama-nos para outras valências, as feiras temáticas, a questão do
1035 desporto, do património.
- 1036 **RSE7a:** Mesmo quando havia aqui o Batuta, fomos chamados para as iniciativas
1037 paralelas, o Festival de Música Clássica.
- 1038 **RSE7:** O facto de estarmos em iniciativas paralelas na Cultura, ou seja, acabamos
1039 sempre por ser chamados a estar presentes, a opinar.
- 1040 **RSE7a:** Sim, nem que seja só para mediar, mas também faz parte.
- 1041 **RSE7:** A questão do observatório, agora fui chamada só para opinar.
- 1042 **E:** E agora, só para concluirmos mesmo, já fomos falando, foi transversal ao longo da
1043 entrevista, mas agora queria ir em detalhe à questão do público, como é que
1044 caracterizariam o público-alvo do vosso serviço educativo?
- 1045 **RSE7:** Primeiro, Anita, nós não temos público, nós temos públicos. Essa é a minha luta
1046 ao longo destes anos todos.
- 1047 **RSE7a:** E como não somos serviços educativos, como um serviço educativo. (risos]

1048 **RSE7:** Somos um serviço educativo, mas nós temos vários públicos, lá está, nós não
1049 trabalhamos para uma pessoa, a pessoa não é toda igual. [risos]

1050 **E:** Mas quando pensam num público?

1051 **RSE7:** Direcionamo-nos a todos os públicos, nós respeitamos, temos assim e depois
1052 vamos afunilando, vamos para este, para aquele, para aquele.

1053 **RSE7a:** Porque tentamos ofertar todos, dos zero aos cento e qualquer coisa, eu não
1054 posso dizer aos cem porque já tive mais de cem. [risos]

1055 **RSE7:** Mas é verdade, nós e o meu estudo é minha área de estudo e mesmo essa, são
1056 os públicos da cultura, não existe um público, uma pessoa que eu possa dizer “ai, aqui
1057 está o exemplo, este é o exemplo”, não, existem vários públicos com várias
1058 necessidades, com vários gostos, com várias aptidões. Eu não consigo nem quero
1059 congregar um serviço só para aquela pessoa. Não posso dizer que só quero o siniense
1060 loiro, branquinho de olhos azuis ou só são escolas.

1061 **RSE7a:** Eu sou uma contadora de histórias, não sou uma contadora de história para
1062 escolas ou para crianças, sou para todos os públicos, portanto, conto histórias para
1063 todos.

1064 **RSE7:** Temos públicos muito específicos, temos públicos muito exigentes, são difíceis,
1065 o siniense tem uma particularidade, eu sou siniense, o siniense primeiro diz que não,
1066 “olha, vai haver uma sessão de contos hoje no Centro de Artes, queres vir?” “ai não,
1067 mas explica-me lá o que é, sobre o que é?” “Eu tenho uma exposição no centro de
1068 exposições” “Ai não, aquilo nem é para mim. Ai, mas explique-me lá é quem? O que é
1069 que estão a fazer?”, são estes públicos que nós temos aqui, por isso não posso dizer
1070 que tenha um público, temos pessoas.

1071 **RSE7a:** E também o nosso público é aquele que chega à hora, ou seja, são cinco para
1072 as quatro, eu tenho uma hora do conto de famílias às quatro e não há viva- alma neste
1073 Centro a não ser nós. São 58 e não há viva- alma e às quatro começa uma enchente, já
1074 nos aconteceu, tivemos que fazer duas sessões, uma enchente, portanto, quem vem de
1075 fora “então, mas falta meia hora e não está ninguém?”, “não se preocupem”. [risos]

1076 **RSE7:** E outra questão, nós somos um porto, nós recebemos muitas pessoas, por isso,
1077 essas também são os nossos públicos, esses também são os nossos públicos.

1078 **RSE7a:** E as nossas famílias estão sempre a mudar, porque são famílias que não são
1079 de cá.

1080 **RSE7:** Exatamente, estão sempre em mutação.

1081 **E:** Isso leva-me à questão da afluência do público, há variações ao longo do ano?

1082 **RSE7:** Sim, há, muitas. Há variações ao longo do ano, há variações das nacionalidades,
1083 há variações do número de pessoas.

1084 **RSE7a:** Pessoas que chegam de novo, posso-lhe dar números [imperceptível], eu posso-
1085 lhe dar números: em janeiro eu comecei a perceber que, em fevereiro é que eu fiz a
1086 pergunta, mas eu em janeiro comecei a perceber que as turmas chegavam aqui,
1087 “Cristina, temos meninos novos”, elas avisam sempre que temos meninos novos, “olha,
1088 só eu tenho cinco, só o outro tem não sei quê”, então, só em janeiro acho que foram

- 1089 vinte crianças, foi vinte que eu te disse, a entrar no agrupamento de escolas, só em
1090 janeiro.
- 1091 **RSE7:** Porque os pais vêm trabalhar.
- 1092 **RSE7a:** Como isto é uma população tão flutuante, não é...
- 1093 **E:** E isso reflete-se aqui na procura?
- 1094 **RSE7a:** Sim, sim, nós temos uma multiculturalidade.
- 1095 **RSE7:** Nós tivemos uma senhora de nacionalidade espanhola ou quiçá, já queria vir ao
1096 Dia de África, ouviu a música e já ia para o auditório.
- 1097 **RSE7a:** Tivemos muitos pais nas atividades das escolas do CRIA, eu quando digo
1098 muitos são três ou quatro que para nós são muitos, não é, que quiseram vir com os
1099 filhos porque chegaram há pouco tempo a Sines e ainda não estão em escola nenhuma
1100 e, então, pedem-nos para vir às atividades, que nós recebemos mesmo nas atividades,
1101 na hora do conto com as escolas, se houverem aí pais, já nos aconteceu montes de
1102 vezes.
- 1103 **RSE7:** E várias nacionalidades, por exemplo, o ano passado tivemos os meninos
1104 ucranianos que acabámos também por fazer aqui vários eventos com com eles, ou seja,
1105 para os integrar.
- 1106 **E:** E como é que acolhem, como é que o público acolhe as vossas atividades?
- 1107 **RSE7:** Nós tínhamos meninos que não nos percebiam e achavam-nos imensa graça,
1108 por exemplo, os ucranianos foi o máximo.
- 1109 **RSE7a:** Nas horas do conto foi lindo.
- 1110 **RSE7:** Mas há muitas pessoas que chegam e que nem sabem da oferta, da nossa
1111 existência e que acham fantástico e que têm acesso a uma programação e uma
1112 regularidade programática que não tinham, por exemplo, noutras cidades maiores ou
1113 esta questão, nós temos, por exemplo, um caso de uma mãe que veio de Lisboa,
1114 daquelas duas meninas, que só dizia “eu em Lisboa, não conseguia fazer isto com tanta
1115 regularidade, eu não conseguia proporcionar às minhas filhas uma oferta cultural,
1116 porque para além de haver muita oferta e não ir conseguir, os transportes e isto e aquilo,
1117 e aqui não, aqui consigo fazer tudo”, ela conseguiu ir buscar à escola, veio à sessão,
1118 depois veio depois do jantarmos, depois no dia seguinte veio, ou seja, isto aqui flui.
- 1119 **RSE7a:** Eu própria achei isto, quando cheguei cá.
- 1120 **E:** Mas eles repetem? O público volta?
- 1121 **RSE7a:** Ai, volta, volta.
- 1122 **RSE7:** Sim, voltam, por exemplo, quem esteve connosco no espetáculo da noite de
1123 sexta-feira, no outro dia estava cá às dez da manhã, fresco e airoso. [risos]
- 1124 **RSE7a:** Crianças, a maioria com quatro anos, mas ia dos três, sei lá, aos seis ou sete,
1125 que tiveram aqui num espetáculo à noite, às 09h30 da noite, mesmo como se fosse para

1126 adultos, às 09h30 da noite, no outro dia, havia uma apresentação de um livro às 10h00
1127 da manhã e estavam cá.

1128 **E:** E com uma atitude adequada?

1129 **RSE7a:** Completamente.

1130 **E:** Motivados?

1131 **RSE7a:** Motivados, completamente.

1132 **RSE7:** E, olhe, até naquele caso, até participativa, porque existiu uma atividade que
1133 fizemos em parceria com a Brigada do Mar e eles participativos.

1134 **E:** Isso é o geral, então?

1135 **RSE7:** Sim, exatamente.

1136 **E:** Ok. E agora só mesmo para finalizar, se tivessem que caracterizar o perfil, é diferente
1137 dos públicos, há algum perfil que destaquem do utilizador ou não, pode não existir.

1138 **RSE7a:** É tão flutuante que é difícil. E temos de tudo, temos a pessoa que não teve, tive
1139 a conversar com uma avó este fim de semana, que nunca teve sequer livros em casa
1140 sem ser os da escola e que agora oferece aos netos tudo o que é atividade.

1141 **RSE7:** Temos avós que que agora integram o Clube de Leitura.

1142 **RSE7a:** Exato e, entretanto, também arranjam atividades para eles, não é, assim como
1143 temos malta que eu noto que de onde veio, geralmente de Lisboa, faziam a sua vida
1144 cultural e agora aqui também fazem. Portanto, temos de tudo e temos aqueles que
1145 nunca vieram, mas agora vêm e ficam, aqueles que vêm, depois nunca mais vêm, às
1146 vezes sabemos que mudaram-se. Temos muitas pessoas de fora de Sines, Santo
1147 André, Santiago também costumamos ter. Quando dávamos a curso de pais, tivemos
1148 uma turma que não tinha uma única pessoa de Sines e estamos a falar de Centro de
1149 Saúde.

1150 **E:** É global, não é só aqui?

1151 **RSE7a:** Sim, já somos famosas. [risos]

1152 **RSE7:** Não existe um perfil, não existe. Nós temos desde um pescador que vem porque
1153 é uma exposição relacionada com o mar e temos...

1154 **RSE7a:** Ao doutor que está a fazer uma investigação, porque é uma exposição...

1155 **RSE7:** Exatamente. E o pescador pode vir num papel de avô, mas também pode vir
1156 como visitante e até mesmo porque já foi fotografado e vem porque foi o modelo, às
1157 vezes temos aí esses casos, "ai eu venho-me ver", [risos], por isso é que acabamos
1158 muito por não termos perfil, seria injusto dizer.

1159 **RSE7a:** Não, não temos. Não vamos estar a florear e a dizer o nosso público é assim
1160 porque não temos.

1161 **E:** Eu já tenho terminadas aqui as perguntas, sei que foi longo, não é, mas antes queria
1162 perguntar-vos se querem rever algum tópico que não tenha sido abordado, esclarecer
1163 ou também acrescentar qualquer coisa que me tenha escapado e que acho que
1164 seja importante referir.

1165 **RSE7:** O mais importante é referir que este trabalho é uma luta constante e nunca está
1166 ganho. Nós não podemos dizer, nós não chegamos ao trabalho de manhã e não
1167 podemos dizer o meu dia hoje vai ser assim, das nove às cinco sentada na cadeira a
1168 fazer o trabalho burocrático, não! Há sempre uma visita, há sempre uma questão, há
1169 sempre, nem que seja alguém que telefona a perguntar “Olhe, como é que vai ser
1170 a atividade hoje à noite?” porque nós também, para além de muitas vezes... muitas
1171 vezes associamos o serviço educativo só à questão das escolas e das famílias, nós temos,
1172 principalmente, neste momento temos duas iniciativas, o “Arte CAS” que são os artistas
1173 da nossa localidade que nós estamos a convidar para virem fazer *workshops* com a
1174 restante comunidade e temos também este que é “Ao CAS” que é juntamente com as
1175 associações, neste caso com a Associação Cabo-verdiana, vamos fazer uma
1176 programação de animação do nosso pátio exterior, mas para dar a conhecer, não só,
1177 até mesmo para esta questão do público ser tão flutuante, dar a conhecer as nossas
1178 tradições, mas também às várias nacionalidades dos vários países que temos cá. Ao
1179 longo destes meses de Verão, nós vamos fazer sempre uma sessão relacionada com
1180 Portugal ou mais relacionada com a tradição e depois outra na segunda quinzena do
1181 mês, com uma das nacionalidades que esteja cá presente. Iniciámos com o Charlie
1182 Mancini que nos trouxe o Artur Pastor e a fotografia, foi há quinze dias. Hoje temos o
1183 Dia da África com a Associação Cabo-verdiana, que irá iniciar com o Dia da África, mas,
1184 por exemplo, vamos ter o Brasil, da cultura islâmica. Mas por exemplo, em agosto a
1185 cultura islâmica, no final de agosto, no início vamos ter o “Vinha Nós”, em que fazemos
1186 uma parceria com o Vinho do Mar, que são umas garrafas das nossas adegas que são
1187 afundadas no fundo do mar e que ganham, o vinho fica muito mais enriquecido. É um
1188 projeto que nós temos, que o Município tem com a Ecoalga e nós convidámos duas
1189 contadoras que têm um projeto que é “Vinha Nós”, a Bru Junça e a Ana Lage e que vêm
1190 fazer uma sessão de contos sobre o vinho. Depois convidámos a Ecoalga e depois, no
1191 outra quinzena, virá a cultura islâmica, ou seja, é um bocadinho da nossa tradição, para
1192 quem nos visita, a nossa tradição, mas também do mundo, até porque nós nunca nos
1193 podemos desvincular do Festival Músicas do Mundo.

1194 **RSE7a:** E nunca nos podemos, mesmo que o Festival deixe de existir, nós estamos
1195 num porto, nós temos um porto, ou seja, tudo passa por aqui ou muita coisa passa por
1196 aqui e às vezes temos grupos de pessoas, “oh, devem vir do porto”, com nacionalidades
1197 completamente diferentes, não é?

1198 **E:** É característica também do sítio onde se vive.

1199 **RSE7a:** Exato, tem a ver com as características do sítio.

1200 **RSE7:** Por isso, nunca, não, é um trabalho que não está feito, nunca está feito, está
1201 sempre em mutação, quero crer que é em crescendo e que deixará alguns frutos.

1202 **E:** Espero que sim. Esta é uma excelente maneira de terminarmos. Resta-me agradecer
1203 imenso à Liliana e à Cristina por terem participado e deixar já em aberto a possibilidade,
1204 se quiserem, voltar a esclarecer alguma coisa, retomamos e estão à-vontade. Muito
1205 obrigada também ao Município de Sines, obviamente, por partilharem esta experiência
1206 que de certeza irá enriquecer o meu estudo.

1207 **RSE7a:** Esperemos que sim.

1208 **E:** Vamos dar então aqui por terminada a entrevista.

**APÊNDICE 14 – ENTREVISTA DO CENTRO CIÊNCIA VIVA
DO LOUSAL – MINA DE CIÊNCIA**

Transcrição da entrevista n.º 8

Entrevistado	Álvaro Manuel Madureira Pinto
Local da Entrevista	Centro Ciência Viva do Lousal – Mina de Ciência
Data da Entrevista	1 de junho de 2023
Validação da Entrevista	Entrevista validada através de email datado de 14 de julho de 2023

1 **E:** Olá Álvaro, desde já, muito obrigada por me receber aqui no Centro Ciência Viva do
2 Lousal - Mina de Ciência para fazermos a entrevista no âmbito do programa de
3 doutoramento em Ciências da Educação da Universidade de Évora e, desde já,
4 agradecer por me acolherem. Não sei se o Álvaro antes de começarmos a fazer a
5 entrevista se me quer colocar alguma questão?

6 **RSE8:** Não. Seja muito bem-vinda, o Centro Ciência Viva está sempre de portas
7 abertas e sempre interessado no conhecimento e no estudo e na investigação, portanto,
8 estamos sempre lado a lado com os estudantes de doutoramento, os investigadores e
9 os cientistas que queiram colaborar e que se interessem pelo Centro Ciência Viva,
10 portanto é muito bem-vinda, será um enorme prazer estarmos aqui nesta conversa.

11 **E:** Então vamos ficar a conhecer um bocadinho melhor como é que está estruturado o
12 Centro, mas começava antes disso por conhecer o Álvaro, em termos de habilitações
13 académicas, a sua área de formação.

14 **RSE8:** Muito bem. O meu nome é Álvaro Pinto, eu sou natural do Porto, licenciado em
15 Geologia, com mestrado em Metalogenia e Mineralogia e sou investigador no Instituto
16 Dom Luís e sou técnico superior na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa
17 e tenho como incumbência mais recente a direção executiva do Centro Ciência Viva do
18 Lousal. A minha formação de base, efetivamente, é na Geologia com especialização em
19 Mineralogia e quando foi criado este Centro em que eu estou no processo de criação
20 envolvido desde o princípio e, efetivamente, a minha passagem profissional pela
21 atividade mineira, porque trabalhei em minas, porque tenho muita relação com minas e
22 porque tenho formação na área de Mineralogia e Geologia fazia sentido que pegasse
23 neste projeto e que ficasse neste projeto. Portanto, esta é muito brevemente a história
24 da minha ligação ao Centro Ciência Viva.

25 **E:** Pegando ainda nas suas palavras, podia-me explicar melhor quais os motivos que o
26 levaram a aceitar fazer parte deste projeto?

27 **RSE8:** Era um projeto aliciante, desafiante. O Centro Ciência Viva do Lousal tem uma
28 característica particular que começa por localizar-se numa antiga mina, numa região
29 remota, numa estrada sem saída. Ninguém passa aqui, toda a gente tem que vir aqui.
30 E, portanto, era um desafio interessante. Por outro lado, a geologia é uma disciplina que
31 é muito eclética. Requer conhecimentos de todas as outras áreas do conhecimento
32 científico especializado e, portanto, usar os recursos minerais como porta de entrada
33 para o conhecimento científico é um enorme privilégio e uma maior facilidade para
34 captar os visitantes e captar os públicos e fazer as pessoas interessarem-se pela
35 ciência. Um dos objetivos do Centro é também interessar as pessoas pela ciência, criar

36 uma geocidadania mais interventiva, mais esclarecida e esse desafio é, de todo ele
37 muito interessante para quem é cientista na área da geologia e quando nós gostamos
38 de alguma coisa falamos apaixonadamente, se de falarmos apaixonadamente,
39 capturamos o interesse das pessoas.

40 **E:** E Álvaro, concretamente em termos de funções, como é que descreveria as suas
41 funções aqui dentro do Centro?

42 **RSE8:** As minhas funções aqui dentro do Centro têm que ser, acima de tudo,
43 capacidade de liderança e de motivação da equipa, porque quando se pretende ter uma
44 atividade onde há enormes interações entre pessoas, é preciso termos uma equipa que
45 é muito capaz, muito motivada e muito interessada e isso só acontece se as pessoas
46 tiverem sentido de pertença e participação ativa na construção do projeto. Portanto, se
47 eu viesse para aqui com as minhas ideias fechadas, feitas e a dizer o que é que se devia
48 fazer, eu, neste momento, já não tinha equipa. E, portanto, eu venho para aqui com as
49 minhas ideias para discutir com a minha equipa e para delegar um enorme conjunto de
50 atividades para que as pessoas os desenvolvam também na perspetiva de que o ponto
51 de vista de quem está no terreno e de quem tem formação noutras áreas que não a
52 minha, porque temos na equipa pessoas com formação em outras áreas que não na
53 geologia, permite que o conjunto, isto é um chavão, mas é verdade, o conjunto é muito
54 mais do que a soma das partes porque há uma contribuição de todos e há um
55 crescimento de todos. Portanto, a minha função aqui é mediar, é angariar financiamento,
56 é angariar interesse dos associados, é motivar a equipa e é, acima de tudo, iluminar o
57 caminho, mas não o definir porque ele há-de ser definido conjuntamente.

58 **E:** E a criação deste Centro? Há quanto tempo é que existe? Como é que surgiu? Podia-
59 me falar um pouco sobre a história da criação, os motivos que levaram à criação deste
60 Centro?

61 **RSE8:** Este Centro surgiu da seguinte forma: a mina do Lousal encerrou a sua atividade
62 1988 e com o fecho da mina houve um enorme choque social e uma perda de autonomia
63 do território nesta pequena aldeia mineira. As populações mais jovens saíram, as
64 populações mais velhas ficaram. A mina atribuía casa aos colaboradores e pela ligação
65 e pela estabilidade e pela existência da casa, a mina não ficou completamente
66 abandonada, mas a população ficou muito envelhecida. A degradação social iniciou-se,
67 os problemas sociais iniciaram-se, tudo isso foi um enorme problema. E entre 1988 e
68 1990 as coisas degradaram muito ao ponto em que a empresa proprietária da mina,
69 juntamente com o município decidiram criar uma fundação para desenvolver um
70 programa que era o programa ReLousal, revitalizar o Lousal em todos os pontos de
71 vista, do ponto de vista social, económico, arquitetónico e aproveitar a ciência para criar,
72 fazer uso da ciência para criar espaços culturais e de aprendizagem como vetor e
73 veículo de incremento da qualidade de vida no território. Esse projeto correu e na
74 sequência, a estratégia sortiu efeitos, e na sequência da execução desse projeto
75 ReLousal que implicava primeiro a requalificação das pessoas, depois a seguir a
76 atribuição de espaços para elas desenvolverem os próprios negócios, a criação de um
77 restaurante, a criação de um hotel e a criação de um museu. E o museu foi criado sem
78 envolver a atual associação que é responsável pelo Museu e pelo Centro Ciência Viva.
79 Foi a APAI, foi Museu Nacional de História Natural e a Universidade de Lisboa também
80 que estiveram nesse projeto e o primeiro equipamento cultural do território foi
81 efetivamente o Museu Mineiro e que foi inaugurado em 2001 e que beneficiou do
82 enorme conhecimento que essas entidades conseguiram colocar nos seus conteúdos e
83 também dos equipamentos e do historial que existia dentro do edifício escolhido para
84 fazer o Museu Mineiro, que era a antiga central elétrica da mina e central de

85 compressores de ar comprimido, dos compressores normalmente associados à
86 atividade mineira e a incontornável existência de ar comprimido na atividade mineira.
87 Passado esse momento, foi criado um projeto que era o projeto Descida à Mina. O
88 projeto Descida à Mina era um projeto de 10,5 milhões de euros que pretendia visitar
89 três níveis no interior da mina. A realidade no terreno, o projeto foi aprovado, mas a
90 realidade no terreno mostrou que não era viável. Não era viável porque uma mina em
91 atividade tem custos enormes e tem alguma dificuldade, se os preços dos metais
92 variarem, em manter a sua viabilidade económica, associada a esses custos enormes.
93 Quando nós, eu vou dar exemplo desses custos enormes: custos de eletricidade, a
94 necessidade de bombagem para manter o território, as necessidades de manutenção
95 de estabilidade da mina para a circulação de pessoas, existência de técnicos como
96 instrumentistas, eletrotécnicos, etc., seria uma equipa vastíssima que existem nas
97 minas que estão ativas e que nas minas inativas isso representam só custos, porque o
98 custo, o preço, o retorno do pagamento de uma visita está longe de poder suprir as
99 necessidades de financiamento de uma operação dessas. Portanto, esse projeto era um
100 projeto muito grande e para tentar alavancar esse projeto pensou-se que seria
101 interessante criar um centro ciência viva, alguém pensou que seria interessante criar um
102 centro ciência viva. E esse centro ciência viva para ser criado, foi procurada uma equipa
103 de arquitetura que o pensou do ponto de vista arquitetónico e que espaços utilizar e
104 depois foi procurada uma equipa científica. Quando procuraram a equipa científica,
105 procuraram o professor doutor Pinto Carvalho, que na altura recomendou o professor
106 Jorge Relvas, que atualmente é o presidente da associação. E o professor Jorge Relvas
107 da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, departamento de Geologia, aceita
108 o desafio, faz um primeiro *draft* do que poderia ser o centro e é submetida uma proposta
109 à Ciência Viva para criar o centro. Essa proposta é aprovada e imediatamente a seguir
110 é criada uma equipa para desenhar e conceber todo o Centro. Essa equipa incluiu 32
111 cientistas, professores e investigadores da Universidade de Lisboa, fundamentalmente,
112 mas não só, também fora da Universidade de Lisboa, do Museu de História Natural e
113 mais uma equipa de 10 ou 12 pessoas do ISCTE para a computação gráfica e a
114 realidade virtual. Portanto, toda esta equipa foi coordenada por Jorge Relvas que
115 depois, a seguir, faz uma equipa mais pequena de coordenação onde eu também já
116 estava incluído.

117 **E:** Faz parte desde o primeiro momento...

118 **RSE8:** Desde o primeiro momento. Eu só não estive na escrita da proposta inicial, que
119 foi escrita pelo meu colega Jorge Relvas. A partir do momento que ela é aprovada,
120 imediatamente é criada a subequipa de coordenação, que tinha 10 ou 12 pessoas, e
121 que eu estou nessa equipa logo desde o princípio.

122 **E:** Em que período cronológico? 2000 e...

123 **RSE8:** Estamos a falar entre 2006 e 2008 que estes processos tiveram lugar. De 2008
124 a 2010 foi a passagem para o terreno de montagem e instalação dos diferentes espaços
125 concebidos e dos diferentes módulos. É fundamental dizer que, à época, isto foi
126 absolutamente inovador, atualmente já não é uma novidade, mas continua a ser uma
127 marca muito importante, é que no Centro Ciência Viva do Lousal não existe nenhum
128 módulo que tenha sido comprado, todos os módulos são protótipos criados por equipas
129 científicas, com dois, três, quatro cientistas que o desenvolveram, interagiram com os
130 arquitetos, interagiram com os produtores dos suportes físicos desses conteúdos para
131 conseguir chegar ao modelo final, àquilo que nós vemos quando visitamos o Centro e
132 acredite que é um processo interativo que não acaba mais.

133 **E:** Acredito que sim. E, em termos de missão e das funções do serviço? Se ela está
134 definida nalgum documento e como é que a retrata? Em que consiste a missão?

135 **RSE8:** A nossa missão é a formação não formal para a ciência e tecnologia de público
136 em geral, público escolar, nacional ou estrangeiro, de todos os níveis em termos de
137 escolaridades e de todas as literacias, digamos assim, em termos de público em geral.
138 Como é que nós nos vemos nesse papel? A nossa missão é efetivamente a melhoria
139 da literacia científica da população, independentemente dela ser escolar ou não.

140 **E:** Ok. E em termos de objetivos, como é que vocês estão organizados internamente?
141 Se fazem um plano de atividades? Se têm objetivos específicos?

142 **RSE8:** Sim. Nós aqui no Lousal, como eu disse há pouco, nós estamos numa estrada
143 sem saída, 4 km, por onde ninguém passa, a menos queira cá vir. E, portanto, nós
144 consideramos que a nossa organização, para se manter em equilíbrio, é como andar de
145 bicicleta, se pararmos, caímos, portanto, temos de estar sempre em movimento, ou seja,
146 o que é que eu quero dizer "temos de estar sempre em movimento"? temos de estar
147 sempre a fazer de novo, a inventar novas atividades, a inventar novos produtos, a ter
148 uma dinâmica de funcionamento que nos torne simultaneamente inovadores e criadores
149 de motivos de atração. Ora, para isso é preciso ter uma equipa que esteja motivada
150 para fazer isso. Nós temos na nossa estratégia, é que todos os anos temos que ter
151 novidades. Nós temos escolas que nos são fiéis desde o ano 1 até, estamos a um mês
152 de fazer 13 anos, e que nos visitaram todos os anos. E quando aqui chegam, a primeira
153 coisa que nos perguntam é "o que é que este ano temos aqui de novo?" porque estão
154 sempre à espera de ter algo de novo. Relativamente à pergunta, sim, temos plano de
155 atividades. A nossa estratégia, nós precisamos de um financiamento, somos uma
156 entidade que é financiada, uma organização sem fins lucrativos. Os visitantes pagam
157 um valor de entrada que é que é... falha-me o termo...

158 **E:** Está pré-definido?

159 **RSE8:** Sim, há um preçário, mas é um valor simbólico porque não cobre nem de longe
160 nem de perto os custos que estão associados à visita que vão fazer. E, portanto, isto
161 tem uma função social importante. Somos uma entidade que tem uma função social
162 importante, por isso mesmo é que não somos uma entidade com fins lucrativos. Eu não
163 conheço nenhum liceu nem nenhuma universidade cujo objetivo seja gerar lucro. É sim
164 um investimento, é um processo de investimento para garantir a formação das gerações
165 futuras e o crescimento contínuo da formação das pessoas ao longo da vida. Porque,
166 repare, isso está estudado, sabe isso melhor do que eu, que a ciência que nós
167 aprendemos durante a nossa vida, só 5 a 7% é que é estudada na escola, tudo o resto
168 resulta das visitas a museus, espaços culturais, espaços de formação não formal e é
169 esse conhecimento que as pessoas vão acumulando ao longo da vida e, portanto,
170 representa 90 a 95% do conhecimento que as pessoas têm. Portanto, é uma tarefa que
171 é muito mais importante do que por vezes a sociedade pensa que a função dessas
172 organizações têm para a existência de uma sociedade mais esclarecida e para o
173 crescimento e evolução das pessoas.

174 **E:** Certo. Ainda voltando às questões da organização interna, como é que estão
175 estruturados?

176 **RSE8:** Sim, permita-me só terminar a questão dos nossos planos de atividades porque
177 isso é para nós um ponto de honra. Os nossos planos de atividades são efetivamente
178 preparados para serem apresentados em sede de Assembleia Geral, os quais terão de
179 ser aprovados necessariamente pelos associados, que é como se fossem os acionistas,

180 porque são as pessoas que garantem que isto pode funcionar. E, portanto, tem de ser
181 fundamentada toda e qualquer atividade que nós criamos nova, a exposição que
182 planeamos, etc. Como é que isso é feito? É feito de um processo, eu penso que isto já
183 antecipará alguma informação que se calhar me iria perguntar a seguir, que é, isto é
184 feito de uma forma muito participativa, muito coletiva e muito neuronal, ou seja, nós
185 temos uma equipa muito eclética temos biólogos, geólogos, geógrafos, sociólogos,
186 químicos, portanto, a formação das nossas pessoas é uma formação elevada, agora
187 não temos ninguém com doutoramento, mas até há bem pouco tempo atrás tínhamos
188 uma geógrafa doutorada, mas praticamente todos os nossos monitores têm pelo menos
189 mestrado. E quando vamos fazer o plano de atividades nós fazemos uma reunião anual
190 nesse dia em que a equipa se junta e fazemos um balanço do ano anterior, com uma
191 análise SWOT muito rápida e ligeira, para vermos o que é que no plano de atividades
192 do ano anterior funcionou melhor e o que funcionou menos bem e as oportunidades de
193 melhoria e os aspetos a melhorar e depois a seguir passamos para as propostas da
194 atividade do ano seguinte. E aí existe uma estratégia que é: as pessoas ou têm
195 propostas individuais ou já se agruparam em subgrupos internamente para apresentar
196 propostas para determinar um conjunto de atividades, exposições, o que for. E isso é
197 discutido prolongadamente porque normalmente as propostas que aparecem não são
198 capazes de ser executadas num ano, são sempre muitas, e, portanto, temos que
199 estabelecer prioridades, definir estratégias. Às vezes podem ser plurianuais, ou seja, a
200 começar para o ano, mas só se consegue completar passados dois anos, mas de uma
201 maneira geral o que fazemos é orientar em função daquilo que se prevê que seja o
202 próximo ano para onde a ciência vai ter os holofotes virados, como sejam os anos
203 internacionais, etc. e fazer com que os projetos propostos sigam, vão ao encontro
204 daquilo que é o objetivo. E portanto, dessa forma, como compreende, isto é eclético e é
205 simultaneamente participativo e neuronal, porque depois uma boa ideia que surge às
206 vezes individual, nessa reunião de equipa ela pode ainda tornar-se mais poderosa e
207 vencedora. E, portanto, no final é feito o plano de atividades, no pós desta reunião é
208 feito o plano de atividades e a seguir a esse plano de atividades é feito um orçamento.
209 Há sempre alguma iteração, não é, porque não podemos, achamos que conseguimos
210 logo um orçamento, não, é feito um orçamento, porque depois, plano de atividades e
211 orçamento têm que ser apresentados em sede de Assembleia Geral e serem aprovados
212 para progredir.

213 **E:** Sim, mas retomando aquela questão da forma de organização interna, como é que
214 estão organizados ou estruturados?

215 **RSE8:** Pronto, nós estamos organizados da seguinte forma: nós temos uma equipa que
216 é equipa de acolhimento e que... é importante dizer e vincar esta ideia de que a grande
217 força da nossa equipa é a capacidade de se transformar e de se adaptar e modificar em
218 função das circunstâncias. Nós não temos uma única pessoa aqui que tenha uma
219 função definida que seja estanque e única. As pessoas aqui têm enorme liberdade para
220 abraçarem, proporem projetos, saltarem de um projeto para o outro, associarem-se a
221 outros colegas ou às vezes juntarem-se a outros colegas porque a determinada altura
222 há necessidade de, e, portanto, dizem, "eu estou disponível, eu tenho algum tempo, eu
223 posso ajudar a equipa do João que está a puxar por este assunto ou por aquele". E,
224 portanto, essa maleabilidade existe e, portanto, nós podemos dividir a estrutura,
225 digamos o organograma da nossa organização em três grandes domínios: temos
226 acolhimento e receção e vendas, temos a parte administrativa e temos a parte de
227 monitores e guias. Estes são os três grandes grupos. E depois temos a direção que
228 coordena a operação. Dentro do grupo de acolhimento, as pessoas não fazem só um
229 acolhimento, não recebem as pessoas às 10 da manhã e depois já não fazem mais

230 nada, não, muitas vezes é feita formação interna dentro da equipa em que pessoas com
231 determinadas competências formam outras pessoas que não têm essas competências
232 para uma vez adquiridas e uma vez confortáveis poderem desempenhar outras funções,
233 nomeadamente, determinadas áreas de visitação, às vezes só de vigilância, mas é raro,
234 mas já começa a acontecer porque há muitos visitantes, particularmente os visitantes
235 estrangeiros, gostam muito mais de ler tudo do que os visitantes portugueses. E, nessa
236 altura, eles preferem não ter uma visita acompanhada e preferem ir explorando tudo e,
237 então, nessa altura nós temos sempre alguém disponível, mas que só interfere quando
238 é chamada e, portanto, as pessoas que estão no acolhimento têm essa versatilidade de
239 poder fazer algumas das tarefas de visitação e de poderem fazer atividades fora do
240 local, porque eu ainda não disse até aqui, até este momento, mas nós estamos muito
241 longe de nos limitarmos aos nossos espaços. Os nossos espaços compreendem o
242 Centro Ciência Viva, atualmente, compreende o Museu Mineiro, compreende uma visita
243 à exploração a céu aberto daquilo que se chama a Corta Mineira e compreende uma
244 visita subterrânea a uma galeria mineira. Isto é o que existe no Lousal, mas o Lousal é
245 muito mais do que isto e, portanto, nós não nos limitamos às nossas paredes ou aos
246 nossos limites, extravasamos e vamos explorar todo o tipo de conhecimento científico
247 em todo o tipo de domínio e de espaço. E como também somos muito mais ambiciosos
248 do que isso, também não nos limitamos a ficar no Lousal e, portanto, nós saímos para
249 fora do Lousal para todos os lados que o país nos queira receber, em particular dentro
250 do Alentejo Litoral, em que nós temos um produto que chamamos “A Mina Vai”, “A Mina
251 Vai” a todo lado. “A Mina Vai” à biblioteca, a “A Mina Vai” à praia, que nós chamamos
252 internamente a “A Mina Vai” a Banhos. “A Mina Vai” à praia, “A Mina Vai” à universidade
253 da terceira idade, à escola, etc, “A Mina Vai” ao cinema. E, portanto, isso faz-nos sair
254 para lá dos nossos limites físicos em termos de aldeia mineira, que é muito mais do que
255 sair só das nossas paredes, que também já o fazemos aqui.

256 **E:** Mas Álvaro, retomando a questão dos recursos técnicos, da equipa, como é que, o
257 que me pode descrever, em número, quais as áreas de formação?

258 **RSE8:** Sim, posso. Isto que eu tinha acabo de dizer era sobre a equipa de acolhimento.
259 A equipa de monitores é constituída por 10 pessoas, se a memória não me atraiçoa,
260 sendo que duas delas são professores destacados. Os professores destacados são aqui
261 colocados por intervenção direta da Agência Nacional Ciência Viva, que é uma rede que
262 tem uma rede de centros, a rede de Centros Ciência Viva e da qual nós integramos. E,
263 portanto, nós temos neste momento dois professores destacados, uma professora do
264 grupo 510 e um professor que eu não sei qual é o grupo, mas que é de ciências e
265 matemática do segundo ciclo. Um dos professores está aqui com funções para apoiar
266 os clubes ciência viva na escola, em que nós temos uma rede de 30, pelo menos clubes,
267 que abrangemos e o outro professor está aqui para apoiar a escola de ciência viva de
268 Lousal que se chama "A escola é uma mina" onde nós recebemos todas as semanas,
269 entre novembro e maio, junho já não recebemos, entre novembro e maio recebemos
270 todas as escolas do primeiro ciclo do concelho de Grândola, os quartos anos, e os
271 meninos passam cá uma semana, uma semana que têm atividades, voltaremos a isto
272 quando for a altura. Para que esta equipa fique, esta equipa fica completa com mais um
273 conjunto de pessoas que pertencem à Associação, que são pagas pela Associação,
274 então o que é que nós temos? Químico, dois biólogos, dois geólogos, uma pessoa com
275 formação na área de ambiente e uma pessoa com formação na área de informática. Ao
276 todo são 10, com os dois professores. A equipa de acolhimento tem duas pessoas e a
277 equipa administrativa tem duas pessoas, a Mafalda, que faz a coordenação geral e a
278 Vânia, que tem também uma ação dupla porque ela é simultaneamente administrativa
279 e também faz acolhimento para fazer a rotação das férias das colegas, etc.

280 **E:** E têm todos vínculo aqui com a Associação?

281 **RSE8:** Todos têm vínculo com a Associação.

282 **E:** Mas não fazem só, de facto, era aquilo que me estava a dizer, não fazem só uma
283 função.

284 **RSE8:** Não, não há ninguém que tenha só uma função, é impossível ter só uma função
285 aqui. Os monitores, depois estão... existe um enorme leque de responsabilidades numa
286 operação tão complexa como é o Lousal, que envolve uma visita subterrânea dentro de
287 uma mina, que envolve saídas de campo, que envolve espaços muito diversos e
288 complexos. E, portanto, nós temos uma subequipa que é responsável pela visita ao
289 interior da mina. Essa mesma equipa tem de ser responsável pela monitorização, pela
290 segurança, pela ligação às entidades que tutelam e que nos auditam nesses termos.
291 Por outro lado, essa visita ao interior da mina passa por uma zona onde tem um grupo
292 alargado de morcegos que é monitorizado pelo ICNF e que nos obriga também a ter
293 alguns procedimentos e a ter uma ligação ao ICNF que garante que tudo é feito de
294 acordo e com as regras devidas. Depois temos a questão da segurança associada aos
295 espaços, as nossas medidas de autoproteção e alguém há-de ser responsável por isso,
296 depois temos projetos...

297 **E:** Lá está, todos fazem de tudo.

298 **RSE8:** Há pessoas que chegam a estar em três áreas diferentes. Eles acolhem os
299 visitantes, mas simultaneamente são responsáveis da segurança e simultaneamente
300 são responsáveis da "Mina vai à Praia". Estou-me a lembrar, eu dei o exemplo da Ana
301 Justino, que a Ana Justino faz visitas, é responsável do projeto "A Mina vai à Praia", nós
302 temos toda a costa alentejana desde Troia até ao limite entre o Alentejo e o Algarve e
303 que nós visitamos durante o verão e a Ana tem que programar isso tudo e garantir que
304 isso acontecem, mas ao mesmo tempo ela é responsável de segurança das nossas
305 medidas de autoproteção e do nosso plano de, antigamente chamava de plano de
306 emergência, que agora são medidas de autoproteção.

307 **E:** Esta equipa já está aqui há muito tempo? Tem entradas novas?

308 **RSE8:** A equipa tem tido alguma rotação, esta equipa está estável há algum tempo, mas
309 é natural as equipas terem rotação. Temos aqui elementos que estão cá desde que
310 iniciou o projeto, é o caso da Margarida Oliveira, é o caso da Mafalda, pessoas que
311 estão cá desde que iniciámos.

312 **E:** E a questão..., já me falou também deste aspeto, da questão da formação. A
313 preparação para o exercício das funções, como é que se processa? Exige-se alguma
314 formação específica ou não?

315 **RSE8:** Eu sei que isso vai de certeza ao encontro de uma outra pergunta que, de
316 certeza, que terá que é o processo de contratação.

317 **E:** [risos] Também. E se há necessidade, se os recursos que têm se são suficientes ou
318 se há necessidade também de haver um reforço? [risos]

319 **RSE8:** Já vamos a isso. Relativamente à questão da formação das pessoas e ao
320 recrutamento, isto aqui podemos puxar outro chavão para cima da mesa que é da
321 autoria do Steve Jobs, esse amador da área da gestão [risos], que pessoas medíocres
322 fazem organizações medíocres, não hesitem despedir e tenham muito cuidado. O
323 processo de contratação é o processo mais complexo, o recrutamento é o processo

324 mais complexo e mais importante do momento. Portanto, nós fazemos um recrutamento
325 que tem algumas premissas: a primeira é, um dos objetivos do Centro Ciência Viva de
326 Lousal foi dinamizar social, económica e culturalmente o espaço, portanto, em igualdade
327 de circunstâncias, qualquer pessoa que seja do território tem primazia sobre os outros,
328 esse é o primeiro; o segundo é que as pessoas têm que ter competências curriculares
329 e competências de *know how* e de conhecimento que são muito importantes, mas mais
330 importante do que isso, porque toda a gente é capaz de aprender, se a pessoa for capaz
331 de aprender, mais importante do que isso é a disponibilidade da pessoa para aprender,
332 é a capacidade da pessoa para aprender e é a atitude, porque a atitude é que nos vai
333 ditar o grupo e o grupo tem uma identidade, tem uma identidade grupal que não é só
334 individual nem a soma das partes. E, portanto, no processo de contratação é
335 extremamente importante nós avaliarmos se aquela pessoa tem um perfil que joga com
336 a equipa que temos. Isso é algo que pesa no nosso processo de contratação e, portanto,
337 em igualdade de circunstâncias para tudo o resto, este pode ser o ponto diferenciador,
338 contratamos aquela pessoa e não a outra, porque esta é uma pessoa que tem um perfil
339 que encaixa na nossa equipa e a outra não tinha e, portanto, se nós criarmos um jogo
340 de forças contraditório, isto tende a desmoronar, é disruptivo.

341 **E:** E em termos de equipa, é em número suficiente? Há necessidade de contratar mais?

342 **RSE8:** Todas as atividades têm sempre altos e baixos. Há momentos em que estamos
343 perfeitamente assoberbados, que nós precisávamos de mais duas ou três pessoas e há
344 outros momentos em que os elementos que temos são claramente suficientes. Portanto,
345 tem que se fazer aqui, vai-me perdoar o termo em inglês, um *trade-off* entre aquilo que
346 se pode ter e aquilo que se quer ter e aquilo que se deve ter. E, efetivamente, a equipa
347 precisava de ter mais um ou outro elemento, mas, neste momento, ela está muito
348 equilibrada, portanto, muito entrosada. A nossa dificuldade acontece em picos de
349 atividade que nós, por vezes, suprimos com contratação pontual, às vezes, com um
350 recurso à contratação de pessoas que fazem aqui estágios curriculares ou
351 profissionalizantes das escolas e de ensino médio e superior que temos aqui nos
352 arredores e isso permite-nos, por vezes, suprir picos de trabalho. A situação mais
353 problemática e que nos faz trabalhar um bocadinho mais no fio da navalha é as
354 situações que não são programadas ou previsíveis, doenças, pessoas que precisam de
355 se afastar por um tempo. As senhoras têm uma característica particular, é que às vezes
356 engravidam e, portanto, também precisamos de substituir essas pessoas quando estão
357 nesse estado e a saúde obriga a que elas não estejam presentes, porque neste
358 momento temos uma nossa colega que está grávida e está aí a trabalhar, a Mafalda
359 quando esteve grávida trabalhou até aos oito meses e meio de gravidez, portanto, uma
360 grávida não é uma doente, sabe isso porque é senhora e é mãe.

361 **E:** [risos] Exato, mas essa contratação então é pontual. E em termos de parceiras,
362 também recorrem a algum tipo de parceria, com alguns parceiros da área que ajudem
363 a suprimir essas necessidades?

364 **RSE8:** Não temos parcerias formalizadas com entidades em redor, o que nós temos
365 efetivamente é a colaboração com escolas que tentamos apoiar, tentamos dar o nosso
366 melhor proporcionando estágios às pessoas. Os únicos recursos que nós temos
367 adicionais são os cientistas, porque nós temos uma fortíssima ligação ao tecido
368 académico e ao tecido de investigação nacional, por via do facto de um dos associados
369 ser a Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, onde eu pertença e, portanto,
370 temos a porta aberta de todos os cursos de ciências e mais uma data de centros de
371 investigação e outras universidades onde temos contactos. Portanto, quando nós
372 queremos falar de nanotecnologia, nós vamos buscar o cientista especialista na matéria

373 com a qual falar. Quando nós queremos falar de Astronomia e passar aqui uma noite a
374 observar o céu do Lousal, nós vamos buscar um astrofísico, a uma universidade ou um
375 centro de investigação e essas são as nossas ligações. Temos uma proximidade grande
376 com a Herdade da Ribeira Abaixo, que fica ali na Serra de Grândola, que é um polo
377 também da Faculdade de Ciências, com o apoio da Câmara Municipal de Grândola e
378 que nos permite também ter a possibilidade de desenvolver algumas atividades na Serra
379 de Grândola, que é fantástica, pouca gente conhece, quem lá vai fica sempre
380 espantado, e a Herdade da Ribeira Abaixo explora todo o conhecimento à volta do
381 mundo da botânica, e que nós temos uma enorme proximidade, porque são colegas
382 nossos da faculdade que também estão à frente daquilo. Portanto, as nossas parcerias
383 estão muito mais no domínio do tecido científico do que propriamente de parceiros
384 pontuais à volta, em termos de supressão de necessidades.

385 **E:** E não é uma questão formal, é até com alguma informalidade, não é necessário um
386 protocolo?

387 **RSE8:** Não, não existe um protocolo, é informal.

388 **E:** E agora falando concretamente das condições físicas de toda a infraestrutura, já me
389 falou também sobre esta questão dos espaços que têm, mas agora em detalhe. Isto era
390 uma antiga mina, não é, que foi toda adaptada para esta função ou não? O que é que
391 me pode dizer sobre isso?

392 **RSE8:** É, é, efetivamente é isso. Nós estamos, as nossas instalações estão em antigos
393 edifícios e utilizando antigas instalações industriais da operação mineira, que foram,
394 necessariamente, recuperadas e adaptadas. Adaptadas em termos de ergonomia e de
395 habitabilidade do espaço e recuperadas porque por vezes tinham danos e estavam a
396 necessitar obras. Quais são os nossos espaços? O Centro Ciência Viva do Lousal
397 localiza-se naquilo que era antigamente o balneário dos mineiros, a oficina mecânica, a
398 casa do ponto, assim de momento é o que eu me recordo. Depois o Centro Ciência Viva
399 prolonga-se para um outro espaço, a que nós chamamos de *Home Sapiens*, a ciência
400 lá de casa, que era um armazém geral, que foi adaptado para ser um espaço
401 completamente diferente neste momento, mas que a traça foi deixada na arquitetura
402 exterior e foi preservada a memória interiormente apenas no chão, o resto foi tudo
403 modificado e isto é o Centro Ciência Viva. Depois temos o Museu Mineiro, como eu
404 disse há pouco, que faz uso da antiga central de produção de eletricidade e de ar
405 comprimido. É o maior edifício envolvido neste processo. E depois temos a Galeria
406 Mineira, que esse é a própria mina propriamente dita.

407 **E:** E em termos de equipamentos, que equipamentos é que existem nestas
408 infraestruturas?

409 **RSE8:** Ok. Os equipamentos que existem, começamos pelo equipamento cultural mais
410 antigo que é o Museu Mineiro. O Museu Mineiro tem fundamentalmente e, neste
411 momento, não será por muito mais tempo que será só assim, os motores, grupos
412 geradores de eletricidade, os compressores, mais algum equipamento e ferramentas e
413 o PT, o posto de transformação, que fazia a distribuição de eletricidade para toda a
414 infraestrutura do Lousal, incluindo bairros habitacionais. E eu disse que isto não vai ficar
415 muito mais tempo por aqui, porque já teve a oportunidade de visitar e já viu que estamos
416 em obras, portanto, está em curso um projeto. Este projeto é financiado pelo H2020, a
417 que nós concorreremos e que tivemos sucesso, é um projeto de 610 mil euros, que nós
418 conseguimos, que nós estávamos com alguma dificuldade em concluí-lo e terminá-lo tal
419 como foi pensado, porque meteu-se uma pandemia, uma guerra e meteu-se uma crise

420 financeira que aumentou a inflação. E isto fez os preços aumentarem, não só do
421 trabalho, mas dos bens essenciais associados à intervenção que já vou dizer que está
422 a acontecer. E, portanto, muito recentemente, conseguimos obter o apoio adicional da
423 Câmara Municipal de Grândola, de mais 150 mil euros para juntar a esses 610, para
424 permitir concluir o projeto em curso que já está, durante este ano, será concluído. E o
425 que é que vai ser feito? Está em fase de restauro tudo o que é infraestrutura de edificado,
426 porque já começava a acusar a idade, a passagem do tempo e, por além disso, foi
427 pensado um novo discurso expositivo, nomeadamente, com novos conteúdos, com
428 novas soluções, com modernização do discurso, nomeadamente com quiosques
429 interativos que vão permitir às pessoas aprofundar mais o conhecimento do que só
430 aquela placa identificadora que diz que aquilo é um motor elétrico do século não sei
431 quando e, portanto, as pessoas vão poder interagir, ver como é que funciona, explorar
432 e que vai beneficiar e muito o discurso do Museu. Para além disso, e estas duas coisas
433 que ainda me faltam dizer sobre o Museu, são muito importantes, estamos a preparar
434 um centro documental, porque temos um conjunto enorme, muitíssimo vasto de
435 informação documental acumulada de 88 anos de atividade mineira, que tudo foi
436 guardado, desde as fichas médicas dos trabalhadores, às fichas dos trabalhadores, aos
437 relatórios diários de análise química dos minérios. Nós temos essa riqueza toda e vamos
438 criar um centro documental, porque queremos que o Museu, quando terminar esta
439 intervenção, esteja capaz de se poder candidatar à rede nacional de museus. Para isso
440 precisa de ter uma componente de investigação ou pelo menos um espaço onde os
441 investigadores possam ir para explorar, para aprofundar os seus conhecimentos e fazer
442 ciência. E esse espaço é um espaço muito importante. E, por último, uma outra coisa
443 que este projeto vai permitir é que o Museu seja autossuficiente em termos de energia.
444 Ele vai ter, já tem em cima de uma área do telhado, painéis solares que estão prontos
445 a ser ligados, mas neste momento ainda não estão ligados, e que vai ter capacidade de
446 produção de energia para suprir todo o Museu Mineiro. Durante alguma parte do ano é
447 capaz de suprir energia para todo o complexo do Centro Ciência Viva, mas nos picos
448 de consumo, como é o pico do inverno e o pico do verão, em que os ares condicionados
449 consomem mais energia, provavelmente não temos dimensão para isso, teremos que
450 ampliar. Mas esta componente é muito importante no Museu, porquê? porque é fazer
451 com que o Museu se cumpra, porque o Museu tinha uma função, era uma central
452 elétrica, produzia energia. Logo, ela agora tem que continuar a ser uma entidade que
453 produz energia, agora num novo contexto, num novo paradigma, numa nova lógica
454 moderna, numa transição energética em curso e numa descarbonização da sociedade
455 que queremos ser participativos e ilustrar que isso é impossível de fazer.

456 **E:** Mas não é só aqui o Museu que tem essa componente, por exemplo, eu tive a
457 oportunidade de fazer a visita aos vários espaços e percebi que nesses percursos vocês
458 também têm uma série de outros equipamentos, que permitem a exploração. Pode-me
459 falar um pouco sobre esta questão?

460 **RSE8:** Sim. Continuando, vou concluir. Eu falei sobre o Museu e depois tínhamos o
461 Centro Ciência Viva. No Centro Ciência Viva fazemos uso daquelas instalações e todos
462 os equipamentos que lá temos são equipamentos, como eu disse há pouco, que foram
463 desenvolvidos pela equipa científica que pensou o espaço. Todas as exposições que lá
464 estão, às vezes são exposições produzidas pelos centros de investigação ou pelas
465 universidades ou por equipas científicas, mas a maior parte das vezes são exposições
466 que são desenvolvidas pela nossa equipa, pensadas, desenvolvidas com revisão
467 científica e com uma componente, o nosso rigor científico é a nossa pedra de toque, é
468 o que faz a diferença e, portanto, nós nunca pomos, desculpe a expressão, nunca
469 pomos o pé em ramo verde, à mínima dúvida nós temos um conselho científico que

470 integra um conjunto de professores e investigadores que nos permite retirar qualquer
471 dúvida para que não comuniquemos nada que está errado. É impossível uma
472 organização destas, não deve nunca comunicar nada que seja dúbio ou que esteja
473 errado. Pode comunicar coisas que estão em fase de discussão pela ciência,
474 esclarecendo que essa discussão é um processo científico em curso. Depois nós temos
475 outros equipamentos, temos outros aspetos muito importantes que se prendem muito
476 com as necessidades da sociedade e com o sentido da sociedade e a análise que a
477 sociedade tem. É nosso objetivo que a sociedade perceba que as minas são
478 incontornáveis para o desenvolvimento da sociedade. No entanto, as minas têm uma
479 péssima imagem pela pegada, pelo impacto que tiveram e pelos impactos negativos
480 que têm do passado. Mas é preciso esclarecer, é preciso criar uma geocidadania
481 consciente de que isso faz parte do passado. Que hoje em dia, os países desenvolvidos
482 têm legislação, têm regras e a mineração deve ser ética e responsável e é possível fazê-
483 lo. É possível fazê-lo e nós temos que comunicar isso e mostrar isso às pessoas, por
484 isso é que quando este Centro e este espaço começou, a primeira grande decisão foi
485 não erradicar, disfarçar ou fazer desaparecer a cicatriz e os impactos negativos
486 deixados pela operação minera no século passado.

487 **E:** Sim eu até noto aquelas manchas, não é?

488 **RSE8:** Temos águas ácidas, temos duas lagoas de águas ácidas e que seriam
489 impossíveis de acabar com elas porque a natureza gera essas águas ácidas
490 naturalmente. Não é a ação do homem que as gera apenas, o homem pode acelerar,
491 mas não é o homem que define se vai haver águas ácidas ou não, é a natureza que
492 define. E, portanto, a atividade mineira expõe essa faceta da natureza e importa mostrá-
493 la. Mas também importa mostrar que é possível nós termos minas e termos devolução
494 à sociedade e à natureza, do espaço que as minas usaram de uma forma equilibrada e
495 com benefícios. E, portanto, isso remete para um projeto que nós temos e nós ainda
496 não chegámos à fase de falar dos projetos que temos na nossa mão, mas, pronto,
497 vamos avançar para aí. É um projeto que nós temos que é um Life, um projeto Life, um
498 projeto que é financiado diretamente pela União Europeia. Quem é coordenador deste
499 projeto é o Governo Regional de Castilha-La Mancha e nós fomos convidados pelos
500 colegas espanhóis para sermos o veículo de comunicação deste projeto e para ter um
501 território, uma pequena área piloto para explicar o que é que este projeto é e o que é
502 que é capaz de fazer. Essa área é aqui muito próxima, é mesmo aqui ao lado do Museu,
503 no enfiamento do Centro Ciência Viva. E o que é que pretendo comunicar? Pretende
504 comunicar que aplicando as técnicas mais modernas de restauro geomorfológico e
505 aplicando técnicas de restauro ecológico, nós transformamos um antigo espaço que
506 tinha lixo, águas ácidas, restos de pirite, num mini montado que está absolutamente em
507 equilíbrio e cujos resultados que nós estamos a recolher mostram que tiveram um
508 impacto positivo na natureza brutal. A biodiversidade sem se medir, só olhando,
509 apercebermo-nos do quanto aumentou. Os pequenos mamíferos, os insetos, animais
510 que já estão a produzir solo e a seguir aparecem os pássaros e depois vêm as rapinas
511 e depois vêm os predadores e nós conseguimos ver isto, vemos a natureza a acontecer,
512 nós só demos um empurrãozinho e a natureza explodiu. E o espaço, simultaneamente,
513 transformou-se num espaço que pode ser utilizado pela população para fazer um
514 piquenique, para fazer um passeio no campo, para ir ver as plantas, porque depois o
515 restauro ecológico que foi feito, foi feito de forma científica, de forma muito bem
516 estudada, para que apenas lá fossem colocadas plantas que sejam autóctones. E essas
517 plantas autóctones, uma vez vingadas, impedem a entrada das plantas invasoras, que
518 nós olhamos para fora da área que fizemos a intervenção e vemos as plantas invasoras
519 e na área onde fizemos a intervenção elas não entram. Houve um controlo inicial, houve

520 um controlo inicial de eliminação de pragas invasoras e exóticas, mas depois deixámos
521 a natureza entregue a si. Porque este piloto pretende mostrar, pretende ser uma montra
522 para as empresas mineiras e para a indústria mineira, de que esta solução é uma
523 solução viável para as suas minas quando eles estiverem a terminar a operação. E já
524 fomos visitados por empresas mineiras, já fomos visitados por universidades e
525 efetivamente o que é que se conclui? Isto acarreta algum custo inicial para as minas
526 que pode ser maior do que as soluções tradicionais, mas depois não tem custo nenhum,
527 a natureza mantém-se *per sí*. E mesmo que isso não fosse assim, nós temos a vantagem
528 de que o espaço foi devolvido à natureza e à sociedade de forma equilibrada e
529 absolutamente...

530 **E:** Até visualmente não tem impacto negativo.

531 **RSE8:** Não há impacto visual, porque nós estamos com uma paisagem que simula,
532 imita, nós estamos a brincar aos deuses, estamos a fazer de conta que somos deuses
533 e que desenhamos como é que a natureza deve ser. E nós imitamos a natureza e ela
534 mantém-se. Claro que aqui havia uma questão adicional que era a parte inovadora. Este
535 projeto-piloto aqui no Lousal é o primeiro na Europa em que associa restauro
536 geomorfológico a restauro geoquímico e a restauro ecológico. A parte geoquímica é
537 fundamental porque nós somos uma mina de, éramos uma mina de sulfuretos que
538 geram águas ácidas. O projeto em Espanha é apenas um projeto da parte física porque
539 os problemas eram com caulinos e aí não há problemas químicos de estabilidade, só
540 há problemas geomorfológicos. Portanto, este espaço é um espaço que permite mostrar
541 às pessoas tudo, o que as minas fizeram de mal no passado, o que as minas estão
542 impedidas de fazer na atualidade, se forem colocadas em países que têm legislação,
543 em países, eu não gosto desta expressão, mas vamos dizer de primeiro mundo, onde
544 há auditoria, onde há controlo, onde há regras, onde é preciso fazer como se deve fazer.
545 E, ao mesmo tempo, mostrar que no final, pode ser devolvido à natureza e à sociedade
546 num estado quase *pristine*, como se a mina ali não tivesse estado.

547 **E:** E só para concluirmos esta questão dos equipamentos, o Álvaro falou-me que eles
548 visam sobretudo a experimentação, certo? Não é meramente expositivo.

549 **RSE8:** Nós não temos, nós temos alguns conteúdos que podem ser mais
550 contemplativos até porque nós gostamos muito de fazer uma perninha na arte, não é,
551 porque ciência e arte é algo que não pode estar dissociado, estão intimamente
552 associado, é quase como a matemática e a música. A ciência é uma forma de arte, se
553 quisermos levar a um limite. E portanto, nós temos algumas exposições que são mais
554 contemplativas, mas mesmo essas têm interação. Eu vou-lhe citar uma que já visitou...

555 **E:** Eu vi uma série de jogos.

556 **RSE8:** Eu vou-lhe citar uma que tenho certeza que se lembra que são a fotografia de
557 minerais a uma escala muito alta. A forma de tornar aquilo interativo foi não querermos
558 colocar nenhuma escala nas fotografias, as fotografias não têm escala. As fotografias
559 variam de tamanho porque a escala é sempre a mesma. Um palmo médio, que existe
560 uma forma de nós calibrarmos o nosso palmo lá na parede, um palmo médio vale um
561 milímetro, portanto, qualquer pessoa consegue estar na frente da fotografia a medir um
562 palmo para ver o que aquilo representa. Por outro lado, existe um *QR Code* que permite
563 às pessoas fazerem uma ligação à *internet* onde têm um outro nível de leitura e um
564 aprofundamento do conhecimento técnico para obter aquelas imagens e científico para
565 explicar o que é que está exposto. Portanto, até uma parte que é um casamento entre
566 arte e ciência, porque aquelas fotografias são verdadeiramente artísticas, um

567 casamento entre arte e ciência que é mais contemplativo também tem alguma interação.
568 Os módulos são todos eles interativos. E depois temos um conjunto de atividades que
569 são desenvolvidas pela equipa, aliás, nós temos neste momento um conjunto tão vasto
570 de atividades que já sentimos necessidade de nos organizarmos para termos uma visão
571 e uma catalogação das nossas atividades que nos permitam explorá-las mais
572 profundamente, porque às vezes cria-se uma atividade para uma iniciativa qualquer,
573 uma participação numa feira e depois essa atividade nunca mais é usada porque temos
574 tantas mais coisas e o que nós queremos é que isso seja potenciado. E, portanto, temos
575 essas atividades que são desenvolvidas, são desenvolvidas normalmente
576 contextualizadas com o objetivo do público-alvo e todos os módulos que temos são
577 efetivamente interativos. Há sempre necessidade de interação entre o visitante e o
578 módulo para poderem apreender e explorar mais profundamente.

579 **E:** Por isso é que é ciência, uma vez mais, não é? [risos]

580 **RSE8:** Claro, é ciência experimental e em ciência experimental nós temos que
581 compreender que as escolas e os professores têm enormes limitações de tempo para
582 conseguir fazer um desenvolvimento de ciências experimentais mais profundo e mais
583 vasto. Portanto, nós temos que ser um suporte para os professores, para o sistema de
584 ensino, para que essa exploração mais “mãos na massa” possa acontecer de forma
585 fluída e de forma democrática para todos, em que todos têm acesso, por isso é que os
586 alunos também pagam um valor de visita que é muito pouco significativo.

587 **E:** Pegando precisamente nessa questão do custo, falávamos agora um pouco sobre o
588 orçamento e as fontes de financiamento. Que fontes de financiamento é que tem?
589 Mecenato, patrocínios, receitas próprias e se o orçamento que têm, as verbas que têm,
590 são suficientes ou se há sempre necessidade de mais?

591 **RSE8:** Eu tenho um amigo que tem uma expressão que eu gosto muito de citar que é
592 “saúde e dinheiro nunca é demais”, portanto, “ah, sou muito saudável”, podia ser ainda
593 mais, para melhor. O dinheiro é a mesma coisa, nunca é demais. Portanto, a Associação
594 é constituída pela Agência Nacional Ciência Viva, cinco associados se a memória não
595 me traiçoa, Agência Nacional Ciência Viva, Município de Grândola, Faculdade de
596 Ciências da Universidade de Lisboa, SAPEC Parques Industriais e Costa Terra. Nós
597 somos uma Associação na rede ciência viva que é única, porque somos a única
598 Associação que inclui município, entidades públicas e entidades privadas. E devo-lhe
599 dizer que isso torna as Assembleias Gerais muito bonitas, muito interessantes. E o
600 financiamento funciona da seguinte forma: o financiamento de funcionamento tem que
601 ser garantido pelos associados, município e entidades privadas.

602 **E:** Suportar as despesas correntes, o funcionamento...

603 **RSE8:** O financiamento de investimento pode ser, pode e deve ser, sempre que
604 conseguem, efetuado pela Agência Nacional Ciência Viva. A Faculdade de Ciências não
605 tem obrigações pecuniárias, tem a obrigação de nomear o presidente e o diretor
606 executivo, e, portanto, o suporta os ordenados dessas pessoas e disponibiliza o tempo
607 dessas pessoas, é o suporte que dá. Como esse dinheiro é suficiente para manter uma
608 operação mínima, mas pouco para a ambição que nós temos, nós estamos
609 constantemente a concorrer a projetos. O Life é um exemplo de um projeto, o projeto
610 Ampere, que eu lhe falei sobre os progressos e as alterações que estamos a fazer no
611 Museu Mineiro, o projeto chama-se Ampere. O projeto Mina de Abraços, que acabou há
612 muito pouco tempo, também foi financiado por outra entidade, o Ampere, financiado pelo
613 AH2020, portanto pertence ainda ao Horizonte 2020, portanto A2020 porque é a

614 Alentejo e que está em reta final. O Mina de Abraços, que foi um projeto de 400 mil
615 euros, talvez, foi financiado pelo Turismo de Portugal. O Life é financiado diretamente
616 pela União Europeia.

617 **E:** Recorrem então a essas candidaturas a projetos para fazer atividades?

618 **RSE8:** Para obter mais financiamento e para fazer mais coisas e mais projetos. E
619 repare, o nosso objetivo é sempre crescer, crescer de forma estruturada, porque não
620 nos interessa crescer de uma forma disruptiva ou não sustentada, porque o que vai
621 acontecer é que há um ano ou dois que funciona e depois tudo colapsa. Por isso é que
622 os nossos projetos são projetos que raramente geram *income*, receita para a
623 organização, mas permitem que a organização faça manutenção dos espaços, melhore
624 os espaços, por exemplo, todos os sistemas de ar condicionado que existem nos nossos
625 espaços foram instalados à custa de projetos, não foram instalados inicialmente,
626 portanto, foi um esforço feito pela direção para conseguir que isso acontecesse, porque
627 tínhamos que criar condições ergonómicas e, portanto, os projetos eram o veículo. Por
628 outro lado, quando os projetos carecem de uma componente nacional, nós
629 necessitamos do apoio dos associados, porque nós não temos fundos próprios,
630 necessitamos dos associados e outras vezes não, porque, por exemplo, o Life não
631 requer nenhum apoio dos associados e toda a componente nacional que nós temos que
632 suprir, que são 40% do valor, e neste caso estamos a falar de 490 mil euros, é traduzido
633 em horas homem. Portanto, nós pagamos com o nosso trabalho a componente nacional
634 para que nos seja dado o financiamento que depois nos permite fazer melhorias e fazer
635 mais atividades. E depois, naturalmente, temos o autofinanciamento, sem ser de projeto,
636 ou seja, receita de bilheteira. E, portanto, falando em valores de 2019, para não
637 metermos aqui a pandemia a confundir tudo, nós em 2019 estávamos em pleno, 2020
638 ia ser um ano fantástico, em 2019 estávamos em franco crescimento e já éramos o
639 segundo maior financiador da operação, o primeiro era o Município de Grândola e o
640 segundo era o autofinanciamento, nós tínhamos capacidade de 22 a 24% de
641 autofinanciamento. Nestes domínios dos museus, 20 a 25% é top. Porque o
642 *benchmarking* são museus como o Museu de História Natural de Londres ou o Museu
643 de História Natural de Nova Iorque que conseguem de 40 a 60% de autofinanciamento.

644 **E:** Estamos no Lousal!

645 **RSE8:** Pois, estamos no Lousal e mesmo a nível nacional, 20% de autofinanciamento
646 é, por exemplo, 20% ou 25% de autofinanciamento é o que consegue o Pavilhão de
647 Conhecimento. Portanto, estávamos num caminho muito bom. Devo dizer que 20 e 21
648 foi um mergulho a pique, porque fechados, sem público e agora em 22 e agora 23
649 estamos a retomar, a fazer a curva, os gráficos são muito bonitos porque fazem um
650 crescimento paulatino e suave, depois fazem uma quebra abrupta e agora estão a fazer
651 a correção, a voltar ao que eram anteriormente e este é o cenário de financiamento.

652 **E:** E agora passando concretamente para as atividades que promovem aqui. Eu sei que
653 o Álvaro já foi abordando essa questão, mas gostava de conhecer o tipo de atividades
654 que promovem.

655 **RSE8:** Isso dá para mais duas horas. [risos]

656 **E:** [risos] E como é que elas são planificadas? É que o Álvaro também já foi tocando em
657 muitos aspetos das perguntas que eu lhe pretendia colocar. Mas agora íamos ver com
658 algum detalhe esta questão.

659 **RSE8:** Nós temos um plano anual e temos um conjunto de atividades que são fixas. E
660 temos a visitação aos espaços que também tem um programa fixo. Nós temos um
661 determinado conteúdo em determinados espaços e esse conteúdo é explorado. Como
662 é que ele é explorado junto dos públicos? Em função, o comunicar é tornar comum e
663 tornar comum significa que nós temos que ter um *feedback*, um *feedback* de que estão
664 a compreender e que estão a acompanhar o que nós queremos ensinar e temos que
665 não ter a pretensão de que só nós é que vamos ensinar, porque nós aprendemos muitas
666 vezes com os visitantes muitas coisas e, portanto, quem tem filhos sabe que é assim,
667 pensa que vai ensinar tudo e às vezes aprende alguma coisa com eles. E, portanto, nós
668 temos um conjunto de atividades que são regulares, visitas, mas que têm um discurso
669 que é adaptado ao grupo que está a visitar. Esse grupo pode ser muito variado, é muito
670 difícil quando temos famílias em que temos jovens, muitos jovens, em que temos
671 seniores, em que temos pessoas que são altamente qualificadas numa determinada
672 área e isso obriga-nos a uma enorme plasticidade no nosso discurso e aí vinga a
673 qualidade da equipa, que tem capacidade para essa plasticidade. Depois temos
674 atividades que são atividades comemorativas, por exemplo, comemoramos alguns dias,
675 algumas semanas que evocam um ou outro tema e desenvolvemos atividades. O
676 desenvolvimento dessas atividades também é feito em função de quem nos vai visitar
677 ou receber para esta promoção destes dias. Temos depois o produto que é a “A Mina
678 Vai”, que também é pensado e é feito em função do local onde se vai, se vamos a uma
679 escola do primeiro ciclo, se vamos a uma universidade da terceira idade, se vamos a
680 uma praia, etc. Depois temos outros produtos, como por exemplo um *show de ciência*.
681 O *show de ciência* está particularmente voltado para os currícula do secundário e
682 quando digo secundário é mesmo secundário, é mais décimo, décimo primeiro e décimo
683 segundo porque já implica alguns conceitos que os mais pequeninos ainda não têm e
684 quando assistem ficam maravilhados com a magia da ciência e com as questões
685 cénicas associadas, mas quem aprofunda o conhecimento são os do secundário que
686 compreendem, onde nós exploramos os conteúdos, etc. Depois temos, deixe-me cá ver
687 se já falei tudo, depois temos a participação em eventos. Nós estamos sempre na Feira
688 de Grândola, estamos sempre na Feira de Minerais e Gemas e Fósseis em Lisboa,
689 temos a Feira de Chocolate e, nessa altura, nós desenvolvemos atividades enquadradas
690 com o tema onde vamos. O chocolate é um tema vastíssimo, a Feira de Grândola às
691 vezes, tem temas e nós exploramos. E, por exemplo, a ida à praia passa
692 necessariamente pela sensibilização ambiental e que, claro, nos obriga a desenvolver
693 um conjunto de atividades para todas as idades no domínio da sensibilização ambiental
694 e da interpretação e do conhecimento dos oceanos e da atmosfera e da praia e da
695 interação do homem e da pressão que o homem coloca no meio ambiente.

696 **E:** Vamos voltar ao início da nossa conversa, praticamente, que tem a ver com a questão
697 da planificação. Foi-me falando que não é um iluminado que tem a ideia e que faz, é
698 toda uma equipa.

699 **RSE8:** É toda uma equipa.

700 **E:** Como é que decorre o processo de planificação? É aquela questão que se sentam à
701 mesa, discutem as ideias?

702 **RSE8:** Sim, a planificação é feita efetivamente...

703 **E:** É que o Álvaro foi-me respondendo às questões antes de eu lhas colocar... [risos]

704 **RSE8:** [risos] É verdade. A planificação é feita dessa forma. Nós temos o cuidado de
705 garantir que todos os meses há um conjunto de atividades que preenche o nosso plano

706 de atividades e que dá resposta às diferentes frentes que nós temos de trabalho. Mas
707 temos que ter o cuidado de não sobrecarregar, por exemplo, há meses que têm
708 semanas e dias comemorativos que não faríamos outra coisa, eram uns colados aos
709 outros e, portanto, isso obriga-nos a sentar e a pensar no que é que vamos fazer e como
710 é que o vamos fazer e que equipa temos disponível e que pessoas vão ficar
711 imediatamente como, sabe que isto também é uma máxima da gestão que é um
712 processo que não tem dono, é um processo que não vai avançar e, portanto, todos os
713 processos têm de ter um dono, têm de ter uma cabeça de lista que vai puxar para aquele
714 processo e por isso, a primeira coisa que nós fazemos nesta mesa em que estamos
715 sentados, que é a sala onde reúne a equipa toda quando fazemos as reuniões gerais,
716 é imediatamente atribuir responsabilidades, atribuir processos a pessoas. E, portanto,
717 independentemente de uma hierarquia organizacional, em termos de processos existe
718 uma hierarquia de processo e, portanto, aquela pessoa que por acaso até é coordenada
719 por aquela outra pessoa, neste processo é quem dita as regras e quem diz como é que
720 as coisas vão acontecer. E, portanto, nós temos essa planificação que é anual e depois
721 temos uma equipa que vai preparando mês a mês um plano de atividades de divulgação,
722 de comunicação, porque o que não se comunica ninguém sabe.

723 **E:** E há algum critério na escolha de determinada atividade? Como é que surge esse
724 processo? Alguém se lembra? Há alguma linha que seguem? Se pensam as atividades
725 em função dos currículos escolares? Como é que surge a ideia propriamente dita de
726 alguma atividade ou de uma exposição, uma temática qualquer?

727 **RSE8:** É difícil responder a essa questão. Não, não existe. Nós não queremos estar
728 demasiado condicionados. O pensamento criativo é como os paraquedas, não é,
729 funciona melhor se estiver aberto. E, portanto, se nós limitarmos o pensamento das
730 pessoas ou condicionarmos e o empalamos, vai ser contraproducente. E, portanto,
731 muitas vezes surgem ideias, porque há toda a liberdade para que as ideias surjam e
732 apareçam em cima da mesa e, portanto, nunca há ideias disparatadas o que há é
733 momentos em que não é oportuno para aquela ideia e muitas vezes as ideias ficam
734 guardadas para serem utilizadas no outro ano ou noutra contexto, sim, isso é uma boa
735 ideia, mas não conseguimos fazer até ao momento em que temos, vamos deixar isso,
736 por exemplo, para o dia de Santa Bárbara, que é no final do ano, temos tempo de
737 executar até lá, o 4 de dezembro, por exemplo, estou a disparar assim numa data só.
738 Nós procuramos não ter uma limitação ou uma linha de orientação que seja muito
739 restrita, que restringe muito. O pensamento tem de ser muito aberto. Claro que há
740 sempre influências. Vamos supor, quando nós tivemos o ano internacional da tabela
741 periódica era incontornável que nós íamos ter que ter uma atividade relacionada com a
742 tabela periódica. E tivemos uma exposição, fizemos uma tabela periódica gigante e tal,
743 essas coisas assim. Nós temos o Dia Internacional da Água. A importância da água para
744 a sociedade, para o ser humano e para a vida é incontornável que esse dia tenha de
745 ser comemorado. O que é que acontece na maior parte das vezes? Vai aparecer um
746 parceiro para esse dia. Normalmente o nosso parceiro nesse dia é a Câmara, a Câmara
747 Municipal. Desenvolvemos atividades em colaboração com a Câmara e em espaços
748 que a própria Câmara muitas vezes escolhe e que nós nos deslocamos para fazer. Mas
749 as atividades são pensadas de forma livre, completamente livre. E, portanto, os *curricula*
750 sim, mas, por exemplo, nós não obedecemos, não estamos condicionados pelos
751 *curricula* escolares estritamente, de uma forma muito estrita, porque, por exemplo, nós
752 não temos grande oferta no domínio da Biologia Humana e é uma área dos *curricula* do
753 secundário que é muito explorada, desde o terceiro ciclo ao secundário e incluindo o
754 segundo ciclo e o primeiro ciclo. Mas não temos, não é a nossa área rainha, mas as
755 questões ambientais, as questões da mineração, o georrecurso, a sustentabilidade, a

756 transição energética e depois as condicionantes do momento que se está a atravessar,
757 isso naturalmente que vai ser um *trigger* nas próprias pessoas para terem ideias.

758 **E:** Sim, e contam com a participação nessa planificação de entidades externas ou é só
759 aqui a equipa internamente que pensa essas atividades?

760 **RSE8:** Não, é só a equipa internamente que pensa as atividades, o que não somos é
761 completamente fechados. Podemos ter, por vezes, e temos, muitas vezes a Câmara
762 Municipal é uma entidade que nos lança o desafio, eu dei o exemplo há bocado da água,
763 “nós queremos o Mural do Dia da Água, queríamos o vosso apoio, que vocês
764 desenvolvessem atividades que se orientassem para esta área”, aí nós fazêmo-lo.

765 **E:** Mas por regra é a equipa.

766 **RSE8:** É a equipa que é a criativa.

767 **E:** E de todas as atividades que promovem, consegue eleger alguma que tenha mais
768 procura e porquê?

769 **RSE8:** Não consigo, o que eu lhe consigo dizer é que nós fazemos muita diferença pelo
770 facto de termos uma mina subterrânea que pode ser visitada e, portanto, essa visita e
771 esse conteúdo é um *must*.

772 **E:** Porque é um elemento diferenciador também, não é?

773 **RSE8:** É, por um lado, diferenciador e é, por outro lado, altamente amplo, porque
774 quando vamos visitar o interior de uma mina podemos explorar muitíssimas coisas.
775 Podemos explorar a biologia que existe nas cavernas e nas profundidades e nas zonas
776 com ausência de luz. Podemos estudar a geologia, que é o mais evidente de tudo.
777 Podemos explorar a tecnologia, que é a engenharia de minas e a capacidade que o
778 homem tem de chegar e onde chega. Podemos explorar a sociologia e o que é a
779 sociedade, o que é que são as minas da sociedade e as sociedades mineiras. Podemos
780 explorar o ambiente e os impactos que as minas geram no ambiente. Podemos explorar
781 o futuro e a evolução da sociedade humana em função de...

782 **E:** Do contexto social onde está inserida a mina...

783 **RSE8:** Exatamente. A história, porque nós aqui temos evidências do cálculo ao lítio, de
784 ter havido aqui atividade mineira e, portanto, podemos perceber que podemos pegar na
785 visita à mina e falar na evolução histórica da sociedade de há 5 mil anos atrás até à
786 atualidade e a projeção para o futuro. Portanto, o que eu acho que é muito interessante,
787 para mim é o aspeto mais interessante dos espaços de formação não formal, é a
788 capacidade que têm de interligar as diferentes disciplinas. Nada no conhecimento é
789 isolado e ninguém sabe, eu vou usar uma frase Abel Salazar, Abel Salazar tem uma
790 frase, no Instituto da Abel Salazar, no Porto, quando se entra, está lá gravada do
791 tamanho de um carro elétrico, como se diz, que é "um médico que só de medicina sabe,
792 nem medicina sabe" e, portanto, quando nós recebemos os nossos estudantes jovens
793 ou alguém da sociedade em geral, o interessante é mostrar que as ciências estão todas
794 ligadas, o conhecimento é contínuo e absolutamente transversal. Mas, da mesma
795 maneira que nós, para termos uma casa arrumada, temos um espaço que é a cozinha,
796 outro espaço que é o quarto, temos que estruturar para conseguir estar organizados e
797 termos as camisas numa gaveta e termos as calças no guarda fatos, a ciência fez o
798 mesmo. O conhecimento para estar estruturado foi dividido em disciplinas, o que não
799 significa que as disciplinas sejam independentes umas das outras, aliás, o futuro passa
800 pelas zonas de sobreposição e de interface entre as disciplinas. E comunicar isso,

801 passar essa informação, passar essa imagem do que é o conhecimento, em que a
802 história tem a ver com a matemática e a matemática tem a ver com a física.

803 **E:** De uma forma até inesperada e não óbvia, não é?

804 **RSE8:** E a física tem a ver com a sociologia, e que tudo está ligado, isso é
805 absolutamente extraordinário. E há outra coisa extraordinária na comunicação de
806 ciência, que é, quando alguém nos visita, é absolutamente fundamental que as pessoas
807 tomem consciência, independentemente do seu nível de formação, tomem consciência
808 que sabem um pouco mais do que aquilo que pensam e que vão daqui com
809 conhecimentos novos. Este binómio é absolutamente crítico, porque as pessoas muitas
810 vezes, e os portugueses gostam de fazer isso, desvalorizam-se e esquecem-se que até
811 sabiam e faz parte do nosso papel ilustrar que, “olha, está a ver, não descobriu nada, já
812 sabia isso”.

813 **E:** Empiricamente sabe, não é?

814 **RSE8:** “Já sabia isso, está a ver?” E a ciência já provava o que sabia, de calhar não
815 sabia o que sabia. Mas depois, quando vão daqui, levam algo novo a acrescentar aquilo
816 que é o seu conhecimento pessoal que lhes permite saírem daqui, sentirem que se
817 enriqueceram por terem vindo aqui. E depois há uma forma de perpetuar este
818 enriquecimento, que é a única forma porque nós funcionamos, porque nós somos
819 humanos, que é as emoções. Se nós não imprimirmos uma emoção numa atividade,
820 não há forma de soldar aquela aprendizagem a uma memória. Nós só criamos uma
821 memória se tivermos uma aprendizagem com uma emoção associada. E isso tem que
822 ser explorado, por isso é que é muito importante a parte social casada com a parte
823 científico-tecnológica e, portanto, acho que nós temos é fazer isso.

824 **E:** Álvaro já me foi respondendo a questões que lhe vou colocar mais à frente, mas
825 depois lá chegaremos. Mas só para concluir esta questão das atividades. Identifica
826 algum constrangimento que condicione a realização das atividades? Não sei, estou-me
827 a lembrar, por exemplo, se o custo influencia ou não?

828 **RSE8:** Não, o custo não pode influenciar. O custo influencia, mas não pode influenciar.
829 E vou-lhe dizer porque é que não pode influenciar, porque não temos de ter políticas
830 para responder a essa situação. E, portanto, nós temos várias políticas, várias formas
831 de ultrapassar esse problema. O custo é fundamental. O que não tem um custo não tem
832 valor e, portanto, é bom que haja um custo para as pessoas perceberem que aquilo tem
833 valor. Por outro lado, se as pessoas não têm a possibilidade de pagar esse valor, nunca
834 em caso algum, deixam de nos visitar. Primeiro, quando estamos a falar de escolas, nós
835 sabemos que nas escolas existem escalões A, escalões B, portanto, os apoios para os
836 estudantes cuja família tem necessidades e precisam. As escolas só têm que nos dizer.
837 As escolas normalmente garantem isso automaticamente, sabe isso tão bem ou melhor
838 que eu, as escolas garantem isso. Quando fazem uma visita de estudo, têm dois
839 meninos ou três meninos de escalão A e a escola garante. Mas quando a escola não
840 tem capacidade de garantir, telefonam-nos e para mim, não vão deixar de vir, entram,
841 entram como convidados.

842 **E:** Mas tem, por exemplo, no público particular, digamos assim, acha que não aderem
843 tanto porque existe um custo associado, a afluência do público é influenciada por isso?

844 **RSE8:** Não, porque nós também temos resposta para isso, que se chama bilheteira
845 solidária. Portanto, as pessoas, quando chegam, só têm que dizer qual é a sua

846 nacionalidade e pedir um bilhete de solidário. E a única pergunta que nós lhes fazemos
847 é nacionalidade, mais nada.

848 **E:** E agora aqui uma questão mais de compreensão da oferta educativa. Como é que
849 ela está estruturada? E se há uma segmentação? Como é que vocês pensam as
850 atividades e depois como é que as aplicam?

851 **RSE8:** Sim, está estruturada, está segmentada e a própria comunicação também está
852 dirigida para os diferentes públicos.

853 **E:** Mas segmentada em que termos? Faixas etárias, níveis de ensino?

854 **RSE8:** Está segmentada por níveis de ensino, fundamentalmente, e quando estamos a
855 pensar nisto estamos a pensar fundamentalmente nas escolas. Está segmentada por
856 níveis de ensino. Para o público em geral, não. O que nós fazemos é que cada atividade,
857 todas as atividades que nós fazemos, têm pelo menos dois níveis de leitura, ou três,
858 que é a aproximação mais simples ou menos profunda. Depois, se a pessoa se
859 interessa, existem conteúdos e os monitores estão preparados para aprofundar os
860 conteúdos e podem ainda ir mais a fundo quando estamos perante um especialista.
861 Portanto, estes três níveis são quase sempre garantidos, dois, pelo menos, são sempre
862 garantidos. E, portanto, isso permite uma flexibilidade muito grande no acolhimento das
863 pessoas. Para o público escolar está segmentado pelos níveis de ensino.

864 **E:** E seguem algum modelo pedagógico?

865 **RSE8:** Não.

866 **E:** E têm na preparação dos conteúdos algumas referências teóricas? Foi-me falando
867 também que não iam colocar à disposição do público uma coisa sem estar validada
868 cientificamente. Era um bocadinho explorar essa ou outras questões, do modelo
869 pedagógico e dos documentos de referência ou autores.

870 **RSE8:** Sim, nós não seguimos nenhum modelo pedagógico em particular, mas temos
871 algumas filosofias que se encaixam em diferentes modelos pedagógicos. Nós achamos
872 que as atividades têm que ser sempre participativas porque as pessoas, em geral,
873 qualquer que seja a idade, desde mais tenra, aliás, nós podemos aprender com os
874 bebés, como é que eles aprendem, não é, eles aprendem mexendo, não aprendem
875 olhando, nem aprendem ouvindo a mãe ou o pai ou o irmão a falar. E, portanto, as
876 pessoas têm que interagir. E, portanto, se quisermos dizer que há um modelo
877 pedagógico, sim, o nosso modelo pedagógico seria o da interação, o de mexer na
878 massa, o de fazer, porque as pessoas aprendem mais quando aprendem fazendo do
879 que quando aprendem ouvindo, ouvindo é o que aprendem menos. E, portanto, como
880 nós não queremos ser um espaço de formação formal, não podemos ir pela estratégia
881 da formação formal. Temos que ir por uma estratégia completamente diferente da
882 formação formal. E, portanto, essa é a nossa filosofia. Quais são as nossas bases,
883 documentos de referência? Sim, se nós entramos em domínios que nos possam
884 escapar do ponto de vista do nosso conhecimento exato, então sim, nós aí temos artigos
885 científicos, temos o nosso conselho científico, temos todos os investigadores à nossa
886 disposição, porque os investigadores em Portugal são de uma generosidade do
887 tamanho do mundo. A gente manda um *email* a dizer, mesmo que não o conheça,
888 "Senhor Francisco, eu sei que sabe desta matéria, nós estamos a fazer este
889 procedimento assim e assim para comunicar esta informação. Isto é correto, pode-nos
890 ajudar?", nós temos sempre resposta e raramente precisamos de contactar alguém que
891 não conhecemos porque felizmente estamos ligados ao tecido científico nacional.

892 **E:** E agora aquela questão da promoção das aprendizagens, que o Álvaro já respondeu
893 abertamente sem eu lhe perguntar se de alguma forma consideram que promovem aqui
894 aprendizagens.

895 **RSE8:** Absolutamente.

896 **E:** E em que domínios? Agora se calhar detalhando um bocadinho. Utilizou uma
897 expressão da geocidadania.

898 **RSE8:** A geocidadania é uma expressão que o que pretende dizer, pretende criar
899 conhecimento na área da geologia e geodinâmica que permita às pessoas terem uma
900 contribuição e uma cidadania que seja mais informada. Porque, por exemplo, uma das
901 coisas que eu não referi, nós temos aqui na nossa galeria um sismógrafo da rede
902 nacional de sismógrafos do IPMA. É uma forma de nós mostrarmos como é que a
903 ciência e a tecnologia estão ao serviço da sociedade. E, portanto, isto é formação em
904 cidadania. A importância do conhecimento científico, a importância das instituições que
905 nós temos que pagar com os nossos impostos para que nós tenhamos segurança e
906 controlo e garantia de qualidade da nossa sociedade e da nossa vida. Isso é formar no
907 domínio da geocidadania. Saber que existem um conjunto de instituições que nós
908 pensamos "ah, a Polícia de Segurança Pública gasta-nos o erário todo com os carros,
909 andam sempre para trás e para a frente", nós temos que ter segurança, temos que ter
910 segurança. É absolutamente fundamental, algo que temos que pagar para ter Polícia de
911 Segurança Pública, GNR, para ter essas entidades todas operacionais ao mais alto
912 nível. E o mesmo acontece com outros domínios da ciência em que as pessoas podem
913 pensar que aquilo é uma investigação, é para alguns. Não é para alguns, é para todos,
914 alguns é que estudam para que todos beneficiem.

915 **E:** Eu também gostava de perceber, o Álvaro já me foi dizendo, mas agora com maior
916 detalhe, quais as áreas, porque não é só na área da geologia, mas também me falou na
917 arte, até na ciência.

918 **RSE8:** Sim, nós temos uma parceria, por exemplo, com a Faculdade de Artes.

919 **E:** Que aprendizagens é que um visitante ou alguém que faça uma atividade aqui, que
920 aprendizagens, se pudesse assim, em que domínios, o que é que eu aprendo aqui, em
921 que áreas?

922 **RSE8:** Certo, nós queremos que as pessoas aprendam em todas as áreas. Mas não
923 temos a pretensão de que somos professores delas ou tutores ou aqueles que sabem
924 mais, porque às vezes somos visitados por pessoas que em determinados domínios
925 sabem muito mais do que nós todos juntos. Portanto, não temos essa pretensão, mas
926 temos a ambição de passar informação útil para as pessoas. No que toca à arte, nós
927 temos uma...

928 **E:** Eu só falei na arte porque achei curioso.

929 **RSE8:** A arte é um bom exemplo. Nós temos aqui uma parceria que nos veio pela mão
930 da Câmara Municipal de Grândola que é com a Faculdade de Belas Artes. Nós, de
931 tempos a tempos, temos aqui exposições dos alunos de Belas Artes que neste momento
932 não podemos fazer porque o Museu está em obras, porque normalmente é no espaço
933 do Museu que os estudantes vêm expor as suas obras, as quais foram criadas na
934 sequência de visitação que fizeram ao Lousal e de interações que criaram com a
935 população, com arte que é influenciada, nada se faz sem as pessoas, tudo se faz com
936 as pessoas. E, portanto, esse projeto que é muito interessante e que o mérito é da
937 Câmara Municipal de Grândola, já deu origem a um monumento que é arte urbana, que

938 é um monumento que foi criado completamente por interação entre artistas e a
939 população local. Várias sessões, noite adentro, em vários dias e acabaram por criar um
940 modelo que depois os artistas produziram por orientação das pessoas. E, portanto,
941 aquele monumento que ali foi colocado não foi porque os artistas quiseram, foi porque
942 a população disse que era assim que devia de ser. E, portanto, nós temos essa ligação
943 à arte e a arte beneficia brutalmente todos os espaços, porque a arte é a expressão
944 mais suprema do ser humano. Depois, quais são os domínios em que nós ensinamos?
945 Eu acho que nós aqui temos alguma capacidade de transmitir informação e
946 conhecimento na área do ambiente, na área da geologia e dos recursos minerais. Para
947 além dos recursos minerais, também dos recursos associados, nomeadamente à
948 agricultura, porque temos aqui o montado à nossa volta e isso é uma mais-valia enorme
949 que nos permite explorar também esse domínio. Depois temos a questão ambiental, já
950 tinha dito. Temos a área da físico-química, porque o facto de termos aqui a geração de
951 águas ácidas, etc., permite explorar esse domínio e permite explorar como é que a
952 química evolui para processos industriais que beneficiam a sociedade, não é, porque
953 nós para termos o pó de talco, agora já não se pode pôr pó de talco nos bebés, mas
954 dantes punha-se pó de talco nos bebés, para isso é preciso os químicos estudarem, é
955 preciso os geólogos encontrarem os jazigos de talco para produzir tudo isso. Temos
956 também capacidade de passar alguma informação na área da sociologia, porque
957 estamos numa aldeia mineira. E uma aldeia mineira tem uma estrutura e uma
958 organização que é característica dos espaços mineiros. A organização social, a
959 distribuição dos bairros, tudo isso é algo que nós também podemos comunicar. Temos
960 depois também no domínio tecnológico com a produção de eletricidade e a história da
961 evolução dos equipamentos industriais. Tudo isto são áreas onde acho que nós
962 conseguimos transmitir alguma coisa.

963 **E:** E as pessoas demonstram-vos que houve a satisfação dessas necessidades de
964 aprendizagem? Transmitem-vos essa ideia?

965 **RSE8:** A sensação que nós temos é que as pessoas saem sempre do Lousal muito
966 satisfeitas, aliás, uma das nossas estratégias de comunicação é o passa palavra, porque
967 é económico e genuíno porque quem está a passar a palavra não está a passar porque
968 lhe foi encomendado um serviço ou pago para fazer, está a passar porque
969 genuinamente gostou e se genuinamente gostou isso tem muito mais impacto em quem
970 está a escutar "ah, então se calhar quero ir lá ver." E, portanto, esse passa a palavra é,
971 para que isso aconteça, é fundamental que nós consigamos deslumbrar as pessoas. O
972 deslumbramento é algo que mexe connosco e com cada um de nós. E, portanto, nós
973 para deslumbrarmos as pessoas temos que lhe mostrar as coisas que elas não estavam,
974 exceder as expectativas das pessoas. Excedendo as expectativas das pessoas,
975 deslumbramos, metemos uma emoção à mistura, criámos uma memória, passam
976 palavra e querem voltar, porque também é muito importante nós fidelizarmos públicos,
977 porque as pessoas também sabem que nós estamos sempre a fazer coisas novas.

978 **E:** E pegando nas suas palavras de há pouco, em relação à comunidade, à participação
979 da comunidade, qual é a dinâmica que têm aqui...

980 **RSE8:** A dinâmica eu vou-lhe contar de uma forma mais experimental, que é assim: a
981 dinâmica com a população, eu vou-lhe dizer, quando tudo isto começou a população só
982 aspirava a que a mina reabrisse, porque remetia para o tempo em que a pujança
983 económica do território era máxima. E, então, ao princípio, tudo isto exigia a vinda de
984 pessoas externas, de pessoas de grandes centros, vamos chamar o centro principal,
985 Lisboa, que está próximo e, portanto, as pessoas olhavam para isto com enorme
986 desconfiança. "isto é para os de Lisboa, isto não é para nós" e, portanto, nós tivemos

987 uma enorme dificuldade em convencer as pessoas que isto era para elas, isto era delas,
988 porque isto só existe porque as famílias sucessivas que aqui viveram construíram isto.
989 E, portanto, nós criámos uma estratégia. No primeiro aniversário vieram os VIP's todos,
990 das entidades todas, de todos os lados do país, particularmente de Lisboa. Mas no
991 segundo ano, nós fizemos absoluta questão que o aniversário fosse comemorado
992 exatamente como no ano anterior, mas com a população. Os convites foram entregues
993 porta a porta, pessoa a pessoa. E fizemos um momento de comemoração da nossa
994 Associação e dos nossos espaços de visita, tal e qual como se fosse para os de
995 Lisboa e as pessoas ficaram muito agradadas. Depois tivemos outro cuidado muito
996 importante. Nós temos um conteúdo à entrada que se chama "Os rostos do Lousal".
997 Esse conteúdo foi criado porque para a população local as imagens que lá aparecem
998 para nós são uma data de pessoas, umas mais bonitas, outras menos bonitas e para
999 quem visita daqui da terra é o tio, é o avô, é o pai. E, portanto, isso era importante,
1000 devolver à população essa memória e fazer-lhe esse tributo. Depois, outra estratégia
1001 que nós quisemos ter foi com a inauguração da Galeria. A inauguração da Galeria foi
1002 em 2015 e contou com a presença do Ministro da Economia Pires de Lima, na altura,
1003 creio eu. Mas essa foi a inauguração para as fotografias, porque a inauguração oficial
1004 foi no dia anterior, com a comunidade. No dia anterior convidámos toda a comunidade
1005 e fizemos a visita à mina, sendo que uma visitante, uma senhora, telefonou para o pai,
1006 que estava acamado no hospital e disse "sabes pai, onde é que eu vou? Vou à mina!"
1007 E o pai, que estava acamado e que não conseguia vir, disse "há uma magana que
1008 sempre levaste a tua avante" porque ela sempre quis ir à mina e o pai não a deixava,
1009 portanto, isso é absolutamente fundamental.

1010 **E:** Mas habitualmente a comunidade visita?

1011 **RSE8:** Já vou chegar aí. Depois tivemos um outro processo que foi a questão da
1012 visita aos monumentos megalíticos. Isso nós tivemos o apoio e a ajuda do atual
1013 arqueólogo da Câmara, que na altura não era, e fizemos um envolvimento total da
1014 população antes de tomar qualquer decisão. Isto está em território privado, isto é vosso,
1015 nós queremos mostrar, o objetivo é fazer isto e isto, limpar, manter, mostrar, explicar.
1016 De que forma é que a população reagiu? Nós quando convocámos a reunião ao final da
1017 tarde achámos que não ia aparecer ninguém no auditório, pois à hora marcada o
1018 auditório estava mais de meio e a meio da reunião o auditório estava praticamente cheio
1019 e a população e os proprietários perceberam que aquilo era uma mais-valia e, portanto,
1020 apoiaram em absoluto e, portanto, nós fizemos com as pessoas. Depois, seja feito
1021 tributo à memória de Mariano Gago. O último Centro Ciência Viva que ele inaugurou foi
1022 este e quando estava a inaugurar o Centro disse-nos "este Centro é da população,
1023 ninguém da terra pagará para entrar aqui". E isso foi, portanto, 2010, em 2010 não havia
1024 cibercafés nem *internet* em casa com grande facilidade e nós criámos um espaço que
1025 era um cibercafé, onde se podia tomar um cafezinho e ter ligação à *net* para que a
1026 população pudesse usar. As pessoas começaram a aparecer timidamente e tal e depois,
1027 como é que nós percebemos que tínhamos ganho a população e a população estava
1028 connosco? Quando a população passou a vir ao fim de semana com os familiares que
1029 as visitavam. Almoçavam e depois vinham ao Centro, mostrar o Centro. E quando nós
1030 vamos à feira e começamos a ouvir "o nosso Centro está cá", o nosso! [risos] É
1031 interessante!

1032 **E:** E para além da comunidade, como é que os visitantes recebem a... qual é a atitude
1033 que eles têm perante a visita? Mostram-se motivados? Qual é a vossa sensibilidade na
1034 relação a isso?

- 1035 **RSE8:** Sim, os visitantes são sempre... eu penso que nestes anos todos nós não
1036 tivemos nenhum visitante que saísse daqui decepcionado ou, mais ainda, que não tivesse
1037 saído daqui com as expectativas superadas, excedidas. Temos alguns visitantes
1038 estrangeiros, como sabe há aqui um parque de autocaravanas e os holandeses são
1039 autocaravanistas compulsivos, quase, portanto, nós temos muitos holandeses, mas
1040 curiosamente aparecem-nos todos tipos de gente. Aparecem-nos aqui alemães que
1041 saíram da Alemanha já a saber que existia Lousal, como é que é possível? Às vezes
1042 aqui temos pessoas de Beja que não sabem que há Lousal e, portanto, aparecem
1043 espontaneamente e saem sempre muito agradados.
- 1044 **E:** E das vossas atividades, resulta algum material educativo ou pedagógico que as
1045 pessoas possam levar?
- 1046 **RSE8:** Sim, sim, nós fazemos muitas atividades em que há material para levar, por
1047 exemplo, uma das coisas que nós fazemos, que acho que é uma atividade que a mim
1048 me fascina, porque eu não a domino, é um herbário. As pessoas vêm aqui, têm uma
1049 saída de campo, que vão com uma pessoa de biologia que as orienta, recolhem plantas
1050 e depois vão almoçar e regressam à tarde e vão preparar o herbário com papéis e jornais
1051 e prensas e selecionar a planta, colocar as folhas, a flor, nas formas que os cientistas
1052 sabem como é que deve ser feito, depois fazem a prensa, fazem a compressão,
1053 apertam, colocam os cordeias à volta e as pessoas levam aquilo mais o procedimento
1054 escrito de como é que se faz para poderem repetir e replicar. Isso é feito para o público
1055 em geral, mas também para o público escolar, porque aos professores também lhes é
1056 fornecido, se nos solicitarem, guiões de visita, ou apoiamos a que eles construam o seu
1057 guião em função daquilo que vêm ver e do que querem fazer com os seus alunos e
1058 também fornecemos os artigos científicos em si, eles poderão aceder a outro contexto,
1059 mas se nos pedirem, também fornecemos.
- 1060 **E:** Mas também têm essa produção científica, não é?
- 1061 **RSE8:** Exatamente. E também temos a produção dos nossos... como é que nós lhes
1062 chamamos? É procedimentos, mas não lhe queria chamar procedimentos.
- 1063 **E:** Então deixe-me colocar a questão se fazem algum dossier pedagógico?
- 1064 **RSE8:** Sim, exatamente.
- 1065 **E:** Ou registo numa ficha técnica?
- 1066 **RSE8:** Nós não fazemos isso sistematicamente, mas temos e, portanto, nós quando
1067 temos um procedimento experimental ou um procedimento metodológico para uma
1068 determinada atividade, nós facultamos isso aos professores se eles pedirem, e
1069 naturalmente aos visitantes, se eles pedirem. Registo sistemático não fazemos porque
1070 o volume é muito grande e não havia possibilidade de o fazer.
- 1071 **E:** Mas têm uma base, não é?
- 1072 **RSE8:** Sim.
- 1073 **E:** E agora em termos da regularidade das atividades, vocês têm atividades todos os
1074 dias?
- 1075 **RSE8:** Todos os dias menos à segunda-feira que fechamos e fechamos no dia de Ano
1076 Novo e no dia de Natal, porque de resto estamos sempre abertos.
- 1077 **E:** Está sempre a acontecer qualquer coisa.

1078 **RSE8:** Está sempre a acontecer qualquer coisa. Há a visitação em geral, mas como nós
1079 também temos em cada mês, temos sempre programas especiais para os dias
1080 comemorativos, para as semanas.

1081 **E:** É a questão da calendarização. Quais são os critérios? Precisamente esses que me
1082 está a dizer, não?

1083 **RSE8:** Exatamente. E, portanto, há sempre um conjunto de ações que acontecem
1084 porque estamos na altura em que elas devem acontecer. Se me perguntasse assim, é
1085 possível vir ao Lousal e só poder ver o Museu, o Centro e a mina, sem mais, não. Há
1086 sempre qualquer coisa mais, há sempre alguma coisa mais, há sempre atividades. Mais,
1087 o visitante pode requisitar perante *dossiers* que nós temos para eles escolherem
1088 atividades, podem requisitar atividades em família, em grupos escolares, o que for,
1089 podem requisitar, digamos que é um *menu à la carte*. Quando é para as escolas é muito
1090 mais fácil porque a marcação é feita com antecedência e os professores dizem "ah, eu
1091 gostava de ter uma atividade", porque às vezes os professores não têm tempo para
1092 explorar o nosso *site* e verem o manancial de materiais que estão disponíveis, então
1093 aproveitam, a falar é que a gente se entende, aproveitam o telefonema e dizem "ah, eu
1094 gostava tanto de fazer uma coisa que pudesse mostrar aos meninos a problemática da
1095 carência de oxigénio na água", "nós temos aqui duas atividades, temos esta, temos
1096 aquela", nós customizamos a visita utilizando um enorme, porque já temos 13 anos,
1097 temos um enorme conjunto de atividades diferentes que podem ser mais ou menos
1098 sofisticadas em termos da profundidade de aproximação ao conhecimento que se quer
1099 aprovar.

1100 **E:** E agora em relação à divulgação, à política de divulgação. Como é que é feita a
1101 divulgação?

1102 **RSE8:** Hoje em dia não estar nas redes sociais é não existir. A nossa divulgação é feita
1103 por intermédio de redes sociais, é feita pelo passa a palavra, que é uma estratégia que
1104 nós achamos que é fundamental e, portanto, isso obriga-nos a..., é simultaneamente
1105 um autocontrolo, porque nos obriga a manter padrões de desempenho elevados, porque
1106 senão não há passa a palavra. Temos produtos específicos de comunicação das nossas
1107 atividades. Temos um canal *YouTube*, temos atividades que foram desenvolvidas como
1108 resposta à situação pandémica e, portanto, há um enorme conjunto de atividades na *net*
1109 que se podem descarregar e que se podem utilizar à distância e que nós publicamos
1110 de tempos a tempos. Temos *flyers* que distribuímos. Fazemos uma estratégia de
1111 comunicação dirigida a diferentes públicos e procuramos nichos de mercado. Nós temos
1112 as comunicações que são direcionadas, por exemplo, para as entidades que fazem ATL,
1113 Atividades de Tempos Livres e, portanto, comunicamos exatamente com essas
1114 atividades, por telefone ou por correio eletrónico, dizendo "nós temos isto e isto e o
1115 nosso pacote" e mandamos a informação e respondemos às perguntas que nos forem
1116 feitas, facultando mais informação. Isso serve para as entidades que têm atividades de
1117 tempos livres, como serve para as universidades de terceira idade, como serve para um
1118 sem número de outras câmaras municipais, porque muitas vezes as câmaras municipais
1119 têm programas específicos para os seus seniores e, portanto, nós também temos um
1120 produto dirigido para seniores e também temos que saber responder à diferença, porque
1121 às vezes há seniores que são extraordinários "Então quer visitar o museu?" "Não, não,
1122 menina, eu o Museu não quero visitar, museu já eu sou, quero ver as coisas novas".
1123 [risos]

1124 **E:** Mas o Álvaro quando diz nós fazemos, há alguém responsável pela questão da
1125 divulgação?

1126 **RSE8:** Há alguém responsável. Nós temos uma pessoa que neste momento não está
1127 ainda em pleno a fazer isso, porque ainda está em processo de formação nessa área,
1128 porque a pessoa que estava a fazer isso deixou-nos recentemente pelas piores razões
1129 e que fazia esse trabalho muitíssimo bem. Era a Marina, a Marina faleceu e ela fazia
1130 essa comunicação muito próxima das entidades, procurando as entidades e divulgando
1131 o que nós tínhamos em função dos interesses dessas entidades. E agora temos uma
1132 pessoa, que é a Vânia, que está a começar a entrar nesse processo e a fazê-lo. Claro
1133 que também falamos com o turismo, falamos com as câmaras municipais, portanto, os
1134 canais de comunicação.

1135 **E:** E acha que a forma como estão a comunicar traz retorno? É adequada?

1136 **RSE8:** Traz retorno, nota-se claramente. Eu posso-lhe dizer pelo contrário, neste caso
1137 por um exemplo negativo. A Marina teve uma doença muito grave e acabou por falecer,
1138 não resistiu. E quando a Marina adoeceu e entrou de baixa não tínhamos quem a
1139 substituísse e, portanto, nós vimos perfeitamente a queda da procura porque aquele
1140 trabalho não estava a ser feito. Portanto, desta vez tem um aspeto negativo para mostrar
1141 que nos ensina que estávamos a fazer bem.

1142 **E:** E agora a questão da avaliação. Se as pessoas que usufruem das nossas atividades
1143 se avaliam ou existe, por exemplo, alguma caixa de sugestões?

1144 **RSE8:** Sim, sim. Isso aí é um domínio onde nós podemos crescer muito, porque a
1145 questão da avaliação e do controlo da opinião é *time consuming*, exige pessoas e é
1146 muito exigente em termos de operação e, portanto, nós não estamos, tenho que ser
1147 honesto e transparente, que não estamos ao mais alto nível daquilo que gostaríamos,
1148 mas sim, temos avaliação. Por exemplo, temos atividades que necessariamente têm
1149 que ter inquéritos feitos, por exemplo, as atividades da “Mina vai à Praia”, as atividades
1150 Ciência Viva no Verão, todos os participantes são convidados a preencher um inquérito,
1151 que às vezes podem não preencher, às vezes são inquéritos eletrónicos e preenchem
1152 ou não, as pessoas têm a liberdade de decidir. Temos também caixa de sugestões,
1153 temos livro de elogios e livro de reclamações, naturalmente, porque a isso a lei também
1154 obriga e temos também um novo mecanismo de poder perceber a satisfação, que é
1155 passivo, para perceber a satisfação dos nossos visitantes. O projeto que eu lhe falei há
1156 pouco, que é a “Mina de Abraços”, pretende ser um projeto inclusivo e ser inclusivo não
1157 apenas para as tradicionais limitações de mobilidade física ou dos nossos sentidos, mas
1158 também ser inclusivo no sentido em que tem que ser capaz de comunicar ao nível de
1159 literacia da pessoa que nos está a visitar e do grupo que nos está a visitar. E, portanto,
1160 nós com isso criámos um produto que é um audioguia. Esse audioguia tem cinco línguas
1161 faladas e a língua gestual portuguesa, temos o francês, o português, o inglês, o
1162 espanhol e o alemão, mais a língua gestual portuguesa. E as pessoas podem interagir
1163 com o equipamento e podem aprofundar ou abordar em termos de passagem ou
1164 aprofundar. O equipamento, por outro lado, tem forma de registar o tempo que cada
1165 pessoa dedicou mais a um espaço ou outro e, portanto, nós podemos fazer alguma
1166 estatística do que é que interessou mais às pessoas, o que é que interessou menos e,
1167 no final, o que nós queremos criar, e isso é que ainda não temos, é que haja um inquérito
1168 muito simples. Eu acho que estas coisas têm de ser simples para funcionarem e há uma
1169 imagem que eu posso estabelecer, um paralelismo que nós ainda não temos, mas eu
1170 quero encontrar qualquer coisa deste género, não tem que ser isto, mas deste género.
1171 É frequente nos aeroportos, nas casas de banho, haver um sistema de inquérito, que
1172 tem um sorrisinho, tem uma cara séria e uma cara triste, portanto, eu não gostei, eu
1173 gostei ou eu fiquei satisfeito.

1174 **E:** E toda a gente preenche em menos de nada.

1175 **RSE8:** E eu quando lá vou, quando saio, clico sempre, se aquilo estava sujo, eu ponho
1176 triste, se aquilo estava espetacular, como é normal, eu ponho que fiquei satisfeito. E
1177 isso dá uma informação crucial e, portanto, nós no nosso equipamento de visitação e
1178 no nosso  trio, queremos ter isso. Aliás, um dos objetivos que nós temos   ter um
1179 módulo que as pessoas vão l  fazer uma atividade, algo interativo, e que dessa forma
1180 estejam-nos a responder ao que nós queremos saber sobre a sua visita.

1181 **E:** Mas dos dados que conseguem recolher, através desses inq ritos tradicionais,
1182 fazem algum tratamento desses dados ou não?

1183 **RSE8:** Sim, fazemos. Esse tratamento   feito antes daquela reunião anual, quando
1184 fazemos a análise SWOT da nossa atividade "olha, esta atividade não sortiu o efeito
1185 queremos ou esta atividade tem pernas com andar e devemos fazer mais porque as
1186 pessoas gostaram muito". Fazemos essa análise e depois esses dados são tratados na
1187 nossa reunião anual. A nossa reunião anual pretende ser um tempo de *team building*,
1188 análise crítica e proje o para o futuro.

1189 **E:** Houve alguma situa o em que se melhorou a partir de alguma sugestão? Tem
1190 memória de alguma situa o?

1191 **RSE8:** Sugestão externa?

1192 **E:** Sim, se da análise de dados que fizeram, já me disse que conseguem perceber se
1193 resulta ou se não resulta e se daí houve alguma consequência?

1194 **RSE8:** Sim, há consequências.  s vezes, a intera o com o público e a capacidade de
1195 comunica o dos nossos monitores permite que o diálogo seja uma informa o direta
1196 e não indireta ou passiva de que devemos melhorar ou não melhorar. As pessoas
1197 imediatamente nos dizem "eu gostei muito disto, mas se... eu gostei muito disto e isto
1198 foi mesmo espetacular" e nós vamos coligindo essa informa o e vamos registando.
1199 Outra coisa que nós fazemos, que são as forma es internas, o *refreshment* da
1200 visita o, em que nós nos colocamos na posi o de visitantes e o nosso papel, isto  
1201 quase aquele *roleplay*, o nosso papel   atazanar a cabeça de quem está a visitar, com
1202 perguntas chatas, com situa es... "olha, eu tropecei aqui!" "Já viu que eu tropecei aqui,
1203 oh menina!"

1204 **E:**   mesmo para preparar.

1205 **RSE8:** Exatamente. Nós criamos internamente as situa es e exploramos ao limite. E
1206 esta atividade, estas a es que não são tantas quanto gostaríamos, porque não tivemos
1207 tempo, mas já nos permitiram descobrir montes de coisas importantes. Por exemplo,
1208 quando nós pusemos o motor do museu a funcionar, foi numa a o de forma o interna
1209 que nós percebemos que tínhamos que colocar redes na zona onde havia equipamento
1210 pesado em movimento, porque se uma criança foge a um pai e se passa por aqueles
1211 buracos que são possíveis, porque aquilo   uma instala o industrial do século XIX,
1212 século XX, digamos, necessariamente cai ali e não pode haver um acidente, não pode
1213 haver um acidente, a tolerância com os acidentes   zero. E, portanto, nós descobrimos
1214 isso e dissemos "não, isto aqui tem que levar", claro que depois tivemos que encontrar
1215 uma soluço que não fosse arquetonicamente chocante e, portanto, isto também  
1216 uma forma de fazermos, neste caso, será uma autoavalia o.

1217 **E:** E, Álvaro, agora para finalizar, a questão do público. Como é que caracteriza o
1218 público-alvo do Centro? Em termos de faixa etária, género, formação académica. São
1219 famílias, grupos?

1220 **RSE8:** Nós temos essa informação. Uma das coisas que como eu estive no Museu de
1221 História Natural e implementei lá a análise de públicos, aqui quando nós arrancámos
1222 começámos imediatamente, nós temos o relatório de análise de públicos anual desde
1223 2010 até 2022, 2023 ainda não tem e, portanto, eu posso-lhe dizer que os públicos
1224 predominantes do Museu são seniores.

1225 **E:** Mas é esse o vosso público-alvo ou é o perfil do utilizador?

1226 **RSE8:** É o perfil. O nosso público-alvo é a sociedade em geral toda, nacional,
1227 estrangeira, público em geral famílias, turistas e escolas. Nós não somos, há centros
1228 ciência viva que são muito dirigidos para as escolas, os visitantes deles são 85% alunos.
1229 Nós somos um Centro que desde a primeira data que somos 50% - 50%, 50% são
1230 escolas, 50% é público em geral. E, portanto, a nossa captação de públicos, é também
1231 nossa missão sermos um vetor do turismo do litoral para o interior, porque nós estamos
1232 bem no final daquilo que é o Concelho de Grândola. E é preciso quebrar o turismo
1233 sazonal e o turismo sazonal é o turismo de praia. E se chover na praia? O pessoal vai
1234 para o cinema no centro comercial? Não há centros comerciais aqui, o que é que há?
1235 Há um núcleo aqui de museus e de Centro Ciência Viva e, portanto, nós somos o vetor
1236 para o interior e, portanto, o nosso público-alvo, é efetivamente toda a gente, por isso é
1237 que nós temos a comunicação das nossas atividades também segmentada e dirigida
1238 até, mais do que segmentada, às vezes direcionada a determinados nichos de mercado.

1239 **E:** E o perfil, aí já é diferente?

1240 **RSE8:** O perfil já é diferente. Em termos de público escolar nós somos terceiro ciclo e
1241 secundário. Há anos em que predomina o terceiro ciclo, há anos em que predomina o
1242 secundário, preferencialmente esse é o perfil. Em termos de visitantes, divide-se entre
1243 espaços. De uma maneira geral, são jovens adultos, pessoas no ativo, famílias com
1244 filhos jovens ou adolescentes, são o nosso público principal. Se isolarmos o Museu, os
1245 seniores dominam no Museu. Se isolarmos a galeria não temos assim, é muito diverso,
1246 é completamente de largo espectro.

1247 **E:** E a afluência do público, eles vêm só uma vez? Vêm com regularidade?

1248 **RSE8:** Como lhe disse, já tínhamos falado disso há pouco. A nossa estratégia é tentar
1249 fidelizar público. E as pessoas acabam por vir com alguma regularidade. Mas quem nós
1250 conseguimos fidelizar com mais facilidade são os públicos escolares. Agora, o que nós
1251 conseguimos e que achamos que é extraordinário, nós interpretamos como tal, é a
1252 capacidade de agarrar o público e não o deixar ir embora. Nós temos testemunhos de
1253 público que nos visitam "ah, eu ia para o Algarve, e lembrei-me, vamos parar ali por
1254 causa das Minas do Lousal, tem uma coisa gira, vamos ver." E chegaram às 10 da
1255 manhã e foram-se embora às 2 da manhã. Porque naquele dia havia observação de
1256 morcegos e havia observação astronómica e não sei o quê. Era de passagem para irem
1257 almoçar ainda ao Algarve e saíram às 2h da manhã daqui. Portanto, essa capacidade
1258 de agarrar os públicos e de fazer com que..., porque depois, muitas vezes, a repetição
1259 da visita acontece porque querem trazer alguém amigo e, então, voltam. Voltam com os
1260 amigos e voltam porque sabem que nós também temos uma política de que temos que
1261 ter sempre coisas novas, é como à bicicleta, paramos de andar, caímos para o lado.

1262 **E:** E mesmo para finalizar, como é que caracteriza a forma como o público acolhe as
1263 atividades? O Álvaro também já me falou assim lá atrás, mas só mesmo para... estão
1264 interessados, motivados? De alguma maneira acho que aquilo que me acabou de dizer
1265 já me responde.

1266 **RSE8:** Sim, responde. Mas acontece tudo, nós temos visitantes que chegam aqui “Deixa
1267 lá ver o que é que é aquilo”, como temos visitantes que chegam aqui e já vêm com isto
1268 muito bem estudado e sabem o que querem e que vêm muito motivados. Temos
1269 algumas iniciativas em que as pessoas vêm, têm de vir muito motivadas. Nós temos
1270 uma iniciativa que tem muita procura que é sobre as cobras de Portugal e, portanto,
1271 quem vem é porque gosta muito, a maior parte das pessoas quer distanciar as cobras.
1272 E, portanto, vêm com muita curiosidade, com muita motivação. Faixas etárias mais
1273 novas é um espetáculo, são absolutamente transparentes: se não gostam, adormecem
1274 em cima de um banco, portanto, eles gostam, eles estão entusiasmados e às vezes são
1275 eles que arrastam os próprios pais a ir mais longe. É preciso também ter essa
1276 inteligência de perceber como é que nós ganhamos o público, às vezes ganhamos pelos
1277 pais, porque os pais estão a dizer "olha, dá atenção a isto que é importante para ti",
1278 outras vezes ganhamos os pais porque os miúdos estão entusiasmados, então nós
1279 temos que saber como é que devemos de interagir com o público.

1280 **E:** Muito bem, Álvaro. Eu cheguei ao fim aqui das minhas questões, mas antes queria-
1281 lhe colocar uma questão, não é bem uma questão, mas se o Álvaro quer rever algum
1282 aspeto complementar ou até de alguma questão que eu não lhe tenha colocado e que
1283 ache pertinente no âmbito deste estudo.

1284 **RSE8:** Não, eu falo tanto que acho que disse tudo. [risos]

1285 **E:** [risos] Pronto, também podemos sempre voltar a falar, não é? Então pronto, Álvaro,
1286 vou-lhe só agradecer imenso pela generosidade de participar no meu estudo e pelos
1287 seus contributos e também, claro, toda a equipa e a organização, porque desde o
1288 primeiro momento foram uma simpatia e tenho a certeza contribuem muito para o estudo
1289 que eu estou a realizar.

1290 **RSE8:** Eu é que lhe agradeço o interesse de ter escolhido o Lousal como um dos casos
1291 para o seu doutoramento e quero desejar as maiores felicidades e que daqui saiam
1292 resultados interessantíssimos para lermos, porque as entidades que escolheu são
1293 efetivamente muito bem escolhidas, na minha opinião, modesta opinião, são entidades
1294 muito interessantes e são muito diferentes, portanto, espero vir a ver uma tese de
1295 doutoramento muito bonita com muita informação nova para apreendermos.

1296 **E:** Ok, Álvaro, muito obrigada pelas suas palavras. Vamos então terminar a entrevista.

1297

APÊNDICE 15 – CATEGORIAS DE ANÁLISE DE CONTEÚDO

CATEGORIAS DE ANÁLISE DE CONTEÚDO

Categorias de análise	Subcategorias de análise	Unidades de Registo							
		RSE1	RSE2	RSE3	RSE4	RSE5	RSE6	RSE7	RSE8
A. Motivação para a criação do SE	A1. Principais razões identificadas para a criação do SE								
	A2. Missão e objetivos do SE								
	A3. Documentos normativos								
	A4. Relação do SE com os outros serviços da instituição								
B. Constituição e área de formação da equipa do SE	B1. Perfil do responsável pelo SE								
	B2. Constituição da equipa do SE								
	B3. Área de formação dos elementos da equipa do SE								
	B4. Critérios na contratação dos RH								
	B5. Formação/preparação dos técnicos para as atividades								
	B6. Principais funções desempenhadas								
	B7. Tipo de vínculo e experiência profissional								
	B8. Perceções sobre a necessidade de reforço da equipa								
C. Identificação dos meios materiais e equipamentos do SE	C1. Instalações e edifício								
	C2. Forma de organização dos espaços								
	C3. Equipamentos								
	C4. Espaços onde ocorrem as atividades educativas								
	C5. Recursos e materiais didático-pedagógicos								
	C6. Fontes de financiamento, recursos financeiros								
D. Caracterização das atividades	D1. Tipo de atividades promovidas								

APÊNDICE 16 – IDENTIFICAÇÃO DE SERVIÇOS EDUCATIVOS

IDENTIFICAÇÃO DE SERVIÇOS EDUCATIVOS

ARQUIVOS						
Instituição	Distrito	Concelho	Responsável	Contacto	Site	Informação sobre atividades
Arquivo Distrital de Beja	Beja	Beja	Anita Tinoco	284 008 400 mail.adbja@adbja.dglab.gov.pt	https://adbja.dglab.gov.pt/	
Arquivo Distrital de Évora	Évora	Évora	Jorge Janeiro	266 006 600 mail.adevr@adevr.dglab.gov.pt	https://adevr.dglab.gov.pt/	
Arquivo Distrital de Portalegre	Portalegre	Portalegre	Sandra Chaves	245 004 500 mail.adptg@adptg.dglab.gov.pt	https://adptg.dglab.gov.pt/	
Arquivo Municipal de Estremoz	Évora	Estremoz			https://www.cm-estremoz.pt/pagina/camara-municipal/camara-municipal-arquivo-municipal	O Arquivo Municipal de Estremoz tem vindo a realizar um conjunto de atividades culturais e pedagógicas com o objetivo de divulgar e valorizar o acervo documental à sua guarda.
Arquivo Municipal de Évora	Évora	Évora		266 777 000	https://www.cm-evora.pt/municepe/areas-de-acao/arquivo-municipal/servico-educativo/	O serviço educativo como mediador entre o Arquivo Municipal e os seus utilizadores tem como objetivo a apresentação dos seus fundos e coleções, divulgando-os para lá do público específico, historiadores, professores universitários e funcionários da autarquia que diariamente nos visitam. Para além da preocupação que devemos ter com a preservação dos documentos que se encontram sob nossa custódia, a sociedade da informação exige-nos a transmissão do conhecimento a todos os cidadãos de forma que a difusão do espólio em causa ajude a promover uma cultura cívica de fruição e proteção do património arquivístico.
Arquivo Municipal de Ferreira do Alentejo	Beja	Ferreira do Alentejo		284 738 700 geral@cm-ferreira-alentejo.pt	https://ferreiradoalentejo.pt/viver/cultura-e-lazer/arquivo-municipal/	O Arquivo Municipal, alberga o Fundo Documental da Câmara Municipal de Ferreira do Alentejo, da Santa Casa da Misericórdia de Ferreira do Alentejo, bem como de outras instituições públicas e privadas que foram existindo ao longo da vida do concelho. O Acervo Documental encontra-se dividido de acordo com a idade do arquivo em si. Temos, por exemplo, o Arquivo Intermédio, e o Definitivo/Histórico. O Arquivo Municipal, disponibiliza os documentos à consulta, de acordo com os temas legais em vigor, assim como, a sua reprodução em papel mediante a requisição e a aplicação das taxas Municipais. Também põe à disposição uma sala de leitura para todo e qualquer utilizador e também tem valências museológicas onde se fará a apresentação de uma exposição sobre a antiga tipografia "A Ferreirense".
Arquivo Municipal de Santiago do Cacém	Setúbal	Santiago do Cacém		269 829 400 269 829 498 geral@cm-santiagocacem.pt	https://www.cm-santiagocacem.pt/autarquia/equipamentos-municipais/arquivo-municipal/	Recursos didáticos

ASSOCIAÇÕES						
Instituição	Distrito	Concelho	Responsável	Contacto	Site	Informação sobre serviço educativo
ADPM - Associação de Defesa do Património de Mértola	Beja	Mértola		286 610 000 geral@adpm.pt	https://adpm.pt/	Várias atividades e projetos na área da educação. Parceria com a CM de Mértola e Escolas do 1.º Ciclo para dinamização de atividades educativas. Promove estágios e conferências.
Associação de Artesãos do concelho de Odemira – CACO	Beja	Odemira		925 835 915 geral@cacoartesanato.pt	https://cacoartesanato.pt/	Realização de Workshops sobre as técnicas artesanais com os alunos do pré – escolar e 1º ciclo dos agrupamentos de escolas do concelho de Odemira
Associação para o Desenvolvimento do Concelho de Moura	Beja	Moura		285 254 931 adcmoura@adcmoura.pt	https://adcmoura.pt/	A Associação para o Desenvolvimento do Concelho de Moura (ADCMoura) é uma organização não-governamental, visando fins não lucrativos, com sede em Moura, tendo como objeto da sua intervenção apoiar e promover o desenvolvimento sustentável do concelho de Moura e de outras zonas da região Alentejo, nas seguintes áreas consideradas prioritárias: Formação e Qualificação, Educação Ambiental, Empreendedorismo e Criação de Empresas,

Associação Tertúlia Troféu	Alter do Chão	Portalegre		965040600 tertuliatrofeu@gmail.com	https://cm-alter-chao.pt/blog/conhecer/associacoes/	A Tertuliatrofeu – Associação Cultural nasce em Novembro de 2014 com a finalidade de divulgar o caráter científico, pedagógico e cultural da preservação da natureza e da cultura equestre na região. Esta associação surgiu da necessidade da Escola Profissional de Desenvolvimento Rural de Alter do Chão poder desenvolver as mais variadas atividades ligadas ao cavalo e à agropecuária e, assim, contribuir para o desenvolvimento de um espírito verdadeiramente empreendedor nos seus alunos, bem como proporcionar aos formandos uma sólida formação baseada num <i>know-how</i> muito realista e baseado na experiência.
Banda Musical Alterense	Alter do Chão	Portalegre		245612070 bandamalter@sapo.pt	https://www.facebook.com/bandam.alterense	A banda Municipal concede formação musical a cerca de 70 jovens da região, exercendo uma função educativa e social, razão pela qual sempre foi considerada um dos “ex-libris” da nossa terra.
Sociedade Recreativa e Filarmónica 1.º de janeiro de Castro Verde	Beja	Castro Verde		286 328 331 sf1janeirocv@gmail.com		A Sociedade Recreativa e Filarmónica 1º de Janeiro tem para oferecer aos seus sócios e amigos uma grandiosa banda filarmónica, com aulas regulares de vários instrumentos musicais.

ASSOCIAÇÃO CULTURAL E CIENTÍFICA SEM FINS LUCRATIVOS

Instituição	Distrito	Concelho	Responsável	Contacto	Site	Informação sobre serviço educativo
Campo Arqueológico de Mértola	Beja	Mértola	Cláudio Torres	286 612 443 geral@camertola.pt	https://www.camertola.pt/	

BIBLIOTECAS

Instituição	Distrito	Concelho	Responsável	Contacto	Site	Informação sobre serviço educativo
Biblioteca Pública de Évora	Évora	Évora	Zélia Parreira	266 769 330 910 10 46 78 bpevora@bpe.bnportugal.gov.pt	https://www.bpe.pt/	
Biblioteca Municipal de Alter do Chão	Alter do Chão	Portalegre		245610000 bibliomunicipal@cm-alter-chao.pt		
Biblioteca Municipal de Arronches	Arronches	Portalegre		245 580 082		
Biblioteca Municipal de Avis – José Saramago	Avis	Portalegre		242 410 089 biblioteca@cm-avis.pt	https://biblioteca.cm-avis.pt/	Uma vez por mês durante uma hora é dinamizada a hora do conto com os jardins de infância e as escolas do 1.º ciclo. Em Avis os alunos dirigem-se ao espaço da Biblioteca, as freguesias recebem a técnica da biblioteca que leva com ela uma caixinha com livros que podem ser requisitados.
Biblioteca Municipal Campo Maior – João Dubraz	Campo Maior	Portalegre		268 680 306	https://campomaior.pt/biblioteca/	Proporcionando um fácil acesso à educação, à cultura e ao lazer, tem como principal objetivo o enriquecimento cultural da nossa comunidade. A biblioteca promove atividades de animação do livro e da leitura, ateliers, exposições das mais diversas temáticas, para abranger todos os públicos, ações de formação, encontros com escritores e ilustradores, workshops, comemoração dos dias do livro infantil, poesia, mulher, árvore, criança, mãe, pai, dia mundial do livro, teatro, música, ambiente, multiculturalidade... Colóquios, conferências, lançamentos e apresentação de livros, feiras do livro...
Biblioteca	Castelo de	Portalegre		245908224	https://www.cm-castelo-vid.pt/menu/262/rede-bibliotecas-de-castelo-de-vid	

Municipal Castelo de Vide – Laranjo Coelho	Vide			bm.lcoelho.adsl@mail.telepac.pt		
Biblioteca Municipal de Crato	Crato	Portalegre		245 990 112 biblioteca@cm-crato.pt	http://biblioteca.cm-crato.pt/pacweb/Search.aspx	Dispõe de sala de leitura com os mais variados jornais diários e livros para ler no local ou requisitar; videoteca, espaço infantil e minianfiteatro e sala de exposições
Biblioteca Municipal de Elvas – Dra. Elsa Grilo	Elvas	Portalegre		268 009 660 biblioteca@cm-elvas.pt	http://www2.cm-elvas.pt/descobrir/project-item/biblioteca-municipal-de-elvas/	A Biblioteca Municipal de Elvas é um serviço público de natureza informativa, educativa e cultural da Câmara Municipal de Elvas. A Biblioteca Municipal promove ações de animação e divulgação do livro e da leitura e atividades de natureza cultural, como por exemplo, conferências, espetáculos musicais, exposições, etc.
Biblioteca Municipal de Fronteira	Fronteira	Portalegre		245600070 biblioteca@cm-fronteira.pt	https://www.facebook.com/bibliotecamunicipaldefronteira/	Hora do conto, apresentação de livros, exposições, dinamização de ATL
Biblioteca Municipal de Gavião	Gavião	Portalegre		245600086 biblioteca@cm-gaviao.pt	https://pt-pt.facebook.com/BibliotecaMunicipalGaviao/	Oficinas, exposições, promoção do livro
Biblioteca Municipal de Monforte	Monforte	Portalegre		245 241 340 biblioteca@cm-monforte.pt	https://pt-pt.facebook.com/BibliotecaMunicipaldeMonforte/	Clube de leitura, atividades com o pré-escolar e 1.º ciclo, dinamização de ATL
Biblioteca Municipal de Nisa – Dr. Motta & Moura	Nisa	Portalegre		245 410 000 biblioteca@cm-nisa.pt	https://cm-nisa.pt/site_biblioteca/bibliotecalocaldigital.html	Exposições, conferências, palestras, hora do conto, atividades com escolas
Biblioteca Municipal de Portalegre	Portalegre	Portalegre		245 307 520 biblioteca@cm-portalegre.pt	https://www.facebook.com/bibliotecamunicipaldeportalegre/	Hora do conto, apresentação de livros, exposições
Biblioteca Municipal de Ponte de Sor	Ponte de Sor	Portalegre		242204061 cacgeral@gmail.com	https://www.cm-pontedesor.pt/visitar/arte-cultura/biblioteca-municipal/biblioteca/ https://bibliotecapontesor.wordpress.com/	A Biblioteca Municipal de Ponte de Sor é o centro local de informação que fornece as condições básicas para a aprendizagem ao longo da vida, fomentando, desta forma, a cidadania ativa, independentemente do nível cultural e do grupo social do indivíduo, numa lógica de articulação com o seu meio envolvente, exercendo ainda uma missão patrimonial relacionada com a recolha, conservação e disponibilização da cultura local em toda a sua diversidade. Projetos – A Biblioteca vai à escola, Voluntariado de leitura
Biblioteca Municipal de Sousel – Dr. Mário Garção	Sousel	Portalegre		268 550 111 biblioteca.municipal@cm-sousel.pt	https://pt-pt.facebook.com/bibliotecamunicipalsousel/ https://www.cm-sousel.pt/sou-visitante/soucultura-e-lazer/biblioteca-municipal/biblioteca-municipal-dr-antonio-garcao/	Atividades: exposições, apresentação de livros, hora do conto A Biblioteca Dr. António Garção é constituída por duas salas (Leitura Geral e Sala Infante-Juvenil), uma sala polivalente onde decorrem as aulas da Universidade Sénior, Espaço de Internet, Espaço de exposições e Auditório Municipal.
Biblioteca Municipal de Alandroal	Alandroal	Évora		biblioteca.alandroal@cm-alandroal.pt	https://biblioteca.cm-alandroal.pt/	Torneio Jogos de Tabuleiro, oficinas, workshops, Feira do Livro
Biblioteca Municipal de Arraiolos	Arraiolos	Évora		266 490 249	https://www.cm-arraiolos.pt/municepe/associativismo/site-da-biblioteca-municipal-de-arraiolos/	A nível cultural são realizados no espaço da Biblioteca eventos tão variados como Feiras do Livro, Exposições temáticas, Encontros com Autores, sessões de contos, sessões de poesia, oficinas e apresentação de livros, Realiza também o Projeto de Leitura “Histórias Contadas, Vidas Partilhadas”.
Biblioteca	Borba	Évora		268 891 630	https://www.cm-borba.pt/locais/biblioteca-municipal/	A Biblioteca dispõe de espaços acolhedores e

Municipal de Borba				info@bib-borba.rcts.pt		confortáveis, destinados à leitura e consulta para crianças, adolescentes e adultos, de forma a que estes possam desenvolver as suas atividades de forma lúdica e harmoniosa. Funcionando como um instrumento de apoio às matérias estudantis, na captação e pesquisa de informação complementar aos programas escolares, visa contribuir para a melhoria do sucesso escolar de todos aqueles que usufruem dos seus serviços.
Biblioteca Municipal de Estremoz	Estremoz	Évora		268 339 225 biblioteca@cm-estremoz.pt	https://biblioteca.cm-estremoz.pt/	
Biblioteca Municipal de Montemor-o-Novo – Almeida Faria	Montemor-o-Novo	Évora		266 898 105 biblioteca@cm-montemornovo.pt	http://arquivo2020.cm-montemornovo.pt/pt/site-viver/cultura/Paginas/Biblioteca-Municipal.aspx	Objetivo contribuir para a melhoria da qualidade de vida da população, no que diz respeito ao acesso a bens culturais, educacionais, informativos e recreativos.
Biblioteca Municipal de Mora	Mora	Évora		266439079 biblioteca@cm-mora.pt		
Biblioteca Municipal de Mourão	Mourão	Évora		266 560 010		
Biblioteca Municipal de Portel	Portel	Évora		266 612 078 biblioteca@portel.pt	https://pt-pt.facebook.com/BibliotecaMunicipalDePortel/ https://biblioteca.cm-portel.pt/	Apresentação de livros, encontros, jogos de tabuleiro
Biblioteca Municipal de Redondo	Redondo	Évora		266 909 126 bibliotecamunicipal@cm-redondo.pt		Espaço indicado para ter acesso a literatura diversa, manuscritos, registos de imprensa ou outros arquivos. Funciona também como centro lúdico e pretende ser um centro de divulgação e promoção da leitura.
Biblioteca Municipal de Reguengos de Monsaraz	Reguengos de Monsaraz	Évora		266508040	https://www.cm-reguengos-monsaraz.pt/biblioteca/Pages/Help/Start.aspx	
Biblioteca Municipal de Vendas Novas	Vendas Novas	Évora		265 805 101 biblioteca@cm-vendasnovas.pt	https://www.facebook.com/bmvendasnovas/	Apresentação de livros, sessões de leitura, torneio de jogos de tabuleiro, dinamiza atividades com escolas
Biblioteca Municipal de Viana do Alentejo	Viana do Alentejo	Évora		266 930 011 bibliotecaviana@cm-vianadoalentejo.pt	https://biblioteca.cm-vianadoalentejo.pt/	As bibliotecas do concelho de Viana do Alentejo disponibilizam um conjunto diversificado de fundos documentais, e programas de promoção de leitura destinados aos diferentes públicos que procuram este espaço.
Biblioteca Municipal de Beja - José Saramago	Beja	Beja	Paula Santos	284 311 901	https://cm-beja.pt/biblioteca.aspx	Serviços de mediação leitora Serviços de leitura e empréstimo Atividades: hora do conto, palavras andarilhas, exposições, apresentação de livros, conferências, clube de leitura
Biblioteca Municipal de Aljustrel	Aljustrel	Beja		284 603 076 biblioteca@mun-aljustrel.pt	https://www.mun-aljustrel.pt/menu/275/apresentacao	Missão: Promover o acesso à informação, à cultura e ao lazer, a todos os utilizadores, sem exceção, com o objetivo de contribuir para a formação de cidadãos informados e conscientes. Educação: fomentar a cooperação com as escolas do concelho, programar atividades que visam promover o livro e a leitura, possibilitar aos municípios os meios necessários para a autoformação e desenvolver competências na área das Novas Tecnologias de Informação.

Biblioteca Municipal de Almodôvar	Almodôvar	Beja		286660280 biblioteca@cm-almodovar.pt	https://cm-almodovar.pt/atividades/cultura/equipamentos/biblioteca/catalogos-online/	
Biblioteca Municipal de Alvito – Luís de Camões	Alvito	Beja		284 480 807 biblioteca@cm-alvito.pt	https://www.cm-alvito.pt/pt/menu/140/biblioteca-municipal.aspx	Empréstimo, exposições, atividades com as escolas
Biblioteca Municipal de Barrancos	Barrancos	Beja		285 950 650 cmb.biblioteca@cm-barrancos.pt		Serviço de animação e extensão cultural, exposições bibliográficas, hora do conto, projeção de vídeo, leitura e pesquisa.
Biblioteca Municipal de Castro Verde – Manuel da Fonseca	Castro Verde	Beja	Eduardo Biscainho	286 327 266 biblioteca.municipal@cm-castroverde.pt	https://www.cm-castroverde.pt/pt/5223/biblioteca-municipal-manuel-da-fonseca.aspx	Animação cultural (encontros com escritores, clubes de leitura, leitura em lares, exposições, entre outras atividades relacionadas com a promoção do livro);
Biblioteca Municipal de Cuba	Cuba	Beja		284 419 904 biblioteca@cm-cuba.pt	https://www.cm-cuba.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=131&Itemid=847	Incentivar hábitos de leitura desde a primeira infância e contribuir para o desenvolvimento cultural e literário de toda a população.
Biblioteca Municipal de Ferreira do Alentejo	Ferreira do Alentejo	Beja		284 739702 biblioteca@cm-ferreira-alentejo.pt	https://ferreiradoalentejo.pt/viver/cultura-e-lazer/bibliotecas/	A Biblioteca Municipal de Ferreira do Alentejo é um serviço informativo, educativo e cultural que tem como missão participar na construção de comunidades coesas e inclusivas, contribuindo, para o desenvolvimento pleno das mesmas na sociedade atual. Objetivo: Promover e apoiar a aprendizagem ao longo da vida, bem como a educação formal e não-formal;
Biblioteca Municipal de Mértola	Mértola	Beja		286 610 108 biblioteca@cm-mertola.pt	https://www.cm-mertola.pt/viver-em-mertola/cultura/biblioteca-municipal/a-biblioteca	Assumindo-se como uma força viva para a educação, cultura e informação, tal como preconiza o Manifesto da Unesco para as Bibliotecas Públicas, a BMM pretende ser “a porta de acesso local ao conhecimento” proporcionando “um acesso sem limites ao conhecimento, ao pensamento, à cultura e à informação”.
Biblioteca Municipal de Moura – Urbano Tavares Rodrigues	Moura	Beja		285 250 446 bmminterno@gmail.com	https://pt-pt.facebook.com/bibliotecamoura/	Clube de leitura, hora do conto, exposições
Biblioteca Municipal de Odemira – José Saramago	Odemira	Beja		283 320 900 283 320 930 biblioteca@cm-odemira.pt	https://www.cm-odemira.pt/pages/278	Apoio às Bibliotecas Escolares do Concelho, exposições, animação do livro e da leitura, visitas guiadas
Biblioteca Municipal de Ourique – Jorge Sampaio	Ourique	Beja		286 510 408 biblioteca@cmourique.pt	http://www.cm-ourique.pt/pt/menu/409/servicos.aspx	Este serviço tem como objetivo oferecer ao público adulto um conjunto de iniciativas de índole cultural e de manifesto interesse municipal tão diversificadas como: encontros com escritores, conferências e palestras, workshops, tertúlias em volta do livro, espetáculos, e outros
Biblioteca Municipal de Serpa – Abade Correia da Serra	Serpa	Beja		284 540 290 biblioteca@cm-serpa.pt	https://www.cm-serpa.pt/pt/menu/399/biblioteca-municipal-abade-correia-da-serra.aspx	O objetivo deste equipamento municipal é procurar garantir o acesso à informação, ao conhecimento e à cultura contribuindo para a aprendizagem ao longo da vida, tomada de decisão informada e participação na sociedade civil
Biblioteca Municipal de Vidigueira – Palma Caetano	Vidigueira	Beja		253647122 biblioteca@cm-vidigueira.pt	http://vidigueiraopac.bibliopolis.info/opac/default.aspx?ContentAreaControl=palavra.ascx	Workshops, hora do conto, exposições

Biblioteca Municipal de Alcácer do Sal	Alcácer do Sal	Setúbal		265 247 016 biblioteca@m-alcacerdosal.pt	https://sites.google.com/view/rbsal/bibliotecas/bmas	Hora do conto, clube de leitura, atividades de promoção da leitura
Biblioteca Municipal de Grândola	Grândola	Setúbal		269 450 080/1/2 biblioteca@cm-grandola.pt	https://www.cm-grandola.pt/contactos/mais-contactos/poi/biblioteca-municipal-de-grandola	Serviço Culturais e Educativos: Serviço de planeamento e organização de diferentes atividades e projetos de promoção do livro e da leitura, desenvolvidos pela Biblioteca Municipal, como Exposições, Debates, Colóquios, Encontros com Autores, Espetáculos, Cinema, Feiras do Livro, Ações de formação/Sensibilização, Projetos com escolas e Jardins de Infância do Concelho, entre muitas outras. No sentido de promover a utilização dos seus espaços e serviços a Biblioteca programa, anualmente, um conjunto de iniciativas culturais, quer para grupos escolares, quer para a comunidade em geral.
Biblioteca Municipal de Santiago do Cacém – Manuel da Fonseca	Santiago do Cacém	Setúbal		269 829 000 bmsc@cm-santiagocacem.pt	https://www.cm-santiagocacem.pt/autarquia/equipamentos-municipais/biblioteca-municipal-manuel-da-fonseca/	A biblioteca pública – porta de acesso local ao conhecimento – fornece as condições básicas para a aprendizagem ao longo da vida, para uma tomada de decisão independente e para o desenvolvimento cultural do indivíduo e dos grupos sociais. Acolhimento e cedência de exposições,
Biblioteca Municipal de Sines	Sines	Setúbal		269 860 080 biblioteca@mun-sines.pt	https://www.sines.pt/pages/733	Realizam-se regularmente sessões de contos, exposições, espetáculos, ateliês, formações, encontros e outras iniciativas, destinados à população de todas as idades e a profissionais ligados à educação e às bibliotecas

CENTROS CIÊNCIA VIVA

Instituição	Distrito	Concelho	Responsável	Contacto	Site	Informação sobre serviço educativo
Centro Ciência Viva de Estremoz	Évora	Estremoz		268 334 285	http://www.cvestremoz.uevora.pt/home/	
Centro Ciência Viva do Lousal – Mina de Ciência	Setúbal	Grândola		269 750 520		

CENTROS CULTURAIS/DE ARTES

Instituição	Distrito	Concelho	Responsável	Contacto	Site	Informação sobre serviço educativo
Casa do Castelo	Évora	Portel		266 619 030 266 619 032 266 619 035	https://www.cm-portel.pt/locais/casa-do-castelo/?mp=1274&mc=7978	Espaço cultural no coração da vila de Portel, congregador das várias valências artísticas, culturais e patrimoniais que o Castelo de Portel tem disponibilizado ao longo de todos estes anos ao Concelho de Portel. Aqui estão patentes ao público, artes plásticas, fotografia, obras de referência contextualizando diversos artistas que de algum modo se encontram ligados ao concelho de Portel, artes cinematográficas, vídeo e espólio patrimonial relacionado com o Castelo de Portel, entre as quais se encontram por exemplo as obras premiadas no Concurso Nacional Escolar no âmbito do Festival de Cinema “Castelo em Imagens”. Nas diversas salas de exposição estão representados diferentes olhares sobre um espaço que marcou a história de Portel.
Centro de Artes de Sines	Setúbal	Sines		269 860 080 cas@mun-sines.pt servicoeducativoCAS@mun-sines.pt	https://www.sines.pt/pages/730	
Centro de Artes e Cultura de Ponte de Sor	Portalegre	Ponte de Sor		242 291 581 cac.geral@cm-pontedesor.pt	https://www.facebook.com/cac.cmps/ https://www.cm-pontedesor.pt/visitar/arte-cultura/cac/	O Centro de Artes e Cultura de Ponte de Sor, inaugurado em setembro de 2009, integra diversos organismos e espaços culturais de Ponte de Sor, designadamente, a Biblioteca Municipal; o Arquivo Histórico Municipal; espaços expositivos geridos pelo Município de Ponte de Sor em parceria com a Fundação das Casas de Fronteira e Alorna e a Associação Cultural Sete Sóis

						<p>Sete Luas; dois Núcleos de Arqueologia Industrial, representativos do passado do edifício em que o Centro está instalado; o Teatro da Terra – Centro de Criação Artística de Ponte de Sor; o Centro de Formação e Cultura Contemporânea e o Fablab Alentejo.</p> <p>Trata-se de um espaço com 10 mil metros quadrados, com auditório, anfiteatro, oito ateliês, cinco salas de exposição e um espaço verde com jardins móveis de Leonel Moura. A infraestrutura abrange diversos serviços dedicados à cultura, arte contemporânea, passando por áreas como o teatro, a dança, a pintura, a escultura ou a fotografia.</p>
Centro Musibéria - Centro Internacional de Músicas e Danças do Mundo Ibérico	Beja	Serpa		284 540 600 musiberia.serpa@gmail.com	https://www.cm-serpa.pt/pt/menu/398/musiberia.aspx	<p>O Centro Musibéria tem como missão estimular a criação artística e a de novos contextos educativos, nas áreas da dança e da música, a partir da matriz cultural ibérica e da sua diáspora.</p> <p>No âmbito da sua missão e da planificação da sua atividade anual, a instituição tem como objetivos principais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Apoiar processos de criação artística e produzir espetáculos nas áreas da dança e da música; - Promover a investigação de novas experiências e conteúdos pedagógicos, nas áreas da dança e da música; - Promover o intercâmbio entre criadores, investigadores e pedagogos; - Promover uma programação artística regular e diversificada. - Editar obras audiovisuais e literárias sobre assuntos artísticos ou educativos; - Fomentar a cooperação horizontal com instituições de criação, formação e difusão artística e educativa;

CENTROS INTERPRETATIVOS

Instituição	Distrito	Concelho	Responsável	Contacto	Site	Informação sobre serviço educativo
Centro de Interpretação da Batalha de Atoleiros	Portalegre	Fronteira		245 604 023 atoleiros1384@cm-fronteira.pt	https://www.cm-fronteira.pt/lazer/equipamentos/centro-de-interpretacao-da-batalha-de-atoleiros/	<p>Além dos núcleos expositivos, o Centro de Interpretação da Batalha de Atoleiros dispõe de Serviços Educativos, nos quais os visitantes poderão aprender mais sobre a Idade Média e sobre a batalha e os seus protagonistas.</p> <p>O centro Interpretativo da Batalha do Atoleiros dispõe de condições especiais para visitas de grupos escolares.</p>
Centro de Interpretação da Natureza e do Montado – S. Pedro	Évora	Portel		266 619 030	https://www.cm-portel.pt/locais/centro-de-interpretacao-da-natureza-e-do-montado-s-pedro-2/?mp=1274&mc=7980	<p>Dispõe de um conjunto de valências e espaços com funções distintas, com condições para o acolhimento de grupos de investigadores, professores e alunos de Escolas e Universidades para a realização de ações diversas na área da conservação e valorização do património natural e paisagístico.</p>
Centro de Interpretação do Castelo de Portel	Évora	Portel		266 619 030 turismo@portel.pt	https://www.cm-portel.pt/visitante/patrimonio/centro-de-interpretacao-do-castelo-de-portel/	<p>O novo Centro de Interpretação do Castelo de Portel é um espaço onde o visitante pode descobrir, de forma sucinta e transversal a várias gerações, a história do Castelo de Portel e as enormes transformações que o mesmo sofreu desde a sua edificação. Dando relevo aos conteúdos históricos mais importantes relacionados com este Monumento Nacional, o Centro de Interpretação acolhe e esclarece os muitos visitantes que diariamente acedem a este assim como, muitos outros que, conhecendo o edifício que ali se encontra, têm agora uma nova oportunidade de o redescobrir e conhecer a sua ligação com a comunidade ao longo dos séculos.</p>
Centro Interativo da Ruralidade de Arronches	Portalegre	Arronches		245 009 163 ceira@cm-arronches.pt	https://cm-arronches.pt/menu/235/centro-interativo-da-ruralidade-de-arronches https://cm-arronches.pt/587/centro-interativo-da-ruralidade-de-arronches	Visitas de estudo
Centro Interpretativo da Casa da Medusa	Portalegre	Alter do Chão		Câmara Municipal de Alter do Chão		
Centro Interpretativo da Olaria de S. Pedro do Corval	Évora	Reguengos de Monsaraz		266 508 040 961 719 257 cultura@cm-reguengos-monsaraz.pt	https://www.cm-reguengos-monsaraz.pt/locais/casa-do-barro/?mp=1274&mc=10884	<p>A criação do Centro Interpretativo da Olaria visa promover a olaria de São Pedro do Corval, assegurando a sustentabilidade, e preservar uma importante parte da cultura e história do Concelho. Tem ainda o propósito de divulgar e promover as suas gentes e tradições, proporcionando a todos os visitantes o conhecimento e a aprendizagem sobre a olaria e o barro.</p>
Centro Interpretativo da Ordem de Avis	Portalegre	Avis		242 410 093 arquivohistorico@cm-avis.pt	https://cm-avis.pt/cultura/cioa/sobre-o-centro-interpretativo/	

Centro Interpretativo do Boneco de Estremoz	Évora	Estremoz		268 080 282	https://www.cm-estremoz.pt/pagina/turismo/centro-interpretativo-do-boneco-de-estremoz	Por fim, este espaço terá no piso térreo uma valência inteiramente dedicada à área educativa, desde sempre a grande aposta do Museu Municipal Prof. Joaquim Vermelho. Na exposição permanente teremos igualmente, de modo inovador, um espaço onde o visitante individual pode experimentar modelar uma figura ao modo de Estremoz. Desta forma, para além do conhecimento teórico, o visitante terá assim oportunidade de conhecer pela prática a especificidade da tradição que é hoje Património da Humanidade.
Centro Interpretativo do Conhal	Portalegre	Nisa		Câmara Municipal de Nisa	https://www.cm-nisa.pt/index.php/areas-atividades/cultura/190-equipamentos-culturais/centro-interpretativo-do-conhal	Visitas de estudo (crianças)
Centro Interpretativo do Escoural	Évora	Montemor-o-Novo		266 857 000 266 769 800	https://www.cm-montemornovo.pt/locais/centro-interpretativo-da-gruta-do-escoural/?mp=1274&mc=4776	
Centro Interpretativo do Mundo Rural	Évora	Arraiolos		266 490 254 cimr@cm-arraiolos.pt	https://www.cimr.pt/index.php/servico-socio-educativo/ https://www.cimr.pt/	O Centro Interpretativo do Mundo Rural é um espaço museológico permanente, de tutela municipal, sem fins lucrativos e ao serviço da sociedade, que incorpora, conserva, comunica e apresenta, com fins de estudo, educação e lazer, testemunhos materiais do homem e do seu meio. Tem como objetivo a valorização do património cultural, material e imaterial, preservando e dando a conhecer uma identidade local e regional assente na memória coletiva. Através do sector educativo, o Centro Interpretativo do Mundo Rural procura disponibilizar ao público meios e ferramentas necessárias à aprendizagem, interpretação e análise das temáticas expostas. Mediante marcação prévia, há uma vasta oferta de atividades para realizar dirigidas aos públicos infantil, adulto e sénior.
Centro Interpretativo do Tapete de Arraiolos	Évora	Arraiolos		266 490 254 c.i.tapete@cm-arraiolos.pt	https://www.tapetedearraiolos.pt/index.php/servico-socioeducativo/	O Serviço Educativo tem como objetivo promover o Centro Interpretativo do Tapete de Arraiolos como um espaço de aprendizagem e de sociabilidades, levando a cabo várias atividades no âmbito das suas coleções, temáticas expositivas e áreas de atuação e dá igualmente resposta a pedidos de apoio para a realização de trabalhos escolares e de investigação. Entre as principais iniciativas desenvolvidas encontram-se as visitas guiadas, gerais ou temáticas, aos espaços expositivos e a preparação destas com os responsáveis dos grupos, de acordo com os seus interesses disciplinares e profissionais. O Serviço Educativo do Centro Interpretativo do Tapete de Arraiolos organiza atividades lúdico-pedagógicas autónomas ou integradas nos espaços expositivos e dispõe de material didático para apoio a visitas escolares. Escolas e público adulto podem incluir nos seus planos, de uma forma educativa ou meramente lúdica, as suas visitas ao Centro Interpretativo, possibilitando-se ao público a realização de distintas atividades que têm como objetivo principal a dinamização da exposição, assim como a aquisição e domínio de um património social e cultural local. O Serviço Educativo assegura simultaneamente a promoção de eventos que marcam o calendário cultural internacional, nacional e local, procurando dessa forma contribuir para a fidelização e captação de públicos, bem como para a integração das comunidades em dinâmicas culturais de cariz educativo.
Centro Interpretativo do Vinho da Talha	Beja	Vidigueira		civt@cm-vidigueira.pt	https://www.e-cultura.pt/patrimonio_item/14160	
Centro Interpretativo dos Almendres	Évora	Évora		964 808 337 eboramegalithica@gmail.com	https://www.eboramegalithica.com/	É um espaço dinâmico, muito orientado para as atividades educativas ao ar livre que envolvam a aprendizagem através da experimentação (ver página Atividades). Para além do nosso programa de atividades permanentes - focadas na arqueologia pré-histórica - temos também workshops lecionados por convidados sobre todo o tipo de temas relacionados com o património e a natureza, desde a gastronomia, a geologia, a fauna e flora, entre muitos outros.

EMPRESAS

Instituição	Distrito	Concelho	Responsável	Contacto	Site	Informação sobre serviço educativo
-------------	----------	----------	-------------	----------	------	------------------------------------

Badoca Safari Park	Setúbal	Santiago do Cacém		269 708 850 badoca@badoca.com	https://badoca.com/	O Badoca Safari Park é um parque temático, que convida professores e alunos a viverem momentos únicos e memoráveis, num contacto próximo com os animais, contribuindo por isso, para a formação de cidadãos ambientalmente conscientes. O nosso projecto pedagógico tem por objetivo, promover e aumentar o conhecimento e a consciência ambiental de todos, em particular dos mais jovens, para a imperiosa necessidade de conservação das espécies e a preservação da biodiversidade.
Centro Hípico de São Brás	Portalegre	Elvas		Luís Pereira: 968946340 Diana Silva: 916249340 centrohipicosabras@gmail.com pereira.luis.1981@gmail.com	https://centrohipicosbrase.wixsite.com/centrohipicodesbras	A equitação tem como objetivo proporcionar ao cavaleiro o desenvolvimento das suas potencialidades, respeitando os seus limites e proporcionando ao praticante, benefícios físicos, psicológicos, educativos e sociais.
Delta – Adega Mayor	Portalegre	Campo Maior			https://www.adegamayor.pt/pt/pt	
Delta – Centro de Ciência do Café	Portalegre	Campo Maior		268 009 630 geral@centrociencia cafe.com	https://centrociencia cafe.com/	Com este projeto, a Delta Cafés propõe-se a ultrapassar a tradicional conceção de museu, transformando-o num conceito mais abrangente, que visa não só reforçar a oferta cultural mas também aumentar a oferta turístico-patrimonial da região onde se insere. O Centro de Ciência do Café – Centro de Interpretação, Divulgação Científica e Tecnológica e Promoção Turística da Delta – tem por objetivo proporcionar, a quem o visita, uma viagem interativa ao mundo do Café, viagem essa que se traduzirá num maior e mais rico conhecimento sobre este produto. O espaço, que pretende ser didático, cultural e científico, onde os visitantes podem encontrar respostas às mais diversas questões relacionadas com o café, interagindo com equipamentos e exposições, foi pensado e criado para promover e valorizar o património cultural português, em geral, e o acervo relacionado com o café em particular.
Herdade Vale da Rosa	Beja	Ferreira do Alentejo		284 739 933 geral@valedarosa.com	https://www.valedarosa.com/	
Hotelpor – Atividades Turísticas, S.A.	Évora	Portel		914 912 202 geral@museudomedronho.pt	https://www.museudomedronho.pt/	O Museu do Medronho é composto por quatro áreas distintas – exposição, loja, balcão de provas e destilação. Através da exposição o visitante pode conhecer o medronho: caracterização da planta e fruto, o seu ciclo de vida, processo de destilação do fruto e o seu produto. Na loja encontra o melhor que a natureza e o homem são capazes de fazer. O mel, o queijo, o azeite, os vinhos, os enchidos, as plantas naturais para infusão, as compotas e confeitaria artesanal, são algumas das preciosidades que esta terra tem para lhe oferecer.
Monte Selvagem	Évora	Vendas Novas		265 894377 geral@monteselvagem.pt	http://monteselvagem.pt/	Educação ambiental
Manufatura de Tapeçarias de Portalegre	Portalegre	Portalegre	Fernanda Fortunato	245 301 400 926 033 799 manufatura@mtportalegre.pt	https://www.mtportalegre.pt/pt/	Museu da Tapeçaria
Sereno & Fonseca, Indústria da Ameixa, Lda	Portalegre	Elvas		268 628 364 serenofonseca@gmail.com	https://ameixas-elvas.com/	Fábrica Museu da Ameixa de Elvas
Sovena – Lagar do Marmelo	Beja	Ferreira do Alentejo		21 412 93 00 info@sovena.pt		

ENOTURISMO

Instituição	Distrito	Concelho	Responsável	Contacto	Site	Informação sobre serviço educativo
Adega Cooperativa de Borba	Évora	Borba		268 891 660 geral@adegaborba.pt	https://adegaborba.pt/	Enoturismo

Adega do Monte Branco	Évora	Estremoz		268 098 077 info@adegamontebanco.com	https://adegamontebanco.com/enoturismo-adeaga-monte-branco/	Enoturismo
CARMIM – Cooperativa Agrícola de Reguengos de Monsaraz	Évora	Reguengos de Monsaraz		266 508 200 info@carmim.eu	https://www.carmim.eu/	Enoturismo
Casa das Talhas	Beja	Vidigueira		939 190 460 284 437 240 visitas@adegavidigueira.pt	https://asadastalhas.adegavidigueira.pt/	
Casa Relvas	Évora	Évora		266 988 034 loja@casarelvas.pt	https://www.casarelvasandfriends.pt/collections/all?gclid=EAlaIqobChMIlvaDmfDagIVmlbVCh3g3wM5EAYASAAEgLTkFD_BwE	Enoturismo
Cella Vinaria Antiqua - Vila de Frades	Beja	Vidigueira		911 524 478 enoturismo@honrado.pt	https://www.honrado.pt/artigos/adegamuseu-cella-vinaria-antiqua_2264/	Enoturismo
Ervideira	Évora	Reguengos de Monsaraz		266 950 010 ervideira@ervideira.pt	https://ervideira.pt/	Enoturismo
Herdade da Ajuda	Évora	Vendas Novas		265 805 667 geral@herdadedajuda.pt	https://herdadedajuda.pt/	Enoturismo
Herdade da Figueirinha	Beja	Beja	José Gonçalves – Diretor Enoturismo	966 902 828 geral@figueirinha.pt	https://figueirinha.pt/inicio/	Enoturismo
Herdade da Malhadinha	Beja	Beja		284 965 432	https://www.malhadinhanova.pt/pt/	Enoturismo
Herdade da Maroteira	Évora	Redondo		915 967 567 info@corktrekking.com	https://www.corktrekking.com/	Enoturismo
Herdade das Servas – Serrano & Mira, SA	Évora	Estremoz		268 322 949 info@herdadedasservas.com	https://herdadedasservas.com/	Enoturismo
Herdade do Esporão	Évora	Reguengos de Monsaraz		266 509 280 reservas@esporao.com	https://www.esporao.com/pt-pt/	Enoturismo
Herdade do Freixo	Évora	Redondo		266 094 830 freixo@herdadedofreixo.pt	https://www.herdadedofreixo.com/	Enoturismo
Herdade do Rocim	Beja	Cuba		284 415 180 herdadedorocim@herdadedorocim.com	https://rocim.pt/empresa/herdade-do-rocim/projecto/#	Enoturismo
Herdade do Sobroso	Beja	Vidigueira		284 456 117 adeaga@herdadedosobroso.pt	https://www.herdadedosobroso.pt/pt/actividades/	Enoturismo e observação de aves
Herdade Grande	Beja	Vidigueira		284 441 712	https://herdadegrande.com/	Enoturismo
João Portugal Ramos Vinhos	Évora	Estremoz		268 399 910 geral@jportugalramos.pt	https://www.jportugalramos.com/	Enoturismo
José Maria da Fonseca	Évora	Reguengos de Monsaraz		212 198 940 enoturismo@jmfonseca.pt	https://www.jmf.pt/index.php?id=8	Enoturismo e visita a casa museu
Monte da Ravasqueira	Évora	Arraiolos		266 490 219 enoturismo@ravasqueira	https://www.ravasqueira.com/	A Ravasqueira é muito mais do que vinhas. Venha visitar o nosso Museu de Atrelagens, e através dos vinhos descobrir os 3000 hectares que compõem o Monte da Ravasqueira
Quinta de Dona Maria	Évora	Estremoz		268 339 150	http://donamaria.pt/pt/	Enoturismo
Quinta do Quetzal	Beja	Vidigueira		reservas@quintadoquetzal.com	https://quintadoquetzal.com/en/art/?v=35357b9c8fe4	Enoturismo e centro de artes do Quetzal
Sharish Gin - Destilaria	Évora	Reguengos de Monsaraz		92 552 74 19 96 605 60 51 geral@sharishgin.pt		
Tiago Cabaço Winery	Évora	Estremoz		268 323 233 enoturismo@tiagocabacowinery.com	http://tiagocabacowinery.com/	Enoturismo

FUNDAÇÕES						
Instituição	Distrito	Concelho	Responsável	Contacto	Site	Informação sobre serviço educativo
Fundação Alter Real	Portalegre	Alter do Chão		245 610 060 geral@alterreal.pt		Coudelaria de Alter - Recebe grupos escolares
Fundação da Casa de Bragança	Évora	Vila Viçosa	Maria de Jesus Monge	214 416 068 214 409 492 fcbaganca@fcbaganca.pt	https://www.fcbaganca.pt/	
Fundação Eugénio de Almeida – Centro de Arte e Cultura	Évora	Évora	Andreza Sousa andreza.sousa@fea.pt João Pedro Mateus joao.mateus@fea.pt Marisa Guimarães marisa.guimaraes@fea.pt		https://www.fea.pt/educacao	Para o ano letivo de 2021/2022, o Serviço Educativo renova o convite às instituições de ensino propondo um conjunto diversificado de atividades nos diferentes espaços da Fundação. Além das visitas-jogo e das visitas com oficina propomos programas de maior continuidade, como é o caso dos projetos Do Outro lado... do Museu, Arte Contemporânea e Património: caminhos cruzados na Fundação Eugénio de Almeida ou Museu Portátil. Por outro lado, mantemos a nossa oferta regular para o público familiar, seja através dos Sábados Criativos, das Oficinas de Férias ou do programa #FundaçãoContigo, com propostas formativas e lúdicas para os jovens. Mantemos igualmente a vontade e a disponibilidade em caminhar, lado-a-lado, com os professores, educadores, criando sinergias que fomentem diferentes aprendizagens, o sentido crítico e criativo e a experimentação como motor do conhecimento. Queremos que estas propostas façam da nossa, a vossa casa!
Fundação Robinson	Portalegre	Portalegre		245 307 463 geral@fundacaorobinson.org	http://www.fundacaorobinson.org/pagina,9,44.aspx	A Fundação Robinson, na génese da sua constituição, incluiu a Educação como objetivo específico no âmbito das suas funções. Nesse sentido, a construção de um Projeto Educativo obedece aos desígnios da instituição que pretende fixar as bases de uma programação educativa capaz de abranger todas as suas áreas de intervenção e de alcançar um público diversificado. O projeto de reabilitação, da Fábrica Robinson, promove a revitalização do Património através da recuperação e adequação de espaços culturais, da sua promoção, colocando-os ao serviço da educação, da formação e do conhecimento. Nas suas linhas programáticas cruzam-se áreas temáticas diversas, como a arquitetura, a história, a arte, a arqueologia, a indústria, o design, o ambiente, a cidadania, etc. O Espaço Robinson, na cidade de Portalegre, surge como um espaço que propõe novas formas de participação cultural. É neste contexto que estamos a construir um Projeto Educativo para o Espaço Robinson. Preservando sempre o Conhecimento como fulcro da nossa ação, começámos a construção do nosso Projeto Educativo com uma parceria privilegiada – as Escolas. O objetivo deste plano de ação é o desenvolvimento de atividades que estimulem as aprendizagens, em contexto não formal, de uma forma construtiva, crítica, inclusiva e criativa. Pretendemos, paulatinamente, alargar e delinear um conjunto de práticas e atividades educativas que possam abranger outros segmentos de públicos, com o objetivo de proporcionar o acesso e fruição de bens culturais. O Espaço Robinson reinventa-se como Espaço Educativo numa dinâmica que pretende contribuir para a formação sociocultural de cada indivíduo, em contexto escolar e não escolar, a partir das Artes, da Cultura e do Património.

INSTITUIÇÕES PARTICULARES DE SOLIDARIEDADE SOCIAL E COOPERATIVAS						
Instituição	Distrito	Concelho	Responsável	Contacto	Site	Informação sobre serviço educativo
Santa Casa da Misericórdia de Mora	Évora	Mora		266439030 916642504 no_batista5 @ hotmail.com geral @ scmmora.pt	https://scm-mora.org.pt/nucleos-museologicos/	Constituído por dois núcleos museológicos: - O Núcleo Museológico Agro-Florestal de Mora apresenta uma exposição dedicada às diversas transformações sociais e económicas ocorridas neste concelho, desde inícios do século XX até à atualidade. Pretende-se uma visão integrada da História

						<p>recente da região, partindo das suas condições naturais e ambientais bem como da observação da população e das suas vivências, a par com as modificações que a inovação tecnológica trouxe nas práticas agrícolas locais. Continuidade e Modernidade explora os limites entre a tradição e a contemporaneidade, oferecendo um olhar sobre o passado e o futuro do concelho de Mora.</p> <p>- O Núcleo Museológico da Santa Casa da Misericórdia de Mora há muito que vinha a ser idealizado, até porque era uma vontade manifestada em Testamento da benemérita Sra. D. Maria Arcângela Cardoso Feio. Foi possível concretizar esta ideia em 2012, tendo sido inaugurado a 26 de Outubro de 2012.</p> <p>Faz parte deste núcleo o edifício da Rua Nova nº 51, e a Igreja da Misericórdia. Pretende-se mostrar o espólio artístico e religioso acumulado por esta Instituição ao longo de quase 500 anos de história e ainda, dispor de um espaço para exposições temáticas temporárias.</p>
Cortiçol – Cooperativa de Informação e Cultura	Beja	Castro Verde		286 327 414 museulucerna1@sapo.pt	https://www.cm-castroverde.pt/pt/226/museu-da-lucerna.aspx	Museu da Lucerna – vistas guiadas
Santa Casa da Misericórdia de Vila Alva	Beja	Cuba		284 495 177 scm.vilaalva@iol.pt	https://www.cm-cuba.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=87&Itemid=903	Museu de Arte Sacra e Arqueologia da Santa Casa da Misericórdia de Vila Alva: tem coleção de arte sacra e arqueologia, com peças do período pré-histórico, romano e medieval.

MUSEUS						
Instituição	Distrito	Concelho	Responsável	Contacto	Site	Informação sobre serviço educativo
Casa Bento Jesus Caraça	Évora	Vila Viçosa		266 889 317	https://www.cm-vilaviciosa.pt/locais/casa-bento-de-jesus-caraca/?mp=1274&mc=7117	A Casa Bento de Jesus Caraça nasceu de uma parceria entre a Câmara Municipal de Vila Viçosa, a Fundação da Casa de Bragança (proprietária da casa) e a Fundação Mário Soares (detentora de toda a obra de Bento de Jesus Caraça) e pretende ser um espaço de evocação deste ilustre calipolense, da sua vida e obra. Um homem que teve, na história do nosso país, um papel de grande relevância!
Casa Museu Manuel Ribeiro de Pavia	Évora	Mora			https://www.cm-mora.pt/locais/casa-museu-manuel-ribeiro-de-pavia-2/?mp=1274&mc=10942	<p>No centro da povoação, junto à Anta – Capela de São Dinis, encontra-se a Casa Museu Manuel Ribeiro de Pavia.</p> <p>Trata-se de um pequeno espaço dedicado à obra do artista, onde podem ser admiradas algumas peças de artesanato local, pinturas e desenhos originais, algumas reproduções e livros ilustrados por este insigne alentejano.</p> <p>Fundada a 16 de junho de 1984, contou com o apoio da Câmara Municipal de Mora, da Junta de Freguesia de Pavia e com a colaboração de amigos do pintor.</p> <p>A existência de um espaço como este pretende perpetuar o espólio artístico de Manuel Ribeiro de Pavia, através da promoção e divulgação da sua obra com exposições, publicações, conferências e outros eventos na sua terra natal, dinamizando ainda iniciativas de artes-plásticas.</p> <p>A Casa Museu é constituída por biblioteca, documentação e museu. A biblioteca reúne um conjunto de livros, revistas e outro material impresso, onde se encontra registada a colaboração ou reprodução de trabalho do pintor. A documentação é composta por reproduções fotográficas de capas e ilustrações que constituem um ficheiro próprio e a classificação de documentos, objetos e outros elementos que registam o trabalho e a personalidade de Manuel Ribeiro Pavia. Já o museu possui uma exposição permanente de originais, onde as obras expostas são fruto de doações de particulares, aquisições e empréstimos temporários.</p>
Celeiro da	Évora	Borba		turismo@cm-borba.pt	https://www.cm-borba.pt/locais/celeiro-da-cultura-2/?mp=1274&mc=9238	O edifício do antigo Celeiro data do século XVIII, foi remodelado no ano 2000, é composto por três alas, divididas por uma

Cultura						estrutura assente em arcos. Ao longo de todo o ano, acolhe diversas atividades culturais e lúdicas, como exposições, feiras do livro, colóquios e espetáculos musicais.
Centro Cristóvão Colón	Beja	Cuba		284419900 geral@cm-cuba.pt	https://www.cm-cuba.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=273&Itemid=904	Este Centro resultou de uma parceria entre o Município de Cuba e a Associação Cristóvão Colón. Fazendo jus ao Descobridor das Américas este é, também, um espaço de descoberta que convida e incentiva os seus visitantes a descobrir, por si mesmos, quem era na realidade o Descobridor. Um espaço que, através de palavras e imagens, nos transporta ao ambiente da época e nos revela a portugalidade de Colón e as suas ligações a Cuba do Alentejo.
Centro de Arqueologia de Avis	Portalegre	Avis		242 410 090 arqueologia@cm-avis.pt	https://cm-avis.pt/cultura/caa/sobre-o-centro-de-arqueologia/	
Centro de Etnologia – Museu Local	Évora	Estremoz		266 877 010 936 768 744	https://www.cm-montemorново.pt/locais/centro-de-etnologia-museu-local/?mp=1274&mc=4776	
Espaço Museológico de Vila Verde de Ficalho	Beja	Serpa		284 575 264 j.f.ficalho.pij@mail.telepac.pt	https://www.visitserpa.pt/museu-ficalho	Este núcleo arqueológico inclui materiais com cronologias desde o Paleolítico até aos inícios do século XX, provenientes de escavações e de recolhas superficiais na área da freguesia. No espaço que rodeia a igreja museu, podem observar-se ruínas de várias épocas, desde o Neolítico final até ao século XV, sendo de destacar os vestígios de uma basílica paleocristã, com o seu batistério e várias sepulturas <i>in situ</i> , localizadas no pavimento das naves e anexos.
Espaço Museológico Rural de Pias	Beja	Serpa		284 858 234 junta.freg.pias @mail.telepac.pt	https://www.visitserpa.pt/museu-pias	Um local de partilha, refletindo a história comunitária de Pias, um espaço pedagógico e de diálogo entre gerações, no qual foi dada primazia à memória.
Lagar de Varas do Fojo – Museu do Azeite	Beja	Moura		285 250 400 cmmoura@cm-moura.pt	http://www.cm-moura.pt/virtual-tour-lagar-de-varas-do-fojo/	O Lagar de Varas do Fojo é um testemunho fiel do fabrico de azeite sem recurso a máquinas, mantendo toda a tradicionalidade, sendo que a única mola propulsora era a força animal. O edifício, de 1810, conserva ainda a maquinaria original, que evoluiu do sistema de produção do azeite romano.
Lagar Museu	Évora	Borba		turismo@cm-borba.pt	https://www.cm-borba.pt/locais/lagar-museu/?mp=1274&mc=9238	O lagar museu integra a maquinaria e os utensílios de produção de azeite do princípio do século XX bem como, um conjunto de registos fotográficos desta atividade com grande tradição no concelho e na região. O Lagar Museu pode ser visitado por marcação prévia. Visita gratuita.
Lagar Museu do Palácio Visconde d' Olivã	Portalegre	Campo Maior		268 680 305 268 685 010 lagarmuseu@cm-campo-maior.pt		Ao criar este espaço, a Câmara Municipal de Campo Maior teve a preocupação de lhe imprimir uma forte componente pedagógica, de forma a poder transmitir ao público todo o processo que vai desde o cuidar do olival e a apanha da azeitona, até à sua transformação final em azeite.
Lagar Museu dos Galegos	Portalegre	Marvão		93 802 92 50 245 964 602 a.melara@mpn.pt	https://mpn.pt/	Eventos para Jovens e Crianças - Visitas de estudo com programa especial para crianças e com criação de um desafio temático. - Acolhimento de estudantes universitários para desenvolvimento de estudos sobre o fruto azeitona galega.
Museografia do Pagus – Paço dos Henriques	Évora	Viana do Alentejo			http://www.pagus.pt/	O Paço dos Henriques alberga no seu 1º andar uma exposição permanente dedicada ao fabrico dos chocalhos. Esta exposição constitui um “veículo de divulgação, conservação e valorização do Fabrico de Chocalhos e dos mestres chocalheiros”. A primeira sala é dedicada ao contexto histórico do edifício e da vila de Alcáçovas através de uma cronologia geral. A 2ª sala – Sala do Fabrico dos Chocalhos – Arte e Técnica onde através de uma vitrine nos são apresentadas as várias

						<p>fases do fabrico do Chocalho. A sala também é composta por vários utensílios relacionados com o ofício: bancos de embarrar; bancos de mestres chocalheiros, bigornas, tesouras, grossas e ferros de forja.</p> <p>Na terceira sala é nos apresentada a paisagem sonora e património genético que os chocalhos produzem: os sinos, os guizos, os animais que cartografam a paisagem sonora e os chocalhos utilizados em humanos (Os Caretos de Podence e os Bugios [Sobrado – Valongo]). A quarta sala é dedicada aos mestres chocalheiros. Foi efetuado um levantamento desde o século XVII/ XVIII sobre as famílias que se dedicavam à arte chocalheira.</p> <p>Em seguida surge-nos a sala dedicada ao património cultural imaterial onde nos é referenciada a importância da Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial (2003), e a inscrição da arte chocalheira inscrita pela Unesco na Lista do Património Cultural Imaterial que Necessita de Salvaguarda Urgente, a 1 de Dezembro de 2015.</p> <p>Está também presente nesta sala a exposição “esta coisa tão nossa de querer ser património mundial”, composta por cartoons de Luís Afonso; “o figurado de Estremoz”, também faz parte do espólio desta sala, como um outro exemplo inscrito pela Unesco como património imaterial da humanidade.</p> <p>A última sala menciona a importância da História Oral. A História Oral surge em meados do século XX, resultante do encontro Antropologia com a História, onde o visitante é convidado a depositar uma experiência de vida, para memória presente e futura.</p>
Museu A Bolota - Pavilhão Temático de Valorização e Promoção do Montado	Évora	Portel		266 611 298 266 619 035	https://www.cm-portel.pt/locais/a-bolota/?mp=1274&mc=7978	<p>O Pavilhão Temático – A BOLOTA abriu em Setembro de 2013, num espaço que no passado esteve ligado à economia do concelho – o Matadouro Municipal de Portel. Este novo equipamento turístico-cultural proporciona a descoberta e interpretação da paisagem e dos recursos locais, através dos cinco sentidos. O visitante pode aqui conhecer os valores naturais e culturais e reencontrar os saberes seculares, as memórias e as vivências de quem habita este território no coração do Alentejo – PORTEL.</p> <p>Valorizar e promover o Montado, recurso de importância económica, ambiental e cultural para o concelho, os produtos e as atividades tradicionais que lhe estão associadas, bem como potenciar saberes e práticas que marcam uma identidade coletiva fundada no presente e orientada para o futuro, são os objetivos deste espaço. A Bolota integra uma forte componente de animação e dinamismo económico através das diferentes exposições temporárias ou permanentes que acolhe, das atividades que ali se desenvolvem, nomeadamente visitas guiadas, ateliers, artesanato ao vivo, workshops temáticos e mostra e venda de produtos regionais.</p> <p>A Bolota integra 4 espaços temáticos e uma área comercial – Sala Artesanato, Sala Cortiça, Sala Património e Sala Sentidos.</p>
Museu Agrícola e Etnográfico de Vila Viçosa	Évora	Vila Viçosa			https://www.cm-vilaviciosa.pt/locais/museu-agricola-e-etnografico/?mp=1274&mc=7117	<p>O Museu Agrícola e Etnográfico de Vila Viçosa, inaugurado em 11 de Janeiro de 2015, situado na antiga Estação da CP, reúne diversos objetos agrícolas, além de dar a conhecer a realidade rural, pretende também homenagear todos aqueles que com a sua criatividade, esforço e dedicação construíram a paisagem rural e desenvolveram as potencialidades das várias regiões.</p> <p>Através deste considerável espólio de instrumentos do mundo rural, pretende-se dar a conhecer antigos ofícios e modos de vida ligados ao trabalho do campo, valorizando e colocando à disposição do público uma herança cultural e etnográfica coletiva.</p> <p>O Museu Agrícola e Etnográfico de Vila Viçosa mostra utensílios de campo ligados ao trabalho agrícola. Agora, quem passar por este espaço cultural pode reviver vivências de antigamente e apreciar, entre outros objetos, Charruas de madeira e ferro, Cangas para Equídeos e Bovinos, Grades de diversos tipos,</p>

						Atomizadores, Pulverizadores, Bombas de Trásfega, Motobombas, Ferramentas manuais, etc. Esta colaboração e envolvimento na dinâmica do Museu podem constituir-se como uma mais-valia para as pessoas que no passado trabalharam no campo, bem como para os mais novos, que olham para os mais velhos com admiração, através do conhecimento do trabalho de outras épocas. O Museu apresenta um valioso acervo do património rural (execução de trabalhos agrícolas) disperso por 7 salas e uma zona exterior, dispondo ainda de um Auditório onde se localiza uma pequena Biblioteca e 1 sala para Exposições Temporárias.
Museu Alberto Gordilho	Beja	Moura		285 250 400 cmmoura@cm-moura.pt	http://www.cm-moura.pt/virtual-tour-museu-alberto-gordillo/	Museu de Joalheria Contemporânea Alberto Gordillo alberga um considerável número de peças deste joalheiro e artista plástico nascido em Moura.
Museu Berardo – Estremoz	Évora	Estremoz		268080281 Museu.berardo@cm-estremoz.pt	https://www.museuberardoestremoz.pt/	Realização de exposições, visitas, etc.
Museu Casa do Arco	Beja	Vidigueira		info@cultura-alentejo.pt	https://www.allaboutportugal.pt/pt/vidigueira/cultura/museu-casa-do-arco	O Museu da Casa do Arco é um núcleo museológico criado no âmbito do programa de valorização das Ruínas Romanas de São Cucufate. por isso, o seu espólio apresenta uma seleção de alguns dos materiais arqueológicos recolhidos nas intervenções realizadas, desde a pré-história até ao século XVIII. A Casa das Artes tem uma área de exposições temporárias a funcionar desde 2006.
Museu da Escola Prática de Artilharia	Évora	Vendas Novas		265 809 800 ra5@mail.exercito.pt	http://arquivo2020.cm-vendasnovas.pt/pt/site-visitacar/conhecer/museus/Paginas/escola.aspx	
Museu da Escrita do Sudoeste	Beja	Almodôvar		961 874 140	https://cm-almodovar.pt/locais/museu-da-escrita-do-sudoeste/	O Museu da Escrita do Sudoeste é o ponto de partida para o entendimento da História de um vasto território que se estende por Portugal e Espanha. Conceptualmente, caracteriza-se pelo início da História e mostra a forma ancestral que os povos que habitavam este território há mais de 2500 anos usavam para comunicar. O Museu da Escrita do Sudoeste é um espaço vivo e em permanente transformação. A exposição apresenta de forma didática, funcional e estética, a evolução da grafia e do conhecimento escrito.
Museu da Farinha – São Domingos	Setúbal	Santiago do Cacém			https://www.cm-santiagocacem.pt/autarquia/equipamentos-municipais/museu-da-farinha-sao-domingos/	
Museu da Freguesia de Portel	Évora	Portel		266 612 253	https://www.roteiroalqueva.com/poi/museu-da-freguesia-portel	O Museu da Freguesia, foi aberto ao público no ano de 2010, neste espaço estão expostas as mais variadas peças oferecidas pelos artesãos e munícipes do concelho. No Museu estão expostas cerca de 300 peças feitas em madeira, tecido, cortiça entre outros materiais. Este espaço aberto ao público resulta de todas as ofertas doadas ao município, que se viu abraçado com tamanha quantidade de objetos. Para divulgar estas pequenas relíquias decide expô-las para os mais curiosos e visitantes que se dirigem a Portel. As peças que se encontram expostas representam o artesanato desta região, algumas das quais já são verdadeiras antiguidades, onde os anos passaram, mas a conservação destas mantém-se inalteradas.

Museu da Luz	Évora	Mourão		266 569 257 infomuseudaluz@edia.pt	http://www.museudaluz.org.pt/	Os jovens deste lugar crescem ouvindo os mais velhos falarem de uma paisagem e de uma aldeia que eles nunca viram: as ruas, as casas, a vizinhança e o viver do Rio Guadiana, lugar familiar de lazer e também fonte de sustento. 'Era uma água diferente', corrente e com margens escarpadas. Hoje há um enorme lago, aldeias ribeirinhas e turistas que procuram o usufruto da água e a fruição do património da região. As memórias da Luz e do Guadiana são memórias recentes, para muitos, mas para quem nasceu há 10 anos são como fantasias improváveis. O encontro entre o 'mito' e a realidade no território da Luz é o instrumento de trabalho do museu da Luz com as comunidades escolares, através de experiências no museu e na sua envolvente única.
Museu da Ruralidade	Beja	Castro Verde		museudaruralidade@cm-castroverde.pt	https://www.cm-castroverde.pt/pt/228/museu-da-ruralidade.aspx	
Museu de (A) Brincar de Arronches	Portalegre	Arronches		245580088 museu[@]cm-arronches.pt	http://museu.cm-arronches.pt/	Realização de exposições, visitas, etc.
Museu de Arqueologia e Etnografia António Tomás Pires	Portalegre	Elvas		268 639 740 geral@cm-elvas.pt	https://www.cm-elvas.pt/descobrir/cultura/museus/museu-de-arqueologia-e-etnografia-antonio-tomas-pires/servico-educativo-maee/	Serviço Educativo do MAEE tem como missão facilitar a interpretação da exposição permanente. Assim, para os meses de verão propõem-se as seguintes atividades: visitas guiadas, o saber não ocupa lugar, jogo desafio, datas comemorativas.
Museu de Arte Contemporânea de Elvas	Portalegre	Elvas	Direção: Patrícia Machado Serviço Educativo: Soraia Branco	268 626 218 direcao.mace@cm-elvas.pt servicoeducativo.mace@cm-elvas.pt	https://col-antoniocachola.com/?lang=pt	
Museu de Mértola	Beja	Mértola		286 610 100 museus@cm-mertola.pt	https://www.museudemertola.pt/servicos-educativos/	Arqueologia em Construção É um projeto de mediação cultural para o património, promovido pela Câmara Municipal de Mértola. Arqueologia para todos Desde 2017 que, nos meses de junho, julho, agosto e setembro, em parceria com o Campo Arqueológico de Mértola, se desenvolvem diversas iniciativas em torno da Arqueologia. A minha escola tem um Museu A escola sede do Agrupamento de Escolas de Mértola integra no seu recinto o núcleo museológico da Ermida e Necrópole de S. Sebastião. Maletas Pedagógicas A Mala do Mineiro e o Baú de Aladino destinam-se aos alunos do 1º e 2º ciclo do Ensino Básico e são instrumentos lúdico-pedagógico. O Museu vai à feira O contacto com a comunidade local sempre foi um dos principais objetivos do Museu de Mértola. Neste âmbito e com o objetivo de conseguir uma maior proximidade e sabendo que nem sempre as pessoas se deslocam ao Museu.
Museu de Sines	Setúbal	Sines		269 860 095 museu@mun-sines.pt	https://www.sines.pt/pages/690	O museu oferece a possibilidade de visitas guiadas não só ao seu espaço e exposições como também ao centro histórico e ao restante património de Sines. Marcação através dos contactos do museu.
Museu do Barro – Redondo	Évora	Redondo		TurismoRedondo@cm-redondo.pt	https://www.cm-redondo.pt/visitante/a_ao_perder/museu-do-barro/	Nesta lógica de formação de públicos, o Museu do Barro desmultiplica-se num ateliê de formação que atua em proximidade com a comunidade escolar assumindo o serviço educativo como uma das suas principais valências.
Museu do Bordado e do Barro	Portalegre	Nisa		Câmara Municipal de Nisa	https://museubordadoebarro.cm-nisa.pt/estrutura.html	Centro de Documentação e Serviços Educativos Este polo irá funcionar no edifício da Cadeia Velha, e será vocacionado para a investigação propriamente dita, apresentando também um pequeno auditório e um espaço onde serão desenvolvidas atividades educativas de interação entre a

						Coleção do Museu e os visitantes mais jovens.
Museu do Campo Alentejano	Portalegre	Avis		242 410 093 museu@cm-avis.pt		
Museu do Cante	Beja	Serpa		284 544 720 museudocante@cm-serpa.pt	https://www.cm-serpa.pt/pt/menu/767/museu-do-cante.aspx	<p>Dedicado ao Cante Alentejano, manifestação inscrita na Lista Representativa do Património Cultural Imaterial da Humanidade da Unesco e da qual Serpa é a comunidade representativa, o Museu do Cante é um projeto municipal que tem como missão contribuir para a salvaguarda do Cante Alentejano. É composto por diversos espaços de fruição e conhecimento:</p> <p>Centro Interpretativo do Cante Alentejano Exposição permanente dedicada ao canto coral tradicional do Alentejo, em que se pode viajar pela história desta prática poético-musical, conhecer os seus aspetos mais importantes, ouvir e cantar modas que são hoje património da humanidade.</p> <p>Galeria de Exposições Temporárias Salas para exposições dedicadas ao Cante Alentejano e a outras temáticas que com ele se cruzam.</p> <p>Centro de Documentação Manuel Dias Nunes Compreende uma pequena biblioteca e uma discoteca especializada, assim como um espaço de consulta e de apoio à investigação. É dedicado a Manuel Dias Nunes (1809), comerciante de Serpa, editor da revista “A Tradição”, em que, entre 1899 e 1904, editou o primeiro cancionário alentejano.</p>
Museu do Estanho “Apeles Coelho”	Évora	Vila Viçosa			https://www.cm-vilaviosa.pt/locais/museu-do-estanho/?mp=1274&mc=7117	<p>Apeles Caetano Coelho nasceu em Vila Viçosa a 8 de Abril de 1928.</p> <p>Nessa época, cedo iniciou a aprendizagem de um ofício. Concluída a 3ª classe (escolaridade obrigatória à época), Apeles rumou a uma oficina de serralharia de referência – “Os Manões”, onde aprendeu a arte como serralheiro e ferreiro. Com um filho, e um ordenado insuficiente, estabeleceu-se por conta própria no Monte das Cabanas, entre Vila Viçosa e Bencatel, a reparar ferramentas das pedreiras (picões, escopros, ponteiros, picaretas, enxadas).</p> <p>Teria então cerca de 32 anos.</p> <p>O Padrinho Espanca, antiquário, estimulava-o desde muito novo, arranjando-lhe alguns “biscates” de restauro de peças antigas.</p> <p>Empenhou-se então no fabrico de réplicas originais dos séc XVI e XVII.</p> <p>Iniciado o seu percurso artístico, adquiriu fama e passou a ser referenciado no fabrico de artefactos de estanho, dada a qualidade de acabamento e o desenho das suas peças, tendo obtido vários prémios nacionais e internacionais (ex. Menção Honrosa Prémio FNA 1998 “Fragata do Séc. XVIII”).</p> <p>Transmitiu os seus conhecimentos a muitos jovens que lhe manifestavam vontade de aprender a arte; alguns deles viriam mais tarde a criar as suas próprias oficinas.</p> <p>Apeles Coelho, autodidata, não conhecia impossíveis na arte de trabalhar o estanho e, sem segredos, evoluiu, aperfeiçoou a liga e foi aumentando a sua coleção, que chegou a ser considerada por especialistas na matéria como uma das maiores coleções de peças da Europa. A qualidade foi o único seu “segredo” – que sempre referiu com orgulho.</p> <p>Divulgou o nome de Vila Viçosa em Portugal, Europa e América do Sul. Além de toda a história e personagens ilustres, Vila Viçosa ficou também a ser conhecida pelos estanhos do calipolense Apeles.</p> <p>Em toda a vida de artesão, teve sempre a preciosa colaboração da sua esposa que, sentada na mesma bancada de trabalho, fazia também ela muitas peças.</p> <p>Faleceu a 27 de Novembro de 2015 após doença prolongada. Por vontade expressa de seu filho, José António Simões Coelho, foi entregue à guarda da Câmara Municipal de Vila</p>

						Viçosa, um conjunto de equipamentos, ferramentas e peças de estanho, que constituem um verdadeiro espólio que, pela sua grandeza e riqueza, justificou a criação deste espaço museológico, homologado por deliberação do Executivo Municipal, em reunião de 24 de Março de 2016. A Câmara Municipal de Vila Viçosa procedeu á inauguração do Museu do Estanho "Apeles Coelho", tornando este espaço museológico, uma realidade a partir do dia 8 de Setembro de 2016.
Museu do Mármore	Évora	Vila Viçosa			https://www.cm-vilaviciosa.pt/locais/museu-do-marmore/?mp=1274&mc=7117	O magnífico mármore Português chega a todo o Mundo, oriundo das pedreiras de Vila Viçosa, Borba e Estremoz. A sua qualidade superior permite a exploração desde o período romano. Mármore, do latim marmor, ou seja, pedra de qualidade ou pedra branca, é das mais fortes marcas portuguesas. Tendo como grande designio a promoção do Mármore Português e a perceção sobre os processos de extração e transformação desta rocha ornamental de Qualidade, o Museu do Mármore de Vila Viçosa abriu as suas portas em Outubro de 2000 na antiga estação de comboios desta Vila. Recentemente, o Museu foi instalado na Pedreira da Gradinha, junto à saída para Borba.
Museu do Relógio	Beja	Serpa		284 543 194 museudorelogio@gmail.com		
Museu dos Cristos de Sousel	Portalegre	Sousel		268550103 musedoscristos@cm-sousel.pt	https://www.cm-sousel.pt/sou-visitante/museu-dos-cristos/o-museu/	Assumindo a função educativa como uma das suas missões, o Museu dos Cristos de Sousel pretende ir ao encontro dos objetivos dos vários estabelecimentos de ensino, trabalhando em parceria com os mesmos, assim como com a comunidade científica, cultural e civil.
Museu Etnográfico de Serpa	Beja	Serpa		284 549 130 museuetnografico@cm-serpa.pt	https://www.visitserpa.pt/museu-municipal-etnografia	
Museu Etnográfico e Arqueológico de Santa Clara-a-Nova	Beja	Almodôvar			https://cm-almodovar.pt/locais/museu-arqueologico-etnografico-manuel-vicente-guerreiro/?mp=851&mc=1571	O Museu Etnográfico e Arqueológico de Santa Clara-a-Nova tem como principal objectivo divulgar a todos as tradições, profissões e atividades rurais e tradicionais da freguesia de Santa Clara-a-Nova, através de uma série de objetos e ferramentas expostas. Com efeito, numa visita ao museu podemos observar a atividade económica principal da freguesia - a agricultura, através dos objetos e processos agrícolas; as profissões tradicionais da freguesia, tais como: o abegão, a tecedeira, o sapateiro, o ferreiro, o barbeiro, o latoeiro e o alfaiate. Por outro lado, podemos também encontrar a venda/taberna, a escola, a casa do povo, a cozinha tipicamente alentejana e o forno, bem como o processo de fabrico do pão. Encontra-se também no museu de Santa Clara-a-Nova uma sala dedicada à arqueologia, com algum do espólio encontrado na Estação Arqueológica das Mesas do Castelinho.
Museu Frei Manuel do Cenáculo	Évora	Évora		266 730 480 geral@mnfmc.dgpc.pt	http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/museus-e-monumentos/rede-portuguesa/m/museu-de-evora/	
Museu Interactivo Megalitismo Mora	Évora	Mora		266 439 074 geralmegalitismo@cm-mora.pt	http://www.museumegalitismomora.pt/educacao.php#educacao	Pedra a Pedra, um conto narrado nunca antes imaginado O Museu Interativo do Megalitismo de Mora abriu as suas portas ao público no dia 15 de Setembro de 2016. Com o propósito de garantir uma evolução sustentada ao longo do tempo, elegemos como prioridade, logo desde o início, o desenvolvimento do Projeto Educativo, que, numa perspetiva de complementaridade, abordasse, nomeadamente, o programa escolar da disciplina de História e Geografia dos 5º e 7º anos na parte que respeita à Pré-História. Pretendemos, deste modo, facultar aos professores ferramentas que, de forma prática, possam complementar a matéria lecionada.

						<p>Neste sentido, recriámos algumas atividades do quotidiano pré-histórico, que poderão, por exemplo, ensinar a talhar, a produzir cerâmicas ou a caçar. Com o objetivo de abranger outros públicos-alvo, desenvolvemos ainda atividades para crianças do pré-escolar e do primeiro ciclo, bem como para os alunos do secundário.</p> <p>No que concerne os visitantes mais novos, procuramos incentivar a criatividade. Aos adolescentes, propomos-lhes algumas atividades que, direta ou indiretamente, estão ligadas às profissões relacionadas com a Arqueologia.</p> <p>De um modo geral, a todas as faixas etárias, apresentamos, através de atividades ao ar livre, de oficinas, de colóquios e palestras, a riqueza e diversidade do valioso Património Cultural existente no Concelho de Mora.</p> <p>Em estreita parceria, Museu Interativo do Megalitismo de Mora e Fluviário de Mora oferecem a possibilidade de aquisição de bilhetes conjuntos para grupos e particulares, mas também atividades relacionadas com a temática da água.</p> <p>Independentemente da idade e escolaridade, todos os visitantes encontrarão certamente atividades feitas à sua medida, respondendo assim às expectativas e interesses de cada um.</p> <p>Foi neste sentido que o Serviço Educativo do Museu Interativo do Megalitismo de Mora elaborou um programa pedagógico com um diversificado leque de atividades adaptadas aos diversos públicos-alvo.</p> <p>O nosso principal objetivo é oferecer diversas atividades geradoras de reflexão e que favoreçam a troca de experiências em torno de estratégias pedagógicas sobre o património cultural, e que respondam de forma qualificada à exigência dos diversos públicos-alvo.</p> <p>http://www.museumegalitismomora.pt/docs/ProjectoPedagogico-Museu-1920.pdf</p>
Museu Jorge Vieira – Casa das Artes	Beja	Beja		284 311 913 museujorgevieira@cm-beja.pt	https://cm-beja.pt/pt/menu/831/museus-e-monumentos.aspx	<p>O Museu Jorge Vieira é um espaço de arte contemporânea que ocupa um lugar de destaque na dinâmica cultural da cidade de Beja.</p> <p>Ao acolher parte do espólio do artista, que foi considerado como um dos escultores mais importantes do século XX, Beja presta uma justa homenagem ao homem que, desde cedo, estabeleceu uma forte relação afetiva com o Alentejo.</p> <p>Com um percurso ímpar, a arte de Jorge Vieira assume-se como impactante, icónica e de rutura, distanciando-se do tradicional ao fundir-se com influências primitivistas, abstracionistas e surrealistas.</p> <p>Na base da sua obra está presente uma dualidade de referências onde coexistem processos criativos mais arcaicos que nos transportam para a magia do ancestral e uma criação mais atual e enigmática, à qual se agrega a imaginação livre.</p> <p>Das criações do artista sobressaem inúmeros trabalhos sobre papel que se reportam a vários períodos.</p> <p>Na escultura, recorre à utilização de técnicas diferenciadas, num cuidadoso entrosamento entre o material, a mensagem que pretende transmitir e a restrição específica que cada obra exige. Na execução dos seus trabalhos o escultor recorreu a materiais como o bronze e a pedra. No entanto, empenhou-se particularmente, na utilização da terracota, destacando-a como material de eleição em que o retorno da escultura à produção artesanal explora a relação entre a mão e a matéria. Dos seus trabalhos evidencia-se o recurso a figuras e personagens cíclicas, onde predominam nus eróticos, casais de amantes, animais como o touro e o cavalo, ou figuras relacionadas com a mitologia pagã, de onde sobressaem, essencialmente, peças assentes em tripés e o absurdo de algumas associações anatómicas, onde a fantasia dá o mote à criação e cuja diversidade nos permite conhecer o imaginário do artista.</p> <p>Com a reabertura temporária do museu neste novo espaço físico, pretende-se que o local que acolhe o monumento mais</p>

						emblemático da cidade se transforme, simultaneamente, num ponto de encontro entre a fusão da arte moderna e a arquitetura medieval, onde será possível renovar conteúdos através de exposições temporárias, mas também, compreender, aprofundar e divulgar a vida e obra do escultor que tanto nos orgulha, alargando-a a públicos diversificados, através da partilha transversal a todas as gerações, formas de entender e sentir a arte.
Museu Literário Fialho de Almeida	Beja	Cuba		284419900 geral@cm-cuba.pt	https://cm-cuba.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=836:casa-fialho-de-almeida-em-cuba-e-monumento-de-interesse-publico&catid=86:fialho-de-almeida&Itemid=974	A casa, conservada e adaptada com o intuito de devolver à memória coletiva o escritor e o seu importante contributo para a literatura portuguesa, apresenta-se agora como Museu Literário “Casa Fialho de Almeida”, assente em três espaços distintos. Naquela que era a área de habitação encontra-se o espaço museológico dedicado às várias esferas da vida pessoal e profissional de Fialho de Almeida, enquanto nos casões adjacentes à casa o foco vai para a ruralidade e para a etnografia, temas recorrentes na escrita do autor. Destaque-se, por exemplo, a existência de uma pequena adega no quintal, com a designação de “País das Uvas”, numa referência à obra de 1946 de Fialho de Almeida. A par destas áreas, a “Casa Fialho de Almeida” tem ainda um espaço reservado para a residência temporária de artistas, que ali queiram permanecer e desenvolver as suas obras.
Museu Municipal de Alter do Chão	Portalegre	Alter do Chão		Município de Alter do Chão		
Museu Municipal de Arqueologia de Aljustrel	Beja	Aljustrel	Direção: Artur Martins: artur.martins@mun-aljustrel.pt Serviço Educativo: Sílvia Mestre	284 600 070 284 600 170 silvia.mestre@mun-aljustrel.pt	https://www.mun-aljustrel.pt/menu/293/servicos-educativos	Porque a preservação patrimonial e a comunicação e divulgação constituem as funções polarizadoras da vida do Museu, divulgar memórias, objetos e sítios deverá ser o ato mais frequente da equipa do Museu, nomeadamente através de um Serviço Educativo que deverá diversificar as suas ações e solidificar a sua presença junto do público. Neste sentido, o Serviço Educativo tem em atenção os seguintes objetivos gerais: divulgação das coleções do Museu e do património concelhio; fomentar o gosto pelo património e pelas artes, a sua compreensão e valorização; contribuir para o desenvolvimento social, cultural e cognitivo do visitante. Para isso promove visitas guiadas e jogos para descoberta do património concelhio; atividades específicas de exploração de exposições temporárias; ateliers lúdico-pedagógicos; exposições itinerantes; atividades comemorativas de diversos dias evocativos de valores culturais; projetos de parceria com escolas, outros serviços municipais e associações diversas; implementação de estratégias de motivação de visita para variados públicos.
Museu Municipal de Arqueologia de Serpa	Beja	Serpa		284 544663 museuarqueologia@cm-serpa.pt	https://www.cm-serpa.pt/pt/menu/401/museu-municipal-de-arqueologia.aspx	O programa do Museu Municipal de Arqueologia divide-se em dois módulos, o módulo da História da Cidade, que deverá ser implementado na Rua da Barbacã e o módulo do Território, situado na antiga Casa do Governador, na Alcáçova do Castelo. O MMA é composto por uma sala no piso térreo (Pré-História até à Idade do Ferro), uma sala no piso superior (Época Romana, Antiguidade Tardia e Período Árabe), bem como uma área expositiva no exterior, que se encontra apetrechado com um elevador, com o intuito de tornar o Museu e o Caminho de Ronda acessível a todos. Com uma imagem contemporânea, quer no espaço físico quer no modelo expositivo, a renovada coleção integra alguns dos achados arqueológicos encontrados nos últimos tempos no concelho, bem como peças cedidas provenientes de coleções particulares.
Museu Municipal de Arqueologia e	Beja	Barrancos		285 950 649 cmb.museu@cm-barrancos.pt	https://cm-barrancos.pt/menu/180/museu-municipal-de-arqueologia-e-etnografia-de-bar	O Museu Municipal de Arqueologia e Etnografia de Barrancos foi inaugurado a 24 de agosto de 2007, e desde então conduz-nos pela história do município através dos vestígios deixados pelo Homem ao longo dos tempos.

Etnografia de Barrancos						<p>A casa que alberga o MMAEB é das mais emblemáticas da vila. Trata-se de uma antiga casa senhorial datada do século XIX com um pátio central, transformado num pequeno anfiteatro que oferece condições para realização de eventos ao ar livre e dois fornos a lenha, utilizados nas atividades de recriação do fabrico do pão tradicional.</p> <p>O museu é constituído por três salas de exposição: na sala de arqueologia podemos encontrar utensílios e artefactos desde o Paleolítico ao século XVIII/XIX; a sala de representação do antigo gabinete médico Municipal (finais do século XIX/meados do séc. XX), onde se expõe o mobiliário e os instrumentos das mais variadas áreas da medicina, utilizados pelos médicos municipais que exerceram em Barrancos; e uma sala destinada às exposições temáticas e de carácter temporário, onde é exposto o valioso espólio etnográfico, fruto de doações e que é testemunho das tradições e do património sociocultural do Município de Barrancos e das suas gentes.</p>
Museu Municipal de Estremoz Prof. Joaquim Vermelho	Évora	Estremoz		268 339 219 museu.municipal@cm-estremoz.pt	https://www.cm-estremoz.pt/pagina/turismo/museu-municipal-de-estremoz-prof-joaquim-vermelho	<p>Com o objetivo de divulgar o nosso património cultural, e de tornar o museu cada vez mais um recurso pedagógico e ao mesmo tempo um espaço lúdico, o Serviço Educativo do museu tem para oferecer para além de visitas guiadas adaptadas aos vários públicos, diversas atividades e jogos que exploram as suas exposições permanentes e temporárias podendo estes ter temáticas mais ligadas à etnografia local quando exploram o acervo do museu, ou às artes visuais quando o que se pretende trabalhar são as exposições de artistas plásticos que aqui expõem.</p> <p>De destacar as atividades educativas que estão relacionadas com as tradições cerâmicas locais, nomeadamente a atividade em que os participantes conhecem não só a história dos Bonecos de barro de Estremoz, mas também têm a oportunidade de aprender e experimentar a sua técnica de modelação e pintura.</p> <p>No que toca ao tema da olaria, oferecemos uma atividade em que, para além de explorar as características e história da olaria local, dá a possibilidade aos participantes de criarem uma peça na roda e decorá-la seguindo as técnicas decorativas de Estremoz.</p> <p>Sempre que solicitado, apresenta disponibilidade para colaborar com escolas e jardins-de-infância no intuito de, em conjunto, possamos adaptar as nossas atividades ou criar novas, de modo a que estas se adequem aos programas escolares ou respondam a necessidades educativas especiais.</p> <p>O museu preocupa-se em ter um papel ativo junto da comunidade, desenvolvendo atividades em parceria com instituições locais vocacionadas ou para o acompanhamento de grupos com necessidades educativas especiais, ou para a implementação de projetos de apoio e integração social.</p> <p>Todas as atividades são gratuitas.</p> <p>https://www.cm-estremoz.pt/pagina/turismo/museu-municipal-de-estremoz-prof-joaquim-vermelho</p>
Museu Municipal de Ferreira do Alentejo	Beja	Ferreira do Alentejo		284 738 700 geral@cm-ferreira-alentejo.pt	https://ferreiradoalentejo.pt/viver/museu-municipal/	<p>Foi inaugurado a 22 de Outubro de 2004, o museu Municipal de Ferreira - Núcleo Sede, tem por missão a incorporação, o estudo, a divulgação, a comunicação e a conservação de bens culturais representativos do modo de vida, do sentir e do estar das gentes do Concelho.</p> <p>No dia 18 de Maio de 2010, o Museu foi integrado na Rede Portuguesa de Museus.</p>
Museu Municipal de Moura	Beja	Moura		285 250 400 cmmoura@cm-moura.pt	http://www.cm-moura.pt/locais-a-visitar/	<p>O espólio do Museu Municipal é eminentemente arqueológico, resultante de prospeções arqueológicas levadas a cabo em zonas como o Castelo de Moura, com o apoio da Câmara Municipal de Moura.</p> <p>Doações e vários achados ocasionais, têm enriquecido o espólio do museu, cuja coleção provém de todo o Concelho de Moura, o que reflete bem a ocupação humana no Concelho ao</p>

						longo dos tempos. São de destacar as peças da Idade do Ferro, a coleção de peças romanas, as lápides islâmicas, as cerâmicas modernas e um espólio de armaria que inclui punhais dos séculos XVI e XVII.
Museu Municipal de Vidigueira	Beja	Vidigueira	Direção: Luísa Costa	museu@cm-vidigueira.pt	http://www.cm-vidigueira.pt/	
Museu Municipal Mestre Severo Portela	Beja	Almodôvar		961 753 558	https://cm-almodovar.pt/locais/museu-severo-portela/	Situado na Praça da República, no edifício que foi outrora Paços de Concelho. Consta que, neste edifício, pernitoou D. Sebastião aquando da sua passagem por Almodôvar, a 8 e 9 de Janeiro de 1573, em viagem pelo Alentejo e Algarve. Com a mudança dos Paços do Concelho para o Convento de S. Francisco o primitivo foi transformado em cadeia. Atualmente, está instalado neste edifício o Museu Municipal dedicado a Severo Portela, artista que ao Concelho de Almodôvar doou parte do seu espólio. No rés-do-chão deste espaço está localizada uma exposição intitulada "Sapateiro - Memórias de um Ofício" que dá a conhecer o calçado e os artesãos que o produziam, nas muitas oficinas e lojas que existiam na Vila, seu modo de trabalhar e utensílios.
Museu Nacional dos Coches	Évora	Vila Viçosa	Mário Antas diretor@mncoches.dgpc.pt	210 732 313 servicoeducativo@mncoches.dgpc.pt	http://museudoscoches.gov.pt/pt/museu/	O Serviço Educativo desenvolve regularmente um conjunto de atividades que visam estimular a aprendizagem e a criatividade de alunos de diferentes níveis de Ensino. Convidamos a Comunidade Escolar a embarcar numa viagem única que a transportará no tempo!
Museu Paroquial Beato Domingos de Borba	Évora	Borba		turismo@cm-borba.pt	https://www.cm-borba.pt/locais/museu-paroquial-beato-domingos-de-borba/?mp=1274&mc=9238	Incorpora um conjunto de peças de arte sacra como esculturas de ícones católicos, pinturas, documentos de arquivo, livros antigos, oratórios e outros objetos de culto. O Museu Paroquial Beato Domingos de Borba pode ser visitado por marcação prévia.
Museu Regional do Vinho	Évora	Redondo		museudovinho@cm-redondo.pt	https://www.cm-redondo.pt/visitante/a_nao_perder/patrimonio-cultural/	O Museu Regional do Vinho é uma importante infraestrutura de divulgação cultural do Concelho de Redondo, funcionando igualmente como posto de turismo. O Museu Regional do Vinho, aberto ao público em setembro de 2001, foi concebido como ponto de partida para a descoberta do Alentejo e da sua tradição vitivinícola. Do espólio permanente do Museu, fazem parte instrumentos agrícolas, objetos, imagens e textos associados à arte do fabrico do vinho, privilegiando o material cerâmico, característico deste centro produtor de cerâmica em que está incluído. Todo este espólio se encontra disposto de forma a reproduzir a várias etapas da atividade vinhateira, desde o amanho da terra até ao copo. Para além do espólio permanente, neste Museu podem ser visitadas exposições temáticas e conferências alusivas ao tema. No local, o visitante pode consultar o quiosque multimédia que lhe permite obter informações acerca do Museu, das adegas produtoras da região e de várias atividades relacionadas com a vinicultura. Este espaço funciona em simultâneo com o posto de turismo da região e conta ainda com uma loja onde pode ser adquirida uma seleção dos melhores vinhos tintos e brancos, das melhores safras da Região Alentejo.
Museu Regional Rainha D. Leonor	Beja	Beja	Deolinda Tavares - diretora	284323351 museuregionaldebeja@cultura-alentejo.gov.pt	https://www.museuregionaldebeja.pt/?page_id=34	O Sector Educativo do Museu Regional de Beja constitui um elo importante entre o museu e o seu público, sobretudo o escolar. Criado em 1995 tem desenvolvido um conjunto de atividades pedagógicas e lúdicas no sentido de divulgar o rico património à sua guarda. O sector educativo tem como missão principal estabelecer uma ligação entre a instituição e a comunidade em que se insere e, também, entre os diversos públicos que recebe, desenvolvendo

						<p>projetos e atividades que se articulam com as diversas ofertas. Assim, aprofunda-se a relação do Museu com a comunidade despertando no público em geral e nas crianças e jovens em particular, um maior interesse pela história e património local, adquirindo, interpretando e difundindo novos conhecimentos sobre o património.</p> <p>Colocamos à disposição das escolas um conjunto de ofertas permanentes que podem ser requisitados em qualquer altura.</p>
Núcleo Museológico Alto de São Bento	Évora	Évora		266 736 163 Lourdes.julio@cm-evora.pt	https://www.cm-evora.pt/municipe/projetos-municipais/pel-projeto-educativo-local/recursos-educativos/nucleo-museologico-do-alto-de-s-bento/	Este recurso educativo integra atividades científicas, ambientais, etc. - https://www.cm-evora.pt/municipe/projetos-municipais/pel-projeto-educativo-local/projetos-educativos/nucleo-museologico-do-alto-de-s-bento/
Núcleo Museológico da Rua do Sembrano	Beja	Beja		964 934 162 museusembrano@cm-beja.pt	https://cm-beja.pt/pt/menu/831/museus-e-monumentos.aspx	Integra um conjunto de estruturas arqueológicas, visíveis através de um pavimento em vidro de grande dimensão, que, juntamente com uma exposição dos materiais arqueológicos recolhidos quando das escavações, possibilita uma viagem através dos cerca de 2.500 anos de história da cidade de Beja. Possui também uma exposição com materiais arqueológicos encontrados no âmbito da implementação do projeto de Alqueva, que integra alguns dos objetos mais significativos da arqueologia portuguesa, reconhecidos a nível nacional e internacional. Junto da entrada do edifício pode ser admirado um painel de azulejos da autoria do artista plástico Rogério Ribeiro.
Núcleo Museológico de Viana do Alentejo	Évora	Viana do Alentejo			https://www.cm-vianadoalentejo.pt/locais/nucleo-museologico/?mp=1274&mc=10165	Encontra-se instalado no piso térreo dos antigos Paços do Concelho, na Praça da República, em Viana do Alentejo, o Núcleo Museológico do concelho. Dividida por três pequenas salas, que outrora albergaram a prisão concelhia, a primeira exposição desta estrutura museológica incide no património arqueológico identificado até ao momento e recolhido em todo o concelho, proveniente de várias intervenções de requalificação patrimonial e urbanística, realizadas pela Câmara, desde 2013, bem como dos trabalhos de prospeção do território, efetuados no âmbito da Carta Arqueológica do Concelho de Viana. Nesta exposição, em que vários artefactos arqueológicos foram cedidos, a título de empréstimo, por um grupo alargado de pessoas, é possível ficar a conhecer a ocupação do território, nos últimos 5 ou 6 milénios, que hoje integra o concelho de Viana do Alentejo, nomeadamente como viviam os seus habitantes, o que faziam e como eram os seus habitats, entre outros.
Oficina das Ruas Floridas	Évora	Redondo		266 989 220 oficina.rfloridas@cm-redondo.pt	https://www.cm-redondo.pt/visitante/a_ao_perder/patrimonio-cultural/	O principal objetivo da Oficina das Ruas Floridas é promover e divulgar o evento das Ruas Floridas. Assim como a arte de trabalhar o papel. É um espaço multifuncional de exposição, investigação, educação e centro de recursos de apoio às Ruas Floridas, envolvendo a comunidade e a sua participação na gestão e animação deste espaço, favorecendo o diálogo e proporcionando conhecimento, prática e transmissão de saber.
Polo Museológico Azinhal Abelho	Évora	Borba		268 894 682 junta.orada@hotmail.com	https://www.cm-borba.pt/locais/polo-museologico-azinhal-abelho/?mp=1274&mc=9238	A partilhar o espaço com a Junta de Freguesia da Orada, o Polo Museológico Azinhal Abelho, conta um pouco da história da Orada, de Borba e do Alentejo através do legado Azinhal Abelho: livros, importante coleção de arte pastoril, faiança e pintura portuguesa do século XX e a coleção de Marionetas do Mestre Sandes.

CENTROS AMBIENTAIS

Instituição	Distrito	Concelho	Responsável	Contacto	Site	Informação sobre serviço educativo
-------------	----------	----------	-------------	----------	------	------------------------------------

Centro de Interpretação Ambiental – Parque Ecológico do Gameiro	Évora	Mora			http://arquivo.cm-mora.pt/pt/conteudos/noticias/Centro+de+Interpretacao+Ambiental.htm?redirectUrl=http://arquivo.cm-mora.pt/Portal.Municipios/SSO/Auth.aspx&originalUrl=http://arquivo.cm-mora.pt/pt/conteudos/noticias/Centro+de+Interpretacao+Ambiental.htm&logoffUrl=http://arquivo.cm-mora.pt/Portal.Municipios/SSO/AuthLogoff.aspx	Em colaboração com o departamento de Educação do Fluvial de Mora e o setor do Turismo da Câmara Municipal de Mora, no CIAmb serão desenvolvidas atividades lúdico-pedagógicas direcionadas tanto para crianças como para adultos. Passeios pedestres com educadores ambientais, construção de herbários e galerias de plantas presentes no local, pequenas palestras sobre temas ambientais e passagens de vídeos educativos, ao que se junta a disponibilização de informação sobre os roteiros megalíticos do Concelho, merecedores de atenção por parte de quem nos visita.
LPN – Centro de Educação Ambiental Vale Gonçalinho	Beja	Castro Verde		964 656 033 geral@lpn.pt	https://www.lpn.pt/pt/noticias/reabertura-do-centro-de-educacao-ambiental-do-vale-goncalinho	Educação ambiental – Formação - estágios
Herdade das Parchanas - Centro de Estudos Ambientais de Alcácer do Sal (CEAAS) - Herdade	Setúbal	Alcácer do Sal		968 145 483 964 094 546 ceaas.parchanas@gmail.com	http://www.parchanas.com/por/pedagogico.htm	Proponha aos seus alunos uma aprendizagem complementar diferente!!! O Centro de Estudos Ambientais de Alcácer do Sal - Herdade das Parchanas, adapta e personaliza os programas de atividades em função das suas necessidades e expectativas, bem como das dos seus alunos.

OUTROS						
Instituição	Distrito	Concelho	Responsável	Contacto	Site	Informação sobre serviço educativo
Fluviário de Mora	Évora	Mora		266 448 130 geral@fluviariomora.pt	https://fluviariomora.pt/	O Programa Científico e Pedagógico do Fluvial serviu de base para a elaboração do Projeto Educativo Fluvial Falas do Rio, partindo das seguintes premissas: - o Aquário pode ser um grande Mestre, na relação entre as diferentes formas de vida; - enquadramento ecológico-social das tradições locais, nomeadamente a ligação de Mora aos Rios e como Centro de Pesca Desportiva; - Desenvolver o respeito por este vasto ecossistema partilhado, desejando atitudes sustentáveis. A partir destes objetivos procurámos fazer uma abordagem pedagógica respeitando a missão de sensibilização ambiental do Fluvial de Mora, procurando ir ao encontro dos diferentes níveis de ensino. “O Mundo dos Rios em Mora” é o programa pedagógico do Fluvial de Mora para 2020-2023. Tanto na Educação Ambiental como para a Cidadania, o rio e um grande aquário dedicado aos ecossistemas de água doce em Mora podem ser um valioso recurso educativo.
Observatório Dark Sky Alqueva	Évora	Reguengos de Monsaraz		91 310 35 40 info@darkskyalqueva.com	https://darkskyalqueva.com/en/dark-sky-observatory/	O Observatório oficial Dark Sky® em Cumeada, aldeia perto de Reguengos de Monsaraz, está equipado com telescópios de última geração para observações solares e astronómicas. Estes proporcionam uma experiência visual única, desde a observação dos planetas até ao olhar para as crateras na lua, passando para o céu mais profundo com uma viagem cósmica entre as nebulosas, as galáxias e os enxames de estrelas que se elevam acima de nós numa das melhores céus do mundo. Os amplos espaços abertos em redor do Alqueva oferecem também uma ampla variedade de atividades que complementam os prazeres de observar o céu – experimentando uma incrível variedade de sensações e sabores, como relaxar ao pôr do sol enquanto saboreia um coquetel ou participar de uma degustação de vinhos às cegas à luz das estrelas. Ao ar livre, rodeado pela natureza, pode fazer caminhadas,

						desfrutar de passeios a cavalo ao luar, ou participar em workshops de astrofotografia, quer já seja um apaixonado, seja um principiante, ou alguém mais experiente.
Observatório do Lago Alqueva	Évora	Reguengos de Monsaraz		960 361 906 geral@olagoalqueva.pt	http://olagoalqueva.pt/servicos/atividades-escolas/	No Observatório do Lago Alqueva – OLA encontrará atividades direcionadas para a Astronomia. As atividades são planeadas tendo em conta os diferentes anos letivos e os planos curriculares das disciplinas de Ciências Naturais, Físico-Química, Física e Matemática.

APÊNDICE 17 – CATEGORIZAÇÃO DE SERVIÇOS EDUCATIVOS

CATEGORIZAÇÃO DE SERVIÇOS EDUCATIVOS

CIÊNCIA	
Nome da instituição	Sub-região Alentejo
Centro Interpretativo do Conhal	Alto Alentejo
Centro de Interpretação do Castelo de Portel	Alentejo Central
Centro de Ciência Viva de Estremoz	Alentejo Central
Centro de Ciência Viva do Lousal – Mina de Ciência	Alentejo Litoral
Centro Interpretativo da Batalha de Atoleiros	Alto Alentejo
Centro de Interpretação da Natureza e do Montado – S. Pedro	Alentejo Central
Centro Interpretativo da Olaria de S. Pedro do Corval	Alentejo Central
Centro Interpretativo da Casa da Medusa	Alto Alentejo
Centro Interpretativo da Ruralidade de Arronches	Alto Alentejo
Centro Interpretativo da Ordem de Avis	Alto Alentejo
Centro Interpretativo do Boneco de Estremoz	Alentejo Central
Centro de Interpretação Ambiental – Parque Ecológico do Gameiro	Alentejo Central
Centro Interpretativo do Escoural	Alentejo Central
Centro Interpretativo do Mundo Rural	Alentejo Central
Centro Interpretativo do Tapete de Arraiolos	Alentejo Central
Centro Interpretativo do Vinho da Talha	Baixo Alentejo
Centro Interpretativo dos Almendres	Alentejo Central
Fluviário de Mora	Alentejo Central
Herdade das Parchanas – Centro de Estudos Ambientais de Alcácer do Sal (CEAAS)	Alentejo Litoral
LPN – Centro de Educação Ambiental Vale Gonçalves	Baixo Alentejo
Observatório Dark Sky Alqueva	Alentejo Central
Observatório do Lago Alqueva	Alentejo Central

CULTURA	
Nome da instituição	Subregião do Alentejo
Arquivo Distrital de Beja	Baixo Alentejo
Arquivo Distrital de Évora	Alentejo Central
Arquivo Distrital de Portalegre	Alto Alentejo
Arquivo Municipal de Estremoz	Alentejo Central
Arquivo Municipal de Évora	Alentejo Central
Arquivo Municipal de Ferreira do Alentejo	Baixo Alentejo
Arquivo Municipal de Santiago do Cacém	Alentejo Litoral
Biblioteca Municipal de Beja – José Saramago	Baixo Alentejo
Biblioteca Pública de Évora	Alentejo Central
Casa Bento Jesus Caraça	Alentejo Central
Casa do Castelo – Portel	Alentejo Central
Casa Museu Manuel de Pavia	Alentejo Central
Celeiro da Cultura	Alentejo Central

Centro Cristóvão Colon	Baixo Alentejo
Centro de Arqueologia de Avis	Alto Alentejo
Centro de Artes de Sines	Alentejo Litoral
Centro de Artes e Cultura de Ponte de Sor	Alto Alentejo
Centro de Etnologia – Museu Local	Alentejo Central
Centro Musibéria – Centro Internacional de Músicas e Danças do Mundo Ibérico	Baixo Alentejo
Espaço Museológico de Vila Verde de Ficalho	Baixo Alentejo
Espaço Museológico Rural de Pias	Baixo Alentejo
Lagar de Varas de Fojo – Museu do Azeite	Baixo Alentejo
Lagar Museu	Alentejo Central
Lagar Museu do Palácio Visconde d' Olivã	Alto Alentejo
Lagar Museu dos Galegos	Alto Alentejo
Museografia dos Pagus – Paço dos Henriques	Alentejo Central
Museu a Bolota – Pavilhão Temático de Valorização do Património do Montado	Alentejo Central
Museu Agrícola e Etnográfico de Vila Viçosa	Alentejo Central
Museu Alberto Gordilho	Baixo Alentejo
Museu Berardo - Estremoz	Alentejo Central
Museu Casa do Arco	Baixo Alentejo
Museu da Escola Prática de Artilharia	Alentejo Central
Museu da Escrita do Sudoeste	Baixo Alentejo
Museu da Farinha – São Domingos	Alentejo Litoral
Museu da Freguesia de Portel	Alentejo Central
Museu da Luz	Alentejo Central
Museu da Ruralidade	Baixo Alentejo
Biblioteca Municipal de Alter do Chão	Alto Alentejo
Biblioteca Municipal de Arronches	Alto Alentejo
Biblioteca Municipal de Avis – José Saramago	Alto Alentejo
Biblioteca Municipal de Campo Maior - João Dubraz	Alto Alentejo
Biblioteca Municipal de Castelo de Vide - Laranjo Coelho	Alto Alentejo
Biblioteca Municipal de Crato - Dra. Elsa Grilo	Alto Alentejo
Biblioteca Municipal de Elvas	Alto Alentejo
Biblioteca Municipal de Fronteira	Alto Alentejo
Biblioteca Municipal de Gavião	Alto Alentejo
Biblioteca Municipal de Monforte	Alto Alentejo
Biblioteca Municipal de Nisa - Dr. Motta & Moura	Alto Alentejo
Biblioteca Municipal de Portalegre	Alto Alentejo
Biblioteca Municipal de Ponte de Sor	Alto Alentejo
Biblioteca Municipal de Sousel	Alto Alentejo
Biblioteca Municipal de Alandroal	Alentejo Central
Biblioteca Municipal de Arraiolos	Alentejo Central
Biblioteca Municipal de Borba	Alentejo Central
Biblioteca Municipal de Estremoz	Alentejo Central
Biblioteca Municipal de Montemor-o-Novo	Alentejo Central
Biblioteca Municipal de Mora	Alentejo Central
Biblioteca Municipal de Mourão	Alentejo Central

Biblioteca Municipal de Portel	Alentejo Central
Museu de (A) Brincar de Arronches	Alto Alentejo
Museu de Arqueologia e Etnografia António Tomás Pires	Alto Alentejo
Museu de Arte Contemporânea de Elvas	Alto Alentejo
Museu de Mértola	Baixo Alentejo
Museu de Sines	Alentejo Litoral
Museu do Barro - Redondo	Alentejo Central
Museu do Bordado e do Barro	Alto Alentejo
Museu do Campo Alentejano	Alto Alentejo
Museu do Cante	Baixo Alentejo
Museu Etnográfico de Serpa	Baixo Alentejo
Museu do Estanho "Apeles Coelho"	Alentejo Central
Museu Etnográfico e Arqueológico de Santa Clara-a-Nova	Baixo Alentejo
Museu Frei Manuel do Cenáculo	Alentejo Central
Museu Interativo Megalitismo Mora	Alentejo Central
Museu Jorge Vieira – Casa das Artes	Baixo Alentejo
Museu do Mármore	Alentejo Central
Museu do Relógio	Baixo Alentejo
Museu Literário Fialho de Almeida	Baixo Alentejo
Museu dos Cristos de Sousel	Alto Alentejo
Museu Municipal de Alter do Chão	Alto Alentejo
Museu Municipal de Arqueologia de Aljustrel	Baixo Alentejo
Museu Municipal de Arqueologia de Serpa	Baixo Alentejo
Museu Municipal de Arqueologia e Etnografia de Barrancos	Baixo Alentejo
Museu Municipal de Estremoz Prof. Joaquim Vermelho	Alentejo Central
Museu Municipal de Ferreira do Alentejo	Baixo Alentejo
Museu Municipal de Moura	Baixo Alentejo
Museu Municipal de Vidigueira	Baixo Alentejo
Museu Municipal Mestre Severo Portela	Baixo Alentejo
Museu Nacional dos Coches	Alentejo Central
Museu Paroquial Beato Domingos de Borba	Alentejo Central
Museu Regional do Vinho	Alentejo Central
Museu Regional Rainha D. Leonor	Baixo Alentejo
Núcleo Museológico Alto de São Bento	Alentejo Central
Núcleo Museológico da Rua do Sembrano	Baixo Alentejo
Núcleo Museológico de Viana do Alentejo	Alentejo Central
Oficina das Ruas Floridas	Alentejo Central
Polo Museológico Azinhal Abelho	Alentejo Central
Biblioteca Municipal de Redondo	Alentejo Central
Biblioteca Municipal de Reguengos de Monsaraz	Alentejo Central
Biblioteca Municipal de Vendas Novas	Alentejo Central
Biblioteca Municipal de Viana do Alentejo	Alentejo Central
Biblioteca Municipal de Aljustrel	Baixo Alentejo
Biblioteca Municipal de Almodôvar	Baixo Alentejo
Biblioteca Municipal de Alvito - Luís de Camões	Baixo Alentejo
Biblioteca Municipal de Barrancos	Baixo Alentejo

Biblioteca Municipal de Castro Verde - Manuel da Fonseca	Baixo Alentejo
Biblioteca Municipal de Cuba	Baixo Alentejo
Biblioteca Municipal de Ferreira do Alentejo	Baixo Alentejo
Biblioteca Municipal de Mértola	Baixo Alentejo
Biblioteca Municipal de Moura - Urbano Tavares	Baixo Alentejo
Biblioteca Municipal de Odemira	Alentejo Litoral
Biblioteca Municipal de Ourique	Baixo Alentejo
Biblioteca Municipal de Serpa - Abade Correia da Serra	Baixo Alentejo
Biblioteca Municipal de Vidigueira - Palma Caetano	Baixo Alentejo
Biblioteca Municipal de Alcácer do Sal	Alentejo Litoral
Biblioteca Municipal de Grândola	Alentejo Litoral
Biblioteca Municipal de Santiago do Cacém	Alentejo Litoral
Biblioteca Municipal de Sines	Alentejo Litoral

ECONOMIA	
Nome da instituição	Sub-região Alentejo
Adega do Monte Branco	Alentejo Central
Badoca Safari Park	Alentejo Litoral
Cella Vianaria Antiqua – Vila de Frades	Baixo Alentejo
Centro Hípico de São Brás	Alto Alentejo
Casa Relvas	Alentejo Central
Delta – Adega Mayor	Alto Alentejo
Delta – Centro de Ciência do Café	Alto Alentejo
Ervideira	Alentejo Central
Sereno & Fonseca – Indústria da Ameixa, Lda	Alto Alentejo
Herdade da Ajuda	Alentejo Central
Herdade da Figueirinha	Baixo Alentejo
Herdade da Malhadinha	Baixo Alentejo
Herdade da Maroteira	Alentejo Central
Herdade das Servas – Serrano & Mira, SA	Alentejo Central
Herdade do Esporão	Alentejo Central
Herdade do Freixo	Alentejo Central
Herdade do Rocim	Baixo Alentejo
Herdade do Sobroso	Baixo Alentejo
Herdade Grande	Baixo Alentejo
João Portugal Ramos Vinhos	Alentejo Central
José Maria da Fonseca	Alentejo Central
Monte da Ravasqueira	Alentejo Central
Monte Selvagem	Alentejo Central
Manufactura de Tapeçarias de Portalegre	Alto Alentejo
Hotelpor – Atividades Turísticas, S.A.	Alentejo Central
Quinta de Dona Maria	Alentejo Central
Quinta do Quetzal	Baixo Alentejo
Sharish Gin - Destilaria	Alentejo Central
Sovena – Lagar do Marmelo	Baixo Alentejo

Tiago Cabaço Winery	Alentejo Central
Herdade Vale da Rosa	Baixo Alentejo

SOCIEDADE CIVIL	
Nome da instituição	Sub-região Alentejo
ADCM – Associação para o Desenvolvimento do Concelho de Moura	Baixo Alentejo
Adega Cooperativa de Borba	Alentejo Central
ADPM – Associação de Defesa do Património de Mértola	Baixo Alentejo
CACO - Associação de Artesãos do Concelho de Odemira	Alentejo Litoral
Campo Arqueológico de Mértola	Baixo Alentejo
Casa Alentejana – Casa da Cultura da Orada (associação cultural)	Alentejo Central
Casa das Talhas – Adega Cooperativa de Vidigueira, Cuba & Alvito	Baixo Alentejo
Escola de Música – Banda Filarmónica do Centro Cultural do Alandroal	Alentejo Central
ESDIME – Agência para o Desenvolvimento Local no Alentejo Sudoeste	Baixo Alentejo
Fundação da Casa de Bragança	Alentejo Central
Associação Tertúlia Troféu	Alto Alentejo
Fundação Alter Real	Alto Alentejo
CARMIM - Cooperativa Agrícola de Reguengos de Monsaraz	Alentejo Central
Fundação Eugénio de Almeida – Centro de Arte e Cultura	Alentejo Central
Fundação Robinson	Alto Alentejo
Santa Casa da Misericórdia de Vila Alva	Baixo Alentejo
Cortiçol – Cooperativa de Informação e Cultura	Baixo Alentejo
Santa Casa da Misericórdia de Mora	Alentejo Central
Rota do Guadiana – Associação de desenvolvimento integrado	Baixo Alentejo
SUÃO – Associação para o desenvolvimento comunitário de S. Miguel de Machede	Alentejo Central
Terras Dentro – Associação para o desenvolvimento integrado	Alentejo Central
Banda Musical Alterense	Alto Alentejo
Sociedade Recreativa e Filarmónica 1.º de Janeiro Castro Verde	Baixo Alentejo

APÊNDICE 18 – HIERARQUIZAÇÃO DE SERVIÇOS EDUCATIVOS

HIERARQUIZAÇÃO DE SERVIÇOS EDUCATIVOS

Perfil	Categorização	Nome da Instituição	Sub-região Alentejo
A	Cultura	Centro de Artes de Sines	Alentejo Litoral
A	Cultura	Museu de Arte Contemporânea de Elvas	Alto Alentejo
A	Ciência	Centro de Ciência Viva de Estremoz	Alentejo Central
A	Ciência	Centro de Ciência Viva do Lousal – Mina de Ciência	Alentejo Litoral
A	Ciência	Fluviário de Mora	Alentejo Central
A	Ciência	LPN – Centro de Educação Ambiental Vale Gonçalves	Baixo Alentejo
A	Ciência	Observatório Dark Sky Alqueva	Alentejo Central
A	Ciência	Observatório do Lago Alqueva	Alentejo Central
A	Economia	Delta – Adega Mayor	Alto Alentejo
A	Economia	Delta – Centro de Ciência do Café	Alto Alentejo
A	Sociedade Civil	Fundação Eugénio de Almeida – Centro de Arte e Cultura	Alentejo Central
A	Sociedade Civil	SUÃO – Associação para o desenvolvimento comunitário de S. Miguel de Machede	Alentejo Central
A	Economia	Herdade Vale da Rosa	Baixo Alentejo

Perfil	Categorização	Nome da Instituição	Sub-região Alentejo
B	Cultura	Biblioteca Pública de Évora	Alentejo Central
B	Cultura	Museu Frei Manuel do Cenáculo	Alentejo Central
B	Cultura	Museu Interativo Megalitismo Mora	Alentejo Central
B	Cultura	Núcleo Museológico Alto de São Bento	Alentejo Central
B	Ciência	Centro Interpretativo da Batalha de Atoleiros	Alto Alentejo
B	Ciência	Centro Interpretativo do Tapete de Arraiolos	Alentejo Central
B	Economia	Sovena - Lagar do Marmelo	Baixo Alentejo
B	Sociedade Civil	ADPM – Associação de Defesa do Património de Mértola	Baixo Alentejo
B	Sociedade Civil	Terras Dentro – Associação para o desenvolvimento integrado	Alentejo Central

Perfil	Categorização	Nome da Instituição	Sub-região Alentejo
C	Cultura	Arquivo Distrital de Beja	Baixo Alentejo
C	Cultura	Arquivo Municipal de Estremoz	Alentejo Central
C	Cultura	Arquivo Municipal de Ferreira do Alentejo	Baixo Alentejo
C	Cultura	Biblioteca Municipal de Beja – José Saramago	Baixo Alentejo
C	Cultura	Centro de Arqueologia de Avis	Alto Alentejo
C	Cultura	Centro Musibéria – Centro Internacional de Músicas e Danças do Mundo Ibérico	Baixo Alentejo
C	Cultura	Biblioteca Municipal de Alter do Chão	Alto Alentejo
C	Cultura	Biblioteca Municipal de Arronches	Baixo Alentejo
C	Cultura	Biblioteca Municipal de Avis – José Saramago	Alto Alentejo

C	Cultura	Biblioteca Municipal de Campo Maior	Alentejo Central
C	Cultura	Biblioteca Municipal de Castelo de Vide	Alentejo Central
C	Cultura	Biblioteca Municipal de Crato	Alto Alentejo
C	Cultura	Biblioteca Municipal de Elvas	Alto Alentejo
C	Cultura	Biblioteca Municipal de Fronteira	Alto Alentejo
C	Cultura	Biblioteca Municipal de Gavião	Alto Alentejo
C	Cultura	Biblioteca Municipal de Monforte	Alto Alentejo
C	Cultura	Biblioteca Municipal de Nisa	Alto Alentejo
C	Cultura	Biblioteca Municipal de Portalegre	Alto Alentejo
C	Cultura	Biblioteca Municipal de Ponte de Sor	Alto Alentejo
C	Cultura	Biblioteca Municipal de Sousel	Alto Alentejo
C	Cultura	Biblioteca Municipal de Alandroal	Alto Alentejo
C	Cultura	Biblioteca Municipal de Arraiolos	Alto Alentejo
C	Cultura	Biblioteca Municipal de Borba	Alto Alentejo
C	Cultura	Biblioteca Municipal de Estremoz	Alto Alentejo
C	Cultura	Biblioteca Municipal de Montemor-o-Novo	Alto Alentejo
C	Cultura	Biblioteca Municipal de Mora	Alentejo Central
C	Cultura	Biblioteca Municipal de Mourão	Alentejo Central
C	Cultura	Biblioteca Municipal de Portel	Alentejo Central
C	Cultura	Museu de (A) Brincar de Arronches	Alentejo Central
C	Cultura	Museu de Mértola	Alentejo Central
C	Cultura	Museu do Bordado e do Barro	Alentejo Central
C	Cultura	Museu Municipal de Estremoz Prof. Joaquim Vermelho	Alentejo Central
C	Cultura	Museu Nacional dos Coches	Alentejo Central
C	Cultura	Biblioteca Municipal de Redondo	Alentejo Central
C	Cultura	Biblioteca Municipal de Reguengos de Monsaraz	Alentejo Central
C	Cultura	Biblioteca Municipal de Vendas Novas	Alentejo Central
C	Cultura	Biblioteca Municipal de Viana do Alentejo	Alentejo Central
C	Cultura	Biblioteca Municipal de Aljustrel	Baixo Alentejo
C	Cultura	Biblioteca Municipal de Almodôvar	Baixo Alentejo
C	Cultura	Biblioteca Municipal de Alvito	Baixo Alentejo
C	Cultura	Biblioteca Municipal de Barrancos	Baixo Alentejo
C	Cultura	Biblioteca Municipal de Castro Verde	Baixo Alentejo
C	Cultura	Biblioteca Municipal de Cuba	Baixo Alentejo
C	Cultura	Biblioteca Municipal de Ferreira do Alentejo	Baixo Alentejo
C	Cultura	Biblioteca Municipal de Mértola	Baixo Alentejo
C	Cultura	Biblioteca Municipal de Moura	Baixo Alentejo
C	Cultura	Biblioteca Municipal de Odemira	Alentejo Litoral
C	Cultura	Biblioteca Municipal de Ourique	Baixo Alentejo
C	Cultura	Biblioteca Municipal de Serpa	Baixo Alentejo
C	Cultura	Biblioteca Municipal de Vidigueira	Baixo Alentejo
C	Cultura	Biblioteca Municipal de Alcácer do Sal	Alentejo Litoral
C	Cultura	Biblioteca Municipal de Grândola	Alentejo Litoral
C	Cultura	Biblioteca Municipal de Santiago do Cacém	Alentejo Litoral
C	Cultura	Biblioteca Municipal de Sines	Alentejo Litoral

C	Ciência	Centro Interpretativo da Olaria de S. Pedro do Corval	Alentejo Central
C	Ciência	Centro Interpretativo do Boneco de Estremoz	Alentejo Central
C	Ciência	Centro Interpretativo do Vinho da Talha	Baixo Alentejo
C	Ciência	Herdade das Parchanas – Centro de Estudos Ambientais de Alcácer do Sal (CEAAS)	Alentejo Litoral
C	Economia	Badoca Safari Park	Alentejo Litoral
C	Economia	Monte Selvagem	Alto Alentejo
C	Economia	Manufatura de Tapeçarias de Portalegre	Alentejo Central
C	Sociedade Civil	ADCM – Associação para o Desenvolvimento do Concelho de Moura	Alto Alentejo
C	Sociedade Civil	CACO - Associação de Artesãos do Concelho de Odemira	Baixo Alentejo
C	Sociedade Civil	Campo Arqueológico de Mértola	Alentejo Litoral
C	Sociedade Civil	Casa das Talhas – Adega Cooperativa de Vidigueira, Cuba & Alvito	Baixo Alentejo
C	Sociedade Civil	Escola de Música – Banda Filarmónica do Centro Cultural do Alandroal	Baixo Alentejo
C	Sociedade Civil	ESDIME – Agência para o Desenvolvimento Local no Alentejo Sudoeste	Alentejo Central
C	Sociedade Civil	Associação Tertúlia Troféu	Baixo Alentejo
C	Sociedade Civil	Fundação Alter Real	Alto Alentejo
C	Sociedade Civil	Fundação Robinson	Baixo Alentejo
C	Sociedade Civil	Rota do Guadiana – Associação de desenvolvimento integrado	Alto Alentejo
C	Sociedade Civil	Banda Musical Alterense	Alto Alentejo
C	Sociedade Civil	Sociedade Recreativa e Filarmónica 1.º de Janeiro Castro Verde	Baixo Alentejo
C	Economia	Centro Hípico de São Brás	Alto Alentejo

Perfil	Categorização	Nome da Instituição	Sub-região Alentejo
D	Cultura	Arquivo Distrital de Évora	Alentejo Central
D	Cultura	Arquivo Distrital de Portalegre	Alto Alentejo
D	Cultura	Arquivo Municipal de Évora	Alentejo Central
D	Cultura	Arquivo Municipal de Santiago do Cacém	Alentejo Litoral
D	Cultura	Casa Bento Jesus Caraça	Alentejo Central
D	Cultura	Casa do Castelo – Portel	Alentejo Central
D	Cultura	Casa Museu Manuel de Pavia	Alentejo Central
D	Cultura	Celeiro da Cultura	Alentejo Central
D	Cultura	Centro Cristóvão Colon	Baixo Alentejo
D	Cultura	Centro de Artes e Cultura de Ponte de Sor	Alto Alentejo
D	Cultura	Centro de Etnologia – Museu Local	Alentejo Central
D	Cultura	Espaço Museológico de Vila Verde de Ficalho	Baixo Alentejo
D	Cultura	Espaço Museológico Rural de Pias	Baixo Alentejo
D	Cultura	Lagar de Varas de Fojo – Museu do Azeite	Baixo Alentejo
D	Cultura	Lagar Museu	Alentejo Central
D	Cultura	Lagar Museu do Palácio Visconde d' Olivã	Alto Alentejo

D	Cultura	Lagar Museu dos Galegos	Alto Alentejo
D	Cultura	Museografia dos Pagus – Paço dos Henriques	Alentejo Central
D	Cultura	Museu a Bolota – Pavilhão Temático de Valorização do Património do Montado	Alentejo Central
D	Cultura	Museu Agrícola e Etnográfico de Vila Viçosa	Alentejo Central
D	Cultura	Museu Alberto Gordilho	Baixo Alentejo
D	Cultura	Museu Berardo - Estremoz	Alentejo Central
D	Cultura	Museu Casa do Arco	Baixo Alentejo
D	Cultura	Museu da Escola Prática de Artilharia	Alentejo Central
D	Cultura	Museu da Escrita do Sudoeste	Baixo Alentejo
D	Cultura	Museu da Farinha – São Domingos	Alentejo Litoral
D	Cultura	Museu da Freguesia de Portel	Alentejo Central
D	Cultura	Museu da Luz	Alentejo Central
D	Cultura	Museu da Ruralidade	Baixo Alentejo
D	Cultura	Museu de Arqueologia e Etnografia António Tomás Pires	Alto Alentejo
D	Cultura	Museu de Sines	Alentejo Litoral
D	Cultura	Museu do Barro - Redondo	Alentejo Central
D	Cultura	Museu do Campo Alentejano	Alto Alentejo
D	Cultura	Museu do Cante	Baixo Alentejo
D	Cultura	Museu Etnográfico de Serpa	Baixo Alentejo
D	Cultura	Museu do Estanho “Apeles Coelho”	Alentejo Central
D	Cultura	Museu Etnográfico e Arqueológico de Santa Clara-a-Nova	Baixo Alentejo
D	Cultura	Museu Jorge Vieira – Casa das Artes	Baixo Alentejo
D	Cultura	Museu do Mármore	Alentejo Central
D	Cultura	Museu do Relógio	Baixo Alentejo
D	Cultura	Museu Literário Fialho de Almeida	Baixo Alentejo
D	Cultura	Museu dos Cristos de Sousel	Alto Alentejo
D	Cultura	Museu Municipal de Alter do Chão	Alto Alentejo
D	Cultura	Museu Municipal de Arqueologia de Aljustrel	Baixo Alentejo
D	Cultura	Museu Municipal de Arqueologia de Serpa	Baixo Alentejo
D	Cultura	Museu Municipal de Arqueologia e Etnografia de Barrancos	Baixo Alentejo
D	Cultura	Museu Municipal de Ferreira do Alentejo	Baixo Alentejo
D	Cultura	Museu Municipal de Moura	Baixo Alentejo
D	Cultura	Museu Municipal de Vidigueira	Baixo Alentejo
D	Cultura	Museu Municipal Mestre Severo Portela	Baixo Alentejo
D	Cultura	Museu Paroquial Beato Domingos de Borba	Alentejo Central
D	Cultura	Museu Regional do Vinho	Alentejo Central
D	Cultura	Museu Regional Rainha D. Leonor	Baixo Alentejo
D	Cultura	Núcleo Museológico da Rua do Sembrano	Baixo Alentejo
D	Cultura	Núcleo Museológico de Viana do Alentejo	Alentejo Central
D	Cultura	Oficina das Ruas Floridas	Alentejo Central
D	Cultura	Polo Museológico Azinhal Abelho	Alentejo Central
D	Ciência	Centro Interpretativo do Conhal	Alto Alentejo
D	Ciência	Centro de Interpretação do Castelo de Portel	Alentejo Central

D	Ciência	Centro de Interpretação da Natureza e do Montado – S. Pedro	Alentejo Central
D	Ciência	Centro Interpretativo da Casa da Medusa	Alto Alentejo
D	Ciência	Centro Interpretativo da Ruralidade de Arronches	Alto Alentejo
D	Ciência	Centro Interpretativo da Ordem de Avis	Alto Alentejo
D	Ciência	Centro de Interpretação Ambiental – Parque Ecológico do Gameiro	Alentejo Central
D	Ciência	Centro Interpretativo do Escoural	Alentejo Central
D	Ciência	Centro Interpretativo do Mundo Rural	Alentejo Central
D	Ciência	Centro Interpretativo dos Almendres	Alentejo Central
D	Economia	Adega do Monte Branco	Alentejo Central
D	Economia	Cella Vianaria Antiqua – Vila de Frades	Baixo Alentejo
D	Economia	Casa Relvas	Alentejo Central
D	Economia	Ervideira	Alentejo Central
D	Economia	Sereno & Fonseca – Indústria da Ameixa, Lda	Alto Alentejo
D	Economia	Herdade da Ajuda	Alentejo Central
D	Economia	Herdade da Figueirinha	Baixo Alentejo
D	Economia	Herdade da Malhadinha	Baixo Alentejo
D	Economia	Herdade da Maroteira	Alentejo Central
D	Economia	Herdade das Servas – Serrano & Mira, SA	Alentejo Central
D	Economia	Herdade do Esporão	Alentejo Central
D	Economia	Herdade do Freixo	Alentejo Central
D	Economia	Herdade do Rocim	Baixo Alentejo
D	Economia	Herdade do Sobroso	Baixo Alentejo
D	Economia	Herdade Grande	Baixo Alentejo
D	Economia	João Portugal Ramos Vinhos	Alentejo Central
D	Economia	José Maria da Fonseca	Alentejo Central
D	Economia	Monte da Ravasqueira	Alentejo Central
D	Economia	Hotelpor – Atividades Turísticas, S.A.	Alentejo Central
D	Economia	Quinta de Dona Maria	Alentejo Central
D	Economia	Quinta do Quetzal	Baixo Alentejo
D	Economia	Sharish Gin - Destilaria	Alentejo Central
D	Economia	Tiago Cabaço Winery	Alentejo Central
D	Sociedade Civil	Adega Cooperativa de Borba	Alentejo Central
D	Sociedade Civil	Casa Alentejana – Casa da Cultura da Orada (associação cultural)	Alentejo Central
D	Sociedade Civil	Fundação da Casa de Bragança	Alentejo Central
D	Sociedade Civil	CARMIM - Cooperativa Agrícola de Reguengos de Monsaraz	Baixo Alentejo
D	Sociedade Civil	Santa Casa da Misericórdia de Vila Alva	Baixo Alentejo
D	Sociedade Civil	Cortiçol – Cooperativa de Informação e Cultura	Alentejo Central
D	Sociedade Civil	Santa Casa da Misericórdia de Mora	Alentejo Central